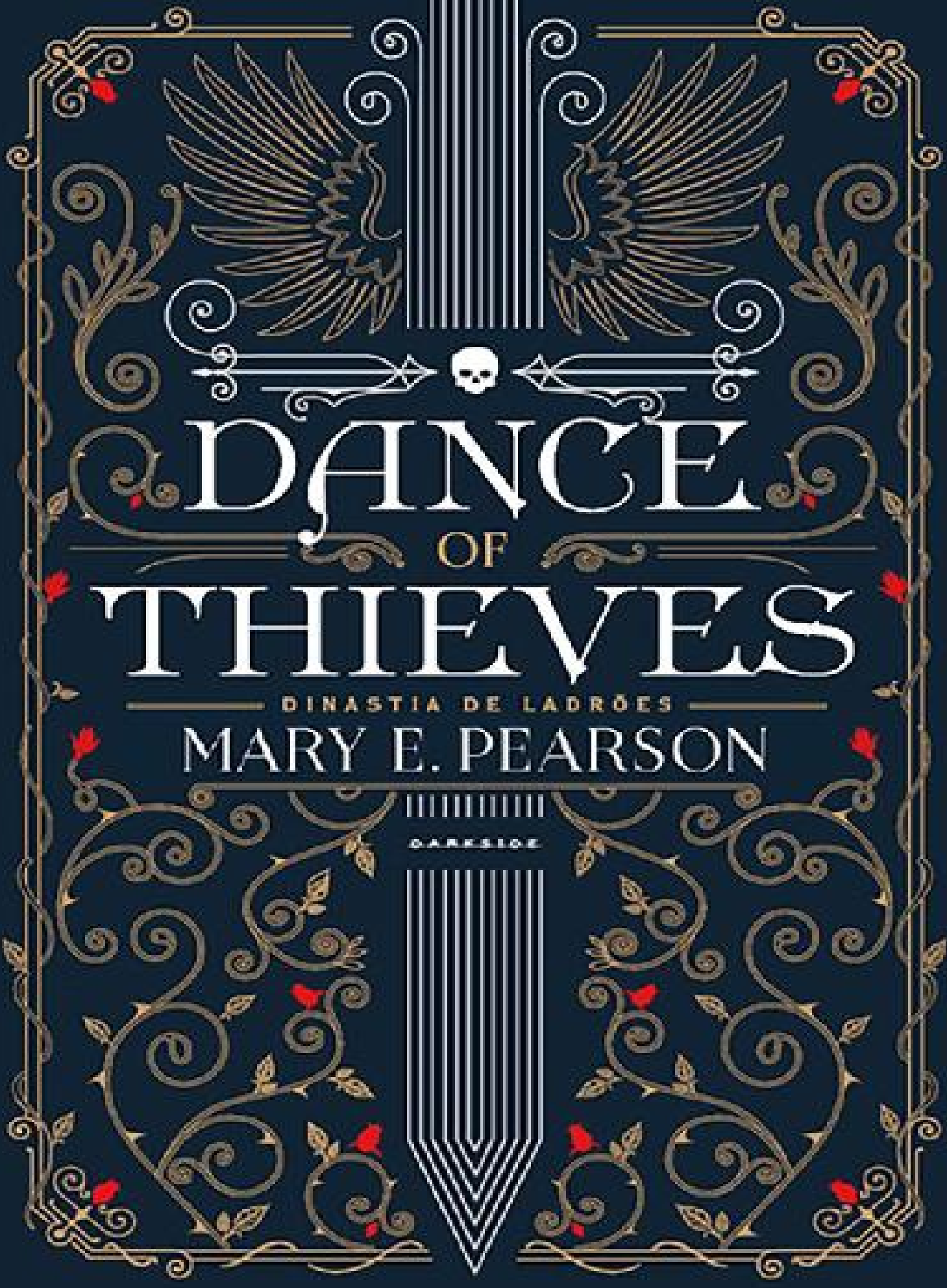
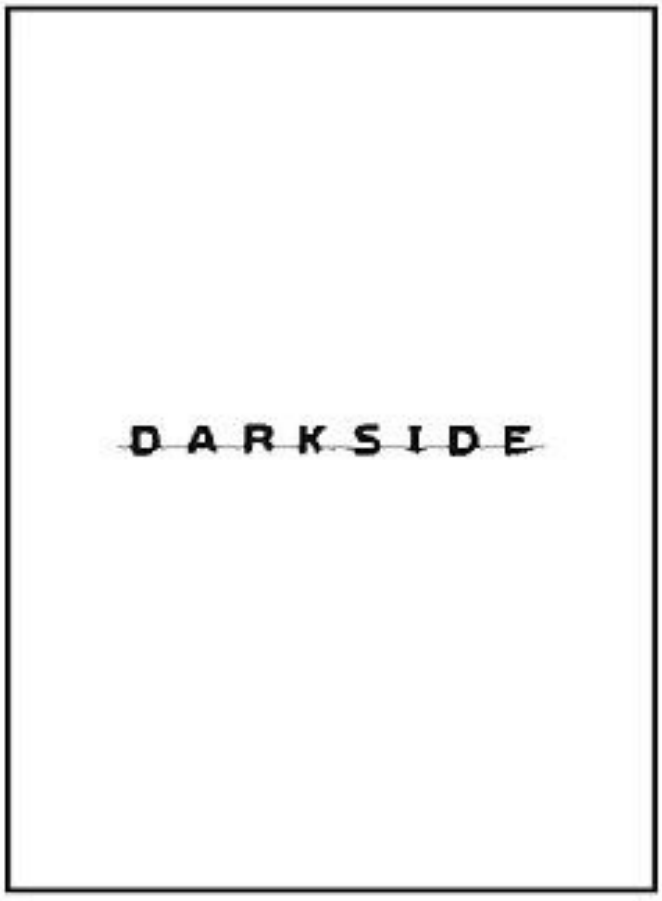
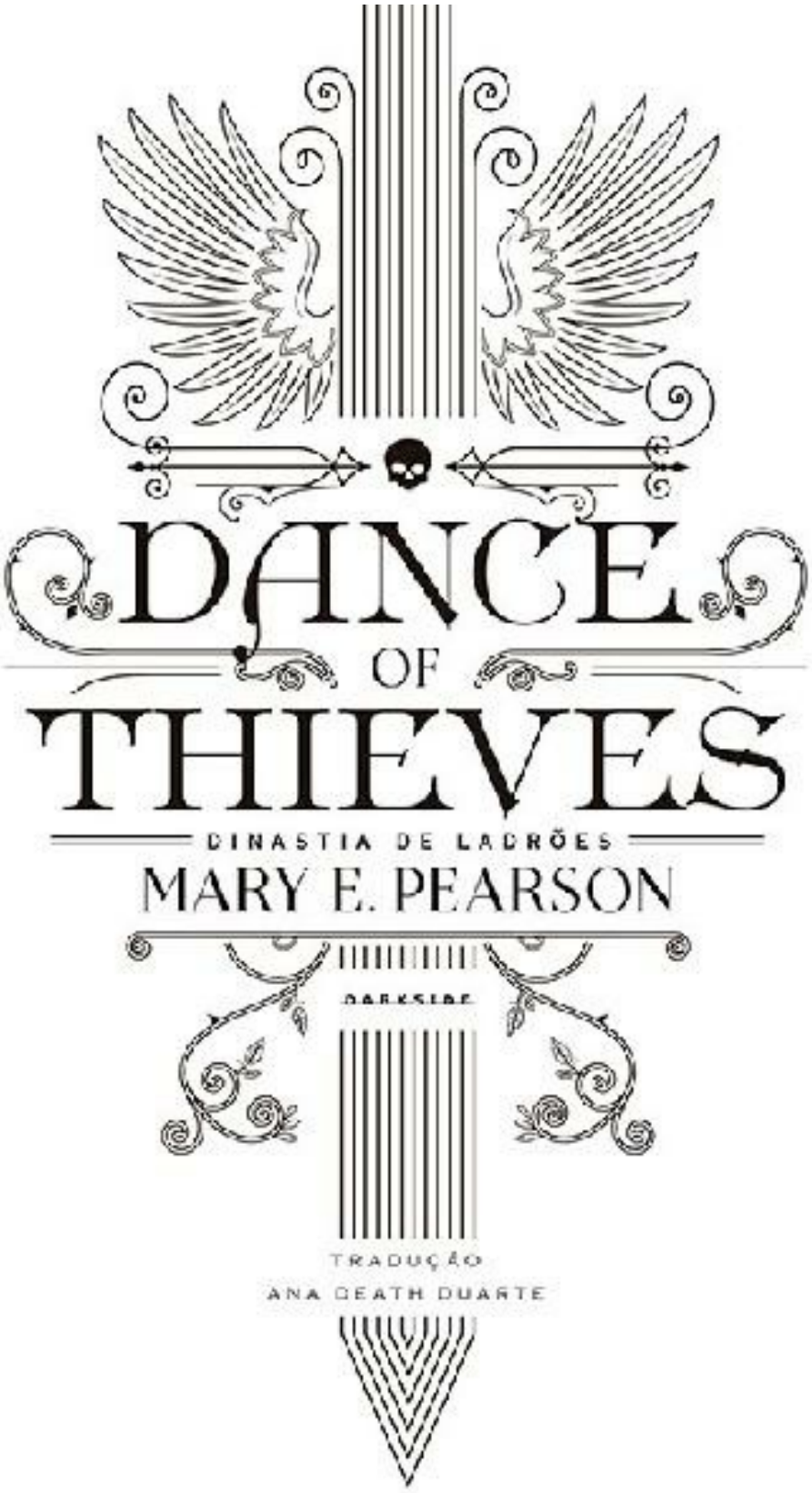

DANCE
OF
THIEVES
DINASTIA DE LADRÕES
MARY E. PEARSON
DARKSIDE


DARKSIDE





#DARKSIDEBOOKS


DANCE
OF
THIEVES
DINASTIA DE LADRÕES
MARY E. PEARSON
DARKSIDE
TRADUÇÃO
ANA DEATH DUARTE

Para minhas destemidas e irrefreáveis garotas, Ava, Emily e Leah.

Anote isso, ele havia me dito.

Anote todas as palavras assim que você chegar lá,
antes que a verdade seja esquecida.

E é o que fazemos agora, ao menos com as partes das quais nos lembramos.

— Greyson Ballenger, 14 anos —

SUMÁRIO

Capa

Mídias sociais

Folha de rosto

Dedicatória

Capítulo 1. Kazimyrah de Brightmist

Capítulo 2. Kazi

Capítulo 3. Jase Ballenger

Capítulo 4. Kazi

Capítulo 5. Jase

Capítulo 6. Kazi

Capítulo 7. Jase

Capítulo 8. Kazi

Capítulo 9. Jase

Capítulo 10. Kazi

Capítulo 11. Jase

Capítulo 12. Kazi

Capítulo 13. Kazi

Capítulo 14. Jase

Capítulo 15. Kazi

Capítulo 16. Kazi

Capítulo 17. Jase

Capítulo 18. Kazi

Capítulo 19. Jase

Capítulo 20. Kazi

Capítulo 21. Kazi

Capítulo 22. Jase

Capítulo 23. Kazi

Capítulo 24. Kazi

Capítulo 25. Jase

Capítulo 26. Kazi

Capítulo 27. Jase

Capítulo 28. Kazi

Capítulo 29. Jase

Capítulo 30. Kazi

Capítulo 31. Jase

Capítulo 32. Kazi

Capítulo 33. Jase

Capítulo 34. Kazi

Capítulo 35. Jase

Capítulo 36. Kazi

Capítulo 37. Jase

Capítulo 38. Kazi

Capítulo 39. Jase

Capítulo 40. Kazi

Capítulo 41. Kazi

Capítulo 42. Jase

Capítulo 43. Kazi

Capítulo 44. Kazi

Capítulo 45. Jase

Capítulo 46. Kazi

Capítulo 47. Jase

Capítulo 48. Kazi

Capítulo 49. Jase

Capítulo 50. Kazi

Capítulo 51. Kazi

Capítulo 52. Jase

Capítulo 53. Kazi

Capítulo 54. Jase

Capítulo 55. Kazi

Capítulo 56. Jase

Capítulo 57. Kazi

Capítulo 58. Jase

Capítulo 59. Kazi

Capítulo 60. Jase

Capítulo 61. Kazi

Capítulo 62

Créditos

CAPÍTULO 1

KAZIMYRAH DE BRIGHTMIST

OS FANTASMAS AINDA ESTÃO AQUI.

As palavras permaneceram por um tempo no ar, cada uma delas um espírito reluzente, frios sussurros de cautela, mas eu não estava com medo.

Eu já sabia.

Os fantasmas, eles nunca vão embora. Eles nos chamam em momentos inesperados, entrelaçando suas mãos às nossas e nos puxando por caminhos que levam a lugar nenhum. *Por aqui.* Eu tinha aprendido a me fechar para as vozes deles na maior parte do tempo.

Cavalgávamos pelo Vale do Sentinela, as ruínas dos Antigos nos olhando, soberanas. As orelhas de meu cavalo estavam aguçadas, ouvindo com atenção, e um ribombo profundo subia de sua garganta. Ele também sabia. Esfreguei seu pescoço para acalmá-lo. Haviam se passado seis anos desde a Grande Batalha, mas as cicatrizes ainda eram visíveis — carroças reviradas e engolidas pela grama, ossos espalhados, escavados de túmulos por feras famintas, esqueletos das costelas de gigantescos brezalots erguendo-se em direção ao céu, pássaros empoleirados em suas elegantes gaiolas embranquecidas.

Senti os fantasmas pairando, observando, questionando-se. Um deles deslizou um dedo frio ao longo do meu maxilar, pressionando um aviso nos meus lábios: *Shhh, Kazi, não diga nenhuma palavra.*

Destemida, Natiya nos conduziu mais a fundo no vale. Nossos olhares contemplavam e faziam uma varredura nos penhascos escarpados e na devastação decadente de uma guerra que era lentamente consumida pela

terra, pelo tempo e pela memória, como o lento engolir de uma égua gorda por uma cobra paciente. Logo, toda a destruição estaria dentro da barriga da terra. Quem haveria de se lembrar dela?

No meio do caminho, conforme o vale se estreitava, Natiya parou e deslizou para fora de sua sela, puxando um quadrado de tecido branco dobrado de seu alforje. Wren também desceu de sua montaria, deslizando as pernas magras até o chão com o silêncio de um pássaro. Synové ficou hesitante, observando-me com incerteza. Ela era a mais forte de todas nós, mas seus quadris roliços permaneceram firmemente plantados em sua sela. Ela não gostava de falar de fantasmas, nem mesmo com o sol brilhando alto no céu. Eles visitavam seus sonhos com muita frequência. Assenti para tranquilizá-la, e nós duas descemos de nossos cavalos e nos juntamos a eles. Natiya fez uma pausa em uma grande colina verde, como se ela soubesse o que havia embaixo daquele cobertor de grama. Distraída, esfregou o tecido entre seus delicados dedos morenos por alguns segundos que, no entanto, pareceram uma eternidade. Natiya tinha dezenove anos, apenas dois anos a mais que nós, mas, de repente, ela parecia muito mais velha. Ela havia, de fato, visto as coisas sobre as quais nós só havíamos ouvido histórias. Balançou a cabeça levemente e foi andando na direção de uma dispersa pilha de pedras. Começou a pegar as pedras que haviam caído e a colocá-las de volta no lugar em seu humilde memorial, como se fossem peças de um quebra-cabeças.

"Quem era?", eu quis saber.

Seus lábios se curvaram junto aos dentes. "O nome dele era Jeb. Seu corpo foi queimado em uma pira funerária porque esses são os modos de Dalbretch, mas eu enterrei os poucos pertences dele aqui."

Porque esse é o modo dos nômades, eu pensei, mas não disse nada. Natiya não falava muito sobre sua vida antes de se tornar vendana e Rahtan, mas eu também não falava muito sobre a minha vida pregressa. Era melhor que algumas coisas fossem deixadas no passado. Wren e Synové mexiam os pés desconfortavelmente, pressionando a grama com as botas em pequenos e achatados círculos. Natiya não era propensa a mostrar o que sentia, nem mesmo reservadas demonstrações de sentimentos como essa, especialmente se retardassem seu cronograma bem planejado. Mas agora ela se demorava ali, assim como suas palavras que nos haviam conduzido para dentro do vale. *Eles ainda estão aqui.*

"Ele era especial?", perguntei.

Ela fez que sim com um movimento de cabeça.

"Todos eles eram, mas Jeb me ensinou coisas. Coisas que me ajudaram a sobreviver." Ela se virou, olhando-nos de relance e com impetuosidade. "Coisas que eu ensinei a todas vocês. *Assim espero.*"

O escrutínio dela ficou mais suave, e seus espessos cílios negros lançaram uma sombra sob seus olhos escuros. Ela nos estudou como se fosse uma general experiente, e nós, a ralé de seus soldados. De algumas formas, imagino que fôssemos mesmo. Éramos as mais jovens dos Rahtan, mas *éramos* Rahtan. Isso queria dizer alguma coisa. Queria dizer muita coisa. Éramos a guarda do mais alto escalão da rainha e não conquistamos essas posições por sermos tolas desajeitadas. Não na maior parte do tempo, de todo modo. Possuíamos treinamento e talentos. O olhar de Natiya me contemplou por mais tempo. Eu era a líder nessa missão, responsável por tomar as decisões certas, fazer escolhas perfeitas, o que significava não apenas ser bem-sucedida como também manter todas em segurança.

"Nós ficaremos bem", eu prometi.

"Bem", concordou Wren, soprando com impaciência um cacho escuro de sua testa. Ela queria estar a caminho. A expectativa nos estava deixando cansadas.

Synové torcia entre os dedos, ansiosa, uma de suas longas tranças ruivas. "Perfeitamente bem. Nós estamos..."

"Eu sei", disse Natiya, erguendo a mão para impedir que Synové embarcasse em uma longa explicação. "Bem. Lembre-se de passar um tempinho no assentamento primeiro. A Boca do Inferno vem depois. Apenas faça perguntas. Colete informações. Pegue os suprimentos de que precisar. Mantenha a discrição até chegarmos lá."

Wren bufou. Discrição era, com certeza, uma das minhas especialidades, mas não dessa vez. Para variar, meter-me em encrenca era minha meta.

O galopar quebrou a troca de palavras carregada de tensão. "Natiya!"

Nos viramos na direção de Eben, cujo cavalo chutava e levantava macios montinhos de terra. Os olhos de Synové se iluminaram como se o sol tivesse acabado de piscar para ela por trás de uma nuvem. Ele dava voltas em círculos, com os olhos fixos apenas em Natiya. "Griz está resmungando. Ele quer ir embora."

"Estamos indo", ela respondeu, sacudindo o quadrado de tecido que

estava segurando. Era uma camisa. Uma camisa muito bonita. Ela levou o tecido macio até a bochecha e então o colocou sobre o memorial de pedra. “Linho de Cruvas, Jeb”, ela sussurrou. “Da melhor qualidade.”

Chegamos à boca do vale, e Natiya parou e olhou para trás uma última vez.

“Lembrem-se disso”, ela falou. “Vinte mil. Foi o tanto de pessoas que morreram aqui em um único dia. Vendanos, morrigueses e dalbretchianos. Eu não conhecia todos eles, mas alguém os conhecia. Alguém que, se pudesse, lhes traria uma flor do campo.”

Ou uma camisa de linho de Cruvas.

Agora eu soube por que Natiya nos havia trazido até aqui. Foi por ordem da rainha. *Vejam. Olhem demoradamente e lembrem-se das vidas perdidas. Pessoas de verdade que alguém amava. Antes de cuidarem da tarefa que lhes incumbi, vejam a devastação e lembrem-se do que eles fizeram. Do que poderia acontecer de novo. Saibam o que está em jogo. Em algum momento, os dragões acordam e saem rastejando de seus covis escuros.*

Eu tinha visto a urgência nos olhos da rainha. Eu tinha ouvido essa mesma urgência no tom de sua voz. Isso não tinha a ver somente com o passado. Ela temia pelo futuro. Algo vinha sendo tramado, e ela estava desesperada para pôr um fim nisso.

Inspecionei o vale. De longe, os ossos e as carroças se mesclavam em um oceano de calma verde, ocultando a verdade.

Nada nunca era o que parecia.

Griz resmungando para que embalássemos nossas coisas e deixássemos o acampamento não era nenhuma novidade. Ele gostava de montar acampamento cedo e de partir cedo, às vezes até mesmo quando ainda estava escuro, como se isso fosse algum tipo de vitória sobre o sol. Seu cavalo já estava pronto quando nós voltamos, e a fogueira do acampamento tinha sido apagada. Ele olhava com impaciência enquanto o restante de nós arrumava os sacos de dormir e as bolsas.

A uma hora de viagem daqui, seguiríamos nossos caminhos separadamente. Griz se dirigiria a Civica, em Morrighan. A rainha tinha notícias que gostaria de partilhar com seu irmão, o rei, e ela não confiava em mais ninguém para fazê-las chegar até ele, nem mesmo no Valsprey

que ela usava para outras mensagens. Os Valsprey poderiam ser atacados por outros pássaros ou levar tiros e ter suas mensagens interceptadas, ao passo que nada poderia deter Griz. Exceto, talvez, um rápido desvio para Terravin, que era, provavelmente, o motivo pelo qual ele estava com tanta pressa. Synové gostava de provocá-lo, dizendo que ele tinha uma amada por lá, o que sempre fazia com que ele explodisse em negações. Griz era um Rahtan da velha guarda, mas os Rahtan já não eram a elite de dez, regidos por regras, que tinham sido antes. Havia vinte de nós agora. Muitas coisas tinham mudado desde que a rainha ascendeu ao poder, inclusive eu.

Quando comecei a dobrar minha tenda, Griz veio e ficou em pé atrás de mim, observando por cima do meu ombro. Eu era a única que usava uma tenda; ela era pequena e não ocupava tanto espaço. Ele havia relutado da primeira vez que me viu usar uma tenda numa missão a uma província sulista. *Nós não usamos tendas*, ele havia dito, com um supremo desgosto. Eu me lembro da vergonha que senti. Nas semanas que se seguiram, transformei aquela humilhação em determinação. A fraqueza transformava a pessoa em um alvo, e havia muito tempo eu prometera a mim mesma que nunca mais seria um alvo. Enterrei minha vergonha bem fundo, debaixo de uma armadura cuidadosamente elaborada, na qual insultos não conseguiam penetrar.

A estatura ameaçadora de Griz lançava uma sombra montanhosa sobre mim.

"Minha técnica de dobragem não atende aos requisitos para sua aprovação?", perguntei a ele.

Ele não disse nada.

Eu me virei para encará-lo. "O que *foi*, Griz?", perguntei irritada.

Ele esfregou o queixo de pelos eriçados. "Há muito território aberto daqui até a Boca do Inferno. Território vazio e *plano.*"

"Com isso você quer dizer que...?"

"Você vai... *Vai ficar tudo bem com você*?"

Eu me levantei, pressionando minha tenda dobrada na barriga dele, que a pegou de mim. "Está tudo bem, Griz. Relaxa."

Ele mexeu a cabeça para cima e para baixo, assentindo, hesitante.

"A verdadeira pergunta é", acrescentei, com a fala longa e arrastada para chamar sua atenção, "está tudo bem *para você*?"

Ele olhou para mim com o cenho franzido e ares de questionamento e então fez uma cara feia, estendendo a mão para o lado. Eu sorri e ofereci sua adaga curta para que ele a pegasse. A cara fechada deu lugar a um largo, porém relutante, sorriso, e ele recolocou a adaga em sua bainha vazia. Suas sobrancelhas espessas se ergueram, e ele balançou a cabeça em sinal de aprovação.

"Fique na direção do vento, Dez."

Dez, meu apelido, conquistado a duras penas. Era um sinal de confiança por parte dele. Mexi as pontas dos dedos em sinal de aprovação.

Ninguém, muito menos Griz, jamais se esqueceria de como eu tinha feito por merecer esse apelido.

"Contra o vento, você quer dizer, não?", disse Eben.

Olhei feio para Eben. E ninguém, muito menos Eben, jamais se esqueceria de que minha vida como Rahtan começou no dia em que eu cuspi na cara da rainha.

CAPÍTULO 2

KAZI

A RAINHA ESTAVA ANDANDO NAS ESTREITAS E IMUNDAS RUAS DO quadrante de Brightmist quando a avistei. Eu não havia planejado isso, mas os eventos não planejados podem nos conduzir por caminhos que nunca esperávamos trilhar, mudando nossos destinos e aquilo que nos define. Kazimyrah: órfã, rata de rua, a menina que desafiou a rainha, Rahtan.

Eu já tinha sido empurrada para um caminho quando tinha seis anos de idade, e no dia em que cuspi na cara da nova rainha fui mandada, cambaleando, para outro bem diferente. Aquele momento não somente havia definido o meu futuro, mas a resposta inesperada da rainha — um sorriso — definira seu reinado. Sua espada pendia em prontidão na bainha ao lado do corpo. Uma multidão tensa e ofegante esperava para ver o que ia acontecer. Eles sabiam o que teria acontecido *antes.* Se ela fosse a Komizar, eu já estaria no chão, sem cabeça. O sorriso dela tinha me deixado mais assustada do que se ela tivesse sacado sua espada. Eu soube naquele instante, com certeza, que a antiga Venda por onde eu sabia trilhar se fora, e eu nunca mais a teria de volta. Eu a odiei por isso.

Quando ficou sabendo que eu não tinha nenhum familiar a ser intimado, ela disse aos guardas que haviam me apanhado para me levar com eles até o Saguão do Sanctum. Na época eu me achava muito esperta. Esperta demais para essa jovem rainha. Eu tinha onze anos de uma vida dura, e era impérvia a uma intrusa. Eu teria me aproveitado dela, assim como eu fazia com todos os demais. Afinal de contas, era o *meu* reino. Eu tinha todos os meus dedos — e uma reputação que vinha junto. Nas ruas de Venda, eles

me chamavam de Dez com um respeito sussurrado.

Ter todos os dez dedos era algo lendário para uma ladra, ou uma *suposta* ladra, porque, se eu algum dia tivesse sido surpreendida com mercadorias roubadas, meu apelido teria sido Nove. Os oito lordes dos quadrantes, que ministravam a punição por roubar, tinham um nome diferente para mim e rosnavam quando me viam chegando. Para eles eu era a Executora de Sombras, porque, mesmo em pleno meio-dia, eu conseguia conjurar uma sombra para me engolir. Uns poucos até mesmo esfregavam amuletos escondidos quando me viam chegando. Porém, tão útil quanto as sombras era conhecer as estratégias da política das ruas e suas personalidades. Eu aperfeiçoei minha arte, colocando os lordes dos quadrantes e os mercadores uns contra os outros como se eu fosse música e eles fossem rústicos tambores ribombando sob as minhas mãos, fazendo com que um se gabasse com o outro de que eu nunca o havia enganado, fazendo com que todos eles se sentissem muito espertos enquanto eu lhes tirava itens que poderiam ter melhor uso em algum outro lugar. Seus egos eram meus cúmplices. As vielas que se contorciam, os túneis e os passadiços eram os lugares onde eu aprendia meus negócios, e meu estômago era meu implacável capataz. Porém, havia um outro tipo de fome que também me impelia, uma fome por respostas que não eram tão facilmente arrancadas das mercadorias de um lorde cheio de si. Essa fome era meu mais profundo e mais sombrio capataz.

No entanto, por causa da rainha, eu tinha visto meu mundo se dissolver praticamente da noite para o dia. Eu havia passado fome e me agarrado com unhas e dentes para chegar à posição em que me encontrava. Ninguém a tiraria de mim. As ruas de Venda, serpeantes e abarrotadas de gente, eram tudo o que eu conhecia na vida, e seu submundo, tudo o que eu entendia. Seus membros eram uma coalizão desesperada que apreciava a calidez do estrume de cavalo no inverno, uma faca em um saco de juta e a trilha de grãos deixada para trás, a cara fechada de um mercador que fora enganado por alguém ao se dar conta de que lhe faltava um ovo na cesta — ou, se eu estivesse me sentindo punitiva, a galinha inteira que o havia botado. Eu tinha me safado levando coisas maiores e mais barulhentas.

Eu gostava de dizer que roubava somente por causa da fome, mas isso não era verdade. Às vezes eu roubava dos lordes dos quadrantes só para tornar pior suas já miseráveis vidas. Isso me fazia perguntar a mim mesma,

caso algum dia eu me tornasse uma lady de quadrante, se eu deceparia dedos para garantir o meu lugar de poder. Porque eu havia aprendido que o poder poderia ser simplesmente tão sedutor quanto um pedaço quentinho de pão, e o pouquinho de poder que eu tinha sobre eles era, às vezes, todo o alimento de que eu precisava.

Com novos tratados assinados entre os reinos, que permitiram os assentamentos no Cam Lanteux, aqueles para quem e com quem eu roubava partiram, um por um, para viver em espaços amplos e dar início a novas vidas. Eu me tornei um pássaro cujas penas foram arrancadas, batendo asas depenadas, repentinamente inútil; mas mudar para um assentamento de fazenda no meio do nada era algo que eu não iria fazer. Algo que eu não *poderia* fazer. Isso eu aprendi quando tinha nove anos de idade, viajando uma curta distância além das paredes do Sanctum em busca de respostas que me haviam escapado. Quando olhei para trás, para a cidade que desaparecia, e vi que eu não passava de uma mera manchinha em uma paisagem vazia, não consegui respirar e o céu rodopiou em um torvelinho vertiginoso. Isso me atingiu como uma onda sufocante. Não havia nenhum lugar onde me esconder. Nenhuma sombra na qual eu pudesse me desvanecer, nenhuma tenda para eu me abaixar atrás ou escadas para entrar debaixo e desaparecer — não havia nenhuma cama para me esconder embaixo, caso alguém viesse atrás de mim. Não havia lugar algum para onde eu pudesse escapar. A estrutura do meu mundo se fora — o chão, os telhados, as paredes —, e eu flutuava, solta, sem nada para me prender. Eu mal consegui voltar para a cidade e nunca mais parti de novo.

Eu sabia que não sobreviveria em um mundo a céu aberto. Cuspir na cara da rainha tinha sido minha fútil tentativa de salvar a existência que eu havia entalhado para mim mesma. Minha vida já tinha sido roubada uma vez. Eu me recusava a permitir que isso acontecesse de novo, mas aconteceu mesmo assim. Algumas marés não podem ser contidas, e o novo mundo deslizava em volta dos meus tornozelos como água na areia da praia, me puxando para dentro da corrente.

Meus primeiros meses no Saguão do Sanctum foram turbulentos. Eu ainda não sabia ao certo por que ninguém havia me estrangulado. Eu teria feito isso. Eu roubava tudo que estava à vista, e fora de vista também, e acumulava os itens roubados em uma passagem secreta sob a escadaria da

Torre Leste. Nenhum aposento particular me era imune. O lenço de pescoço predileto de Natiya, as botas de Eben, as colheres de pau do cozinheiro, espadas, cintos, livros, alabardas da armaria, a escova de cabelos da rainha. Às vezes eu os devolvia, às vezes não, concedendo misericórdias como se eu fosse uma rainha cheia de caprichos. Griz rugiu e me perseguiu pelos corredores na terceira vez que roubei sua navalha.

Por fim, numa manhã, a rainha me aplaudiu enquanto eu entrava na galeria do Conselho, dizendo que era evidente que eu havia dominado com maestria a arte do furto, mas que estava na hora de aprender habilidades extras.

Ela se levantou e me entregou uma espada que eu havia roubado.

Travei meu olhar no dela, me perguntando como ela a havia conseguido.

"Eu também conheço bem aquela passagem, Kazimyrah. Você não é a única sorrateira aqui no Sanctum. Vamos dar a esta espada um uso melhor do que enferrujar em uma escadaria úmida e escura, sim?"

Pela primeira vez, eu não resisti.

Eu queria aprender mais. Eu não queria apenas ter a posse das espadas, facas e maças que eu tinha adquirido. Eu também queria saber como usar essas armas — e usá-las bem.

A paisagem estava ficando mais plana agora, como se imensas mãos tivessem previsto nossa passagem e alisado as rugas das colinas. As mesmas mãos devem ter arrancado as ruínas de lá. Era estranho não ver nada. Eu nunca tinha viajado durante muito tempo por um caminho sem nenhuma evidência de um mundo anterior à vista. As ruínas dos Antigos eram abundantes, mas aqui não havia nem mesmo uma única parede caindo aos pedaços para lançar uma mísera sombra que fosse. Nada além de céu aberto e vento livre pressionando meu peito. Eu me forcei a inspirar plenamente, concentrando-me em um ponto ao longe, fingindo que existia uma cidade mágica protegida sob a sombra apenas esperando para me dar boas-vindas.

Griz havia parado e estava consultando Eben e Natiya a respeito dos locais de encontro. Havia chegado a hora de nos separarmos. Quando terminou, ele se virou e lançou um olhar cheio de suspeita para a vastidão à nossa frente como se buscasse alguma coisa. Seu olhar finalmente

pousou em mim. Eu me espreguicei e sorri como se estivesse desfrutando um passeio de verão. O sol alto formava sombras acentuadas no rosto dele, marcado por cicatrizes de batalhas. As linhas em volta de seus olhos se aprofundaram.

"Mais uma coisa. Tome cuidado nesse trecho. Perdi dois anos da minha vida por aqui porque eu não estava atento."

Ele nos contou como ele e um oficial de Dalbreck tinham sido atacados por caçadores de mão de obra e como foram arrastados para trabalhar em um campo de mineração.

"Nós estamos bem armadas", lembrou-lhe Wren.

"E temos Synové", eu disse. "Você cuida disso, certo, Syn?"

Os olhos dela tremeluziram, como se estivesse tendo uma visão, e ela assentiu. "Cuido." Então ela estalou os dedos em um movimento grandioso e sussurrou, feliz: "Agora vá aproveitar seu tempo com sua queridinha".

Griz soltou um uivo e lançou a mão no ar, dispensando a ideia de Synové com o movimento. Ele praguejou e saiu cavalgando.

Nós conseguimos partir sem mais nenhuma instrução de Natiya. Tudo já tinha sido esquematizado, tanto o estratagema quanto a missão de fato. Eben e Natiya estavam indo para o sul, para Parsuss, o centro da Eislândia, para falar com o rei e deixá-lo ciente de nossa intervenção em seu solo. Antes de tudo ele era um fazendeiro, como a maioria dos eislandeses, e todo seu exército consistia em umas poucas dúzias de guardas que também eram trabalhadores em seus campos. Faltavam-lhe recursos para lidar com perturbações. Griz também descrevera o rei como um homem dócil, mais propenso a torcer as mãos do que pescoços, e atrapalhado em relação ao controle de seus territórios distantes ao norte. A rainha tinha certeza de que ele não apresentaria objeções, mas ela, por protocolo, tinha de informá-lo a respeito. Tratava-se de uma precaução diplomática, para o caso de algo dar errado.

Mas nada daria errado. Eu havia prometido isso a ela.

Mesmo porque, ao rei eislandês, daríamos apenas uma desculpa para nossa visita, sem revelar nossa missão de verdade. Este era um segredo muitíssimo bem guardado, um segredo que não poderia ser dividido nem mesmo com o monarca regente.

Guardei o mapa e cutuquei o meu cavalo para que seguisse em frente, na

direção da Boca do Inferno. Synové olhou para trás, observando enquanto Eben e Natiya seguiam seus próprios caminhos e tentando perceber se eles estavam trocando alguma palavra, a julgar pela distância que cavalgavam um do outro. Por que ela nutria algum afeto por ele, isso era algo que eu não sabia, mas houve outros. Synové era apaixonada pelo amor. Tão logo eles estavam longe o suficiente para não ouvirem, ela perguntou: "Você acha que eles fizeram?".

Wren soltou um gemido.

Eu estava com esperanças de que ela estivesse se referindo a alguma outra coisa, então perguntei mesmo assim: "Quem fez o quê?".

"Eben e Natiya. Você sabe, *aquilo.*"

"É você que tem o dom do saber", disse Wren. "Você deveria saber a resposta."

"Eu tenho *sonhos*", corrigiu Synové. "E se vocês se esforçassem um pouco mais, também teriam." Os ombros dela tremeram com repulsa. "Mas esse é um sonho que eu não quero ter."

"O que ela disse faz sentido", eu falei para Wren. "Algumas coisas não devem ser imaginadas ou sonhadas."

Wren deu de ombros. "Eu nunca vi os dois se beijando."

"Nem mesmo de mãos dadas", complementou Synové.

"Mas nenhum deles faz exatamente o tipo afetuoso", lembrei.

Synové franziu o cenho em contemplação, sem que nenhuma de nós tivesse dito o que todas sabíamos. Eben e Natiya eram devotados um ao outro — de uma forma muito passional. Eu suspeitava que eles haviam feito bem mais do que se beijar, embora não fosse algo em que eu ficasse pensando. Eu realmente não me importava e nem queria saber. De alguma maneira, eu achava que eu era como Griz. Antes de tudo, nós éramos Rahtan, e não havia tempo para muito mais do que isso. Essas coisas só criavam complicações. Meus poucos e breves flertes com soldados com os quais eu havia me envolvido só levaram a distrações das quais eu decidi que não precisava. Distrações que representavam riscos, daquelas que me atiçavam um anseio de desejo e me faziam pensar em um futuro com o qual eu não poderia contar.

Seguimos cavalgando, com Synové falando na maior parte do tempo, como ela sempre fazia, preenchendo as horas com múltiplas observações, fosse sobre o gramado que se mexia e roçava nos machinhos de nossos

cavalos ou a sopa de alho-poró salgada demais que sua tia costumava fazer. Eu sabia que pelo menos parte do motivo pelo qual ela fazia isso era para me distrair de um mundo plano e vazio, que às vezes subia e descia, ondulava e ameaçava me dobrar e me enfiar em sua boca. Às vezes o falatório dela funcionava. Às vezes eu me distraía de outras maneiras.

Wren subitamente estendeu a mão em aviso e fez um sinal para que parássemos. "Cavaleiros. Terceiro sino", disse ela. O gume afiado de sua *ziethe* fatiou o ar conforme ela sacou e girou a arma em prontidão. Synové já estava colocando a flecha no arco.

Ao longe, uma nuvem escura deslizava sobre a planície, ficando cada vez maior conforme vinha em alta velocidade na nossa direção. Eu saquei a minha espada, mas então, repentinamente, a nuvem escura alterou seu curso, subindo na direção do céu. Ela voou perto de nossas cabeças como um antílope se contorcendo em suas garras. O vento que vinha das asas da criatura ergueu nossos cabelos, e nos abaixamos por instinto. Os cavalos ergueram as patas dianteiras no ar. Em uma fração de segundo, a criatura se fora.

"*Jabavé!*", grunhiu Wren enquanto nos esforçávamos para acalmar os nossos cavalos. "Que diabos era aquilo?"

Griz havia se esquecido de nos informar a respeito disso. Já tinha ouvido falar dessas criaturas, na verdade apenas um rumor, mas eu achava que elas se encontravam somente no extremo norte do país, acima do Infernaterr. Pelo visto, não hoje.

"Racaa", foi a resposta de Synové. "Um dos pássaros que comem Valsprey. Não acho que eles comam seres humanos."

"*Não acha?*", berrou Wren, cujas bochechas morenas reluziam de fúria. "Você não tem certeza? Quão diferente poderia ser o nosso gosto do de um antílope?"

Deslizei minha espada de volta para a bainha. "Diferente o bastante, é o que podemos esperar."

Wren se recompôs, guardando sua *ziethe*. Ela usava duas delas, uma em cada lado do quadril, e as mantinha afiadíssimas. Era mais do que capaz de derrubar agressores de duas pernas, mas um ataque de um ser alado exigia um momento de reavaliação. Eu via os cálculos girando em sua mente.

"Eu poderia tê-lo derrubado."

Sem sombra de dúvida. Wren tinha a tenacidade de um texugo

encurralado.

Os demônios que a impulsionavam eram tão exigentes quanto os meus próprios, e suas habilidades haviam sido afiadas como um gume aguçado e implacável. Ela tinha visto sua família ser assassinada na Praça Blackstone, quando seu clã cometeu o erro mortal de torcer por uma princesa roubada. O mesmo aconteceu com Synové, e embora Syn bancasse a inocente feliz, havia uma propensão oculta, subjacente e letal que a atravessava. Ela havia matado mais invasores do que eu e Wren juntas. Sete, de acordo com a última contagem.

Com a flecha de volta na aljava, Synové recomeçou sua tagarelice. Pelo menos pelo restante de nossa viagem, ela teria alguma outra coisa sobre o que falar. Os racaas eram toda uma nova distração.

No entanto, a sombra do racaa fez com que meus pensamentos seguissem aos tropeços em outra direção. A essa altura, na próxima semana, nós é que estaríamos mergulhando nos ares pela Boca do Inferno, lançando nossa própria sombra, e, se tudo saísse bem, dentro de pouco tempo eu estaria partindo com algo bem mais vital do que um antílope nas minhas garras.

Seis anos atrás, uma guerra estava sendo travada, a mais sangrenta guerra que o continente já tinha visto. Milhares de pessoas morreram, mas apenas um punhado de homens foram os arquitetos dessa guerra. Um deles ainda estava vivo, e alguns achavam que ele era o pior — o capitão da Vigília da cidadela em Morrighan. Ele traiu o próprio reino que havia jurado proteger e lentamente se infiltrou na fortaleza com soldados inimigos, de modo a enfraquecer Morrighan e ajudar na queda do reino. Alguns soldados que haviam estado sob seu comando simplesmente desapareceram, talvez por terem ficado desconfiados. Os corpos nunca foram encontrados. Seus crimes eram inúmeros; ajudar a envenenar o rei e assassinar o príncipe da coroa e trinta e dois de seus camaradas eram alguns deles. O capitão da Vigília foi o fugitivo mais caçado no continente desde então.

Ele havia escapado das garras do reino duas vezes e daí parece que desapareceu por completo. Ninguém o tinha visto em cinco anos, mas alguém que o avistara por acaso e um mercador ansioso para dividir informações haviam trazido pistas repletas de esperança. *Ele entregou seu próprio reino*, a rainha dissera, *e as vidas de milhares para alimentar sua*

ganância. Dragões famintos podem dormir durante anos, mas eles não mudam seus hábitos alimentares. Ele deve ser encontrado. Os mortos demandam justiça, assim como os vivos.

Antes mesmo de ter visitado o vale dos mortos, eu já conhecia o preço a ser pago pelos dragões à espreita, aqueles que avançam sorrateiramente pela noite, caindo com tudo em cima de um mundo e devorando o que quer que os agrade. O fugitivo da rainha pagaria por ter roubado sonhos e vidas sem nem mesmo olhar para trás, não se importando com a destruição deixada em seu rastro. Alguns dragões podem escapar para sempre, mas se o capitão Illarion, que traiu seus compatriotas e causou a morte de milhares, estivesse lá, a torre da Vigília de Tor não seria capaz de escondê-lo. Eu o tiraria de lá e o levaria para longe, e ele haveria de pagar — antes que sua fome matasse ainda mais.

Eu preciso de você, Kazimyrah. Eu acredito em você. A fé da rainha significava tudo para mim.

Tratava-se de um trabalho para o qual eu, unicamente, possuía qualificações, e a missão era uma chance imerecida de me redimir. Um ano atrás, eu havia cometido um erro que quase custou minha vida e maculou o histórico quase perfeito da guarda de elite da rainha. Rahtan quer dizer "nunca falhar", mas eu havia falhado miseravelmente. Não havia um dia em que eu não pensasse nisso.

Quando confundi um embaixador de Reux Lau com outra pessoa, liberei algo selvagem e feral em mim, algo que eu não sabia que estava lá — ou talvez fosse um animal ferido que eu vinha alimentando secretamente por um bom tempo. Minhas mãos e minhas pernas não me pertenciam e me impulsionavam adiante. Eu não tinha pretendido esfaqueá-lo, pelo menos não de imediato, mas ele se lançou para cima de mim inesperadamente. Ele sobreviveu ao meu ataque. Por sorte, minha faca não fizera um talho fundo. Sua ferida precisou apenas de alguns pontos. Toda a nossa equipe foi capturada e jogada na prisão. Assim que ficou confirmado que eu agi sozinha, eles foram soltos — mas eu fiquei aprisionada em uma cela durante dois meses, em uma província sulista. Foi necessário que a própria rainha aliviasse as coisas para obter minha soltura.

Aqueles meses me deram muito tempo para pensar. Em uma fração de segundo, eu havia abandonado o controle e a paciência — exatamente aquilo de que eu me orgulhava e que tinha salvado a minha pele por anos.

E talvez o pior de tudo: o erro me levou a questionar minha própria memória. Talvez eu não me lembrasse mais do rosto dele. Talvez essa lembrança tivesse ido embora, como muitas outras que haviam se esvanecido, e essa possibilidade me aterrorizava ainda mais. Se eu não conseguia lembrar, ele poderia ser qualquer pessoa em qualquer lugar.

Quando retornamos, foi Eben quem contou à rainha sobre o meu passado. Eu não sabia nem mesmo como ele o conhecia. Era algo que eu nunca tinha contado a ninguém, e ninguém se importava realmente com as origens de uma rata de rua. Havia muitos de nós, até demais.

A rainha havia me chamado para seus aposentos particulares. "Por que você não me contou sobre a sua mãe, Kazimyrah?"

Meu coração batia enlouquecidamente e, rastejando pela minha garganta, subia um gosto enjoativo e salgado. Eu o forcei a descer e travei os joelhos, temendo que pudessem ceder.

"Não há nada para contar. Minha mãe está morta."

"Você tem certeza de que ela está morta?"

No meu coração eu tinha certeza disso e rezava aos deuses todos os dias para que eu estivesse correta. "Se os deuses forem misericordiosos, sim."

A rainha perguntou se poderíamos conversar sobre isso. Eu sabia que ela estava apenas tentando me ajudar e, depois de tudo que havia feito por mim, eu lhe devia uma explicação mais detalhada. Mas tudo era um emaranhado confuso de memórias e raiva que eu ainda não tinha conseguido desfazer. Eu me desculpei, sem lhe responder.

Quando deixei os aposentos da rainha, encurralei Eben no vão da escada e disparei para cima dele. "Não se meta nos meus assuntos, Eben! Está me ouvindo? Fique fora disso!"

"Você quer dizer que eu não devo me meter no seu passado. Não há nada de que se envergonhar, Kazi. Você tinha seis anos de idade. Não é sua culpa que a sua..."

"Cale a boca, Eben! Nunca, jamais, fale da minha mãe novamente ou eu corto a sua garganta, e de um jeito tão rápido e silencioso que você nem vai saber que está morto."

Ele esticou o braço e bloqueou o meu caminho, de modo que eu não tinha como passar. "Você precisa enfrentar seus demônios, Kazi."

Eu me lancei para cima dele, mas, ao contrário de Eben, eu estava descontrolada. Ele já esperava pelo meu ataque e me girou, prendendo-me

junto ao seu peito, apertando-me tanto que eu não conseguia respirar nem mesmo enquanto protestava.

"Eu *entendo*, Kazi. Acredite em mim, eu entendo o que você sente", ele sussurrou no meu ouvido.

Fiquei enfurecida. Gritei. Ninguém conseguiria entender. Especialmente Eben. Eu ainda não tinha começado a lidar com as memórias que ele incitara. Ele não tinha como saber que, cada vez que eu olhava para a juba de cabelos fibrosos que caíam sobre seus olhos, ou para sua pele pálida e sem sangue, ou para seu olhar sombrio e ameaçador, o que eu realmente via era o condutor dos Previzi que entrara na minha cabana no meio da noite, segurando uma lanterna na escuridão e perguntando: *Onde está a pirralha?*. Tudo o que eu via era a mim mesma me acovardando na poça dos meus próprios dejetos, assustada demais para me mexer. Eu não tinha mais medo.

"Você ganhou uma segunda chance, Kazi. Não a jogue fora. A rainha colocou o pescoço dela em jogo por você. Há um limite para quantas vezes ela pode fazer uma coisa dessas. Você não é mais desprovida de poder. Você pode consertar outras coisas."

Ele me segurou com firmeza até não sentir mais resistência em mim. Eu estava fraca quando finalmente me soltei, ainda com raiva, e avancei sorrateiramente para me esconder em uma passagem escura do Sanctum, onde ninguém poderia me encontrar.

Depois aprendi, com Natiya, que talvez Eben de fato entendesse. Ele tinha cinco anos de idade quando testemunhou um machado sendo plantado no peito de sua mãe, e ficou olhando enquanto seu pai era queimado vivo. A família dele tinha tentado se assentar no Cam Lanteux antes que houvesse tratados para protegê-los. Ele era jovem demais para identificar quem tinha feito aquilo, ou mesmo para saber de que reino eles eram. Conseguir justiça era impossível para ele, mas a morte de seus pais permaneceu entalhada em sua memória. Conforme eu o conhecia melhor e trabalhávamos mais juntos, eu já não via o condutor dos Previzi quando olhava para ele. Eu só via o Eben, com suas próprias excentricidades e hábitos — alguém que tinha seu próprio passado cheio de cicatrizes.

Consertar outras coisas.

Isso foi um divisor de águas para mim e, ainda assim, outro novo começo. Mais do que qualquer coisa, eu queria provar as minhas lealdades para

alguém que não apenas me havia concedido uma segunda chance, mas também a toda Venda. A rainha.

Havia uma coisa que eu jamais poderia consertar.

Mas outras, talvez, eu pudesse.

Reúnam-se, fiquem juntos, meus irmãos e minhas irmãs.

Nós tocamos as estrelas,

E a poeira da possibilidade é nossa.

Mas o trabalho nunca está acabado.

O tempo anda em círculos. Repete-se.

Devemos sempre estar atentos.

Embora o Dragão descanse por ora,

Ele despertará novamente

E vagará pela terra,

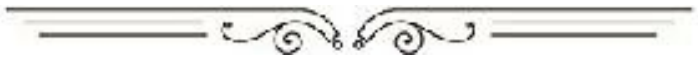
Com sua barriga cheia de fome.

E assim será,

Para todo o sempre.

— A Canção de Jezelia —

CAPÍTULO 3



JASE BALLENGER

Até onde você consegue ver, essa terra é nossa. Nunca se esqueça disso. Essa terra era do meu pai e, antes, do pai dele. Esse território é e sempre foi dos Ballenger, remontando aos tempos dos Antigos. Nós somos as primeiras famílias, e todo pássaro que sobrevoa essas terras, todo ar que é respirado, cada gota d'água que cai, tudo isso a nós pertence. Nós fazemos as leis aqui. Nós somos os donos do que quer que você consiga ver. Nunca permita que um só punhado de solo deslize por seus dedos, ou você perderá isso tudo.

Coloquei a mão do meu pai na lateral de seu corpo. Sua pele estava fria, seus dedos, rígidos. Ele estava morto fazia horas. Parecia impossível. Apenas quatro dias atrás, ele estava saudável e forte, e então apertou o peito enquanto se erguia em seu cavalo e teve um colapso. A profetisa disse que um inimigo havia lançado um feitiço nele. O curandeiro disse que foi seu coração, e que nada poderia ser feito. O que quer que tenha sido, ele se fora em questão de dias.

Doze cadeiras vazias ainda estavam dispostas em círculo em volta de sua cama; a vigília tinha acabado. Os sons das longas despedidas haviam dado lugar a uma descrença silenciosa. Empurrei minha cadeira para trás e saí para a varanda, inspirando fundo. As colinas se estendiam em ondulações brumosas até o horizonte. *Nem um único punhado*, eu prometera.

Os outros esperavam que eu saísse do quarto usando o anel dele. Agora, *meu* anel. O peso de suas últimas palavras fluía por mim, fortes e poderosas como o sangue dos Ballenger. Inspecionei a infinita paisagem que era nossa. Eu conhecia todas as colinas, todos os desfiladeiros, todas as

escarpas e todos os rios. *Até onde você consegue ver.* Tudo isso parecia diferente agora. Afastei-me da varanda. Os desafios logo surgiriam. Eles sempre vinham quando um Ballenger morria, como se o fato de haver um a menos fosse nos derrubar. A notícia alcançaria muitos quilômetros espalhados além de nossas fronteiras. Era uma época ruim para ele morrer. As primeiras colheitas estavam chegando, os Previzi exigiam uma porção maior de suas cargas e Fertig havia pedido a mão de minha irmã em casamento. Ela ainda estava se decidindo. Eu não gostava de Fertig, mas amava a minha irmã. Balancei a cabeça e me afastei do corrimão. *Patrei.* Cabia a mim agora. Eu manteria minha palavra. A família permaneceria forte, como sempre fora.

Puxei a minha faca da bainha e voltei para a cama do meu pai. Cortei o anel de seu dedo inchado, deslizei-o para o meu próprio dedo e saí para um corredor cheio de rostos à espera.

Eles olharam para a minha mão, resquícios do sangue do meu pai no anel. Estava feito.

Um ribombo de solene reconhecimento soou.

"Vamos lá", eu disse. "Está na hora de nos embebedarmos."

Nossos passos ecoaram pelo saguão principal com determinação singular, enquanto mais de uma dúzia de nós se dirigia até a porta. Minha mãe saiu da antecâmara a oeste e perguntou aonde eu estava indo.

"À taverna. Antes que a notícia esteja por toda parte."

Ela deu um tapa na lateral da minha cabeça. "A notícia se espalhou há quatro dias, seu tolo. Os abutres sentem o cheiro da morte antes que ela chegue e passam a circundá-la tão rapidamente quanto. Na semana que vem eles já estarão lambiscando os nossos ossos. Agora vá! Deixe esmola no templo *primeiro.* Depois você pode beber até cair. E mantenha os *straza* por perto. Estes são tempos incertos!"

Ela também desferiu um olhar feio de aviso para os meus irmãos, e eles, obedientes, assentiram. Seu olhar se voltou novamente para mim, olhos ainda de ferro, espinhos e fogo, *claro*, mas eu sabia que atrás deles havia uma parede dolorosamente erguida. Ela não chorou nem mesmo quando meu irmão e minha irmã morreram, mas canalizou suas lágrimas em uma nova cisterna para o templo. Ela olhou para o anel no meu dedo e mexeu

levemente a cabeça para cima e para baixo. Eu sabia que isso a perturbava, ver o anel no meu dedo depois de vê-lo por vinte e cinco anos no dedo do meu pai. Juntos, eles haviam fortalecido a Dinastia dos Ballenger. Eles tiveram onze filhos juntos, nove deles ainda vivos, além de um filho adotivo — uma promessa de que o mundo deles apenas ficaria mais forte. Foi esse o seu foco, em vez de se concentrar naquilo que havia perdido prematuramente. Ela colocou minha mão em seus lábios, beijou o anel e então me empurrou porta afora.

Enquanto descíamos os degraus da varanda, Titus sussurrou bem baixinho: "Esmola primeiro, seu tolo!".

Eu o empurrei com o ombro, e os outros riram enquanto ele descia os degraus aos tropeços. Eles estavam prontos para uma noite de encrencas. Uma noite de esquecimento. Ver alguém morrer, alguém que era tão cheio de vida como o meu pai, que deveria ter tido anos pela frente, era um lembrete de que a morte espreitava sobre os ombros de todos nós.

Meu irmão mais velho, Gunner, aproximou-se hesitante enquanto caminhávamos até os cavalos que nos esperavam. "Paxton virá."

Assenti. "Mas ele vai demorar."

"Ele tem medo de você."

"Não o bastante."

Mason deu um tapinha nas minhas costas. "O Paxton que se dane. Ele não vai comparecer ao sepultamento, isso se ele ao menos pisar nessas terras. Por ora, só precisamos deixar você bêbado como um gambá, *Patrei*."

Eu estava pronto. E precisava disso tanto quanto Mason e todo o resto do pessoal. Eu precisava colocar um fim nisso tudo para que todos nós seguíssemos em frente com nossas vidas. Por mais fraco que meu pai estivesse antes de morrer, ele conseguiu dizer muita coisa em seus últimos suspiros. Era meu dever ouvir cada palavra e dar meu voto de lealdade, mesmo que ele já tivesse dito tudo aquilo antes. Ele dissera aquilo a minha vida toda. Estava gravado em minhas entranhas, assim como o selo dos Ballenger tatuado em meu ombro. A dinastia da família, tanto os de sangue como aqueles por nós abraçados, estava segura. Ainda assim, suas últimas instruções, dadas com dificuldade antes de ele morrer, me devoravam por dentro. Ele não estava preparado para soltar as rédeas assim tão cedo. *Os Ballenger não se curvam para ninguém. Faça com que ela venha. Os outros haverão de notar.* Essa parte poderia se revelar um pouco

mais difícil.

Os outros abutres que vinham circulando, na esperança de tomar nosso território, eram aqueles que eu precisava esmagar primeiro — principalmente Paxton. Não importava que ele fosse meu primo, ele ainda era a progênie ilegítima de meu antigo tio que havia traído sua própria família. Paxton controlava o território menor de Ráj Nivad ao sul, mas não era o bastante para ele. Como o restante de sua linhagem, ele era consumido pelo ciúme e pela ganância. Ainda assim, ele *era* sangue do meu sangue e viria prestar homenagens ao meu pai — e calcular nossa força. Ráj Nivad ficava a quatro dias de cavalgada daqui. Ele ainda não sabia de tudo e, ainda que soubesse, demoraria o mesmo tanto para chegar aqui. Eu tinha tempo para me preparar.

Nosso *straza* gritou para a torre, e eles, por sua vez, gritaram para os guardas do portão, liberando nossa passagem. Os pesados portões de metal se abriram com rangidos, e nós os atravessamos cavalgando. Eu sentia os olhos em mim, na minha mão. *Patrei.*

A Boca do Inferno ficava no vale logo abaixo da torre da Vigília de Tor, com apenas algumas partes visíveis através das copas das árvores de *tembris* que a circundavam como uma coroa. Uma vez eu havia dito ao meu pai que eu ia subir no topo de cada uma delas. Eu tinha oito anos de idade e não me dei conta de quão alto no céu elas subiam, até mesmo depois que o meu pai disse que o topo das *tembris* era o reino dos deuses, não dos homens — eu não cheguei tão longe assim, certamente não no topo. Ninguém jamais tinha feito isso. E, por mais altas que se erguessem as árvores, suas raízes chegavam às bases da terra. Elas eram as únicas coisas mais enraizadas nesta terra do que os Ballenger.

Assim que chegamos à base da colina, Gunner gritou e saiu na frente do bando. O restante de nós o seguiu, com o atropelo dos cascos dos cavalos ressoando em nossos ossos. Gostávamos de fazer com que nossas chegadas na cidade fossem bem anunciadas.

O sino soava brando, tão delicadamente quanto cálices de cristal se encontrando em um brinde. O som ecoava pelos arcos de pedra do incontestável templo. Por mais desordenada e barulhenta que fosse a nossa entrada na cidade, a família respeitava a santidade do templo até

mesmo quando baralhos, uísques e barris de cerveja *ale* surgiam bem diante de nossos olhos. Gunner, Priya e Titus se ajoelharam ao meu lado, e Jalaine, Samuel, Aram e Mason, do outro. Ocupamos toda a fileira da frente. Nossos *straza* — Drake, Tiago e Charus — se ajoelharam atrás de nós. O sacerdote falou na língua antiga, agitando as cinzas com sangue de bezerro, e então colocou a ponta do dedo molhada pela mistura na testa de cada um de nós. Nossas oferendas eram coletadas pelos carregadores de esmolas com suas faces sóbrias e então levadas para dentro dos cofres, consideradas aceitáveis pelos deuses. Mais do que aceitáveis, eu diria. Eram o bastante para contratar um outro curandeiro para a enfermaria. Mais três toques do sino. Dois.

Um. Nos levantamos, aceitando a bênção do sacerdote, e caminhamos solenemente em fila única para fora do corredor escuro. Santos esculpidos em pilares elevados nos olhavam com soberba, e os cânticos dos sacerdotes flutuavam atrás de nós como um fantasma protetor.

Do lado de fora, Titus esperou até descer todos os degraus e soltou um assovio estridente — o chamado para a taverna. As bebidas seriam por conta do novo *Patrei*. O decoro perante a morte fizera as emoções de Titus virem à tona. Talvez em todos nós.

Senti um puxão no meu casaco. A profetisa estava aninhada sob a sombra de um pilar, seu capuz cobrindo-lhe a face. Deixei cair algumas moedas em sua cesta.

"Que novidades você tem para mim?", perguntei a ela.

Ela puxou o meu casaco até que eu me ajoelhasse à altura de seus olhos, que eram como lápis-lazúli e pareciam flutuar, incorpóreos, na sombra negra de seu capuz. Seu olhar contemplava o meu fixamente, e sua cabeça se inclinava para o lado como se estivesse deslizando profundamente por trás dos meus olhos. "*Patrei*", sussurrou.

"Você ficou sabendo."

Ela balançou a cabeça. "Não pelo lado de fora. Dentro. Sua alma me diz isso. Do lado de fora… ouço outras coisas."

"Que tipo de coisas?"

Ela se inclinou, aproximando-se de mim, a voz sussurrada como se temesse que mais alguém pudesse ouvi-la. "O vento sussurra que eles estão vindo, *Patrei.* Eles estão vindo atrás de você." Ela tomou minha mão em seus dedos nodosos e beijou meu anel. "Que os deuses o protejam."

Puxei a mão com gentileza e me esquivei, ainda olhando para ela. “A você também.”

A novidade dela não era exatamente algo novo, mas não me ressenti pelas moedas que lhe havia jogado. Todo mundo sabia que enfrentaríamos desafios.

Eu ainda não tinha alcançado a base dos degraus quando Lothar e Rancell, dois de nossos supervisores, arrastaram alguém para perto de mim e o jogaram de joelhos na minha frente. Eu o reconheci — Hagur, do leilão de gado.

“Roubo”, disse Lothar. “Exatamente como você suspeitava.”

Eu o encarei. Não havia negação em seus olhos, apenas medo. Saquei minha faca.

“Não na frente do templo”, ele suplicou, as lágrimas fluindo nas bochechas. “Eu imploro, *Patrei*. Não me envergonhe na frente dos deuses.”

Ele agarrou as minhas pernas, curvando a cabeça e soluçando.

“Você já está envergonhado. Achou que nós não iríamos descobrir?”

Ele não respondeu, apenas chorou e pediu misericórdia, escondendo o rosto nas minhas botas. Eu o empurrei para longe, e seu olhar congelou no meu.

“Ninguém engana a família.”

Ele assentiu com veemência.

“Mas os deuses mostraram misericórdia para conosco”, eu disse. “*Uma vez.* E esse é o modo dos Ballenger. Nós fazemos o mesmo.” Embainhei minha faca. “Levante-se, irmão. Se você vive na Boca do Inferno, você faz parte da nossa família.” Estendi a mão em sua direção. Ele olhou para mim como se o gesto fosse uma armadilha, aterrorizado demais para se mexer. Eu dei um passo à frente, puxei-o para que ficasse em pé e o abracei. “*Uma vez*”, sussurrei em seu ouvido. “Lembre-se disso. Pelo próximo ano, você pagará o dobro do dízimo.”

Ele se afastou, assentindo em sinal de agradecimento, tropeçando em seus passos enquanto recuava, até que por fim se virou e saiu correndo. Ele não nos enganaria de novo. Ele haveria de se lembrar de que fazia parte da família e de que ninguém traía os seus.

Pelo menos era dessa forma que as coisas deveriam funcionar.

Pensei em Paxton e nas palavras da profetisa novamente. *Eles estão vindo atrás de você.*

Paxton era um incômodo, um sanguessuga que havia desenvolvido um gosto por vinho. Nós lidaríamos com ele exatamente como lidávamos com todo o resto.

Os abutres haviam fugido, e nossos mantimentos agora eram deles.

Foram-se?, ele pergunta.

Concordo com a cabeça.

Ele jaz moribundo nos meus braços, já pó e cinzas e um fantasma de grandiosidade. Ele pressiona o mapa na minha mão.

Este é o verdadeiro tesouro. Leve-os para lá. Cabe a você fazer isso agora. Proteja-os.

Ele promete que há comida. Segurança. Ele prometeu isso desde que as primeiras estrelas caíram. Não sei mais o que é segurança. Isso vem de um tempo anterior ao meu nascimento. Ele aperta a minha mão com os últimos resquícios de sua força.

Atenha-se a isso, não importa o que você tenha que fazer. Jamais desista. Não dessa vez.

Sim, eu respondo, porque eu quero que ele acredite, em seus últimos momentos, que todo seu esforço e sacrifício não serão em vão. Sua jornada haverá de nos salvar.

Pegue o meu dedo, ele diz. *É a única forma de você fazer parte disso.*

Ele puxa uma navalha de seu colete e a estende para mim. Eu balanço a cabeça. Não consigo fazer isso com o meu próprio avô.

Agora, ele ordena. *Você terá de fazer coisas piores para sobreviver. Às vezes você terá de matar. Isso*, ele diz, olhando para sua mão, *não é nada.*

Como posso desobedecê-lo? Ele é o comandante-chefe de tudo. Miro aqueles que nos cercam, com os olhos fundos, os rostos marcados com terra e medo. Eu mal conheço a maioria deles. Ele empurra a navalha para a minha mão.

De muitos, agora você é um. Você é a família. A família Ballenger. Protejam uns aos outros. Sobrevivam. Você é o remanescente sobrevivente para o qual a torre da Vigília de Tor foi construída.

Eu tenho apenas catorze anos de idade e todos os outros são ainda mais jovens do que eu. Como podemos ser fortes para resistir aos abutres, aos ventos, à fome? Como podemos fazer isso sozinhos?

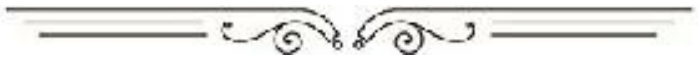
Agora, diz ele.

Eu faço conforme ele me ordena.

Ele não emite som algum.
Apenas sorri enquanto cerra os olhos e solta seu último suspiro.
E eu inspiro pela primeira vez como líder de um remanescente,
encarregado pelo meu avô e comandante para me agarrar à esperança.
Eu não sei ao certo se consigo.

— Greyson Ballenger, 14 anos —

CAPÍTULO 4



KAZI

Os cercados do gado estavam quebrados e espalhados como se fossem lenha, e o fedor de grama queimada ardia em nossos pulmões. A ira queimava como chamas sob minha pele enquanto eu absorvia o cenário de destruição. A fúria retumbava em Wren e Synové. Nossa tarefa fora repentinamente fraturada e multiplicada como uma imagem em um espelho despedaçado. No fim das contas, a fúria haveria de nos servir. Todas sabíamos disso. Nossa desculpa esfarrapada para virmos até aqui — investigação de violações do tratado — de repente havia crescido, tornando-se encorpada, afiada, toda cheia de dentes, garras e veneno.

O assentamento consistia em quatro casas, uma casa comunal, um celeiro e vários abrigos. Todos tinham sofrido danos. O celeiro estava completamente destruído. Avistamos um homem recurvado que capinava furiosamente um jardim, aparentemente ignorando a carnificina que o cercava. Quando nos viu chegando, ele ergueu sua enxada como se fosse uma arma e então a abaixou ao reconhecer o manto de Wren, feito com os tecidos em retalhos do clã Meurasi. Meu colete de couro era estampado com a reverenciada *thannis* encontrada no escudo vendano, e o cavalo de Synové tinha a focinheira cheia de franjas dos clãs que viviam nos brejos ao leste. Todos distintamente vendanos, se a pessoa soubesse pelo que procurar.

"Quem fez isso?", perguntei quando chegamos perto dele, embora eu já soubesse a resposta.

Ele se endireitou, forçando suas costas curvadas a ficarem retas. Seu

semblante tinha vincos de anos de exposição ao sol, as maçãs do rosto eram como colinas cansadas em uma paisagem vergada. Partes de rostos espiavam por portas e através de persianas rachadas nas habitações atrás dele, outros assentadores com medo demais para deixarem as casas. Seu nome era Caemus, e ele explicou que os saqueadores tinham vindo no meio da noite. Estava escuro e eles não conseguiram ver seus rostos, mas sabia que eram os Ballenger. Eles tinham vindo apenas uma semana antes para avisar aos assentadores que mantivessem seu gado *shorthorn* longe das terras deles. Pegaram um dos animais como pagamento.

Wren olhou ao redor. "Terra deles? Aqui? No meio do Cam Lanteux?"

"Tudo isso é deles", foi a resposta do homem. "Até onde conseguem ver, segundo eles. Toda lâmina de grama a eles pertence."

Os nós dos dedos de Synové ficaram brancos de fúria.

"Onde está o seu gado?", perguntei.

"Foi embora. Eles pegaram o resto. Acho que em pagamento pelo ar que respiramos."

Notei que também não havia cavalo algum. "E os cavalos ravianos que Morrighan lhes deu de presente?"

"Tudo se foi, exceto por um cavalo velho para a nossa carroça. Alguns dos outros foram para a cidade buscar mais suprimentos. Eles não vão conseguir comprar muita coisa. Vendanos pagam uma taxa adicional."

O maxilar dele estava rígido, e seus dedos, firmes em volta do cabo da enxada. Vendanos não eram assustados tão facilmente, mas ele receava que alguns pudessem estar temerosos demais para voltar ao assentamento.

"Vocês não vão pagar taxa extra a ninguém, nem pelo ar que respiram", eu disse. Dei uma última olhada nos estragos. "Pode levar um tempinho, mas vocês serão compensados."

"Nós não queremos ter mais problemas com..."

"Os outros assentadores retornarão, e vocês receberão pagamento."

Ele olhou para mim com ares de dúvida. "Vocês não conhecem os Ballenger."

"Verdade", respondi. "Mas eles também não nos conhecem."

E estavam prestes a conhecer.

A Boca do Inferno ficava a mais de trinta quilômetros de distância. Era

uma cidade remota, misteriosa, afastada do centro da Eislândia e sobre a qual poucos tinham conhecimento, além do fato de ser um centro de comércio em ascensão. Até poucos meses atrás, eu nunca nem tinha ouvido falar dela. No entanto, supostamente, tratava-se de uma cidade grande o bastante a ponto de oferecer oportunidade de compra e negociação de mercadorias para o assentamento. Eu estava cansada e irritadiça enquanto cavalgávamos. Não tinha dormido bem na noite passada, nem mesmo na minha tenda. Esse miserável descampado me incomodava como o bicar de um pássaro implacável e amargo, e parecia impossível que qualquer cidade relativamente grande pudesse existir por aqui. Parecia que eu não respirava fundo havia dias. Synové não parava de tagarelar, e eu surtei como um corvo estridente quando ela trouxe à tona o assunto do racaa mais uma vez.

"Sinto muito", eu disse depois de um longo silêncio. "Eu não deveria ter estourado com você."

"Receio que tenhamos ficado sem outros assuntos", foi a resposta de Synové.

Eu estava realmente desgraçada. E ela estava certa — *ela sabia*. Eu não gostava do silêncio, e ela só estava tentando preenchê-lo para mim. Eu estava acostumada com os barulhos da cidade, com o zumbido constante, com os estrondos, os ruídos agudos e sibilantes, o som de pessoas e animais, o tamborilar metálico da chuva nos telhados e o som das carroças passando por poças lamacentas, o cântico dos vendedores de rua tentando seduzir alguém para que comprasse um pombo, um amuleto, uma xícara de *thannis* fumegante. Eu ansiava por ouvir o rugir do rio, o retinir dos soldados enquanto marchavam por uma quelha, o som do esforço de uma centena de homens rebocando a grande ponte e colocando-a no lugar, o estrepitar das lembranças em ossos, tudo isso pululando junto como algo vivo e completamente independente.

Todas essas coisas ajudavam a me esconder. Elas eram minha armadura. O silêncio varrido pelo vento me deixava nua. "Por favor", falei, "conte como eles dão à luz novamente."

"Ovos, Kazi", interrompeu Wren. "Você não estava ouvindo."

Synové pigarreou, seu sinal para que ficássemos caladas. "Em vez disso, vou lhes contar uma história."

Tanto eu quanto Wren erguemos nossas sobrancelhas com ares de

dúvida, mas, ainda assim, fiquei grata por isso.

Era uma história que ela havia contado muitas vezes antes. No entanto, ela acrescentava uma virada inesperada para nos fazer rir com bastante frequência. Contou a história da devastação, da forma como os fenlandenses a contavam. Ela voltou a usar seu sotaque arrastado e relaxado. O anjo Aster desempenhava um grande papel nessa versão. Os deuses haviam ficado preguiçosos, não cuidando do mundo como deveriam, e os Antigos haviam se elevado a posições divinas, erguendo-se em meio aos céus, famintos pelo poder e fracos em sabedoria, esmagando tudo em seu caminho. E então Aster, que era a guardiã dos céus, varreu a galáxia com as mãos, reunindo um punhado de estrelas e atirando-as na terra para destruir a maldade que ali morava. Mas havia alguns Remanescentes na terra que lhe pareceram puros de coração, e a eles o anjo mostrou misericórdia, conduzindo-os para longe da devastação até um local seguro, atrás dos portões de Venda. "E para os fenlandenses, é claro, supremos acima de tudo, o anjo deu um gordo porco assado com uma estrela reluzente na boca." Toda vez que ela contava essa história, Aster sempre concedia aos fenlandenses um presente diferente — geralmente uma dádiva gorda e suculenta —, dependendo de quão faminta Synové estivesse no momento.

Wren também teve sua vez de contar a história, modificando-a com os detalhes de seu próprio clã. Não havia nenhum porco assado em sua versão, mas muitas lâminas afiadas. Eu não tinha nenhuma versão própria da história, nenhum clã ao qual pertencesse — até mesmo em meio aos vendanos eu não tinha apoio —, mas uma coisa era constante em todas as versões que eu ouvia: os deuses e os anjos destruíram o mundo quando os homens aspiraram a ser deuses, e a misericórdia abandonou seus corações.

Ninguém havia sido poupado, exceto por uma pequena Remanescente, que foi privilegiada, e assim todos os reinos tiveram início, mas, como a rainha sempre alertava: *O trabalho nunca está acabado. O tempo anda em círculos. Repete-se. Devemos sempre estar atentos.*

Agora, ao que parecia, precisávamos ficar atentas em relação aos Ballenger.

Wren tinha olhos de águia e gritou primeiro: "Ali está!".

Colinas ondulavam na planície ao longe, e ruínas dispersas em pequenos grupos finalmente apareceram, salpicando a paisagem com sombras ricas e

exuberantes, mas, bem além delas, escondida ao pé de uma montanha brumosa cor de lavanda, uma mancha preta aumentava de tamanho. Ela tomava forma e cor enquanto nos aproximávamos, estirando-se como uma fera gigantesca deitada aos pés de seu taciturno mestre. Que tipo de fera era a Boca do Inferno? Ou, talvez mais importante que isso, quem era seu mestre? Uma forma oval de um verde intenso parecia pairar sobre ela como uma agourenta tiara de espinhos. Árvores? Árvores estranhas e espectrais. Nada que eu já tivesse visto antes.

Synové prendeu a respiração. "*Aquilo* é a Boca do Inferno?"

Minha pulsação ficou acelerada, e eu subi nos estribos. Mihe soltou uma bufada, pronto para irromper em um galope. *Ainda não, garoto. Ainda não.*

Vislumbres de ruas antigas começaram a aparecer tal qual dorsos de cobras subterrâneas vindo à tona, como se estivessem viajando bem abaixo de nós.

"Pelos deuses", disse Wren. "É tão grande quanto a Cidade do Sanctum."

Inspirei fundo, relaxada, e me endireitei na sela. Isso seria fácil.

A cidade ficava logo ali, dentro da fronteira da Eislândia, um Reino Menor que tinha a forma de uma grande lágrima caindo, e a Boca do Inferno se encontrava em seu ponto mais alto, distante e remota, afastada do restante do reino. Do lado de fora da fronteira, a fortaleza dos Ballenger permitia uma vista de tudo isso, mas era impenetrável, segundo um relatório que a rainha havia recebido. Isso nós veríamos.

Ao contrário do Sanctum, em Venda, não havia nenhuma muralha em volta da cidade, nenhum Grande Rio para mantê-la prisioneira. Estendia-se com a audácia de um chefe militar, sem nada que se atrevesse a contê-la. Seus lares e vilarejos se espalhavam em dedos tortos e fortes, e a cidade inteira parecia circundada e contida apenas pelo círculo de árvores que se erguiam como torres sobre ela, como se fossem uma coroa mística. Havia múltiplos pontos de entrada, e bem ao longe podíamos ver muitos outros viajantes seguindo seus caminhos rumo à cidade. Ainda que estivéssemos a uma boa distância, Wren escolheu uma ruína abandonada que parecia adequada, onde ela e Synové guardaram algumas bolsas antes de prosseguirmos.

Embora muitos outros viajantes adentrassem a cidade, atraímos olhares

quando chegamos em nossos cavalos. Poderia ser porque eles viram o brasão de armas vendano em nossos equipamentos de montaria, ou talvez porque tenham percebido algo em nossos rostos. Não estávamos ali para vender ou comprar mercadorias. Não estávamos ali por motivos que eles considerassem bons. Eles estavam certos.

Wren sibilou. Balançou a cabeça. Resmungou. "Não gosto disso." Sacou sua *ziethe*, girou-a e enfiou-a de volta em sua bainha, com a empunhadura estalando contra o couro.

Synové e eu trocamos um olhar de relance. Nós sabíamos que isso ia acontecer. Era o ritual de Wren, enquanto ela recalculava cada risco nos minutos que antecediam o momento de realmente corrermos os riscos. "Tem certeza? Eles são uma família poderosa. Se eles prenderem você..."

"Sim", respondi, antes que ela pudesse propor alguma outra coisa. Essa era a única maneira de fazer dar certo. "Como eu disse ao Griz", falei, nossos olhos se encontrando, "eu cuido disso. Vocês também."

Ela assentiu. "Pisque por último."

"Sempre", confirmei.

Nas ruas, havia inúmeras formas de leis não escritas segundo as quais vivíamos. Wren sabia que essa era uma das minhas. Piscar por último não era uma dica específica para atrair um alvo, mas uma aspiração à sobrevivência.

Seguimos em frente, olhando boquiabertas para a estranha cidade, alternando-nos ao apontar estranhezas, como a teia de estruturas desconexas e irregulares que se agigantava acima de nós, contidas pelos braços espessos e musculosos dos galhos das árvores; pontes suspensas de corda as conectavam a outras edificações — casas, lojas, até mesmo uma grande estalagem que se estendia e ascendia árvores adentro —, sombras em cima de sombras e infinitos caminhos a serem seguidos. A arquitetura da cidade era um misto de velho e novo, ruínas readaptadas em lares e lojas. As pedras esburacadas de uma época remota estavam unidas e encaixadas com mármore recém-polido. Em alguns lugares, as árvores gigantescas eram uma convicta tropa de sentinelas agrupadas, com seus troncos tão amplos quanto duas carroças, e apenas salpicos de luz dançavam em meio às copas que se erguiam alto no céu. No centro da cidade, as sentinelas se moviam um passo para trás, dando abertura para que o sol brilhasse livremente sobre a Boca do Inferno. Agora, o sol

fulgurava sobre um edifício branco de mármore à frente, conferindo-lhe uma luminosidade etérea.

Um templo.

Era o ponto central de uma ampla praça circular apinhada de gente, cheia de movimento, de ruídos e… de tudo que eu amava. Parei por um instante, absorvendo aquilo tudo, e então, por alguns segundos, prendi a respiração. Era um hábito infrutífero do qual eu não conseguia me desvencilhar, e fiz uma varredura na multidão em busca de um rosto que me assombrava, mas que eu nunca encontrava. E, por isso, soltei um suspiro tanto de alívio como de desapontamento. Enquanto circulávamos pelos arredores, notei que as avenidas estavam dispostas como os raios de uma roda, com a praça ao centro. Encontramos um estábulo para dar água e comida aos cavalos, e, enquanto Wren e Synové ajeitavam os animais nas baias, questionei o dono do local sobre a direção para o escritório do magistrado.

"Bem aqui. Você está olhando para ele."

Os magistrados que eu tinha conhecido em Reux Lau não faziam a limpeza de estábulos como ofício adicional.

"Você também cuida da manutenção da lei e da ordem por aqui?"

"Fico de olho. Há dez de nós fazendo isso." Ele recuou e estreitou um dos olhos. "De que se trata tudo isso?"

Disse a ele quem eu era e que estava ali pela autoridade do rei da Eislândia, o que era apenas uma leve extensão da verdade, e também pela autoridade da rainha de Venda para investigar violações do tratado.

Ele não tentou disfarçar o lento escrutínio que fez da minha pessoa, das botas à espada e às facas presas no cinto, na lateral do corpo. Seu olhar se demorou aí, contemplativo.

"Não sei nada sobre violações."

É claro que não.

Eu me aproximei e ele recuou um passo. Parecia que até ele tinha conhecimento dos Rahtan. "Sendo membro da manutenção da ordem e das leis para o seu rei, eu o instruo a nos dizer tudo que você sabe."

Ele balançou a cabeça e deu de ombros. Nada. Eu estava pronta para torcer aquele miserável e amassá-lo feito pão, mas era cedo demais para isso. Eu tinha animais maiores para caçar.

"Há vendanos aqui na cidade comprando suprimentos. Você os viu?"

Ele pareceu aliviado ao perceber que mudei de assunto para seguir o meu

caminho.

"Claro", foi a resposta dele, agora ansioso para falar de novo. "Eu os vi seguindo por ali hoje de manhã." Apontou para uma avenida do outro lado da praça. "Há um comércio lá..."

"Onde os vendanos têm o privilégio de pagar o dobro?"

Ele deu de ombros, demonstrando sua indiferença. "Também não sei de nada em relação a isso, mas vou lhe dizer uma coisa: os camaradas aqui são leais, e os Ballenger são os donos dessa cidade. Sempre foram."

"Interessante", falei. "Você sabia que a Boca do Inferno faz parte da Eislândia, e não da dinastia Ballenger?"

Um sorriso de desdém ergueu o canto de sua boca. "É difícil ver a diferença às vezes. Metade dessa gente aqui tem relação com eles, e a outra metade lhes deve algo."

"Verdade. E *você* faz parte de qual metade, magistrado?"

Seu comportamento taciturno floresceu novamente, e ele apenas abriu um largo sorriso. Eu me virei e fui embora. Estava a apenas alguns passos de distância quando ele me chamou.

"Só um aviso de cortesia. Tome cuidado ao escolher os calos de quem você vai pisar."

Cortesia.

Juntei-me a Wren e Synové, e fizemos algumas perguntas enquanto seguíamos até o comércio. As respostas que coletamos foram similares às do magistrado. Eles não sabiam de nada. Eu não tinha certeza se era porque éramos Rahtan ou se eles estavam com medo demais para falar sobre os Ballenger com qualquer representante da lei.

Fora do mercado, um toldo listrado se estirava sobre barris e engradados cheios de comida — grãos, leguminosas secas, carnes salgadas, conservas, frutas coloridas e vegetais —, todos expostos em fileiras arrumadinhas. A abundância me surpreendeu, mas eu sempre me sentia assim quando viajava para outras cidades. Lá dentro, parecia haver mais comida e outras mercadorias à venda. Através das janelas avistei pás, rolos de tecidos e uma parede cheia de tinturas. Uma carreta para transporte de carga, puxada por um velho cavalo, estava estacionada ali perto e eu me perguntava se ela pertencia aos assentadores vendanos. Conforme nos aproximávamos, notei um vendedor enxotando crianças que brincavam perto de engradados de laranjas empilhados. Minha língua ardeu. *Laranjas*

reluzentes e deliciosas. Senti o gosto de uma laranja apenas uma vez em toda a minha vida — quando entrei na casa de um lorde de quadrante para roubar. Eu estava procurando por alguma outra coisa, mas encontrei a laranja pousada no centro da mesa, como se fosse um ornamento reverenciado. Senti seu cheiro, e então, alegremente, tirei a casca cheia de furinhos, espalhando-a por cima da mesa só para que o lorde do quadrante visse que seu tesouro tinha sido apreciado. Cada vez que eu arrancava um pedaço da casca, inspirava o borrifar sublime de seu aroma. Assim que a fruta passou pelos meus lábios, eu soube que provinha de inspiração divina e que haveria de ter sido o primeiro dos alimentos já criados.

Minhas bochechas ardiam com a lembrança dos pedaços dourados explodindo na boca. Até mesmo sua forma me fascinava, impossivelmente organizada em belas e pequenas meias-luas embrulhadas em uma perfeição dourada. Foi a primeira e a última vez que comi uma laranja. Elas raramente chegavam até Venda nas carroças dos Previzi, e, quando isso acontecia, eram um luxo reservado apenas para os lordes dos quadrantes ou governadores, geralmente como presente do Komizar — como as outras raridades que apenas ele era capaz de conjurar. Eu entendia o desejo ardente das crianças pela misteriosa fruta.

Uma mulher que estava saindo do mercado chamou as crianças, e elas correram até a carreta de carga, pulando em sua traseira, pegando de seus braços as mercadorias que ela carregava. Assim que estava tudo empilhado, as crianças voltaram seus olhos desejosos para as laranjas.

Wren chamou a mulher em vendano, e os olhos dela se arregalaram imediatamente, surpresa ao ouvir seu próprio idioma. Aqui eles falavam landês, que era em essência idêntico ao morriguês, o idioma predominante no continente.

Quando chegamos perto dela, Synové perguntou: “Vocês são do assentamento?”.

A mulher olhou de relance, nervosa, ao seu redor. “Sim”, disse ela baixinho. “Receio que tenhamos enfrentado alguns problemas. Algumas de nossas provisões em uma construção anexa foram queimadas, então tivemos de vir até a cidade comprar mais.”

Ela nos disse que isso acabou com o dinheiro que eles tinham. Ouvi o medo em sua voz. Seu grupo tinha vindo até aqui para evitar as temporadas de fome em Venda, onde a vida não podia ser arrancada da

terra devastada e inculta. Um colossal exército vendano tinha sido dispersado na esperança de algo melhor, mas esse algo melhor estava se transformando em outra coisa para eles, um novo tipo de dificuldade.

Expliquei que éramos Rahtan enviadas pela rainha para verificar o bem-estar deles e lhe perguntei sobre aqueles que os haviam atacado. A história dela era a mesma de Caemus — estava escuro demais para que pudessem ver alguma coisa —, mas os Ballenger haviam exigido pagamento.

"Onde estão os outros que vieram com você para a cidade?", eu quis saber.

Ela apontou para a rua abaixo e disse que eles estavam reunindo aquilo de que precisavam de várias lojas, e que todos planejavam ir embora o mais rápido possível. Quando perguntei se lhe haviam cobrado em dobro no mercado, ela olhou para baixo, com medo de responder, e disse fracamente: "Não sei".

Olhei para um saco de juta vazio no fundo da carreta. "Posso pegar aquele saco emprestado?"

Seus olhos se apertaram de preocupação, mas ela assentiu.

Empurrei o saco para as mãos de Wren e fiz um sinal para que ela me seguisse. Ela entendeu o motivo na mesma hora e revirou os olhos. "*Agora?*"

"Ah, sim. Agora", respondi e fui andando até o vendedor que supervisionava as mercadorias sob o toldo. Apontei para o engradado de laranjas. "Quanto custam?", perguntei.

Ele não respondeu de imediato, em vez disso, inventou uma resposta apenas para mim. Ele me viu conversando com a mulher vendana e, a essa altura, provavelmente imaginava que eu fosse vendana também.

"Cinco gralos cada."

Cinco. Mesmo sendo uma estrangeira por essas bandas, eu sabia que era uma fortuna.

"É mesmo?", respondi, como se avaliasse o preço, e então peguei uma das laranjas e joguei-a no ar. Ela caiu de volta com um estalido firme na minha mão. O vendedor repuxou o cenho em um v profundo e abriu a boca, pronto para ladrar comigo, mas então peguei mais uma, e outra mais, fazendo malabarismos com elas no ar, e o vendedor esqueceu o que estava prestes a dizer. Ficou boquiaberto, os olhos revirando, seguindo as laranjas que giravam.

Sorri e soltei uma risada — até mesmo quando uma faca deslizou por mim, a mesma faca que tinha deslizado por mim uma centena de vezes. E quanto mais eu sorria, quanto mais eu sangrava, mais rápido as laranjas giravam, e mais intensa ficava a minha raiva. Mas eu ria e conversava como tinha feito tantas vezes, porque isso fazia parte do truque. *Faça com que eles acreditem. Sorria, Kazi. É apenas um jogo inocente.*

Era um truque que eu reservava apenas para os lordes de quadrantes mais cheios de suspeitas, aqueles que não tinham misericórdia nem compaixão por nenhuma rata de rua como eu. Mesmo que o prêmio fosse apenas um nabo meio apodrecido ou um quadrado de queijo duro para encher a barriga vazia, valia a pena correr o risco de perder um dedo. Cada vitória me fazia aguentar um novo dia, e esse era mais um truque de sobrevivência em Venda. Sobreviver a mais um dia. Morrer apenas no dia seguinte era outra das minhas regras. Quantas vezes eu não havia hipnotizado mercadores dessa forma? Sorrindo para enganá-los, rodopiando para roubá-los, atraindo multidões até suas bancas para fazer com que se esquecessem, quase deixando cair uma fruta, chamando as pessoas nas multidões, e jogando a mesma fruta nos braços deles para distraí-los, de modo que nunca notassem aquelas outras frutas que desapareciam.

O vendedor estava suficientemente hipnotizado enquanto eu continuava a pegar uma laranja atrás da outra, fazendo malabarismos, jogando-as e redistribuindo-as em um alto e belo monte dentro de outro engradado, e ele continuou assim, absorto, até mesmo enquanto eu dissertava sobre o esplendor das laranjas e dizia quão boas eram, as melhores que eu já tinha visto na vida. Uma laranja atirada para dentro do engradado, e outra, que foi cair no saco de juta aos pés de Wren. Uma vez que quatro delas estavam seguramente escondidas dentro do saco, fiz malabarismos com a última delas, devolvendo-a ao monte e formando uma pirâmide perfeita. O vendedor riu e admirou-a, deslumbrado, sem sequer notar um único orbe faltando.

"Suas laranjas são adoráveis, mas receio que o preço seja exorbitante demais para o meu bolso." Não passou despercebido por ele o fato de que vários moradores da cidade tinham vindo para ver o meu show e estavam agora examinando atentamente suas mercadorias.

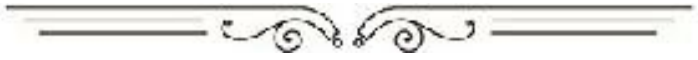
Ele me deu uma das laranjas menores e cheias de marcas. "Meus agradecimentos."

Agradeci e voltei para a carreta, Wren logo atrás com o saco.

Nem mesmo as crianças sabiam o que havia dentro do saco. Cheirei a laranja toda marcada, inalando seu perfume, então a deixei cair dentro do saco junto com as outras e o enfiei entre os demais suprimentos para que elas o descobrissem depois. Continuamos a descer a rua para conversar com outros vendanos que vimos saindo do estabelecimento do boticário. Foi então que avistei a encrenca a caminho.

Uma multidão de homens jovens, todos aprumados e cheios de arrogância — saídos de uma noite de bebedeira pesada, a julgar pela aparência desmazelada —, vinha andando na nossa direção. O homem no meio nem mesmo tinha se dado ao trabalho de abotoar a camisa, e seu peito estava parcialmente exposto. Ele era alto, com ombros largos, e andava como se fosse o dono da rua. Os cabelos loiro-escuros pendiam desarrumados sobre seus olhos que, mesmo de longe, estavam visivelmente injetados por causa da bebida. Desviei o olhar, trocando olhadelas cheias de significado com Synové e Wren, e seguimos em frente. Karsen Ballenger, o patriarca da família fora da lei, era o meu bilhete de entrada para a torre da Vigília de Tor e o centro de nosso alvo. Esse grupo desalinhado não era o tipo de encrenca com a qual eu deveria me preocupar.

CAPÍTULO 5



JASE

SENTI UM EMPURRÃO E MEU ROSTO BATEU COM TUDO NO CHÃO.

"Acorda."

Rolei no chão, então vi o banco do qual eu tinha caído e Mason se agigantando na minha frente. Apertei os olhos contra o fluxo de luz que entrava pelas janelas da taverna e levantei a mão para sentir o meu crânio, certo de que havia uma grande faca de açougueiro cravada nele.

Xinguei Mason e estiquei a mão para segurar a dele, e então notei meu braço descoberto. "Onde está a minha camisa?"

"Vai saber", foi a resposta de Mason enquanto me puxava para cima. Ele estava com uma aparência tão ruim quanto eu me sentia naquele momento.

Eu havia comprado bebidas para metade da cidade na noite passada e tinha certeza de que todas essas pessoas tinham comprado para mim também. Não existia nenhuma grande cerimônia de coroação quando um novo *Patrei* era nomeado, embora, no momento, isso parecesse de longe uma ideia muito melhor do que os ritos que haviam se sucedido na noite passada, dos quais eu não lembrava nem a metade. Todo mundo queria fazer parte de um ritual que ocorria apenas uma vez a cada poucas décadas — se tivéssemos sorte. E esse tinha acontecido cedo demais. Avistei a minha camisa jogada do outro lado do bar e fui até ela aos tropeços, chutando as botas de Titus, de Drake e dos outros que estavam jogados no chão.

"Levantem."

Gunner gemeu e segurou a cabeça da mesma forma que eu havia feito, e então vomitou no chão. O cheiro do vômito revirou o meu próprio estômago. *Nunca mais vou fazer isso de novo*, jurei em voz baixa. *Nunca mais.*

"Levantem!", berrou Mason para todos eles. Ao ver que me encolhi com o barulho, ele acrescentou, em um tom mais apropriado: "Há visitantes na cidade. Soldados vendanos — Rahtan —, pelo menos é isso o que um dos magistrados disse. Estão fazendo perguntas".

"*Filho da mãe*", sibilei, mas não alto demais, ainda esfregando a têmpora. Apanhei um jarro meio vazio e borrifei água no rosto, depois vesti a camisa. "Vamos."

As avenidas estavam lotadas de gente. A primeira colheita tinha chegado e as ruas estavam cheias de trabalhadores das fazendas que gastavam os frutos da estação em tudo que a Boca do Inferno tinha a oferecer — e os Ballenger se certificavam de que nenhuma necessidade deixasse de ser atendida. Mercadores de outros reinos também entravam no jogo. Todo mundo era bem-vindo na Boca do Inferno, exceto soldados vendanos — especialmente aqueles que chegavam fazendo perguntas. Rahtan. A guarda de elite da rainha. Talvez eu pudesse virar isso a nosso favor no fim das contas.

"Ali. Bem lá na frente. Devem ser eles", disse Mason, cujos olhos ainda estavam turvos.

Metade de nosso time ainda estava deitada no chão lá na taverna, mas estendi a mão para fazer com que Gunner, Titus e Tiago, que nos seguiam, parassem. Eu queria observar esses vendanos primeiro, ver exatamente o que faziam, e eles não pareciam estar fazendo perguntas. Havia três deles do lado de fora do mercado — três delas, mulheres —, e uma delas estava fazendo *malabarismos*. Pisquei, pensando que o magistrado havia se enganado. Era uma garota para quem eu poderia ter me animado a comprar uma bebida na noite passada, mas não tinha como entender errado: ela estava vestida para a encrenca, com uma espada pendurada de um lado do quadril e duas facas do outro. Seus longos cabelos pretos pendiam soltos sobre os ombros, e ela ria e conversava com o vendedor da loja enquanto continuava a fazer malabarismos, então...

Cutuquei Mason.

"Você viu aquilo?"

"Vi o quê?"

"Ela acabou de surrupiar uma laranja!" Pelo menos acho que a vi fazendo isso. Esfreguei os olhos, sem saber ao certo. *Sim! Ela fez isso de novo.* "Vamos", falei, indo em sua direção. Ela me avistou, seus olhos se conectando aos meus, analisando-me lentamente como se eu fosse um inseto, então assentiu para aquelas que a acompanhavam e todas saíram andando.

Que diabos!

CAPÍTULO 6

KAZI

Interceptamos os vendanos que saíam do estabelecimento do boticário — marido e mulher. Seus olhos estavam marcados pela fadiga. Sair de Venda, trocando-a pelo desconhecido, não era uma escolha fácil; ainda assim, representava a única esperança por algo melhor. O fato de ainda estarem aqui, tentando, mostrava quão desesperadamente eles queriam que isso desse certo. As localidades para o assentamento tinham sido escolhidas com cuidado e aprovadas por todos os reinos com antecipação, de modo geral perto de cidades grandes para que houvesse maior potencial de comércio e crescimento — e proteção. Mas, aqui, eles estavam recebendo o oposto disso.

Não eram apenas as potências de Morrighan e Dalbreck que queriam os vendanos divididos e dispersados; os Reinos Menores almejavam isso também, temendo o número e a força que eles já tiveram. Mas a rainha nunca os considerou uma ameaça, apenas dizia que era a coisa certa a ser feita. Eram pessoas que tinham esperança de ter um futuro mais brilhante.

As tropas viriam se as disputas não pudessem ser resolvidas, porém, antes de sua chegada, um problema mais sombrio precisava ser descortinado — com discrição. Ao menor sinal do que nós realmente estávamos buscando aqui, nossa presa se esvaneceria por completo, como havia feito antes. *Não dessa vez*, disse a rainha. Eu vi os fantasmas nos olhos dela. *Até mesmo para ela*, pensei, *eles nunca vão embora.*

"Então vocês também não conseguiram identificar os agressores?", perguntei.

"Não, nós..."

"O que está acontecendo aqui?"

Soltei um suspiro. O bando de bêbados havia nos seguido. Eu me virei e fiquei cara a cara com eles, olhando para o líder do grupo, que tinha os olhos injetados.

"Vá andando, rapaz", ordenei. "Isso não lhe diz respeito."

Os olhos dele, de avermelhados, passaram a ficar em chamas. "Rapaz?"

Ele se aproximou alguns passos e, em um movimento rápido, fiz com que ficasse de joelhos, prendendo-o contra a parede do estabelecimento do boticário e segurando uma faca em sua garganta.

O bando se adiantou, mas os homens pararam quando viram a lâmina firme junto à pele dele.

"Isso mesmo, *rapaz.* Corte a onda de seu grupinho de crápulas e continuem andando, daí talvez eu não corte seu belo pescoço."

Os músculos dele ficaram tensos sob a minha pegada, seu ombro parecia um nó de raiva, e, ainda assim, a faca estava apertada contra a sua jugular. Ele considerou a situação com cuidado.

"Recuem", disse ele, por fim, a seus amigos.

"Sensato", falei. "Pronto para seguir em frente?"

"Sim", ele sibilou.

"Bom menino", eu disse, embora agora estivesse claro para mim que não havia nada de menino em relação a ele.

Saquei a faca de seu cinto e o empurrei para longe. Ele não protestou nem tentou voltar atrás, mas, em vez disso, demorou-se para ficar em pé. Ele ficou cara a cara comigo e acenou para os demais, que estavam prontos para agir em sua defesa agora que seu pescoço estava a salvo da minha faca. Segundos se estenderam e ele me estudou como se estivesse memorizando cada centímetro do meu rosto. A vingança ardia em seu olhar. Ele levantou o braço, Wren e Synové ficaram tensas e ergueram suas armas, mas ele só passou a mão em seus cabelos espessos, tirando-os da frente do rosto, e então, ainda com os olhos fixos em mim, sorriu.

Um calafrio subiu dançando pela minha coluna. Sorrisos como o dele me deixavam desnorteada. Eu tinha um histórico com esse tipo de sorriso, que sempre significava alguma outra coisa, mas ele apenas abaixou a cabeça em despedida e disse: "Desejo a vocês uma agradável estadia na Boca do Inferno". Ele se virou e saiu andando sozinho, com seus amigos seguindo

na direção oposta, como se ele lhes tivesse enviado algum comunicado particular. Eu entendia de sinais sutis — Wren, Synové e eu costumávamos usá-los com frequência para comunicarmos nossos movimentos em silêncio —, mas, se ele tinha acabado de usar um deles, eu não percebi.

Isso me intrigou por um instante. Coloquei minha faca de volta na bainha, olhando enquanto ele desaparecia avenida abaixo. Synové e Wren fizeram o mesmo com suas armas, e o barulho ao nosso redor, que havia silenciado com a comoção, lentamente recomeçou. Voltei as costas para o casal, mas ambos permaneceram lá, rígidos, com os olhos arregalados de horror.

"Está tudo bem", falei. "Eles se foram..."

"Você sabe *quem* era ele?", perguntou-me a mulher, com tremor na voz.

"Era..."

"O *Patrei*", respondeu o marido, antes que eu pudesse terminar de falar.

Eu tinha uma descrição muito clara de Karsen Ballenger — um homem robusto, na casa dos quarenta anos de idade, com cabelos castanho-escuros, olhos sombrios, uma cicatriz no queixo — e esse homem loiro, sujo e fanfarrão não se parecia nem um pouco com ele.

"O *Patrei* é Karsen Ballenger", eu disse. "Ele é..."

"Karsen Ballenger está morto", foi a resposta do homem. "Ele morreu ontem. Esse ali era Jase, seu filho, o novo *Patrei*."

Novo Patrei? Karsen Ballenger... morto? Ontem? Não. Eles estavam enganados. Disseram-me que Karsen era jovem, feroz e saudável. Como é que...?

O anel.

Meu estômago se revirou. *O anel de sinete de ouro. Estava no dedo dele.* Avistei um reluzir de ouro quando o segurei contra a parede, mas não pensei a respeito. O anel deveria ser usado por um homem mais velho.

Minha mente girava como um turbilhão, e eu me senti sendo arrancada de meu caminho e colocada numa trilha inesperada. Eu já podia ver Natiya tendo um acesso de fúria, Griz rugindo e a rainha enterrando o rosto nas mãos.

Suguei o ar, inspirando-o profundamente. *Ainda dá tempo de resolver isso.* Se eu fosse irritar alguém que não era Karsen Ballenger, o filho dele seria a melhor das alternativas. Ainda podia dar certo. Na verdade, talvez o momento não pudesse ser mais perfeito.

Olhei na direção que ele tinha seguido. *Sozinho.*

Ele queria que eu o seguisse. Disseram-me que Karsen Ballenger tinha um ego enorme. Era óbvio que o filho dele também — talvez maior. Ele não deixaria essa humilhação passar.

"Vigiem o fim da rua", eu disse a Wren e Synové. "Não permitam que o bando dele me siga."

E fui atrás dele.

Era uma avenida silenciosa, estranhamente vazia, ladeada por fundos de lojas, latas de lixo e troncos de árvores gigantescas. Sombras se cruzavam na rua de paralelepípedos torta e sulcada. Eu não podia vê-lo, mas sabia que ele estava ali. Em algum lugar. Eu sentia a trilha quente de fúria que ele deixara para trás. Sim, eu queria que ele estivesse com raiva, mas não a ponto de querer me matar — isso não fazia parte do plano. O lugar tinha uma calma sinistra, e eu puxei a minha espada até a metade da bainha, esquadrinhando as sombras de cada lado. Procurei por sons e, um pouco mais adiante na rua, ouvi barulho de briga, um grunhido, um som de algo batendo, baixinho. Repetiram-se os mesmos sons. Virei a cabeça, tentando determinar exatamente de onde vinham. Dei mais um passo e percebi que vinham de uma viela que cruzava a rua apenas uns metros adiante. Segui em frente com cautela e o vi, mas não da forma como esperava. Ele estava amarrado e amordaçado, com sangue escorrendo de sua têmpora, preso nas garras de um homem imenso, quase do tamanho de Griz. Os dois me avistaram, e eu fui direto para o meio da rua.

"O que você acha que está fazendo?", gritei.

Eu não achava que poderia se tratar de um truque. O sangue era de verdade.

"Não é da sua conta, mocinha. Só estou limpando o lixo das ruas. Vá cuidar da sua vida."

Puxei e soltei minha espada da bainha. "Deixe-o ir", ordenei.

"Não, acho que não vou fazer isso, não. Ele é dos fortes. Conseguiremos muito dinheiro com ele."

E então eu avistei uma carroça de feno não muito longe deles, com as laterais altas e uma lona pesada jogada por cima. *Caçadores de mão de obra?* Uma visão girava diante dos meus olhos. Uma voz, vinda de um passado

remoto que eu não conseguia bloquear, expulsou o ar dos meus pulmões. Pisquei, tentando forçar as memórias a irem embora.

"Por ordem da rainha de Venda, eu exijo que você o solte agora. Ele está sob minha custódia por violações do tratado."

Os olhos de Jase Ballenger se arregalaram, e ele gemeu e lutou para tentar falar atrás da mordaça, mas o braço do homem se prendia com força em volta dele. Por um instante, me arrependi de lhe ter tirado a faca. Ele poderia ter evitado essa situação horrível.

O homem abriu um grande sorriso. "Você quer dizer que ele está preso? Bem, se você coloca as coisas dessa maneira..."

A voz dele estava cheia de sarcasmo, e as memórias enfiaram suas garras em mim de novo. *Você me trará um belo lucro.*

Jase gemeu mais alto.

"Solte-o! Agora!", ordenei.

Ouvi um som atrás de mim. Eu girei, mas foi tarde demais. Algo duro e pesado atingiu a minha cabeça e meus pés voaram, saindo do chão. Minha bochecha colidiu com as pedrinhas enlameadas do solo, e eu captei um vislumbre nebuloso de botas sendo arrastadas perto de mim, pisando na espada que ainda estava na minha mão. Eu senti que ele a puxava de mim, com suas botas cada vez mais próximas, a biqueira de uma delas cutucando o meu ombro, e então a bruma nebulosa escureceu até ficar completamente escura.

Achei que não tinha como ficar pior. Logo que acordei, não abri os olhos; em vez disso, tentei me orientar, ouvir os ruídos ao meu redor, sentir a pedra e a oscilação embaixo das minhas costas, o suor escorrendo entre os meus seios, o latejar da minha cabeça, algo agudo cortando os meus pulsos. Abri uma frestinha dos olhos. Meus pulsos estavam acorrentados, mas o pior era que minhas botas não estavam mais lá e meu tornozelo tinha sido acorrentado ao tornozelo de Ballenger.

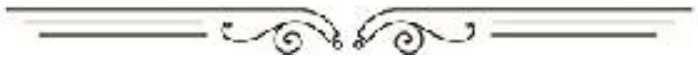
Ele estava sentado na minha frente, não mais amordaçado, e oscilava na carroça, com a lateral do rosto cheia de sangue seco incrustado e o restante brilhando com o suor. Ele viu que eu estava acordada. Sua expressão era de desalento. Provavelmente ele estava para lá de enfurecido, e com certeza fantasiava sobre como me mataria lentamente se um dia tivesse a

oportunidade. Seu escrutinar era sufocante, e eu virei a cabeça. Foi então que avistei a parte de trás da carroça. Não havia nenhuma árvore, nada de ruas, montanhas, nem mesmo colinas. Estávamos no meio de uma planície aberta e ampla, sem nada para nos esconder e nenhum lugar para onde correr. Por quanto tempo eu havia ficado inconsciente?

Isso era mais do que uma virada inesperada.

Era um deslizar descontrolado inferno adentro.

CAPÍTULO 7



JASE

A ÚLTIMA COISA QUE GUNNER E OS OUTROS TERIAM ESPERADO era que eu desaparecesse em uma carroça de feno. *Mantenha os* straza *por perto*. Minha mãe tinha dito isso uma centena de vezes. A ordem era tão prática quanto tirar os cabelos de nossos olhos toda vez que deixávamos a torre da Vigília de Tor. Eu a ouvia desde que era criança. *Esses eram tempos incertos.* Ela dizia isso ao meu pai também. Era o adeus dela. Havíamos nos tornado insensíveis em relação a isso. Os tempos sempre eram incertos, e nossos *straza* sempre estavam lá, uma presença ao nosso lado, como uma faca ou espada, que só tinham de ser vistas, não usadas. A principal diferença entre os *straza* e as outras pessoas era seu título e talvez a severidade de suas carrancas. Meus irmãos e eu éramos todos capazes de lutar nossas próprias batalhas e nós nos protegíamos. Na maioria das vezes.

Mas essa batalha, nós não a vimos chegando. Eu estava cego de raiva quando fiz um sinal para Mason — o mais leve movimento com a cabeça o fez entender. *Vá com os outros ou ela não vai me seguir. Dê a volta e me encontre no estábulo. Essa Rahtan vai ficar esperando.* Eu ainda estava profundamente irritado quando fui andando para aquela viela. *Rapaz.* Ela não sabia quem eu era, foi o que percebi, mas eu sabia que seria apenas uma questão de segundos antes que a alvorada chegasse e ela viesse atrás de mim. *Continuem andando e eu não cortarei seu belo pescoço.* Essas palavras saíram de sua boca cheias de veneno… e sinceridade! Ela o teria feito. Motivação ela tinha, sem sombra de dúvida, mas qual era eu não sabia ao certo. Ela nem mesmo me conhecia.

Mas eu também tinha motivações e era determinado. Esta é minha cidade e ela não iria ficar cuspindo ordens.

Assim que comecei a descer pela viela, eu deveria ter me dado conta de que algo assim ia acontecer. Meu pai sempre me avisava: *Se algo não parece certo, provavelmente não está. Confie em seus instintos.*

Naqueles primeiros passos, alguma coisa parecia deslocada, mas minha intuição estava fraca por causa de uma noitada de cerveja *ale*, e na metade da viela meu estômago encontrou a minha raiva e eu me dobrei para vomitar. Enquanto eu limpava a boca, uma bigorna me atingiu na cabeça, e eu coloquei a culpa nela — foi quando o caçador de mão de obra me golpeou e me derrubou no chão. Eu não tinha ouvido sua aproximação, tampouco entendia quem ou o que ele era logo de cara. Enquanto me amordaçava e me atava, pensei que talvez pudesse ser um Rahtan também, mas então ele chamou um outro homem, mais distante na viela, dizendo que conseguiria um bom preço por mim.

E aí ela apareceu e exigiu que eu fosse solto.

Eu olhava para ela agora, deitada na minha frente. Ela não se mexera a manhã toda, e eu me perguntava se ela sequer acordaria. Eu não sabia por que tinha tentado avisá-la de que o brutamontes estava se esgueirando para cima dela por trás. Talvez porque tenha percebido que ela teria uma chance de escapar. Eu tinha visto quão rápida ela podia ser quando chutou as minhas pernas, quase arrancando-as de mim, na Boca do Inferno. Fiquei remoendo isso tudo, ou, talvez, tenha sido algo mais parecido com ferver os pensamentos em fogo lento.

Meu estômago ainda estava detonado, vazio. Os caçadores não nos haviam dado nada além de água desde ontem, quando nos pegaram. Observei que o peito dela mal se mexia, sua respiração tão curta que às vezes eu achava que nem ao menos estava respirando. O homem a havia atingido com força, e eu imaginava que ela deveria estar com um galo consideravelmente grande na nuca. A garota hesitara ao me avistar na viela, como se alguma coisa a houvesse distraído. Suas reivindicações haviam desaparecido e uma expressão de perplexidade cruzara seu rosto. Talvez fosse apenas por ter visto sua presa sendo arrancada dela bem debaixo de seu nariz.

Rahtan. A palavra, e tudo aquilo que eu achava que significava, se contorcia em meus pensamentos. Eu já tinha visto Rahtan em Ráj Nivad,

mas nenhum como ela. Eles pareciam assassinos e brutamontes, e eram *grandes.* Ela mal passava da altura do meu ombro. E, diabos!, eles certamente nunca faziam *malabarismos.* Nada em relação a ela fazia sentido. Poderia ser uma impostora? Alguém enviada por Paxton? Mas eu a ouvira falando em vendano logo que nos aproximamos. Ninguém falava daquele jeito por aqui, exceto outros vendanos.

Suas pálpebras tremeram. Ela finalmente estava voltando a si, embora seus olhos permanecessem fechados; mesmo assim, seu peito se mexia e sua respiração estava mais plena. Ela estava acordada, e avaliava a gravidade da situação em que se encontrava. Isso eu poderia lhe dizer. Era grave. Muito grave.

Esse tipo de escória não se aventurava pelos lados da Boca do Inferno fazia anos. Eles tinham medo dos Ballenger. Porém, com os assentamentos se mudando para lá, eles provavelmente acharam que poderiam fazer o mesmo. *Abra mão de um punhado e você perderá tudo.* Meu pai estava certo. Todas as gerações dos Ballenger haviam estado certas. Nós não abriríamos mão de nada mais; nem mesmo um punhado de solo seria compartilhado.

Os olhos dela se abriram e encararam as mãos acorrentadas, os nossos tornozelos algemados um ao outro, e, por fim, se ergueram para encontrar os meus. Eu não disse nada, apenas fiquei encarando, deixando que tudo aquilo fosse absorvido e digerido.

Ainda planeja me prender? Talvez não.

Eu já havia passado a noite toda tentando afrouxar as correntes ou abrir suas trancas com uma lasca de madeira que tinha pegado na carroça. As trancas estavam firmes e nós estávamos presos. Ela virou a cabeça, encarando os fundos da carroça, e, pela primeira vez, encolheu-se. Se era medo, disfarçou rapidamente e se forçou a ficar sentada na lateral da carroça. Ela se contraiu como se sentisse dor enquanto levantava. Eu me perguntava se ela teria quebrado alguma coisa quando bateu com tudo nas pedras do pavimento. Metade de seu rosto ainda estava coberto de terra. Ela olhou ao redor, notando todos os outros que estavam acorrentados na carroça — seis de nós no total.

"Bem-vinda à festa", falei.

Ela olhou para mim, imperturbável. Seus olhos eram luas douradas e enfumaçadas, suas pupilas, pontinhos astutos que buscavam determinar o ponto exato de algo, armando esquemas, ou talvez fosse apenas o golpe

que ela levara na cabeça que fizera com que parecessem assim. Seu foco se voltou novamente para as mãos acorrentadas, e mais uma vez ela fitou nossos tornozelos unidos, examinando-os durante longos e deliberados minutos. Eu suspeitava que isso era o que mais a enfurecia. Se ela nutria esperanças de que pudesse pular da traseira da carroça e sair correndo, eu era sua âncora. Ela examinou lentamente os outros. Nós dois éramos os únicos com algemas nas pernas, talvez por causa da posição em que nos encontrávamos no fundo da carroça, mas as mãos de todos os outros estavam atadas como as nossas. Eles tinham expressões vazias, desanimadas. Reconheci dois deles da Boca do Inferno, um da tanoaria e um outro da oficina do ferreiro. Ela voltou os olhos para o motorista, estudando-o por um longo tempo. Ergueu o queixo, como havia feito quando me disse para continuar andando. Eu sabia que algo estava por vir.

"Condutor!", ela gritou. "Pare a carroça. Tenho de fazer xixi."

O condutor deu risada e falou por cima do ombro. "Você perdeu a pausa para mijar, querida. Se você precisa mesmo, mije bem aí onde está."

"Eu preferiria não fazer isso", foi a resposta dela.

"E eu preferiria não ouvir seus choramingos. Cale a boca!"

Ela estreitou os olhos. Eu a cutuquei com o pé. *Não*, falei, só mexendo os lábios, sem emitir nenhum som. Ele havia socado repetidamente um dos outros prisioneiros, um homem que não parava de gemer, até que tivesse perdido os sentidos, e eu não queria que ela bagunçasse meu próprio plano de fuga. Eu avistara um machado debaixo do assento do motorista. Fácil de pegar, se surgisse a oportunidade.

Um grande sorriso iluminou os olhos dela. *Um grande sorriso.* Qual era o problema dela? Essa garota ia forçar a barra com ele.

"*Deixe isso quieto*", sussurrei entre os dentes cerrados.

"Condutor, eu realmente tenho de fazer xixi." Ele se virou rápido, furioso, mas antes que pudesse falar, ela disse: "Vou lhe dar um presente para compensar o incômodo".

A fúria dele deu lugar a uma risada. "Já tenho tudo de valor que peguei de você. Espada. Facas. Colete. Aquelas botas chiques."

Ela se inclinou para a frente. "Que tal uma charada? Algo para ocupar sua mente por todos esses longos e temerosos quilômetros? Isso, sim, é um tesouro, não é?"

A expressão dele mudou. Sem sombra de dúvida, qualquer proposta

contendo a palavra *tesouro* atraía sua atenção gananciosa. Como já não sobrara nada tangível para pegar, esse outro prêmio passava a lhe parecer bastante atraente.

"Me dá", disse ele, exigente.

"Xixi primeiro."

"Charada primeiro."

Ela sentou-se, relaxada. "Muito bem, mas vou lhe avisar: você não vai encontrar a resposta até que eu vá fazer xixi."

Ele assentiu, feliz com o trato, e disse que estava preparado. Fiquei observando enquanto ela, como uma especialista, o empurrava contra a parede, mas eu nem mesmo sabia qual era o seu objetivo. Tudo isso para fazer xixi? Eu achava que não.

"Escute", ela instruía com a voz animada, como se estivesse se divertindo.

Minhas escamas são grossas, meu olhar é aguçado,
Eu ataco e pulo com fúria, mas não sou rápido.
Tenho dois pés e, ainda assim, não consigo me levantar.
Minha cabeça é repleta de areia do mar.
Cuspo um intenso fogo, mas minha luz é difusa,
Sou presa fácil do acaso e dos caprichos profusa.
Tenho o peito vazio, sem tesouros, a esmo,
Não lamento pela perda de algo que nunca me fez falta.
Sou menos que nada e mais do mesmo,
Uma pedrinha branca em um jogo onde a aposta é alta.

"Um lagarto!", disse o condutor, tentando adivinhar de imediato. Ele fez mais tentativas, focando-se apenas em uma pista de cada vez, sem juntar nenhuma delas. *Um deserto! Um cavalo! Um dragão!* Ela disse "não" para todas as respostas, e ele se mexeu com raiva no assento. Ordenou-lhe que repetisse a charada várias vezes, o que ela fez, mas todas as suas tentativas de adivinhar a resposta só conseguiam um "não" da parte dela. Quanto mais a frustração dele crescia, mais à vontade ela ficava. Suas mãos esticavam e seus dedos se contorciam, como se ela estivesse esperando por alguma coisa.

"*Diga-me!*", exigiu ele.

"Pausa para fazer xixi", foi a réplica dela.

Ele rugiu uma série de xingamentos e então berrou: "Ô!", puxando as rédeas. Ele gritou para os caçadores que seguiam adiante, fazendo o reconhecimento do caminho: "Esperem!". Sua face estava púrpura de raiva. Ele saltou do assento e foi pisando duro até a traseira da carroça. Eu não tinha dúvida alguma de que ele pretendia arrancar a resposta dela na porrada.

"*Conte*", falei em um sussurro. "*Agora! Eu não quero ficar acorrentado a uma massa disforme de sangue.*"

Ela me examinou com o olhar e sorriu. "Eu cuido disso, menino bonito."

Eu me perguntava se ela tinha perdido a noção das coisas quando foi atingida na cabeça. Ela levantou os braços, tirando a camisa de dentro da calça de modo que ficasse solta, no exato momento em que o condutor apareceu na traseira da carroça.

"Diga-me", ele grunhiu. "Agora! Pausa para fazer xixi *depois.*"

"Como vou saber se..."

Ele a agarrou pelos ombros, puxando-a para a frente. Apoiando-se nele, em um único movimento suave como o ar, ela surrupiou as chaves enganchadas na lateral de seu corpo, sem movimentos bruscos ou barulho, colocando-as embaixo da própria camisa.

"Tudo bem!", disse ela, cedendo ao seu comando. "Tudo bem! Eis a sua resposta."

Ele a empurrou para longe, à espera.

"Um tolo. Um tolo de cabeça oca." Ela mexeu a cabeça com uma timidez afetada. "E eu estava tão certa de que *você* conseguiria sacar a resposta da charada."

O homem percebeu, por fim, o que ela estava fazendo. Ele girou o braço e a parte de trás de seu punho cerrado se encontrou com o maxilar dela, derrubando-a. Ele a encarou com ódio. "Quem é tolo agora? Eu tenho a resposta e você não tem pausa para fazer xixi. Mije nas calças, vadia."

Pisando duro, ele retornou ao seu assento e voltou a conduzir a carroça.

Ela se endireitou, tentando recobrar os sentidos enquanto o sangue escorria do canto de sua boca, e seus olhos se encontraram com os meus. Ninguém, nem mesmo os outros, viu o que ela havia feito. Ela fez um movimento em direção às minhas mãos. Inclinei-me para a frente, então ela fez com que as chaves deslizassem de sua camisa e, num movimento lento e velado, destrancou as minhas correntes. Sem fazer barulho, eu as

coloquei no piso da carroça. Os demais notaram, e eu coloquei o dedo nos lábios para que eles não soltassem um pio a respeito. Peguei as chaves dela e fiz o mesmo com as correntes que prendiam seus pulsos. Ansiosas, as outras pessoas que estavam ali murmuravam, vendo o que se sucedia, e lançavam suas mãos adiante para que também fossem libertadas, enquanto os tinidos de suas correntes causavam comoção. O condutor retumbou, gritando por cima do ombro: "Quietos!".

Todos ficamos paralisados, e então, com cautela, soltei as algemas do homem que estava ao meu lado. Ele pegou as chaves e fez o mesmo com o homem ao lado dele.

A garota chutou o meu pé e assentiu na direção das nossas pernas enquanto as chaves viajavam para longe de nosso alcance. Nossos tornozelos ainda estavam acorrentados um ao outro. Acenei para os dois últimos homens para que nos devolvessem as chaves, mas eles estavam entrando em pânico, incapazes de encaixar as chaves nos buracos das trancas, com medo de que o condutor se virasse e os visse.

Coloquei os dedos nos lábios para alertá-los, mas um deles começou a ter dificuldades e, entre choros e soluços, disse para o outro: "Anda logo!".

O outro prisioneiro acabou por libertá-lo, não antes de o condutor se virar e ver o que estava acontecendo.

"Espalhem-se!", gritei, na esperança de distraí-lo enquanto eu me lançava para cima das chaves, que haviam caído desajeitadamente dos dedos do último homem. Os outros correram por cima de nós, pulando da traseira da carroça, chutando as chaves para longe do meu alcance.

O condutor gritava, alertando os homens que cavalgavam à frente, e eu o vi se inclinar para pegar o machado abaixo de seu assento. A garota também se lançou para cima do machado enquanto as chaves eram chutadas na confusão caótica dos prisioneiros que fugiam em debandada a caminho da liberdade. Eu quase as tive em minhas mãos, quando ela gritou: "Em cima!".

Eu rolei no exato momento em que o machado rachava e dividia o piso da carroça bem onde minha cabeça estivera. Agarrei o cabo do machado enquanto o condutor o soltava da madeira, e começamos a batalhar pelo controle da arma. Eu consegui ficar em pé, mas, com uma perna acorrentada, estava em desvantagem.

"Fique com ele, seu canalha imbecil!", eu berrei, soltando o machado e

empurrando o homem.

Enquanto ele tropeçava para se equilibrar, desferi um golpe com o braço, meu punho cerrado esmagando sua garganta, afundando-a para dentro. Seus olhos ficaram esbugalhados e ele caiu da carroça de costas, respirando pela garganta com dificuldade e ruidosamente, incapaz de puxar o ar. Estava praticamente morto; um outro caçador, montado a cavalo e carregando uma maça cheia de espetos na mão, voltou-se em nossa direção logo depois de derrubar um outro prisioneiro. O homem tinha os olhos fixos em mim.

A garota apanhou as chaves e as segurou com o punho cerrado. Naquele momento, ela estava tentando encaixá-las na tranca em nossos tornozelos para nos libertar, mas eu gritei: "Corra!". Não era hora para isso. Agarrei seu braço e puxei-a junto a mim. Caímos aos tropeços na terra, enquanto a maça do caçador girava acima de nossas cabeças e seu cavalo pisoteava o chão ao nosso redor. Afastamo-nos juntos e entramos embaixo da carroça bem no momento em que a maça dividia a madeira sobre as nossas cabeças. Rastejamos para o outro lado e saímos correndo a passos desajeitados, com as correntes entre nós. "Por aqui!", gritei.

O caçador nos seguia de perto, mas eu sabia o que estava bem à frente e só rezava para que ela conseguisse me acompanhar no mesmo ritmo. Se tropeçássemos, estaríamos acabados. Estávamos conseguindo manter o mesmo passo, a corrente batendo ruidosamente entre nós, as chaves ainda firmes nas mãos dela. A planície chapada se transformou num longo e íngreme declive que dava para o rio lá embaixo. Em apenas um movimento, saltamos e rolamos, dando cambalhotas, as algemas cortando nossas pernas enquanto nos separávamos e nos juntávamos no que parecia uma infinita cascata descendo pela terra arenosa, incapazes de deter a queda, até que atingimos uma superfície plana acima do rio.

"As chaves!", a garota gritou. A mão dela estava vazia. Haviam se perdido durante nosso longo tropeço.

Nos desemaranhamos e ficamos de pé, com os tornozelos sangrando onde o ferro das algemas os cortara. Olhamos para trás, para o declive por onde havíamos descido, na esperança de ver o brilho de uma chave enferrujada.

"Que inferno!", sibilei. O caçador estava cruzando a margem íngreme em seu cavalo, *ainda* atrás de nós.

"*Fikat vide*", a garota grunhiu e olhou para trás, de relance, procurando uma rota de fuga. Não havia para onde escapar, apenas o rio, que estava a uma longa distância.

"Você sabe nadar?", perguntei. "Não quero ser arrastado para o fundo por causa de um peso morto."

"Vamos lá, menino bonito", ela disse, fitando-me com ferocidade. E então pulou, puxando-me com ela.

CAPÍTULO 8

KAZI

NADAR?

Não muito. Havia poucas oportunidades para nadar na Cidade do Sanctum. O Grande Rio era por demais frio e violento. Eu tivera algum treinamento, enquanto Rahtan, mas nada mais que o básico da flutuação. Não havia nenhum lugar onde praticar.

Mas essa pergunta acusadora me ofendeu. *Ele* ser arrastado para o fundo por um peso morto? Foi ele quem passou as chaves para os outros antes de nos libertar e foi ele quem nos empurrou ladeira abaixo, fazendo com que eu as perdesse. O caçador estava se aproximando rapidamente e um outro vinha logo atrás dele, com as armas em prontidão para golpear nossas cabeças ou para, pelo menos, nos incapacitar o suficiente e nos arrastar de volta para a carroça. O caminho para o rio ainda era longo, mas eu seria a encarregada de nos empurrar. Agarrei o braço dele e pulei.

Pareceu uma eternidade até atingirmos o rio, cuja superfície se revelou surpreendentemente dura quando irrompemos por ela. A batida veio feroz contra minhas costelas, e seguimos rolando correnteza adentro. Eu não sabia para que lado ficava a superfície, e meus pulmões rebentavam, tentando respirar. Eu chutava e me debatia, procurando a superfície, o ar, o caminho para cima, mas só havia milhares de bolhas, lampejos de luz, espirais de escuridão e uma pressão contra meu peito. O último fôlego que tomei se esvaía enquanto eu chutava desesperadamente, e então senti algo me agarrando, dedos cravando em meu braço, me puxando bruscamente para cima, até que irrompi na superfície, ofegante, arquejando.

“Incline-se para trás!”, ele gritou. “Cruze as pernas! Pés para a frente!” Jase tinha me puxado, de modo que eu me encontrava entre seus braços, apoiada em seu peito, nossos pés seguindo a direção do rio enquanto as corredeiras nos golpeavam, fazendo-nos girar. Porém, toda vez que ele endireitava o curso, acabávamos disparando pelo rio como folhas sem rumo varridas de sua superfície. As margens de ambos os lados não estavam longe, mas eram ladeadas por penedos e estávamos em tão grande velocidade que não conseguíamos nos agarrar às pedras. Eu me engasguei quando a água bateu na minha boca e no nariz. Os braços dele me seguraram com firmeza, puxando-me para trás enquanto eu tentava me esticar para cima.

“Relaxe junto ao meu corpo”, ele ordenou. “Siga a correnteza. Quando o rio ficar mais largo e mais calmo, seguiremos até a lateral.”

A sobrevivência dele dependia da minha, e a minha, da dele. Realmente éramos as âncoras um do outro. A única coisa boa em relação à temerosa viagem pelo rio era que essa aventura estava nos levando para bem longe dos caçadores de mão de obra. A correnteza por fim se tornou mais lenta, e faixas de margens arenosas começaram a aparecer.

“Um pouco mais adiante”, disse ele, com o rosto perto do meu, “para nos certificarmos de que eles não conseguirão nos seguir.”

Já tínhamos percorrido um quilômetro e meio — ou mais — rio abaixo. Minhas pernas latejavam, e eu fiquei aliviada quando ele começou a se movimentar em direção a uma das margens. Por fim, senti meus pés tocarem o fundo, e nós dois saímos aos tropeços do rio. Desmoronamos na riba, ofegantes. Meus cabelos eram uma massa emaranhada na frente do rosto, meu coração ainda socava o peito. Olhei de relance para o lado. Ele estava deitado de costas perto de mim, os olhos fechados, o peito subindo e descendo, e seus cabelos pingavam feito cordões encharcados.

Eu até poderia ter deixado uma ameaça para trás, mas agora estava acorrentada a outra — no meio do nada. Não tinha como fingir que éramos amigos, e agora eu não tinha nenhuma arma. Nem ele. Mas ele era inegavelmente maior e mais forte, e eu já tinha visto o que seu punho era capaz de fazer. Estava claro que eu precisava de, pelo menos, uma trégua temporária.

Assim que consegui respirar direito, perguntei: “E agora?”.

Ele virou a cabeça para o lado e olhou para mim, um olhar demorado,

firme e abrasador. Seus olhos estavam límpidos, o atordoamento da bebida há muito desaparecido, e suas íris no mesmo tom de marrom-escuro da terra sobre a qual ele estava deitado.

"Você tem alguma coisa em mente?", ele me perguntou.

Eu não soube ao certo se foi sarcasmo ou humor. Talvez ambos, mas seus olhos permaneciam firmes nos meus. Um fôlego inconstante pressionava os meus pulmões.

"Só estou dizendo que sei que você não gosta de mim, e eu não gosto de você, mas até que possamos ficar livres um do outro, acho que teremos de tirar o melhor que pudermos dessa situação."

Ele piscou. Longa e lentamente. Era sarcasmo. E repulsa. Ele desviou o olhar, erguendo os olhos para o céu, como se pensasse no assunto.

"Você tem um nome?", ele perguntou, sem olhar para mim.

Fiz uma pausa, não sabendo ao certo por que parecia arriscado dizer meu nome. Era algo estranhamente pessoal, mas fui eu quem sugeriu que tirássemos o melhor da situação.

"Kazi", falei, esperando que ele zombasse.

"E seu nome de família?"

"Vendanos não usam sobrenomes. Somos conhecidos pelo lugar de onde viemos. Eu sou conhecida como Kazi de Brightmist. É um quadrante na Cidade do Sanctum."

Ele repetiu meu nome bem baixinho e não disse mais nada além disso, seu olhar fixo no alto. Eu tinha certeza de que ele estava conjurando todas as formas pelas quais poderia se livrar de mim. Se ele tivesse aquele machado para cortar fora o pé que me prendia a ele... Por fim, ele se levantou e estendeu a mão, esperando que eu a segurasse. Com cautela, agarrei seu pulso e ele me ajudou a ficar em pé; ele não soltou o meu braço, mas, em vez disso, me puxou para perto. E olhou para mim.

"Eu também tenho um nome, embora você goste de me chamar de menino bonito. Jase Ballenger", disse ele. "Mas você provavelmente já sabia disso, não sabia? Considerando que pretendia me *prender.*"

Segundos desconfortáveis decorreram e ele ainda segurava meu braço com força. Nuvens escuras passaram em lampejos por seus olhos. Nossa trégua teve um começo questionável.

"Prender você não era algo iminente", foi a minha resposta. "Ainda havia perguntas a fazer e acusações para revisar, daí eu intimaria você para

discutirmos a questão mais a fundo."

"*Você me intimaria?* A Boca do Inferno é a *minha* cidade. Você acha que é quem, exatamente?"

Seu pior pesadelo, Jase Ballenger. Eu estava soltando fogo pelas ventas, mas moldei minhas palavras em uma resposta calma. "Você quer que tiremos o melhor desta situação ou não?"

Exaltado, ele sugou o ar com lentidão, engolindo em seco as palavras que viriam a seguir. Soltou meu braço e se virou, absorvendo os arredores como se estivesse avaliando nossa situação. "Tudo bem, Kazi de Brightmist, vejamos se conseguimos tirar o melhor disso tudo e cair fora daqui." Seu olhar pulou para a cadeia de montanhas na margem oposta e então se voltou para a floresta atrás de nós. "Eu acho..." Ele balançou a cabeça e seu dedo se moveu levemente para a direita. "Eu acho que há um assentamento naquela direção. A forma de civilização mais próxima que haveremos de encontrar e que não nos colocará de volta ao caminho dos caçadores. Talvez cento e cinquenta quilômetros."

Cento e cinquenta quilômetros? Acorrentada, descalça, sem armas nem comida? E com alguém que era praticamente tão confiável quanto a piscadela de um mercador. Mas eu tinha certeza de que ele também tinha a sobrevivência em mente.

"Que tipo de assentamento?", eu quis saber.

"O único tipo de assentamento que se tem por aqui. Um dos *seus.*" Ele não fez tentativa alguma de esconder sua desaprovação.

Olhei na direção para a qual ele havia apontado, ainda indecisa. "Onde fica a Boca do Inferno a partir daqui?", eu quis saber.

"Do outro lado do rio, onde os caçadores estão. E fica a mais de um dia de cavalgada a leste."

Um dia? Será que eu tinha sido nocauteada e acabei ficando inconsciente por tanto tempo assim? Meu estômago roncou, confirmando o fato, e essa conclusão ressoou com alguma verdade. Havia um outro assentamento vendano bem a oeste da Eislândia. Casswell era um dos primeiros e maiores assentamentos — entre centenas. Eles teriam os suprimentos e os recursos para nos ajudar, de uma forma ou de outra.

A corrente trepidava ruidosamente entre nós, e ele ficou mexendo os pés.

"Então?", ele perguntou. "Você tem alguma ideia melhor?"

No momento, não.

"Vamos seguir na direção do assentamento", respondi.

"Mas...", disse ele, se aproximando de mim e estreitando os olhos, "eis a verdadeira questão: *se* eu levar você de volta para a civilização, você ainda vai me intimar e me fazer mais perguntas?"

Essa era uma ameaça velada? *Se eu levar você de volta?* Agora, a corrente que nos conectava parecia uma garantia abençoada de que eu não seria espancada assim que virasse as costas. Tudo em relação à sua postura era de uma confiança presunçosa. Isso era um jogo para ele. Um desafio. E eu iria morder a isca.

"Eu seria uma tola se respondesse isso agora, não seria? Considerando a minha situação."

Ele parecia estar se divertindo, e uma bufada saltou de seu peito. "Eu diria que você seria uma tola se não respondesse agora."

Fiquei ali, encarando-o, tentando julgar quanto daquilo era arrogância e quanto era ameaça genuína.

"Então vamos simplesmente concordar em seguir nossos caminhos separados assim que chegarmos ao assentamento? Sem trapaças, sem ganhos."

"Caminhos separados", disse ele. "De acordo."

Bebemos água uma última vez no rio, pois não sabíamos quando nos depararíamos com água fresca novamente, e então parei para mexer com o pé numas pedrinhas que tinha visto na margem. Peguei uma e a virei em minha mão.

"Isso é para mim?", ele perguntou.

Ergui o olhar de relance. Dessa vez, humor. Um largo sorriso iluminava seus olhos. Ele não era nada previsível, o que só aumentava minhas apreensões. Lordes de quadrantes e seus egos gananciosos eram tão fáceis de prever quanto um dia de neve no inverno. Todas as minhas conversas com Jase pareciam uma dança, um passo para a frente, um passo para trás, um giro, ambos conduzindo, antevendo, perguntando-se qual seria o próximo movimento. Ele não confiava em mim mais do que eu confiava nele.

"Pedra para fazer fogo", foi minha resposta. "E a fivela do meu cinto é feita de um material parecido com a pederneira. Os caçadores podem ter levado meus bens valiosos, mas pelo menos meu cinto não tinha valor para eles. Uma fogueira será bem-vinda esta noite."

Ele olhou para o meu cinto, uma fivela de metal oval e marrom em forma de serpente se destacando, e assentiu, aprovando a minha ideia. Um passo adiante.

"Então é melhor que eu fique de olhos abertos para ver se conseguimos algum jantar."

Ele já ia caminhando na direção da floresta.

"Aguenta aí", falei. "Antes de irmos, preciso que você vire de costas."

"O quê?"

"Tenho que fazer xixi. Vire."

"Nós acabamos de sair de um rio. Por que você não fez xixi lá?"

"Talvez porque eu estivesse fazendo uma coisinha chamada lutar pela minha vida."

"Você quis dizer que eu estava lutando pela sua vida. Você só estava acompanhando o passeio."

"*Vire*", ordenei.

"Dar as costas para você?"

Sorri. "Não se preocupe", foi minha resposta, cuspindo as mesmas palavras de volta na cara dele. "Eu não ia querer ficar acorrentada a um *peso morto.* Você está seguro, menino bonito."

"E eu não ganho nem uma charada primeiro?"

Estreitei os olhos.

Ele se virou devagar. "Anda logo."

Eu já tinha feito coisas mais humilhantes, imagino, mas no momento não conseguia me lembrar de nenhuma. Fiz as minhas necessidades rapidamente. Tirar o melhor da situação não seria fácil.

Quando ele se virou novamente, estendeu o braço na minha direção e eu me encolhi. Minha mão ficou em riste, pronta para atacar.

"Ei! Calma aí", disse ele, recuando. "Eu só ia dar uma olhada no seu rosto. Você tem um machucado que vai ficar roxo aí."

Ergui a mão e toquei o maxilar, sentindo o calor de um machucado recente.

Ele deu de ombros. "Não estou dizendo que não valeu a pena, pois você pôs as mãos nas chaves, mas isso me leva a perguntar: existe alguma coisa que você não faria para conseguir o que quer?"

Eu o observei com cautela.

"Algumas coisas", foi a minha resposta.

Mas não muitas.

CAPÍTULO 9

JASE

Apanhei um longo galho de madeira que estava jogado na margem do rio e quebrei em dois, entregando um para ela. Serviria como apoio e proteção, caso precisássemos. Eu duvidava que os caçadores cruzariam o rio atrás de nós. Para eles, éramos apenas mercadoria e lhes seria menos custoso, em termos de tempo e problemas, capturar novas vítimas. Mas também havia ameaças de quatro patas por aqui.

"Vamos afiá-los depois", falei.

Andamos pela floresta, contornando o denso labirinto formado por árvores antigas de anéis amarelos. Seus troncos eram grossos, nenhum muito mais largo do que o meu braço, mas cresciam muito próximos uns dos outros, transformando nosso caminho em um ziguezague constante. O chão da floresta era um tapete espesso de folhas apodrecidas, uma almofada macia sob nossos pés descalços. Outros trechos da jornada não seriam assim tão fáceis. Mais adiante, enfrentaríamos um rio de areias quentes como brasa, mas, caminhando no ritmo certo, conseguiríamos atravessá-lo no frescor da noite.

Revelar a direção do assentamento tinha sido um tiro no escuro. Eu não sabia ao certo quão bem ela conhecia o terreno. Mesmo que lhe fosse familiar, era fácil confundir florestas ou planaltos por aqui, e ela estivera o tempo todo inconsciente na carroça de feno. Meu tiro se provou certeiro. Ela não sabia onde estávamos realmente — a leste ou a oeste da Boca do Inferno.

Achei que ela aceitaria mais facilmente me acompanhar se pensasse que

estava se dirigindo a um assentamento vendano. A alternativa seria carregá-la presa no meu ombro, o que delongaria ainda mais o caminho. E ele já era longo o bastante. O rio nos havia tirado do rumo, e não seríamos capazes de avançar com rapidez com essa corrente entre nós — especialmente sem sapatos.

Ela não iria gostar do lugar aonde estávamos indo, o que me trouxe alguma satisfação, visto que não havia muito mais com que estar satisfeito no momento. Eu precisava chegar em casa rápido. Mais do que nunca, esta era uma época em que a família precisava estar reunida, mostrando uma linha de frente unificada. Precisávamos fortalecer nossas posições. Olheiros já tinham sido enviados para postos remotos, observando e detectando ameaças. Outras ligas estavam sempre em contenda, competindo por uma fatia do comércio lucrativo da Boca do Inferno, na esperança de substituir os Ballenger. Toda vez que vinha para a cidade, Paxton se comportava como um lobo farejando o ar em busca do cheiro de sangue. Se eu não estivesse por lá, ele nos perceberia vulneráveis e assoviaria para chamar o restante da alcateia. O mesmo se daria com os líderes das outras ligas. Eles saberiam que havia algo errado. A cidade ficaria inquieta também, perguntando-se onde eu poderia estar. Cada dia, cada minuto em que eu estivesse fora, só faziam multiplicar os meus problemas. Os outros me dariam cobertura, esperando pelo melhor e orquestrando algo para fazer com que tudo parecesse bem. Os planos para o funeral teriam de seguir em frente. Curvei os dedos na palma da minha mão, desejando bater em alguma coisa.

Hoje haveria a preparação e o envolvimento do corpo do meu pai. Minha família estaria fazendo o ritual sem mim. Amanhã abririam e limpariam o túmulo, acenderiam uma lanterna e uma prece diária seria oferecida pela família na expectativa do enterro, daí, dentro de duas semanas, seu corpo seria colocado sobre a lápide para a despedida final e a cerimônia de fechamento. E então, uma vez que a tumba estivesse fechada e selada, a sacerdotisa recitaria uma prece para o novo *Patrei*. Mas eu não estaria lá. Os visitantes ali reunidos para prestar homenagens se indagariam sobre o motivo da minha ausência, e os temores e sussurros correriam desenfreados. Assim como os lobos. Minha família corria riscos, e a cidade também — tudo por causa dela.

Eu me perguntava se ela era realmente uma Rahtan. Sim, ela era

habilidosa, mas não tinha muito vigor nem músculos — mesmo que tenha conseguido me sobrepujar e me jogar contra a parede. Mas malabarismos? Charadas? *A idade dela.* Sua confiança e seu comportamento eram como os de um cínico soldado posto à prova, mas na aparência era jovem — mais jovem do que eu, disso eu tinha certeza. Seus cabelos negros caíam em espessas e longas ondas, e suas mãos eram delicadas, os dedos mais apropriados para um piano do que para uma espada.

Ou para tirar chaves de um cinto.

Minhas dúvidas duplicaram. Olhei-a de esguelha, e notei que suas bochechas estavam ruborizadas de calor. Ainda assim, ela continuava me acompanhando a passos rápidos.

Pensei na rainha que a enviara e também nas últimas palavras do meu pai.

Faça com que ela venha. Os outros haverão de notar. Isso validará nossa posição neste continente.

Os Reinos Menores e seus territórios não tinham participado da batalha, mas todo mundo tinha conhecimento da guerra travada entre os Reinos Maiores e sabiam quem era a rainha que conduzira um vasto exército a uma vitória surpreendente. Ela poderia ter escolhido qualquer soldado habilidoso ou um assassino de elite de três reinos diferentes para investigar violações no tratado. Por que essa garota?

"Você realmente conhece a rainha?", perguntei.

Ela me dirigiu um olhar cortante, mas sua resposta — uma única palavra — foi branda.

"Sim."

Até mesmo em uma simples palavra eu podia ouvir uma centena de nuances — em sua maioria arrogantes, condescendentes e superiores.

"Como foi que vocês se conheceram?"

Ela fez uma pausa, ponderando a resposta.

"Eu a conheci quando jurei a minha lealdade como soldada."

Mentira.

"Você a conhece bem?"

"Muito bem."

Mais perguntas levavam a mais respostas concisas, e eu não sabia ao certo se alguma delas era verdadeira. Parei abruptamente e me coloquei em seu caminho para bloqueá-la. A pergunta que prometi a mim mesmo que não

faria acabou borbulhando e saindo mesmo assim.

"Por que você não gosta de mim?"

Ela ficou me encarando, confusa.

"O quê?"

"Lá no rio você disse que não gostava de mim. Eu quero saber por quê."

Ela revirou os olhos como se aquilo fosse óbvio e tentou se esquivar. Mais uma vez bloqueei seu caminho. Então ela olhou para mim, os olhos suaves e calmos feito o mar no verão, e disse sem piscar: "Porque você é um oportunista. Você é uma fraude. Você é um ladrão. Devo continuar?".

Minhas costas ficaram rígidas, mas eu me forcei a dar uma resposta tranquila.

"Isso tudo não quer dizer a mesma coisa?"

"Há diferenças. Será que nós podemos conversar e andar ao mesmo tempo?"

"Talvez você esteja certa", respondi, e voltamos a andar lado a lado. "Só um ladrão de verdade para conhecer as sutilezas. Eu vi você roubando aquelas laranjas."

Ela deu risada.

"Você viu, foi? Eu *paguei* por aquelas laranjas. Você e seu bando de capangas estavam bêbados demais e muito cheios de si para ver qualquer coisa além de seus próprios narizes inebriados. Consigo enxergar gente da sua laia a um quilômetro de distância."

"*Gente da minha laia*?" Endireitei os ombros, lutando para permanecer calmo. Ela não tinha qualquer respeito nem temor pelos Ballenger, e eu não estava acostumado com isso. "Você não sabe nada sobre mim."

"Sei o bastante. Li sua longa lista de infrações. Roubar dos mercadores. Ataques contra caravanas. Roubo de gado. Intimidação."

Dei um passo à frente e me coloquei em seu caminho, bloqueando-o outra vez.

"Ah, então é isso o que você tem — uma tendenciosa lista vendana. As pessoas da *sua laia* têm alguma ideia de quão difícil é sobreviver no meio de tudo e de todos? Cercado por reinos em todos os lados? Com todo mundo pensando que tem o direito de entrar no seu território e tomar o que quiser? Avançando ao menor sinal de fraqueza? Meu mundo não é o seu mundo." Minhas têmporas ardiam e minha voz crescia. "Os vendanos ficam sentados atrás de suas muralhas altas e seguras, na extremidade mais

afastada do continente, redigindo novos tratados e treinando suas belas e bocudas soldadas de elite que não fazem a mínima ideia do que é lutar para sobreviver!" Minha voz baixou, tornando-se um rosnado. "E você, Kazi de Brightmist, não tem qualquer entendimento do problema que me causou. Eu deveria estar em casa com a minha família, *protegendo-os*, mas estou aqui, acorrentado a você!"

Meu peito subia e descia de raiva, e eu esperava por uma resposta cáustica, mas, em vez disso, ela piscou devagar e disse: "Pode ser que eu saiba mais a respeito de sobrevivência do que você pensa".

Suas pupilas eram poços negros e profundos flutuando em um círculo âmbar de calmaria, mas suas mãos a traíam, rígidas ao lado do corpo, preparadas para o ataque. Havia uma guerra sendo travada dentro dela, uma guerra que ela reprimia, abocanhando-a feito uma cobra venenosa dotada de um autocontrole perturbador.

"Vamos", falei. Um abismo intransponível separava os nossos mundos. Era inútil tentar fazer com que ela entendesse.

Caminhamos em silêncio, com o clangor da corrente entre nós repentinamente amplificado.

Ela mantinha o controle, fria como aço, o que me deixava com raiva de mim mesmo por ter perdido o meu. Isso não era típico de mim, por isso meu pai me nomeara *Patrei*. Eu não era o mais velho, mas o menos impulsivo, e essa era uma característica valorizada pelo meu pai. Eu pesava as vantagens e os custos de cada palavra e atitude *antes* de agir. Alguns me consideravam distante e arredio. Mason falava, com admiração, que isso fazia de mim um cretino frio como pedra, mas essa garota havia me empurrado para o limite da impulsividade e da inconsequência, algo que eu nem mesmo conhecia. Sua resposta tranquila só me empurrou ainda mais.

A garota sabia alguma coisa de sobrevivência. Eu me perguntava se ela poderia saber mais do que eu.

> *Um ao outro. Segurem-se um ao outro porque é isso o que irá salvá-los.*
>
> Contenho as lágrimas, já aterrorizado, porque os outros estão observando. Empilho punhados de terra, plantas e galhos quebrados, rochas, uma coisa em cima da outra, até que o corpo dele esteja escondido. É o melhor que eu posso fazer, mas sei que os animais

haverão de encontrá-lo ao cair da noite. A essa altura, ele estará bem atrás de nós.

Quantos mais eu terei de enterrar?

Eu grito para o ar, deixando escapar uma onda de lágrimas e fúria.

Nenhum outro!, eu grito.

A sensação da raiva é boa, libertadora, como ter uma arma quando não se tem mais nada além disso.

Coloco um graveto na mão de alguém. E depois mais um e mais outro, até que o mais jovem de todos esteja segurando um. Miandre reluta. Aperto minha mão em torno da sua até que ela se retraia, seja de dor ou de medo, forçando-a a segurar a clava. Se morrermos, morreremos lutando.

— Greyson Ballenger, 14 anos —

CAPÍTULO 10

KAZI

EU DEVERIA ESTAR COM A MINHA FAMÍLIA.

Já fazia uma hora que ele estava em silêncio. A morte de seu pai me atingira em uma surpresa, e agora eu achava que tinha sido algo inesperado para ele também. Embora Karsen Ballenger fosse o implacável fora da lei que abrigava um batalhão de rufiões, segundo relatara o rei da Eislândia, ele ainda era o pai de Jase e só estava morto havia dois dias.

Eu duvidava de que Jase se importasse com o fato de eu gostar ou não dele ou que o chamasse de ladrão — mas ele realmente gostava da família e não estava lá com eles para enterrar o pai, ou o que quer que eles fizessem com os mortos na Boca do Inferno.

Nos últimos meses do reinado do Komizar, eu tinha observado o luto de Wren pela morte de seus pais. Eu a vi cair sobre seus corpos ensanguentados, assassinados na praça da cidade, gritando para que eles se levantassem, batendo em seus peitos sem vida e implorando para que abrissem os olhos. Eu tinha visto Synové dias depois da morte dos pais dela, entorpecida, com os olhos arregalados, incapazes de enxergar além das lágrimas.

Tinha sido estranho invejar o pesar delas. Eu invejava a explosão e o encerramento daquilo tudo — os soluços e as lágrimas. Àquela altura, fazia cinco anos que minha mãe havia sumido e eu nunca vivera o luto pela morte dela, pois nunca a vi morrer. Seu adeus veio lentamente, no decorrer de meses e anos, em pedacinhos embotados, nas horas mundanas em que eu tinha de trabalhar para continuar viva. Dia após dia ela se

esvanecia; a cada tenda que eu encontrava vazia, outro pedaço dela me era levado embora. Todas as choupanas e casas para dentro das quais eu me esgueirava não continham parte alguma dela, nenhum amuleto, nenhum cheiro, nada do som de sua voz. Suas memórias se tornavam imagens desconectadas e borradas, mãos cálidas envolvendo minhas bochechas, um cantarolar desafinado enquanto ela trabalhava, palavras que flutuavam no ar, seu dedo pressionando meus lábios. *Shhh, Kazi, não diga uma palavra.*

Eu me perguntava se Jase também havia perdido sua chance de vivenciar o luto. Uma noite de bebedeira não chegava a ser uma despedida.

"Sinto muito pelo que aconteceu com seu pai", falei, mas ele continuou andando, e sua resposta foi apenas um aceno de cabeça. "Como foi que ele morreu?"

Ele cerrou o maxilar e as palavras saíram velozes e cortadas: "Ele era um homem, não um monstro, como você imagina. Ele morreu como todos os homens morrem, um sopro de vida por vez".

Ele ainda sentia raiva. Ainda sofria o luto. Ele apertou o passo, e eu soube que o tópico estava encerrado.

Mais uma hora se passou. Minhas pernas doíam enquanto eu tentava acompanhar o ritmo dele, e meu tornozelo estava em carne viva por causa da algema. O tecido fino da minha calça provia pouca proteção contra o pesado metal. Mantive os olhos atentos para ver se achava algum louro ou dente-de-leão para fazer um unguento, mas a floresta parecia ter apenas árvores e nada mais.

"Você está mancando", disse ele, subitamente quebrando o silêncio. Aquelas não eram as primeiras palavras que eu esperava dele, mas tudo em relação a Jase era inesperado. Isso me deixava cautelosa.

"É só o terreno irregular", respondi, mas notei o ritmo das passadas dele diminuindo.

"Como está a sua cabeça?", ele me perguntou.

Minha cabeça? Ergui a mão, pressionando suavemente o galo e me encolhendo de dor.

"Vou sobreviver."

"Estava observando você na carroça. Seu peito. Por um tempo, não o vi se mexer. Achei que você estivesse morta."

Eu não sabia bem como responder.

"Você estava observando o meu peito?"

Ele parou e olhou para mim, parecendo repentinamente sem graça e jovial, de modo algum um assassino implacável.

"Quero dizer..." Ele começou a caminhar de novo. "Quero dizer que eu a estava observando para me certificar de que você ainda respirava. Você estava completamente inconsciente."

Eu sorri — em algum lugar dentro de mim que ele não haveria de ver. Era revigorante vê-lo ruborizando, só para variar.

"E por que você se importaria com isso?"

"Eu estava acorrentado a você."

A dura realidade.

"Ah, certo", respondi, sentindo-me murchar. "Não é divertido estar preso a um cadáver. Peso morto e tudo mais."

"Eu também sabia que você poderia ser útil. Vi como você foi rápida..." Ele fez uma pausa como se tivesse se arrependido de admitir isso, então eu terminei o pensamento.

"Quando derrubei você? Quando o prendi na parede lá na Boca do Inferno?"

"Sim."

Pelo menos havia algum grau de honestidade nele.

À tarde, quando encontramos um riacho, paramos para descansar. A floresta estava ficando menos densa e havia pouca sombra, sob o sol implacável. Jase achava que nós logo estaríamos completamente fora da floresta, cruzando o planalto de Heethe. Olhei para cima, analisando a posição do sol no céu. Apenas umas poucas horas de luz pela frente. O frescor da noite seria bem-vindo, mas a perspectiva de um planalto aberto, de um amplo céu noturno e de dormir sem uma tenda já era algo como uma fera correndo, uma garra em forma de aviso descendo pelas minhas costas. Uma tenda. Era ridículo pensar nisso agora. *Mantenha a compostura, Kazi*, pensei, mas não era assim tão simples e nunca tinha sido. Não era algo que eu poderia simplesmente dizer a mim mesma para me convencer, não importava quantas vezes tentasse.

"Talvez devêssemos parar aqui e passar a noite, não?", sugeri.

Jase apertou os olhos para ver o sol.

"Não. Ainda podemos ter mais algumas horas de caminhada."

Relutante, assenti. Eu sabia que ele estava certo — quanto mais cedo chegássemos ao assentamento, mais cedo eu estaria de volta à Boca do Inferno para que as outras soubessem que eu ainda estava viva e que a missão não tinha sido abandonada. Ele também estava ansioso para chegar lá. Apesar de arrastar uma corrente de mais ou menos um metro entre nós, em momento algum ele diminuíra o ritmo, até notar que eu estava mancando. Mas dormir ali fora, totalmente exposta... Do jeito que as coisas andavam, já seria difícil o bastante dormir embaixo dessas míseras árvores. Uma respiração frouxa deslizou por meus pulmões.

Mergulhei as mãos no riacho, borrifando água em meu rosto, bebendo uns goles e imaginando a mim mesma daqui a uma semana, no meio de uma cidade cheia de gente. Jase se ajoelhou ao meu lado e, por fim, afundou a cabeça na água rasa, esfregando o rosto e o pescoço. Quando voltou à superfície e penteou os cabelos para trás eu vi o talho em seu cenho, de quando os caçadores o aprisionaram. O corte era pequeno e já não havia sangue incrustado, mas isso me fazia imaginar por que ele quis que eu o seguisse por aquela rua vazia lá na Boca do Inferno. O que será que ele havia planejado para mim antes de ter sido interceptado pelos caçadores? Dividir uma xícara de chá é que não tinha sido.

Enxaguei o meu pescoço e os meus braços com a água fresca, desejando que o riacho fosse profundo o bastante para tomar um banho completo, mas então avistei o lampejo prateado de algo melhor.

"Vairões!" A uns poucos metros de distância, dezenas de vairões brilhantes nadavam com velocidade em uma lagoa escura criada por um agrupamento de rochas.

"Jantar?", disse Jase, esperançoso.

Não tínhamos cruzado com nenhum fruto, grão ou cogumelos, nem mesmo um esquilo para espetar com nossos galhos. A única possibilidade para o jantar estava na água, então os peixes, por menores que fossem, deixaram-me animada, e aparentemente o mesmo lhe ocorreu. Mas conseguir pegar aqueles anjos escorregadios era uma outra questão.

"Tire sua camisa", falei. "Cada um segura um lado do tecido e daí os encurralamos. Como se fosse uma rede."

Ansioso, ele puxou a camisa pela cabeça, e minha animação pelos vairões

foi substituída pelo desconforto. Perguntei a mim mesma se deveria desviar o olhar, mas estávamos acorrentados tão próximos um do outro e, além disso, fui tomada por uma estranha curiosidade. Ele segurou a camisa nas mãos e eu fiquei observando a água escorrendo de seus cabelos, em filetes, atravessando seu peito, seu abdômen, e os músculos que os definiam. Engoli em seco. Isso explicava a força de seu soco quando ele matou o caçador, e sua pegada quando me puxou para os seus braços no rio e me segurou junto ao corpo. Uma tatuagem de algum ser alado ondeava o ombro direito, cruzando o peito e descendo pelo braço. Senti minha boca ficando repentinamente seca. Synové teria muito a dizer sobre isso se estivesse aqui; quanto a mim, os pensamentos e as palavras ficaram presos na minha língua. Ele me pegou encarando-o.

"É parte do brasão de armas dos Ballenger", disse ele.

Agora era eu quem estava ruborizada e sentia minhas bochechas ficando quentes. Ele pôs a mão no canto da boca, tentando conter um sorriso, o que só fez com que eu me contorcesse mais. Apanhei a camisa de suas mãos.

"Vamos pegar o jantar, sim?"

CAPÍTULO 11

JASE

Foram necessárias várias tentativas para pegar os malditos viscosos. Eles eram espertos e disparavam pela rede improvisada, mas, juntos, acabamos aperfeiçoando nossa técnica, seguindo em frente sorrateiramente e, ao mesmo tempo, fazendo com que o tecido formasse vergalhões de modo que pudéssemos pegar os peixes. Eu assoviei quando pegamos o primeiro e, depois de várias tentativas, tínhamos uma dúzia de peixes magrelos de uns dez centímetros cada empilhados na margem. Não era muito, mas neste momento meu estômago achava que eles se pareciam com um suculento porco assado.

"Cozidos ou crus?", ela me perguntou enquanto levava um à boca.

Empurrei sua mão para baixo antes que pudesse comer o peixe.

"Cozido", falei, sem tentar esconder a minha repulsa. A última coisa que eu coloquei no estômago tinha sido um tonel de cerveja *ale*, e peixe nenhum iria nadar ali.

"Não olhe para mim como se eu fosse uma selvagem", ela disse, irritada.

"Nós simplesmente temos gostos alimentares diferentes, e os meus incluem a caça morta."

Eu cuidava da fogueira enquanto ela começava a espetar os peixes em dois gravetos para serem assados.

Enquanto os vairões chamuscavam no fogo, soltando chiados com o calor, ela olhou para o meu peito de novo, agora deliberadamente, e, mesmo quando eu percebi, seu olhar continuou em mim.

"Isso é uma águia?", ela perguntou.

“Parte de uma.”

“Fale sobre o brasão de armas. O que ele representa?”, ela quis saber. “Eu nem mesmo sabia que vocês tinham um.”

É claro que ela não sabia disso. Ela não sabia nada sobre nós.

“É difícil falar sobre o brasão de armas sem contar toda a história dos Ballenger, e eu duvido que você queira ouvir, considerando a opinião que tem de nós.”

“Experimente. Gosto de histórias.”

Desferi-lhe um olhar cético de relance. Mas ela ficou lá sentada, atenta e esperando.

“Começou com o primeiro Ballenger, o líder de todos os Antigos.”

“Todos?” Ela ergueu as sobrancelhas, já contestando o que eu estava dizendo.

“Isso mesmo. Anos depois dos Últimos Dias…”

“A devastação, você quer dizer.”

Eu sabia que havia muitas versões e palavras diferentes para descrever a vingança dos deuses contra o mundo.

“Tudo bem, a devastação, mas não me interrompa a cada palavra que eu disser.”

Ela assentiu e ficou ouvindo em silêncio enquanto eu contava que o líder dos Antigos, Aaron Ballenger, havia coletado alguns Remanescentes que tinham sobrevivido, poupados pelos deuses, na maioria crianças, e os conduzia a um lugar onde eles ficariam em segurança. Porém, antes que pudessem chegar à torre da Vigília de Tor, eles foram atacados por abutres e o líder morreu. Enquanto jazia ali, moribundo, ele encarregou seu neto, Greyson, de liderar o grupo e conduzi-lo pelo restante do caminho.

“Greyson encontrou este símbolo”, expliquei, deslizando a mão pelo peito, “quando eles chegaram na torre da Vigília de Tor — ou, pelo menos, em uma versão dela —, na entrada de um abrigo seguro, e o adotou como o brasão de armas dos Ballenger.”

“Então ele foi o primeiro líder de vocês?”

“Sim. Ele tinha só catorze anos e a missão de cuidar de vinte e duas pessoas que ele não conhecia, mas que se tornaram sua família. O brasão de armas foi alterado com o passar das gerações, mas algumas partes permaneceram as mesmas, como a águia e o estandarte.”

“E as palavras?”, ela fez um gesto na direção do meu braço.

Dei de ombros.

"Não sabemos exatamente o significado. É um idioma perdido há tempos, mas, para nós, elas significam *proteger e defender a todo custo*."

"Mesmo se o custo for a morte?"

"A todo custo quer dizer a todo custo." Ergui o olhar de relance para o céu, que já tinha ganhado um tom púrpura crepuscular, com umas poucas estrelas começando a brilhar. "Está tarde demais para partirmos agora. Teremos de acampar por aqui esta noite."

Ela assentiu e quase pareceu aliviada.

O sol tinha ido embora fazia horas, e nós fitávamos a pequena fogueira crepitando aos nossos pés. A luz cintilava nos troncos de anéis amarelos que nos cercavam.

"Nunca tinha visto árvores como essas, tantas e tão finas", disse ela.

"Reza a lenda que a floresta cresceu a partir do pó de ossos e que toda árvore contém aprisionada a alma de alguém que morreu na devastação. É por isso que elas sangram vermelho quando são cortadas."

Ela estremeceu.

"É um pensamento horripilante."

Contei-lhe outras lendas menos terríveis, algumas delas sobre as florestas e montanhas que cercavam a torre da Vigília de Tor. Contei até mesmo uma história sobre as *tembris* que se erguiam alto no céu, feito torres, servindo aos deuses como apoio para os pés, além de carregarem a magia das estrelas.

"Onde foi que você aprendeu todas essas histórias?"

"Eu cresci com elas. Passei boa parte da minha infância ao ar livre, explorando todos os cantos da torre da Vigília de Tor, geralmente com o meu pai. Ele me contou a maioria das histórias. E você? Como foi a sua infância?"

O olhar dela voltou-se rapidamente para o próprio colo, seu cenho ficando cada vez mais franzido. Por fim, ela ergueu o queixo com ar de orgulho.

"Muito parecida com a sua. Passei muito tempo ao ar livre."

Ela pôs um fim à conversa, dizendo que provavelmente estava na hora de dormirmos um pouco.

Mas ela não dormiu. Eu me deitei e fechei os olhos, porém, vez ou outra, quando os abria, ela ainda estava lá sentada, curvada, abraçando os joelhos. Será que a minha história sobre os espíritos aprisionados em árvores a havia assustado? Era estranho vê-la tão vulnerável agora; mais cedo, ela tinha se mostrado agressivamente impulsiva quando disse aquela charada para o caçador, desafiando-o, sabendo que ele lhe bateria. Não havia nela uma gota de medo sequer, mesmo que nada estivesse a seu favor. Eu me perguntava se isso era algum tipo de truque. Será que ela estava prestes a aprontar alguma coisa?

"Fica difícil dormir se você não se deitar", eu disse, por fim.

Relutante, ela se deitou, mas seus olhos continuaram abertos, seu peito se erguendo em respirações profundas e controladas, como se ela as estivesse contando. Seus braços tremeram, mas a noite estava cálida. Não era nenhum truque.

"Você está com frio?", perguntei. "Posso colocar mais galhos no fogo, se precisar."

Ela piscou várias vezes, como se estivesse envergonhada por eu ter notado o tremor.

"Não, estou bem", disse ela.

Mas ela não estava nem um pouco bem.

Fiquei analisando-a por um minuto, então disse: "Conte-me uma charada, Kazi. Para me ajudar a dormir".

Ela hesitou, mas só um pouco, e por fim pareceu feliz em ter alguma outra coisa com que ocupar a mente, além de tudo o que estivera à espreita por ali. Ela rolou para o lado e ficou de frente para mim, acomodando-se.

"Ouça com atenção", disse ela. "Eu não vou repetir uma dúzia de vezes como fiz com o caçador."

"Você não vai precisar fazer isso. Sou um bom ouvinte."

Ela disse as palavras de maneira lenta e cuidadosa, como se estivesse imaginando o mundo por trás da imagem que pintava. Eu observava seus lábios enquanto formavam cada palavra, sua voz relaxada e suave, mais uma vez confiante, seus olhos dourados fitando os meus, certificando-se de que eu prestava atenção e de que não perdia nada.

Meu rosto é cheio, mas também definho,
Minha palidez se revela com qualquer brilhinho.

Sussurro docemente para a coruja da floresta,
E o triste lobo, aos uivos, recebe um beijo na testa.
Pares de olhos me espiam, de oceano em oceano,
Ainda assim, sozinha, ouço os enamorados jurando.

Fiquei encarando-a, engoli em seco, meus pensamentos repentinamente embaralhados.

"E então?", ela perguntou.

Eu sabia a resposta, mas prolonguei o momento com diversas tentativas erradas, provocando-lhe o riso. Era a primeira vez que eu a via dando risada genuinamente e sem qualquer fingimento, e isso me preencheu com um estranho irromper de calor.

"A lua", respondi por fim.

Nossos olhares se encontraram, e ela parecia saber o que eu estava fazendo.

"Conte outra", eu falei.

E ela contou. Mais uma dúzia delas, até que suas pálpebras ficaram pesadas e ela enfim caiu no sono.

Preparem seus corações,

Pois nós devemos não somente estar prontos

Para o inimigo de fora,

Mas também para o inimigo de dentro.

— Canção de Jezelia —

CAPÍTULO 12

KAZI

Acordei com um peso me mantendo imóvel. Senti o calor de outra pele sobre a minha. A mão de alguém na minha boca. "*Shhh. Não se mexa.*" O rosto de Jase pairava próximo ao meu.

Tentei me soltar, mas o peso dele me prendeu com ainda mais força. E foi então que eu ouvi. Passos. O esmagar de folhas. Uma respiração.

Jase pressionou sua boca perto do meu ouvido. Um sussurro mínimo. "*Não se mova, não importa o que aconteça.*"

Um alvoroçar de folhas e passos descuidados, tão pesados que pareciam não se incomodar com o barulho que faziam.

O céu acima de nós ainda estava escuro, apenas tingido com a alvorada, a silhueta escura das árvores mal esboçando seu contorno acima de nós. O rosto de Jase era uma sombra perto da minha, e seu coração batia forte junto ao meu peito.

Alguma coisa grande se movia pesada e desajeitadamente na nossa direção, agigantando-se como uma montanha negra e balouçante. Cada pisada fazia meu corpo inteiro tremer. Jase não podia falar agora, a criatura estava perto demais, mas consegui sentir a tensão em seus músculos me pedindo para que eu ficasse parada. Algo que ia contra todos os meus instintos. *Corra, Kazi, esconda-se.* Porém, fiquei imóvel sob o peso dele, o suor escorrendo entre os nossos corpos. A criatura farejou o ar e, quando nos viu, abriu a bocarra, uma caverna escancarada, cheia de dentes imensos, e um terrível rugido atravessou a floresta. Meus músculos ficaram tensos, mas Jase me segurou com firmeza, imóvel. A criatura se

aproximou, chegou tão perto que a respiração pesada tocou nossas peles, um cheiro repulsivo e sufocante, como se dela emergissem todas as fornalhas do inferno. Um murmúrio vibrou como um aviso, sua boca sentindo o gosto do ar, nossos gostos, sua língua rolando por nossa pele. A criatura soltou uma bufada, como que desapontada, desviou-se e foi embora. Permanecemos imóveis enquanto a aurora se insinuava sobre nós; quando os passos da criatura haviam por fim desaparecido, Jase soltou o ar que estivera prendendo por muito tempo e tirou a mão da minha boca.

Ele olhou para mim, nossos rostos ainda próximos, e o momento se partiu, em descompasso, tropeçando em longos e paralisados segundos, seu peito ainda pulsando junto ao meu. Ele piscou, como se finalmente recuperasse o foco, e rolou para o lado, deitando próximo de mim.

"Eu não pretendia esmagar você", disse ele. "Não tive tempo de acordá-la. Você está bem?"

Será que eu estava bem? O medo se dissipava, transformando-se em maré baixa, e, ainda assim, minha pulsação estava a mil. Eu ainda sentia a pressão do corpo dele sobre o meu e o calor de sua pele.

"Sim", falei com a voz rouca. "O que era aquilo?"

Ele explicou que se tratava de um urso candok e que eles preferiam peixe a pessoas, mas que não tinha como fugir deles nem matá-los caso percebessem alguém como uma ameaça. Se a pessoa não fizesse nenhum movimento súbito, eles geralmente a deixavam em paz.

Geralmente. Agora eu me sentia como Wren, entendia sua necessidade de certezas quando o assunto eram os racaas e suas preferências em termos de carne — especialmente porque eu ainda tinha a lembrança da língua molhada e infernal do urso degustando meu rosto.

"Devemos ir embora, caso ele volte", disse Jase, pondo-se de pé. Ele deu dois passos, tropeçou e caiu, com a corrente sendo puxada bruscamente entre nós dois. Jase soltou um xingamento. "Esqueci dessa coisa."

Ele ficou em pé e apanhou sua camisa na rocha onde havia sido deixada para secar na noite anterior. Fiquei observando enquanto ele a vestia, vendo as penas tatuadas em sua pele desaparecendo sob o tecido, e pensei em como ele havia se esquecido da corrente e do *peso morto* ao qual ele estava preso, embora, ainda assim, tenha ficado em cima de mim, tentando me proteger.

No decorrer dos dias que vieram, chegamos a um ritmo surpreendentemente confortável e descontraído.

Silêncios eram raros, e por isso eu era grata. Ele me contou sobre outros animais que viviam nesta região, muitos deles mortais, que eu ainda não tinha tido o prazer de conhecer. Ele esperava encontrar um bando de *meimóis* pelo caminho, um sinal que apontasse para a presença de um pássaro suculento e saboroso que fazia túneis sob o solo na região. Ele olhou para a ponta afiada de seu cajado improvisado, dizendo que não era difícil empalar o pássaro.

"Como é que você sabe tanto sobre esta região?", perguntei, indicando o horizonte com um gesto amplo da minha mão.

"É território dos Ballenger."

"Tão longe? Este lugar deve ficar a mais de cento e cinquenta quilômetros da torre da Vigília de Tor."

"Possivelmente."

Soltei um grunhido, mas não disse mais nada. Meu silêncio era tão incômodo quanto um cutucão.

Por fim, ele soltou um suspiro e um sorriso sardônico repuxou sua boca.

"Tudo bem, Kazi de Brightmist, diga-me: qual é exatamente a sua definição de ladrão?"

Seu tom não era de raiva. Parecia mais uma súplica para me entender, e eu me perguntava se ele estivera ponderando sobre isso desde que o chamei de ladrão, há alguns dias.

"Para os vendanos, a definição de ladrão em nada difere de outros povos. São aqueles que tomam coisas que não lhes pertencem."

"Por exemplo?"

"Gado."

"Você está se referindo ao gado *shorthorn* que tomamos dos vendanos? Aquilo foi pagamento por terem invadido nosso território."

"Vocês não tinham o direito de pegar nem mesmo um *shorthorn*, mas fizeram muito mais do que isso. Vocês lhes tomaram tudo. Queimaram os campos. Destruíram os cercados dos animais. Tomaram seus suprimentos e mantimentos."

Ele balançou a cabeça em negativa.

"Um *shorthorn.* Foi só isso. Todo o resto que você disse são os vendanos aumentando o que realmente aconteceu."

“Eu mesma vi os danos.”

“Então outras pessoas fizeram tudo isso. Não nós.”

Olhei de relance para o perfil dele, me perguntando se estaria mentindo. Uma veia se contorcia em seu pescoço, e ele parecia absorto com o que eu disse. A notícia o deixou perturbado. Ou talvez fosse apenas eu quem o perturbava. Não deixei barato.

“E quanto às caravanas de mercadores que vocês atacaram?”

“Apenas sob determinadas circunstâncias, quando atravessam nosso território.”

“Você quer dizer quando *cruzam* o seu caminho.”

Ele parou de andar e olhou para mim.

“Isso também.” Não havia nenhum pedido de desculpas na expressão dele. Seu tom tranquilo já não estava mais lá.

“Mas as fronteiras de vocês não são definidas. Vocês nem deveriam ter assentamentos no Cam Lanteux, para começo de conversa. Vocês estão violando a lei, violando os antigos tratados. Como podem se autoproclamar donos de tudo?”

“Bem, talvez os antigos tratados em momento algum tenham se dado ao trabalho de nos consultar. A torre da Vigília de Tor existe há mais tempo do que qualquer reino — inclusive Venda. E, sim, nós temos fronteiras, mas talvez nossas linhas sejam desenhadas de forma diferente das linhas de vocês. Elas se estendem até onde for necessário para nos sentirmos seguros. Temos vivido segundo as nossas leis e sobrevivemos por meio delas por séculos. Venda não tem direito algum de se meter nisso.”

“E quanto a *vocês* se intrometerem? Os negócios que vocês exploram na Boca do Inferno? Também é uma de suas leis?”

A cor se acentuou em suas têmporas.

“A Boca do Inferno foi nossa muito tempo antes de se tornar parte da Eislândia. Erguemos a cidade dos escombros e ruínas, e protegemos todo mundo que vive lá. Ninguém se beneficia à custa dos outros.”

“Protegeram todo mundo de *quê*?”

Ele olhou para baixo, para a corrente entre nós.

“Quer que eu faça uma lista? Nosso mundo é diferente do seu. Minha família não precisa explicar nada a Venda.”

Eu estava preparada para discutir mais, para ressaltar que a Boca do Inferno estava localizada no território da Eislândia, e que era jurisdição

deles protegê-la como julgassem adequado — isso não cabia aos Ballenger, que extraíam dinheiro na base do medo —, mas tentei me lembrar de que meu objetivo primário não era educá-lo, mas obter informações, e a ira dele estava crescendo. Logo voltaríamos ao silêncio.

Ele já havia me contado a história dos Ballenger, mas agora eu me perguntava sobre sua família, que ele havia mencionado mais de uma vez e que representava um impulso motivador em sua vida. Eu contemplava a possibilidade de conhecer uma família inteira de brutamontes marginais, que possivelmente haviam acolhido um traidor fugitivo. Para que propósito eles lhe dariam refúgio? Parecia que tudo se tratava de uma transação para os Ballenger. Nada era de graça. O que será que eles estariam ganhando com isso?

Amaciei meu tom de voz, tentando redirecionar a conversa. Eu já havia reconhecido seus tiques — a linha reta e firme de seus lábios, suas narinas dilatadas, os músculos do pescoço ficando tensos, seus largos ombros sendo puxados para trás. Seu orgulho e ego gigantesco quando falava de sua família era sua fraqueza, e eu precisava entender isso porque, para uma ladra, entender e explorar as falhas e desvantagens de seu oponente era a primeira regra do jogo. E ele *era* meu oponente. Eu precisava lembrar a mim mesma disso, porque ele acabou não sendo o que eu esperava que fosse, e alguma parte de mim o achava...

Eu não sabia ao certo qual era a palavra. Talvez o termo mais seguro fosse *intrigante.*

Porém, enquanto ele falava de sua família, essas características não pareciam uma fraqueza, de forma alguma. Talvez fosse apenas a mera quantidade de familiares que me impressionava. Ninguém tinha uma família assim tão grande em Venda. Nunca. Além da mãe, ele tinha seis irmãos e três irmãs. Também havia tias, tios, primos e primas. A maior parte vivia na cidade. Ele me disse seus nomes, mas eram muitos para que eu conseguisse me lembrar de todos, exceto por alguns. Gunner e Titus eram seus irmãos mais velhos, Priya, sua irmã, era a mais velha deles, e Nash e Lydia, que tinham apenas seis e sete anos de idade, eram as mais jovens — ainda novas demais para participarem de reuniões familiares. Essas reuniões eram um evento formal em que todos se juntavam em volta de uma mesa para tomar decisões a respeito dos negócios familiares. Eles faziam votações para as decisões de maior importância.

“E tem o Mason também”, disse Jase. “Ele é um outro irmão. Tem a mesma idade que eu, dezenove anos. Meus pais o acolheram quando ele tinha apenas três anos, depois que os pais de Mason morreram. Nós somos a única família que ele já conheceu. Ele também participa das votações.”

“E qual é o seu papel nisso tudo?”

“Sendo o *Patrei*, eu tomo a decisão final.”

“Você pode invalidar os votos da família?”

“Sim… *Se* eu estivesse lá, mas, como você deve ter notado, eu nem mesmo passei um dia inteiro como *Patrei* ainda.”

“E esse é o problema que você acha que eu causei.”

Sua resposta foi um silêncio afirmativo, mas depois ele disse: “Eu não deveria ter seguido por aquela viela sozinho, mas esperava encontrar apenas você, nada de caçadores, então eu dispensei os meus *straza*”.

“*Straza?*”

Ele me explicou que os *straza* eram guardas pessoais. A família inteira tinha.

“Você tem tantos inimigos assim?”

“Quando temos poder, temos inimigos”, foi a resposta dele. “E você? Você tem família?”

Senti um aperto na garganta. Desde que eu perdi a minha mãe, família para mim era apenas um inconveniente, uma desvantagem. Até mesmo me tornar próxima de Wren e Synové parecia um risco terrível. O mundo era muito mais seguro quando tínhamos apenas nós mesmos a perder.

“Sim”, foi a minha resposta. “Eu tenho família. Meu pai e minha mãe moram em Venda.”

“Como eles são?”

Busquei uma resposta, algo que o fizesse parar com as perguntas.

“Felizes. Contentes. E muito orgulhosos de sua única filha”, falei, e então mudei o rumo da conversa.

Embora a fome não fosse uma estranha para mim, nossas buscas por alimentos tinham sido escassas, de modo que fiquei para lá de contente quando chegamos a um riacho e eu avistei talos de dente-de-leão crescendo em suas margens. Fiquei surpresa por ele não conhecer a planta. Em Venda, eram como uma guloseima de verão crescendo em amplos

matagais, nos brejos. Eu e minha mãe costumávamos colhê-las no exterior das muralhas da cidade. *Faça um desejo, Kazi. A cada uma que você pegar, faça um desejo para amanhã, para o dia seguinte e para o próximo. Um deles sempre haverá de se tornar realidade.*

A magia dos desejos, é claro, residia apenas no ato de fazê-los, pescando um anseio oculto lá no fundo de nós, moldando-o em palavras para que se tornasse realidade e jogando-o em um misterioso desconhecido que talvez, apenas talvez, estivesse ouvindo. Até mesmo aos seis anos de idade eu sabia que desejos não se tornavam realidade, mas eu os fazia mesmo assim. A sensação de fazê-los era plena e selvagem, tão indulgente e maravilhosa quanto um raro jantar de pombos e chirivias. Por alguns minutos, um desejo me colocava uma espada na mão e me concedia poder sobre a crueldade do nosso mundo.

Peguei várias plantinhas, fazendo desejos em silêncio a cada uma que colhia. Jase olhou para meu punhado de talos como se fossem ervas daninhas.

"O que eles fazem além de conceder desejos?"

Era óbvio que ele nunca tinha ficado sem ter o que comer por um dia na vida, muito menos por uma semana inteira.

"Você vai ver", foi a minha resposta.

Sentamos na margem, refrescando nossos tornozelos no riacho, e eu lhe disse para mascar o talo.

"Não coma o talo, apenas engula seu suco."

Expliquei-lhe que o suco não era diferente do néctar e tão nutritivo quanto.

"Mas a verdadeira magia reside nisto", falei e peguei o talo suculento que eu havia mastigado, abrindo-o para que ficasse esticado e plano. "Dê-me seu tornozelo", eu disse, apontando para aquele que estava acorrentado ao meu. Ele tirou o pé do riacho e eu deslizei o talo esticado sob a algema, onde sua pele estava cortada.

"Você já vai sentir a diferença", falei. "Isso tem..." Olhei de relance para ele e me deparei com seus olhos focados em mim, e não no tornozelo. Fiquei paralisada, pensando que ele estava prestes a dizer alguma coisa. Nossos olhares permaneceram firmes um no do outro, e havia perguntas nos olhos dele, mas não do tipo que eu teria como responder. Minha respiração parou, ficando presa no meu peito.

"É esquisito, não?", disse ele.

"O quê?", respondi com uma pergunta, a voz baixa demais.

"Esses momentos em que não estamos nos odiando."

Engoli em seco e desviei os olhos, mas parecia que não havia mais para onde olhar. Aquele instante só foi ficando cada vez mais desconfortável, e meu maxilar doía de tanto que eu o tensionava. Ele estava certo, *era* esquisito. Não era algo em que eu fosse boa. Eu era boa em sair correndo, fugir, desaparecer. Não nisso. Não em confrontá-lo repetidas vezes, sem nunca estarmos a mais de um metro de distância um do outro, e eu odiava o fato de que, na verdade, eu o achava... *atraente.* Eu não deveria ter gostado dele de modo algum. E eu também odiava as outras coisas que havia notado nele, coisinhas que chamavam a minha atenção, como quando seus cabelos caíam sobre os olhos quando ele se curvava para acender a fogueira, a curva interessante que sua sobrancelha direita fazia quando ele estava com raiva, as quatro pequenas sardas em seu braço, que formariam um *J* se o desenho de uma linha as conectasse, o jeito como a luz captava a barba por fazer em seu queixo. Eu era uma especialista em detalhes, mas não gostava dos detalhes que via. E odiava o fato de achá-lo atraente. Não apenas sua aparência, mas a confiança em seus passos, o olhar conspirador, sua arrogância, sua maldita voz. Eu odiava as borboletas que se mexiam na minha barriga quando eu o pegava olhando para mim. Eu não era Synové!

Talvez, acima de tudo, eu odiava o fato de encontrar alguma bondade nele. Odiava ter ficado com um nó na garganta naquela primeira noite, quando me dei conta de que ele estava tentando me ajudar a dormir, como vinha fazendo todas as noites desde então. Aqueles que eu havia enganado e roubado no passado nunca tinham sido bondosos. Assim, era fácil fazê-los de tolos e furtá-los.

"Você estava dizendo... que o talo tem...?", ele me perguntou.

Eu sabia que ele estava tentando fazer com que eu pensasse em algo coerente e, assim, ficasse ocupada.

"Propriedades curativas. Ele tem propriedades curativas."

"Toma, deixe-me colocar este aqui no seu tornozelo."

"Eu consigo fazer isso sozinha", falei e peguei o talo mascado dele, manuseando-o e virando-o repetidas vezes, enquanto o pressionava no meu tornozelo.

“Eu acho que você já está com ele na posição certa”, disse Jase, e eu finalmente parei de movê-lo.

Ficamos ali sentados por silenciosos minutos, mascando mais talos e quebrando vários outros para enfiarmos nos bolsos. Ele se inclinou para a frente, olhando o próprio tornozelo.

“Não arde mais. Obrigado.”

A voz dele. Ouvi bondade ali e não tinha como entender errado. Assenti, e por fim me recompus o suficiente para olhar para ele.

“Obrigada você também.”

“Por...?”

“Por me manter imóvel quando o candok veio para cima de nós”, foi a minha resposta. “Eu poderia ter virado o café da manhã dele.”

Jase torceu a boca.

“Sem chance. Uma mordida e ele teria cuspido você fora. Não é doce o bastante, não chega nem perto.”

Suprimi um sorriso. Eu ficava muito mais à vontade com os seus comentários depreciativos.

Ele se pôs de pé e estendeu a mão para me ajudar.

“Deveríamos ir andando, Kazi de Brightmist.”

Segurei sua mão e me levantei.

“Parece que você gosta de me chamar assim. Por quê?”

“Porque eu não tenho certeza de que esse seja seu verdadeiro nome. Você parece ter muitas faces ocultas — malabarismos, charadas, derrubar rapazes e ameaçar cortar seus belos pescoços.”

Fiz uma careta e sacudi a cabeça, medindo o pescoço dele.

“Não é assim tão belo.”

Ele esfregou o pescoço como se estivesse ofendido.

“Alguma outra carta escondida na manga sobre a qual eu deveria saber?”

“Se eu contasse, não seria divertido, seria?”

“Eu deveria ficar preocupado com isso?”

“Provavelmente.”

Eles nos enganaram.

Suas vozes eram suaves. Suas cabeças se curvaram em reverência.

Eles não pareciam perigosos. Pareciam-se conosco, com medo.

Até que abrimos o portão.

Eles esfaquearam Razim e deram risada. Deixaram-no ali para morrer, e não pudemos abrir a porta para pegá-lo até que eles tivessem ido embora.
Ouvi o nome de um deles enquanto corriam e se afastavam. Um dia serei mais forte do que sou agora. Um dia, chamarei seu nome e o matarei.

— Theo, 11 anos —

CAPÍTULO 13

KAZI

NÃO TENHO CERTEZA DE QUE ESSE SEJA SEU VERDADEIRO NOME.

O estranho é que essa era, provavelmente, a coisa menos complicada e mais verdadeira em relação a mim. *Kazimyrah de Brightmist.*

Minha mãe tinha vindo da província nortista de Balwood, aventurando-se rumo à Cidade do Sanctum, como fizeram muitos outros que ali se amontoavam, na esperança de uma vida melhor do que a que eles tinham no árduo terreno fora da cidade. Mas ela vinha com o fardo extra de um bebê na barriga e apenas um punhado de moedas. Ela nunca falava do meu pai. Eu não sabia se ele estava vivo ou morto, se ela o havia amado ou odiado, ou se ela sequer o conhecera direito. Viajar sozinha pelas planícies inférteis era uma perspectiva perigosa para qualquer um. *Ele se foi, Kazi*, era tudo o que havia dito, e ela parecia tão triste que não voltei a perguntar.

O quadrante de Brightmist ficava na parte norte da cidade. Lá, ela conseguiu encontrar uma barraca desocupada e, que manteria a chuva — e qualquer parteira — do lado de fora, de modo que se acomodou ali. Jase não foi o primeiro a questionar a veracidade do meu nome. A maioria daqueles que encontramos na cidade nunca tinha ouvido o nome Kazi. Quando perguntada a respeito disso, minha mãe dizia que era um nome das terras altas e que queria dizer “primavera”. Em uma outra vez, ela disse que significava “passarinho”, e outra vez ainda, “mensageira de deus”. Eu me dei conta de que ela não fazia ideia do significado do meu nome, e, uma vez que ela se fora, aquilo não parecia importar. Quem ou o que eu

era se tornou um detalhe esquecido. Qualquer nome serviria, e todos os tipos de "apelidos" eram usados para me fazer sair correndo. *Suma daqui, verme, fedelha nojenta, peste, seu amontoado de cocô!*

Até que apareci com um plano para fazer com que eles quisessem minha presença.

A questão em torno dos nomes, de uma marca, é que eles criam mentiras na cabeça das pessoas, uma história inventada e na qual elas desesperadamente desejam acreditar, uma fantasia que só precisa ser alimentada com paciência — *você é mais bondosa, mais bonita, mais astuta, mais sábia, você é merecedora, limpe seu prato* —, como um peixe de boca redonda irrompendo na superfície da água, seguindo uma trilha de migalhas de pão. Atraia-os para perto com um bocadinho, dois, e então enganche o anzol atrás de suas guelras, deixando-os desnorteados e se debatendo, fazendo-os esquecer o que eles realmente haviam perdido porque seus estômagos estufados estão cheios.

Kazimyrah, às vezes eu sussurrava para mim mesma, enquanto saía furtivamente com comida escondida debaixo do meu casaco, porque havia dias em que até eu mesma me esquecia de quem eu tinha sido antes.

Eu me esforcei além da conta para apagar as suspeitas de Jase e convencê-lo de que eu era apenas uma soldada contando-lhe sobre o meu treinamento e minha vida no Sanctum. No entanto, até mesmo nesse assunto eu tinha de tomar cuidado e editar a verdade. O treinamento dos Rahtan era diferente. Os exercícios físicos, as horas, assim como o estudo, eram infindáveis. Eu tinha falhado no nado, mas apenas por falta de prática. Eu era menor do que a maioria dos candidatos e tinha de trabalhar em dobro para provar o meu valor. Essa era a parte fácil. O mais difícil foi aprender a dormir *em* uma cama, e não embaixo dela. Na maioria das noites, para me poupar a angústia, eu simplesmente ia de fininho, com um cobertor na mão, para uma passagem oculta debaixo das escadas.

Certa noite, a rainha inesperadamente se juntou a mim. Lembro de ter olhado para a chama da lanterna, focando-me nela, e não na rainha. Senti vergonha por estar ali, aninhada no escuro. Ela sentou no chão ao meu lado, o túnel pequeno demais para que nos levantássemos.

"Eu também vinha até aqui", ela dissera. "Era um espaço escuro, seguro

para mim. Houve muitos dias que eu temi serem os meus últimos aqui no Sanctum. Eu sentia tanto medo naquela época. Às vezes, há dias em que ainda sinto. Tenho muitas promessas a manter."

"Mas você manteve suas promessas."

"Liberdade não é algo que se conquista definitivamente, Kazimyrah. Ela vai e vem, como os séculos. Não posso me descuidar. As lembranças são curtas. É o esquecimento o que eu temo."

Era o que eu temia também.

Esquecer.

Mas eu não poderia partilhar nada disso com Jase.

Quando ele me perguntou se o malabarismo fazia parte do treinamento dos Rahtan, dei risada e levei na brincadeira, dizendo que era algo que eu havia aprendido no meio do caminho.

"Que caminho?"

Ele estava escavando em busca de informações. Eu lhe disse que um amigo havia me ensinado.

"Você tem amigos espertos."

"Sim, eu tenho", foi a minha resposta, não lhe oferecendo mais nenhuma informação.

Eu era autodidata. O desespero pode ser um bom professor, talvez o melhor dos professores. Eu tinha de aperfeiçoar novas habilidades rapidamente, ou morreria de fome. Porém, o comentário dele sobre amigos fez com que eu pensasse em Wren e Synové. Elas chegaram no Sanctum poucos meses antes de mim, ambas haviam sido surpreendidas em brigas e não tinham nenhum familiar imediato que pudesse ser chamado. Com a mesma idade e tendo se conhecido nas ruas, elas naturalmente se uniram. Depois de dois anos, Kaden, o Guardião da rainha, decidiu quem passaria para o treinamento dos Rahtan.

Kaden nos olhou de um jeito austero e demorado, tentando decidir se nós três poderíamos passar para o próximo nível. Surpreendentemente, a esposa dele, Pauline, lançou-lhe um olhar severo a nosso favor. Havíamos treinado e trabalhado juntas desde então. Eu tinha esperanças de que elas estivessem seguras, escondidas em algum lugar, Synové entretendo Wren com os detalhes mundanos acerca dos racaas. Sim, nosso plano tinha dado errado, mas elas eram engenhosas e tínhamos planos reserva. Por ora, elas provavelmente já deviam imaginar que eu não estivesse dentro da torre da

Vigília de Tor.

"O assentamento fica a quanto tempo daqui?"

"Não sei ao certo. Esqueci de trazer o mapa e a bússola. Por que você não procura os seus?"

"Você acha que ainda estamos no caminho certo?"

"Sim", foi a resposta enfática dele.

Eu não tinha certeza se ele estava irritado por ser a segunda vez que eu fazia essa pergunta ou se estava simplesmente infeliz por estarmos seguindo para o assentamento de Casswell — território vendano —, quer ele gostasse ou não.

Ele continuou a me contar histórias sobre a torre da Vigília de Tor. Eu tinha de admitir que elas me fascinavam. Eu ansiava por ouvi-las. De manhã ele havia me contado sobre as Lágrimas de Breda, um conjunto de sete cascatas nas montanhas de Moro, nomeadas em homenagem à deusa Breda, que tinha vindo à terra e se apaixonado por Aris, um mero mortal. Seu amor era tão grande que flores brotaram nas pegadas deixadas por eles, flores mais belas do que quaisquer outras já criadas pelos deuses, que ficaram enciumados com isso. Então eles proibiram Breda de voltar para a terra e, quando ela os desobedeceu, Aris foi morto. O pesar dela foi tão imenso que rios de lágrimas caíram dos céus, escorrendo e descendo pelas montanhas onde eles haviam caminhado, criando cascatas que ainda fluem nos dias de hoje.

"E há flores que crescem apenas na base dessas cascatas e em nenhum outro lugar na montanha."

"Então deve ser verdade", falei.

Ele sorriu.

"Deve ser. Um dia eu mostro para você."

Um silêncio pesado caiu sobre nós. Nós dois sabíamos que ele nunca me mostraria, mas suas palavras tinham escapado com facilidade, antes que ele pudesse impedir, como se estivesse falando com uma amiga.

Seguiram-se outros momentos embaraçosos.

Ontem de manhã acordei com o braço dele em cima de mim, seu peito aninhado junto às minhas costas. Ele não estava ciente disso; deve ter buscado se aquecer enquanto dormia. Fiquei lá deitada, pensando no peso do braço dele, em como era a sensação de ter aquele braço ali, no som suave de sua respiração, no calor de sua pele. Foi um minuto impulsivo e

indulgente, durante o qual me perguntei com o que ele poderia estar sonhando, até que o bom senso recaiu como um dilúvio sobre mim, e eu cuidadosamente afastei seu braço antes que ele acordasse. Eu havia feito um esforço consciente para não tocá-lo e acho que ele tinha feito o mesmo, mas o sono se aproximara feito um ladrão, roubando nossas intenções.

Eu o enchi de perguntas enquanto caminhávamos, jogando-as com muita cautela, de modo que parecessem espontâneas e casuais, e a maior parte delas era sobre a torre da Vigília de Tor. Fiquei sabendo que se tratava de um complexo de lares e edifícios que abrigava os escritórios dos negócios dos Ballenger, um verdadeiro império. A renda deles vinha de múltiplas fontes, mas ele não disse que fontes eram essas. Quando achei que ele havia percebido minhas intenções, mudei de assunto, mas acabei descobrindo que boa parte de sua renda vinha da arena de comércio, uma grande feira na qual compradores e vendedores de todo o continente trocavam e comercializavam suas mercadorias. Começou com os grãos cultivados na Eislândia, porém, com uma maior abertura comercial entre os reinos desde os novos tratados, a arena triplicara de tamanho a cada ano desde então.

"Estou ouvindo direito?", perguntei, utilizando meu tom mais denso de zombaria. "Quer dizer que vocês se beneficiaram dos novos tratados?"

"De algumas formas, sim. Mas não a ponto de nos dispormos a abrir mão de quem somos."

Ele esfregou o dedo logo abaixo do lugar onde estivera o anel de sinete. Era um outro tique que eu havia notado. Ele fazia isso com frequência quando falava de seu lar. Eu imaginava a luta que havia se seguido quando o caçador tentou tirar o anel dele. Tinha certeza de que Jase não cedera facilmente. Imaginei que ele tinha sorte por ainda ter o dedo.

Coloquei a mão no fundo do bolso e passei os dedos pelo cálido círculo de metal, perguntando-me se deveria entregá-lo, mas parecia tarde demais agora. Ele iria querer saber por que eu pegara o anel, para começo de conversa, e, acima de tudo, por que tinha demorado tanto para devolver. As chaves tinham sido roubadas por questões de sobrevivência. Mas o anel fora por um motivo bem diferente.

No ano anterior à vinda da rainha, meus roubos haviam se tornado cada vez mais uma forma de punição. Eram um imposto de fúria que eu cobrava

pelas respostas que nunca recebia, uma retribuição por todas as pontas de dedos de crianças que haviam sido tomadas por lordes de quadrantes e então dadas aos porcos. A maior parte desses roubos punitivos era de itens que não tinham valor algum. Eles não enchiam a barriga, mas me preenchiam de outras maneiras.

A menor — e mais inútil — coisa que já roubei na minha vida foi um brilhoso botão de latão, do qual o lorde do quadrante de Tomac tinha muito orgulho. O botão se sobressaía em sua barriga, em meio à longa linha de botões brilhosos em seu casaco, um raro tesouro que ele havia comprado de um condutor dos Previzi. Para mim, esses botões pareciam gordos rebites dourados que mantinham sua barriga no lugar. Roubar o botão do meio havia arruinado todo o efeito espalhafatoso daquilo. Eu o havia seguido durante uma semana, sabendo exatamente quando ele passaria pela viela abarrotada, com multidões atrás dele, empurrando-o, e eu estava lá, com meu gorro puxado para baixo, a pequena lâmina curva na palma da minha mão. Ele não soube que o botão havia desaparecido até chegar no fim da viela, quando ouvi seu berro agudo e estridente. Sorri diante do doce som. Era o único alimento de que eu precisava.

O anel de Jase era simplesmente tão inútil para mim quanto aquele botão; ainda assim, eu o havia roubado pelo mesmo motivo. Era um símbolo de poder, um legado por eles reverenciado, que, em um movimento silencioso, foi rebaixado para o fundo do meu bolso escuro e sujo.

CAPÍTULO 14

JASE

KAZI TINHA UMA CURIOSIDADE INTENSA, QUE EU FICAVA FELIZ em alimentar com histórias sobre a torre da Vigília de Tor, mas, quando se tratava da própria vida, suas palavras se tornavam reservadas e calculadas. Estar acorrentado a alguém, hora após hora, dia após dia, faz com que toda pausa tenha um peso oculto. Eu me prendia aos detalhes que ela não compartilhava.

Como será que havia sido sua vida em Venda? Ou talvez, mais precisamente, o que eles tinham *feito* com ela? Kazi não era o resultado de pais felizes e contentes. Era como se a tivessem mantido presa em uma cela a vida toda. Ela se encolhia sob o sol e o céu aberto. Assim que chegamos ao planalto de Heethe, ela manteve o olhar voltado para a frente, rígido como aço, focalizando algum ponto distante. Seus ombros estavam tensos, como se ela estivesse carregando uma pesada bolsa nas costas. Ela mal olhou quando apontei para uma águia que pairava acima de nós.

Conduzi a conversa para um assunto sobre o qual ela parecia confiante: sua vivência como soldada. Ela me falou sobre as diversas armas que eram forjadas para os Rahtan, as facas, *ziethes*, espadas, dardos e cordas, balestras e muito mais. O Guardião da fortaleza era quem avaliava o que era mais adequado para a força de cada uma delas.

Sua espada e suas facas lhe foram apresentadas pela rainha quando ela se tornou uma Rahtan.

"Você já precisou usá-las?"

Ela ergueu uma sobrancelha.

"Você quer saber... se já matei alguém? Sim. Até agora, apenas dois. Eu tento evitar, se for possível."

Se for possível. Ela falou de um jeito tão casual e com tamanha tranquilidade, a mesma garota de quem eu tinha de arrancar charadas todas as noites para que ela conseguisse dormir sob um céu aberto.

"Quem você matou?", perguntei.

"Invasores", foi a resposta dela. Uma linha surgiu, franzida, no canto de sua boca, como se a situação ainda lhe causasse repulsa. "Estávamos de guarda na traseira de um trem que carregava provisões. Eles não nos viram lá atrás. Esse era o ponto. Mas nós os vimos. E quanto a você? Já matou alguém?"

Assenti. Bem mais de três, mas não disse quantos e fiquei feliz por ela não ter perguntado.

Mais de uma vez ela me pegou analisando-a. Eu tentava prestar atenção à paisagem, mas meus olhos se voltavam para ela repetidas vezes. Ela me fascinava, suas contradições, seus segredos, a garota que às vezes vinha à tona, emergindo daquela carapaça durona de soldada, como aconteceu quando ela avistou os talos de dente-de-leão. A garota que esqueceu quem eu era e pressionou um talo da planta no meu tornozelo. Em outro mundo, em outra circunstância, acho que poderíamos ter sido amigos. Ou mais que isso.

Eu sabia que tinha passado mais tempo do que deveria me fazendo perguntas sobre ela.

Estudei as colinas à frente, tentando me concentrar. Tentando empurrar os pensamentos em minha mente de volta para onde eles deveriam estar. Eu havia cavalgado por este caminho antes, mas nunca tinha andado por aqui a pé, muito menos descalço, acorrentado e quase faminto. Ficava difícil julgar as distâncias. Quão longe ainda estaria? Será que haveria alguma chance de chegarmos lá antes que eles selassem a tumba? O que será que se passava pela cabeça deles? *Onde diabos está Jase?* Não me restavam dúvidas de que grupos de busca haviam sido enviados, mas nenhum corpo havia sido encontrado. Eu tinha certeza de que as Rahtan que estavam com Kazi agora se encontravam sob a custódia de meus irmãos, sendo interrogadas. Mason era capaz de arrancar informações de qualquer um, mas nem mesmo as companheiras de Kazi teriam a mínima

ideia do que havia acontecido comigo e com ela. Elas não tinham como saber sobre os caçadores de mão de obra mais do que eu e a própria Kazi.

O comentário dela, *Eu mesma vi os danos*, continuava vindo à tona na minha mente, os campos queimados e o roubo de todo o gado dos assentadores. Nós pretendíamos assustá-los para que fossem embora. Eles tinham de ir embora. Nossa visita não tinha sido agradável. O caso do *shorthorn* tinha sido isso, um aviso, uma oportunidade para que eles pegassem suas coisas e seguissem em frente; isso foi tudo o que fizemos. Quem tinha feito o resto?

Gunner era impulsivo, tinha o pavio mais curto que o meu, e os dias de vigília ao lado do leito de nosso pai haviam deixado todas as nossas emoções prontas para explodir. Gunner sempre havia vociferado suas objeções em relação aos assentadores em alto e bom som, muito mais do que qualquer um de nós, mas eu tinha certeza de que ele não sairia por aí em um surto violento sem a minha aprovação, mesmo que na época eu ainda não fosse oficialmente o *Patrei*. Ele vinha falar comigo e pedia minha opinião em relação a essas coisas. Mas, se não foi ele, quem tinha sido? Era Kazi ou os assentadores que estavam mentindo?

Esse foi mais um motivo pelo qual meu pai me nomeou o novo *Patrei*. Eu geralmente era bom em perceber mentiras, melhor do que os meus irmãos. Porém, ser capaz de discernir mentiras não necessariamente revelava a verdade — era necessário escavar mais fundo. E eu queria saber quais eram as verdades dela.

Maldição.

Eu queria saber muito mais sobre ela, e isso era pedir por mais encrenca. Eu precisava que ela e as outras vendanas saíssem da minha vida o mais rápido possível. Com sorte, não teríamos de ficar acorrentados um ao outro por muito mais tempo.

Olhei de relance para ela, incansável, com seus cílios escuros lançando uma sombra determinada sob seus olhos, sua pele cálida reluzindo, meu olhar demorando-se nela por tempo demais.

Talvez algumas encrencas fossem impossíveis de ser evitadas.

"O que é isso?"

Ouvi a trepidação em sua voz, como se ela já pudesse sentir o que estava

oculto naquele rio de areia ofuscante de quase um quilômetro de largura.

Havíamos chegado ao cume de uma pequena colina, e eu tinha calculado errado a distância e o tempo que levaríamos para chegar lá. Era meio-dia, as areias deveriam estar escaldantes, e nós estávamos descalços.

"Areia", respondi.

"Isso *não* é areia", disse ela.

Não totalmente. Era possível ver ossos ali, pequenos, partidos e em grande parte humanos. Dentes embotados e cheios de marcas, às vezes encimados por vértebras inteiras, como um lírio branco em uma lagoa de alabastros reluzentes.

"É chamado de Canal dos Ossos", falei. "Dizem que a areia vem de uma cidade que foi destruída no lampejo da primeira estrela. Não podemos cruzar descalços no calor do dia."

Ondas brilhantes de calor subiam do rio. Kazi as fitava como se pudesse ver os fantasmas enterrados na areia tentando usar suas garras para chegar às margens. A atenção dela se voltou para as distantes colinas do outro lado e para as ruínas no topo — nosso primeiro abrigo em potencial —, mas um cemitério em chamas jazia entre nós.

"Nossas camisas", disse ela. "Podemos enrolar nos pés." Ela começou a desabotoar a própria camisa. "Tire a sua também. Precisaremos das duas."

"Podemos esperar até que a noite..."

"Não", ela disse. "Não vou dormir aqui fora no meio do nada com ruínas à vista."

Ela tirou a camisa e rasgou ao meio. Kazi usava outra camisa mais fina embaixo, e eu esperava, ao mesmo tempo, que ela fosse e não fosse tirá-la. *Que inferno. Controle-se, Jase.*

"Sua camisa", disse ela, lembrando-me de que eu também deveria tirar a minha.

Eu não estava ansioso para rasgá-la ao meio, mas não queria esperar até o cair da noite para que as areias esfriassem, e, com o calor do verão, nós realmente não precisávamos das camisas para nos aquecer.

Envolvemos os pés com diversas camadas de tecido, atando-os bem. Pisamos na areia, que parecia uma fornalha sob nós, mas o tecido cumpriu a função, impedindo que nossos pés ficassem cobertos de bolhas.

Ficava mais difícil caminhar com o tecido todo amarrado repuxando nossos tornozelos, mas sincronizamos os passos. Tentei conversar com ela,

pensando em outras lendas para contar, mas eu estava distraído. Não que eu nunca tivesse visto uma mulher com os ombros nus antes, nem com tão pouca roupa, porém, de alguma forma, parecia diferente. Ela é uma soldada, tratei de me lembrar disso. Rahtan. Que segurara uma faca junto à minha garganta e que estava preparada para fazer uso dela. Isso não ajudava. No meio do caminho, eu disse: "Conte-me uma charada".

Ela olhou para mim, surpresa.

"Agora?"

Assenti.

Ela pensou por um instante, deslizando a mão pelo abdômen, e depois falou:

Quanto menos eu tenho, mais eu cresço,
Eu giro e giro e faço uma cena.
Você não pode me ignorar, embora fortemente haverá de tentar.
Eu rujo e grito, e choramingo, e choro.
Eu me empoleiro na escuridão, mas minha mordida é vista
Na costela e na bochecha, e no pulso tão esguio.
Com dentes ferozes e uma garra mais afiada,
Ninguém pode escapar da minha boca voraz.
Mas uma galinha com seu andar pomposo pode me derrubar,
Com suas belas pernas cheias de penas a desfilar.

Minha barriga respondeu por mim. Falar de pernas de galinhas fazia com que a besta encurvada nas minhas entranhas erguesse sua triste cabeça.

"Hoje à noite", falei, "prometo que a besta será alimentada."

Ela não pareceu ouvir a minha resposta. Ergueu sua sobrancelha direita e revirou os olhos, embasbacada. Seu olhar passou por cima do meu ombro, indo mais além.

"O que é... aquilo?"

Eu me virei. Ao longe, em contraste vibrante com um claro céu azul, uma única nuvem explodia, subindo para o alto. Não era uma nuvem qualquer. Eu já as vira antes, mas somente quando estava em terreno seguro. Era como se fosse um braço gordo irradiando por uma boa extensão no céu, com seus músculos estirados e amplos, de cor púrpura, como um monstro em frenesi.

“Corra”, falei.

“Mas...”

“Nós estamos em uma área de inundação. *Corra!*”

Ela confiou na urgência da minha voz e correu, mas nós ainda estávamos a uma boa distância do outro lado. Dedos prateados de água começaram a brilhar ao longe, arrastando-se em nossa direção.

“Mais rápido!”, berrei.

Nossos passos soavam pesados na areia, e o tecido nos pés dela começou a se soltar na altura do tornozelo, mas não era hora de arrumar aquilo. Segundos depois, vimos a muralha espumada e vibrante de água vindo em nossa direção, uma onda que se revolvia, mortal. Ela chutou o tecido que se soltava de seu tornozelo.

“Continue andando!”, ela berrou, mas eu via a agonia estampada em seu rosto enquanto ela atravessava correndo a areia escaldante.

Peguei-a nos meus braços e dobrei a velocidade das minhas passadas, com o coração espancando o peito, a muralha se aproximando, seu rugir como um animal caindo sobre nós, os dedos prateados e gotejantes já travando meus tornozelos como se fossem garras.

Chegamos ao outro lado, mas a água estava subindo, já nos meus joelhos, e ainda tínhamos de alcançar a margem íngreme. Coloquei-a no chão, com a água agora nas nossas cinturas, sugando-nos para a correnteza. O solo macio deslizava sob nossos pés, a chuva agora caía sobre nossas cabeças. Nós subimos, a água se erguendo conosco, enquanto marcávamos a caminhada com nossos cajados no chão, aos tropeços, caindo na água, segurando nas mãos um do outro. Até que, por fim, chegamos ao cume, tropeçando e arrastando nossos corpos margem acima, logo antes de a muralha passar rugindo por nós. Desmoronamos, deitados de costas, arquejando, com a chuva socando o chão ao nosso redor, e então ela riu.

O riso se transformou em uma cadeia de longas risadas, daquelas de tirar o fôlego, e eu ri com ela. Era uma risada cheia de alívio, uma risada febril, como se tivéssemos acabado de matar um monstro prestes a nos cerrar em suas mandíbulas.

E então nossa risada cessou; estávamos exaustos de nossa corrida pelo canal, e os únicos sons eram as pancadas da chuva. O calor do solo molhado subia em vapor ao nosso redor, e eu virei a cabeça para olhar para ela. Seus olhos estavam fechados e algumas mechas de cabelo pendiam

grudadas nas bochechas, gotas de água acumulando-se na curvinha de seu pescoço, onde pulsava uma pequena veia.

Eu me sentei e estiquei a mão para pegar um dos pés dela e dar uma olhada na sola. Ela se encolheu de dor a princípio, mas depois me deixou tocá-lo. Com gentileza, rocei o polegar em sua pele. Já havia bolhas se formando ali. Enfiei a mão no bolso e puxei um talo de dente-de-leão. Masquei-o, e então o pressionei em seu pé.

"Ajuda?", eu quis saber.

Ela piscou, seus olhos evitando os meus, seu peito se erguendo em uma respiração irregular, e então, por fim, ela me respondeu.

"Sim."

CAPÍTULO 15

KAZI

O FOGO ARDIA E O CHEIRO DE GORDURA ESCORRENDO DO *MEImol* para as chamas era inebriante, um doce perfume, melhor do que qualquer um que poderia ser encontrado na *jehendra*. Inspirei o ar, embriagada com seu aroma, e meu estômago revirou com a expectativa de comida.

O quente latejar das bolhas se fora. Mais talos de dente-de-leão foram atados aos meus pés. Jase havia usado sua própria camisa retalhada para fazer uma bandagem, e então me carregou até as ruínas. Eu lhe disse que conseguia caminhar, mas ele havia insistido que eu precisava dar aos talos uma chance para que operassem sua magia. Encontramos um nicho que poderia servir de esconderijo, escuro e aconchegante em meio aos muros caídos e inclinados das ruínas, e, entre o *meimol* assando e a caverna escura cujo teto eu quase conseguia tocar, tive certeza de que os deuses finalmente tiveram misericórdia para com aquela pobre e miserável Kazi destruída, ou apenas haviam se cansado de atormentá-la.

A tempestade havia passado rapidamente, indo embora com a mesma velocidade vertiginosa com que chegara. Assim que alcançamos o pé das ruínas, Jase avistou vários montinhos e, na segunda tentativa, conseguiu espetar um *meimol*.

Uma vez que o *meimol* estava perfeitamente assado, nos sentamos e comemos, saboreando a carne escura e suculenta, sugando cada osso, lambendo os dedos ruidosamente e com deleite, falando sobre algumas de nossas outras comidas prediletas. Ele mencionou várias de que eu nunca tinha ouvido falar antes — coelho refogado com molho apimentado,

merengue de mirtilos selvagens e cozido de bergu. Fiquei surpresa quando soube que havia quatro cozinheiros na torre da Vigília de Tor, mas que era a tia de Jase que cozinhava a maior parte das refeições. Contei-lhe sobre o cozido de peixe da Berdi, que era um dos pratos principais no Saguão do Sanctum.

"Eu poderia comê-lo em todas as refeições", falei. "E também os bolos de sálvia." Soltei um suspiro, desejando-os com anseio.

"Nunca ouvi falar disso."

"Então não sabe o que está perdendo. São uma especialidade divina dos nômades, capazes de me fazer comer de joelhos."

"E laranjas." A boca dele se repuxou em um sorriso maroto, com o fogo lançando um brilho quente em sua bochecha. "Você gosta de laranjas."

Sorri e admiti que sim.

"Sim, provavelmente minha comida favorita. Quando eu era criança, nunca tinha comido uma laranja, só quando eu..." Parei de falar antes que tivesse revelado demais.

Ele ergueu as sobrancelhas.

"Quando você o quê...?"

"Quando eu viajei para Dalbreck, foi aí que senti o gosto de uma laranja. Não há laranjas em Venda."

Os olhos dele me perfuravam, sabendo que eu estava mentindo, e eu odiava isso nele, o fato de ser capaz de enxergar além das expressões no meu rosto e das minhas palavras. Ele estava calado, e eu suspeitava de que estivesse ruminando o que eu havia dito — ou não dito. Por fim, ele me perguntou como estavam os meus pés.

"Não ardem mais. Acho que estarão bem pela manhã."

Mais um daqueles momentos embaraçosos. Nossos olhos se encontrando, demorando-se, desviando-se. Depois de tudo pelo que havíamos passado, já não deveria haver nenhuma estranheza entre nós, mas isso era diferente. Cada pausa era repleta de intensidade, como se fosse um saco cheio de grãos prestes a transbordar, as costuras esticadas, prontas para deixarem seu conteúdo jorrar, cheio de algo que não nos atrevíamos a explorar.

"Conte-me outra história", falei.

Ele assentiu.

"Antes, deixe-me pegar mais lenha para a fogueira." Ele olhou para a

corrente entre nós. Onde um de nós ia, o outro ia também. “Você aguenta?”

“Já disse que não sinto mais dor e estou com esses belos sapatos que você fez para mim.”

Ele se levantou e esticou a mão, me ajudando a ficar de pé. As solas dos meus pés estavam sensíveis, mas o desconforto não era insuportável, especialmente com a almofada formada pelas bandagens. Caminhamos até a boca da caverna e saímos na longa e ampla saliência que a margeava. Quando havíamos subido a colina até as ruínas, vi apenas a margem e alguns arbustos à minha frente. Agora, olhando a partir da saliência, havia um céu estonteante e recoberto de estrelas que se encontrava com uma planície infinitamente vazia, iluminada apenas por três quartos de lua.

“Olhe. Ali em cima”, disse Jase, apontando para o céu. “Aquele é o Coração de Aris. E logo ali ao lado está...”

Eu me virei, com a cabeça zonza, e estiquei a mão para me apoiar no muro das ruínas. Jase me segurou, mantendo-me firme.

“Só me levantei rápido demais”, falei.

Eu sabia que ele estava olhando para mim, não acreditando no que eu dizia. Ele havia percebido como às vezes eu ficava estranhamente zonza, desde aquela primeira noite, quando me pediu uma charada na floresta.

“O que foi que fizeram com você, Kazi?” Sua voz era baixa, sincera. Até mesmo sob a luz fraca eu conseguia ver a preocupação nos olhos dele.

Eu fingi que não sabia do que ele estava falando.

“Quem fez o quê?”

“Quem foi que fez você ter medo do mundo a céu aberto? Foi Venda? Seus pais?”

“Ninguém fez nada”, foi minha resposta, baixinho.

“Então segure em mim”, disse ele. “Deixe-me mostrar as estrelas para você.”

Ficamos em pé sobre a saliência, e ele me contou histórias. Começou com a estrela mais baixa no horizonte, a qual ele chamava de Ouro dos Ladrões, porque tinha um tom distinto de dourado. Eu me segurei no braço dele, concentrando-me apenas naquela única estrela e em nada mais que a cercava, concentrando-me na voz de Jase e na história que ele tecia em

torno da massa dourada e reluzente e dos ladrões que a haviam enfiado ali no céu e depois se esqueceram de onde enterraram seu tesouro.

Ele passou para um outro agrupamento de estrelas, o Ninho da Águia, com seus três ovos brilhantes, e então falou de mais um, e outro, até que logo o céu inteiro não era apenas um céu, mas um pergaminho escuro de histórias reluzentes, cada uma conectada à outra. E enquanto ele falava, algumas estrelas se moviam em faixas no céu, como se estivessem vivas, deixando caudas ardentes atrás de si, e ele tinha uma história para elas também.

"Aquelas ali são os Cavalos Perdidos de Hetisha, abandonados quando ela caiu de sua carruagem na terra. Eles correm pelos céus agora, sempre em círculos, sempre em busca dela. Dizem que, se algum dia for encontrada, suas estrelas se juntarão a ela, com sua carruagem e, uma vez mais, serão as mais brilhantes no céu noturno."

Fitei o local onde uma estrela havia acabado de desaparecer e senti uma dor crescendo dentro de mim. Talvez eu sentisse esse palpitar por me encontrar sob um céu cintilante que eu nunca havia realmente visto antes, ou talvez pela história que ele havia me contado sobre os Cavalos Perdidos. Talvez pensar neles circulando pelos céus por milênios estivesse me fazendo sentir essa dor entre as costelas. *Eles nunca haverão de encontrá-la*, pensei. *Ela se foi.*

"E eu acho…", ele se virou para mim, "que é basicamente isso."

Nossos rostos estavam inesperadamente próximos, com a luz do luar atravessando as maçãs do rosto dele, e, de súbito, eu não estava pensando nas estrelas nem em cavalos fugitivos.

Eu havia me esquecido de que ainda estava segurando seu braço e afrouxei minha pegada, colocando minha mão na lateral do corpo novamente.

"Acho que eu deveria pegar alguns galhos para a fogueira", ele falou.

"Eu ajudo você."

Dei um passo à frente, e começamos a nos mover rápida e desajeitadamente, esbarrando um no outro, e depois tropeçamos, o muro em ruínas nos impedindo de cair no chão. Agora, o rosto dele estava ainda mais perto do meu, minhas costas pressionadas no muro e o braço dele também apoiado ali. Não havia mais distrações, não havia mais oportunidades de desviar o olhar. Era como se ambos tivéssemos cedido a

um momento que vinha nos espreitando, esperando, tentando se lançar para cima de nós o tempo todo. E agora havia acontecido.

Ele engoliu em seco, com seu rosto a apenas uns poucos centímetros do meu. Longos e silenciosos segundos se passaram, e parecia que o mundo inteiro e as estrelas e o céu estavam se aproximando de nós, forçando-nos a ficar mais perto um do outro.

"Você acha", sussurrou ele, por fim, "que isso também quer dizer... tirar o melhor da situação?"

Minha respiração flutuava ligeiramente no meu peito. Eu poderia ter dito uma centena de coisas, mas, em vez disso, minha resposta foi: "Acho que sim".

Ele inclinou a cabeça para o lado e seus lábios mal roçaram os meus, tenros, tão devagar que eu teria tempo para me virar e desviar deles. Mas eu não fiz isso. Eu não queria fazer isso. A mão dele deslizou pelas minhas costas, atraindo os meus quadris para junto dos dele. Rios de calor latejavam dentro de mim, e então ele pressionou a boca na minha, sua língua abrindo meus lábios, quente, doce, gentil. A respiração dele ficou mais pesada e seus braços se fecharam ao meu redor, atraindo-me ainda mais para perto, o calor de seu toque como uma marca de ferro em brasa na parte inferior das minhas costas. Minhas mãos deslizavam na altura dos ombros dele, sua pele queimando meus dedos, seus músculos, tensos e enrijecidos. Minha cabeça girava, mas de um jeito que me fazia querer afundar cada vez mais, me afogar na calidez do momento. Eu estava caindo em meio a um vasto céu escuro e não me importava. Eu queria desaparecer ali. Queria mais. Nossas línguas se exploravam, macias, quentes. Em seguida, ele se afastou de mim, seus olhos buscando os meus, fazendo perguntas. Será que ele deveria parar?

Não, pensei. *Não. Não pare.*

Ele continuou a me encarar, esperando, como se precisasse me ouvir dizer isso em voz alta.

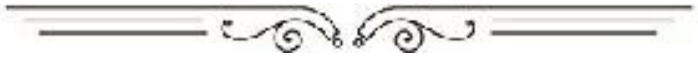
Minha respiração estremeceu, ainda me queimando o peito. Eu sabia que tinha cometido um grande erro, mas era um erro glorioso e eu queria cometê-lo repetidas vezes. Porém, havia algo nos olhos dele, alguma coisa genuína e sincera e tão verdadeira que me levou a parar por um instante. Tudo isso significava mais do que apenas aquela história de tirar o melhor da situação, representava algo criando raízes, uma semente sendo

plantada. No entanto, era uma semente que não poderia ser plantada.

Você é uma Rahtan, Kazi. Você tem uma promessa a cumprir e acabará traindo esse homem em algum momento. Não faça isso.

Senti um punho cerrado apertando-se em minhas entranhas. Isso não estava certo. Era um limite que eu não poderia cruzar. Minhas mãos deslizaram em volta dele até seu peito, e eu o empurrei para longe de mim; então hesitei, as palmas das minhas mãos ardendo junto à pele dele e lentamente escorregando para cima. Meus dedos subiram até seus cabelos, entrelaçando-se atrás da cabeça, e puxei sua boca de volta para junto da minha.

CAPÍTULO 16



KAZI

EU SEMPRE OUVIA OS FANTASMAS.

A morte não era nenhuma estranha em Venda. Ela caminhava pelas ruas com audácia, esfregando seus cotovelos ossudos nos transeuntes cujas bochechas eram tão esqueléticas quanto as próprias, com seu largo sorriso avistando-nos ao longe, sussurrando: *Você é o próximo.* E eu sussurraria de volta: *Ainda não, hoje não.* Todo mundo em Venda estava sempre a um passo da morte, incluindo eu mesma, dependendo apenas da direção para a qual ela resolvesse se voltar, mas seu sorriso largo e congelante há muito tempo deixara de me amedrontar.

Então, quando vi os fantasmas no Canal dos Ossos, seus dedos esqueléticos estirando-se em minha direção, batendo como patas nos meus pés, suas vozes ruidosas soando em tom de aviso, *Volte, não passe por este caminho*, eu os ignorei.

Não passe por este caminho.

Mas foi isso que fizemos.

E agora não poderíamos voltar atrás. Havíamos caído por um buraco e, do outro lado, saímos em um mundo diferente, um mundo temporário que estava de cabeça para baixo, onde tudo soava de outra forma, tinha gostos e sensações diferentes, e onde todo sabor efêmero era perigosamente doce.

Jase se inclinou para perto de mim, erguendo meu queixo, e seus lábios encontraram os meus — *o melhor da situação*, era o que dizíamos a nós mesmos, repetidas vezes, conforme os dias iam se passando. Estávamos

apenas tirando o melhor proveito de tudo aquilo. Uma história, uma charada, um talo de dente-de-leão era o que tecíamos em cada beijo, partículas de um açúcar tão doce e fadado a derreter e desaparecer nas pontas de nossas línguas, mas, por ora, era verdadeiro o bastante. O que podia haver de mal nisso? Estávamos sobrevivendo.

Porém, conforme os quilômetros percorridos aumentavam, nossos passos sussurravam uma mensagem diferente, cada um deles nos aproximando do mundo do qual havíamos partido. O peso contraía minhas entranhas, um animal escondido que não podia ser enganado, quaisquer que fossem as histórias que contássemos a nós mesmos. Jase poderia ser um tipo de pessoa aqui fora, mas quando voltássemos, ele *seria* o inimigo, o chefe fora da lei de uma família fora da lei — que possivelmente acolhia um sanguinário criminoso de guerra, uma ameaça para todo o continente. E, caso eles estivessem mesmo fazendo isso, ele e sua família haveriam de pagar o preço. Aqui eu podia ser a garota que o ajudara a fugir de caçadores e a curar suas feridas, a garota que adorava ouvir suas histórias, mas lá, no mundo real, a rainha de Venda havia me encarregado de um trabalho. Eu lhe devia lealdade tanto quanto ele a sua família, e o trairia quando chegasse a hora. Faria sua família e sua dinastia ficarem de joelhos. O mundo dele estava prestes a terminar.

O melhor da situação.

Nós só estávamos tirando o melhor da situação, aproveitando o momento. Por ora.

Essa era a nossa história. Que não tinha de ter um começo feliz nem um final feliz, mas cujo meio era um festim, um delicioso banho de espuma, uma noite de descanso em uma estalagem com a barriga cheia, um peito quente aninhado nas minhas costas, o calor suave dos lábios dele na minha nuca, histórias sussurradas ao meu ouvido.

Paramos no meio da manhã para beber de uma fonte, então descansamos à sombra de um amieiro. A folhagem estava ficando mais espessa agora, com as planícies atrás de nós, as montanhas aos pés de outras mais altas e mais escarpadas, as florestas se erguendo logo atrás, acima delas. Eu me deitei com as costas no chão e ele ficou pairando perto de mim, apoiado em um cotovelo. Seu dedo traçou uma linha ao longo do meu maxilar. Ele não mais me perguntou o que haviam feito comigo; agora, ele parecia querer apagar isso da minha memória e, por ora, eu permitia que ele o

fizesse.

"Kazi", ele sussurrou junto à minha bochecha. E então seus lábios deslizaram pelo meu pescoço, e mais uma vez eu me esqueci daquele mundo para o qual estávamos seguindo, concentrando-me apenas neste.

Mais uma noite chegava ao fim e uma manta negra de nuvens cobria as estrelas, tornando nossas palavras mais seguras. A escuridão engolia piedosamente o que poderia ser visto em nossos olhos.

O que é isso, Kazi?

Eu sabia o que ele queria dizer com isso. *Isso.* O que era isso entre nós dois. Que jogo estávamos jogando?

Eu tinha me feito essa pergunta também, porque agora nossos beijos eram cheios de pausas, e nossos olhares, mais carregados de perguntas.

Não sei, Jase.

O que você sente?

Seus lábios, suas mãos, as batidas do seu coração.

Não, Kazi, aqui, o que você sente aqui?

O dedo dele traçou uma linha descendo pelo centro do meu peito.

Senti uma dor pressionando o lado de dentro. Uma necessidade que eu não conseguia nomear.

Eu não sei.

Eu não queria saber.

Deixe-me sentir o gosto da sua boca, sussurrei. *Não me faça pensar.*

Gritei de alegria quando nos deparamos com uma lagoa profunda na qual poderíamos nos banhar. Saímos correndo em sua direção, aos tropeços, soltando gritinhos, pulando na água fresca e cristalina. Quando emergi à superfície, ele esguichou água em mim e uma verdadeira guerra teve início, a lagoa irrompendo em um turbilhão ofuscante de água e risadas até que, por fim, ele agarrou os meus pulsos de modo que eu não pudesse me mexer. A calmaria retornou, mas não aos olhos dele, violentamente agitados por um tipo diferente de tempestade. Olhei para o seu rosto, a água escorrendo dos cabelos e do queixo, seus cílios molhados e grudados uns aos outros.

"Eu gosto de você, Jase Ballenger", eu falei baixinho. "E acho que, se você

não fosse um ladrão, nós poderíamos ser amigos."

"E se você não ficasse sacando facas e ameaçando cortar belos pescoços, também acho que poderíamos ser amigos."

Torci o nariz. "Ah, como você é obcecado pelo seu belo pescoço."

Ele apertou as mãos em volta dos meus pulsos e me puxou para perto, mordiscando meu pescoço. Entre beijos, ele sussurrou: "Não é pelo meu pescoço que eu sou obcecado, Kazi de Brightmist".

Uma brisa refrescante ergueu meus cabelos, o cheiro de pinho pairando no ar, a grama alta oscilando em volta de nossos joelhos. Havíamos partido cedo; o grito estridente de um racaa nos surpreendeu, deixando-nos alertas. Ele voava baixo, e sua sombra quase tocava ambos os lados do vale. Jase confirmou que a dieta principal dos racaas consistia em antílopes, embora ocasionalmente apanhassem potros ou carneiros, mas ele me garantiu que nunca ouviu falar de racaas caçando humanos.

"Pelo menos não mais do que uma ou duas vezes. Mas isso nunca me preocupou. Ouvi dizer que eles preferem o sabor de beldades de cabelos pretos… com sua carne amarga e dura e tudo o mais."

Eu o cutuquei com o cotovelo.

"Aonde eu for você vai, então é melhor torcer para que o racaa encontre um belo e suculento antílope hoje."

Lá pelo meio da manhã a brisa se fora, o sol estava implacável e o ar parado parecia conter um zumbido sinistro. Talvez fossem apenas nossos passos sussurrando pela grama ou o infinito e ruidoso trepidar da corrente que se arrastava entre nós. Talvez a corrente soasse como um relógio marcando nossos passos.

"Vamos fazer uma pausa", eu disse, e fomos até um aglomerado de bétulas, onde nos deitamos sob a sombra, em um espesso leito de grama de verão. Porém, mesmo sem o trepidar da corrente e o sussurro de nossos passos, eu ainda ouvia um zunido persistente na imobilidade do ar, vibrando pelos meus ossos como um aviso silencioso. "Conte-me uma história, Jase", eu falei. "Alguma outra coisa sobre o histórico de sua família." Qualquer coisa para bloquear o zunido.

Ele me contou a história de Miandre, a primeira mãe de todos os Ballenger. Ela veio para a torre da Vigília de Tor quando tinha treze anos

de idade, junto com Greyson e os Remanescentes que sobreviveram. Era apenas uma criança, mas foi forçada a liderar o grupo ao lado de Greyson, pois os outros eram ainda mais jovens. Como ele, Miandre tinha visto seu último parente vivo ser assassinado por caçadores de mão de obra, de modo que eles tinham em comum o objetivo de criar um refúgio onde nenhum desses abutres pudessem machucá-los novamente. Pedra por pedra, a fortaleza que eles edificaram cresceu com o decorrer dos séculos; eles foram o início da Vigília de Tor.

"Nós fomos o primeiro país, ou, como vocês vendanos dizem, o primeiro reino."

Ouvi o orgulho em sua voz. E mesmo seus olhos dançavam, iluminados, enquanto ele falava.

As linhas da história morriguesa, vendana e dalbretchiana tinham ficado borradas e se sobrepunham umas às outras havia muito tempo, mas os reinos reconheciam que, entre todos eles, Morrighan fora o primeiro a ser estabelecido, e não uma fortaleza rochosa afastada de tudo e da qual ninguém tinha ouvido falar até recentemente. E a partir de Morrighan nasceram os outros reinos. Até mesmo Venda havia sido apenas um território selvagem sem nenhum nome oficial até que fossem traçadas as primeiras fronteiras. A torre da Vigília de Tor era pequena e isolada. Foi uma pequena surpresa saber que Jase não conhecia nada da história de todo o continente. Eu mesma só passei a conhecê-la depois que fui viver no Sanctum.

"E tudo isso está escrito nos livros sobre os quais você me falou?"

"Sim", disse ele, com ares de confiança. "Cada palavra. Essa foi a última ordem do Comandante Ballenger ao seu neto, que colocasse tudo no papel, e Greyson o fez junto com os Remanescentes que sobreviveram, embora, na maioria das vezes, ele e Miandre fizessem os registros do que havia acontecido. Quase uma década depois os dois se casaram, e a linhagem dos Ballenger teve início. Eles tiveram oito filhos juntos."

Bebês. As mulheres Ballenger pareciam ser bem férteis.

Eu tinha tomado cuidado para não cruzar a linha indesejada que poderia me ligar a Jase para sempre; lá fora não havia nenhuma proteção para isso. Eu não me arriscaria a ter uma criança, não diante do fato de que este mundo em que vivíamos haveria de desaparecer em apenas um ou dois dias, quando voltássemos a ser quem realmente éramos. E eu logo

retornaria a Venda. Jase não insistia, como se ele também não quisesse cruzar esse limite. Por ora, podíamos estar iludindo um ao outro, mas ele tinha tanta determinação quanto eu, e sua conexão com o lar era forte. Dava para ver em seu rosto e no ritmo determinado de seus passos. Ele mantinha curtos até mesmo nossos períodos de descanso, parando apenas quando chegávamos numa nascente, riacho ou sombra.

"Doeu?", eu perguntei, passando as mãos sobre as penas tatuadas por seu ombro e no peito.

"Foi uma dor infernal. Eu tinha quinze anos e era idiota demais para imaginar o quanto doeria. Mas estava ansioso para tê-la um ano antes. Meus irmãos só fizeram as deles aos dezesseis anos."

"Por que você quis a tatuagem mais cedo?"

Ele deu de ombros.

"Para provar alguma coisa, eu acho. Parecia importante na época. Meu irmão e minha irmã mais novos haviam morrido de uma hora para a outra, de uma doença, e nós tínhamos acabado de saber sobre os novos tratados, que já estavam em vigor havia mais de um ano e sobre os quais ninguém se deu ao trabalho de nos falar; e então houve um ataque a uma de nossas fazendas. Eles destruíram tudo e mataram dois de nossos trabalhadores e meu primo. Parecia que nosso mundo estava caindo aos pedaços. Eu acho que fazer a tatuagem era a minha forma de tentar provar que isso não estava acontecendo. Era algo permanente que dizia que nossa família e nosso legado sobreviveriam. Meu pai tentou me alertar, mas eu era teimoso e insisti. Chorei como um bebezinho — quando só tinha feito a primeira pena ainda."

"Você? Teimoso? Ninguém teria imaginado."

Ele abriu um grande sorriso, e eu fiquei observando uma recordação onírica flutuando pelos olhos dele.

"Sim, meu pai ficou sorrindo o tempo todo enquanto eu estava sendo tatuado. Ele me lembrou: *Tome cuidado com o que você deseja*, e fez questão de que a tatuagem fosse bonita e grande. Eu tive de fazer mais três sessões para terminar, que foram ainda mais difíceis, mas sobrevivi. Quando a tatuagem foi concluída, meu pai me fez jantar sem camisa durante uma semana para exibi-la. Ele estava orgulhoso de mim. Acho que foi aí que me dei conta de que seria o próximo *Patrei*. Só não achei que seria tão cedo."

Sua expressão ficou séria, e eu não sabia ao certo se era porque ele estava

se lembrando dos deveres que o esperavam, ou de que seu pai estava morto.

Passei gentilmente minha unha por sua pele, delineando o contorno irregular das penas, tentando trazê-lo de volta daquele outro mundo, pelo menos por uns poucos minutos. Seus olhos reluziram novamente e foi como se pássaros revoassem no interior da minha barriga, o que sempre acontecia quando ele me fitava tão atentamente. Eu me perguntei como não tinha visto quão belos eram seus olhos na primeira vez que nos encontramos. Mas então eu soube — foi sua bondade que me abalou, naquela primeira noite em que ele me pediu uma charada. Ele havia percebido uma fraqueza em mim e tentou me ajudar a superá-la fazendo com que minha força viesse à tona. Diante de tal bondade, a cor dos olhos dele não tivera importância.

Ele olhou para mim, nossas pausas se tornando cada vez mais descuidadas e as perguntas por trás delas, à espreita, multiplicando-se.

"O que foi?", perguntei por fim, enquanto ele continuava a me estudar, como se todos os mistérios do mundo estivessem escondidos atrás dos meus olhos.

"Desta vez, eu tenho uma charada para você", ele disse.

"Você?", eu ri.

"Não seja tão cética. Eu aprendo rápido quando tenho motivação."

Talos de dente-de-leão, histórias, charadas — por ora, isso era o bastante.

"Tudo bem então, Jase Ballenger, vá em frente."

O que é tão brilhante quanto o sol,
Tão doce quanto o néctar,
Tão sedoso quanto o céu da noite,
E tão irresistível quanto uma grande cerveja gelada?

"Hummm. Brilhante, doce, sedoso e irresistível? Eu desisto."

"Seus cabelos entre os meus dedos."

Dei risada. "Essa charada é terrível. Não faz sentido algum."

Ele sorriu. "Precisa fazer sentido?"

Jase passou uma mecha do meu cabelo em sua bochecha, aproximando o rosto do meu, seus lábios pairando, demorando-se perto da minha testa, na linha dos meus cabelos. Fechei os olhos, inspirando seu toque, agulhas

de calor despontando sob a minha pele, e então, lento como xarope gotejando, seus lábios passearam por sobre meus olhos, roçaram meus cílios, desceram pela minha bochecha, desenhando uma linha por todo o caminho até a boca, e ali seus lábios repousaram. Nossos hálitos se mesclavam, leves como plumas, em uma busca, uma ânsia dolorosa — *Por quanto tempo mais?* —, nós dois memorizando o momento como se temêssemos o fim, até que ele pressionou os lábios com mais intensidade, famintos, junto aos meus.

Descíamos por um despenhadeiro indulgente e selvagem, e eu não me importava com isso. Pela primeira vez em minha vida, eu não me importava com o amanhã. Não me importava se ia passar fome ou morrer. O meu festim era o agora, e eu não me permitia pensar em quem ele era, nem em quem eu era, apenas em quem nós éramos naquele instante e em como ele fazia eu me sentir neste pedaço de terra, neste trecho de sombra. Naquele estranho mundo invertido, ignorar o amanhã parecia tão natural quanto respirar.

O que é isso, Jase? O que é isso?

Mas essa era uma pergunta para a qual eu realmente não queria uma resposta.

Nossos lábios finalmente se separaram, e Jase rolou, deitando com as costas no chão. Ele soltou o ar longa e lentamente.

"Está na hora de irmos", ele disse. "Pensarei em uma charada melhor da próxima vez."

Ele ficou em pé e me ajudou a levantar. Bebemos nossos últimos goles de água no riacho, e ele analisou o caminho que tínhamos pela frente. Eu já podia notar uma mudança nele, como se estivesse contando os passos para voltar ao lar. O assentamento estava mais perto do que eu pensava.

Da próxima vez.

Não haveria mais "da próxima vez". A breve história que criamos estava acabando. Eu podia sentir no cintilar do sol, na curva do vento, nas vozes dos fantasmas que ainda chamavam: *Voltem.* Eu podia ver na maneira como o foco dele havia mudado. Aquele outro mundo, que continha quem realmente éramos, chamava-o, abrindo um buraco neste mundo, através do qual ecoavam os nossos passados. A voz era forte e eu também ouvia o seu chamado.

De cada lado, as montanhas se aproximavam e o vale amplo estreitava, afunilando-se e nos aninhando em seu braço. Fiquei observando a forma como ele varria o horizonte minguante com o olhar, como ficava tenso quando chegávamos ao topo de cada colina, sempre caminhando um passo à minha frente. Meus dedos dançavam pelos nós de sua coluna e seu peito se expandia em uma respiração profunda. Ele olhou de esguelha para mim, com uma expressão sombria.

Eu havia interrompido seus pensamentos.

"Meu pai está sendo sepultado hoje", disse ele.

A despedida final.

Eu me perguntava quão rapidamente o pai dele tinha morrido, se havia coisas que Jase não teve oportunidade de dizer a ele. Nós nunca temos como saber o momento exato em que alguém deixará as nossas vidas para sempre. Quantas vezes eu havia barganhado com os deuses por mais um dia, mais uma hora, apenas mais um minuto? Era pedir demais? Um minuto para dizer todas as coisas não ditas que ainda estavam aprisionadas dentro de mim. Ou talvez eu só quisesse mais um minuto para dizer um adeus de verdade.

"Tem alguma coisa que você gostaria de ter perguntado a ele?"

Ele assentiu.

"Mas eu não sabia quais eram as minhas perguntas até que fosse tarde demais."

"Como ele morreu, Jase?" Eu me perguntava se ele confiaria em mim o bastante para contar isso agora em vez de fugir da pergunta, como fizera da última vez.

"Do coração", ele respondeu, mas soou mais como uma pergunta, como se ele mesmo ainda não estivesse acreditando muito, ou talvez fosse a primeira vez que ele dizia isso em voz alta. "Foi inesperado. O ataque tomou seu peito, ele caiu do cavalo e se foi em poucos dias. Não havia nada que os curandeiros pudessem fazer." Ele parou de caminhar. "Eu falei sobre a minha família, e você não me contou nada sobre a sua. Você pode pelo menos ser honesta comigo em relação a *isso*? Como foi que seus pais morreram, Kazi?"

As palavras que vinham flutuando na minha língua desapareceram. Eu não esperava por isso.

"Em momento algum eu disse que eles morreram."

"Você falou sobre Berdi e o cozido que ela fazia, pessoas sem nome com quem você treinou, e outros que você conheceu em cidades distantes, mas nunca mencionou seus pais. Ou eles são monstros ou estão mortos. Eu posso ver as cicatrizes, Kazi. Você não me engana."

Ser honesta? Eu mal conseguia ser honesta comigo mesma, porém, depois de sua confissão, o que eu vinha ocultando parecia uma montanha, agora tão maior e mais escura por ser secreta. A única coisa que eu podia fazer era criar uma montanha maior ainda para ocultar a verdade.

"Nem todas as famílias são como a sua, Jase. Eu não vejo a minha com tanta frequência. Meus pais são pessoas muito importantes. Meu pai é governador de uma província nortista e minha mãe é general no exército. Eles estão sempre fora. Raramente os vejo."

Ele ficou em silêncio por um bom tempo, como se estivesse ruminando a minha resposta, e então perguntou: "Se eles nunca estão por perto, quem criou você?".

As ruas, a fome, o medo, a vingança, os mercadores e os lordes de quadrantes que me caçavam. O desespero. Um mundo solitário em meio a uma cidade agitada — um mundo que ele não conseguiria sequer começar a entender.

"Amigos", foi a minha resposta. "Foram os amigos que ajudaram a me criar."

Nós éramos os mais pobres dos pobres. Minha mãe era bela, mas tão, tão jovem. Jovem demais para ter uma filha, mas ela me trouxe ao mundo e me amou. Raramente ficávamos longe uma da outra. O que quer que ela fizesse para conseguir uns punhados de comida, eu também estava lá. Ela costurava e lavava roupas, tecia cordas que serviam de amuletos e, às vezes, na *jehendra*, vendia fragmentos de coisas inúteis dos Antigos que ela escavava nas ruínas. Muitos vendanos achavam que aqueles pedaços de objetos eram capazes de afastar os maus espíritos.

Tínhamos uma linguagem silenciosa entre nós, linguagem de rua, sinais que nos ajudavam a sobreviver. Um sutil movimento dos dedos. A mão rígida e estirada na lateral do corpo. Um punho cerrado junto à coxa. Um dedo na maçã do rosto. *Corra. Não se mexa. Não diga nada. Desapareça. Eu voltarei. Sorria.* Porque, em momentos de tensão, algumas coisas eram

perigosas demais para que fossem ditas com palavras.

Ele veio no meio da noite. Fui acordada de repente, quando senti a pressão de um dedo em meus lábios, dizendo: *Shhh, Kazi, não diga nenhuma palavra,* e ela lentamente me empurrou para o chão entre a nossa cama e a parede, para me esconder. Dali debaixo, vi luzes tremeluzentes e amarelas dançando pelas paredes enquanto ele se aproximava. Não havia nenhuma outra maneira de sairmos dali e não tínhamos nenhuma arma, embora minha mãe guardasse um pesado cajado de madeira no canto, que ela não alcançou a tempo. Ele emergiu da escuridão e a atacou, segurando-a por trás.

"Eu não tenho nada", ela lhe disse imediatamente. "Nem comida. Por favor, não me machuque."

"Não vim atrás de comida", disse ele, enquanto seus olhos esquadrinhavam a pequena barraca que chamávamos de lar, um espaço apertado em uma ruína abandonada. "Tem alguém procurando por uma menina como você. E você me trará um belo lucro." A luz da lanterna dele enchia seu rosto de saliências, como se estivesse usando uma máscara distorcida e hedionda. Maçãs do rosto, queixo, uma testa brilhante, tudo isso se agigantando, aproximando e se afastando, contorcendo-se como um monstro enquanto eu me curvava, aterrorizada, debaixo da cama. "Cadê a fedelha com quem você estava hoje?"

Daí eu soube que já o havia visto antes, um condutor dos Previzi, descarregando sua carroça de mercadorias na *jehendra* enquanto mercadores se reuniam para admirar os produtos exóticos. Ele passou andando pela tenda onde minha mãe fazia amuletos, parou por um instante e ficou nos estudando, mas não comprou nada. Os Previzi nunca compravam nada. Para eles, as mercadorias vendanas eram inferiores, e tampouco tinham medo dos deuses e espíritos. Eles não precisavam de amuletos.

"Saia, garota!", ele berrou, erguendo a lanterna e tentando enxergar os cantos das ruínas que eram o nosso lar. Ele sacudiu a minha mãe. "Onde ela está?"

Os olhos dela eram duas lagoas escuras e frenéticas.

"Não sei. Ela não é minha. É só uma órfã que eu deixei que me ajudasse."

Eu queria ir correndo até ela. Correr e pegar o cajado no canto, mas eu vi sua mão, desesperada, rígida junto ao lado direito do corpo. Ordenando.

Não se mexa. O punho cerrado junto à coxa. *Não diga nada.* Eu vi o homem forçar alguma coisa nos lábios dela. Ela se debatia, lutando, enquanto ele a fazia beber aquilo, engasgando e tossindo. Dentro de segundos, ela caiu amolecida em seus braços. Observei enquanto ele a levava embora, seus braços molengos mexendo-se como se me dissessem adeus.

Corra, Kazi. Pegue o cajado. Salve-a. Agora.

Mas eu não fiz isso. Então, a luz tremeluzente da lanterna desapareceu, a escuridão se fechou sobre mim de novo, e eu estava sozinha.

Quando a luz da manhã surgiu com a alvorada, eu ainda estava encolhida embaixo da cama, com medo demais para me mexer. Fiquei lá por dois dias, deitada em cima dos meus próprios dejetos, ficando cada vez mais fraca e zonza de sede e fome. Por fim me arrastei para fora dali, extremamente confusa, e fui procurá-la nas ruas. Eu bebia a água dos lavatórios e mascava pedacinhos de *thannis*, pois plantas silvestres eram a única coisa que não custavam dinheiro. Aqueles primeiros meses foram um borrão, talvez porque eu estivesse meio que morrendo de fome, mas, em algum momento, eu parei de sentir medo dos mercadores que me perseguiam. Eu estava apenas com fome e determinada.

Tem alguém procurando por uma menina como você. Quem? Um mercador rico? Um lorde de quadrante? *Você me trará um belo lucro.* Eu nunca me esqueci do rosto daquele condutor, embora tenha levado anos para entender o que as palavras dele queriam dizer. Eu achava que ele a havia levado para fazer amuletos ou lavar roupas, então procurei em todas as tendas de mercadores e lavatórios da cidade. E, assim que fiquei melhor nisso de me mesclar às sombras, comecei a entrar nas casas de todos os lordes de quadrantes, achando que alguém a mantinha trabalhando em uma delas. Ela não estava em lugar nenhum. Minha mãe havia desaparecido junto com o condutor dos Previzi, que a levara, talvez, para uma província remota em Venda, ou então para um reino afastado, do outro lado do continente. Ela se fora.

"Você está calada", disse Jase, arrancando-me de meus pensamentos.

"Você também."

"É fome?"

Uma pergunta idiota. Um substituto para o que realmente se passava em sua cabeça. Ele estava ficando nervoso, e de um jeito que não era costumeiro. Isso me levou a pensar em que tipo de animosidades o

assentamento de Casswell poderia ter contra os Ballenger. Eles ficavam do lado de fora das fronteiras da Eislândia, longe até, e de modo algum aquela terra poderia ser considerada propriedade dos Ballenger. Até onde eu sabia, eles não tinham sido invadidos. Ainda assim, poderia haver ressentimentos. Até mesmo os assentamentos tinham de negociar mercadorias, e os Ballenger pareciam controlar o centro desse comércio. Jase devia ter um bom motivo para estar nervoso. Simplesmente tão nervoso quanto eu estaria ao entrar na torre da Vigília de Tor.

CAPÍTULO 17

JASE

Nós estávamos quase lá. Eu conhecia esse trecho de terra tão bem quanto qualquer um. O sangue pulsava a mil em minhas veias, e minha mente pulava de um pensamento para o outro, e depois para o próximo. Chegar em casa. Chegar a tempo. Estava tão perto agora. Era bem possível que fôssemos conseguir. Eu não permitiria que a culpa entrasse no meio do caminho e atrapalhasse o que precisava ser feito. Havia muitas coisas em jogo. Vidas. História. Pessoas que dependiam de mim.

Tentei mantê-la focada, apontando para aspectos da paisagem na cadeia de montanhas ao norte, um aglomerado de árvores, uma formação rochosa, uma passagem, qualquer coisa que servisse para desviar seu olhar das montanhas ao sul. Eu estava ganhando tempo, coisa de minutos, e não havia um único a perder. E já conseguia visualizar nosso posto, escondido no alto de um afloramento rochoso que dava para o vale. Não era fácil de enxergar se a pessoa não soubesse que estava lá, mas Kazi tinha um olhar aguçado e o posto não ficaria camuflado por muito mais tempo.

Conforme o vale fazia uma curva, podíamos avistar cavalos pastando e, mais além, as dependências da nossa pequena fazenda, onde morava o caseiro.

"Uma única casinha de fazenda?", disse ela. "Isso não pode ser o assentamento."

"Talvez haja mais delas no fim do vale", respondi, ainda tentando retardar o inevitável.

E então ela avistou os três cavaleiros descendo a galope por uma trilha

que conduzia ao posto, vindo em nossa direção. Ela parou, estendendo o cajado à nossa frente para nos proteger e me deter também.

"Aqueles ali não parecem ser assentadores."

"Acho que não há com o que se preocupar."

"Não", disse ela, ainda não convencida, "assentadores não portam armas como aquelas. Eles estão armados como quem se prepara para enfrentar problemas."

Conforme eles se aproximavam, os sorrisos evidentes em seus rostos, Kazi puxou os ombros para trás e voltou lentamente a atenção para mim, seus lábios se abrindo de leve, como se ela estivesse se dando conta de algo, de um jeito meio embotado. Ela voltou a olhar para eles, a verdade se assentando e ficando mais clara — minha falta de preocupação, o reconhecimento nos olhos deles quando me viram.

Eles detiveram seus cavalos de maneira abrupta diante de nós, e um deles disse: "*Patrei*, estávamos observando, na esperança de que você viesse por esse caminho".

Ela se virou para mim e, por alguns segundos, seus olhos estavam frios, mortais, até que explodiram em fúria.

"Seu imundo..."

Ela brandiu o cajado, mas eu já esperava por isso e o segurei, fazendo com que ela viesse involuntariamente na minha direção.

"O que você esperava que eu fizesse?", falei. "Simplesmente entrasse alegre e saltitante em um assentamento vendano, para que você pudesse me prender ou algo pior? Seguir por caminhos separados é algo que nunca esteve em seus planos. É fácil perceber suas mentiras, Kazi."

Seu peito subia e descia enquanto ela me olhava com ódio, incapaz de negar o que eu acabara de dizer.

"Se afaste!", ela grunhiu, soltando o cajado. Ela deu uns passos para trás, tanto quanto a corrente permitia, ainda fervendo de raiva. Eu não tinha tempo de explicar nem de tentar acalmá-la. Teria de fazer isso depois.

Ergui o olhar para Boone, nosso contramestre. "Volte para o posto e traga ferramentas para nos soltar desta corrente", ordenei. "Foley, você traz comida na volta. E um cavalo."

"Dois cavalos?"

"Não. Ela vai no mesmo cavalo que eu."

Eu não podia confiar que ela fosse permanecer conosco, e não havia

tempo a perder caso tivéssemos de caçá-la.

"Vocês têm um mensageiro por aqui?", eu perguntei.

"Aleski", foi a resposta dele.

"Tragam-no também."

Enquanto esperávamos que Boone e Foley voltassem, Tiago disse que eles tinham enviado olheiros por toda parte para me procurar.

"Nós finalmente rastreamos os caçadores, mas a carroça estava vazia e os rastros apontavam para inúmeras direções."

"Havia quatro outros prisioneiros", expliquei. "Quando escapamos, todo mundo se espalhou. Vocês cuidaram dos caçadores?"

Ele assentiu.

"Mortos. Porém, um deles suplicou incansavelmente por sua vida antes de morrer. Ele disse que tinham recebido pagamento adiantado por uma carga inteira e que estavam livres para levar e vender o carregamento para uma mina, de forma a obterem mais lucro."

Pagamento adiantado? Isso era impossível. Caçadores de mão de obra não passavam de abutres. Ninguém os pagava por mercadorias que ainda não tinham sido produzidas. Minas ilegais eram o único tipo de local que negociava com eles.

"Talvez ele estivesse mentindo", falei.

Tiago balançou a cabeça. "Não creio. Não com uma faca pressionada em sua têmpora. Ele disse que todos eles sabiam que não deveriam chegar nem perto da Boca do Inferno, mas que a oferta era boa demais para resistir."

"Quem os pagou?"

"Ele não sabia. Disse que foi um camarada que se aproximou deles e não disse o nome. O homem falou que ficaria sabendo se fosse enganado e se as coisas não seguissem conforme o combinado."

Ninguém pagaria por mercadorias indesejadas. Não era atrás de mercadorias que eles estavam. Eles estavam comprando o pânico — e raiva dirigida aos Ballenger, que não estavam mantendo a cidade a salvo. Alguém estava tentando nos derrotar.

"Vocês encontraram outros prisioneiros?"

"Três. O ferreiro estava morto, e os outros dois, em péssimo estado. Não sei ao certo se eles vão sobreviver, mas nós os trouxemos para a torre da Vigília de Tor. O curandeiro está cuidando deles."

“Que bom. Antes de liberá-los para retornar à cidade, certifique-se de que eles saibam que não devem dizer a ninguém o que aconteceu, nem que eu estava lá.”

“Isso já foi feito. Sabem que devem ficar calados.”

“E vocês devem ir atrás do outro prisioneiro. Ele tem de estar por aí em algum lugar. Nós não o queremos voltando aos tropeços para a cidade, nem falando demais.” Fiz um gesto na direção de Kazi. “E quanto às outras Rahtan que estavam com ela? Vocês as encontraram?”

Tiago ficou hesitante, olhando de relance para Kazi. “Nós estamos com elas em custódia, mas não nos dizem nada.”

Os olhos dela estavam como aço. Essa era mais uma circunstância que não lhe agradava. Eu não ia conseguir arrancar mais nada dela. Pelo menos não ainda.

“Tivemos outros problemas”, acrescentou Tiago.

Ele disse que, desde a primeira noite em que desapareci, houveram seis incêndios em seis distritos diferentes. Duas casas haviam sido queimadas até não restar nada. Ninguém morreu, mas todos os incêndios eram suspeitos e não tinham explicação. A cidade estava inquieta. Também houve uma incursão frustrada em uma caravana de Gitos, na qual dois condutores ficaram feridos.

Praguejei. Alguém estava tentando criar inquietação na Boca do Inferno, de todos os ângulos possíveis. Ou talvez houvesse vários “alguéns” fazendo isso.

Boone retornou, trazendo consigo sovelas e martelos do posto. Ele socou, martelou e manuseou a tranca enferrujada no meu tornozelo, até que ela finalmente se partiu.

“A dela também?”

Kazi estava surpreendentemente silenciosa, mas seu olhar era condenador. Ela certamente estaria calculando como me faria pagar pelo que fiz.

“Sim”, respondi. “A dela também.”

Esfreguei o meu tornozelo no lugar onde as algemas haviam raspado e cortado a pele. Kazi fez o mesmo e olhou para mim com ares de suspeita. Finalmente estávamos separados.

Foley chegou com um cavalo para mim e para Kazi, e Aleski, o mensageiro do posto, veio logo atrás dele. Aleski cavalgava inclinado e, por

isso, seu jovem cavalo Phesian demorou mais que o necessário para chegar. Enquanto ele ajustava os estribos do meu cavalo, dei-lhe as instruções.

"Siga em frente. Túnel de Greyson. É importante que eles nos vejam chegando da torre da Vigília de Tor, e não da cidade. Grite pedindo roupas. Qualquer coisa. Traga-as até nós, aqui embaixo. Vamos nos trocar no meio do caminho. Não podemos aparecer por lá com essas roupas. Traga algo para ela também. Dê uma olhada no quarto de Jalaine. Então vá até lá e enrole, ganhe tempo. E sapatos!", eu gritei, enquanto ele saía cavalgando.

Eu não tinha outra opção senão levar Kazi conosco. Eu conversaria com ela enquanto cavalgávamos e a convenceria de que ela precisava concordar com o que quer que eu dissesse. Tentaria fazê-la entender o que estava em jogo. Os lobos já estavam se lançando para cima da Boca do Inferno. A torre da Vigília de Tor seria o próximo alvo.

CAPÍTULO 18

KAZI

Olhei com ódio para Jase.

Por dentro, porém, eu gargalhava. Em algum nível, eu ainda estava furiosa. Ele falava de honestidade em um momento, e dois minutos depois suas mentiras eram desveladas como os dentes de um candok. Dentes que cravavam em mim, afiados e inesperados.

Ainda assim, uma vez que o choque havia passado, eu tive de esconder a satisfação pela minha incrível sorte muito rapidamente. Ele estava me levando diretamente para onde eu queria ir — a torre da Vigília de Tor. Eu não precisaria entrar sorrateiramente, nem criar qualquer outro problema na Boca do Inferno para desembarcar ali. Eu estava sendo escoltada até lá pelo próprio *Patrei*. Era uma ironia tão suculenta e doce que, em algum momento, eu ficaria feliz em poder enfiá-la pela goela do garoto.

Desde o minuto em que nos encontramos com os cavaleiros no vale, eu havia observado a transformação dele. Ele se tornou outra pessoa. Tornou-se o *Patrei.* Seu rosto endurecia enquanto ele ladrava ordens, e todos os planos que cozinhara em silêncio pelos últimos quilômetros foram cuspidos, um comando atrás do outro, como se ele fosse um general. Seus soldados dispararam, como escravos devotos, sem questionar nenhum de seus comandos. Eu tinha sido tola em achar que, naqueles quilômetros de silêncio, ele estava pensando em nós dois.

Os comandos dele não se restringiram a seus capangas. Famintos, engolimos alguns pedaços de pão, carne salgada e um bom gole de cerveja *ale*, e então ele ordenou que eu subisse no cavalo que haveríamos de

dividir. Ele tomou o cuidado de segurar as rédeas, mantendo-as longe do meu alcance, posicionou-se atrás de mim e partimos. Por mais apressado que parecesse, ele manteve o cavalo a meio galope, em ritmo uniforme, de modo que o animal não ficasse ofegante. Achei que isso queria dizer que ainda teríamos vários quilômetros pela frente.

Mantive minha fúria e meu silêncio, embora não pudesse resistir e acabasse sorrindo nos momentos em que eu sabia que ele não podia ver. Ele falava enquanto cavalgávamos, tentando explicar seu estratagema quando me disse que estávamos indo para o assentamento, confessando que estava com medo de que eu não fosse concordar se soubesse que ele estava me tomando em custódia.

"É isso que você está fazendo? Me tomando em custódia?"

Peguei-o desprevenido com as primeiras palavras que eu tinha dito, e sua resposta saiu hesitante, cheia de pausas.

"Eu... Sim, bem, até que consigamos ver o que fazer nessa situação."

Ver o que fazer nessa situação? Claramente não era eu quem estava causando encrencas na Boca do Inferno, nem Wren e Synové, a quem eles tinham sob custódia — uma revelação que me chocou. *Como foi que isso aconteceu?* Será que elas ficaram me observando no fim daquela rua por tempo demais? E por que os Ballenger as mantinham com eles? Elas tinham o direito de investigar violações do tratado. Ainda assim, foi difícil entender como elas foram pegas, para começo de conversa — Wren e Synové eram mais do que habilidosas, e os homens que acompanhavam Jase naquele dia estavam tão bêbados quanto ele. Se elas estavam presas na torre da Vigília de Tor...

Se. Um outro pensamento se insinuou dentro da minha cabeça. Talvez eles nem mesmo estivessem com elas. Tiago hesitara alguns segundos quando Jase as mencionou. *Elas não dizem nada.* Elas não diriam nada se não estivessem mesmo lá, e Synové não parava nunca de falar. Talvez esses capangas ainda estivessem procurando por elas e não queriam que eu soubesse disso. Um outro tipo de vantagem sobre mim. Eles manteriam o suposto aprisionamento delas pairando sobre a minha cabeça. Suprimi mais um sorriso. Eu também era capaz de desempenhar meu papel nesse jogo.

Estava me sentindo eu mesma novamente. De volta ao meu caminho. As linhas borradas se tornavam mais claras. Eu podia me esquecer desses

últimos dias com Jase tão facilmente quanto ele.

Diminuímos a velocidade para cruzar um riacho e Jase se inclinou para perto de mim, esfregando minha bochecha com seu queixo.

"Kaz..."

Eu o afastei com o ombro, cutucando suas costelas com meu cotovelo.

Ouvi um leve *ai!* e balancei a cabeça, incrédula. Que jogo ele estava jogando agora? Assim que cruzamos o riacho, ele começou a cavalgar mais rápido.

"Você não vai dizer nada mesmo?"

Não.

"Estamos indo para o funeral do meu pai. Haverá muita gente por lá. Preciso que você confirme tudo o que eu disser."

Eu não falei nada.

"Se for necessário, vou jogar você para fora do cavalo e deixá-la para trás. É isso o que você quer?"

Não, ele não faria isso, ou teria me deixado para trás no posto. Ele me queria para alguma coisa. Eu estava curiosa o bastante para morder a isca, mas não tanto a ponto de servir seus desejos em uma bandeja. E, se eu ficasse obediente demais, ele ficaria cada vez mais desconfiado.

"Acho que você terá de esperar para ver que tipo de peso morto eu me tornarei."

Eu sentia suas ondas de fúria às minhas costas e, enquanto olhava para a paisagem ao meu redor, me perguntava se eu havia superestimado o meu valor. Não seria agradável ser jogada de um cavalo aqui.

Começamos a subida e o cavalo tinha dificuldades de seguir o ritmo, mas era evidente que Jase sabia com precisão quão rápido ele podia forçar o animal a andar. O descanso do garanhão estava bem à frente. Quando passamos por um bosque cheio de árvores, a fortaleza que se erguia da torre da Vigília de Tor nos saudava. Múltiplas torres pequenas e pontudas se atiravam no ar, como fusos negros e afiados perfurando o céu. Se era para ser intimidante, estava cumprindo bem o seu propósito. De um lado, o beemote que se agigantava desajeitado flutuava quase à beira de uma queda abismal, e, em torno do restante dele, uma grande parede de pedra com mais torres pequenas serpenteava, saindo do meu campo de visão. O lugar era bem maior do que eu havia imaginado — e eu conseguia ver apenas parte dele. Nós nos dirigimos até um trecho da parede de pedra que

se curvava e descia pela montanha como se fosse uma fita preta desgastada pelo tempo. Um imenso rastrilho se abriu quando nos aproximamos, esperando por nossa chegada.

Assim que começamos a atravessar a entrada, avistei o Túnel de Greyson à frente. Uma maravilha da engenharia, a meia-lua cortada na lateral de uma montanha de granito sólido, ampla o bastante para permitir a passagem de um exército e alta o bastante para comportar cinco homens grandes em pé, um em cima do outro. Os sinais indicativos da idade enrugavam as bordas da abertura, como as linhas profundas causadas pelo tempo na boca de um homem idoso. Não era um trabalho de homens comuns. Era uma criação dos Antigos. Adentramos a caverna com os cascos dos nossos cavalos ecoando pela câmara de pedra. O ar gélido tinha cheiro de eternidade, palha, cavalos e suor. Um gosto metálico permeava o ar. Eu não conseguia ver até onde o túnel se estendia, mas parecia infinito. Em algum lugar, ouvi o ressoar oco de água escorrendo. O túnel estava agitado, carroças eram carregadas com mercadorias, mãos estáveis guiavam cavalos, e trabalhadores absortos desciam correndo as escadas entalhadas nas laterais do túnel, que emergiam de uma abertura no teto curvado.

Elaborei um mapa mental de cada trecho pelo qual passamos. Não havia muitos lugares onde desaparecer aqui, mas havia centenas de gloriosas sombras, pontos de partida para lugares a serem explorados. Em algum ponto do caminho, um pequeno túnel se destacava, seguindo para outra direção, e lanternas lançavam um estranho brilho amarelo a partir do teto rebaixado. Na parede ao lado da entrada, como uma placa anunciando um bar, havia uma gravura desbotada em forma circular, com as beiradas de pedra apagadas pela ação do tempo. Um vestígio da asa de uma águia era a única coisa que ainda se podia discernir. *O brasão de armas dos Ballenger?* Então a história de Jase não era apenas uma história. Seria o mesmo brasão que Greyson Ballenger vira séculos atrás? Ainda assim, um brasão de armas não tornava a reivindicação de que eles tinham sido os primeiros mais verdadeira do que as sete cascatas provando que uma deusa estava aos prantos por seu amante perdido.

Um retumbar ecoou, e um estrado, que foi baixado por um elaborado sistema de roldanas, bateu ruidosamente no chão. Minha pulsação acelerou, como se eu tivesse adentrado a barriga de alguma máquina

macabra e sombria, com suas engrenagens todas girando e tiquetaqueando em uma batida ordenada ao som das ordens de seu mestre. E o mestre era Jase Ballenger. Jase desceu do cavalo e agarrou minha cintura, fazendo-me descer junto com ele.

"Por aqui", disse ele.

Ele andava rapidamente à frente, esperando que eu o acompanhasse, e foi tirando as roupas enquanto caminhava, seu cinto caindo no chão, depois a calça. *Meus deuses, não a...*

Sua cueca foi dispensada também. Ele estava nu como os deuses o haviam feito, mas meu vislumbre foi logo interrompido por criados que caíram em cima dele, oferecendo-lhe toalhas molhadas para limpar a sujeira do rosto, uma camisa limpa, calça, um casaco. Ele se vestia enquanto andava, pulando com um pé só para calçar as botas. Jase estava determinado, como se todos os segundos perdidos fossem cruciais. Os criados também vieram para cima de mim e, embora tenha aceitado de bom grado os panos molhados e quentinhos para limpar o meu rosto, coloquei um limite nesse negócio de tirar as roupas em uma caverna com dezenas de pessoas olhando. Jase deve ter ouvido os meus resmungos atrás dele e se virou.

"Coloque o vestido por cima da calça. Tanto faz!"

E foi exatamente o que eu fiz. Nós dois ainda estávamos sujos dos dias passados na natureza selvagem e em terrenos inóspitos que grudaram em nossa pele, mas as toalhas úmidas foram suficientes para dar um jeito na aparência, e as roupas limpas fizeram o resto. A dona do vestido que eu estava usando era menor do que eu. A bainha ficava bem acima dos meus tornozelos, e eu tive de dobrar a calça até os joelhos. As mangas chegavam até o meio dos meus antebraços, e abotoar o corpete do vestido provou-se algo impossível. Consegui fechá-lo apenas na altura do peito.

"Solte o ar", disse a criada e puxou o corpete, que se esticou, apertando meus seios, fechando por fim os dois últimos botões.

E quando é que eu inspiro novamente?, eu me perguntava. Ela era uma mulher mais velha, com cabelos de um tom prateado impressionante, e parecia inabalada com as atividades incomuns. "Oleez", ela disse, apresentando-se de forma simples, e depois jogou sandálias no chão para que eu as calçasse. Também eram apertadas, mas toleráveis por um curto período. Ela assentiu na direção de Jase e eu me virei. Ele estava parado

diante de uma outra passagem, e um criado lhe fazia a barba de vários dias com movimentos rápidos e certeiros.

"Já basta", disse Jase, limpando o rosto com uma toalha. "Vamos."

Não estávamos exatamente transformados, nossas aparências ainda desmazeladas, mas eu imaginava que já estivéssemos mostrando alguma semelhança com a imagem que ele estava tentando alcançar. A passagem era apenas larga o bastante para que nós dois andássemos lado a lado. Jase e eu seguíamos na frente, com o rimbombo de um exército atrás de nós. Ninguém falava nada. Olhei de relance para Jase, cujo maxilar era uma linha rígida. Chegamos numa porta e, quando a atravessamos, a luz brilhante do sol me cegou. Ergui rapidamente a mão para proteger meus olhos, e um barulhento frenesi de rosnados e latidos irrompeu. Meus olhos se ajustaram à luz, e eu vi dois imensos cachorros pretos vindo para cima de mim, com suas mandíbulas estalando e exibindo presas afiadas. Fiquei ofegante, e o botão de cima do meu vestido soltou e caiu, fazendo um barulho metálico enquanto rolava pelas pedras do pavimento. Dei um passo para trás em direção à porta, mas a mão de Jase estava nas minhas costas, me impedindo.

"*Vaster itza!*", gritou Jase, e as feras imediatamente pararam. Elas abaixaram as cabeças, choramingando por um breve instante, e então se deitaram no chão. "Eles não conhecem você", disse Jase, sem se abalar, "e você fez um movimento súbito."

Proteger meus olhos foi um movimento súbito?

Além das muralhas imponentes, esse era um dos motivos pelos quais a torre da Vigília de Tor era impenetrável. Eu nunca tivera de lidar com cachorros em Venda. Não havia nenhum por lá. Todos eles tinham sido comidos.

Isso não era nenhum lar. Era uma fortaleza formidável, e aqueles que guarneciam as torres e os portões não eram simplesmente guardas, mas guerreiros comprometidos a aniquilar qualquer transgressor que até mesmo piscasse de uma forma que não lhes fosse adequada.

Entramos em um grande pátio e continuamos nossa caminhada em direção a um portão cheio de guardas e reforçado com placas de metal, e então fiquei sem fôlego. À direita estava a fortaleza, a torre da Vigília de Tor, que eu só tinha visto de longe e que agora se agigantava diretamente sobre nós. Jase me viu olhando para cima, hesitante em meus passos. Ele

notou que estava faltando um botão em meu vestido.

"Está tudo bem com você?'

"Cale a boca", respondi.

Ele não tinha direito algum de me fazer essa pergunta agora. Porém, enquanto caminhávamos, fiz mais uma nota mental: ele estava prestando mais atenção em mim do que eu havia pensado.

Descemos por uma longa estrada que atravessava a montanha, e toda a Boca do Inferno se estirava abaixo de nós, uma vista espetacular em toda a sua extensão, com a formação circular das árvores de *tembris* mais evidente e com uma aparência ainda mais sobrenatural a partir daquela perspectiva privilegiada.

Quando a vista ficou para trás e a estrada retomou seu trajeto, de repente estávamos em nosso destino — um cemitério sombreado por árvores, repleto de tumbas, estátuas e lápides. As multidões que se reuniam nos gramados verdes nos viram chegando. *Queridos deuses, o que eu estava fazendo naquele lugar?* Que planos Jase tinha para mim? Sacrifício humano? Eu seria fechada na tumba junto com o pai dele? Eu sabia que a minha imaginação estava forçando os limites das possibilidades, mas Jase se arriscava imensamente ao me trazer até aqui com ele. De alguma forma, ele confiava que eu não haveria de revelar que o *Patrei* tinha sido mantido refém em sua própria cidade por alguns tolos fracassados. Ele estava errado em confiar em mim, especialmente agora. O que quer que houvéssemos compartilhado havia ficado para trás.

Diminuí o ritmo da caminhada conforme nos aproximávamos do local e cabeças se voltaram para observar nossa aproximação, mas a mão de Jase estava firme nas minhas costas, empurrando-me para a frente. Ainda assim, consegui fazer uma busca rápida pelos rostos das pessoas, como eu sempre fazia, não apenas procurando por alguém do meu passado como também por aquele a quem a rainha cuidadosamente descrevera. Nenhum dos dois estava ali. Centenas de pessoas haviam se reunido, e elas se dividiam conforme nos aproximávamos da margem externa, abrindo espaço para que Jase passasse, uma fenda humana se formando em silêncio e com respeito, revelando, por fim, um aglomerado de pessoas paradas em pé na entrada de uma grande tumba.

Estavam lado a lado, estoicos, orgulhosos, mas duas crianças se separaram do grupo quando avistaram Jase e saíram correndo até ele,

chamando seu nome. Ele se ajoelhou, pegando-as nos braços, abraçando-as com força, aninhando o rosto junto a cada uma das cabeças, assimilando suas presenças. Fiquei observando enquanto suas pequenas mãos pálidas se curvavam no casaco dele, segurando firmemente as dobras do tecido como se nunca mais fossem soltá-lo. Parecia que Jase jamais as soltaria também. Eu podia sentir o nó na garganta dele, a dor em seu peito, e senti um aperto em meu próprio peito. Por fim ele os soltou e limpou as lágrimas da bochecha do menino com seu polegar, sussurrando baixinho: "Está tudo bem. Vá agora". Ele deu uma beliscada de leve no queixo da menina e pediu que ambos voltassem ao grupo. O menino olhou de relance para mim, com seus cílios molhados e grudados, os olhos do mesmo tom de castanho dos de Jase, e então se virou e seguiu as ordens do irmão. A menininha fez o mesmo.

A família dele. Agora eu sabia. Sua mãe. Seus irmãos e suas irmãs. Reconheci três deles pelas descrições de Jase. Gunner era alto e de feições angulosas, com seus cabelos castanho-escuros puxados para trás em ondas. Titus era robusto e musculoso, com cabelos cor de areia que se curvavam em volta de suas orelhas. Mason tinha longos cabelos pretos em múltiplas tranças, e uma cicatriz cor-de-rosa na lateral do pescoço deixava uma linha irregular em sua pele morena. Foram eles quem eu vi caminhando ao lado de Jase no primeiro dia em que nos encontramos. Tentei me lembrar dos nomes dos demais.

Ao contrário dos irmãos mais novos, os outros sabiam que Jase não deveria estar desaparecido, de modo que eles permaneciam parados, calmos, esperando, como se ele tivesse acabado de vir da torre da Vigília de Tor. Mas o maxilar rígido de sua mãe dizia tudo. Eu a vi respirar de maneira plena pelo que facilmente seria a primeira vez desde que o filho havia sumido. Jase saiu do meu lado e foi até ela, abraçando-a, reservado, com respeito, sussurrando brevemente em seu ouvido. Ele fez o mesmo com seus irmãos e irmãs. A emoção que havia transbordado com os dois irmãos mais novos era mantida sob controle pelos Ballenger mais velhos — que se limitavam a apenas um cumprimento respeitoso —, pois, supostamente, todos eles tinham acabado de se ver horas antes, e as multidões que os cercavam a tudo observavam.

Uma de suas irmãs examinava a mim e ao meu vestido, o que me fez pensar que muito provavelmente o vestido era dela. Ela parecia mais nova

do que eu e vários centímetros mais baixa. *Dê uma olhada no quarto de Jalaine*, creio que foi isso o que Jase dissera. Eu estava parada, em pé, no meio daquela fenda aberta, longe de Jase e de todo o restante das pessoas, desajeitadamente sozinha e me perguntando o que eu deveria fazer. Quando Jase abraçou seu último irmão, ele se virou para o sacerdote que o esperava adiante. Eles trocaram algumas palavras baixinho, e então o sacerdote, que vestia uma túnica vermelha ornamentada com ouro, virou-se para a multidão e disse que prepararia e abençoaria a tumba antes que tivesse início a procissão de exibição do corpo. Ele entrou na tumba, e a família e a multidão ficaram aparentemente mais tranquilas. Jase ainda estava de costas para mim enquanto falava com sua mãe. Conversas discretas e em voz baixa tiveram início novamente, e então um homem surgiu da fenda aberta.

"Jase, que bom finalmente ver você. Achei que talvez você não fosse vir." Um profundo silêncio recaiu conforme o homem se adiantava. Ele era jovem e alto, com as laterais de seus cabelos castanho-avermelhados e escuros cortadas rente à cabeça, o restante puxado para trás em um rabo de cavalo. A jaqueta justa exibia seus ombros largos, e suas botas polidas eram extremamente brilhantes. "Você anda sumido desde a morte de seu pai. Ninguém o viu. Seria de se esperar que o novo *Patrei* estivesse mais presente, considerando todas as preparações necessárias para o dia de hoje."

As costas de Jase ficaram enrijecidas e ele se virou, olhando para o homem. Todos os tiques de raiva que eu cheguei a conhecer — o controlado erguer do queixo, a curva firme de seu lábio superior, o olhar fixo e sem pestanejar — ressurgiram instantaneamente, esculpidos em seu rosto.

"Meus cumprimentos, Paxton. Creio que eu não deveria ficar surpreso em vê-lo por aqui. Achei que tivesse ouvido uns lobos uivando."

"*Jase*, nós somos família. Agora eu entendo e valorizo isso. Espero que você ainda não guarde ressentimentos por causa da minha arrogância e dos meus erros da juventude. Conheço o meu lugar agora, e sei que, hoje, esse lugar é aqui. É meu dever prestar respeito ao sangue do meu sangue."

"Seu dever", Jase repetiu as palavras de Paxton. "E meu pai realmente merecia o seu respeito."

"Assim como Jase o merece agora", acrescentou Mason.

Paxton assentiu e deu mais alguns passos, aproximando-se. Ele carregava uma arma na lateral do corpo, ao contrário de Jase, que não levava nenhuma. Fiz uma rápida varredura na multidão, me perguntando quantos poderiam estar aqui apoiando esse homem no qual eu já não confiava. Ele ergueu um dedo, mexendo-o no ar como se estivesse pensando.

"Mas tem uma coisa. Eu soube que você perdeu a cerimônia de envolvimento do corpo. Chegou a receber o chamado de algo urgente? Onde você esteve, primo?"

Jase permaneceu em silêncio, com uma expressão pétrea no rosto, mas eu sabia que a raiva estava vindo à tona. Ele não gostava de perguntas acusadoras, e estava claro que também não gostava do primo, mas, ainda assim, outros também esperavam pela sua resposta — outros que tinham mais importância para Jase do que seu primo. De alguma forma, ele conseguiu sorrir, e então, vagarosamente, virou-se para mim e estirou a mão para que eu me juntasse a ele. Embora tudo nele parecesse autoconfiante e controlado, seus olhos estavam fixos nos meus com um fogo selvagem de necessidade. O olhar dele queimava em mim. Ele não disse nada, mas li as palavras em sua expressão: *Por favor, Kazi, confie em mim.* Mas eu não conseguia. Desviei o olhar, apenas para me deparar com a mesma intensidade na expressão de Jalaine, da mãe, e também no pequeno Nash — cujos olhos eram largos círculos à espera de algo, como se ele soubesse que sua família estava em risco.

Voltei a encarar Jase, cujos olhos ainda ardiam em chamas, sua mão ainda estendida. Adiantei-me, sentindo todos os olhares que estavam pousados em mim, os ossos rígidos, e passos constrangidos nada parecidos com os meus. Quando cheguei perto dele, Jase segurou minha mão e me puxou, aninhando-me ao seu lado. Ele deslizou o braço ao redor do meu corpo, me abraçando pela cintura de um jeito afetuoso, e sua atenção se voltou novamente para Paxton.

"Eu estava fazendo exatamente o que o meu pai me pediu para fazer: garantindo que haja muito mais gerações dos Ballenger pela frente. Nosso legado seguirá adiante."

Um ribombo de risadinhas escapou pela multidão, e minhas bochechas ficaram quentes. Parecia que ninguém além de mim achava que o comentário era inadequado para um funeral. Eu estiquei a mão atrás das

costas de Jase e o cutuquei com o polegar. Ele me puxou mais para perto dele.

"E, como vocês podem ver, eu me certifiquei de que cuidassem bem de todas as preparações."

Paxton me escrutinou, começando por meus tornozelos expostos. Ele olhou com suspeita para as crostas dos machucados deixados em minha pele pelas algemas, e provavelmente sua imaginação saiu correndo em direções indecorosas. Seu olhar se ergueu lentamente, me contemplando, absorvendo a visão das mangas que nem bem chegavam aos meus pulsos, meu corpete apertado com um botão faltando, e então o meu rosto e os cabelos desgrenhados. Minha resposta para os seus olhares provocativos foi um olhar fixo e gélido.

Um homem que estava parado atrás de mim se inclinou para a frente e murmurou alguma coisa. Paxton sorriu.

"Então você está esquentando os seus lençóis com uma Rahtan, ainda por cima. Foi essa que entrou com tudo na cidade e com a qual você teve aquele desafortunado *incidente*?"

"Apenas um mal-entendido", disse Jase. "Já foi resolvido."

Mas agora todo mundo estava olhando para mim de novo, lembrando-se do que tinham ouvido falar ou de onde haviam me visto antes, lembrando-se das roupas vendanas que eu vestia quando entrei tempestuosamente na cidade, e as armas que eu portava nas laterais do corpo. A insinuação duvidosa de Paxton teve seu desejado efeito.

Gunner se mexia nervosamente, notando os sussurros, e deu um passo à frente. "É claro, uma Rahtan! Ela veio comunicar que a rainha de Venda virá até aqui para reconhecer formalmente a autoridade dos Ballenger e seu território."

Paxton ficou lívido, abalado por essa notícia — assim como o restante de nós. Jase fitou Gunner como se ele tivesse enlouquecido. Um retumbar de prazer passou pela multidão.

"Virá até aqui? Até você? Isso é uma evolução e tanto." O tom de Paxton comunicava sua genuína surpresa, mas ele não parecia tão satisfeito com essa notícia quanto o restante da multidão.

Uma evolução e tanto, concordei em silêncio, mas não disse nada. Paxton me observava, buscando confirmação. Não lhe dei nada. Eu não ia me afundar neste atoleiro que os Ballenger estavam criando e fazer com que a

rainha parecesse uma mentirosa inconstante quando não viesse. Seu foco de repente se voltou para a mão de Jase, ainda em volta da minha cintura, e ele ergueu as sobrancelhas.

"E o anel de sinete? Você já o perdeu?"

Seu tom foi condescendente, como se estivesse envergonhando uma criança descuidada. O calor ardia em minhas têmporas. Jase tirou a mão da lateral do meu corpo e esfregou o nó de seu dedo onde o anel deveria estar. Ele me dissera que aquele anel estava em sua família havia gerações, sendo remodelado, reparado e recebendo mais ouro conforme se desgastava, mas sempre o mesmo anel. Uma vez que fosse colocado no dedo, nunca seria tirado. Até agora. Paxton estava despedaçando publicamente a credibilidade de Jase, pouco a pouco; primeiro, fazendo um comentário sobre sua ausência, depois, sobre a perda da cerimônia de envolvimento do corpo, e, agora, acusando-o de ter perdido descuidadamente o anel, que era o símbolo de sua regência, como uma coroa para um rei. Ou então Paxton estava escavando abertamente em busca de informações que revelassem o real paradeiro de Jase. Seria possível que ele soubesse? Para os meus propósitos, era cedo demais para que as coisas saíssem do controle. Eu ainda tinha que voltar à torre da Vigília de Tor e não precisava ficar no meio de uma contenda pessoal por poder, nem me ocupar com um novo e desconhecido capanga que queria destituir os Ballenger.

"O anel está...", Jase começou a dizer, e eu sabia que ele estava procurando uma explicação plausível.

"Jase!", falei, balançando a cabeça como se tivesse acabado de notar uma coisa. "Esqueci de devolver o anel." Voltei a olhar para Paxton e expliquei: "Ficou um pouco largo, mas ele não queria que fosse ajustado até o término do funeral. Ele me entregou o anel hoje de manhã, enquanto tomava banho". Sorri para Jase. "Vou pegá-lo para você." Eu me virei, buscando privacidade, e fiquei de frente para a mãe dele enquanto erguia a parte da frente do vestido. Então enfiei a mão no bolso sujo, procurando pelo anel em meio aos restos despedaçados dos talos de dente-de-leão. O olhar da mãe dele, duro e descrente, perguntava-se o que eu estaria prestes a fazer, mas um brilho de esperança também residia em suas íris azuis. Meus dedos se fecharam em volta do anel, e assenti para ela. Eu me virei e entreguei o anel para Jase. "Você terá de chamar o joalheiro em breve", falei. Ele olhou para mim como se eu tivesse acabado de tirar um urso

candok da minha orelha. *Como? Quando?* Essas respostas, porém, teriam de esperar. Ele se inclinou e deu um beijo gentil na minha bochecha como se fôssemos amantes felizes, e então colocou o anel de volta em seu dedo, ainda me estudando com o olhar.

Especulando.

CAPÍTULO 19

JASE

Fechei as pesadas portas duplas atrás de nós, me certifiquei de que estavam bem trancadas para não sermos interrompidos e me virei para encarar a minha família. Todo mundo estava presente, menos Lydia e Nash, que eram novos demais para ouvir a maior parte do que eu tinha a dizer. A família sustentara nossa farsa por todo o caminho de volta à torre da Vigília de Tor, até mesmo enquanto passávamos pela entrada da frente e adentrávamos o corredor. Quando Gunner começou a fazer perguntas, eu o calei e disse: "*Sala de reuniões da família. Conversaremos lá*".

Tão logo eu me virei, Jalaine veio correndo me abraçar, e minha mãe se adiantou e deu um tapa no meu rosto, do jeito que só ela era capaz de fazer.

"*Straza!* O que foi que eu falei milhares de vezes?"

E então ela também me abraçou. Olhei por cima de seu ombro para os meus irmãos e minhas irmãs, que esperavam, pacientes, por respostas.

Quando por fim ela me soltou, todo mundo se sentou à longa mesa que preenchia o centro da sala, e eu lhes contei quase tudo sobre onde eu havia andado e o que fizera. Quase tudo. Não incluí alguns dos momentos com Kazi.

"Como foi que ela pegou seu anel?", quis saber Mason. "Você acha que ela estava trabalhando com os caçadores de mão de obra?"

"Não. Ela deu de cara com eles, assim como eu. E tentou salvar a vida dela, assim como eu."

"Pode ter sido uma farsa", disse Samuel.

Minha resposta foi mais uma vez negativa, mas eu também não conseguia entender como ela havia pegado o anel. Eu tinha visto o caçador jogar todas as coisas que haviam tomado de nós dentro de uma caixa, debaixo do assento da carroça. Não houve tempo para procurar ali quando fugimos.

"Não sei ao certo como ela fez isso, mas vou perguntar."

"Podemos confiar nela?", quis saber Aram.

Titus riu.

"Claro que não. Ainda mais se Jase teve de colocar dois homens de guarda do lado de fora do quarto."

Por ora, ela estava no meu quarto enquanto os aposentos de hóspedes eram preparados para ela. Eu havia colocado Drake e Charus de guarda no fim do corredor, de modo a não parecer óbvio. Ainda assim, tinha deixado claro para todo mundo na torre da Vigília de Tor os limites que ela poderia percorrer. Havia alguns lugares aonde ninguém ia, exceto a família.

"Podemos confiar nela em alguns aspectos", foi minha resposta. "Mas ela é vendana e, de fato, veio até aqui para investigar violações do tratado. Teremos de ser cuidadosos."

"*Violações*", grunhiu Gunner.

Rumores tempestuosos ecoavam entre os demais.

"Então, o que exatamente aconteceu entre vocês dois?', quis saber Priya.

"Estávamos acorrentados um ao outro pelos tornozelos. Tivemos de trabalhar juntos para..."

"Não seja tímido, Jase. Você sabe do que estamos falando", disse Titus, entrando na conversa. "Havia centenas de outras coisas que você poderia ter dito a Paxton para explicar sua ausência. Por que insinuar que você estava enfurnado em algum buraco com ela?"

"Porque essa desculpa não teria como ser desmentida", disse a minha mãe. "Não havia testemunhas."

"Nem era algo que poderia ser cuidadosamente discutido a fundo", acrescentou Mason. "Isso, de fato, pôs um fim no interrogatório de Paxton."

"Ele poderia ter dito que estava doente", disse Samuel.

Minha mãe balançou a cabeça em negativa. "Não. O curandeiro teria sido chamado, e a última coisa que desejamos sugerir é que outro *Patrei* esteja com problemas de saúde."

Todo mundo entrou na conversa, expressando a própria opinião sobre o motivo pelo qual isso ou aquilo teria sido uma boa desculpa. Finalmente, Priya levantou a mão para colocar um fim na discussão. “Jase, você ainda não respondeu. O que aconteceu entre vocês dois? Acha que não vi como você olhava para ela?”

Eu não me lembrava de ter olhado para ela de nenhum jeito em particular, apenas tive um longo momento de receio quando lhe estendi a mão, me perguntando se ela a pegaria. Eu havia assumido um risco calculado ao esperar que ela fosse me ajudar de novo — exatamente como naquela viela no primeiro dia em que nos encontramos —, ao esperar que ela fosse escolher a mim em vez de lobos como Paxton, assim como ela havia me escolhido em vez dos caçadores de mão de obra. Ela poderia ter saído andando naquele dia, como o caçador lhe ordenara. Em vez disso, sacou sua espada. Ela podia me odiar, mas odiava ainda mais algumas outras pessoas, e talvez eu tivesse esperanças de que, depois de tudo pelo que passamos, eu não fosse para ela apenas o menor dos males. Talvez eu estivesse me arriscando em pensar que ela me escolheria por vontade própria.

“Se você está imaginando que me viu olhando para ela de qualquer forma que seja, foi somente porque conseguimos sobreviver juntos.”

Jalaine fez um beicinho, como se estivesse decepcionada, mas seus olhos foram iluminados por um sorriso.

“Então vocês realmente não estavam fazendo pequenos Ballenger?”

Aram e Samuel riram com escárnio.

“Eu estava convencido disso”, Mason disse, dando de ombros.

Lancei-lhes um olhar gélido para que deixassem isso para lá.

“Bem, nós precisamos dela agora”, disse Priya. “Ela vai ter de escrever uma carta para a rainha e de fato pedir que venha até aqui, agora que Gunner…”

“Não”, falei. “Não vamos seguir por esse caminho novamente. Depois que o pai…”

“Nós estamos com uma das guardas de elite da rainha sob custódia”, argumentou Gunner. “Ela virá! Estamos fartos de ser esnobados pelos reinos.”

Minha mãe assentiu, concordando com ele. “E agora os cidadãos estão esperando por isso. Você ouviu os murmúrios da multidão?”

Mason soltou um suspiro, como se estivesse relutando em concordar. “A notícia já deve ter se espalhado pela cidade toda a essa altura, Jase. Fazer com que ela venha poderia contribuir para que as ligas recuassem.”

“E elas estavam todas aqui hoje”, disse Priya, “supostamente prestando respeito, mas sobretudo lambendo os beiços diante da situação.”

Faça com que ela venha. Esse foi o último pedido do meu pai. Todos eles estavam pensando nisso. Nele. No que ele queria. No que ele nunca conseguiu.

Quando ficou sabendo dos novos tratados, meu pai não ficou preocupado a princípio — nosso mundo não tinha nada a ver com o mundo lá fora. Não nos importávamos com eles e com o que faziam. Nós sempre estivemos isolados. Porém, quando as caravanas dos assentamentos, repletas de guardas, começaram a cruzar nosso território a caminho de outros lugares, meu pai tomou nota disso. Eu disse ao meu pai que ele precisava ir a Venda e falar com a rainha, como todos os outros reinos. *Nós não somos um reino!*, disse ele enfurecido. *Somos uma dinastia! Estamos aqui desde muito antes de Venda, e não nos ajoelhamos para ninguém. Ela virá até nós.* E ele enviou uma carta, solicitando a presença da rainha na torre da Vigília de Tor. Não houve resposta. Foi um erro da parte dela, porque então isso se tornou um insulto, fazendo com que ele parecesse fraco. Um insulto do qual que ele jamais se esqueceu. Nem ele nem o restante da família.

Lograr a vinda da rainha restituiria nosso orgulho e faria com que as ligas recuassem, mas poderia causar outros problemas — problemas maiores.

“Nós não podemos manter a guarda da rainha como refém. Se ela acabasse vindo, chegaria acompanhada de um exército enfurecido. É realmente isso o que queremos?”

“Não se escolhermos cuidadosamente as palavras da carta, inspirando confiança”, argumentou Gunner.

Titus bufou. “Carta que eu tenho certeza de que ele já escreveu.”

“Não”, respondi. “Nós não precisamos do reconhecimento de uma rainha para nos legitimar ou para controlar aqueles que invadem nosso território. Há desafios sempre que ocorre uma mudança no poder ou quando se percebe uma fraqueza. Nós mostraremos nossa força, como sempre fizemos.”

“Então o que diremos às pessoas que perguntarem quando a rainha

virá?", quis saber Priya.

Balancei a cabeça, soltando um longo e raivoso suspiro. "Você deveria ter ficado quieto, Gunner! Por que você teve de abrir a boca?"

Gunner socou a mesa com o punho cerrado e levantou. "Porque ela é uma Rahtan! A cidade não para de falar sobre como ela jogou você contra a parede e o deixou de joelhos! *Eles viram com os próprios olhos!* Um *Patrei* de joelhos, com uma faca na garganta! Você acha que tratar isso tudo como um mero mal-entendido vai sanar todos os questionamentos? E, acredite, as pessoas estão questionando! Elas precisavam de algo grande a que se agarrar, e eu dei isso a elas!"

Nossos olhares enfurecidos se encontraram fixamente, em um longo e sufocante silêncio.

As discussões em volta da mesa eram costumeiras, e um dos motivos pelo quais realizávamos nossas reuniões de portas fechadas, de forma que pudéssemos expor nossas diferenças com privacidade. No entanto, uma vez que dali saíssemos, éramos uma frente unificada. Era uma das coisas que nos mantinham fortes.

"E quanto a Beaufort?", quis saber Aram. "Ele fez grandes promessas. Algum dia ele vai liberar as mercadorias?"

"Esse é um investimento a longo prazo", Gunner disse. "O pai sabia que Beaufort não poderia produzi-las para nós da noite para o dia. Mas ele está quase lá."

"Já faz quase um ano", disse Priya. "Ele e os amigos continuam bebendo o nosso vinho e a nossa boa vontade. Não gosto disso. Brincar com a magia dos Antigos é como brincar com fogo."

"Mas isso vai garantir a nossa posição junto a todos os reinos no continente, e não apenas junto às ligas", eu disse, lembrando-a do fato.

"E manterá a nós e a nossos interesses a salvo", acrescentou Mason. "O comércio poderia triplicar."

Jalaine soltou um grunhido. "Se algum dia ele cumprir com a parte dele."

"Ele fará isso", disse minha mãe com firmeza.

Esperávamos conseguir mais do que segurança. Mas eram apenas mais promessas. Às vezes eu achava que isso era tudo o que meu pai estava tentando dar a ela quando acolheu Beaufort — esperança.

"Até lá", ela continuou a falar, "nós precisamos fazer algo, Jase, *agora*. Não podemos ficar esperando que promessas sejam cumpridas. Os lobos já

deram as caras. Seis incêndios suspeitos em seis noites."

"Podem ter sido as Rahtan que estavam com ela?", quis saber Mason.

Percebi a mensagem oculta de Tiago em alto e bom som quando ele proclamou que as tinha sob custódia, querendo dizer, na verdade, que elas ainda estavam à solta. O fato de que duas Rahtan haviam se escondido era algo suspeito, e falar sobre isso na frente da terceira delas tornava tudo mais arriscado. Onde será que elas estavam se escondendo e por quê? Eu não gostava disso, mas minha intuição me dizia que provocar incêndios para destruir lares e estabelecimentos não era uma tática de Rahtan, e assustar os cidadãos era definitivamente a abordagem dos lobos.

"Eu não creio que nenhuma Rahtan tenha feito isso, mas precisamos encontrá-las. Elas estão por aí em algum lugar, talvez até mesmo lá, naquele assentamento vendano. A essa altura, sei o bastante sobre elas para saber que não iriam para muito longe daqui com uma delas desaparecida. Samuel e Aram, levem um pessoal até o assentamento amanhã e investiguem."

"Já fizemos isso. Não deu em nada."

"Façam de novo. Da primeira vez, eles estavam esperando visitas. Mas agora, não. Também temos de descobrir quem pagou adiantado os caçadores de mão de obra para que viessem causar problemas."

"Acha que foi Paxton?", perguntou-me Priya, com um tom repleto de repulsa. Ele sempre tinha sido nauseantemente doce com ela, o que fazia com que ela gostasse ainda menos dele. Eu suspeitava de que ele pensava em Priya e em casamento como uma forma de retornar à família Ballenger… e reconquistar o poder.

"Pode ser", foi minha resposta, mas não estava certo disso. Eu sabia que Paxton também odiava os caçadores de mão de obra, por isso não tinha certeza se ele se rebaixaria a tal ponto.

"Ou pode ter sido uma declaração de amor de qualquer uma das ligas", disse Jalaine. "Eles viram a arena prosperando e estão famintos para abocanhar um pedaço maior dela. Eu os ouço resmungando quando entram no escritório em busca de suas parcelas. O mascate de Truko praticamente entra em ebulição o tempo todo."

Olhei para Mason. "Descubra. Não importa como você irá fazê-lo, quem quer que tenha de vencer no braço ou subornar, descubra quem pagou os caçadores. Concentre-se em Truko e seus homens. Veja como estão as

coisas com Zane também, se ele percebeu alguma atividade incomum." Zane tinha um olhar afiado para gravar rostos e registrava todas as entregas na arena. "Quanto aos incêndios, Titus, coloque mais guardas em cada estrada que dá para a cidade, de noite e de dia, e diga aos magistrados que todos os rostos desconhecidos são suspeitos."

"E como abordaremos os questionamentos?", quis saber Gunner, insistindo em não deixar esse assunto de lado. De todo modo, ele havia escutado o burburinho. Eu, não. Gunner podia ser mais impulsivo do que eu, mas ele realmente tinha bons ouvidos.

"Eu me farei mais visível nessa próxima semana. O *Patrei* não vai se acovardar e ficar de joelhos para ninguém. Demonstrarei força e confiança — todos nós o faremos. Tios, tias, todo mundo. Diga isso a eles. Diga a todos que caminharem pelas ruas da Boca do Inferno nessa semana: os Ballenger ainda comandam esta cidade e a mantêm em segurança."

"E quanto a ela?"

A própria Rahtan que havia me derrubado, caminhando pelas ruas da Boca do Inferno ao meu lado? Isso era algo que poderia estourar na minha cara, mas também poderia reforçar minha declaração de que tudo fora um mal-entendido. E se alguma das ligas estivesse à espreita, essa seria uma mensagem clara de que não havia nenhum grande poder vindo para cima de nós, mas, pelo contrário, esse grande poder estava reconhecendo nossa autoridade. Depois de algumas semanas, dúvidas e medos seriam apaziguados e todo mundo se esqueceria da vinda da rainha.

"Ela caminhará também. Ao meu lado."

Minha mãe me disse para não chorar.

Ela me disse para não me esquecer da gentileza.

Ela me disse para ser forte. Ela me disse para acreditar no futuro.

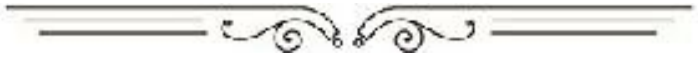
Todos os dias eu tento me lembrar do que mais ela me disse.

Algo sobre sapatos; alguma coisa sobre aniversários e banhos; algo sobre assovios e rosas. Não consigo me lembrar de suas palavras.

Eu tinha apenas oito anos de idade quando ela morreu. Espero que as coisas das quais me esqueci não tenham importância.

— Miandre, 13 anos —

CAPÍTULO 20



KAZI

MERGULHEI EM UMA BANHEIRA, APROVEITANDO O LUXO DE ter água quente. A câmara de banho era excessivamente grande, assim como a própria banheira. Óleos de lavanda doce espiralavam sobre o que parecia ser um reluzente tapete borbulhante na água. Os dedos dos meus pés se mexiam sob a superfície, regozijando-se com os indulgentes e sedosos óleos que deslizavam entre eles. Oleez havia acendido uma vela em um canto e me deixou ali um prato com queijo, pão achatado e pequenos frutos para mordiscar enquanto ela pegava outras roupas para eu me vestir. Se isso era estar sob custódia, eu era completamente a favor.

Não havia nenhum motivo para que eu não pudesse aproveitar a hospitalidade dos Ballenger enquanto prosseguia com o meu trabalho. Jase pediu que Oleez me escoltasse até aqui enquanto ele ia direto para uma reunião com sua família. Eu tinha certeza de que, depois da ausência dele, eles tinham muito sobre o que falar e colocar em dia, inclusive em relação a mim. A família dele caminhara logo atrás de nós enquanto voltávamos para a torre da Vigília de Tor, e eu sentia seus olhos nas minhas costas a cada passo que eu dava. Eles eram tão protetores em relação a ele quanto ele em relação à família. Jase ficou calado o caminho inteiro, mas deixou sua mão repousada nas minhas costas porque, sem sombra de dúvida, Paxton e os outros observavam nossa partida. Tão logo havíamos passado pelos portões da torre da Vigília de Tor, ele tirou a mão dali e deu ordens para que eu fosse escoltada para algum outro lugar. Ele não se despediu de mim, e, em silêncio, eu o aplaudi por manipular tão bem as aparências.

Porém, quando ele abraçou Lydia e Nash, aquilo não tinha nada a ver com aparências. Alguma coisa em relação àquele momento voltava à minha mente repetidas vezes. *A ternura.* Aquilo era real. Algumas partes de Jase eram...

Deslizei sob a água, esfregando meu couro cabeludo, desejando que a água quente pudesse não apenas lavar a sujeira da terra, mas também levar embora esses últimos dias. Quando aquela espécie de velório havia acabado e a porta da tumba finalmente fora fechada, a família permaneceu estoica, embora os olhares cintilassem e os olhos da mãe dele estivessem cheios de lágrimas, sua fachada pétrea partindo-se, por fim. Eu me peguei invejando o término representado pela porta da tumba que se fechava, uma certeza que eu nunca haveria de ter.

Irrompi na superfície da água e fiquei ofegante, buscando o ar. A cálida luz da vela dançava na parede, e o único som era o gentil espirrar da água. Ergui a perna, ouvindo as gotas que caíam em cascata, e inspecionei os dedos dos meus pés, agora limpos, e as cascas de ferida que ainda circundavam o meu tornozelo como se fossem uma coroa de espinhos — coroa esta que encontrava um par no tornozelo de Jase. A corrente já não estava mais ali, mas a conexão ainda retinia nos cantos da minha mente. Eu me levantei e me enxaguei com o jarro de água quente que Oleez havia deixado na mesa. O espesso robe branco deixado ali também era luxuoso, e esfreguei-o junto à minha bochecha antes de vesti-lo. Wren adorava coisas macias. Ela se deliciaria com isso tanto quanto eu, isso *se* ela e Synové estivessem aqui. Será que elas estavam mesmo aqui? Ou estavam escondidas, esperando que eu aparecesse? Seria a primeira coisa que eu teria de descobrir.

Quando saí da câmara de banho, eu me senti estranha por Jase já não estar a poucos metros de mim, esquisita por não ouvir seus passos, sua voz, e me peguei olhando de relance para o lado, apenas por hábito, esperando vê-lo. Foi surpreendente notar a rapidez com que novos hábitos podiam surgir, e eu me perguntava quanto tempo demoraria para que desaparecessem. Então uma voz fraca dentro de mim sussurrou: *Ele é um hábito que você realmente quer que desapareça?*

"Sim", foi minha resposta sussurrada. Era a única resposta à qual eu poderia me dar ao luxo.

A cama dele tinha cortinas escuras e pesadas que poderiam ser puxadas

— como uma tenda, só que melhor —, uma caverna fechada e perfeita para dormir. Acho que amei a cama ainda mais do que a banheira. Cortinas pesadas também cobriam as janelas, e três das paredes eram recobertas por painéis de madeira polida. A outra parede estava cheia de livros. Tudo em relação ao quarto era misterioso e sedutor.

Oleez retornou com roupas emprestadas que julgou ser mais adequadas ao meu tamanho do que o vestido de Jalaine, e disse que meus outros aposentos estavam prontos.

"Obrigada, mas vou ficar aqui. Este quarto está bom para mim."

Ela parou por um instante, mexendo um pouco a cabeça, como se eu não tivesse entendido muito bem.

"Mas este é o quarto do *Patrei*."

"Sei disso. Tenho certeza de que ele ficará tão confortável nos aposentos de hóspedes quanto eu ficaria."

Ela franziu o cenho, dando uma oportunidade para que eu mudasse de ideia. Permaneci firme.

"Vou informá-lo disso", ela falou e saiu. Ela ia passar essa batalha adiante, para Jase.

Os guardas que ele havia postado no fim do corredor eram um toque divertido, mas eu não iria ser colocada em um quarto que certamente seria mais restritivo do que este aqui. Este quarto tinha quatro janelas, isso sem falar que Jase tinha todo tipo de item a ser surrupiado. Eu já havia encontrado um kit de barbear nos fundos do armário dele, com uma ferramenta longa e fina que poderia ser útil para muitas coisas além de fazer a barba. Uma bolsinha de cetim preto, que provavelmente já guardara um presente, tornou-se um bolso discreto e macio, amarrado sob as minhas roupas. Eu tinha certeza de que aqueles cantos e recantos tinham mais a oferecer, mas, acima de tudo, eu simplesmente gostava da cama dele, obscura, que mais parecia uma caverna. Eu queria rastejar para dento dela agora mesmo e puxar firmemente as cortinas.

Fui até a estante e peguei um livro grosso. Tinha sido cuidadosamente escrito à mão, a caligrafia fascinante cavalgando a página com graça, em traçados grossos como se fossem cavalos alados. Coloquei o livro de volta no lugar e passei a mão pelas lombadas dos outros volumes enquanto pensava nas histórias que Jase havia me contado — a das lágrimas de Breda, a dos Cavalos Perdidos de Hetisha, a história de Miandre e dos

primeiros Ballenger —, perguntando-me se ele as lera nesses livros.

O som de alguém batendo à porta me alarmou, desviando-me de meus pensamentos.

"Sim?"

"É o Jase."

Minha pulsação deu um salto, como um coelho preso em uma armadilha, e dei vários passos de um lado para o outro, tentando me desvencilhar dessa sensação. Puxei o robe, ajustando-o em torno de mim.

"Não estou vestida", falei.

"Preciso conversar com você."

Penteei rapidamente meus cabelos molhados com os dedos.

"Entre."

Jase abriu a porta, hesitante. Ele estava devidamente banhado, tinha trocado de roupa e feito a barba, e uma camisa branca engomada acentuava sua pele lustrosa, bronzeada pelos dias passados ao sol. Seus cabelos loiros estavam bem cortados e penteados para trás. Ele fez uma pausa, olhando para mim, mas não disse nada. Uma emoção nada bem-vinda irrompeu em ondas, atravessando-me, como se um pedaço daquele mundo que deixáramos para trás houvesse, de alguma forma, se insinuado e passado pela porta junto com ele.

Jase deu alguns passos à frente sem em momento algum tirar seus olhos dos meus.

"Sinto muito, Kazi", disse ele por fim, em uma voz sussurrada. "Lamento por não ter lhe contado."

Ele só estava piorando as coisas.

"Você não me devia nada. Agora eu sei disso. Eu era um meio para um fim. Você tinha de me trazer até aqui fazendo o menor estardalhaço possível, e seria melhor ainda se conseguisse extrair algo de mim ao longo do caminho."

"Não foi assim..."

"Então como foi, Jase? Foram muitos quilômetros. *Quilômetros e mais quilômetros* em que você poderia ter aberto o jogo comigo e me contado para onde realmente estávamos indo. Todas aquelas vezes..."

"E quanto a você? Você estava com o meu anel esse tempo todo e não me disse nada? Como foi que conseguiu pegá-lo?"

"De nada, Jase Ballenger. Eu não estava esperando nenhum

agradecimento!”

“Kazi…”

Ele balançou a cabeça e chegou insuportavelmente perto de mim, erguendo a mão, acariciando com gentileza as mechas de cabelo molhado sobre a minha bochecha, e então sua mão envolveu o meu rosto, tudo em seu toque era familiar e novo ao mesmo tempo, e minha pele ficou instantaneamente em chamas, desejando mais. Seus olhos buscavam algo em meu rosto, e ele lentamente se inclinou para perto de mim, seus lábios bem próximos aos meus. O calor rodopiava em ondas por mim como uma tempestade de areia no verão.

Você está perto demais dele, Kazi. Não ultrapasse esse limite de novo.

Mas eu queria passar desse limite, mais do que havia desejado da primeira vez, pois agora eu sabia o que havia do outro lado. Agora eu conhecia um lado de Jase que antes me era desconhecido, um lado escondido embaixo de todo o resto, a ternura que repousava ali. Eu conhecia o sabor dos seus lábios nos meus. Eu sabia como ele me fizera sentir e queria sentir tudo isso de novo.

Porém, a minha cabeça também girava com outros pensamentos. *Saiba o que está em jogo.*

Logo antes de seus lábios encontrarem os meus, eu virei a cabeça.

“O que você quer agora, Jase?”

Ele se enrijeceu ante as minhas palavras, e sua mão retornou para a lateral do corpo.

“O jantar estará pronto dentro de duas horas. Isso era tudo que eu queria dizer. Voltarei para buscar você assim que estiver vestida.”

Ele se virou para ir embora, mas, quando alcançou a porta, eu o detive.

“Seu anel estava no colete do caçador.”

Ele ficou cara a cara comigo novamente, esperando pelo restante da minha explicação.

“Vi o homem no assento do condutor dando tapinhas no bolso de tempos em tempos. Com certeza era um sinal de que havia algo valioso ali dentro. Quando me inclinei para pegar as chaves, peguei o anel também.”

“Eu não vi você fazer isso.”

Não era para você ter visto mesmo, pensei, mas minha resposta foi apenas um dar de ombros.

“E você não me deu o anel por…?”

“Eu lhe dei o anel, Jase. E o fiz no momento mais importante.”

A opulência não era escancarada. Não havia molduras douradas, pisos de mármore reluzentes, candelabros de cristal ornamentados nem criadas vestindo uniformes impressionantes, como eu tinha visto em palácios no Reux Lau e em Dalbreck. A simplicidade parecia reinar aqui, mas as extensas paredes de pedra, os pisos de madeira e os imensos candelabros de ferro exalavam uma riqueza que lhes era própria, algo certo, seguro e imortal.

No lugar de Jase, foi sua irmã quem veio me buscar para me levar ao jantar.

“Jase está ocupado”, ela me explicou.

Ela se apresentou como Priya, a irmã mais velha. Usava um vestido sem mangas e, na parte de cima de seu braço, havia a asa de uma águia tatuada. Ao contrário de hoje mais cedo, na cerimônia de fechamento da tumba de seu pai, eu notei que agora ela usava um cinto baixo com uma adaga na lateral. Seria esse o tipo de vestimenta costumeiro para um jantar entre eles ou era uma mensagem para mim?

“Aconteceu alguma coisa com ele?”, perguntei.

“Isso cabe ao Jase lhe contar, não eu.”

A resposta áspera deixou óbvio que ela não estava feliz com a minha presença, tampouco com a tarefa que lhe fora incumbida. Caminhamos em silêncio até que ela parou abruptamente no meio do caminho e ficou cara a cara comigo. Ela era mais alta do que eu, e sua expressão era inegavelmente hostil. Antecipei algo desagradável e esperava que ela não sacasse a adaga porque eu realmente não queria machucá-la. Isso poderia causar todos os tipos de complicações.

“Você gosta do meu irmão?”, ela perguntou, uma fenda se aprofundando entre suas sobrancelhas, e então percebi de onde vinha toda aquela frieza. Esse negócio de proteger os entes queridos era algo que corria quente no sangue dos Ballenger.

“Não, eu não gosto do seu irmão, pelo menos não da maneira como creio que você esteja sugerindo. Nós chegamos a um entendimento, e isso é tudo.”

Achei que ela fosse ficar satisfeita com essa resposta, de que o irmão dela

não estava enredado com uma daquelas repugnantes Rahtan vendanas, mas sua expressão só ficou mais sombria.

"Mas a forma como ele beijou sua bochecha e olhou para você..."

Ela era teimosa, exatamente como o irmão.

"Tenho certeza de que você, Priya, é capaz de discernir uma encenação quando vê uma. Seu irmão não gosta nem um pouquinho de mim também. Nós só estávamos trabalhando juntos diante do claro esforço de Paxton em plantar dúvidas sobre o caráter de Jase. E é evidente, até mesmo para mim, que Paxton é o tipo de problema do qual ninguém necessita."

Ela estreitou os olhos.

"Sou mais do que capaz de discernir uma encenação quando a vejo, e já observei meu irmão com muitas mulheres. Mas também sei que vi algo nele hoje que não se parecia nem um pouco com o meu irmão."

Ela passou o dedo na adaga.

Não faça isso, pensei, *ou lamentará por tê-lo feito, e eu também.*

Ela se inclinou mais para perto de mim e disse: "Vamos apenas chamar isso de um aviso amigável. Se você machucar o meu irmão, vou me certificar de que se arrependa por isso".

Ela se afastou e eu respirei aliviada, devolvendo ao meu corpete a faca que eu segurara atrás de mim, só por garantia.

"Aviso amigável aceito", falei.

Essa não era apenas uma ameaça fútil. Eu acreditava que ela faria de tudo para cumprir com sua palavra.

Quando chegamos à sala de jantar, Jase, Mason, Gunner e Titus ainda não estavam lá. Aparentemente, eles ainda estavam *ocupados*, mas o restante da família estava ali, conversando e rindo enquanto Nash tentava plantar bananeira. Eles não notaram nós duas paradas à porta. Além dos familiares imediatos, Priya apontou para seu tio, sua tia e dois primos. Éramos doze ali, mas a sala de jantar era grande e claramente poderia acolher muito mais gente. Era sobre a parte do *muito mais gente* que eu estava pensando.

Aonde ficariam Wren e Synové se estivessem sob custódia? E, definitivamente, o capitão pelo qual procurávamos não estava entre os presentes. Eu tinha uma descrição clara de suas feições distintas: alto, ombros quadrados, cabelos pretos e cheios, com uma covinha no queixo e

uma pequena cicatriz em forma de lua acima da sobrancelha esquerda, onde ele havia levado um coice de cavalo. Como a rainha havia dito, *Se apenas ele tivesse levado um coice um pouco mais forte...*

"Essas são todas as pessoas que estão na torre da Vigília de Tor?", eu quis saber.

"Nem de longe. Mas não comemos junto a todos. Só com a família e, às vezes, com alguns amigos próximos. E, é claro, nossos *convidados* se juntam a nós ocasionalmente."

Sua mensagem foi clara: eu não me encaixava no primeiro grupo, mas minha posição de *convidada* também era algo temporário. Pelo menos agora eu sabia que havia *outras pessoas* em algum lugar aqui, na torre da Vigília de Tor.

Dentro de poucos segundos, Nash e Lydia, com seis e sete anos de idade e uma curiosidade que não cabia neles, vieram correndo em minha direção e fizeram as primeiras perguntas embaraçosas.

"Você e Jase estão namorando?"

A mãe deles se apressou para intervir.

"Isso é uma coisa indelicada de se perguntar, Lydia."

"Sou apenas uma convidada", falei. "Estou aqui para prestar respeito pelo falecimento do pai de vocês."

"Mas Jalaine disse..."

"Eu não disse *nada*, Nash", Jalaine interrompeu-o de forma áspera, "exceto que a amiga de Jase iria se juntar a nós para jantar."

Nash voltou a cabeça instantaneamente para mim.

"Então você é nossa amiga também?"

Os olhos dele e de Lydia estavam arregalados e continham inocência; eles não faziam parte do jogo levado a cabo pelos adultos.

Todo mundo ficou esperando, na expectativa. Eu me ajoelhei, de modo que ficasse com os olhos na altura dos de Nash e Lydia.

"É claro que sim", respondi, segurando as mãos deles nas minhas. "É um prazer conhecê-lo, Nash Ballenger. E você também, Lydia."

Mais apresentações foram feitas. Cada um deles estendeu a mão, com cautela, para mim. Agora que eu tinha como associar rostos aos nomes que Jase já havia mencionado, ficava muito mais fácil me lembrar deles. Primeiramente os gêmeos, Samuel e Aram, impossíveis de diferenciar um do outro. Ambos tinham cabelos castanho-escuros que roçavam em seus

ombros, olhos escuros e sorrisos tranquilos. Eu me esforcei para encontrar alguma marca que os distinguisse e consegui apenas algo temporário: um arranhão no dorso da mão de Aram. Em seguida, conheci o tio de Jase, Cazwin, e sua tia, Dolise, assim como os meninos deles, Bradach e Trey.

Por fim, Vairlyn, a mãe de Jase, com quem eu tivera um momento olho no olho na cerimônia do enterro, deu um passo à frente e se apresentou para mim. Os cachos que ela havia exibido mais cedo estavam soltos e, agora, seus cabelos loiros pendiam como ondas ao redor dos ombros, o que suavizava sua aparência. Ela parecia nova demais para ser mãe dessa ninhada toda.

Ela me guiou até um assento à mesa. A atmosfera na sala havia mudado, estava reservada e controlada, porém cortês. Eu havia ajudado Jase hoje, mas eles ainda não sabiam ao certo como me classificar. Eu seria amiga ou inimiga?

"Seus aposentos estão confortáveis?", perguntou-me Vairlyn, como se estivesse tentando preencher o silêncio.

"Sim. Bastante. Obrigada."

"Tenho certeza de que será bom dormir em uma cama outra vez", disse Jalaine.

"Sim, com certeza." Especialmente na caverninha de Jase.

Lydia sentou nos joelhos, inclinou-se por sobre a mesa e me fez uma pergunta em voz baixa, achando que os outros não iriam ouvi-la.

"Vocês dois se beijaram?"

"Lydia!", disse Vairly num tom firme.

A pergunta inocente cutucou algo doloroso dentro de mim. *Muitas vezes, Lydia*, eu queria dizer. *Uma centena de vezes, e cada beijo era ainda melhor do que o anterior. Eu ainda sinto o gosto dos lábios dele nos meus. Eu ainda sinto as respirações dele como se fossem as minhas.* Talvez o fato de que eu jamais poderia dizer essas palavras em voz alta fosse o que me causasse dor, mais palavras que teriam de permanecer sob a superfície, amontoadas junto com todo o resto.

"Ela está naquela idade...", disse Vairlyn em tom de desculpas. "Sempre cheia de perguntas."

Sorri.

"É uma boa idade. Perguntas são importantes."

Jalaine olhou para mim com ares de expectativa, como se ela ainda

tivesse esperanças de que eu fosse responder — o que eu não fiz.

"Jalaine tem um namorado", disse Nash com orgulho.

"Não tenho, não, Nash."

Fiquei observando enquanto a frustração de Jalaine com o irmão que não tinha travas na língua só aumentava.

"Mas Fertig pediu você em casamento", foi o comentário de Lydia.

"E eu não disse que me casaria com ele", ela respondeu, entredentes.

"Ainda", Priya murmurou baixinho.

Ainda bem que o prato principal foi trazido pela tia Dolise, e isso serviu como uma distração bem-vinda tanto para mim quanto para Jalaine. Uma criada veio em seguida com dois grandes cestos de pão. Eu me lembrei de quando Jase disse que sua tia preparava a maior parte das refeições da família. Ela colocou uma grande terrina de sopa na mesa, e o tio Cazwin começou a encher as tigelas e a passá-las para nós. Fiquei surpresa por começarmos a comer sem que todos estivessem presentes.

"Jase e os outros vão se juntar a nós?", perguntei.

"Jase disse que poderia se atrasar um pouco", foi a resposta de Aram. "Ele e os outros foram chamados para resolver alguns negócios."

"E as minhas amigas?", eu quis saber. "Jase me disse que elas também eram convidadas aqui. Elas virão?"

"Não vi mais ninguém aqui", disse Nash.

"Nem eu", completou Lydia.

Um conjunto de olhares rápidos e firmes foi trocado entre os Ballenger mais velhos.

"Creio que você tenha se enganado", foi a resposta de Vairlyn. "Elas estão acomodadas em outro lugar, não aqui."

"Mas diremos a Jase que você quis saber delas", disse Samuel. "Talvez ele possa trazê-las para cá amanhã."

Claro que ele pode.

Eles eram uma máquina finamente sintonizada, trabalhando juntos e concluindo os pensamentos uns dos outros. As únicas engrenagens deslocadas ali eram Lydia e Nash. Eu tinha cada vez mais certeza de que Wren e Synové estavam livres e em segurança. De repente, meu apetite dobrou de tamanho.

Quando todo mundo estava servido, Vairlyn entoou uma prece aos deuses, não muito diferente do reconhecimento de sacrifício que era feito

no Saguão do Sanctum antes das refeições. Mas aqui não havia nenhum prato de ossos sendo passado como algum tipo de lembrança.

"*Meunter ijotande*", eu disse baixinho para mim mesma, enquanto os outros ecoavam os agradecimentos finais de Vairlyn.

"O que foi isso?", quis saber Priya, que não perdia nada do que eu dizia ou fazia.

"É apenas um trecho de uma prece vendana de agradecimento."

"O que quer dizer?", quis saber Aram.

"Nunca esquecido. Refere-se ao sacrifício que trouxe a refeição à mesa."

Samuel ergueu uma sobrancelha, com ares de suspeita. "Sacrifício?"

"O trabalho. O animal. Todos os presentes, todos os dons, inclusive a comida, têm um preço para algo ou alguém."

"Você fala vendano?", quis saber Nash. "Me ensina?"

Olhei para Vairlyn, que assentiu em aprovação.

"*Le'en chokabrez. Kez lo mati*", eu disse devagar, esperando que ele repetisse.

Ele fez um esforço para repetir as palavras que eram estranhas em sua língua, mas sorriu com a sensação de realização ao terminar.

"O que foi que eu disse?"

"Estou com fome. Vamos comer."

"Eu sou a favor", disse o tio Cazwin, e começou a refeição.

Todo mundo se pôs a destrinchar suas comidas, e Lydia e Nash ficaram praticando as palavras repetidas vezes, enquanto davam risadinhas e comiam ruidosamente.

"Você é esperta", disse Vairlyn abruptamente. Abaixei minha colher, sem saber ao certo se aquilo era um elogio ou uma acusação. "Jase me disse", ela acrescentou. "Ele disse que você se mostrou habilidosa nos descampados por onde vocês passaram."

"Ele também", foi minha resposta. "Nós trabalhamos juntos e tiramos o melhor de toda a situação."

Jalaine sorriu. "Tenho certeza que sim."

Eu não podia ver, mas estava certa de que Priya chutara Jalaine por baixo da mesa, porque Jalaine pulou na cadeira e, em seguida, fuzilou Priya com uma cara feia e cheia de raiva. Um retumbar de passos pesados ecoou logo ali, do lado de fora da sala de jantar, e as portas se abriram com tudo. Mason entrou, olhando ao redor, pousando os olhos primeiro em mim e

depois em Vairlyn.

"Desculpe-me", ele disse a ela. "Não conseguiremos jantar esta noite."

Ela não pediu mais explicações, como se já esperasse por isso.

"Vamos manter os pratos de vocês aquecidos."

Mason se voltou novamente para mim. "Jase gostaria de ver você."

Avistei dois pontos carmesins na manga da camisa dele. Sangue. Uma borrifada de sangue, para ser precisa.

"Isso me soa nefasto", falei, esperando que ele risse e aliviasse o clima, o que ele não fez.

"Está pronta?", ele quis saber.

Empurrei minha cadeira para trás, com a mente girando a mil por hora diante das possibilidades. Todos ficaram me observando ir embora, como se eu estivesse a caminho da execução.

"Como se diz adeus em vendano?", perguntou-me Lydia, gritando.

"*Vatrésta*", respondi, "se for um adeus definitivo."

"Este é um adeus definitivo?"

Eu não sabia, e Mason me levou para fora antes que eu pudesse responder.

CAPÍTULO 21

KAZI

Eu tenho algo para você roubar, Kazimyrah. Eu mesmo faria isso, mas, como você pode ver, não posso viajar. E a verdade é que, apesar da minha paixão por essa busca, você é a ladra suprema em Venda. Mas o prêmio que eu quero não é um quadrado de queijo nem uma sopa de ossos, mas algo grande e ruidoso. Qual foi a maior coisa que você já roubou?

Eu sentia que ela já sabia a resposta — rumores sobre isso corriam em sussurros pelas ruas. *A Dez roubou aquilo? Não, impossível. Por que ela faria uma coisa dessas?* No entanto, o anonimato era essencial para o meu trabalho, se eu quisesse continuar a fazê-lo. A rainha não me questionou sobre o *se* nem *o quê*; ela queria saber a respeito do *como.* Será que eu conseguia fazer isso de novo? Pensei novamente na minha aquisição barulhenta, grande e muito perigosa. Ela havia exigido de mim mais paciência do que eu achava que tinha, mais de um mês pulando refeições, economizando e acumulando, e obtendo favores por meio de roubos de diversas outras coisas bem menores. Não havia nenhuma dúvida de que, para mim, isso era um desafio. No entanto, havia mais coisas nessa história.

O tigre havia atraído uma grande multidão quando o condutor dos Previzi rolou para dentro da *jehendra*. Ninguém tinha visto um tigre antes, nem mesmo sabiam que animal era aquele, mas obviamente devia ser uma das criaturas mágicas das lendas, e quando ele de repente deu uma investida e rugiu, o som estrondoso vibrou nos meus dentes. Vi três homens caírem para trás, se molhando. Também vi a espessa coleira de

ferro e a corrente que impediam que o tigre pulasse para fora da traseira da carreta, e, analisando mais de perto, notei que seus pelos gloriosamente listrados pendiam como um casaco solto sobre suas costelas. O condutor dos Previzi não tinha medo da fera. Ele gritou um comando, depois riu e coçou o animal atrás da orelha quando ele se deitou.

O açougueiro tinha dado um passo à frente, desejando um animal que serviria como carcaça para uma sopa, no máximo. Fiquei observando enquanto ele puxava a barba, a pele franzida ao redor dos olhos, seus lábios reluzindo enquanto ele os lambia repetidamente. E então ele perguntou ao condutor dos Previzi se ele poderia fazer com que a fera berrasse novamente. *O rugido.* O medo que ele induzia, as imensas presas brancas. Era *isso* o que o açougueiro desejava, e em nada me surpreendeu. Foi então que eu soube que roubaria o tigre.

Por que, Kazi? Por que roubar algo que não tinha utilidade alguma para você?

Havia apenas um motivo que eu poderia compartilhar com ela.

Eu queria soltá-lo. Eu sabia que em algum momento o animal ia morrer, e que o açougueiro veria isso acontecer lentamente, pois teriam sido necessárias todas as preciosas carnes expostas em seu açougue para alimentar devidamente uma fera como aquela, e ele nunca sacrificaria sua subsistência por um animal nem cuidaria dele dia após dia. Ele veria as costelas do tigre se tornando salientes, suas bochechas ficando ocas e sua carne pendendo, flácida. Ele já via aquilo todos os dias entre seus fregueses humanos, e o sofrimento deles não o abalava. Além disso, ele também lucraria com a morte do tigre, vendendo sua carne dura como se fosse mágica, puxando os imensos dentes de sua mandíbula para negociar com outros mercadores, vendendo pedaços de sua pele listrada para os *chievdars* e suas patas cheias de garras para os governadores, que amavam troféus exóticos das terras além do Grande Rio. Quando o último rugido do tigre ressoasse, a morte seria um bônus que traria mais recompensas ao açougueiro. Ele pagou uma pesada soma ao condutor dos Previzi, mas sabia que haveria de triplicar seu investimento dentro de poucos meses; nesse meio-tempo, sugaria o derradeiro prazer do medo que haveria de semear e ainda teria uma outra forma de afastar as pessoas indesejáveis de sua tenda.

Quatro anos antes, eu vivenciara o medo que ele gostava de disseminar.

Minha mãe tinha ficado fora por apenas uns poucos dias. Fiquei perdida sem ela, e meus olhos coçavam de fome. Eu havia me deparado com a loja dele, com seus cordeiros sem pele pendurados em ganchos, uma onda de moscas zunindo e sentindo o gosto da carne cor-de-rosa dos bichos, seus pombos engaiolados bicando as cabeças carecas uns dos outros, suas carnes misteriosas e iridescentes mostrando os arco-íris da idade, e eu tinha parado para ficar encarando tudo aquilo, me perguntando como poderia tornar meus aqueles tesouros, quando senti um estalado agudo no rosto. Eu nem mesmo tive tempo para esticar a mão e tocar minha bochecha que sangrava, quando aquilo me atingiu nas panturrilhas. E então eu o vi rindo, observando a minha confusão. Ele ergueu sua vara de salgueiro e estalou-a novamente, seus galhos verdes e flexíveis cortando meu cenho. Corri, mas ele veio gritando atrás de mim, me avisando para ficar longe. Ratos de rua sem nenhum dinheiro eram menos bem-vindos do que o enxame de moscas em suas carnes.

Mas o prêmio era algo que poderia facilmente ter se virado e matado você. Valia a pena arriscar sua vida por isso?

Então ela me olhou pensativa. Eu sabia que a rainha tinha o dom, mas não achava que era capaz de ler mentes. Mesmo assim, ela viu a resposta na minha. *Sim, valia a pena.* Cada refeição perdida valia a pena. As novas e extenuantes profundezas da paciência que eu tive de aprender valiam a pena. Todos os favores abjetos que tive de prestar valiam a pena.

Mas tinha mais coisas que eu não podia lhe contar. Um motivo preso em meu coração de uma forma tão lancinante e afiada quanto a garra de um animal. Eram os olhos do tigre. A beleza, o brilho deles. Seu cintilar âmbar que havia me envolvido tão firmemente em memórias que eu não conseguia respirar. Eu via neles a devastação mascarada por um rugido desafiador. *Shhh, Kazi. Não se mova.*

No lampejo daquele momento, eu já me via conduzindo-o e cruzando uma instável ponte suspensa, libertando-o em uma floresta onde ele rugiria, feroz, alto e incólume. Pelo menos essa era a minha esperança em relação a ele: que se restabelecesse e ficasse livre.

O animal que você roubará para mim será ainda mais perigoso, Kazimyrah. Você deve ser cuidadosa e astuta em cada momento e, acima de tudo, deve usar toda a paciência que possui. Você não deve ser imprudente com sua própria vida nem com a vida daqueles que estiverem em sua companhia. Essa fera

voltará e a matará.

Astuta. Cuidadosa.

Paciente.

Eu sempre fui paciente. Até mesmo o simples roubar de um nabo ou de um osso de carneiro exigia a espera por uma oportunidade favorável. Poderia levar uma hora ou mais. E, quando a oportunidade não se apresentava por conta própria, era necessário ter mais paciência para criá-la, ou aprender a fazer malabarismos para distrair um mercador, ou lhes contar uma charada para fazer com que suas mentes tropeçassem e fossem parar em diferentes direções, baixando a guarda. Só o roubo do botão de latão havia levado uma semana de planejamento e muita paciência. O roubo do tigre, mais de um mês, testando os meus limites, sem saber ao certo se o tigre sobreviveria por tempo o bastante para seguir com meu plano, querendo me apressar, mas então me segurando, minha paciência sendo mastigada e engolida, como um osso roído. Pensei que nada pudesse ser mais difícil do que isso.

No entanto, o roubo de um traidor tinha complicações que eu não havia previsto, a saber, Jase Ballenger. E agora alguma outra coisa havia saído errado, algo pior do que uma complicação. Eu podia ouvi-lo nos passos deliberados de Mason e no longo silêncio entre nós. Eu podia sentir o gosto no ar, o amargor agourento de sangue e raiva. Em Venda, quando sentia que as coisas estavam dando errado, eu podia recuar, sair andando em silêncio e desaparecer na multidão. Mudar para um alvo diferente. Aqui eu não podia fazer isso.

Paciência, Kazi. Paciência. Há sempre mais paciência para extrair.

Essa era uma mentira que eu contava a mim mesma. Eu vinha acreditando nela até agora e isso era tudo que importava. Vi sangue na manga da camisa de Mason. Que negócios haviam tomado todos eles assim, tão tempestuosamente? Será que eles haviam encontrado Wren e Synové? E se o sangue fosse…

"Por que Jase não veio me buscar?", perguntei.

Mason me respondeu com um largo sorriso: "Sou um acompanhante tão ruim assim? Não acredite nos rumores".

"Eu sempre acredito em rumores."

"Relaxe. Não há nada com que se preocupar."

Quando alguém dizia isso, era precisamente o momento de ficar

preocupada.

"Eu só estava aqui pensando..."

"Jase teve de ir se limpar."

Limpar? Ele estava imaculadamente limpo umas poucas horas atrás.

"Deve ter sido um negócio bem bagunçado esse do qual vocês andaram cuidando..."

"Foi mesmo."

Eu sabia que não conseguiria arrancar nada mais dele. Mason era um membro firme do círculo interno, uma das muitas pedras angulares firmemente assentadas e empenhadas, e nada poderia sair livremente de seus lábios para qualquer um fora do círculo. Era algo que eu entendia e admirava, porque uma pedra solta poderia fazer com que toda uma ponte caísse, mas, infelizmente, sua lealdade não me ajudava em nada.

Chegamos no fim de um longo corredor. Tiago e Drake estavam parados de cada um dos lados das portas.

"Eles estão ali dentro", disse Drake. "Esperando."

Quem? Um gosto salgado enchia minha língua. *Paciência, Kazi. O tigre ainda não é seu.* E eu sabia que a paciência era a linha divisória entre o sucesso e o fracasso.

Mason abriu a porta e nós entramos.

Era uma sala pequena, sem janelas, com paredes de painéis escuros, mas um candelabro no canto provia uma suave luz dourada. Jase estava sentado desajeitadamente em uma cadeira, com suas botas apoiadas na extremidade de uma longa mesa, e Gunner e Titus se encontravam sentados um de cada lado dele. Gunner revisava papéis espalhados e escrevia cuidadosamente em outro.

Jase se levantou de um salto quando entrei. Ele usava uma camisa diferente. E ficou me encarando. Seus olhos castanhos, que outrora tinham me engolido inteira com sua calidez, estavam frios e distantes. O gosto de raiva e de sangue que eu havia sentido no ar não era fruto da minha imaginação.

"Olá, Kazi", disse ele num tom formal.

Um punho socou meu esterno. Era a morte, com sua força e ferocidade, e eu não conseguia respirar.

"Quem foi que você matou?", eu perguntei de imediato, sem esperar por mais formalidades.

"Quem disse...?"

"Eu quero ver Wren e Synové! *Agora!*"

Jase veio andando, colocou-se ao meu lado e segurou meu cotovelo, tentando me conduzir até um assento.

"Sente-se. Suas amigas estão bem, mas nós não podemos trazê-las até aqui..."

Eu me livrei dele.

"Vocês não estão com elas. É isso?", perguntei, rezando para estar certa. Rezando para que ele confessasse essa única verdade para mim. "É por isso que você não me deixa vê-las."

Gunner se levantou e pegou algo de uma pasta de couro que estava no chão. Ele jogou dois itens em cima da mesa. A *ziethe* de Wren bateu ruidosamente e girou na superfície de madeira polida. A luva de arqueira feita de couro de Synové deslizou tão macia e dourada como manteiga quente na minha direção.

Gunner soltou uma bufada.

"Achamos que você poderia precisar de algumas provas."

Soltei o ar, trêmula, deixando que eles achassem que se tratava de medo em vez de alívio. Mantive minha expressão aflita, mas por dentro me acalmei. Agora eu sabia, ainda com alguma dúvida, que eles não estavam com elas. Cada uma das lâminas de Wren tinha couro tingido envolvendo o punho. A vermelha era a lâmina extra que ela mantinha cuidadosamente envolvida e enterrada no fundo de seu alforje. As *ziethes* azul e violeta eram suas lâminas prediletas, que ela portava nas laterais do corpo. As luvas com monogramas de Synové eram um presente da rainha, um par sobressalente que ela ainda não havia usado. Ela ficara deslumbrada com elas. O couro ainda estava limpo e imaculado. Gunner havia pegado apenas os alforjes delas, que talvez tivessem sido apanhados pelo magistrado no estábulo, enquanto estávamos na cidade. Se eles, de fato, estivessem com Wren e Synové, não precisariam ter vasculhado a fundo seus pertences. Eles poderiam ter se apossado dos itens que estivessem à vista, aqueles que elas carregavam nas laterais de seus corpos.

"Isso não quer dizer que elas estejam vivas. Eu vi sangue na camisa de Mason", falei, mantendo a farsa.

Titus balançou a cabeça em negativa.

"Ela é difícil de convencer, Jase. Não sei como foi que você passou todo aquele tempo com ela."

Ele jogou um pacote não muito bem embrulhado na mesa à minha frente. Puxei um canto do papel e segurei o vômito.

"Essas parecem as orelhas das suas amigas?", perguntou-me Titus.

"Não", respondi baixinho.

"Tire isso daí, Titus", disse Jase, irritado.

Titus embrulhou as orelhas no papel manchado de sangue e colocou o pacote de lado. Tentei entender como orelhas humanas cortadas se encaixavam na história.

"Tivemos mais problemas na Boca do Inferno", disse Jase. "Precisamos da sua ajuda."

Olhei para baixo, para a mancha cor de ameixa que Jase não percebera na frente de sua bota. Ele notou que eu o estava encarando e desviou minha atenção, pegando meu braço e me conduzindo até um lugar à mesa. Todos eles se sentaram ao meu redor e permaneceram sérios enquanto expunham toda a situação. Eles haviam encontrado mais caçadores de mão de obra na cidade. Era essa a frieza que eu tinha visto nos olhos de Jase — e agora ouvia em sua voz —, seu ódio supremo por aqueles abutres predadores. Era um ódio que compartilhávamos, uma repulsa especialmente nova para nós dois.

Fiquei ouvindo sem interromper, ainda me perguntando onde "minha ajuda" entraria na jogada. Eles explicaram que estavam sob o ataque de alguém que conspirava para que fossem expulsos dali, em um momento em que os Ballenger aparentavam fragilidade. Jase disse que eles estavam aumentando a defesa e as proteções ao redor da cidade, o que ajudaria a curto prazo. No entanto, saber que havia uma poderosa soberana reconhecendo a autoridade deles com uma visita contribuiria para acalmar os nervos, para apoiar o direito que eles tinham de reger, e poderia fazer recuar qualquer um que estivesse orquestrando esses ataques. Eles suspeitavam de que poderia se tratar de uma ou duas ligas trabalhando em um esforço conjunto.

Eu me reclinei na cadeira, sabendo aonde isso ia dar. O surgimento de mais caçadores de mão de obra fizera com que o surto de fúria impulsiva de Gunner mostrasse as caras novamente.

“Então peça ao rei da Eislândia para vir até aqui”, falei. “Ele tem jurisdição sobre a Boca do Inferno.”

Todos eles riram, mas seus risos não continham alegria genuína. Eu me lembrei de Griz revirando os olhos quando descreveu o rei. Aparentemente os irmãos tinham uma opinião similar à dele.

Mason se afastou da mesa, empurrando sua cadeira para trás.

“Esse aí mal é um rei de verdade.”

“Ele é uma piada, isso sim”, acrescentou Titus.

A expressão de Gunner continha um desprezo similar.

“A não ser quando vem recolher seu imposto de dois por cento, ele não seria capaz de diferenciar a Boca do Inferno de um pântano no Cam Lanteux. Da última vez que esteve aqui, só veio buscar animais para procriar em sua fazenda e então foi embora.”

Mason sorriu com escárnio. “E os animais que ele escolheu eram mais motivo de piada. Nem bom fazendeiro ele é.”

“Como eu disse”, repetiu Jase, “nós precisamos de uma *poderosa* soberana que reconheça a nossa autoridade. Nós precisamos…”

“Ela não virá”, falei por fim, cortando-o antes que ele prosseguisse.

Gunner se inclinou para a frente.

“Ela virá se você escrever uma carta solicitando sua presença na torre da Vigília de Tor. Na verdade, nós já escrevemos a carta. Você só precisa copiar com sua caligrafia e assinar.”

Ele empurrou um pedaço de pergaminho na minha direção.

Ignorei Gunner e me voltei para Jase.

“Eles já acreditam que ela está vindo para cá”, falei. “Isso não é o bastante? Tenho certeza de que Gunner é capaz de tecer outras de suas ridículas mentiras quando ela não aparecer.”

Gunner repuxou firmemente os lábios, e seus olhos ardiam de raiva.

“Isso não lhe custaria nada.” Jase já não falava com frieza. Seu olhar penetrava o meu, como se buscasse uma forma de me atingir. Ele sabia que era um tiro no escuro. Ainda assim, entre todas as outras coisas que ele poderia fazer, essa era importante para ele. Era importante para a sua família. Por quê? “Que mal pode fazer uma simples carta?”, acrescentou.

Mal não poderia fazer e, de certa maneira, eu simpatizava com eles. Eu também odiava os caçadores de mão de obra, mas isso tinha a ver com outras coisas, e não apenas transformar a mentira de Gunner em verdade.

Era algo que ia além dos caçadores de mão de obra e dos ataques na Boca do Inferno. Uma coisa que ia mais a fundo. A fraqueza dos Ballenger estava transparecendo, um fio que fora puxado, uma costura se desfazendo, seu imenso orgulho, exposto. Eles acreditavam verdadeiramente que eram o primeiro reino e queriam que isso fosse reconhecido.

Puxei a carta mais para perto e a li devagar. Balancei a cabeça diante de tamanha audácia.

"Não é assim que as coisas funcionam."

Titus tamborilava na mesa, impaciente.

"É assim que as coisas funcionam por aqui."

"Esta carta soa mais como uma ameaça velada."

"Só porque você optou por interpretá-la desse jeito", disse Jase.

"Pode ser que leve semanas para esta carta chegar até ela e então..."

"Nós temos Valsprey."

Fiz uma pausa, me perguntando como isso seria possível. Aqueles pássaros velozes eram de Dalbreck, treinados por pessoas especializadas, e só começaram a ser oferecidos aos reinos há alguns anos, a fim de agilizar a comunicação entre eles.

"Os mercadores na arena oferecem uma variedade surpreendente de itens", explicou Jase.

Itens roubados. Eu não estava surpresa com isso. Valsprey eram treinados somente para voarem entre determinadas cidades. A Boca do Inferno não era uma delas. Ele disse que a resposta da rainha via Valsprey seria enviada até Parsuss e então encaminhada para cá por um mensageiro dentro de poucos dias.

Eles tinham pensado em tudo. Em quase tudo. E o quase era imenso.

A rainha não viria. Ela jamais daria o que eles queriam — legitimidade — porque eles eram ladrões. Quanto a isso, o próprio rei da Eislândia havia sido claro: os Ballenger coletavam impostos dos cidadãos e retinham metade para si antes de enviar o restante. Eles tinham a ousadia de pegar uma parcela de tudo na Boca do Inferno, inclusive o que pertencia ao rei. Até mesmo o ar que os vendanos respiravam. O rei dissera a Griz que a família tinha uma fortaleza ao norte e que ele não sabia muito bem como comandá-la. O reconhecimento do direito dos Ballenger de governar era a última coisa na mente de qualquer monarca. Mas uma carta poderia me fazer ganhar algumas semanas a mais por aqui, para procurar por um

traidor dentro do complexo, encontrar Wren e Synové, entrar em contato com Natiya e os outros, e então seguirmos adiante com nosso prisioneiro. E, o melhor de tudo, eu poderia conseguir abordar um outro problema durante o processo. A rainha ficaria mais do que satisfeita. *Faça um desejo, Kazi.* Parecia que o meu estava se tornando realidade.

Os irmãos olhavam ansiosos para mim, à espera. Eu permitiria que eles sentissem o gosto da vitória por alguns minutos, que afundassem suas garras, antes que eu a tomasse deles novamente.

Peguei o pergaminho e comecei a copiá-lo.

"Vou precisar mudar alguns dos dizeres da carta e incluir Wren e Synové, ou a rainha saberá que não fui eu que escrevi."

"Somente pequenas mudanças", disse Gunner.

Eles pairavam ali como mercadores fraudulentos se aproximando para assistir aos meus malabarismos, observando cada letra se encaixando no lugar, suas expectativas aumentando.

Vossa Majestade, rainha de Venda,

Escrevo para reportar que nossas investigações foram satisfatórias, mas revelaram algumas coisas surpreendentes. A Dinastia dos Ballenger é vasta e bem manejada, o que é admirável, visto que este não é um mundo fácil de ser regido. Há muitas ameaças aos cidadãos de fora, mas os Ballenger têm experiência e os vêm protegendo por incontáveis séculos, bem antes que quaisquer dos reinos tivessem sido estabelecidos. Seus métodos podem ser diferentes dos nossos, mas, neste território selvagem e indomado, eles fazem o que é necessário, e os cidadãos da Boca do Inferno lhes são gratos por sua liderança e pela proteção que proveem.

Solicitamos fortemente sua presença aqui, reconhecendo o trabalho dos Ballenger e sua autoridade para governar a região. Estamos instaladas na torre da Vigília de Ior, recebendo toda a hospitalidade deles, e, até que Vossa

Majestade chegue, Wren, Synové e eu permaneceremos aqui. Estamos aprendendo muito...

Coloquei minha pena de lado.

"Por que você parou de escrever?", quis saber Jase.

Mordisquei a unha, como se estivesse refletindo sobre o assunto.

"Antes de terminar e assinar, tenho uma simples condição."

O peito de Jase se ergueu em uma respiração profunda. Ele sabia que minha condição poderia ser tudo, menos simples.

"Que seria...?"

"Nada de condições", argumentou Titus.

Gunner ficou com os olhos esbugalhados. "Ela está *nos* chantageando?"

Mason soltou um grunhido de descrença. "Eu acho que é exatamente isso que ela está fazendo."

"Só porque vocês *escolheram interpretar desse jeito*", eu disse e sorri. "Prefiro chamar de pagamento por serviços prestados. Uma simples transação de negócios. Vocês, Ballenger, entendem disso, não?"

A voz de Jase ficou inexpressiva e ele foi direto ao ponto: "O que você quer?".

"Reparações", respondi. "Quero que tudo o que foi roubado do assentamento vendano seja devolvido, *com juros*, e que todas as estruturas, chiqueiros e cercas que foram destruídas sejam refeitas."

Os ânimos explodiram. Uma horda de objeções furiosas rodopiava entre eles.

Jase ficou de pé. "Você enlouqueceu? Não entendeu a mensagem? Nós *queremos* que eles saiam de lá."

"Eles têm o direito de estar lá. Venda foi muito longe, pagou um preço alto e fez grandes esforços para o estabelecimento desse assentamento, e o rei da Eislândia aprovou o local."

Jase soltou um grunhido. "Por acaso o rei não sabe diferenciar a Boca do Inferno de sua própria bunda?"

Dei de ombros. "Sem reparações, sem carta."

"Não!" Jase se lançou em um discurso inflamado, dando voltas na sala, socando o ar, reiterando que sua família não havia destruído nada e que ajudar os vendanos seria a mesma coisa que pendurar uma placa de boas-

vindas para que qualquer um viesse pegar o que quisesse. Todas as objeções dele eram pontuadas e reforçadas pelos demais. Eles alimentavam uns aos outros como se fossem um bando de chacais. “Eles representam metade dos nossos problemas, para começo de conversa! Se permitirmos que um deles avance em nosso território, todos acharão que somos fracos e vão reivindicar um pedaço de terra também!”

Soltei um suspiro. “São sete famílias. Vinte e cinco pessoas. Vocês nem mesmo utilizam aquelas terras. Os Ballenger são assim tão pequenos a ponto de algumas famílias representarem uma grande ameaça? Vocês não conseguem ver vantagens nisso, em vez de se sentirem ameaçados? Uma forma de fazer com que sua dinastia cresça?”

Os homens olharam para mim como se eu estivesse falando uma língua estrangeira. Eu me reclinei, cruzando os braços.

“São esses os meus termos.”

Eles trocaram olhares cheios de raiva, mas nenhuma palavra. Fiquei vendo a frustração crescer entre eles, seus maxilares ficando cada vez mais rígidos, as narinas dilatando, os peitos subindo com furiosa indignação. O silêncio marcava o tempo tal qual um relógio.

“Vamos tirá-los de lá”, disse Jase, por fim. “E reconstruir suas moradias em outro lugar.”

Um coro enfurecido irrompeu. Os outros apresentaram objeções a essa concessão.

“Mas tem de ser justo e equitativo”, foi minha resposta, “água, terras boas e não mais distantes que um dia de cavalgada da Boca do Inferno.”

“Será assim.”

“Tem mais uma coisa.”

Gunner ergueu as mãos ao ar. “Posso torcer o pescoço dela agora mesmo?”

“Os Ballenger devem trabalhar nas obras”, falei. “Especificamente, o *Patrei.* Você, Jase. Você mesmo deverá ajudar, fisicamente, nessa tarefa. Não deve demorar muito para reconstruir o assentamento. No máximo, algumas semanas. Eles tinham tão pouca coisa. Eu permanecerei aqui, de livre e espontânea vontade, para me certificar de que o trabalho seja feito, e você tirará os guardas da minha porta, de forma que eu me torne realmente uma convidada, tal como sua carta tão porcamente insinuou.”

Jase cerrou os punhos. Seu olhar era mortal.

“Assine a carta.”

“Isso quer dizer que temos um acordo?”

Ele abaixou o queixo em uma afirmativa rígida.

Titus grunhiu.

Um sibilar ardia por entre os dentes de Gunner.

Mason balançou a cabeça em negativa.

“Assine-a”, repetiu Jase, colocando a carta na minha frente.

Olhei para ele, ciente de que havia arrancado um bom pedaço do orgulho dos Ballenger, mas sabendo também de uma outra coisa a respeito de Jase — ou esperando que soubesse, na verdade. Algo que eu vi quando ele sussurrou histórias para mim tarde na noite, quando pressionou um talo de dente-de-leão no meu pé cheio de bolhas. Algo que eu vi quando ele tomou Nash em seus braços e depois secou suas lágrimas.

“Obrigada”, sussurrei.

Mergulhei a pena no tinteiro e assinei a carta com um floreio.

Tudo está saindo bem. Na verdade, depois de um incêndio desafortunado que destruiu algumas das estruturas do assentamento, os Ballenger generosamente concordaram em reconstruí-las em um novo local, que será até mesmo mais produtivo. Sei que Vossa Majestade deve estar ocupada com viagens, mas espero que essas notícias apressem sua chegada aqui. Por favor, traga thannis dourada como um presente de boa vontade, pois nossos anfitriões merecem essa honra. Estamos ansiosos para vê-la em breve.

Sua sempre fiel serva,
Kazi de Brightmist

Jase pegou a carta e examinou-a, procurando por algum tipo de traição.

“*Thannis*?”, ele perguntou.

“A videira cheia de espinhos que você viu estampada no meu colete que os caçadores pegaram. Faz parte do escudo vendano também. É uma planta selvagem, nativa de nossa terra. Temos muito orgulho dela. É nosso presente tradicional, oferecido a todos os visitantes, a menos, é claro, que

você ache que uma erva daninha não esteja à sua altura…”

“Eu me lembro de tê-la visto no colete dela”, disse Titus.

“Um presente de boa vontade é bem-vindo”, disse Gunner.

Jase assentiu.

“Nós nos certificaremos de ter um belo presente para ela também.”

Uma vez que a carta estava assinada, retornei ao meu quarto. Drake e Tiago me escoltaram até a porta, mas depois foram embora, conforme o meu acordo com Jase. Quando entrei, deparei-me com uma pequena tigela de frutas em cima da penteadeira. Laranjas. Três laranjas perfeitas.

Será que ele já sabia que eu assinaria a carta? Seria isso um agradecimento da parte dele?

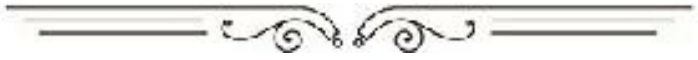
Peguei uma das laranjas, fiz um traço com a unha em sua casca e segurei-a junto ao nariz, inspirando sua magia.

Ou talvez esse fosse o agradecimento que eu nunca tive por ter lhe devolvido o anel?

Não, pensei, enquanto descascava a fruta.

Era apenas Jase lembrando-se de que eu adorava laranjas.

CAPÍTULO 22



JASE

Mesmo com ambas as janelas abertas, o ar ainda estava quente, estático, como se o mundo tivesse parado de respirar. Minhas costas, molhadas de suor, grudavam nos lençóis. Parecia impossível que ainda hoje de manhã, quando acordei, eu estava deitado em um leito de grama com Kazi aninhada junto ao meu peito, unido a ela por uma corrente.

Passava bastante da meia-noite e eu deveria ter desmaiado de exaustão na minha cama a essa altura, mas, em vez disso, eu me revirava e andava de um lado para o outro, agitado, em um dos quartos de hóspedes. Oleez tivera receio de me contar — eu finalmente tinha voltado para a torre da Vigília de Tor e fora expulso do meu próprio quarto.

Eu poderia facilmente ter feito com que tirassem Kazi de lá, mas havia outras batalhas à frente e esta não era uma pela qual valia a pena lutar. Além disso, estranhamente, uma parte de mim gostava da ideia de Kazi em meu quarto. Eu não sabia ao certo o porquê. Este quarto era maior, mais confortável, com o propósito de impressionar os convidados, e eu sabia que a essa altura ela provavelmente teria explorado todas as *coisas* no meu quarto. O que ela estava pensando? Será que ela procurou nos meus livros pelas histórias que eu havia compartilhado? A bagunça esquecida na parte debaixo do meu guarda-roupa. Havia três facas ali, pelo que eu me lembre. Eu suspeitava de que ela já teria uma delas consigo. Mas não estava preocupado com isso. Será que ela tinha tomado outro banho? Vi a repulsa em seu rosto quando Titus jogou as orelhas na mesa. Depois que ela saiu, eu o peguei pelo colarinho da camisa e o joguei contra a parede. *Nunca*

mais faça uma coisa daquelas de novo, eu disse a ele. *Nós podemos ter trabalho sujo a fazer, mas não é necessário que todo mundo veja.* Especialmente ela. Eu tinha visto sua expressão, o medo, quando ela pensou que eu havia machucado suas amigas. Que eu as havia matado. O terror nos olhos dela me retalhara como uma faca cega. Kazi percebera algo no meu rosto, talvez no de todos nós. Ela conhecia a morte quando a via.

O dano que eu realmente havia causado não tinha sido difícil para mim, e eu o faria de novo.

Foley viera me contar o que tinha acontecido.

Quando Mason, Gunner, Titus e eu entramos no armazém, Lothar e Rancell já os tinham prostrados de joelhos. Tiago e Drake ficaram perambulando ali perto.

"Avistamos a carroça deles em uma viela", disse Rancell. "Quando erguemos a lona, vimos o menino do cervejeiro amordaçado e acorrentado. As outras correntes ainda estavam vazias. Eles não tinham conseguido pegar o restante da carga ainda."

Eu me aproximei dos três homens. Dois deles começaram a chorar, implorando que eu tivesse misericórdia. O terceiro não disse nada, mas o suor formava gotas como contas em sua testa. Eles eram um grupo mais maltrapilho do que aquele que nos havia capturado. Suas roupas desgastadas exalavam um odor fétido, os nós dos dedos com crostas de sujeira, mas a história deles era a mesma. Eles haviam recebido pagamento adiantado, mas não sabiam quem os pagara. O camarada que os abordou com uma bolsa gorda de dinheiro usava um chapéu de aba larga puxado para baixo, e eles nem mesmo sabiam ao certo qual era a cor dos cabelos dele.

"Qual de vocês pegou o dinheiro?", eu quis saber.

"Foi ele", gritaram os dois que choramingavam.

Olhei para o homem que estava em silêncio, cujo suor era a única indicação de que compreendia a gravidade da situação em que se encontrava. Meu ódio por ele se elevou a um nível diferente. Era pessoal. O menino do cervejeiro tinha catorze anos de idade.

"Então você está no comando?"

Ele assentiu.

"Você já fez isso antes?"

“Não aqui. Em outros lugares. O dinheiro é bom. Mas ele disse que tinha de ser na Boca do Inferno e...”

“Você sabe a quem pertence esta cidade?”, perguntei a ele, que engoliu em seco. Sua expressão crepitava com uma ânsia impaciente.

“Eu lhe darei uma parte”, disse ele. “Podemos fazer um trato. Metade. Você quer metade? Metade para não fazer nada.”

“Você sabe o que teria acontecido com o menino que você pegou?”

“Uma mina. Ele trabalharia em uma mina. Só isso. Trabalho duro e bom.”

Não havia nada de bom em morrer em uma mina. Nada de bom em ser algemado e arrastado na traseira de uma carroça contra a vontade. Ele não conseguia conceber que o menino do cervejeiro tinha uma vida, um futuro. Ele só o via como um produto que poderia gerar lucro. Saquei minha faca.

“Tudo. Você pode ficar com tudo”, disse ele, suplicando. “O dinheiro está no meu colete. Pegue-o.”

“Todo o dinheiro?” Aproximei-me mais dele e me ajoelhei, de modo que nossos olhos se encontrassem. “Você está me oferecendo um trato e tanto, mas estou com pressa, então eis um melhor. Vou matá-lo rapidamente em vez de deixar que meus cachorros façam picadinho de você, que é o que você mereceria.”

Eu não tinha certeza se minhas palavras haviam sido ao menos registradas por ele antes que eu mergulhasse a faca em sua garganta. O sangue borrifou na minha camisa e no meu rosto, e ele estava morto antes que eu tivesse puxado a faca.

Fiquei em pé e minha atenção se voltou para os outros dois. Eles começaram a chorar, tentando recuar de joelhos, mas Mason e Titus estavam em pé atrás deles, impedindo-os de ir a qualquer lugar.

“Quer que eu cuide desses dois?”, Tiago perguntou.

Fui andando até eles, como se os estivesse perscrutando.

“Talvez não”, falei. “Talvez eles nos fossem mais úteis como mensageiros. Vocês dois aí, preferem estar mortos ou entregar uma mensagem?”

“Entregar uma mensagem!”, ambos concordaram. “Por favor, qualquer mensagem. Nós a entregaremos.”

Fiz um movimento para Mason e Titus, que puxaram as cabeças dos dois para trás pelos cabelos e, em um segundo bem rápido, uma orelha de cada um dos homens estava no chão à frente deles. Seus gritos reverberaram

pelas paredes do armazém, mas, quando mandei que se calassem, eles me obedeceram. Já haviam testemunhado o que mais poderia lhes acontecer.

"Melhor assim. Agora, aqui está a mensagem. Voltem para qualquer que seja o buraco de onde vocês saíram rastejando, façam com que todo mundo dê uma boa olhada nas orelhas de vocês e deixem que saibam quem foram os responsáveis: os Ballenger. Digam também que é esse o tipo de encrenca com o qual vão se deparar na Boca do Inferno e que nenhuma quantia em dinheiro pode fazer com que valha a pena vir para cá. Os cidadãos desta cidade são intocáveis. E, se algum dia eu vir um de vocês aqui de novo, nem que seja para beber um gole de água, nós vamos cortar algo muito mais valioso do que suas orelhas. Minha palavra tem honra, podem contar com isso. Estão entendendo?"

Ambos assentiram.

"Que bom. Então estamos resolvidos." Olhei para Lothar e Rancell. "Façam curativos neles. Não quero que eles morram de hemorragia antes de entregarem nossa mensagem."

Foi no caminho de volta para a casa principal que Gunner nos alertou de que era hora de enviarmos outras mensagens também, aquela que toda a minha família estava insistindo para que fosse enviada, e por fim eu concordei. Não tínhamos nada a perder. Ou, pelo menos, era isso que eu pensava.

Ainda era impossível acreditar totalmente no fato de que, para cumprir com a promessa que havia feito ao meu pai, eu também tinha concordado em reconstruir um assentamento vendano. Se os deuses haviam levado essa notícia a seus ouvidos, ele provavelmente estaria batendo nas paredes do túmulo, exigindo que o libertassem e nomeassem outra pessoa como *Patrei*.

Rolei para fora da cama e fui até a janela. Estava escuro, o campo de trabalho ainda silencioso, uma fraca luz azulada na torre do portão era o único sinal de que havia alguém acordado, e então eu vi uma sombra em meio à escuridão. Ou achei que tivesse visto. Ela rapidamente se foi. Talvez fosse um dos cães em patrulha. Seguiu-se uma onda de latidos, mas logo tudo ficou em silêncio novamente.

Sim, apenas os cachorros.

Afastei-me da janela e fiquei andando de um lado para o outro, me perguntando se ela tivera tanta dificuldade para dormir quanto eu.

Lembrei-me de seu rosto quando fui até seus aposentos, a princípio suave, feliz em me ver, para depois assumir uma expressão cáustica.

O que você quer, Jase?

Eu sabia o que eu queria.

E ela também.

Minha mão ficou pairando no ar, e eu me perguntava se deveria ou não bater à porta. Já era tarde. No meio da noite. Se ela estivesse dormindo, eu a acordaria.

Ela não está dormindo. Eu sabia que era impossível, mas senti. Podia sentir os olhos dela abertos, examinando as paredes, puxando e fechando as cortinas, abrindo-as novamente, observadora, incapaz de descansar, precisando de uma história, de uma charada, de algo para aliviar a mente e fazer com que entrasse em um mundo onírico. Repousei minha mão na porta, desejando entrar, sabendo que não deveria.

O que é isso, Kazi? O que você sente? Ela não pôde responder antes, quando eu tinha perguntado. Ou não queria. Talvez fosse melhor não saber. Estava claro a quem pertencia sua lealdade.

E a minha também.

Afastei-me da porta e voltei para o meu quarto.

Velas reluziam dentro dos globos vermelhos de vidro no pórtico arqueado do templo, e o pesado aroma de âmbar pairava no ar. Eu era a única pessoa ali. Os sacerdotes estavam dormindo no presbitério. Eles encontrariam a minha oferenda pela manhã. Saquei minha faca e fiz um pequeno corte no polegar, apertei-o, deixando que o sangue escorresse no prato de moedas logo abaixo. *Uma moeda para cada criança na cidade. Isso fica apenas entre você e os deuses, Jase. Nada de sacerdotes. Nem ninguém mais. Essa é sua promessa para protegê-los com seu sangue, assim como Aaron deu o sangue dele para salvar os Remanescentes. Ouro agrada aos homens, mas sangue serve aos deuses, pois, no fim, nossas vidas são tudo o que temos a oferecer.*

As gotas de sangue escorriam pela pilha de moedas, que se moviam com um fraco retinir, ecoando pelo templo silencioso. As últimas palavras desesperadas do meu pai foram aquelas que ele tinha ouvido de seu próprio pai, palavras que eram ouvidas por todos os *Patrei*. Eu as tinha lido

nas histórias e as transcrevera quando ainda era bem novo.

A luz das velas captou o reluzir do meu anel de ouro. *Eu lhe dei o anel, Jase. E o fiz no momento mais importante.* Ela havia tomado a iniciativa de livre e espontânea vontade e me ajudou, mas, em vez de agradecer, eu a questionei, perguntando por que não me entregara o anel antes. Tudo estava mais complicado agora, até mesmo algo tão simples como a gratidão.

Passos se arrastaram atrás de mim.

"Está pronto?"

Mason me interceptara quando eu estava de saída e insistira em vir comigo. *Você enlouqueceu? Sair sem um* straza*?* E então ele riu. *Vamos.*

Ele veio até mim pela nave central do templo e sussurrou: "A cidade acordará em breve. Devemos ir enquanto ainda está escuro".

Partimos. As ruas estavam silenciosas, e as estradas, escuras. No meio do caminho para casa, ele me perguntou sobre Kazi.

"Como foi que vocês dois acabaram...?"

Ele sabia que alguma coisa havia acontecido entre nós, mas empacava no fim da pergunta, como se não soubesse como formular... Como se ele ainda não estivesse acreditando muito naquilo. Ele tinha visto Kazi me jogando contra a parede, ameaçando me cortar. Mason não aceitava a situação, e eu tampouco.

"Era diferente lá fora", falei. "Ela estava diferente. Eu também."

"E agora?"

"Não sei."

"Eu nunca vi você desse jeito. Sei que não está pedindo conselhos, mas ofereço mesmo assim. Pode ser que tenha sido bom ficar aninhado com ela lá fora, mas, aqui, ela não é alguém com quem você queira se ver envolvido. Não dá para confiar nela."

Eu odiava ouvi-lo dizer isso, mas era verdade. Kazi tinha segredos. Ela realizava uma dança habilidosa em torno de tudo que dizíamos. Na noite passada, pude ver um medo genuíno em seus olhos quando ela pensou que eu havia machucado suas amigas, mas então também percebi como Kazi jogava conosco, como o medo se dissolvia e era substituído por alguma coisa habilidosa e calculista. Era a mesma expressão que eu tinha visto em seu rosto quando ela estudara o condutor, como se, dentro de sua cabeça, ela estivesse construindo alguma coisa sólida, pedra por pedra. Com sua

sagacidade, ela havia conseguido obter reparações que nós, a princípio, não lhe devíamos. Mesmo com aquela carta, não tínhamos nenhuma garantia de que a rainha viria, mas havia esperança, um curativo a curto prazo do qual precisávamos. Por ora, eu tiraria vantagem disso. Logo não precisaremos de ninguém que nos atire migalhas de respeito. Logo teremos uma partilha maior no comércio do continente, e serão os reinos que implorarão por um lugar à mesa dos Ballenger.

Chegamos à torre da Vigília de Tor. Antes que Mason voltasse ao seu quarto para tentar recuperar o pouco de sono que lhe restava naquelas horas escuras da manhã, eu disse: "Amanhã, quando formos para a cidade, vou tirar Garvin da segurança da torre e colocá-lo para vigiar Kazi. Ela não o conhece, e ele se mescla facilmente ao cenário. Também usarei Yursan como uma distração".

Mason ergueu as sobrancelhas. Colocar alguém para vigiá-la, especialmente alguém como Garvin, que era bom no que fazia, significava assumir as minhas dúvidas de uma vez por todas.

Eu esperava que Mason estivesse errado. Eu esperava que eu mesmo estivesse errado. Porque eu ainda estava entrelaçado com ela e não queria me soltar.

Miandre é nossa contadora de histórias. Ela nos conta as histórias de outrora.

Era um mundo de princesas e monstros, castelos e coragem. Ela aprendeu as histórias com a amiga de sua mãe. Um dia eu também haverei de contar histórias, mas as minhas serão sobre monstros diferentes, aqueles que nos visitam todos os dias.

— Gina, 8 anos —

CAPÍTULO 23

KAZI

Havia livros empilhados na cama ao meu redor, fantasmas espiando de suas páginas, um sussurro aqui, outro ali... *Aguente firme, não importa o que você tenha de fazer.* Os fantasmas dos Ballenger soavam tão desesperados quanto aqueles que eu conhecera. *Sobreviva, não importa quem você tenha de matar.* Talvez mais desesperados.

Passei boa parte da noite lendo os livros das prateleiras de Jase. Depois de folhear vários deles, eu me dei conta de que quase todos haviam sido escritos à mão, em sua maioria, por Jase. Alguns dos primeiros livros na prateleira de cima tinham uma caligrafia mais infantil. Pareciam fazer parte dos seus estudos de formação, isso de ter que registrar o histórico familiar e as histórias de próprio punho. Talvez esse fosse mais um motivo pelo qual ele conhecia tão bem as histórias. Muitas eram curiosas, não muito longas, mas havia centenas, talvez milhares delas na forma de pequenos registros de um diário, algumas mal contendo sentenças completas, a começar pela primeira, de Greyson Ballenger: *Anote isso. Anote todas as palavras assim que você chegar lá. Antes que a verdade seja esquecida.*

Essa foi uma das formas pelas quais Pauline ensinou Wren, Synové e eu mesma a ler, copiando algumas das histórias antigas de Gaudrel, embora eu não tenha começado a preencher um único livro sequer, muito menos prateleiras deles. Essa parede de livros não comportava apenas lições de leitura, mas o código dos Ballenger, uma paixão, sem nunca se esquecer de suas origens, ao passo que alguns de nós tentávamos fazer exatamente o

oposto.

Eu me vi tocando as palavras, imaginando Jase enquanto ele as redigia, imaginando-o do tamanho de Nash, vendo-o crescer em meio a sua grande, reservada e poderosa família, criando uma imagem mental de como ele se concentrava enquanto escrevia cada palavra.

Acordei alarmada com o som de alguém batendo à porta e vi que minha mão ainda repousava em cima de um livro aberto. Parecia que eu mal havia cochilado. Eu havia acabado de levantar o lençol quando Vairlyn, Priya e Jalaine entraram com tudo pela porta. Vairlyn carregava uma bandeja com o café da manhã; Priya, uma pilha de roupas; e Jalaine deixou cair um par de botas de montaria no chão e depois se ajeitou confortavelmente na ponta da cama.

Elas entraram no meu quarto como se me conhecessem, como se eu não fosse apenas uma convidada indesejada, mas uma pessoa qualquer. Priya sacudiu as cortinas, abrindo-as e deixando a luz entrar, e Vairlyn colocou a bandeja na mesinha de canto, perto da poltrona, servindo uma xícara de alguma bebida quente de um pequeno bule de estanho. Todas elas pareciam estar bem animadas, até mesmo a rabugenta Priya. Ela estendeu uma saia de cavalgada que trazia dobrada, tentando adivinhar se iria me servir.

"Isso deve servir em você. Eu sou mais alta, mas é uma das minhas saias mais curtas, fica logo abaixo dos meus joelhos. Deve ficar bem em você. Não sei o que Jase estava pensando quando mandou buscar um dos vestidos da Jalaine."

"Ele não estava pensando", disse Jalaine. "Ele estava..."

"Desculpe-nos por acordar você", disse Vairlyn, "mas nós vamos sair logo."

Ela me entregou a xícara com a bebida e então me deu uma tigela com uma espécie de pudim de ovos. O olhar de Jalaine percorreu o quarto. Ela tinha um grande sorriso colado no rosto.

"Você colocou Jase para fora do quarto dele?"

Ela estava achando tudo aquilo divertido, vendo Jase apenas como seu irmão mais velho, e não como o *Patrei*.

"Não exatamente..."

"Deixe a moça comer", disse Vairlyn, dando uma bronca em Jalaine. "Está cedo demais para perguntas."

“Aonde estamos indo?”, eu quis saber.

Elas me explicaram que estávamos a caminho da Boca do Inferno. Aparentemente toda a família estava por aqui hoje, como em um espetáculo, de modo que a presença dos Ballenger era fortemente vista e sentida. Eles não apenas queriam apagar quaisquer dúvidas que houvesse entre o povo da cidade, mas também reforçar entre as ligas que a passagem do poder não havia enfraquecido a família. Eu deveria fazer parte desse espetáculo, uma soldada de elite da rainha de Venda andando lado a lado com os Ballenger.

“E Jase? Irei vê-lo?”

Priya riu e trocou um olhar de relance com Jalaine.

“Eu acho que ela ainda não está entendendo.”

“Sim”, foi a resposta de Jalaine. “Você definitivamente verá Jase.”

Saímos pela porta da frente da casa principal e Priya notou, com um murmúrio descontente, que nossos cavalos ainda não estavam lá. Perguntei se havia tempo para dar uma volta antes de partirmos e fiquei surpresa quando Vairlyn concordou prontamente.

“Por que não?”, foi a resposta dela. “Parece que temos uns minutos antes que tragam os cavalos.”

Talvez ter uma ideia de como eram as terras da torre da Vigília de Tor não seria tão difícil quanto eu havia pensado, pelo menos não agora que me encontrava ali dentro. Foi impossível dar uma volta na noite passada. Fugir dos guardas não era difícil, mas, ao contrário de um tigre muito disposto, os cachorros eram treinados para não aceitar comida de qualquer um; assim, a carne que eu tinha pegado na cozinha para dar às feras e tentar uma aproximação tinha sido desperdiçada. E sibilar *vaster itza* não os acalmara em nada — aparentemente, eles só gostavam de ouvir ordens de Jase. Porém, com um pouco de paciência, eu tinha certeza de que encontraria um caminho para chegar aos seus corações sombrios e furiosos. Até mesmo os mais endurecidos lordes e mercadores tinham rachaduras em suas armaduras cruéis.

“Onde estão os cachorros?”, perguntei com hesitação enquanto descíamos os degraus da frente.

“Você os ouviu ontem à noite?”, Priya perguntou.

"Apenas alguns rosnados."

"Provavelmente só estavam caçando um coelho", interpôs-se Jalaine.

Vairlyn deu alguns tapinhas de leve no meu ombro.

"Não se preocupe. Os cães noturnos ficam presos no canil durante o dia. Os únicos que ficam andando por aí agora são os cães do portão, e eles provavelmente estão descansando em um bom lugar à sombra. Os dias estão ficando cada vez mais quentes." Ela afastou um espesso cacho de cabelos do rosto, e eu fiquei mais uma vez abalada com sua aparência tão jovem, embora já fosse viúva. "Por aqui", disse ela, apontando para um caminho que passava entre a casa principal, mais acima, e um outro grande edifício. Enquanto passávamos por ali, ela me disse que cada uma das casas tinha um nome. "Essa é a Raehouse, cujo nome foi dado em homenagem ao primeiro filho de Greyson e Miandre. É aqui que ficam os escritórios de negócios dos Ballenger, que são gerenciados por Priya."

"Quantos negócios vocês têm?"

Priya soprou uma lufada de ar.

"Dezenas. Fazendas. Uma serraria. A Estalagem dos Ballenger. Mas os negócios principais estão ligados ao gerenciamento da arena e da Boca do Inferno."

Dezenas. Quais seriam os outros que ela não havia mencionado? Era em relação a esses que eu estava curiosa, particularmente os que diziam respeito ao motivo de acolher um assassino tão cruel. O que ele estaria fazendo aqui? Segundo a rainha, o ex-capitão da Vigília na cidadela morriguesa não era notavelmente habilidoso, exceto em uma coisa. *Ele é um espadachim regular, um comandante regular, mas é um enganador nada regular, bem acima da média. Suas habilidades residem na paciência.* A traição à sua família consumia a rainha tanto quanto a traição aos reinos. Era algo que ela nunca perdoaria nem esqueceria. Além de envenenar o pai dela, o capitão da Vigília planejou um massacre que matou seu irmão mais velho, instigando, ainda, um outro ataque, do qual seu irmão mais novo saiu sem uma perna e o terceiro, gravemente ferido. Ele nunca se recuperou plenamente e morreu um ano depois. Quando todo o estratagema foi descoberto, a rainha ficou sabendo que o capitão, além de ganhar uma fortuna, seria premiado com um dos reinos que o Komizar havia planejado conquistar. Gastineux seria dele. O capitão Illarion nunca chegou a conseguir seu prêmio. Tudo o que o mundo exterior lhe reservava naquele

momento era a forca, ou talvez ele achasse que haveria uma segunda chance de recuperar o que havia escapado por seus dedos. Era isso que ele esperava obter aqui? A riqueza e o poder outrora perdidos? E por que os Ballenger estariam dispostos a dar isso a ele? Será que as suas ambições se equiparavam às dele?

"Os registros de todos os negócios são mantidos aqui, na Raehouse. Priya é boa com números", disse Vairlyn, com um orgulho óbvio.

Priya deu de ombros.

"Números não mentem. Eles são bem mais confiáveis do que as pessoas."

"É mesmo?", perguntei. "Números podem ser manipulados."

Priya me lançou um longo olhar de esguelha.

"Não tanto quanto as pessoas."

Jalaine soltou um murmúrio carregado de ceticismo.

"Priya gosta mesmo é da solidão. Números não respondem. Ela gosta da paz e da quietude aqui, ao passo que *eu* tenho de lidar com um monte de bocas reclamonas na arena."

"E essa, minha irmã, é sua especialidade: uma boca reclamona."

Jalaine deu um empurrãozinho em Priya, que levou tudo na brincadeira. Seus comentários sarcásticos não passavam de disputas comuns de mercado, em que os custos já eram algo garantido. A devoção entre elas era tão segura e verdadeira quanto um preço previamente estabelecido.

"Cuidado com a cabeça aí", disse Vairlyn, empurrando um galho de uma das árvores. "Esses galhos precisam ser cortados, mas eu meio que gosto desse aspecto selvagem."

O caminho havia se estreitado e nós caminhávamos por uma longa trilha em forma de túnel, sombreada por árvores e cercada por roseiras amarelas que se erguiam como trepadeiras. O chão abaixo delas estava repleto de pétalas espalhadas aqui e ali, como gotas de chuva, em um contraste gritante com as estruturas ominosas e cheias de pontas que se erguiam como torres nas laterais — dependendo da direção para a qual se olhava, a visão podia ser tanto convidativa quanto repulsiva. Saímos da trilha e fomos parar nos fundos da casa principal, onde se estendia um jardim com passadiços robustos, cercas vivas baixas e altas fileiras de arbustos. Uma grande fonte borbulhava no centro. Adiante, passando os jardins, havia mais três edifícios de pedra com pequenas e afiadas torres. Casas — era assim que Vairlyn se referia a essas construções.

“Ali, na extremidade mais afastada, fica Riverbend”, disse Jalaine, “que abriga nossos funcionários. Ao lado dela, ali nos fundos e ao centro, fica Greycastle, onde vivem outros de nossos familiares.”

“Minha irmã Dolise e a família dela, além de uns primos que não são muito sociáveis, moram ali. E há outros parentes vivendo lá embaixo, na Boca do Inferno.”

“Somos setenta e oito Ballenger no total”, disse Priya, “e isso sem contar os primos de terceiro grau.”

“Primos de terceiro grau como Paxton?”, perguntei.

Uma muralha de gelo recaiu sobre Priya.

“Sim”, respondeu Vairlyn, “como ele”.

“É claro que esperamos ter mais pequenos Ballenger em breve”, disse Jalaine, fazendo graça. Priya deu uma cotovelada na lateral do corpo da irmã.

Vairlyn entrou rapidamente na conversa, na tentativa de deixar para trás o comentário sugestivo de Jalaine.

“E aquela ali, ao lado de Greycastle, é a Darkcottage.”

Darkcottage, cujo nome significava “cabana sombria”, não era nem de longe uma cabana. A casa se erguia acima de nós com dois andares e quatro pequenas torres espiraladas que subiam ainda mais alto, e era feita de um granito preto reluzente.

“Quem mora ali?”, eu quis saber.

“Aquela casa está vazia agora”, foi a resposta de Vairlyn. “Habitada apenas por memórias e histórias.” O olhar dela era melancólico. “Às vezes os convidados ficam hospedados lá. E aqui o nosso passeio chega ao fim, só ficaram faltando alguns anexos e os estábulos, que ficam na direção daquele caminho ali.”

“E as catacumbas? Posso vê-las?”

Priya arqueou as sobrancelhas.

“Lá embaixo, no túnel? Como você sabe da existência delas?”

“Jase me falou.”

“Lá é um pouco úmido e cheio de pó”, disse Vairlyn, com ares de dúvida.

“Ainda assim, estou curiosa, depois de todas as histórias que ele me contou.”

Jalaine e Priya trocaram um sorriso cheio de significado, como se eu tivesse confessado algo importante.

"Vou falar para o Jase lhe mostrar as catacumbas quando ele voltar da cidade", disse Vairlyn. "A essa altura os cavalos provavelmente estão prontos para nós, e os outros estarão à nossa espera."

Tendo dito essas palavras, Jalaine e Priya começaram a caminhada de volta pela trilha, ansiosas pelo retorno, mas Vairlyn não se mexeu, com a atenção ainda fixa na Darkcottage. Fiquei esperando, sem saber ao certo se eu deveria ir ou ficar. Quando elas estavam longe o bastante para que não pudessem nos ouvir, Vairlyn disse: "Obrigada pela carta para a rainha".

"Não tenho certeza se agradecimentos são apropriados nesse caso. A carta foi escrita por Gunner. Eu apenas copiei. E você sabe que a carta teve um preço? Eu não concordei em escrever de livre e espontânea vontade."

"O assentamento. Sim, estou ciente disso. De fato, eu entendo uma coisa ou outra sobre chegar a um meio termo e sobre comprometimento. Às vezes nós temos de ceder e abrir mão de uma coisa, de modo a ganharmos algo que nos seja importante. Eu vejo isso como uma vitória para ambas as partes."

"A vinda da rainha é assim tão importante para você?"

"Era importante para o meu marido, e isso faz com que seja importante para mim. Manter promessas é importante. Aliviar medos é importante. Proteger a Boca do Inferno é importante."

Sim, eu pensei, *entendo a parte das promessas. As minhas também são importantes.*

Enquanto caminhávamos de volta pela trilha ladeada de árvores, ela parou por um instante, tocando de leve no meu braço.

"Eu estava me perguntando... Por acaso Kazi seria apelido de Kazimyrah?"

Fitei-a, sua simples pergunta fazendo comprimir o ar em meus pulmões. Tentei descobrir o que exatamente ela sabia. Será que ela suspeitava de alguma coisa em relação à forma como eu tinha assinado a carta?

"Você já ouviu esse nome antes?"

"Sim. Em Candora. Não é um nome incomum para confeccionadores de flechas, especialmente para as primeiras filhas. Na antiga língua deles, quer dizer *flecha doce*, que é..."

Ela continuou com sua explicação, mas eu já sabia o que era uma flecha doce, aquela flecha rara entre uma dezena em uma aljava, que voa com mais precisão e vai mais longe do que as outras, aquela que faz com que a

habilidade de um confeccionador de flechas seja enaltecida por algo tão intangível quanto o espírito contido dentro da madeira.

"Não", respondi. "Meu nome é apenas Kazi."

No entanto, enquanto caminhávamos de volta para o portão frontal, minha mente rodopiava com esse novo conhecimento que nem mesmo a minha própria mãe tinha. Será que meu pai tinha confeccionado flechas em Candora? Será que ele havia me dado esse nome? Feridas antigas estavam se abrindo novamente, todas as respostas que deveriam ter sido minhas me foram roubadas como se fossem bugigangas para vender no mercado. Milhares de anos de história eram reverenciados pelos Ballenger. Já a minha própria e breve história fora arrancada das minhas mãos. Havia uma centena de perguntas que eu nunca seria capaz de fazer à minha mãe.

Quando chegamos ao portão, todos já estavam esperando por nós — o exército dos Ballenger, alguns *straza* e outros ajudantes. Todo mundo preparado para se dirigir à Boca do Inferno.

Todo mundo, menos Jase.

Todos os olhares recaíram em mim. Eu podia ter estado do lado de dentro do portão, mas, ainda assim, era um objeto estranho, uma pedra presa em uma ferradura e arrastada para dentro do santuário deles. Priya abriu um sorriso afetado. Ela me percebeu analisando o grupo.

"Não se preocupe. Ele está vindo", disse ela com o intuito de me informar que nada escapava aos seus olhos.

"Venha cavalgar comigo!", gritou Nash.

"Agora não, Nash. Vou cavalgar com Kazi primeiro."

Senti o calor aumentando entre as minhas costelas. Eu me virei e vi Jase se aproximando de nós, vindo de outro caminho e guiando dois cavalos. Um deles era preto como carvão — *o meu.* Fui correndo até ele, verificando os equipamentos de montaria, todos em seus devidos lugares, mas agora limpos e recentemente lubrificados. Os pelos dele reluziam e a crina estava cuidadosamente arrumada e trançada.

Os outros saíram pelo portão, deixando a mim e Jase sozinhos. Esfreguei o rosto no focinho do meu cavalo e afaguei seu topete.

"*Mihe*, *gutra hezo, Mihe*", sussurrei, e ele soltou uma robusta bufada de aprovação, animado, um sinal de que estava preparado para um galope pelos campos abertos. Era um cavalo de energia elevada e feito para galopar a toda velocidade, uma raça venerável de cavalos vendanos criados

especialmente para Rahtan e nada acostumados ao confinamento dos estábulos.

"O nome dele é Mihe?", perguntou-me Jase.

Meu olhar permaneceu fixo no pescoço de Mihe e eu respondi que sim com um movimento de cabeça, incapaz de olhar para Jase, surpreendida pelo repentino aperto na minha garganta. *Porcaria de cavalo*, pensei, *não faça isso comigo*, mas eu não conseguia esconder que estava feliz em vê-lo novamente.

"A crina foi ideia da Jalaine. Espero que não se importe. Ela meio que se apaixonou por ele."

"Isso é um pouco chique para ele, mas eu não acho que ele vá ligar. Provavelmente também vai esperar agrados extras de mim agora."

Ergui o olhar. Os olhos de Jase estavam fixos em mim.

"Tiago o encontrou no estábulo quando estavam procurando por você e as outras Rahtan." Ele se endireitou e franziu o cenho, seus ombros estavam enrijecidos e ele parecia desconfortável. "Nós não estamos com as outras, Kazi. Nunca estivemos. Quero que você saiba disso."

Outras. Ele não estava se referindo a cavalos. Ele estava falando de Wren e Synové.

"Por que me contar isso agora?"

"Por causa da noite passada. Eu vi a expressão no seu rosto. O medo. Eu não quero que você pense em mim daquele jeito. Eu nunca as machucaria. Você sabe disso, não sabe?"

Pensei na minha reação. Eu tinha ficado com medo. Havia sentido a morte na sala. Ela passou roçando em minha pele como se fosse um exército de fantasmas em debandada, pisoteando-a, e então eu vi Jase. Ele havia matado alguém, eu sabia disso, e o temor tomara conta de mim. Meus primeiros pensamentos saltaram na direção de Wren e Synové, e me dei conta de que aquilo que sabia sobre Jase e sobre os *Patrei* eram duas coisas diferentes. Os *Patrei* regiam um mundo diferente daquele por onde eu e Jase havíamos perambulado. Eu ainda estava começando a conhecer essa outra pessoa.

"Por que você mentiu dizendo que estava com elas?"

"Elas haviam desaparecido e tivemos problemas na cidade. Preciso considerar todas as possibilidades."

"E se eu acreditasse que vocês as estavam mantendo sob custódia, você

achou que eu poderia confessar alguma coisa. Elas se tornaram moeda de troca."

Uma fenda se formou entre as sobrancelhas dele.

"Sim."

"Jase, eu desapareci do nada… Exatamente como você. Talvez elas tenham sentido medo de ser as próximas. Em algum momento passou pela sua cabeça que elas poderiam ter desaparecido porque estavam tentando salvar seus próprios pescoços?"

"Passou pela minha cabeça, sim. Mas onde elas estão agora? Todo mundo sabe que você está a salvo aqui."

"Eu não sei onde elas estão."

"Kazi…"

"Eu juro que não sei, Jase."

Ele ficou me analisando. O que quer que ele estivesse vendo só podia ser a verdade, pois eu não sabia onde elas estavam agora. Não exatamente. Meu palpite era de que elas estavam em movimento, provavelmente indo de uma ruína a outra, nas margens da cidade. E quando eu viesse a entrar em contato com elas novamente, elas precisariam continuar longe das vistas dos Ballenger. Eu podia estar no interior da torre da Vigília de Tor, mas precisava que elas permanecessem do lado de fora e que não estivessem sob escrutínio.

Por fim ele deixou para trás o assunto das Rahtan desaparecidas e disse que precisávamos ir ao encontro de sua família. Ele verificou a minha sela e me entregou as rédeas do cavalo. Olhou para as minhas botas como se ainda estivesse compreendendo as mudanças. Nossos longos dias de caminhada juntos e descalços haviam acabado.

"A essa hora, ontem…"

"Eu sei", falei. "Ainda estávamos acorrentados um ao outro."

"Um dia pode mudar tudo, não?"

"Menos de um dia", foi a minha resposta. "Um minuto que seja pode nos lançar num caminho diferente e virar as nossas vidas do avesso."

Ele deu um passo, aproximando-se de mim.

"É assim que sua vida está agora, Kazi?", ele perguntou. "Do avesso?"

Plena e completamente, mas dei a resposta que deveria dar.

"De jeito nenhum. Sou uma soldada que, no momento, está hospedada em uma casa muito confortável, e chegamos a um acordo que será

vantajoso para o meu reino — se é que você pretende manter sua palavra."

A repulsa estava ali, cintilando nos olhos dele, diante do lembrete dos reparos e do reassentamento dos vendanos.

"Minha palavra tem valor", ele resmungou, subindo em seu cavalo.

"Não posso prometer quando e nem se ela virá, você sabe disso, não?"

Ele assentiu.

"Eu sei. Mas você fez um esforço e foi de boa vontade. Não podemos pedir mais do que isso."

Boa vontade.

Coloquei o pé no estribo de Mihe, ajeitei-me na sela e então o cutuquei com o joelho para que seguisse em frente. Os *straza* que haviam ficado para trás, esperando por nós, agora nos seguiam. Havíamos acabado de passar pelos portões quando Jase perguntou como eu tinha dormido na última noite. Conversa educada. Algo que eu imaginava que pessoas que viviam em belas casas perguntavam aos seus hóspedes.

Eu achava que uma resposta igualmente educada seria necessária, mesmo que eu mal tivesse dormido. Eu não podia revelar a Jase o motivo pelo qual seu quarto confortável não me concedera repouso. Parecia que a sua adorável caverna em forma de cama não era o bastante, afinal. Ainda faltava algo. *Ele.* Jase havia se tornado um péssimo hábito. Rápido demais, eu havia me acostumado com o peso do braço dele ao meu redor, com a sensação de seu peito em minhas costas, seus sussurros no meu ouvido enquanto eu pegava no sono. *Conte-me uma outra charada, Kazi...* Se não fossem os livros dele, eu não teria sequer conseguido cochilar.

"Bem", foi a minha resposta, "e você?"

"Dormi bem. Foi bom finalmente dormir em uma cama macia, e não no chão duro."

Não era tão duro. Eu me lembrava dos comentários dele sobre a grama e suas densas camadas, ou sobre os leitos de folhas que farfalhavam sob nós. Ele havia gostado de tudo aquilo. Fiquei estranhamente desapontada com a resposta. Tudo foi deixado para trás tão rapidamente. Folhas. Grama. Nós. E, ainda assim, era exatamente isso o que eu esperava. Eu dissera a mim mesma, repetidas vezes, que logo aquilo ficaria para trás, que não havia qualquer problema em tudo o que dizíamos e fazíamos, porque era apenas temporário. Era nosso modo de tirar o melhor da situação. Meus próprios sentimentos haviam se tornado uma charada espinhenta para a

qual eu ainda não tinha resposta.

A estrada que cruzava em ambas as direções e descia para a Boca do Inferno era íngreme. Eu não podia deixar que Mihe engatasse um galope até que chegássemos a um solo nivelado, porém, quando finalmente soltei as rédeas e permiti que me conduzisse, ele se tornou um espectro preto sem qualquer amarra a essa terra, sua marcha tão rápida e constante como um vento escuro soprando estrada abaixo, e eu fazia parte desse vento. Jase se esforçava para acompanhar nosso ritmo. O bater das patas do cavalo no chão, o barulho, a tensão nas minhas coxas e panturrilhas enquanto eu erguia as rédeas, cada baque reverberando em meu coração e nos ossos, tudo isso me fazia sentir viva, esse momento era tudo o que havia, e as respostas para as charadas e enigmas ficaram esquecidas na trilha de poeira atrás de nós.

CAPÍTULO 24

KAZI

Assim que chegamos à Boca do Inferno, fui conduzida por Vairlyn, Priya, Jalaine, Nash e Lydia — éramos como uma tropa que seguia em direção à costureira.

"Não a mantenham lá por muito tempo", Jase havia gritado depois que nos afastamos, com uma expressão exasperada obscurecendo o rosto. Era óbvio que isso não fazia parte de seu plano, mas, aparentemente, a mãe e as irmãs de um *Patrei* podiam passar por cima dele em algumas questões.

Vairlyn disse que seria melhor fazermos essa visita à costureira logo, para que ela tivesse tempo de fazer algumas modificações nas roupas. Ela achava necessário que eu tivesse minhas próprias roupas para usar durante a estadia na Boca do Inferno, e não apenas peças emprestadas. Eu tive de concordar, principalmente em relação às roupas de baixo. Prometi pagar por isso, mas ela dispensou minha oferta, dizendo que era o mínimo que podia fazer depois de eu ter ajudado seu filho a escapar dos caçadores de mão de obra.

A culpa me despedaçava. Ela não fazia a mínima ideia de que eu havia sido forçada a ajudá-lo e que minha intenção era usá-lo para os meus propósitos pessoais. Minhas metas e minha lealdade não haviam mudado. Desde que a rainha me pedira para encontrar o fugitivo, eu imaginava o grande momento em que eu lhe entregaria o traidor evasivo. *Você pode consertar algumas coisas.* O momento havia se fixado nos meus pensamentos. Tornou-se uma espécie de cor reluzente atrás dos meus olhos, uma cicatriz prateada sobre uma ferida que havia ficado aberta

tempo demais, ou uma pedra dourada em um muro alto que poderia finalmente apagar os meus erros. Eu precisava acreditar que talvez até mesmo uma reles pessoa como eu era capaz de fazer qualquer diferença que importasse neste mundo. Isso se tornou uma necessidade profunda e eu fiquei preocupada... E se o capitão da Vigília tivesse desaparecido? E se ele não estivesse aqui no fim das contas? Às vezes as pessoas desapareciam e não importava o quanto se quisesse encontrá-las, elas nunca seriam vistas de novo.

Era perturbador ser atraída para o círculo familiar deles. Certamente eu era boa o bastante nas conversas — essa era uma das minhas ferramentas de trabalho. Quando eu era forçada a travar conversa com um mercador em vez de simplesmente sair de fininho com as mercadorias roubadas, eu tinha de redirecionar os pensamentos deles, fazer com que ficassem tão hipnotizados com alguma coisa a ponto de não perceber mais nada, como o caçador de mão de obra, tão empenhado em responder à charada cuja resposta eu segurava que acabou se esquecendo de que levava as chaves presas ao lado do corpo.

Mas isso era diferente. Era, de longe, bem mais íntimo — as conversas deles, suas risadas, os toques e os cutucões. Não parecia certo que eu estivesse ali no meio e, ainda assim, isso me intrigava tanto quanto ouvir uma língua estrangeira, tentando entender as nuances por trás de suas palavras. Elas seguravam o tecido junto ao meu rosto e me perguntavam o que eu achava dele. Eu não sabia o que achar. Deixei que elas decidissem.

A costureira tirou minhas medidas rapidamente e os tecidos foram escolhidos. A única vez que haviam tirado as minhas medidas para fazer roupas foi quando me tornei uma soldada Rahtan. Nós não tínhamos uniformes. Escolhíamos nossas próprias roupas, e eu escolhi as minhas com cuidado. Eu sentia falta das minhas botas e da camisa que eu tinha sido forçada a retalhar para cruzar o Canal dos Ossos, mas, acima de tudo, sentia falta do colete de couro que os caçadores tinham tirado de mim enquanto eu estava inconsciente. Ele não era exatamente como o anel de Jase, mas simbolizava algo — a reverenciada *thannis* de Venda estava graciosamente estampada no couro acobreado. Tinha sido a mais bela peça que eu já possuíra na vida. Quando criança, só tinha conhecido camadas e mais camadas de trapos que cobriam as minhas costas, e eu era sortuda por tê-los. Vairlyn falava baixinho com a costureira enquanto eu, usando seus

dedais, entretinha Lydia e Nash com o jogo das tampinhas.

Dentro de pouco tempo, como prometido, fui conduzida até Jase e nosso passeio pela Boca do Inferno prosseguiu. Ele caminhava bem perto de mim, ao meu lado, com seu ombro ocasionalmente roçando o meu, e sua mão às vezes tocava a parte inferior das minhas costas, direcionando-me por uma avenida ou outra. Sua proximidade era orquestrada, um sinal sutil para todos que nos observavam e uma confirmação de que os rumores eram verdadeiros. Todo mundo via claramente que esta era, afinal de contas, a soldada Rahtan de Venda que havia sido rendida... pelo charme do *Patrei*.

Notei a facilidade com que Jase falava com as pessoas da cidade, como ele sabia dos detalhes de suas vidas e de como elas conheciam os detalhes da vida dele, como uma velha dona de loja beliscava o queixo de Jase por ele ser um dos indomáveis meninos dos Ballenger que ela havia perseguido e repreendido tantas vezes.

"Então você também era encrenqueiro quando criança?", perguntei.

"Provavelmente menos encrenqueiro do que você."

Não admiti que ele possivelmente estava certo. Mas, apesar do beliscão no queixo, o brincalhão balançar de um dedo, ou o afago em seus cabelos — para os quais ele estava velho demais, mas que suportava com um sorriso tenso —, havia ali uma inegável consideração por sua posição. Patrei*, que bom vê-lo.* Patrei*, experimente meu potente srynka.* Patrei*, conheça meu novo filho*, e um bebê era empurrado para os braços de Jase. Ele era um novato nessa parte de seu papel e segurava sem jeito a criança que gritava, fazendo seu dever de lhe beijar a testa e então devolvê-la. Fiquei sabendo que, segundo a tradição local, o *Patrei* jurava proteção e cuidado a todas as crianças da cidade — da mesma forma como fizera o líder dos Ballenger.

Eu tinha visto os mercadores e os cidadãos na Cidade do Sanctum bajulando, nervosos, o Komizar, quando ele caminhava pelas estreitas ruas de Venda. O que eu via aqui não era medo — exceto quando eles falavam sobre os últimos problemas. Depois de mencionar a recente e grande onda de incêndios, um funcionário de uma loja disse ter ouvido rumores de ataques a caravanas e se perguntava sobre o fluxo de suprimentos para a cidade. Jase lhe garantiu que eram apenas relatos falsos e nada além disso. Tudo corria bem e sob controle.

Eu examinava atentamente todas as avenidas pelas quais passávamos por

uma questão de hábito. Nunca se sabe quando uma delas poderá se tornar uma rota de fuga. Meu olhar também percorria as sombras, em busca de Wren e Synové.

"Você poderia tentar sorrir de vez em quando", disse Jase, assentindo em resposta a alguém por quem tínhamos acabado de passar.

"Claro que sim", respondi. "Mas receio que isso terá um preço para você, Jase Ballenger. Tudo na vida tem um preço, sabia? Seria bom se o assentamento vendano tivesse mais alguns *shorthorn.* Ou talvez uma adega de raiz? Você gosta de escavar, *Patrei*?"

"Receio que no fim do dia você estará me custando bem mais do que uma adega de raiz."

Abri um sorriso largo e deliberado.

"Pode contar com isso. Você vai ter de pôr a mão no bolso, porque eu tenho mais desses sorrisos para lançar por aí."

Ele colocou a mão em volta da minha cintura, me puxando para perto, e minha pulsação acelerou em uma batida irregular quando os lábios dele roçaram a minha orelha.

"Tome cuidado", ele sussurrou, "eu também posso acabar lhe custando alguma coisa."

Minha respiração se deteve em meu peito. *Você já me custou. Mais do que imagina.*

A verdade é que era fácil sorrir, e dava mais trabalho não fazê-lo. Eu absorvia os cheiros, as imagens e os sons da cidade como se me tivesse sido oferecido um doce néctar. Se a rápida cavalgada me fizera sentir viva e nas nuvens, as ruas daqui faziam com que eu me sentisse segura, com os pés no chão. Eram cheias e me passavam uma sensação de familiaridade.

Jase me contou a história das *tembris*, as grandes árvores que diferiam de todas as outras que eu já tinha visto na vida. Reza a lenda que elas brotaram de uma estrela que se estilhaçara e despencara na terra durante a devastação. As estrelas portavam magia de um outro mundo, motivo pelo qual os galhos das árvores se estiravam em direção aos céus. Essa era mais uma das histórias exageradas dos Ballenger em que eu quase conseguia acreditar, e eu adorava o fato de que as árvores gigantescas criavam um labirinto cheio de sombras, fazendo a cidade cintilar com sua magia. Todas as esquinas ganhavam vida, sempre transformadas e revigoradas, e eu memorizava todos os detalhes. Prestar atenção em cada detalhe era

também uma espécie de magia. Esse costume havia me ajudado a sobreviver nas ruas de Venda e, conforme eu caminhava, ouvia um fantasma que me era familiar e me guiava: *observe, minha chiadrah*.

Minha amada.

Meu tudo.

Chiadrah, o apelido carinhoso pelo qual ela me chamava quase com tanta frequência quanto Kazi. Eu tinha sido o mundo dela.

Observe e você encontrará a magia. Esse tinha sido seu ensinamento para mim depois que eu ouvira outras crianças falando sobre o grande dom de lady Venda. Eles disseram que a visão mágica que ela possuía, e que havia ajudado os primeiros vendanos, vinha de um tempo remoto. Eles disseram que os deuses nos haviam abandonado e que agora a magia estava morta.

Minha mãe balançara a cabeça furiosamente em negativa. *Existe magia em tudo, mas você precisa estar atenta para vê-la. Ela não vem de encantamentos, nem de poções, nem do céu, nem mesmo por meio de uma entrega especial dos deuses. Ela está em todos os lugares, ao seu redor.*

Ela pegara minhas mãos, que tremiam, entrelaçando-as nas suas.

Você deve encontrar a magia que aquece sua pele no inverno, a magia que percebe aquilo que não pode ser visto, a magia que se agita em seu âmago com um poder feroz e que não deixará que você desista, não importa quão longos ou frios sejam os dias.

Ela me levara até a *jehendra*, dizendo que eu observasse atentamente.

Ouça a linguagem que não é dita, Kazi, as respirações, as pausas, os punhos cerrados, os olhares fixos, porém vazios, os espasmos e as lágrimas, pois todo mundo é capaz de ouvir as palavras que são faladas, mas poucos conseguem ouvir o coração que bate por trás delas.

Assim como os talos de dente-de-leão, minha mãe não permitiria que eu parasse de acreditar em magia — e na esperança que ela continha. Foi a minha mãe quem me ensinou a discernir, num vislumbre, um perigo ou uma oportunidade que não estivesse imediatamente no meu caminho, mas bem além dele. Quase se tornou um jogo. *Onde está a raiva? Você sente o ar? Quem está vindo?* Todos os dias ela me fazia ver as coisas de um jeito mais profundo, como se soubesse que um dia ela não estaria mais ali comigo, como se ela soubesse que algo tão precioso quanto o seu amor por mim não fosse passar despercebido pelos deuses, e que eles o arrancariam e o levariam embora, como um mercador invejoso.

Faça um desejo para amanhã, para o dia seguinte e para o próximo. Um deles sempre haverá de se tornar realidade.

Porque, se eu conseguisse acreditar no amanhã ou no dia seguinte, talvez a magia tivesse tempo para se realizar. Ou, melhor ainda: talvez, quando chegasse amanhã ou o dia seguinte, eu nem mesmo precisaria de magia alguma.

"Por aqui", disse Jase, guiando-me por uma outra avenida.

Eu vi quando ele olhou para alguns homens que estavam na extremidade mais afastada da rua. Seu comportamento mudou e a velocidade de seus passos diminuiu. Perguntei-lhe quem eram aqueles homens.

"Truko e Rybart, líderes de outras ligas."

Jase disse que eles controlavam o comércio em cidades menores de regiões distantes e que adorariam, acima de qualquer outra coisa, tomar o controle da Boca do Inferno. Todos eles queriam uma porção maior do poder dos Ballenger — se não todo o poder deles —, o que os tornava suspeitos dos incêndios e do surgimento dos caçadores de mão de obra. Mas eles também traziam negócios para a arena, e isso, por sua vez, criava um senso instável de parceria — contanto que todo mundo se lembrasse de sua respectiva posição.

"Como Paxton? O que foi que aconteceu entre o lado dele da família e o seu?"

Ele soltou o ar com repulsa.

"Desentendimentos demais, a perder de vista."

Ele me explicou que tudo começara três gerações atrás. O controle da Boca do Inferno tinha saído das mãos dos Ballenger várias vezes ao longo de sua história, mas nunca por muito tempo. A mais recente delas foi quando o bisavô de Paxton, bêbado, havia vendido o controle por um punhado de moedas em um jogo de cartas com um fazendeiro de Parsuss que estava hospedado na estalagem. Acabou que o fazendeiro era o rei da Eislândia. A Boca do Inferno era isolada e pequena, e o rei não tinha nenhum interesse no lugar, além da coleta de impostos. Os limites do reino foram refeitos e ampliados, de modo a incluir a Boca do Inferno, o que explicava o estranho reino em forma de lágrima. Todas as ofertas para tornar a comprar a Boca do Inferno foram rejeitadas, embora ainda coubesse aos Ballenger a manutenção da ordem. Depois disso, o bisavô de Jase assumiu o controle da torre da Vigília de Tor e baniu seu irmão mais

velho, o que havia perdido a cidade em um jogo de azar. O irmão foi para o sul, recuperou a sobriedade e, desde então, sua prole armava esquemas para recuperar o controle da torre da Vigília de Tor.

"Então Gunner ou Titus poderiam tirar você do poder?"

"Se eu fizesse algo estúpido o bastante. Ou Priya, ou Jalaine. Até mesmo Nash ou Lydia, a propósito. E é assim mesmo que as coisas devem ser. Não se trata apenas de um único *Patrei*, mas de toda a família e daqueles a quem devemos lealdade. Quando se jura proteção, não se pode sair apostando tudo por mais uma rodada de bebidas."

"Vocês, Ballenger, guardam rancores por muito tempo. Vocês nunca perdoam?"

"Na mesma medida em que os deuses. *Uma vez.* Faça-nos de bobos uma segunda vez e você pagará por isso."

Pagar. Eu não achava que ele estava se referindo a uma multa.

"E quanto à arena que você mencionou? Ela faz parte da Eislândia também?"

"Não", foi sua resposta enfática.

Ele disse que a arena ficava abrigada embaixo da torre da Vigília de Tor, a oeste. A arena tivera início séculos atrás, nas ruínas de um imenso complexo onde os Antigos costumavam fazer eventos esportivos. A família a havia restaurado e expandido com o passar dos anos, e mais ainda desde o estabelecimento dos novos tratados e o crescimento do comércio. O que costumava ser um lugar reservado aos fazendeiros era agora o principal ponto comercial de mercadorias de todos os tipos e também o local onde negociações e futuros acordos eram feitos. Salas luxuosas eram providas aos embaixadores, aos fazendeiros abastados e a qualquer um que pudesse pagar o preço. Quatro dos Reinos Menores tinham aposentos permanentes ali, e havia outros que também mostravam interesse.

"E aqueles dois?", perguntei, assentindo na direção de Truko e Rybart, que se aproximavam.

"Não possuem aposentos, mas contam com um espaço no chão da arena, como os outros mercadores."

Os dois homens nos lançaram um breve olhar quando passaram por nós. Enquanto outros líderes de ligas que havíamos encontrado ofereciam condolências ao *Patrei*, eles apenas assentiram, de maneira rígida, porém respeitosa, e continuaram seguindo seu caminho.

Viramos outra esquina, que nos levou à ampla praça no centro da cidade. Apesar de todos os cumprimentos, sorrisos e do caminhar lento e descontraído de Jase, a tensão que tomava conta da cidade era bastante notável aqui. Carroças eram paradas e inspecionadas sem aviso prévio, suas lonas de proteção arrancadas. Talvez os cidadãos achassem que algo havia sido roubado porque as notícias dos caçadores de mão de obra pareciam ter sido efetivamente suprimidas. Até onde eu sabia, nenhuma das carroças tinha revelado nada de suspeito, mas eu via como os olhos de Jase ficavam aguçados toda vez que uma delas passava, com seu movimentar pesado e desajeitado, como se ele estivesse memorizando todos os rostos que não lhe eram familiares.

Além dos *straza*, que caminhavam à frente e atrás de nós, alguns guardas mantinham a vigília nos passadiços elevados que conectavam as *tembris*. Outros guardas permaneciam parados nos cantos. Não havia nada que os distinguisse de qualquer outra pessoa na cidade, mas eu via os olhares de relance e cheios de subentendidos trocados entre eles e Jase quando passamos. Eles estavam esperando o irromper de uma guerra — ou talvez esse fosse o seu modo de garantir que a guerra não viesse a acontecer.

Estávamos quase chegando ao templo quando Jase soltou um murmúrio descontente, baixinho. Paxton estava se aproximando de nós. Vários homens grandes e bem armados caminhavam atrás dele. Jase também estava armado hoje. Com uma adaga de um lado e a espada do outro. Eu não o tinha visto usar nenhuma dessas armas ainda — apenas seu punho cerrado na garganta do caçador, o que havia se provado mortal — e me perguntava sobre suas habilidades com elas.

Eu levava apenas a pequena faca na minha bota, mas, como Natiya havia me ensinado, uma faca pequena e bem lançada era tão letal para um coração quanto uma faca grande, e muito mais fácil de esconder. O ar se transformou em alguma coisa mais letal quando os olhares dos primos se encontraram. Inspecionei os homens que estavam atrás de Paxton, já escolhendo qual deles eu derrubaria primeiro se as circunstâncias piorassem.

"Que bom vê-lo andando por aqui, primo", disse Paxton.

"Você ainda está na cidade?", foi a réplica de Jase, como se tivesse avistado alguma coisa fedida embaixo de sua bota, algo de que ele não conseguia se livrar.

Paxton parou na nossa frente e, embora hoje suas roupas fossem mais casuais, ele ainda estava impecavelmente arrumado, com uma camisa branca e uma calça cor de canela sem vincos, o rosto radiante e a barba rente.

"Estou com uma caravana a caminho da arena", disse ele. "Achei que talvez pudesse ficar e resolver umas coisas por mim mesmo."

"Então quer dizer que você não confia no seu mascate?"

"Contratei um novo. Estou treinando-o. E os tempos mudaram."

"Não tanto quanto você pensa, primo."

Paxton voltou sua atenção para mim.

"É um prazer vê-la novamente. Perdoe-me, mas receio que não tenha ouvido o seu nome ontem."

Com os rumores voando pela cidade, eu tinha certeza de que ele sabia qual era o meu nome, mas entrei em seu jogo mesmo assim, na esperança de que ele logo seguisse em frente. Eu havia acabado de avistar algo que me interessava bem mais do que o primo grosseiro de Jase — algo que eu vinha procurando a manhã inteira. Wren e Synové. Elas esperavam à sombra da *tembris* do outro lado da praça. As roupas de Rahtan haviam sido trocadas por outras com um aspecto mais local, e grandes chapéus lançavam sombras sobre seus rostos.

"Kazi de Brightmist", respondi.

Paxton esticou a mão para me cumprimentar, e Jase e todos os *straza* se moveram de forma imperceptível, aproximando um pouco as mãos de suas armas, o que me levou mais uma vez a imaginar coisas sobre o relacionamento hostil entre os Ballenger e o lado de Paxton da família. Não era algo relacionado apenas a um ressentimento antigo. O que seriam aqueles desentendimentos que Jase havia mencionado? Era de se espantar que eles ainda se sentissem compelidos a fazer negócios juntos, mas eu supunha que muito podia ser tolerado em nome do lucro. Paxton apertou meus dedos e deu um beijo no dorso da minha mão, o que eu achei um costume para lá de familiar. Puxei a mão.

"Seja bem-vinda à família", disse ele, voltando a olhar para Jase. "Ela é bem adorável. Lamento ter perdido o casamento. Eu..."

"Não houve nenhum casamento", eu o corrigi.

"O quê? Nada de casamento ainda? Ontem eu tive a impressão de que..." Ele dispensou esse pensamento com um aceno de mão e depois

perguntou: “O que vocês dois estão esperando? O templo fica logo ali”. Suas atitudes teatrais eram irritantes e eu gostaria que ele simplesmente fosse direto ao ponto, mas eu não sabia ao certo se ele tinha um. Talvez seu objetivo fosse simplesmente incomodar Jase. “Ah... É a rainha, não é? Esperando pela chegada dela?”

“Sim”, respondi. “A rainha é minha soberana. Eu sou uma soldada do exército dela e preciso de sua bênção.”

Paxton abriu um largo sorriso, seus olhos passando deliberadamente por mim.

“Pelo seu bem, Jase, espero que a rainha venha logo... ou alguém poderia simplesmente roubar o seu *prêmio*.”

Do jeito como falou, eu logo percebi que ele considerava uma soldada vendana qualquer coisa menos um prêmio, e isso levou a paciência de Jase ao limite.

“Vá andando”, ordenou Jase. “Acabamos por aqui.”

Os ânimos mudaram em um instante, e a atitude desdenhosa de Paxton desapareceu. Essa não era uma ordem de um primo para o outro, mas do *Patrei* para um subordinado, e cortou o ar tão ameaçadoramente quanto uma espada. Não havia dúvida, mais uma palavra de Paxton e Jase faria algo desagradável. Paxton se retesou, com seu orgulho de Ballenger evidente, mas ele não era idiota. Em silêncio, partiu sem dizer adeus, com seu bando logo atrás de si.

Jase permaneceu com os olhos fixos neles enquanto saíam andando, uma veia se erguendo fervorosamente em sua têmpora.

“Não existe nada que você não roube, Jase Ballenger?”

Ele olhou para mim, confuso.

“*Vá andando?*”, eu disse, tentando atiçar a memória dele. “A frase que eu usei com você? Pelo menos você não ameaçou cortar o belo pescoço dele. Ou talvez você só tenha dito isso porque foi invadido por um momento nostálgico?”

Um brilho iluminou os olhos dele, a calidez substituindo a fúria que estivera ali segundos antes.

“Acho que suas palavras me servem bem. Tomá-las emprestadas vão me custar alguma outra coisa?”

O olhar dele assentou em mim, contemplando-me, tocando-me intimamente. Eu precisava voltar a erguer a muralha entre nós, mas, em

vez disso, o sangue correu mais quente em minhas veias. Inspirei o ar, trêmula.

"Não desta vez", foi a minha resposta. "Considere isso um presente."

Ele mal tinha aberto os lábios na iminência de uma resposta e sua atenção foi desviada por Priya e Mason, que gritavam o nome dele enquanto riam e vinham andando tranquilamente em nossa direção. Falavam sobre já ter passado do meio-dia, sobre o sol estar quente, uma taverna fresquinha, uma cerveja *ale* gelada, carne de cervo assada e... eu não ouvi o resto. O momento certo é tudo, e aquele momento criado por eles foi perfeito. Os ruídos aumentavam, as sombras giravam, nuvens salpicadas de sol se moviam com a brisa, e os braços da cidade se estendiam para me levar para longe.

E até mesmo os olhos que nos observavam silenciosamente a distância ficaram desnorteados quando desapareci.

Wren deveria ter ficado com raiva. Eu vi isso nos olhos dela, mas, assim que estávamos longe de todo mundo, em uma pequena e silenciosa viela, ela soltou o ar, ferozmente aliviada, e me deu um abraço. Abraços eram coisas raras quando vinham de Wren. Para falar a verdade, que eu me lembre, a única vez que recebi um abraço dela foi após a morte de sua família.

"Pelos deuses, por onde você andou?", ela me perguntou, em um tom exigente e com o rosto ruborizado pelo calor.

"Você não perdeu a fé em mim, perdeu?"

Synové estreitou os olhos sob a sombra de seu chapéu, olhos frios e cintilantes, um sorriso travesso curvando sua boca.

"Quem se importa com os lugares pelos quais ela passou? Quero saber o que ela andou *fazendo*. Conte-nos *tudo.*"

Contei-lhes sobre os caçadores de mão de obra e nossa fuga, e sobre a corrente que nos manteve juntos. Pulei as partes da jornada que eu sabia serem do interesse de Synové.

"Mas a melhor parte é que agora estou dentro da torre da Vigília de Tor e tenho um motivo para ficar lá por um tempinho." Expliquei-lhes sobre a carta à rainha e sobre as condições que eu tinha estabelecido. "O acordo que fiz com o *Patrei* não apenas me dará acesso e tempo para realizar uma

busca no complexo, mas também proverá reparações aos assentadores. Eles vão ter de volta tudo o que perderam." Elas ficaram me encarando e não pareciam tão satisfeitas quanto eu esperava. "As coisas realmente não poderiam ter se saído melhores", eu acrescentei. "Algum sinal de Natiya?"

"Espera só um minuto", relutou Synové. "Você acha que vamos permitir que você passe por cima do item principal do cardápio? *Ele.* Vocês dois estavam querendo tirar sangue um do outro ainda há pouco, mas, agora mesmo, as centelhas que eu vi entre vocês poderiam até ter queimado o meu cabelo. O que está acontecendo?"

Olhei para Wren, buscando ajuda. Ela deu de ombros.

"É melhor nos contar. Você sabe que ela não vai parar até que você fale."

Confessei que tivemos um momento ou outro quando estávamos nos descampados, mas que agora estava tudo acabado. Synové bufou.

"Tão acabado quanto o ressentimento de um velho. Vocês fizeram? Sabe, *aquilo*?"

"Não!"

"Não seja tão sensível, Kazi. O que quer que vocês tenham feito para ocupar o tempo... tudo bem por mim. Ele é todo arrumadinho. O amigo dele também. Aquele alto, moreno e bonito. Como é o nome dele?"

Olhei para ela, incrédula com o que ouvia.

"Estou só brincando com você", disse ela, empurrando meu ombro. "Mais ou menos." Ela encostou na parede da loja atrás da qual estávamos nos escondendo e cruzou os braços, pronta para falar de negócios. "Nenhum sinal de Natiya nem de Eben ainda. Ficamos de olho para ver se eles estavam na cidade. Nada."

Isso era preocupante. Não era típico de Natiya estar atrasada, mas nosso plano tinha alternativas para o caso de qualquer imprevisto, como tempo ruim ou problemas com os cavalos. Discutimos as possibilidades — incluindo bandidos na estrada —, mas, entre Eben e Natiya, nós tínhamos certeza de que os bandidos seriam sempre o lado mais fraco. Eben tinha sido treinado para ser o próximo Assassino de Venda, porém, depois da guerra, essa posição fora eliminada. A rainha não aprovava assassinos furtivos, especialmente considerando o fato de que ela mesma mal escapara de um deles. No entanto, as habilidades de Eben ainda estavam lá. Sua maestria com uma faca na mão era de causar assombro.

"Nós sabemos que eles vão aparecer", disse Wren. "Eles só estão

atrasados, e deve ser por um bom motivo. Assim teremos bastante tempo para nos camuflar, como ela ordenou."

"E para você sugar tanto quanto conseguir dos Ballenger, para o assentamento", disse ainda Synové.

Sorri.

"Sim, tem isso."

Wren ergueu a sobrancelha, cética.

"Você realmente acha que eles vão manter a palavra deles?"

Jase odiava essa ideia. Seus irmãos estavam furiosos. Mas, sim, eu realmente acreditava que eles manteriam a palavra — aquele orgulho altivo dos Ballenger. E era uma transação de negócios com a qual eles tinham concordado.

"Não somente eles vão manter a palavra, como eles mesmos vão fazer o trabalho. Tudo isso foi parte do nosso acordo. Os *Ballenger* vão cavar os buracos para as estacas das cercas."

Wren abriu um largo sorriso.

"Você é má", disse ela. "Você seria capaz de roubar o nariz do rosto de um homem e ele não perceberia nada até ter se passado uma semana."

"Foi genial, eu reconheço", disse Synové. "Até mesmo Natiya faria um esforço para abrir um sorriso de satisfação diante disso. Algum sinal do nosso homem?"

Nosso homem. O motivo pelo qual estávamos aqui. Percebi a tensão na voz dela.

Balancei a cabeça em negativa e expliquei que o complexo era grande e se espalhava pelas cercanias, com vários lares e escritórios tão grandes quanto palácios.

"E há um túnel também, embora eu não saiba ao certo se leva a qualquer lugar relevante. Vai demorar um tempinho para fazer uma busca por tudo aquilo e, além do mais, há muitas pessoas que trabalham lá que eu..."

"E cachorros!", disse Wren. "Eles têm cachorros ensandecidos! Você sabia disso? Dezenas deles!"

Dezenas? Eu só tinha visto dois. Ficar amiga de tantos cachorros assim poderia ser mais desafiador do que eu tinha pensado. Wren disse que os esforços delas para me procurar dentro das muralhas da torre da Vigília de Tor haviam sido frustrados pelas desgostosas feras.

"Algumas flechas teriam bastado para derrubá-los", foi a réplica de

Synové.

Wren franziu o cenho.

"Uma dúzia de cachorros mortos poderia despertar a suspeita dos guardas."

Synové deu de ombros.

"Poderíamos tê-los derrubado também."

"E matar todo mundo que estivesse à vista poderia ir contra as ordens da rainha", eu disse, lembrando-a.

Synové sabia disso. Havíamos recebido ordens para não matar qualquer um enquanto avançávamos em nosso jogo, a menos que nossas vidas estivessem ameaçadas. Ainda havia um pouco de desconfiança quando o assunto era Venda — nós não deveríamos piorar as coisas para os vendanos que estavam tentando se estabelecer em novas áreas. *Peguem-no e caiam fora.* Essa era a nossa tarefa e ponto. Era como tirar uma maçã podre de um caixote.

Eu disse a elas que também não havíamos tido sorte quando fomos catapultadas para o meio de uma guerra de poder trazida à tona com a morte de Karsen Ballenger. Outras facções queriam o controle da Boca do Inferno e suas riquezas.

"E foram essas outras facções que enviaram os caçadores de mão de obra. Eles os pagaram antecipadamente, sem nenhuma outra expectativa além de assustar os cidadãos e criar uma série de motins ou algo do tipo para obter controle. Inclusive, podem ter sido eles que atacaram e queimaram o assentamento vendano."

"Não", argumentou Wren. "Caemus disse..."

"Caemus disse que os Ballenger pegaram um *shorthorn* como pagamento. Só isso."

"Já é o bastante. Ainda assim, é roubo."

"Não discordo, mas estava escuro demais para ver quem atacou e pilhou o assentamento naquela noite. Talvez um outro alguém esteja tentando atiçar a fúria da rainha de Venda. Jase nega que tenham sido eles."

"E você acredita nele?"

Dei de ombros.

"É possível."

Wren e Synové trocaram um longo olhar, repleto de malícia.

"Eu sei o que vocês estão pensando, mas..."

“Ele enganou você, Kaz”, gemeu Wren. “De todas as pessoas, você... Não consigo acreditar que você esteja caidinha por...”

“Eu não caí em nada, nem por ninguém, Wren. Só quero que você saiba que existem outros riscos aqui além dos Ballenger e que nós temos de tomar cuidado. Alguém também tem causado incêndios por aqui. Foram seis até agora. Vocês viram alguma coisa?”

“Um deles fomos nós que causamos”, foi a resposta de Wren.

“Talvez dois”, completou Synové.

“*Vocês o quê?*”

“Eu não tive escolha!”, disse ela. “Era de noite e estávamos nos escondendo a cada esquina, tentando sair da cidade. Disparei uma flecha em chamas em uma lamparina a óleo, e uma outra em uma pilha de madeira. Tive de criar uma distração para que pudéssemos tirar os nossos cavalos do estábulo. Você sabia que aquele miserável do dono do estábulo roubou nossas selas e equipamentos de montaria?”

Pelos deuses! Se Jase ficar sabendo que elas causaram até mesmo um único daqueles incêndios...

“Vocês queimaram uma casa?”, perguntei, com medo de ouvir a resposta.

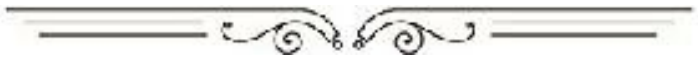
“Uma pilha de madeira, Kazi. E uma carroça de feno. Por que você está tão nervosa?”

“Porque os Ballenger estão nervosos e determinados a descobrir quem está atacando a cidade. Não quero que vocês se misturem a essa batalha.” Pensei nas orelhas cortadas. “Eles não entenderiam e as coisas poderiam ficar feias.”

“Ninguém sabe que estamos aqui.”

Ainda. Jase memorizava detalhes. As novas roupas e os chapéus não as esconderiam por muito tempo. Elas precisavam de alguma coisa mais definitiva para protegê-las. Elas precisavam da palavra de Jase.

CAPÍTULO 25



JASE

"ONDE ELA ESTÁ?"

Eu tinha ficado de costas por apenas alguns segundos. Ela estava bem do meu lado. Drake e Tiago deram um pulo, a vergonha ruborizando seus rostos, enquanto seus olhos examinavam os arredores da praça e as avenidas abaixo, e eles se perguntavam como ela poderia ter desaparecido assim tão rápido.

Ela se fora.

Eu não achava que alguém poderia ter pego Kazi. Ela desapareceu porque quis.

Varri a praça com os olhos, procurando por Yursan, e o avistei do lado de fora do bar. Ele deu de ombros. Ele também a tinha perdido de vista. Mas não havia nenhum sinal de Garvin, o que era um bom presságio. Fomos para o centro da praça, esperando e prestando atenção para ver se o achávamos.

E então ouvimos um assovio.

O sinal dele.

"Olá, Kazi."

Ela estava andando no calçadão em frente ao estabelecimento do boticário quando a interceptei.

"Para onde você foi com tanta pressa?"

Os passos dela ficaram hesitantes, parando em seguida.

"Eu?", ela respondeu, inocente. "Eu não estava com pressa nem fui para

lugar nenhum. Só estava aproveitando a vista daqui. Acho que devo ter me desviado do caminho."

"Encontrando amigas?"

Ela girou e viu suas companheiras no fim do calçadão. Mason estava segurando a das longas tranças vermelhas pelo braço. Samuel e Aram cercavam a outra, cada um de um lado. O restante de nosso grupo estava parado atrás delas, inclusive Garvin, que fizera bem o seu trabalho. Não haveria mais fugas furtivas. Suas camaradas tinham estado ali o tempo todo, e eu tinha certeza de que Kazi sabia disso.

Ela voltou a me encarar, estreitando bem os olhos. Passando a língua lentamente nos dentes, ela por fim veio em minha direção.

"Veja isso aqui, Jase", disse ela, dando tapinhas no muro. "O local do nosso primeiro encontro. Aposto que não é uma coincidência, certo?"

Olhei para a placa do boticário acima de nossas cabeças, surpreso.

"Na verdade, sim."

Ela deu um passo, chegando mais perto de mim, e suas mãos deslizaram em volta do meu pescoço, seu rosto se aproximando, seus lábios a poucos centímetros dos meus. Era um momento estranho para um abraço. Eu não estava esperando por isso, mas também não me opunha. Meus braços envolveram sua cintura e eu a puxei para perto. Sua bochecha tocou na minha.

"Pense de novo", ela sussurrou ao meu ouvido. "Isso não é uma coincidência. Eu conduzi você até aqui. Este é um grande momento que eu estou lhe oferecendo... *caso* você faça a coisa certa. Imagine, a Rahtan desbocada demonstrando fascínio por seu charme e sua liderança quando todo mundo estiver olhando... brincando com seus cabelos, sorrindo e se divertindo, talvez até beijando você. Que jeito perfeito de apagar a imagem chocante da minha pessoa jogando você contra essa mesma parede e segurando uma faca na sua garganta. Todo mundo teria uma nova imagem da qual se lembrar e fofocar por aí. Isso consolidaria a sua declaração de que eu e, por tabela, a rainha estamos do seu lado."

Ela sorriu, seus dedos brincando com os meus cabelos como ela havia acabado de descrever, toda alegre, puxando uma mecha que estava sobre o meu olho.

"Solte-as", ela ordenou baixinho. "Agora."

Não restavam dúvidas de que todo mundo que estava ali observando

imaginava uma conversa totalmente diferente sendo travada entre nós, por trás de nossos sussurros.

"Mantenha sua palavra e nosso acordo", disse ela, "e reconheça Wren e Synové como convidadas dos Ballenger, livres para ir e vir conforme desejarem. Tenho certeza de que você pode hospedá-las em uma de suas estalagens. De graça. Sem perguntas. E elas permanecem com suas armas."

"E se eu não fizer isso?"

"A alternativa é: eu jogo você com tudo contra aquela parede e faço com que a imagem do *Patrei* de joelhos permaneça definitivamente na cabeça de todos." Ela deu de ombros. "Imagino que seria mais um problema a ser acrescentado aos que você já tem. Talvez até acabasse escrito em seus livros de histórias. A Queda dos Ballenger."

"Então esse é mais um dos seus esquemas de chantagem?"

"Uma proposta de negócios."

Eu ri e firmei minha pegada nas costas dela, apertando-a junto a mim.

"Acha que vai me dobrar de novo? As coisas mudaram um pouco desde a última vez."

"Sério? Você não conhece nem metade dos meus truques ainda. Quer realmente arriscar? Está todo mundo olhando. Acho até que avistei Paxton ali do outro lado."

"Por que você está fazendo isso?"

"Estou ajudando você, Jase. Estou lhe dando uma oportunidade para fazer a coisa certa. Minhas amigas não são problema seu. Deixe-as ir."

"Eu não preciso de uma forasteira, menos ainda de uma vendana, para me dizer qual é a coisa certa a se fazer."

"Talvez precise, sim. Você me prometeu que nunca lhes faria mal algum. Segurá-las contra a vontade quando elas não fizeram nada para merecer isso também é fazer mal. Sua palavra não vale nada?"

Nenhum de nós estava sorrindo agora.

"Esta noite vai acontecer um grande jantar lá fora, nos jardins, para os familiares e amigos. Seria melhor se suas amigas viessem junto conosco em silêncio. A ausência das nossas novas convidadas seria suspeita e ofensiva."

Ela revirou os olhos.

"Não existe nada que vocês, Ballenger, não achem ofensivo?"

"Muitas coisas. Mas vocês, vendanos, são tão bons nisso de distribuir ofensas."

“Certo. Elas irão à sua festinha, mas estarão livres para partir quando acabar.”

O olhar dele era firme, implacável.

Rahtan como convidadas e em plena posse de suas armas, que incluíam aljavas cheias de flechas, quando nós ainda nem sabíamos quem havia provocado os incêndios?

Kazi manteve o olhar firme, sem piscar, como uma estátua, ferozmente leal a elas. Por fim desviei o olhar, chamando Samuel.

“Levem as nossas convidadas para a Estalagem dos Ballenger. Certifique-se de que elas tenham os melhores quartos e tudo mais de que precisarem.”

Ela empurrou meu maxilar gentilmente com o dedo, fazendo com que minha atenção se voltasse novamente para ela.

“Uma última coisa, *Patrei*. Chega de pessoas me seguindo. Mande que eles dois parem. Ou eu sou sua convidada de honra e a pessoa com quem você firmou um acordo, ou não sou.”

Como é que ela soube? A distração eu entendia, mas Garvin era praticamente invisível.

“Chega de pessoas seguindo você”, concordei, levando minha boca junto à dela antes que pudesse dizer qualquer outra coisa. Eu estava farto de condições.

Achei que o beijo seria estranho, tenso, mas ela relaxou nos meus braços, criando o espetáculo que prometera. Eu a pressionei junto à parede — era essa a imagem que ficaria gravada a ferro e fogo na memória de todo mundo e que apagaria a última — e isso foi o fim do espetáculo, pelo menos para mim. Senti sua língua na minha, a quentura de seus lábios, inspirei o aroma de sua pele e de seus cabelos, e de repente nós estávamos naqueles terrenos inóspitos novamente, e nada mais importava.

Nos sentamos em um canto escuro da taverna, bebendo cerveja *ale* gelada. Priya se abanava com um cardápio surrado e Mason girava, distraído, uma colher em cima da mesa. Depois de ver Wren e Synové sendo escoltadas até a estalagem, Kazi havia voltado para a torre da Vigília de Tor com Jalaine e minha mãe.

“Ela percebeu que você a estava seguindo”, falei.

Garvin bebeu as últimas gotas de sua cerveja.

"Não. Em momento algum ela olhou para a direção onde eu estava", foi a resposta dele. "Mas quando você a parou do lado de fora do estabelecimento do boticário, ela de fato me viu na multidão."

"Ela já tinha visto você antes?"

Ele mordeu o canto do lábio, remoendo alguma lembrança.

"Não me dei conta quando Mason apontou para ela da primeira vez, para me mostrar quem era. Porém, ao vê-la de perto... percebi que a conheço, de alguma forma, de algum lugar, mas não sei ao certo de onde." Ele me contou que, quando costumava manejar carroças, ocasionalmente entrava em Venda, na maior parte das vezes para tratar com o Komizar, em outras, para falar com os mercadores na *jehendra*. Mas a última vez que ele estivera lá havia sido uns sete anos atrás. "Quantos anos ela tem?"

"Dezessete."

Ele esfregou a bochecha repleta de pelos eriçados, tentando se lembrar de onde a tinha visto.

"Então ela era só uma criança da última vez que a vi. E o nome dela?"

"Kazi, apenas. Sem sobrenome. Mas ela atende por Kazi de Brightmist. Eu acho que é..."

"Um dos quadrantes mais pobres da Cidade do Sanctum. Bem, para falar a verdade, todos eles são pobres, mas Brightmist é um quadrante especialmente ruim. Não se deixe enganar pelo nome. Brightmist, *névoa brilhante*... Não há nada de brilhante lá. Nunca vendi mercadoria alguma por lá. Ninguém naquelas bandas tem duas moedas sequer. Mesmo assim, o nome dela não me soa familiar."

"Deve haver algumas famílias abastadas por lá. Ela disse que o pai é governador, e a mãe, general."

Ele deu de ombros, com um ar de dúvida.

"É possível, eu acho."

Perguntei-lhe por que uma criança de dez anos de idade se destacaria a ponto de tê-la notado. Ele balançou a cabeça.

"Não sei. Mas vou acabar me lembrando de onde a conheço em algum momento. Tenho memória boa para rostos, ainda que ela fosse apenas uma criança na época."

"Sete anos, uns quinze centímetros", Priya fez um gesto na direção de seu próprio peito, "e umas boas curvas novas são suficientes para transformar

uma menina."

Garvin assentiu, concordando com ela.

"Mas os olhos... Eles não mudam. Alguma coisa em relação aos olhos dela ficou na memória. O fogo contido neles. Aquela menina queimou pessoas." Ele empurrou a cadeira para trás, afastando-a da mesa. "Vejo vocês à noite. Talvez até lá eu tenha me lembrado de algo."

Ele nos deu um cumprimento com seu chapéu e partiu.

Priya fez um sinal com o dedo, traçando um círculo no ar para chamar o atendente e pedir mais uma rodada de cerveja. Então, se inclinou para a frente, com um olhar ameaçador direcionado a Mason, e bateu com a palma da mão na colher que ele continuava a girar para fazê-lo parar com aquilo. Ela voltou a olhar para mim.

"Até aquele breve desaparecimento, ela se saiu bem hoje. Estávamos seguindo o trajeto de vocês e todo mundo com quem conversamos mencionou a garota. Parece que ela fez aparecer uma moeda na orelha da filha do padeiro. Ambos ficaram impressionados."

Eu ri.

"Sim, eu também fiquei. A menina tropeçou e estava chorando porque tinha ralado o joelho, mas Kazi conseguiu cativá-la com uma moeda brilhante que ela encontrou em sua orelha, como num passe de mágica. As lágrimas foram esquecidas."

Pensei em como Kazi não hesitou, em como deixou cair a grossa armadura que a envolve, ajoelhando-se na altura dos olhos da menina. Mesmo que não admitisse, a bondade era uma atitude padrão em Kazi, especialmente quando se tratava de crianças.

"Bem, Nash e Lydia acham que ela é o máximo. Tudo que ouvi hoje de manhã foi Kazi isso e Kazi aquilo. Quando entramos na alfaiataria hoje, ela ficou fazendo malabarismos com dedais de latão para eles e lhes deu uma aula de como fazer também. Preparem-se para alguns pratos quebrados em casa." De repente, os olhos dela ficaram arregalados. "E, falando em pratos, você contratou uma cozinheira? Onde você estava com a cabeça? Tia Dolise estava resmungando pela casa hoje de manhã. Esse é o domínio dela, você sabe, não?"

"O *Patrei* não pode contratar uma cozinheira? Nós precisávamos de outra. Ela também sempre fica resmungando em relação a isso. Há muitas pessoas para alimentar na torre da Vigília de Tor, não apenas a família.

Aconteceu de eu estar lá exatamente no momento em que os guardas estavam dispensando uma cozinheira hoje de manhã, uma mulher nômade que estava procurando trabalho, junto com o marido. Eles começam a trabalhar amanhã no Riverbend. A tia Dolise ainda continuará a ter a cozinha para ela, mas terá um pouco de ajuda extra também, quando precisar." O que eu não contei a Priya foi que eu perguntei à mulher se ela sabia fazer bolos de sálvia, a comida dos nômades que Kazi me dissera ser capaz de comer de joelhos. Quando a mulher disse que era sua especialidade, eu a contratei na hora. O marido dela também. Ela disse que ele era bastante habilidoso com as facas na cozinha.

"Bem, você deveria ter falado sobre isso com a tia Dolise primeiro", reclamou Priya. "Ser o *Patrei* não faz com que você ganhe pontos com ela, e existem dois tipos de pessoa que você não vai querer que fiquem contra você: aquelas que cuidam da sua segurança e aquelas que enchem a sua barriga."

"Vou acalmá-la e resolver as coisas com ela."

Priya lançou um sorriso afetado para mim.

"Certamente você fará isso."

Priya sabia que tia Dolise virava uma manteiga derretida quando qualquer um de nós, os meninos, entrava na cozinha procurando algo para comer.

"A costureira também ficou impressionada com Kazi", disse ela. "Bom trabalho com o que quer que você tenha feito hoje para mantê-la na linha. Funcionou."

Franzi o cenho.

"Ela não é um cão treinado, Priya. Ela não salta de acordo com a minha vontade."

"Todo mundo nesta cidade salta de acordo com a sua vontade agora, Jase. Acostume-se com isso. O importante é que, depois de vê-la caminhando ao seu lado, tão obediente, todo mundo que passou por nós agora acha que temos Venda sob controle."

"Talvez não todo mundo", falei.

"Você viu Rybart e Truko?", quis saber Mason.

Fiz que sim com um movimento de cabeça.

"E não gostei de vê-los andando juntos."

"Eu os vi conversando com Paxton também", disse Priya. "Quando foi

que todos eles ficaram tão próximos e à vontade uns com os outros?"

Essa era uma pergunta que não precisava de resposta. Nós sabíamos por quê. Eles se aproximaram no dia em que nosso pai morreu. No fim das contas, eles podiam odiar uns aos outros, mas, por ora, usariam quem quer que fosse para tirar os Ballenger do poder.

"Não gosto do fato de ainda estarem por aqui", acrescentou Priya. "Prestar respeito é uma coisa. Eles não têm negócios para cuidar?"

"Eu acho que é exatamente isso que eles estão fazendo", foi a minha resposta. "Cuidando de um novo tipo de negócios. Livrar-se de nós."

"Pelo menos nós temos as Rahtan sob custódia. Não precisamos mais nos preocupar com elas", disse Mason.

"Tecnicamente, não estamos com elas sob custódia", eu o lembrei. "Elas são convidadas. Não se esqueça disso."

Mason ergueu a sobrancelha com um ar duvidoso. Eu havia lhe pedido que colocasse guardas nos passadiços das *tembris*, acima da estalagem. Eles não estavam lá exatamente para seguir as duas, mas apenas de olho, para ver se havia alguma atividade suspeita. Enquanto Wren e Synové não fizessem nada suspeito, nós não teríamos problemas.

"O que você acha delas?", perguntei a ele.

Mason as havia escoltado, interrogando-as ao longo do caminho até a estalagem. Ele soltou uma bufada.

"Elas são uma dupla estranha. Wren, a magrinha, não tinha muita coisa a dizer, mas Samuel e Aram estavam preocupados demais com sua expressão carrancuda. Nós precisamos levar aqueles meninos para sair mais vezes. E a outra...", Mason balançou a cabeça. "Ela não parava de falar, mas nenhuma palavra do que ela disse tinha algo de importante, nem mesmo quando lhe fiz perguntas." Ele se inclinou para a frente, trazendo no rosto uma expressão confusa. "Ela falou sobre a minha *camisa.* Ela sabia tudo sobre a trama do tecido e onde os botões eram feitos, e então brincou de adivinhar minha altura por todo o caminho até a estalagem. Eu acho que ela estava tentando me fazer sorrir. Não gostei disso. Como eu disse, elas são uma dupla esquisita de soldadas, mas duvido que tenham tido alguma coisa a ver com os incêndios. Acho que só estavam se escondendo porque Kazi havia desaparecido. E, é claro, estão ansiosas para andar por aí e ver o assentamento sendo reconstruído. Elas mencionaram isso várias vezes também."

Priya soltou um suspiro de desaprovação.

"Você vai realmente fazer isso?"

"Nós demos a nossa palavra", eu disse. "E eu já encomendei os suprimentos."

"Isso vai..."

"Isso vai ser um meio-termo, Priya. E vai nos custar muito pouco em comparação com aquilo que vamos ganhar. Dar moedas a invasores também não estava no topo da lista de coisas que eu queria fazer... até Gunner abrir sua grande boca e dizer que a rainha estava vindo para cá. Que opção eu tinha? Pelo menos agora há alguma verdade nisso tudo, e, com a carta que Kazi escreveu, pode ser que a rainha venha de fato. É o que nosso pai queria. Se for preciso reconstruir uns casebres longe dos nossos territórios, vou engolir a raiva e fazer isso... assim como você e todos os demais."

"Mas que direito nós temos de mudá-los de lugar, Jase? Pode ser que o rei tenha algo a dizer em relação a isso."

"Por mim, o rei pode ir gritar e reclamar com as galinhas dele", respondi. "Ele nunca vai ficar sabendo que eles foram levados para outro local, e nós teremos nossa terra de volta."

O que Kazi disse, que não tínhamos fronteiras definidas, era verdade. Isso era algo difícil de se explicar para alguém de fora. Tinha a ver com conforto, e com tudo aquilo que parecia intrusivo e próximo demais. *Até onde você pode ver.* Nós sabíamos que não éramos donos de todas as terras até o horizonte.

"Então, qual foi a do beijo? Tenho plena certeza de que até mesmo Paxton deve ter ficado de queixo caído depois daquela cena. Kazi me disse que você não se importava nem um pouco com ela."

Apertei os dedos em volta da minha caneca.

"Quando foi que ela lhe disse isso?"

"Na noite passada."

Depois de ter mentido sobre nosso destino, ter ameaçado derrubá-la do cavalo e de tê-la feito suspeitar que eu havia machucado suas amigas... imagino que ela tenha uma boa base para acreditar que eu não ligo para ela. E eu tinha fracassado miseravelmente ao expor a maneira como eu realmente me sentia, ou talvez eu apenas continuasse com a esperança de que meus pensamentos fossem desaparecer. Mas eles só aumentavam,

como uma pedra no meu caminho, impossível de contornar. Essa pedra já estava do tamanho de uma montanha e eu não conseguia ultrapassá-la.

Priya baixou o olhar e balançou a cabeça.

"Ah, que droga, Jase. Ela pegou você de jeito."

"Eu sou o *Patrei*, lembra?", foi a minha resposta, tentando soar mais seguro do que eu estava. "Ninguém me pega de jeito nenhum."

Ela não parecia convencida.

O atendente veio e distribuiu a nova rodada de cerveja que Priya havia pedido. Quando ele foi embora, ela esticou a mão e apertou a minha de leve.

"Eu amo você, irmão. Você sabe que eu apoio tudo o que quiser fazer. Apenas seja cauteloso."

Mason pigarreou e bateu com a colher na mesa. Priya apertou a mão dele também, mas com muito mais violência.

"Eu também amo você, irmão", ela lhe disse. "Mas se você continuar a fazer barulho com essa colher, vou arrancar os seus dois olhos com ela."

Mason deixou cair deliberadamente a colher no chão para irritá-la, e eles começaram a brigar como se tivessem doze anos de idade novamente. As cervejas acabaram sofrendo o impacto da briga, caindo todas as três da mesa. Alguns hábitos eram eternos e eu estava feliz por isso. Mason finalmente se rendeu quando Priya enfiou as unhas na orelha dele.

"Certo, já me diverti até o limite do tolerável aqui", disse ela, soltando Mason e olhando de relance para as cervejas caídas. "Deveríamos ir para casa de qualquer forma. Haverá uma festa no jardim esta noite com as nossas novas convidadas especiais. Vamos ver se essas vendanas sabem dançar."

Eu já tinha visto. Kazi era uma dançarina experiente, mas não do tipo ao qual Priya se referia. Mason esfregou a orelha e levantou.

"Vou levar aquelas outras duas para a casa agora. Elas podem relaxar até que a festa comece. Não vou voltar lá para depois fazer outra viagem até aqui num intervalo de poucas horas."

"Tome cuidado, Mason. A última vez que eu disse para uma Rahtan relaxar, paguei um preço alto."

"Aquelas duas?", foi a resposta de Mason. "Não estou preocupado."

Eu havia dito a mesma coisa.

"Você vem?", quis saber Priya, reunindo alguns embrulhos de coisas que

ela havia comprado.

"Depois. Tenho um encontro lá na arena."

Priya revirou os olhos.

"O embaixador?"

Assenti.

"Faça da vida dele um inferno, Jase. Estou farta daquele babaca."

O babaca que era o responsável por uma boa porção das nossas rendas. Sorri.

"Vou me certificar de dar a ele os seus cumprimentos."

"Tome cuidado", ela disse ainda, enquanto deixava algumas moedas no bar para acertar a nossa conta. "Aquele povo de Candora é louco."

Faça da vida dos outros um inferno e tome cuidado.

Ande no fio da navalha, viva no limite do perigo.

Isso resumia o papel do *Patrei*.

O inverno chegou. As paredes estão congeladas.

Os pisos estão congelados. As camas estão congeladas.

Não há mais madeira nem óleo, então nós queimamos cadernos e livros.

Quando já não os tivermos, terei de voltar lá para fora, para onde os abutres ficam esperando.

— Greyson Ballenger, 14 anos —

CAPÍTULO 26

KAZI

"Pelos deuses, Kazi. Nós temos de chamar um curandeiro. *Fikatande dragnos!*"

Não foi só surpresa que eu ouvi na voz de Wren. Foi medo.

"Não. Ficarei bem." Wren e Synové me ajudaram a entrar na banheira, de modo que eu não deixasse cair mais sangue no chão. "Só me ajudem a enfaixar o machucado de novo."

"Não até que esteja limpo", argumentou Synové.

Ela se recordou de algo que aprendemos em nosso treinamento. A verdade era que nenhuma de nós tinha sofrido um ferimento mais sério até então, e isso se devia ao fato de que nós éramos boas naquilo que fazíamos — apenas os outros saíam feridos. O problema era que nenhuma de nós sabia ao certo como limpar ferimentos e eu não tinha certeza se eu queria fazer isso. A dor já estava dificultando minha concentração. Precisei de todo o meu autocontrole para impedir que minhas mãos tremessem, o que não fazia sentido algum porque elas não estavam machucadas. Fechei os dedos nas palmas da mão para mantê-los parados.

Wren deu uma olhada mais atenta no machucado e tirou a bandagem com outra longa série de xingamentos contra as feras pretas e cheias de dentes.

Eu mal tinha conseguido voltar para o meu quarto quando Wren e Synové chegaram para o jantar de hoje à noite. Mason as havia deixado na minha porta cedo o bastante para que esperassem a chegada da noite comigo, mas ele não tinha me visto. Gritei de dentro da câmara de banho,

nos meus aposentos, para que elas entrassem.

O ar escapou da minha garganta com um calafrio quando ergui o pé para entrar na banheira. Eu deveria ter usado minhas botas, mas os chinelos eram mais silenciosos.

O animal pegou meu tornozelo, e as mordidas chegaram até os ossos. Os furos feitos por seus dentes ardiam como se atiçadores em brasa estivessem apunhalando minha carne, e havia um rasgo irregular de uns três centímetros na parte interna da minha panturrilha. Era dali que vinha a maior parte do sangue.

"E se tivesse furado uma artéria?", disse Synové, choramingando. "Você poderia sangrar até morrer!"

"Fale baixo", avisei. "Se tivesse furado algo vital, eu já estaria morta. Foi um longo caminho para vir do túnel até aqui."

Minha maior preocupação era se eu havia deixado uma trilha de sangue pelo trajeto — evidências de onde eu estivera.

O momento parecia perfeito para dar uma bisbilhotada pelos arredores. Jase e os outros não tinham voltado, e os cães da noite não tinham sido soltos ainda. Fiz uma busca na Darkcottage antes, o que foi uma tarefa bem simples, pois estava visivelmente vazia — a despensa, desabastecida; o forno, frio; e não havia qualquer sinal de pertences pessoais em nenhum dos quartos.

Tinha sido fácil andar por Riverbend também. Com tantas atividades nos jardins e os preparativos para o jantar à noite, o domicílio dos empregados dos Ballenger estava praticamente vazio. Sobrou Greycastle. Quase me viram enquanto eu andava furtivamente por um corredor, espiando dentro dos quartos, mas ouvi o chão ranger logo antes que o tio Cazwin aparecesse, entrando no corredor. Entrei de fininho em uma alcova e ele passou sem suspeitar de nada. O capitão também não estava em nenhum dos quartos.

Fiz do Túnel de Greyson meu próximo alvo. Passei por ele discretamente e sem muito esforço. Não havia muitos trabalhadores como na primeira vez que eu tinha passado por ali, talvez porque eles tivessem sido chamados para ajudar com os preparativos da festa, e parecia que cada carroça que passava e cada trecho escuro no caminho conspiravam para encobrir meus passos. Dentro de minutos, cheguei na abertura do pequeno túnel marcado com o desbotado brasão de armas dos Ballenger.

Descobri que outros três túneis se bifurcavam a partir desse, ficando progressivamente menores. Escolhi o mais afastado deles e o percorri até o fim, usando a mesma lógica de alguém que estivesse procurando objetos de valor em um cofre — as melhores coisas sempre ficavam escondidas no fundo.

Exceto pelo eco sinistro de água gotejando, eu não ouvia som algum. E então virei em uma curva. Eu havia olhado antes para me certificar de que não havia ninguém ali. O pequeno e escuro túnel se estendia por pouco mais de seis metros e parecia vazio, bloqueado na extremidade por uma larga porta de metal sob a qual reluzia uma parca linha de luz. Segui em frente para inspecionar e testar a fechadura. Eu não tinha visto os cachorros pretos acorrentados em alcovas escuras, um de cada lado da porta.

Mas eles me viram.

Eram demônios silenciosos, que sabiam exatamente o que estavam fazendo, só esperando que eu estivesse ao seu alcance, e então eles pularam para cima de mim. Eu os chutei rapidamente, mas não antes que o estrago tivesse sido feito. Tive sorte de só terem agarrado a minha perna. Assim que me afastei deles, arranquei a camisa e a enrolei no tornozelo, secando cuidadosamente as gotas de sangue do chão enquanto eles rosnavam e se lançavam para a frente, ainda presos por suas correntes. Se alguém tivesse sido alertado pelo barulho, teria chegado ali em poucos segundos. Naqueles primeiros momentos de frenesi eu não senti dor alguma, mas sabia que o machucado era grave. Eu sabia que estava encrencada. As pontas dos meus dedos formigavam selvagemente, como se agulhas estivessem sendo disparadas através delas. Só o que eu conseguia pensar naquele momento de choque era que eu tinha de voltar antes que alguém me encontrasse ali.

Synové despejou água sobre o meu tornozelo na tentativa de limpá-lo. Um gemido trêmulo passou pelos meus dentes cerrados.

“Desculpe-me, Kaz”, ela lamentou enquanto dava batidinhas no local com um pano. “Caramba, tem um outro talho aí que você não tinha visto.”

Eu não precisava ver aquele também. Havia mais de uma dúzia de marcas de furos em volta do meu tornozelo, como uma macabra meia de renda.

“Coloque a bandagem aí”, falei entredentes. “Só faça isso. Chega de limpar.”

As duas tentaram mais uma vez me convencer de que um curandeiro era necessário.

"Claro, e de que maneira vou explicar como me machuquei assim? Vou dizer a Jase que eu só estava dando uma xeretada rápida nos arredores?" Inspirei fundo e falei para Wren ir até a cozinha.

O olhar dela estava fixo na água cheia de sangue que escorria pela banheira, indo em direção ao ralo.

"Eu não sei o caminho!"

"Não se preocupe, você não vai chegar muito longe até ser parada por alguém, então você diz que está com uma dor de cabeça terrível e que precisa de algo para aliviar a dor. Peça por garra de serpente, unguento, qualquer coisa. Preciso voltar a ficar em pé antes da festa."

Se o capitão estava, de fato, enfurnado na torre da Vigília de Tor, nós esperávamos que ele estivesse entre os convidados.

"Tem uma outra coisa", falei, segurando o braço de Wren antes que ela saísse. "Sabe o homem que me seguiu hoje? Nem sempre ele trabalhou para os Ballenger. Ele costumava ser um condutor dos Previzi."

Wren balançou a cabeça.

"Você tem certeza disso? Eu não o reconheci."

"Tenho certeza, sim", falei, contando-lhes que ele era o condutor que havia levado o tigre até a *jehendra* tantos anos atrás. "Eu acho que ele também me reconheceu."

"Isso é impossível", disse Synové. "Ninguém nunca soube que foi você que o roubou."

Wren soltou um suspiro, preocupada. "Mas ela tinha uma reputação e tanto. Sempre suspeitavam dela."

"Mas agora ela tem seios! Quadris! Ela nem sequer parece a mesma pessoa!"

Eu também ficava dizendo isso a mim mesma. Que eu tinha mudado. Que agora eu tinha carne no corpo. Minhas bochechas já não eram como cavernas ocas. Eu quase nem era mais a mesma pessoa. Mas os olhos dele se ancoraram nos meus e, naquele momento, eu vira um lampejo passando por sua memória.

"Se ele estiver aqui na torre da Vigília de Tor ou na festa à noite, evite-o. E, se ele disser alguma coisa, diga que eu trabalhava empurrando carrinhos no Saguão do Sanctum. Guie-o nessa direção. Negue qualquer outra

coisa."

Wren assentiu e partiu. Depois disso, Synové enfaixou cuidadosamente a minha perna. A pressão do tecido nas feridas só piorava o latejar.

"Os ferimentos precisam de pontos, Kazi", disse Synové, como quem pedia desculpas. Não respondi. Pontos estavam fora de questão. Um talho de três centímetros poderia se curar sem pontos. Os olhos dela ficaram marejados. "Tive um sonho na noite em que você desapareceu. Eu via você entrando aos tropeços na água, você estava se afogando, mas eu nunca tinha visto isso. Esses malditos sonhos! Eles são inúteis!" Ela passou a toalha pelos cílios, secando-os com raiva.

Estiquei a mão e segurei na dela. "Eu realmente tropecei na água, Syn. E, de fato, quase me afoguei. Seus sonhos estavam certos."

Ela ergueu a sobrancelha. "Foi ele quem a salvou?"

"Sim. Mais de uma vez. Ele me protegeu de um urso e me carregou no colo pela areia escaldante. Você teve algum outro sonho?"

Ela mordeu o lábio, hesitante. "Sonhei que você estava acorrentada em uma cela de prisão."

"Isso não é tão surpreendente assim. Já estive nessa situação antes. Às vezes sonhos são apenas sonhos, Synové. Você estava preocupada comigo."

"Mas no meu sonho você estava cheia de sangue. Eu nem sabia ao certo se você estava viva."

"Eu juro que não tenho sequer a intenção de passar um tempo em uma cela novamente na minha vida. Foi só um sonho." Assim eu esperava.

Wren voltou com um frasco minúsculo contendo cristais que pareciam apenas sal. Cheirei-os, cética, mas não tinham aroma algum. Ela disse que Mason a havia interceptado no fim de um corredor, exatamente como eu tinha previsto. Ele levou-a até a cozinha e deu uma olhada na despensa, procurando os cristais. Então pegou um grande recipiente e despejou uma porção de cristais num frasco menor para ela.

"Ele chamou isso de asas de bétula e disse para misturar com água e beber para aliviar a dor."

Synové bufou. "Mason? Eu que deveria ter ido buscar o remédio."

"Quanto disso eu tomo?", perguntei.

"Não sei", foi a resposta de Wren. "Metade? Talvez só uma colherada?" O rosto dela se contorceu de preocupação. "Não sei ao certo se ele disse quanto era para tomar."

A essa altura, eu não me importava com isso. Eu só queria que a dor parasse. Synové colocou um quarto do remédio em um copo com água. O copo tremia na minha mão enquanto eu engolia a poção insossa. Elas me ajudaram a ir para a cama, e eu me deitei com os pés para cima, apoiados num travesseiro. Wren tirou os cabelos do meu rosto e deitou ao meu lado. Synové foi se arrastando até a ponta da cama e, esfregando meu pé não machucado, começou a fazer comentários sobre as acomodações para preencher o silêncio. Eu sorri enquanto ela avaliava as pesadas cortinas azuis que cercavam a cama de Jase. *Ah, eu aposto que essas cortinas têm histórias para contar...*

Elas me disseram que eu dormi por duas horas.

Quando me sentei, endireitando-me na cama, minha perna estava rígida e estranhamente pesada, como se houvesse um corpo estranho grudado ao meu, mas a dor tinha ido embora. Senti apenas um leve latejar quando balancei o pé na lateral da cama e coloquei o peso do meu corpo sobre ele. Ergui o frasco de asas de bétula com uma admiração suprema.

"Vou levar isso comigo esta noite, para o caso de precisar de mais."

"Nem pensar", disse Wren, apanhando o frasco da minha mão. "Isso fez você apagar pelas últimas duas horas." Olhei para o frasco ilusoriamente benigno na mão de Wren. Cristais poderosos como esses poderiam ser úteis.

"A menos, é claro", disse Wren, "que você queira que aquele rapaz dos Ballenger a carregue de volta até o quarto."

Synové piscou. "É claro que ela quer." Ela se virou, apontando para o lado. "Veja o que chegou enquanto você estava apagada."

Havia três vestidos dispostos na poltrona.

"O amarelo é meu", disse Synové, radiante. "Eu já o experimentei. Ele se encaixa perfeitamente bem em todos os lugares estratégicos, se é que vocês me entendem."

Nós entendíamos. Synové tinha muitos lugares estratégicos, e ela sabia disso. Todo mundo sempre achava que ela parecia mais velha do realmente era.

"Eu tenho de aplaudir a madame Ballenger", Synové acrescentou. "Foi muito atencioso da parte dela, considerando-se o pouco tempo. Ela mal

me viu na cidade. O violeta é seu."

Sobrou o vestido do meio para Wren, que o olhava fixamente como se ele possuísse garras.

"Eu não vou usar *essa* coisa. Nem mesmo sei de que cor é isso."

"Cor-de-rosa", falei.

"Que nem uma língua?"

Synové estreitou um dos olhos. "Uma língua fria e pálida. Você não gostaria de sentir *isso* na sua pele?"

Desferi a Synové um olhar ameaçador. Às vezes eu tinha de usar minhas habilidades de ladra até mesmo com as minhas amigas, e havia algo que precisava ser recuperado agora mesmo: a confiança de Wren. Nada estava se saindo conforme o planejado, e ela exigia que tudo seguisse um rumo ordenado. Ela gostava de estar preparada e apreciava quando uma estratégia se saía... Bem, conforme o *planejado.* Wren teria dado uma ladra terrível, porque estar pronta para dar meia-volta e mudar de planos em um piscar de olhos era o que havia mantido todos os meus dedos intactos. Dar meia-volta era praticamente uma das minhas regras. Nosso plano tinha dado errado, e o erro mais recente, me ver no chão do banheiro com sangue espalhado pelo piso, havia cutucado lembranças que, no caso dela, nunca poderiam ser perturbadas. E em momento algum do nosso plano cuidadosamente elaborado Wren deveria ir a uma festa na torre da Vigília de Tor em um vestido cor-de-rosa. Ela deveria reunir provisões, conseguir para mim o que quer que eu precisasse, manter sua *ziethe* afiada e seus olhos mais afiados ainda, e estar preparada para se mexer quando o sinal fosse enviado. Agora, enquanto olhava para o vestido, eu sabia que ela estava se perguntando onde colocaria sua *ziethe*.

Mas esta noite haveria uma festa e era essencial parecermos relaxadas, como verdadeiras hóspedes que não tivessem nada com que se preocupar — assim, os Ballenger também estariam relaxados. Isso sem falar dos convidados que poderiam estar lá.

Testei o pé e, quando pareceu estável, cruzei o quarto e toquei no vestido de Wren. Eu sabia como incitá-la.

"Ah, mas isso é uma surpresa", falei, tomando o vestido nas mãos. Passei a bainha dele de leve na minha bochecha.

"Que foi?", ela quis saber.

"O tecido. Nem sei ao certo se alguma vez na vida senti algo assim tão

macio. Parece feito de nuvens. Sinta-o", falei, estendendo-lhe o vestido.

Ela balançou a cabeça em negativa, se recusando a pegá-lo, seus cachos pulando para cima e para baixo, mas ainda assim deu um passo à frente e passou os dedos para sentir o tecido do vestido.

Wren estava atenta, calculando, vendo todos os movimentos que eu fazia e sabendo, em algum lugar lá no fundo, o motivo pelo qual eu os estava fazendo. *Confie em mim, Wren.* Por mais durona que fosse, ela também conhecia suas fraquezas, bem como as coisas que lhe traziam conforto. Eu nunca soubera por que ela era tão atraída por coisas macias, por que ela se sentira atraída por aquele casaco de lã no mercado, aquele que eu roubei para ela, ou o patinho fofo que ela havia segurado nas mãos em uma lagoa e que ficou relutando para soltar. Eu tinha certeza de que isso estava emaranhado com alguma coisa de seu passado, todas aquelas coisas das quais nenhuma de nós falava, os segredos que enfiávamos no fundo de alguma parte quebrada e sombria dentro de nós. Talvez fosse algo que ela mesma não entendia. Poderia ser algo tão simples quanto a lembrança da bochecha de sua mãe tocando na dela.

"É macio", ela admitiu, ainda reservada, "mas essa cor..."

"Pode ser que o violeta sirva em você. Podemos trocar."

Ela tirou o vestido cor-de-rosa de mim, já sabendo de todos os motivos pelos quais precisava usá-lo, por que precisava sorrir e fingir que estávamos ali por nenhum outro motivo que não aquele em que todos acreditavam, que éramos convidadas de honra dos Ballenger.

"Mas ainda vou levar a minha *ziethe* comigo", ela disse.

CAPÍTULO 27

JASE

A BARRIGA DO EMBAIXADOR ESTAVA COMPRIMIDA CONTRA A MESA como se fosse um pão crescendo no forno, e o cinto, a fivela e as correntes adornadas com joias entrechocavam-se ruidosamente toda vez que ele tossia ou inspirava mais fundo. Ele deu mais uma tragada no narguilé. A fumaça doce e enjoativa do tabaco pairava no ar estagnado.

Os aposentos oferecidos pelos Ballenger na arena — mediante um preço — foram refeitos no estilo candorano. Tapeçarias pesadas escureciam as paredes, e tapetes de pele cobriam os pisos. As persianas estavam bem fechadas e a única luz vinha de uma lamparina de bronze a óleo que reluzia sobre a mesa entre nós. A chama trêmula lançava sombras na direção de seus guarda-costas, posicionados atrás dele, homens enormes com sabres reluzentes pendurados nas laterais de seus corpos. Tudo ali era feito para causar impacto. Nossos *straza* ficavam em pé atrás de nós pelo mesmo motivo.

O embaixador tinha o lábio superior repuxado de descontentamento.

"Você não é como o seu pai. Ele teria se encontrado comigo na semana passada. Ele sabia..."

"Estou aqui agora", falei. "Diga o que você quer. Eu tenho outras reuniões além desta."

Eu não tinha nenhuma outra reunião e minha resposta rude era apenas parte do jogo. Eu tinha dito a Gunner para ficar de boca fechada antes de entrarmos na sala. Ele não gostava de silêncios prolongados — como o que estava acontecendo agora. Abri um grande sorriso, deliberado e calmo, e

reclinei-me na cadeira, mas por dentro eu estava tão tenso quanto Gunner e Titus.

O embaixador ficou me encarando, seus lábios cor-de-rosa e inchados revirando de um lado para o outro, os cantos da boca brilhando com a saliva. Encarei-o de volta.

"Há outros lugares onde posso fazer comércio", disse ele.

"Mas não tão lucrativos como aqui. Você faz uma fortuna nesta arena, e nós dois sabemos disso. Nós mesmos processamos os pedidos, sabia?"

"Lucro só é bom quando não há perdas. Seu pai prometeu proteção e, até agora, nós ainda não temos nenhuma. Temos olhos e ouvidos, sabemos o que vem acontecendo. Nossas caravanas serão as próximas a sofrer ataques. Ainda há o centro de comércio em Shiramar e aquele outro em Ráj Nivad. Poderíamos levar nossos negócios para lá. Os aluguéis e as taxas são menores, e as rotas, menos perigosas." Ele deu uma longa e tranquila tragada em sua piteira. "E se nos retirarmos… outros farão o mesmo."

Os dedos de Gunner se curvaram e ele cerrou os punhos. Cutuquei-o com a minha bota por debaixo da mesa.

"As promessas do meu pai são válidas", falei. "As armas que estamos desenvolvendo…"

"Desenvolvendo!", ele cuspiu, o lábio erguido de repulsa. "O que isso significa?"

"Significa que suas mercadorias serão protegidas de uma ponta a outra. Isso é tudo de que você precisa saber."

"Essa é uma declaração grandiosa para alguém que…"

"Grandiosa!" Eu respondi com o mesmo nível de repulsa que ele havia acabado de lançar para cima de mim. "O que isso significa? Uma ideia grande demais para a sua cabecinha candorana?"

Suas sobrancelhas crespas se contorceram e um grande sorriso iluminou seus olhinhos pretos.

"Seu pai sempre adoçava o nosso pote quando tínhamos de esperar por alguma coisa."

Fiz uma pausa, mesmo que já soubesse o que eu daria a ele. Se eu cedesse com muita facilidade, ele iria relutar e argumentaria para pedir ainda mais, e eu queria sair dali o quanto antes com aquilo de que precisávamos — a confiança e a paciência dos candoranos. Eles eram nossos maiores comerciantes, e suas reclamações eram legítimas.

Nas principais rotas, nós tínhamos patrulhas que atacavam aqueles que vinham sob o pretexto de comercializar na arena, mas então, pouco depois, eles enviavam um único homem para fazer contatos e atrair compradores para longe, onde suas caravanas ficavam à espera, a fim de lhes oferecer negócios melhores e evitar nossas taxas. Ninguém nos usava como fachada sem pagar aluguel. As mesmas patrulhas que guardavam nossos interesses também ofereciam alguma segurança para nossos comerciantes legítimos, mas não tínhamos homens o bastante para escoltar todas as caravanas assim que deixavam nosso território — e foi aí que as caravanas candoranas foram atacadas. A cerca de cento e cinquenta quilômetros. Até mesmo com seus próprios seguranças, condutores morreram e mercadorias foram perdidas. Se houvesse o menor rumor de que eles estavam se retirando por conta de ataques, nossos negócios seriam prejudicados. Era com isso que as outras ligas contavam, mas as coisas estavam prestes a mudar. Logo, apenas um de nossos homens poderia, sozinho, proteger uma caravana inteira. Os Ballenger sempre tinham sido bons nisso de prover proteção. Agora, nós seríamos capazes de estendê-la para além das nossas fronteiras.

"Nada?", disse o embaixador, revelando sua ânsia de continuar trabalhando conosco.

Nossa localização era basicamente central e muito mais confortável — tínhamos nos certificado disso. Shiramar era um poço sujo e quente e Ráj Nivad ficava fora de mão. Isso sem falar que nós fingíamos não ver as negociações que o embaixador mantinha por fora, das quais seu rei não tinha nenhum conhecimento, contanto que obtivéssemos nossa parte também.

"Dispensamos o aluguel destes aposentos até que seja entregue o que prometemos. Isso é doce o bastante para você?"

O embaixador assentiu, batendo no peito com seus dedos curtos e grossos.

"Eu estava errado. Você é como o seu pai."

Eu me levantei. Gunner e Titus se ergueram ao meu lado.

"Os Ballenger mantêm sua palavra", falei. "Agora não me incomode com mais nenhuma de suas demandas."

Ele ficou em pé rapidamente, com um sorriso seboso contorcendo o rosto.

"*Patrei.* É sempre bom fazer negócios com você."

Assim que saímos, Titus falou em um sussurro: "Isso de não cobrar o aluguel vai nos custar uma fortuna. E se os outros locatários ficarem sabendo de um detalhe que seja desse trato…".

"Só vai nos custar uma fortuna se não cumprirmos com a nossa promessa."

Da arena, fomos direto a Beaufort, preparados para pressioná-lo. Para cumprir nossa promessa, ele e seu bando também tinham de cumprir com a sua parte, e nós estávamos cansados de esperar. Suas promessas haviam esgotado a nossa paciência. Porém, tão logo passamos pelos portões, ele nos cumprimentou como se tivesse previsto que lhe faríamos uma visita e nos conduziu até a área de testes, dizendo que eles tinham encontrado a solução para um grave empecilho.

"Era um problema de translação", disse ele, e então nos fez uma demonstração das armas que haviam prometido. Chegavam até a metade na escala de poder de fogo final, mas, ainda assim, eram impressionantes. Isso era tudo o que estávamos esperando — e até mais. "Só mais algumas semanas. Um mês, no máximo, para os refinamentos", ele prometeu. "Mas nós realmente precisamos de mais suprimentos."

Gunner e Titus ficaram olhando boquiabertos para o alvo completamente destruído a mais de cem metros de distância, e então irromperam em uma onda de gritos de aprovação.

"Só nos diga do que você precisa", falou Gunner. "Mandaremos Zane conseguir essas provisões para você imediatamente."

"E a cura para a febre?", eu quis saber.

As sobrancelhas de Beaufort se uniram e ele balançou a cabeça.

"Isso é um pouco mais difícil de se apressar. Phineas está testando. Não se preocupe, a cada dia ele chega mais perto de conseguir."

Mais perto. Eu vinha dando à minha mãe essa mesma resposta havia meses. Era um fio de esperança que parecia acalmá-la e, por ora, também me acalmava. As armas eram a nossa necessidade agora, e eu tinha acabado de ver uma prova satisfatória de que a supriríamos.

De volta ao meu quarto, tomei banho, limpando-me do pesado fedor dos aposentos do embaixador. Enquanto me vestia, me senti esperançoso, pensando nas armas. Na noite passada já não houve incêndios e, hoje, não havia evidência alguma de outros caçadores de mão de obra. As coisas

pareciam estar voltando ao normal. Eu tinha esperanças de que o embaixador estivesse errado em relação aos ataques às caravanas, mas, caso houvesse algum, nossas patrulhas tinham sido instruídas a cair matando — caçar os agressores e descobrir quem estava ordenando os ataques, não importando o que fosse necessário para isso.

Gunner assoviou baixinho.

"Ora, isso não é algo que se vê todo dia."

Wren, Kazi e Synové emergiram do caminho sombreado por árvores, uma ao lado da outra. Fiquei com o olhar fixo em Kazi. Ela não tinha me visto ainda. Seus cabelos pretos estavam trançados em uma elegante coroa em volta da cabeça, sem dúvida uma criação de Jalaine. Pétalas amarelas caíam das árvores, agarrando-se aos cabelos dela, e seu vestido violeta flutuava em ondas suaves abaixo dos tornozelos. Seus ombros estavam quase desnudos, exceto pela ínfima presença de uma manga que caía sobre eles. Seus olhos perscrutavam uma parte do jardim, procurando alguma coisa, e eu não conseguia deixar de me perguntar — ou mesmo de esperar — se era por mim que eles buscavam.

Titus me deu uma cotovelada.

"Feche a boca, *Patrei*. Você está parecendo ansioso demais."

Eu estava ansioso.

"Qual é o problema daquela de cor-de-rosa?", quis saber Gunner.

"Aquela é a Wren", disseram Aram e Samuel, simultaneamente.

Wren também estava transformada, mal parecia a assassina impiedosa que nós tínhamos visto na viela hoje mais cedo, exceto pela espada curva na lateral do corpo.

"Ninguém disse que ela poderia ter deixado aquilo em casa?", falou Gunner.

Minha atenção se voltou para Kazi. Palavras desconexas inundavam minha cabeça, e eu me recordei do aviso que meu pai me dera tempos atrás: *Escolha suas palavras com cuidado, até mesmo aquelas em que for pensar, porque as palavras se tornam sementes, e as sementes se tornam história.*

Havia palavras nas quais eu evitava até mesmo pensar desde que conheci Kazi. Quando minha mãe me perguntou sobre ela, eu apenas disse que era

engenhosa — uma palavra segura e estável. Mas, agora, outras palavras fluíam livres, semeadas impetuosamente na minha cabeça. Eu queria que todas elas criassem raízes, crescessem, se tornassem história... Parte da minha história. *Inteligente, esperta, implacável, determinada, valente, evasiva, leal, carinhosa.* Ela se virou, olhando para o topo das cabeças das pessoas, a brisa erguendo mechas de cabelo sobre seu pescoço, e uma outra palavra surgiu, *bela*, e foi a única palavra em que eu conseguia pensar, até que mais uma floresceu no embalo desta, *futuro*, e eu me perguntei se seria uma palavra perigosa demais para ser considerada. Mas eu já sentia que criava raízes.

Mais convidados chegaram, varrendo Kazi e suas amigas de nossa vista, e Aram e Samuel seguiram na direção de Wren. Mason estava certo — eles estavam um pouquinho preocupados demais com alguém que provavelmente poderia quebrar os pescoços dos dois ao mesmo tempo enquanto sorria. Eu precisaria ter uma conversa com eles.

O jantar da noite passada tinha sido algo pequeno e somente para a família, mas, nesta noite, todos os demais familiares foram convidados para celebrar o novo *Patrei*, junto a colegas e amigos mais próximos. A sacerdotisa, vidente e curandeira que havia cuidado do meu pai também estaria aqui.

Beaufort havia mencionado a ideia de vir e permanecer escondido nas sombras, mas eu disse não. Ele estava ficando comichoso por passar tantos anos se escondendo, e talvez um pouco arrogante também, esquivando-se dos reinos por tanto tempo, mas ele não seria capturado sob a minha vigilância, pelo menos não enquanto ainda tivesse mercadorias para entregar. Nós já tínhamos investido muita coisa a essa altura. Ele já estivera conosco em jantares passados, mas haveria muita gente de fora da família aqui esta noite, especialmente Kazi e suas companheiras. Ele disse que sua aparência havia mudado e que provavelmente não seria reconhecido, mas era arriscado demais. Ele ainda era procurado pelos reinos.

De vez em quando nós víamos uma ou outra ordem de prisão trazida à arena por mercadores, e éramos praticamente indiferentes a isso. Elas continham nomes de pessoas que provavelmente nunca veríamos, mas com Beaufort foi diferente. Ele tinha vindo até nós com o cartaz de procurado nas mãos, sem tentar esconder quem era. Estava cansado de

correr. Ele disse que o motivo pelo qual realmente estava sendo procurado era por ter fugido com informações valiosas e que preferiria partilhá-las conosco, e não com pessoas em quem ele não confiava.

Segundo o que nos contou, havia sido um oficial na guerra entre os Reinos Maiores e tinha uma rixa com o rei morriguês. Beaufort disse que o rei era corrupto e, por sua vez, o rei o acusara de traição por ter mudado de lado. Depois da guerra, os reinos haviam assinado novos tratados, o que fazia com que ele agora fosse procurado por todos eles. Havíamos duvidado de que tudo isso fosse verdade, mas tampouco nos importávamos com as conspirações políticas e os ressentimentos de reinos distantes, exceto quando afetavam a torre da Vigília de Tor. Ainda assim, meu pai enviara uma discreta mensagem ao magistrado do rei em Parsuss sobre uma "ordem de prisão que circulava pela arena", de modo a verificar a história de Beaufort. O magistrado não possuía detalhe algum sobre Beaufort e não podia confirmar nem refutar as acusações.

É bem possível que estejamos, na verdade, fazendo um favor aos reinos, mantendo-o longe de mais encrenca, meu pai dissera, mas a promessa da cura para a febre foi o que, de fato, nos fez ignorar propositalmente esse detalhe. E, é claro, as armas eram simplesmente um benefício que tornava o nosso acordo ainda mais interessante. O que quer que fosse necessário para manter em segurança a família — o que incluía todo mundo na Boca do Inferno — era só o que importava.

"*Patrei.*"

Eu me virei na direção da voz trêmula. Era a vidente. De súbito ela estava ao meu lado, seus olhos da cor do céu olhando nos meus, um sorriso torto contorcendo seus lábios. Seu capuz estava puxado para trás, o que era uma raridade, mas seus cabelos pretos e selvagens ainda circundavam o rosto, lançando sombras em suas feições. Ela beijou minha mão e fez uma pausa, olhando para o anel, e depois balançou a cabeça tristemente, falando em um tom melodioso: "Eles encontraram você, *Patrei*. Eu sinto muito".

Pela primeira vez, passou pela minha cabeça que talvez aquele aviso de que eles estavam atrás de mim tivesse a ver com os caçadores de mão de obra, e não com as ligas.

"Quais são as novidades?", eu quis saber.

"Senti gosto de sangue novo. Eles circulam aqui perto."

"Já cuidamos disso. Nós matamos aqueles que vieram atrás de mim."

Os olhos dela reluziam de preocupação. “Não eles”, sussurrou. “*Outros*. Proteja o seu coração, *Patrei*. Eu vejo uma faca pairando, pronta para arrancá-lo fora.”

Sorri.

“Não se preocupe. Manterei os meus *straza* por perto. Vá, aproveite um pouco da comida e da bebida. Minha mãe reservou um assento de honra para você. Titus a levará até lá.”

Puxei Titus pelas costas de sua camisa, tirando-o de uma outra conversa, e disse-lhe para ir buscar uma bebida para a vidente e ajudá-la a se acomodar. Eu me perguntava se às vezes os avisos dela eram trazidos à tona a partir das preocupações da minha própria mãe. Elas conversavam todos os dias no templo, e minha mãe contribuía generosamente para o sustento dela. Poucos na Boca do Inferno tinham o dom. Os rumores diziam que a rainha vendana tinha um dom bastante forte, e eu me questionava a respeito de Kazi e a forma como ela havia saído de fininho, tão silenciosamente, quase como mágica. As histórias dos Ballenger mencionavam o dom, mas ele parecia ter se esvanecido com as gerações.

Titus partiu com a vidente, e eu me esforcei para enxergar em meio à multidão. Avistei Garvin, que estava parado, sozinho, com os olhos fixos em alguém. Acompanhei a direção de seu olhar e parei em Kazi.

Brightmist. *Um dos quadrantes mais pobres da Cidade do Sanctum. Não se deixe enganar pelo nome. Não há nada de brilhante lá.*

Garvin estava errado.

Havia ao menos uma coisa brilhante em relação àquele lugar.

CAPÍTULO 28

KAZI

ESTÁVAMOS DESLOCADAS AQUI, ÉRAMOS FRAUDES EM TODOS os sentidos, desempenhando papéis, usando vestidos finos como se fosse algo que tivéssemos feito centenas de vezes antes, quando nunca o fizemos. Nem mesmo uma vez.

Wren continuava erguendo o ombro como se a coisa toda fosse cair dela, dizendo que a delicada construção do vestido não fazia sentido algum, enquanto seus dedos, distraídos, traçavam pequenos círculos em seu abdômen, sentindo a maciez cor-de-rosa repetidamente. Synové segurava um cálice, tentando captar seu próprio reflexo, observando o tecido amarelo dançar no cristal diante de seus olhos, e então passava as mãos sobre as curvas sedosas, segurando firmemente o vestido como se ele pudesse desaparecer. Eu não estava nem um pouco diferente. Sempre vira meu colete como uma extravagância, mas que servia a um propósito. Os bolsos ocultos continham armas e mapas. O couro robusto me protegia das intempéries. O vestido que eu usava agora não servia a propósito algum, exceto fazer com que eu me sentisse bela. Não fazia parte de mim. Eu nunca havia me sentido bela em toda a minha vida. Eu era apenas a imunda rata de rua que ninguém queria ver se aproximando.

E então havia a comida.

"Você está sentindo o cheiro daquilo?", sussurrou Synové.

Era impossível não sentir aquele cheiro. O cheiro de carne assada e temperada era como uma tapeçaria gloriosa e complexa que pairava sobre as nossas cabeças, enchendo nossas bochechas e, como uma canção,

acordando nossos estômagos. As mesas estavam repletas com as entradas — pratos de queijo, pães saborosos e uma abundância de comida que nos enchia tanto de deslumbramento quanto de culpa. As provisões em Venda ainda eram escassas, motivo pelo qual os assentamentos eram tão vitais. Mordiscar uma iguaria atrás da outra deixava-nos com um sentimento de traição.

Mas desempenhamos nossos papéis. Comemos. Sorrimos. Improvisamos. Nós éramos Rahtan e por isso poderíamos pegar tudo aquilo que nos fizesse sentir desconfortáveis e embaraçadas e transformar em uma escultura de gelo em pleno inferno, se fosse necessário.

Procurei por Jase. Eu não podia vê-lo, mas sabia que ele provavelmente estava ocupado com outros convidados. Havia tantos — cerca de duzentos, eu estimava.

Lydia e Nash corriam por entre as mesas e os arbustos com seus primos mais jovens, rindo e brincando de pega-pega. Se o capitão estivesse aqui, com certeza estaria entre os convidados, provavelmente usando um nome diferente para esconder sua identidade. Talvez os Ballenger nem mesmo soubessem que ali, em meio a eles, havia um criminoso procurado. Seria possível? Era uma esperança que surgira de repente em mim.

E então, contra a minha vontade, meus olhos procuraram novamente por seu rosto pálido, mas eu me deparei com um outro. O homem que havia me seguido hoje. Alertei Wren e Synové. Obviamente ele já não estava me seguindo, então por que é que estava tão determinado a ficar de olho em mim?

"Ele ainda está observando", sussurrou Wren para mim, uns minutos depois.

"Ele sabe quem eu sou", falei.

"Se soubesse, não continuaria de olho em você", foi a resposta de Synové. "Ele ainda está tentando descobrir quem você é. Mesmo se ele ligar os pontos, você pode negar. Você não se parece nada com aquela garota de antes."

"Mas o nome dela…", foi a resposta de Wren.

"Nenhum condutor dos Previzi jamais soube o nome de uma rata de rua."

"Não, Kazi. O outro nome dela. Dez. Todo mundo conhece esse nome."

"Ela pode negar esse nome também."

O nome que me fecharia todas as portas. Ninguém baixaria a guarda

perto de uma ladra habilidosa.

Eu me virei, olhando diretamente para ele, e sorri como se estivesse surpresa. Ele assentiu e saiu andando.

"Sinta o gosto *disso*", disse Synové, já se esquecendo do condutor e empurrando na minha mão um pequeno pedaço de pão crocante e generosamente lambuzado de uma especiaria densa e picante. Ela revirou os olhos como se estivesse saboreando um fruto dos deuses.

Eu gemi de prazer. Wren lambeu cada migalha de seus dedos.

Synové abriu um largo sorriso e colocou as mãos nos quadris. "Olhe para nós. Alimentadas e vestidas como a realeza."

Wren estalou os lábios. "Aproveite enquanto puder."

Todas nós sabíamos que essa indulgência não duraria muito.

"Ah, pode acreditar", foi a resposta de Synové, "eu estou aproveitando, mas não tanto quanto Kazi." Os olhos dela estreitaram, e eu soube o que ela estava querendo dizer. Esperei por um sermão, mas, em vez disso, vi uma preocupação inesperada. "Eu gosto dele também", disse ela, "mas você sabe que isso não pode durar. Principalmente quando..."

Ela ergueu as sobrancelhas e deixou o último pensamento pairando no ar para que eu o completasse. Principalmente quando levarmos embora seu hóspede secreto? Principalmente quando ele descobrir por que realmente estou aqui?

"Não estou esperando que nada dure", respondi com desdém. "Apenas estou fazendo meu trabalho da melhor forma possível."

"Admirável", foi a resposta de Wren, que trocou um olhar de relance e cheio de dúvida com Synové.

O que ainda me deixava perplexa era o porquê. O que um capitão traidor e fugitivo, que não comandava exército algum, tinha a oferecer aos Ballenger? Ele mal havia conseguido escapar de um campo de batalha com as roupas do corpo. O homem nunca obteve a fortuna prometida pelo Komizar e, ainda assim, ele tinha *alguma coisa.* Algo que fazia os riscos valerem a pena. *Se* ele estivesse aqui. Mas a rainha tinha certeza de que seu informante era confiável, ou não teria nos enviado a este lugar.

Enquanto comíamos mais, contei-lhes sobre a disposição do complexo, apontando para os diversos edifícios apenas com os olhos.

"Atrás de Greycastle e de Riverbend ficam os estábulos e os anexos. Darkcottage está vazia, o que significa que ele não está alojado lá."

A música começou a tocar e um grupo de mulheres se pôs a dançar, com Vairlyn entre elas.

Wren fez uma careta. "Como está o seu pé?"

"Latejando", respondi. "O efeito do remédio está começando a passar. Vocês duas terão de dançar em dobro por mim. Os Ballenger ficam ofendidos com facilidade, e se nenhuma de nós dançar..."

As sobrancelhas de Wren se repuxaram em um sinal de preocupação. "Eu não sei dançar absolutamente nada."

"Claro que sabe, Wren", disse Synové, dando uma cotovelada nela. "Nós costumávamos dançar ao som das flautas na *jehendra*, nos dias de mercado."

"Aquilo era girar, cair com nossos traseiros no chão e dar risada."

Synové deu de ombros. "Dá na mesma. Adicione aí uma mexidinha para a frente e para trás. É só ficar vendo o que todo o restante das pessoas faz. Caramba, com esse vestido ninguém vai ficar vendo o que seus pés estão fazendo, de qualquer forma. Nós..."

Lydia veio correndo na nossa direção, com os olhos agitados e gritando, estridente: "Esconda-me! Esconda-me, rápido!".

Wren levou a mão imediatamente à sua *ziethe*. Estiquei o braço e a impedi de pegá-la.

"É uma brincadeira, Wren", eu disse baixinho. "Apenas uma brincadeira." Mas meu coração também batia loucamente acelerado.

Esconda-me. Por favor, esconda-me.

Os gritos eram tão vívidos agora quanto no dia em que eu os havia ouvido, as súplicas chorosas enquanto multidões saíam correndo da Praça Blackstone, batendo nas portas, tentando se esconder em cantos escuros quando o massacre começou. *Esconda-me.* Aquilo não era nenhuma brincadeira. Nós tínhamos apenas onze anos de idade. Eu escondi três pessoas na minha barraca. Não havia uma porta para trancar. A única arma que eu tinha era o mesmo pequeno cajado que minha mãe não conseguira pegar a tempo, inútil contra as espadas e as longas alabardas dos guardas. Ninguém entrou ali, mas nós ouvíamos o ressoar dos passos enquanto os guardas caçavam as pessoas. Nós ouvíamos os gritos. Os clãs haviam cometido o erro de ficar do lado da princesa depois que ela esfaqueara o Komizar. A princesa o atacou porque ele havia matado uma criança — Aster, uma menina que trabalhava empurrando carrinhos no Saguão do

Sanctum. Infelizmente, o ferimento não matou o Komizar, e ele buscou vingança imediata nos clãs por sua deslealdade.

"Rápido!", suplicou Lydia novamente.

Empurrei-a para trás de nós, e então Wren, Synové e eu ficamos uma ao lado da outra, criando uma espécie de parede protetora feita de seda e cetim. Lydia dava risadinhas atrás de nós enquanto Nash vinha correndo, perguntando se a tínhamos visto.

"Se vimos quem?", perguntou-lhe Wren, com a respiração ainda acelerada.

"Nós não vimos ninguém", confirmou Synové.

Lydia soltou um gritinho estridente e saiu correndo, passando por Nash e deixando-o para trás. Ele foi correndo atrás dela e todas nós ficamos ali, uma ao lado da outra, encarando-os, observando enquanto fugiam um do outro.

"Só uma brincadeira", repetiu Synové, engolindo em seco.

Ela foi uma das pessoas que havia se escondido na minha barraca.

A torre da Vigília de Tor era um mundo diferente do nosso. As brincadeiras eram diferentes.

"Nós estávamos falando sobre dançar", eu disse, tentando retomar o foco de nossos pensamentos.

"Certo", foi a resposta de Synové, cujo peito inflou contra a seda amarela do vestido enquanto ela inspirava fundo. Ela ficou nas pontas dos pés e seus olhos sondaram os cantos mais distantes dos jardins. "Já estou cuidando disso. Se eu conseguir apenas encontrar um moço alto, moreno e..."

Ela saiu andando e não havia dúvidas em relação ao alvo de sua caçada. Eben havia sido temporariamente substituído por Mason.

Olhei para a minha direita e vi os irmãos gêmeos de Jase caminhando em nossa direção, os olhares focados em Wren. Cutuquei-a com o cotovelo.

"Aram e Samuel estão se aproximando", falei em um sussurro. "Os irmãos mais novos do Jase. Acho que eles têm uma quedinha por você. Seja legal."

"O que leva você a pensar que eu não sei como ser legal?", resmungou Wren. Ela ergueu o ombro, alisando e arrumando a manga enfeitada de seu vestido cor-de-rosa e então transformou a cara fechada em um sorriso. "Pronto. Agora, quem é quem?", ela sussurrou.

“Isso cabe a você descobrir. Mas não deixe marcas permanentes.”

“Você não é nem um pouco divertida”, disse ela, e saiu andando para se encontrar com eles.

Essa era minha oportunidade para entrar sorrateiramente na Raehouse — a única casa que eu ainda não havia explorado. Os escritórios estavam fechados agora, e Priya estaria na festa. A porta da frente estava envolta em sombras e, como tinha acabado de descobrir, destrancada. Esta noite, por causa da festa, não havia nenhum cachorro rondando por ali, apenas uns poucos guardas fazendo a patrulha, pelos quais era fácil passar escondida. O brilho fraco das lanternas da festa era filtrado pelas janelas, fornecendo-me luz suficiente para andar por ali. Os escritórios tinham poucos móveis; a maioria dos aposentos no primeiro andar se parecia com salas de estar, talvez utilizadas para discussões de negócios. Embora houvesse três andares repletos de aposentos, a maioria era usada como depósito, e parecia haver ali apenas um escritório: o de Priya.

Isso explicava o silêncio e a solidão de que Jalaine havia falado. O escritório de Priya ocupava a maior parte do segundo andar e ficava do lado oposto ao restante da casa. Ela compensava na decoração o que lhe faltava em companhia. O lugar era arrumadinho e excessivamente ordenado, mas inundado de cores e detalhes, como se a soma de seus vinte e três anos tivesse sido disposta no aposento. Sempre que eu invadia a casa de um lorde de quadrante ou mercador, eu me demorava alguns minutos analisando seus pertences. Tudo aquilo com que eles enchiam suas casas era revelador. Espetos de proteção sob as janelas, gaiolas de ratos com rabos cortados, roupas de baixo de seda em cores berrantes, e sempre havia facas embaixo de seus travesseiros. Eles não confiavam em ninguém.

No escritório de Priya havia, é claro, cadernos contábeis e livros, penas e tinta, mapas e pilhas de papel esperando por sua atenção. Mas a coleção de pedrinhas polidas, dispostas em uma fileira perfeita no topo de sua escrivaninha, captou a luz e também o meu olhar. Logo abaixo, havia uma minúscula pena de codorna cheia de manchinhas, disposta precisamente no centro do mata-borrão. Ao lado, pequenos esboços de borboletas desenhadas a carvão revelavam um lado mais doce que ela não costumava irradiar de imediato.

Do outro lado da escrivaninha, havia um bilhete que chamou minha atenção.

Para aprovação de Jase:
Solicitar provisões para bi

BI? Boca do Inferno?

Inspecionei a lista: vinho morriguês, azeitonas de Gitos, ovas de peixe de Gastineux, tabaco de Cruvas, grandes quantidades de carvão e vários tipos de pós dos quais eu nunca ouvira falar. Seriam ervas?

No fim da página estava a assinatura de Jase. A lista de Priya tinha sido aprovada. Essa era a única solicitação de aprovação que eu vi na escrivaninha dela, mas era uma solicitação custosa — talvez por isso precisasse da aprovação de Jase.

Ouvi um clique na porta, e então uma luz brilhou no corredor lá embaixo. Quando Priya entrou no escritório, eu já tinha saído de lá, descendo por uma escada nos fundos. Talvez ela tivesse se lembrado de uma outra solicitação de provisões que não poderia esperar até a manhã seguinte, ou era possível que apenas necessitasse de um tempo longe da festa e de uma nova dose de sua solidão. Isso ela poderia encontrar ali, já que o capitão também não estava hospedado na Raehouse.

Quando voltei para a festa, finalmente avistei Jase. Ele estava na extremidade mais afastada do jardim, perto da Darkcottage, profundamente absorto em uma conversa com dois homens mais velhos. A camisa preta fazia com que seus cabelos loiros parecessem mais brilhantes, e as maçãs do rosto ainda tinham aquele brilho avermelhado, resultado de nossa longa caminhada sob o sol. Eu o observei enquanto me aproximava e notei algo que eu já tinha visto hoje — a forma como ele atraía as atenções. Isso não se dava apenas porque ele tinha o título de *Patrei*. Havia um quê de presença em relação a ele, uma intensidade que era ao mesmo tempo séria e atraente. Ele era alto e tinha ombros largos, mas não era sua estatura que fazia as pessoas pararem para prestar atenção. Tinha mais a ver com o ângulo de sua cabeça quando ele olhava para alguém, o queixo erguido, os olhos perceptivos e a maneira como seus pensamentos giravam por trás deles, como um alfaiate tirando medidas antes de cortar o tecido. Havia precisão em seu olhar, uma precisão tão cortante que seria capaz de atravessar uma pessoa ao meio e até mesmo lapidar um diamante.

Eu não preciso de uma forasteira, menos ainda de uma vendana, para me dizer qual é a coisa certa a se fazer.

Ele virou a cabeça como se sentisse que alguém o observava. Lá de longe, do outro lado do jardim, os olhos dele encontraram os meus. Ele não sorriu, não me ofereceu expressão alguma, mas seu olhar permaneceu contemplando o meu, e então ele disse umas poucas e rápidas palavras, deixou o homem que estava ao seu lado e veio em minha direção.

Meu coração se acelerou e bateu contra as costelas. Eu ainda não sabia o que pensar sobre a nossa despedida de hoje. Ele havia partido abruptamente, e o beijo que eu havia pretendido controlar se pareceu com tudo, menos com um espetáculo.

"Jase", falei, quando ele parou na minha frente.

Ele me encarou com o maxilar apertado, uma veia se erguendo em sua têmpora, e então esticou a mão e agarrou a minha.

"Nós precisamos conversar. A sós."

Jase me arrastou a passos febris, e eu senti a pressão aumentando no meu tornozelo enquanto me esforçava para acompanhar o ritmo dele. Será que ele ficara sabendo de alguma coisa em relação a mim? Teria descoberto as gotas de sangue no túnel? Nós atravessamos rapidamente o lado sombreado da Darkcottage.

"Jase, o que são...?"

Então, de repente, ele me puxou para um vão escuro e arqueado. Ele se virou, os braços apoiados na parede, um de cada lado do meu corpo.

"O que foi?", perguntei.

Ainda que a escuridão nos ocultasse, pude ver o suor brilhando em seu cenho. Eu não entendia a tormenta que rugia em seus olhos. Ele engoliu em seco e se inclinou, aproximando-se de mim.

"Quero beijar você, Kazi", disse ele, por fim, com a voz em um sussurro. "E quero que você retribua o meu beijo. Mas, desta vez, não quero que aconteça por estarmos apenas tirando o melhor da situação. E não quero um beijo para mostrar aos outros ou pelo qual eu tenha que pagar com suas condições. Gostaria que você me beijasse simplesmente porque quer. Porque deseja profundamente fazer isso. Ninguém está olhando agora. Você pode sair andando e eu não vou dizer nada. Juro que nunca mais tocarei no assunto."

Minha respiração ficou presa no peito. Ele sabia que eu o havia beijado de

livre e espontânea vontade hoje, mas houve condições. Tudo em relação a nós era tão confuso... Não era um beijo que ele queria, por mais sincero e verdadeiro que fosse. Ele estava procurando por uma explicação que não nos poderia ser dada.

"Jase, eu sou uma soldada do exército vendano. Eu..."

"Eu não estou pedindo que você seja nada além disso."

"Dentro de poucas semanas, irei embora. Quando o assentamento..."

"Pode ser que sejam necessárias mais do que umas poucas semanas para terminarmos o assentamento. E eu poderia fazer a reconstrução durar bastante tempo."

Os olhos dele perfuravam os meus, procurando por algo claro e certeiro, algo que o simples atrasar da reconstrução não seria capaz de oferecer.

O que é isso, Kazi? O que você sente?

A pergunta estava ali novamente, mas agora tamborilava mais alto. Carvões ardiam em brasa dentro da minha barriga. Eu ainda não tinha nenhuma resposta para essa pergunta, ou talvez não quisesse ter.

"Preciso voltar, Jase. Temos pouco tempo..."

"Muita coisa pode mudar em algumas semanas, Kazi. Planos podem mudar. Não existem garantias. Todos nós podemos estar mortos."

Eu tinha intimidade com esse tipo de coisa, com destinos sendo arrancados de mim, socados e virados do avesso. Eu entendia bem sobre ser jogada em caminhos inesperados. Mas Jase, morto? Não ele. Sua presença era tão absoluta, tão carregada de sensações, tão... Balancei a cabeça, rejeitando a possibilidade. Isso era apenas a morte inesperada de seu pai caindo como um peso em cima dele.

Seus ombros se endireitaram e suas mãos deslizaram para o lado do corpo, me liberando, como se ele tivesse recebido sua resposta. Seu pescoço pulsava em um tique nervoso.

Eu não tenho nenhuma resposta, Jase!, gritei em silêncio. *Não sobre isso!*

Ele começou a se virar para ir embora, mas eu enganchei meu dedo em seu cinto, impedindo-o de prosseguir.

Ele parou por um instante, as narinas dilatadas, esperando, cheio de desconfiança.

"Um beijo não fará nossas diferenças irem embora, Jase. Isso não vai..."

"Não estou esperando que nossas diferenças desapareçam!", disse ele, sibilando. "Eu só estou pedindo que você seja honesta, ao menos com isso!

Estou lhe pedindo para parar de pensar no amanhã ou em mil dias daqui para a frente! Neste momento, o que você *quer*, droga?!"

Olhei para ele, incapaz de falar qualquer coisa.

Meu coração martelava selvagemente. *Dê meia-volta! Mantenha-se firme! Pisque por último!* Minhas regras despencavam em queda livre. Senti que ele estava recuando de novo e puxei seu cinto com força para que ficasse parado. Nossos olhares se encontraram e tudo dentro de mim se dividiu, indo em direções opostas.

"Sim, eu quero beijar você, Jase Ballenger. Não para fazer uma cena nem para tirar o melhor da situação. Eu quero beijar você porque eu *o desejo*, desejo todas as suas partes, até mesmo aquelas que me enfurecem além da conta, porque você me intoxicou com um veneno do qual não quero me livrar, porque você é uma víbora ensandecida que se enroscou em volta do meu coração, tirando todo o meu ar, e, ainda assim, eu desejo você mais até do que desejo respirar. Sim, Jase, eu *quero* beijar você, apenas quero, mas eu não posso lhe prometer futuro algum."

Ele ficou me encarando, e era possível ver cada palavra que eu tinha dito passando através de seus olhos. Ele as media, revirando-as em sua cabeça, para então rejeitá-las e absorvê-las. Por fim, seus ombros relaxaram uma fração de centímetro.

"Veneno?" Sua boca se repuxou em um sorriso convencido. "Então deixe-me intoxicá-la um pouco mais."

Seria possível viver uma vida dupla? Servir a dois destinos fadados a uma colisão? Tecer mentiras com uma das mãos e desemaranhá-las com a outra?

Eu fora seduzida pela bondade dele, e agora todo o resto me cativava. Eu estava dançando sobre o fogo, esperando não me queimar.

Voltamos para a festa de mãos dadas. A música estava mais animada, a comida estava mais suntuosa, e levávamos talos invisíveis de dente-de-leão enfiados nos bolsos. *Seja honesta, ao menos com isso*. E eu fui.

Mesmo que as mesas estivessem arrumadas, o jantar era algo mais informal, com as carnes trazidas de poços fumegantes, e mais comida sendo disposta em cima das longas mesas no decorrer da noite. Jase me apresentou para quase todo mundo que estava ali, e mais de um convidado

demonstrou gratidão pela vinda da rainha para um passeio na região. A história já havia evoluído.

Quando finalmente tivemos um momento a sós, Jase me puxou de lado e seus lábios vieram de encontro aos meus, tranquilos, e uma onda quente se espalhou em meu peito.

"Viu com quem sua amiga está dançando?", ele perguntou.

Olhei por cima do ombro dele. Ela estava dançando com Mason, e ele não parecia feliz com a situação. Não era uma dança que requeria muito toque, apenas uma espécie de giga, comum em diversas regiões. Mas Synové estava cometendo muitos erros, e a versão dos Ballenger tinha um pulo ou dois a mais. Synové cutucava, brincalhona, as costelas de Mason enquanto eles giravam. Ele oferecia um tenso e educado sorriso em resposta, agindo como um anfitrião cordial, provavelmente sob as ordens de Jase. Ela estava radiante, suas bochechas brilhando de calor, seus longos cachos, de um dourado tão intenso quanto geleia de laranja, reluzindo à luz das lanternas e gingando no ritmo das cítaras e flautas. Às vezes, eu gostaria de poder ser como ela, mergulhar de cabeça em todos os momentos, com uma alegria capaz de cobrir qualquer escuridão à espreita aqui dentro.

Também avistei Wren.

"Eu me preocuparia mais com Aram e Samuel", foi minha resposta.

Eu os vi mais ao longe, um de cada lado dela. Um deles fazia manobras para tentar se esquivar da *ziethe* toda vez que Wren se virava.

"Eles não estão seguros com ela?", quis saber Jase.

"É claro que não, mas eles provavelmente acham que isso faz parte da diversão."

Jase sorriu e assentiu, concordando.

"E quanto a nós?", ele perguntou. "Deveríamos nos juntar a eles? Não dançamos ainda."

Eu já tinha fugido dessa pergunta duas vezes. Uma terceira seria algo óbvio demais. Eu não podia fingir que odiava dançar. Eu ainda me lembrava de enganchar minhas mãos no pescoço dele em uma noite no meio da planície de Jessop, dançando sob um céu iluminado pelo luar, com a grama ondulando em nossos tornozelos e grilos acompanhando a melodia que ele cantarolava em meu ouvido. Eu lhe dissera que gostaria de que aquela noite nunca acabasse.

Agora, parecia que *esta* noite nunca acabaria. Meu tornozelo havia piorado. Estava rígido e quente, e eu tinha certeza de que estava inchado, mas não me atrevi a dar uma espiada sob o vestido. O efeito do remédio tinha passado e a dor circulava pela minha perna como um ferro afiado que, a cada momento, arrancava um pedaço da minha carne. Até mesmo a minha coxa ardia. Uma fina camada de suor se formava na linha dos meus cabelos. Quando Jase comentou sobre as minhas costas molhadas de suor, eu respondi que a noite estava quente.

"Tudo bem", respondi. "Vamos nos juntar a eles."

Talvez eu pudesse suportar uma dança breve e o assunto seria deixado de lado. Nada de pular, apenas me mexer de um lado para o outro.

Havíamos avançado apenas alguns passos em direção ao quadrado iluminado pelas lanternas penduradas quando Jase parou.

"Qual é o problema?"

"Como assim?", perguntei.

"Você está mancando."

Olhei para ele, tirando algumas mechas suadas de cabelo da minha testa. Abri um sorriso forçado.

"São só esses sapatos. Não servem direito."

"Tire-os. Aqui, deixe-me ajudá-la..."

Ele começou a se curvar.

"Não!", eu disse alto demais.

O suor escorria pelas minhas costas e a dor já estava esmagando o meu crânio, então, de repente, passou pela minha cabeça que talvez os cachorros tivessem alguma doença. E se...?

"Kazi." O olhar de Jase estava sério. Ele sabia.

Vire o jogo, Kazi. Ele está vendo suas mentiras.

Meus pés cederam e eu tropecei, caindo para a frente, mas Jase segurou o meu braço antes que eu fosse ao chão. Ele murmurou algo baixinho enquanto me levantava e então viu a bandagem.

Fiquei olhando-a fixamente, horrorizada. Estava ensanguentada. O sangue das feridas vazava pelo curativo.

"Que diabos...?"

"Jase, por favor..."

Meu rosto foi tomado por um calor nauseante, e Jase mandou chamar Tiago e Drake. Ele me carregou para longe dos convidados por um

caminho escuro, ordenando que Drake chamasse a curandeira e Oleez. Portas se abriram, batendo contra as paredes, e um longo corredor subia, descia e ondulava ao meu redor. Jase me deitou em um sofá e encontrou um travesseiro para colocar atrás da minha cabeça.

"O que aconteceu?", ele me perguntou em um tom exigente. Ele já estava começando a tirar a bandagem do meu tornozelo.

Deliberei sobre a possibilidade de tentar contar a verdade ou, pelo menos, uma versão dela. De repente fui acometida por calafrios, e uma violenta câimbra na minha barriga fez com que eu me dobrasse ao meio. Doença. Os cães deveriam estar com alguma doença.

Vairlyn, Jalaine e duas outras mulheres entraram correndo depois de Drake, e o aposento se tornou um turbilhão caótico de perguntas.

"Foram os cachorros", respondi. "Eu estava com receio de contar. Sinto muito."

"*Quais cachorros?*"

"Fale mais baixo, Jase!", ordenou Vairlyn.

"Nos túneis", falei. "Eu..."

"*O que é que você estava fazendo nos túneis?*"

Jalaine empurrou o ombro de Jase. "A mãe mandou você parar de gritar!"

"É culpa minha", disse Vairlyn. "Eu havia prometido que você lhe mostraria as catacumbas hoje à tarde."

"A culpa é do Jase!", disse Jalaine, com raiva. "Eu disse que ela queria dar uma volta por lá."

"Saia já daqui, Jalaine!", gritou Jase. "Nós já estamos irritados o suficiente sem que você..."

"Eu não vou..."

"Afastem-se e me deem um pouco de espaço." Uma mulher alta e magra foi abrindo caminho com os cotovelos e então puxou meu vestido para dar uma olhada na minha perna. "Sim, definitivamente ela foi mordida pelos *ashti*. Veja a marca em forma de aranha subindo pela coxa. Uma criada está trazendo a minha bolsa."

A atenção de Jase se voltou da curandeira para mim. "Os *ashti* ficam muito depois da entrada das catacumbas. O que fez você seguir por aquele caminho?"

"Eu estava desnorteada. Eu..."

"Lá não há nenhuma placa que diga *catacumbas*, Jase!", interrompeu-o

Jalaine. “Como é que ela ia saber?”

Mais um espasmo tomou conta do meu abdome e Jase recomeçou a gritar, desta vez com a curandeira. Pelo menos, acho que era isso que ele estava fazendo. Eu não tinha como ter certeza. Os lábios dele se moviam fora de sincronia com o som que eu estava ouvindo, ecoando de maneira truncada.

Eu me contorcia de dor, afundando os dedos na barriga. E então eu vi a Morte se espremendo para entrar no aposento lotado, exibindo um largo sorriso, à espera no canto, seu dedo ossudo apontado para mim. *Você mesma, você é a próxima.*

“Não”, gritei. “Ainda não! Não hoje!”

O espasmo por fim passou, e eu vi a mão de alguém deslizar no ar, acertando a lateral da cabeça de Jase. A mãe dele.

“Você ouviu o que ela falou! Afaste-se! Abra espaço para a curandeira trabalhar.”

A curandeira levou um copo aos meus lábios, encorajando-me a sorver um gole de um líquido azul amargo. Quase vomitei quando o engoli.

“Isso vai ajudar. Aqui, tente engolir. Um pouco mais. Está bem.”

Ela usou mais um pouco do pó azul para fazer uma pasta e aplicou-a sobre as feridas na minha perna. Ouvi-a gemer e lamentar.

“Este aqui terá de levar pontos. Hum, aqui tem mais um. Em que você estava pensando, menina? Aqui, tome um gole disso agora. Isso vai fazer você dormir enquanto eu costuro o ferimento. O antídoto deve surtir efeito logo. Você estará bem pela manhã.”

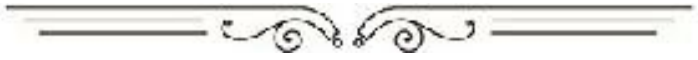
“Antídoto?”

“Os cães que lhe morderam são venenosos”, disse Jase. “Sem o antídoto, você estaria morta até o fim da semana, uma morte demorada e agonizante.”

Cães venenosos?

O pensamento se perdeu em meio a uma nuvem de tantos outros, e minhas pálpebras foram ficando pesadas. A última coisa que eu vi foi um estreito cintilar de aço e um fio sendo puxado por seu orifício.

CAPÍTULO 29



JASE

A CABEÇA DE KAZI ESTAVA REPOUSADA NO MEU PEITO, EM UM sono profundo, enquanto eu a carregava de volta a seu quarto, mas palavras perturbadas saíam aos tropeços de seus lábios. *Não me machuque... Eu não tenho nada... Por favor... não faça isso.* Ela havia murmurado palavras similares na sala de visitas, enquanto a curandeira dava pontos em seus ferimentos. *Por favor, não me machuque.* As palavras dela trouxeram um silêncio esmagador para a sala.

"*Shhh*", sussurrei enquanto virávamos e descíamos pelo último corredor, "ninguém vai machucar você." Quando chegamos ao quarto, sua expressão estava mais relaxada e ela ficou em silêncio, atraída para um profundo sono de esquecimento. Eu ainda não sabia como ela havia escondido os ferimentos de mim durante metade da noite. Só as mordidas já deviam ter sido insuportáveis, e depois o veneno...

Minha mãe andava na minha frente e abriu a porta do quarto com força. Carreguei Kazi lá para dentro e deitei-a na cama. Ela nem pestanejou. Procurei sentir sua pulsação no pescoço, a única coisa que me diria se ela estava realmente viva.

"É o elixir do sono", disse a minha mãe, como se pudesse ler minha mente.

Nós dois ficamos ali por longos minutos carregados de silêncio, com nossos olhares fixos nela.

Eu sabia em quem a minha mãe estava pensando. *Sylvey.*

A cor da pele não era a mesma, mas, dormindo, Kazi se parecia com ela

de muitas formas. Pequena, vulnerável, engolida por um oceano de roupas de cama desgrenhadas. Sylvey tinha onze anos quando morreu. Fui eu quem a carregou do banho de gelo de volta para sua cama. Ela morreu nos meus braços.

Segure a minha mão, Jase. Prometa-me que não vai soltá-la, ela gritara com suas últimas forças. *Não deixe que me coloquem na tumba. Tenho medo.* Eu pensara que aquelas eram apenas palavras delirantes trazidas pela febre.

Pare de falar essas coisas, irmã. Você vai ficar bem.

Prometa-me, Jase, que não vai me colocar lá. Não na tumba. Por favor, prometa.

Mas eu não prometi. Os lábios dela estavam pálidos e descascavam, os olhos fundos, a pele fria e úmida, a voz fantasmagórica; eram já todos os sinais de que ela estava deixando este mundo. Mas eu havia me recusado a vê-los. Eu não aceitava que um Ballenger pudesse morrer. Muito menos Sylvey.

Vá dormir, irmã. Durma. Você ficará bem pela manhã.

Então ela relaxou nos meus braços. Achei que estivesse dormindo. Minha mãe havia saído do quarto por apenas uns minutos para ver como estavam os meus irmãos, também doentes. Quando ela voltou, Sylvey estava morta em meus braços.

Minha mãe enxugou a testa de Kazi com um pano.

"Você foi duro com ela", disse minha mãe.

"Eu só estava tentando conseguir respostas."

"Eu sei." Ela puxou uma banqueta para perto da cama. "E você estava com medo. Vou ficar sentada aqui com ela. Vá encontrar as suas respostas."

O ar estava úmido como sempre por aqui. Era como se as respirações frias dos mortos ainda pairassem na escuridão, incapazes de fugir. Os túneis eram ao mesmo tempo um santuário e uma prisão, desprovidos de ventilação, assim como a tumba da qual Sylvey me pedira para ser salva. Ouvi o silêncio, o som solitário das minhas botas raspando nas pedras do chão, e imaginei Kazi entrando sorrateiramente aqui, sem ser notada. O túnel agora estava deserto, exceto pelos guardas na entrada, mas hoje, quando ela estivera aqui, provavelmente havia dezenas de trabalhadores — e nenhum deles a impedira de entrar?

Ainda assim, olhei para as carroças estacionadas ao longo do perímetro, para os estrados, para as sombras, todos possíveis esconderijos se a pessoa fosse cuidadosa, e a distância era curta entre o pátio de trabalho e o local onde um outro conjunto de túneis se ramificava, formando um T e separando-se do primeiro. Parei na frente do brasão de armas desbotado que marcava a entrada mal iluminada pela luz da lanterna, a única indicação de que as catacumbas ficavam por esse caminho.

Você foi duro com ela.

Eu me lembrei de ter gritado, de me sentir fora de controle. Em um minuto eu estava pensando em dançar e, no outro, removia uma bandagem ensanguentada de sua perna enquanto ela se dobrava ao meio de dor. Alguma coisa estava acontecendo bem debaixo do meu nariz, e eu não tinha visto. *Eu estava com receio de contar*. Será que eu tinha me recusado a enxergar? Pensei nas costas dela molhadas de suor. Eu tinha notado o filete de suor em sua testa também. *A noite está quente*. Não estava tão quente assim, havia até uma brisa. Mas eu havia aceitado a explicação dela e me permiti ser distraído por outros detalhes.

Passei pela entrada que dava para as catacumbas e fui andando até a extremidade onde Kazi estivera — tão longe e fora do caminho. Virei a última curva e vociferei um comando para os cachorros, que não estavam à vista. Eles saíram de suas alcovas para me cumprimentar, gemendo e murmurando, abanando os tocos dos rabos na esperança de ganhar um afago atrás das orelhas. Os *ashti* se pareciam com quaisquer outros cachorros, embora no tamanho estivessem mais para lobos cinzentos — e astutos. Eles poderiam tê-la matado. Eles já haviam matado antes. Os reflexos de Kazi devem ter sido rápidos para ela ter conseguido escapar deles.

Os cães mantinham os intrusos afastados, mas os possíveis invasores, em sua maioria, ficavam mais apavorados com a possibilidade de morrer pela mordida venenosa do que com a ideia de ser dilacerados por eles. Era uma forma nada agradável de morrer, e poucos tinham o antídoto.

O antídoto vinha do extremo norte, local de origem dos próprios cães. O remédio nos foi dado pelos comerciantes kbaaki há muitas gerações, depois que lhes oferecemos refúgio durante uma tempestade de neve. O antídoto de aspecto leitoso não podia ser produzido aqui, por isso os kbaaki nos traziam uma provisão uma vez por ano, quando faziam sua

peregrinação em direção ao sul.

Eu me curvei, aproximando a tocha do chão. Havia uma mancha ali que parecia ter sido esfregada. Ela se dera tempo para limpar o sangue, tentando cobrir seus rastros. Por quê?

As palavras de Mason me aferroavam repetidamente, como uma vespa recusando-se a morrer.

Não dá para confiar nela.

Dei um passo em direção à porta e verifiquei a tranca. Estava travada e parecia que ninguém havia mexido nela. Eu me virei e afaguei as orelhas de cada um dos cachorros, e eles deram pequenos gemidos de apreciação.

Era verdade: não havia indicações para as catacumbas. A pessoa teria de saber para qual lado virar. Mas o que a levara a ultrapassar duas outras passagens e seguir por todo o caminho até aqui? Apenas curiosidade? Eu havia lhe contado sobre as catacumbas nos primeiros dias em que estivemos juntos. Ela ficara fascinada pela ideia de um abrigo entalhado em uma montanha de granito, e por toda a história e os relatos que ali tiveram início. Mesmo sabendo que ela não acreditava naquilo tudo, eu tinha ficado feliz com sua demonstração de interesse genuíno. Não era surpreendente que quisesse visitar a fonte das minhas declarações, e, a essa altura, eu já deveria saber que Kazi não esperava permissão para nada.

Certifique-se de separar um tempinho para dar uma volta por lá, Jase. Kazi quer ver as catacumbas. Jalaine tentara dizê-lo de forma casual enquanto partia para a arena esta tarde, mas seu tom estava cheio de orgulho. Kazi era vendana, uma forasteira, e queria ver as catacumbas. Esse reconhecimento, para nós, era um sinal de respeito. E eu achava que, para Jalaine, isso significava aproximar Kazi de nosso círculo interno — as catacumbas eram o nosso início, o local onde se deu o começo de nossa educação, a fonte de grande parte de nossa história.

Sem as catacumbas, nenhum de nós estaria aqui. Agora, elas não passavam de uma relíquia cheia de pó, abandonada. Nash e Lydia ainda faziam algumas transcrições por lá, assim como todos nós uma vez fizemos, mas havia meses que eu não aparecia ali. Apesar dos móveis quebrados e apodrecidos, o lugar ainda era notável de várias formas, o filtro natural da montanha ainda provia ar e água frescos, mas, exceto por isso, as catacumbas eram inabitáveis — em parte, propositalmente. Elas deveriam ser lembradas e mantidas da maneira como haviam sido no

passado.

A culpa é do Jase.

Voltei para a casa principal. As criadas ainda limpavam os jardins depois da festa. Todos os convidados já haviam ido embora ou se retirado para Greycastle. Wren e Synové quase arrancaram Kazi dos meus braços quando irromperam na sala de visitas. Não havia confiança ali, e elas presumiram o pior até que viram a curandeira e Kazi já com pontos nos ferimentos. Então, uma expressão de culpa inundou a ambas. Elas sabiam que Kazi tinha sido mordida e também não haviam falado nada sobre isso. É claro que não tinham como saber que as mordidas dos cachorros eram mortais. Com a garantia de que a amiga ficaria bem, elas se deixaram acompanhar de volta até a estalagem.

Abri a porta do quarto de Kazi. Minha mãe ainda estava sentada na banqueta, e Oleez tinha se acomodado na cadeira do outro lado da cama. Notei que o vestido de Kazi tinha sido substituído por uma camisola, e seus cabelos, destrançados no topo de sua cabeça, caíam em ondas soltas pelo travesseiro.

"Vou ficar aqui sentado com ela agora", falei. "Podem ir."

Assim que elas se foram, me aproximei e olhei para Kazi, ainda perdida no mundo onírico ao qual fora levada pelas drogas que lhe deram, seu peito subindo e descendo com a respiração suave e reconfortante.

Você estava observando o meu peito?

Eu me lembrei de quando ela me pegou nessa confissão. Em como eu havia tropeçado nas palavras, tentando me explicar, como se tivesse doze anos de idade. Nós dois havíamos desconfiado um do outro. Aquele dia parecia ter acontecido um século atrás.

Tirei as botas e me deitei na cama ao lado dela, puxando-a para perto de mim. Ela se aninhou com um murmúrio suave, entrelaçando seu braço no meu.

Você me intoxicou com um veneno do qual não quero me livrar.

Fiquei ali deitado ao lado dela e, mesmo que a curandeira tivesse me garantido que ela ficaria bem, pressionei os dedos em seu pulso, sentindo o tamborilar de sua pulsação.

Não posso lhe prometer futuro algum.

E isso era tudo o que eu queria.

CAPÍTULO 30

KAZI

QUANDO EU ME AGITARA LOGO ANTES DA ALVORADA ESTA manhã, eu o fiz em resposta a uma memória, um cheiro, um toque. *Jase.* Ele estava beijando o meu pescoço. Nós dançávamos sob o luar. Ele pressionava o talo de dente-de-leão no meu tornozelo e sussurrava sobre o amanhã. Mas, quando abri os olhos e estiquei a mão para tocá-lo, ele não estava ali, e o pesadelo da noite anterior voltou, atingindo-me como um dilúvio. Será que eu tinha sonhado tudo aquilo?

A dor horrível e as câimbras haviam desaparecido, mas, quando eu mexia os dedos dos pés, ainda os sentia desconfortáveis e enrijecidos. Eu me lembrava da raiva de Jase e de suas perguntas cheias de acusações, e, quando ele entrou pela porta com uma bandeja de café da manhã alguns minutos depois, eu me preparei para o pior. No entanto, ele apenas colocou a bandeja em uma mesinha de canto e não fez qualquer menção à última parte da noite passada, mas a tensão por tudo aquilo que ele não estava dizendo transparecia em seus movimentos rígidos.

"Jase, sobre a noite passada..."

"Sinto muito por ter gritado", disse ele, "especialmente quando você estava sentindo tanta dor. Eu deveria ter avisado sobre os cachorros. Aí talvez você não teria passado sorrateiramente pelos guardas."

Ah, ali estava. Uma acusação disfarçada de pedido de desculpas.

"Eu não passei sorrateiramente pelos guardas, Jase. Eu simplesmente passei, e eles não me pararam. Acho que eles nem me notaram em meio a toda aquela agitação. Eu não sabia que precisava de permissão para visitar

as catacumbas. Preciso?"

Mil perguntas rodopiavam atrás dos olhos dele. Jase voltou a olhar para a bandeja e serviu chá quente para mim.

"Pretendo levar você até lá agora mesmo. Quer ir?"

Agora? Eu sabia que minha resposta teria de ser sim. Engoli rapidamente o meu café da manhã e partimos em direção às catacumbas. Eu ainda mancava, mas não estava tão mal quanto parecia. Jase diminuiu o ritmo de seus passos enquanto caminhávamos.

Viramos na primeira passagem e nos detivemos depois de andar cerca de vinte metros, quando chegamos em uma imensa porta de aço. Ele girou a roda que havia no meio da porta e uma eternidade se passou antes de ouvirmos sonoros *tunc* e *chinc* e *vuuush*, como se uma centena de travas tivessem saído de seus lugares.

"Afaste-se", ele alertou.

A porta parecia grande demais para que ele pudesse empurrar sozinho. Tinha o dobro de sua altura e era larga o bastante para permitir a passagem de duas carroças, mas, ainda assim, a porta se moveu com facilidade ao toque dele. Então oscilou e abriu, como se fosse o estômago infinito de alguma fera antiga e faminta, revelando uma caverna escura atrás. Foi como se a eternidade daquele mundo bolorento atrás da porta esticasse a mão e me agarrasse com expectativa. Se havia algum lugar por onde os fantasmas caminhavam, esse lugar era aqui.

"Espere um pouco", disse Jase, avançando.

Ouvi o som de algo se agitando, e então um leve tremeluzir foi seguido por um rompante de luz que iluminou toda a caverna com um estranho brilho amarelo.

Ele acenou para que eu entrasse, explicando que ali dentro havia um sistema de iluminação que se valia de milhares de espelhos. Uma única lanterna poderia iluminar uma sala inteira.

Diante de nós havia um corredor brutamente talhado na montanha de granito, e cada um dos lados era coberto por prateleiras de aço vazias. Pelo menos metade delas tinha caído, amontoando-se no chão. Vigas enferrujadas se projetavam para cima como ossos quebrados.

"Os aposentos da família estão em melhores condições. Por aqui", disse ele.

"E aquilo ali?", perguntei, apontando para uma outra porta de aço.

“Nós a chamamos de estufa”, disse ele, “mas é apenas uma caverna. A única forma de entrar aqui sem ser pela porta é por um buraco que fica uns trinta metros acima e que deixa entrar água e luz do sol o bastante para garantir a vida de todo o resto.” Ele disse que a área tinha crescido em demasia e que uns poucos animais que sobreviviam à queda no buraco, como cobras, texugos e esquilos, viviam ali dentro. Uma vez eles haviam encontrado ali um urso candok ferido. Os primeiros Ballenger incursionaram por lá e até mesmo cultivaram algumas coisas para sobreviver. “Eu mostro a você uma outra hora. Nós não entramos ali, a menos que estejamos armados com lanças e redes.”

Viramos por uma outra passagem e nos deparamos com uma porta menor e mais comum. Jase abriu-a e acendeu outra lanterna.

Não era o que eu esperava. Um calafrio desceu pela minha espinha. As grossas estruturas de metal de centenas de camas ladeavam as paredes como em um alojamento de quartel. Algumas haviam desmoronado, porém a maior parte estava de pé, como se ainda esperasse por ocupantes. Os colchões estavam corroídos, e os filamentos de tecido pendiam das estruturas como se fossem saias fantasmagóricas. As paredes de textura lisa eram de um estranho e manchado tom de cinza.

“O que era este lugar?”, perguntei, por fim.

“Foi aqui que as coisas começaram”, ele respondeu. “Era para ser um abrigo para centenas de pessoas. Apenas vinte e três conseguiram chegar até aqui.”

“Mas e a escrita?”, eu disse, enquanto caminhava pelo corredor entre as camas. Palavras cobriam cada centímetro das paredes. Milhares de palavras escritas em um idioma que eu não conhecia. Jase disse que era a versão mais primária de landês, um idioma que sofrera mudanças no decorrer dos séculos, mas eu de fato reconheci alguns nomes — estes não haviam mudado. Eu vi os de Miandre e Greyson. E mais nomes, Leesha, Reyn, Cameron, James, Theo, Fujiko, Gina, Razim.

“Foi a última ordem de Aaron Ballenger — escrever todos os nomes que conseguissem lembrar. E foi o que fizeram. Não havia papel, então eles usaram as paredes. Há mais deles. Por aqui.”

Ele me conduziu para dentro de outro quarto, e então mais um. Uma cozinha, um escritório, um quarto para os doentes, tudo coberto de palavras. Não havia nenhum critério que definisse onde ou como eles

escreviam. Algumas sentenças tomavam a extensão do quarto em grandes letras de forma. Outras se agrupavam em círculos tão minúsculos que mal eram legíveis.

"Com todos esses aposentos? Suprimentos? E não havia papel?"

"Eles queimaram os papéis para usar como combustível." Ele apontou para as prateleiras vazias no escritório. "Essas prateleiras provavelmente estavam repletas de livros. Eles ficaram presos aqui dentro por muito tempo. Os abutres esperavam por eles lá fora."

"Você sabe o que tudo isso quer dizer?"

Ele assentiu e olhou para um grupo de palavras ao lado dele.

"Este é um dos meus trechos prediletos."

Ele o traduziu para mim.

> *Odeio Greyson. Ele está olhando por cima do meu ombro enquanto eu escrevo isso. Quero que ele saiba que eu o odeio com o fogo de mil carvões ardendo. Ele é cruel e selvagem e merece morrer.*
>
> ***— Miandre, 13 anos —***

"Mas eles não eram...?"

Jase abriu um sorriso presunçoso. "Anos depois. Eu acho que ela mudou de ideia."

"Isso ainda não diz muita coisa a favor de seu reverenciado líder."

"Ele tinha catorze anos. Manteve a todos vivos. Esses fatos dizem tudo."

"Por que eles anotaram suas idades depois de cada registro?"

"Aquilo ali pode explicar por que eles faziam isso", disse, cruzando o aposento até a parede oposta e agachando-se para ler um registro que estava perto do chão.

> *Hoje é aniversário da Fujiko. Miandre fez um bolo com uma ração de farinha de milho. Ela disse que celebrar aniversários era um costume e que nós devemos fazê-lo porque não sabemos quantos mais teremos. Todo ano é uma vitória, ela disse.*
>
> *Quando terminarmos de comer o bolo, escreverei todas as nossas idades ao fim de nossos registros.*
>
> *Algum dia escreveremos 20, 30 ou 40 anos, eu digo para todo mundo.*
>
> *Até lá, nós teremos ficado sem paredes para escrever, diz Miandre.*

Até lá teremos paredes novas, respondi.
Foi a primeira vez que pensei em um futuro, em um mundo que sempre girou em torno do Depois. A torre da Vigília de Tor é o nosso novo Começo.

— Greyson Ballenger, 15 anos —

"Você não acha estranho que eles tenham escrito seus pensamentos nas paredes para todo mundo ver?"

"Acho que tudo em relação à vida deles era estranho. Viver aqui era estranho. Talvez, quando as pessoas estão lutando para sobreviver, elas sintam necessidade de compartilhar coisas com os outros... Até mesmo seus segredos mais profundos."

Eu soube que, ao dizer essas últimas palavras, seus olhos não se fixaram novamente em mim por acaso. Escavando, buscando respostas. Será que ele ainda suspeitava de alguma coisa em relação ao meu encontro com os cachorros?

"Talvez", respondi.

"Não podemos julgar um mundo apenas com base naquele em que vivemos. Eu tento ver tudo isso através dos olhos deles, e não dos meus."

Ele foi andando até uma outra parede e leu mais coisas para mim. Apenas seis daqueles que viviam aqui testemunharam a queda das estrelas. O restante nasceu depois. Dos seis, apenas alguns — Greyson, Miandre, Leesha e Razim — tinham alguma lembrança do mundo dos Antigos. Eles viram as ruínas antes que elas tivessem, de fato, se tornado ruínas. Eles viveram nas torres brilhantes que se erguiam em direção aos céus, voaram em carruagens aladas e se lembravam de todos os tipos de magia que os Antigos controlavam com as pontas dos dedos — a luz, as vozes, o sucumbir das leis da terra para que eles pudessem voar alto acima dela. Uma coisa era certa: essas crianças estavam liderando e protegendo outras crianças de predadores.

Isso explicava muita coisa em relação aos Ballenger.

E me fazia pensar na possibilidade de ser verdadeira a sua reivindicação: de que eles eram o primeiro reino. Ao que parecia, a torre da Vigília de Tor começara a existir menos de uma década depois da devastação. Morrighan foi estabelecida seis décadas depois. Os outros reinos, séculos depois. Lembrei de que todos nós havíamos reagido com descrença quando

Pauline nos contou pela primeira vez histórias diferentes daquelas que os vendanos conheciam.

Jase cruzou a sala para ler mais registros nas paredes.

Eles prometeram que iriam embora se lhes déssemos provisões. Em vez disso, esfaquearam Razim e tentaram levar mais coisas. Não sabemos se ele irá sobreviver. Não aguento mais chorar. As catacumbas estão cheias de camas, mas não há nenhuma arma. Eu uso ferramentas para desmontar uma delas e empunho o metal, testando-o com o meu braço. Se estivesse afiado, daria uma boa lança, e centenas de camas poderiam ser transformadas em centenas de lanças.

— Greyson, 15 anos —

Razim se recuperou. Agora ele é um Razim mais raivoso e mais durão. Ele afia lanças o dia todo. Eu o ajudo. Nunca teremos lanças suficientes, pois mais abutres sempre virão.

— Fujiko, 12 anos —

Meu avô era um grande homem e regia uma grande terra. Faz um ano que ele está morto. Se algum dia sairmos daqui, voltarei para o lugar onde ele morreu e lhe darei um enterro apropriado. Empilharei pedras em sua honra. Não sou um selvagem — como pensa Miandre —, mas às vezes sou forçado a fazer escolhas selvagens. Há uma diferença aí.

— Greyson, 15 anos —

Ergui o olhar e me deparei com Jase me analisando. Ele não estava lendo os registros para mim, mas recitando-os de cabeça. Seus ombros estavam nivelados, seu queixo, erguido, e sua postura era a de uma muralha impossível de ser movida.

"Por que você me trouxe até aqui, Jase?"

"Quero que você conheça a nossa história e entenda um pouco mais sobre quem nós somos antes de sairmos daqui."

"Sairmos daqui? O que você quer dizer com isso?"

Ele explicou rapidamente. Os suprimentos tinham chegado, e partiríamos nesta mesma manhã para o local do assentamento. Era um

bom momento. As coisas estavam calmas por enquanto, mas, ainda assim, ele não poderia ficar fora por mais de um dia.

"Mas você disse..."

"Não mais de um dia, Kazi. Concordei em ajudar e farei isso. Vou cavar e instalar uma ou outra estaca para as cercas, e me certificar de que os planos sejam estabelecidos, mas, amanhã de manhã, devo retornar à torre da Vigília de Tor. Minhas maiores responsabilidades estão aqui. Eu já fiquei fora por muito tempo. Não posso desaparecer de repente e por vários dias mais uma vez."

"E quem é que vai se certificar de que o trabalho será feito?"

"Um dos meus irmãos ou outra pessoa em quem eu confio estará sempre supervisionando as obras."

Revirei os olhos. "Espero que não seja o Gunner."

"Ele fará as coisas conforme eu lhe pedir."

"Certo. Você é o *Patrei*. Só para você saber, títulos não impressionam os vendanos."

"Então nós temos algo em comum."

Conforme deixávamos as catacumbas, parei um pouco e olhei para o lado oposto. Em algum lugar no fim deste longo e escuro túnel havia uma porta trancada, cachorros venenosos e, talvez, segredos venenosos.

"Vá em frente", disse Jase. "Pergunte."

"O que há atrás daquela porta?"

"Nós, Kazi. Nós estamos atrás da porta. Não há nada do outro lado. É apenas outro portal por onde se pode entrar e sair da torre da Vigília de Tor. Toda boa fortaleza tem mais de uma saída. Caso contrário, poderíamos ficar presos dentro dela. Essa porta dá para um caminho que segue até a parte de trás da torre da Vigília de Tor. É um caminho estreito e mais traiçoeiro, mas é uma saída. Ou uma entrada. Nós temos de mantê-la protegida."

Uma saída? Eu havia imaginado algo bem mais sinistro do outro lado da porta, como uma sala grande e escura com Illarion sentado bem no meio dela, se escondendo do mundo. Voltei a pensar no embaixador, a quem eu havia esfaqueado sem querer, e no rosto que eu procurara repetidas vezes e que nunca se materializara. Eu me perguntava se o capitão também

poderia ser um fantasma elusivo, que não estivesse escondido atrás de nenhuma porta, tão longe deste mundo quanto o rosto que me assombrava.

A linha de luz que eu tinha visto poderia ser o sol brilhando atrás da porta. E eu também tinha sentido uma corrente de ar soprar por debaixo dela. Talvez fosse isso mesmo. Talvez se tratasse de um simples portal guardado por cães, assim como os portões da frente.

"Quando voltarmos, mostrarei a você. Agora não é hora para isso."

Assenti. Forçar a barra revelaria que eu estivera à procura de alguma coisa, e não apenas perdida, e, considerando sua disposição em me mostrar o local, não parecia que ele estava escondendo algo ali.

Porém, quando chegamos ao túnel principal, notei que havia um guarda posicionado na entrada. Ele não estava lá antes.

"Um novo guarda?", perguntei.

"Sempre há um guarda a postos por aqui. Ele devia estar se movimentando quando você esteve aqui ontem."

A cada quilômetro que viajávamos, a tensão ficava maior. Jase cavalgava na frente com os irmãos. Mais pessoas seguiam atrás de nós — *straza* e condutores com carroças vazias para levar os vendanos e seus pertences até o novo local. Jalaine e Priya também quiseram vir, mas Jase disse que precisava mais delas de olho nos livros e nos comércios na arena do que montando cercados de galinheiro ou cavando buracos para as estacas das cercas.

Até mesmo Aram e Samuel, que eram de longe os mais sociáveis dos meninos, estavam tensos e silenciosos na maior parte do tempo. Eles tinham olhado para Wren apenas uma vez. Agora estava claro o que Jase queria que eu entendesse hoje de manhã — embora os Ballenger fossem cumprir com sua parte do acordo, eles não fingiriam que isso os agradava.

"Vai ser bem divertido quando o jantar for servido hoje à noite", disse Synové com sarcasmo. Jase havia insistido que Wren e Synové viessem também, para ajudar na mediação entre os Ballenger e os assentadores.

Era difícil para nós três conversarmos livremente enquanto cavalgávamos. Um vento ríspido em nossas costas levava as palavras adiante.

“Parece que você perdeu alguns admiradores”, sussurrei.

Wren soltou uma bufada como se não se importasse.

“Em algum momento você chegou a descobrir quem era quem?”, eu quis saber.

“Fácil”, foi a resposta de Wren. “Samuel tem cílios mais longos do que Aram. E, de costas, dá para saber pelos cachos dos cabelos deles.” Ela fez um movimento apontando para os rapazes, que cavalgavam lado a lado com Mason. “Samuel é o da direita. Aram, o da esquerda.”

Os dois tinham cabelos lisos.

Synové e eu olhamos uma para a outra, perplexas, e demos risada.

Por mais amargurados que os meninos Ballenger estivessem em relação a este dia, Synové estava efusiva. Ela não se preocupava se sua voz estava sendo levada adiante pelos ares e, de fato, às vezes era esse o seu objetivo. Ela falava sobre a extrema tolice de manter cachorros venenosos, da superioridade do aço vendano e de como seu vestido se ajustara perfeitamente bem em seu corpo na noite passada, tão macio era o tecido. A maior parte de suas provocações tinha Mason como alvo. Ele a ignorava por completo, mas suas reações podiam ser vistas pela maneira como inclinava a cabeça, como se ele estivesse tentando se livrar de um torcicolo no pescoço. Ela falava sobre sua habilidade na dança, que ele seria um bom dançarino se não parecesse ter quatro pés em vez de dois. Pés enormes que sempre se metiam no meio do caminho.

“E olhe só”, disse Synové bem alto. “Eu gostaria que alguém o fizesse parar com isso. Ele não consegue tirar os olhos de mim!”

Mason, como era de se imaginar, balançou a cabeça, frustrado, certamente contando os quilômetros para chegarmos ao assentamento. Todas nós rimos em silêncio.

Quando já estávamos nos aproximando do assentamento vendano, antes do meio-dia, Jase veio galopando até mim. Havíamos acordado que ele deveria se aproximar do assentamento comigo a seu lado, enquanto seus irmãos e o restante do pessoal ficariam atrás, incluindo seus *straza*, de modo que não parecêssemos um exército hostil prestes a atacá-los.

“Está na hora. Estamos chegando perto”, disse Jase, e eu fui cavalgando na frente junto com ele.

Seu maxilar estava cerrado. Isso ia contra tudo em que ele acreditava, era como a concessão de um prêmio àqueles que haviam invadido suas terras.

"Lembre-se disso, Jase. Oficialmente, não é a sua terra. Faz parte do Cam Lanteux e lhes foi concedida pelo rei da Eislândia. Eles também têm um motivo para estar com raiva."

Eu sabia que esse era um ponto delicado para ele, mas tinha de ser dito. Assim como ele quisera me fazer entender o modo de pensar de sua família hoje de manhã, eu precisava que ele compreendesse o pensamento de Caemus e dos outros. Ele não seria recebido de braços abertos e com gratidão.

Ele estava em silêncio e seus olhos permaneceram fixos nas colinas que se desenrolavam diante de nós, esperando que o assentamento surgisse de trás de uma delas.

"Como está o seu tornozelo?", ele me perguntou, por fim.

"Melhor do que o seu maxilar."

Ele se virou e olhou para mim. "Como assim?"

"Pare de apertar seu maxilar assim."

Seus olhos estavam gélidos e o maxilar permaneceu rígido.

Por fim, o assentamento foi surgindo. Nossa longa fileira de cavalos e carroças deveria ser uma visão formidável. Um por um, os assentadores se reuniram na frente de suas casas carregando enxadas, pás e piques. Quando ainda estávamos a uma boa distância deles, Jase ergueu a mão para a fileira que vinha logo atrás de nós, fazendo sinal para que parassem e esperassem.

Conforme nos aproximamos, Jase se deteve e olhou para o celeiro, que fora totalmente queimado até sobrarem apenas as estruturas, um esqueleto pronto para cair ao menor sinal de vento forte. Ele passou os olhos pelos abrigos carbonizados ao redor, e depois olhou para os chiqueiros, que estavam quase vazios. Apenas umas poucas galinhas bicavam e raspavam o chão perto de uma gamela de barro. A grama tostada chegava até as casas. A única coisa ainda verde era o pequeno jardim de vegetais que tínhamos visto Caemus capinando da última vez que estivemos aqui. Os assentadores pareciam estar prontos para defendê-lo até a morte.

"*Watavo, kadravés!*", gritei. "*Sava Kazi vi Brightmist. Le ne porchio kege Patrei Jase Ballenger ashea te terrema. Oso tor...*"

Caemus olhou com ódio para Jase. "*Riz liet fikatande chaba vi daka renad!*"

Olhei para Jase, mas não me atrevi a traduzir o que Caemus disse.

"Ele está feliz em vê-lo", falei.

Jase fechou a cara e desceu de seu cavalo, ignorando a minha mediação.

"Você entende landês?", ele perguntou a Caemus.

"Nós entendemos", foi a resposta dele.

"Que bom. E eu entendo o suficiente de vendano para saber quando sou chamado de traseiro de cavalo. Vamos esclarecer isso agora mesmo, Caemus. Vou lhes oferecer um trato, e é um trato e tanto. Mas ele serve apenas para este exato minuto, aqui e agora, e nunca mais vai acontecer porque eu espero não ter de colocar os olhos em vocês novamente depois de hoje. Nós vamos mudar vocês de lugar. Tudo. E vamos reconstruir seu assentamento em um pedaço de terra melhor, bem longe de nós." Jase cuspiu os termos e os detalhes com firmeza, e depois lançou mais um longo e escrutinador olhar aos edifícios queimados. "Nós pegamos seu *shorthorn* como pagamento pela invasão, mas isso aí nós não fizemos e não sabemos quem fez. Tentaremos nos certificar de que isso não aconteça de novo, mas se vocês algum dia voltarem a nos acusar erroneamente, irão perder muito mais do que um celeiro. Aceitam ou não?"

Antes que Caemus pudesse responder, um menino pequeno que estivera em pé atrás dele saiu correndo, munido de um pedaço de pau, e acertou o joelho de Jase, provocando um sonoro estalo.

Jase se curvou para a frente, encolhendo-se de dor, xingando, segurando o joelho com uma das mãos e, com a outra, puxando o menino pelo colarinho.

"Seu pequeno..."

"Não o machuque!", disse Caemus, dando um passo à frente.

Jase parecia perplexo com o comando de Caemus, mas voltou sua atenção para o menino.

"Qual é o seu nome?", ele grunhiu.

O menino era menor do que Nash e, mesmo com um homem furioso segurando-o pelo colarinho, seus grandes olhos castanhos eram desafiadores.

"Kerry de Fogswallow!", ele respondeu, irritado.

"Bem, Kerry de Fogswallow, você mesmo vai me ajudar a cavar alguns buracos para as estacas das cercas. Muitos deles. Está entendendo?"

"Não tenho medo de você!"

Jase estreitou os olhos. "Então eu acho que vou ter de me esforçar mais

para fazer com que você tenha."

Os olhos do menino ficaram um pouquinho mais arregalados. Jase o soltou e o menino voltou correndo para trás de Caemus.

"Nós aceitamos", disse Caemus.

Soltei um suspiro controlado. Como diria Synové, esse era o início de um começo feliz.

Passamos a hora seguinte caminhando pela propriedade, fazendo um inventário das coisas, avaliando o que poderia ser salvo, carregando ferramentas e galinhas, grãos e engradados, louças e pessoas. Enquanto os irmãos analisavam os arredores, eu percebia neles a séria constatação de como fora necessário tão pouco tempo para coletar todos os bens dos vendanos. Às vezes, Jase apenas ficava com o olhar fixo nas coisas, como se estivesse tentando decifrar por que eles próprios estavam aqui. Ele também olhava para as cordas com ossos pendurados em seus quadris. Os vendanos não as usavam na cidade para não chamar a atenção, mas, aqui, os ossos batiam ruidosamente nas laterais de seus corpos como uma lembrança dos sacrifícios.

Wren, Synové e eu rapidamente ajudamos algumas mulheres a colher favas maduras do jardim, a desenterrar raízes e a dispô-los em camadas dentro de barris forrados com palha. Nós puxamos as ervas, com raízes e tudo, e as colocamos em engradados para serem replantadas posteriormente. Qualquer coisa que pudesse ser levada, nós levaríamos. Enquanto trabalhávamos, avistei Jase, Gunner e Mason subindo uma colina um pouco ao longe, o que parecia estranho porque não havia nada por lá, nem construções anexas, nem gado. Eles carregavam pedras nas mãos e, quando chegaram ao cume, as depositaram sobre um montinho com outras pedras cuja existência eu não havia notado antes.

Quando voltaram da colina, questionei Jase sobre aquilo. Ele disse que se tratava de um memorial, marcando o lugar onde Greyson Ballenger havia coberto o cadáver de seu avô com pedras para impedir que os animais o arrastassem para longe.

O novo local para o assentamento ficava a uns vinte e cinco quilômetros ao sul, mas com tantas carroças, suprimentos e cavalos, levamos a tarde inteira para chegar lá. Durante a longa jornada, Jase e eu seguimos

cavalgando juntos à frente da caravana. Ele ficou quieto na maior parte do caminho, ruminando alguma coisa em seus pensamentos.

"Então você entende um pouco de vendano, afinal de contas?", perguntei.

Ele balançou a cabeça em negativa e abriu um sorriso afetado. "Não, mas algumas palavras não precisam ser interpretadas. Está tudo na forma como são ditas."

"Bem, você foi surpreendentemente preciso. Acho que não é difícil interpretar um golpe de porrete também. Como está seu joelho?"

"Com um calombo considerável. Tenho sorte pelo demoniozinho não ter quebrado minha rótula."

"Eu acho que o sortudo é ele, que se safou dessa apenas cavando buracos para as estacas das cercas."

"Vai ser bom para ele. Vamos alimentar a todos primeiro. Eles não podem cavar nada de barriga vazia." Ele esticou a mão para trás e começou a mexer em seus pacotes. "Eu quase esqueci. Era para eu ter lhe dado isto mais cedo." Ele me entregou uma pequena cesta fechada. "Vá em frente. Abra."

Puxei a tampa da cesta e fiquei boquiaberta ao me deparar com o quadradinho.

"Isso é o que estou pensando...?" Aproximei o meu nariz e inspirei fundo aquele aroma.

"Bolo de sálvia", confirmou Jase.

"Você lembrou!" Arranquei um pedaço do bolo e enfiei na boca. Gemi de satisfação. Cada pedacinho era tão divino quanto eu lembrava. Lambi as migalhas dos meus dedos. "Toma", falei, inclinando-me para a frente e colocando um pedaço na boca dele. Ele assentiu em aprovação, engolindo o bolo, mas claramente não o amava tanto quanto eu. "Como?", eu quis saber. "A Dolise f...?"

"Não. Contratei uma nova cozinheira. Você pode agradecer pessoalmente quando voltarmos para a torre da Vigília de Tor."

Entramos em um agradável e amplo vale. Colinas baixas e cobertas de florestas de um lado, um rio sinuoso do outro, e uma grama escura e exuberante, que ainda não se tornara marrom com a chegada do verão, acenavam atrás de nós. Quando avistei as carroças de suprimentos ao

longe, eu soube que este era o lugar. Agora, Caemus estava cavalgando ao nosso lado, e todos nós paramos por um instante, absorvendo o cenário. Era de tirar o fôlego. Caemus desceu de seu cavalo e pegou uma pá em uma carroça. Ele a enfiou na terra e a virou, revelando um bloco de solo escuro, rico e margoso, que se esfarelava com facilidade enquanto ele passava a pá por cima. Lembrei-me de Caemus capinando o solo duro e argiloso do assentamento anterior.

Ele ergueu o olhar para Jase, com uma expressão austera. "Bom solo."

"Eu sei", foi a resposta de Jase.

Os demais vendanos deixaram as carroças, seguindo a pé pelo restante do caminho. Fiquei observando enquanto eles se curvavam, tateando o solo, passando as mãos pelo gramado. O cheiro daqui tinha frescor e era repleto de promessas.

Eu também desci do meu cavalo e caminhei em círculos, absorvendo cada coisa que eu via. Uma floresta ali perto para caçar e pegar lenha. Uma fonte de água abundante nas proximidades. Bom solo e terra nivelada. Alguns carvalhos imponentes bem ao centro, provendo sombra. Olhei para Jase, ainda em sua sela, e minha garganta travou de emoção. Tanto eu quanto Caemus havíamos duvidado dele.

"É perfeito, Jase. Perfeito."

"Não é perfeito, mas eles terão uma produção melhor. E este vale é afastado. Eles não serão incomodados aqui."

Incomodados como tinham sido no local do último assentamento. Eu acreditava em Jase e creio que Caemus também. Não foram os Ballenger que atacaram os assentadores, mas quem quer que tenha sido o responsável tentou fazer com que eles parecessem culpados.

Fiquei observando os vendanos caminhando pelo vale. Vi o deslumbramento em seus passos, e um outro tipo de deslumbramento, diferente, insinuou-se dentro de mim. Este local era, de longe, bem superior ao último. Seria o rei eislandês tão incompetente e desinformado em relação às extensões ao norte a ponto de ter escolhido aleatoriamente o local do antigo assentamento? Teria sido apenas coincidência que aquele local acabasse sendo próximo à torre da Vigília de Tor e claramente visível a partir do memorial de pedra dos Ballenger? Ou teria sido uma escolha deliberada, com o propósito de instigar encrenca? Com o propósito de se tornar um carrapicho na sela da família? Seria essa a sua vingança por não

ser recompensado com a totalidade dos impostos que os Ballenger coletavam?

Jase inspecionava o vale, e cálculos giravam por trás de seus olhos. Ele estava bem mais envolvido nisso do que seria capaz de admitir. A emoção que se acumulara na minha garganta agora se insinuava até o peito.

O que é isso?

A resposta nunca esteve tão próxima dos meus lábios como agora.

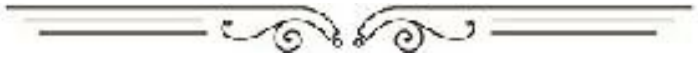
"Deveríamos nos apressar", disse ele. "Temos apenas mais algumas horas de luz do dia e eu ainda quero estabelecer parte da disposição do assentamento junto com Caemus. Tenho algumas ideias sobre onde deveria ficar o celeiro. E eu lhe prometi uma estaca para a cerca. Quero cavar um tanto antes de partir pela manhã."

"Agora você tem Kerry para ajudá-lo também."

Ele esfregou o joelho e sua boca se contorceu em um largo e malévolo sorriso.

"Sim, manterei o diabinho ocupado."

CAPÍTULO 31



JASE

DA ÚLTIMA VEZ QUE ESTIVEMOS AQUI, EU MAL TINHA OLHADO para o assentamento. Quando pegamos o *shorthorn* em um pasto externo, meu pai gritara: "Nós já avisamos vocês. Nossa terra, nosso ar, nossa água. Se vocês invadirem, vão pagar! Voltaremos para pegar mais coisas se vocês permanecerem aqui".

Nós não voltamos e, se o tivéssemos feito, teríamos pegado apenas mais um *shorthorn.* Porém, outros voltaram e, de fato, pegaram mais coisas. Pegaram tudo.

"Quem foi que fez isso? Descubra!", rosnei para Mason.

Era ele quem supervisionava os magistrados. Um deles haveria de ter visto ou ouvido alguma coisa.

Os Ballenger estavam sendo atacados por todos os ângulos. Mesmo que eu não gostasse dos vendanos, essa batalha não era deles. Eles nem mesmo sabiam para que propósito estavam sendo usados.

Nós fomos tomados pelo silêncio logo que vimos a destruição pela primeira vez, mas, naquele momento, a fúria nos assumira. Agora, enquanto subíamos pela colina até o memorial de pedra, fora do alcance daqueles que poderiam nos ouvir, todos nós sugeríamos possibilidades em relação a quem havia saqueado o assentamento.

"Rybart e Truko", disse Mason. "Eles roubariam até as meias de um bebê. Isso tem cara de algo que eles fariam."

"Quatro ravianos foram levados", Gunner acrescentou. "Talvez seja fácil avistá-los nos estábulos."

Titus balançou a cabeça. “Não, eles já os terão vendido a essa altura. Posso checar com os Previzi quando eles voltarem, ver se eles andaram envolvidos em alguma transação comercial questionável.”

“Metade das transações comerciais que eles fazem é questionável”, lembrei-o desse fato.

Os Previzi descarregavam mercadorias que não deveriam ser rastreadas. Como as transações do embaixador de Candora, que aconteciam por baixo dos panos. Como os Valsprey que tinham chegado às nossas mãos. Nós tirávamos proveito do que eles ofereciam exatamente como todo mundo fazia. *Algumas mercadorias precisam ser compradas e vendidas com discrição*, meu pai explicara quando eu tinha doze anos de idade e havia questionado por que nós os usávamos. *E é melhor que algumas perguntas não sejam feitas*, ele completara.

“E quanto àquela dúzia de *shorthorn?*”, perguntou Gunner. “Não deve ter sido fácil transportá-los, especialmente em uma incursão à meia-noite. Para onde foi que eles os levaram?”

“Mortos em alguma vala por aí”, respondi. “Talvez os ravianos também. A Garganta de Starling não fica longe daqui e tem umas boas áreas cobertas de florestas. Isso nada teve a ver com aquisição de mercadorias. Foi um recado.”

“Para nos pintar como os vilões da história.”

Os incêndios e os caçadores de mão de obra tinham como propósito assustar os cidadãos, e os ataques às caravanas visavam prejudicar os negócios, assustar e afastar os mercadores da arena, mas esse ataque tinha o objetivo de fazer com que os reinos caíssem matando em cima de nós.

Quando carregamos o último dos míseros pertences dos vendanos, parecia que nossas perguntas haviam sido arrancadas de nós, e fomos novamente abalados pelo silêncio. As palavras de Kazi me cutucavam como um cotovelo ossudo em minhas costelas. *Não deve demorar muito para reconstruir o assentamento. Eles tinham tão pouca coisa.*

Essas palavras ficaram grudadas na minha cabeça enquanto Caemus e eu caminhávamos pela extensão do vale, martelando estacas para marcar o local das fundações. Nós dois tínhamos começado de um jeito ruim, e as coisas não haviam melhorado muito a partir dali. Ele era teimoso feito um boi. Bom solo? *Este solo era tremendamente ótimo!* Talvez ser um obstinado bloco de madeira com uma carranca perpétua fosse um requisito

necessário para liderar um assentamento aqui, no meio do nada.

Eu já sabia que o solo era bom. Estive neste vale muitas vezes antes, acampando com o meu pai e os meus irmãos mais velhos. O carvalho, que se erguia como uma imensa torre, ainda se encontrava estirado no meio do vale, e uma corda com um graveto robusto preso à ponta ainda pendia da árvore. Eu caí daquela corda mais vezes do que era capaz de contar. Mas, por alguma razão qualquer, nunca quebrei nada.

Quando tinha nove anos de idade, eu disse ao meu pai que um dia eu construiria uma casa e viveria aqui. Ele disse que não, que este vale era apenas um lugar para ser visitado, que o meu lar e o meu destino estavam lá na torre da Vigília de Tor. Este vale seria destinado para um outro alguém que ainda estava por vir. Eu sempre me perguntei quem seria essa pessoa.

Os gritos das crianças chamaram a nossa atenção. Elas já tinham encontrado a corda e estavam se balançando na árvore.

"Mais uma casa aqui?", perguntei.

"Nós já colocamos estacas para quatro casas. Era tudo o que tínhamos. Alguns de nós dividíamos a moradia."

Kazi me dissera que eram sete famílias, então eu tinha mandado trazer madeira suficiente para sete casas.

"Pode ser que haja madeira sobrando. Se tivessem de construir mais casas, onde vocês iam querer que elas ficassem?" Eu tinha tomado o cuidado de deixar que ele fizesse as escolhas. Não queria ser acusado, mais tarde, de sabotar o assentamento deles.

Ele olhou para mim com ares de suspeita, ainda desconfiando de que pudesse se tratar de alguma armadilha.

Que se dane!

Eu estava cansado e com fome. Coloquei eu mesmo as estacas para as três últimas casas.

Kerry trabalhava em silêncio, sem reclamar, batendo sua pequena pá de jardim no solo como se fosse a minha rótula.

"Quantos anos você tem?", perguntei a ele.

"Sou velho o bastante."

"Que resposta foi essa?"

“Sou velho o bastante para saber que não gosto de você.”

“Quatro”, falei. “Você deve ter uns quatro anos.”

Seus olhos mostraram um lampejo de indignação. “Sete!”, ele gritou.

“Então você deveria saber qual é a maneira certa de cavar um buraco para colocar uma estaca.”

“Não há nada de errado com o jeito...”

“Venha aqui. Eu vou mostrar a você como se faz.”

Relutante, ele veio andando até mim, arrastando a pá atrás de si. Marquei um pequeno círculo no solo e começamos a cavar um novo buraco juntos. Seu rosto se contorcia de raiva, mas ele seguiu minhas instruções.

“Você vai para a escola?”, perguntei.

“Jurga me ensina as letras, mas ela não conhece todas.”

“Jurga é sua mãe?”

“Mais ou menos. Ela me pegou para criar.”

Fiquei sabendo que havia oito crianças no assentamento. Três eram órfãos, e Kerry era um deles. Ele tinha apenas uma vaga memória de seus pais. Eles haviam morrido em um incêndio em Venda. Isso explicava a cicatriz cor-de-rosa que subia pelo seu braço.

“Você gostaria de aprender todas as letras?”

Ele deu de ombros. “Talvez. Não sei para que servem.”

“Você gosta de histórias?”

Os olhos dele brilharam, mas então ele se lembrou de que deveria estar de cara fechada e franziu a testa. “Às vezes.”

“Se você aprender todas as letras, conseguirá ler histórias sozinho.”

“Ainda é inútil. Não temos livros.”

Pensei nos pertences que foram tirados das casas e colocados nas carroças. Havia louças de barro, barris de comida desidratada, panelas e outros utensílios de cozinha, ferramentas, vestimentas, alguns móveis básicos e nada mais.

“Este buraco está terminado”, falei. “Chega de cavar por hoje. Vá jantar.”

Tirei a camisa e lavei-a na margem do rio. Vários vendanos lá embaixo faziam o mesmo. Senti seus olhares em mim, esquadrinhando a tatuagem que cruzava o meu ombro e o peito, tentando decifrá-la. Ou talvez apenas tentando me decifrar.

Passos pesados golpeavam o chão atrás de mim.

"A lona está erguida", disse Mason, curvando-se ao meu lado para se lavar também. Eu tinha mandado trazer várias tendas grandes para nos proteger do sol e, se fosse o caso, da chuva, até que as casas estivessem terminadas. Ele se inclinou, aproximando-se de mim. "Bando amigável eles, não?"

"Pelo menos um deles é."

Ele sabia a quem eu estava me referindo e franziu o cenho. "Ela quer me magoar. Não sei por quê."

"Talvez porque você tirou as armas dela na Boca do Inferno."

"Eu as devolvi... O que eu ainda julgo um grande erro."

"Foi o meu acordo com Kazi. Eu não acho que seja necessário se preocupar com a possibilidade de Synové esfaquear você."

"Ela é uma arqueira experiente, você sabia?"

"A maior parte das nossas patrulhas é formada por arqueiros experientes. Ela é uma Rahtan. Isso não me surpreende."

"Não, quando eu digo experiente, estou querendo dizer *realmente habilidosa.* Ela poderia acertar a sombra de uma mosca a uns cem passos de distância."

Ele me contou que, quando devolveu as armas, conforme eu havia ordenado, ela sacou uma flecha e, sem pensar muito, acertou em uma corrente que pendia solta de uma carroça que passava por ali. A flecha prendeu a corrente, silenciando o retinir com o qual ela se disse incomodada.

"Acho que ela estava tentando impressioná-lo, mais do que ameaçá-lo. Nervoso?"

Ele balançou a cabeça em negativa. "É a língua dela que vai me causar problemas."

"Falando em línguas, Gunner está se comportando?"

"O que quer que você tenha dito, deve ter entrado bem fundo na mente dele. Ele não disse uma palavra sequer."

Eu realmente não achei necessário dizer a Gunner para controlar seu temperamento. Ele andava notavelmente quieto desde que tínhamos deixado o antigo assentamento. Provavelmente estava pensando a mesma coisa que o restante de nós. Os vendanos tinham sido pegos em um fogo cruzado de uma batalha que não era deles.

Uma sombra passou por nós e eu olhei para cima. Era Caemus. Ele se

lavou em silêncio, mantendo-se próximo. Considerando que a margem do rio se estendia longamente e em ambas as direções, eu sabia que ele poderia ter escolhido um lugar bem longe de nós. Ele tinha alguma coisa em mente.

Caemus apanhou um punhado de areia e esfregou-a em volta das unhas, tentando limpar a terra que ficara incrustada ali.

"Kerry está fazendo um bom trabalho?", ele perguntou, por fim.

"Está aprendendo."

Ele terminou de limpar as mãos, esfregou o rosto e então se levantou, secando a mão na calça. Ele olhou para mim, seu rosto envelhecido ainda brilhando, molhado. "Eu não sabia que vocês tinham parentes enterrados ali."

Fiquei em silêncio por um instante. Fúrias antigas se erguiam novamente dentro de mim e eu não me senti obrigado a justificar nenhum dos motivos pelos quais nós os queríamos fora de nossas terras.

"Não temos", respondi, por fim. "Aquele local nos serve apenas para marcar o lugar onde morreu um de nossos ancestrais." Eu me levantei para que ficássemos olho no olho. "Nós não sabemos ao certo se, de fato, a morte dele ocorreu ali, mas é um lugar tradicional que reconhecemos há gerações. E nós, os Ballenger, damos muito valor às tradições."

Ele inclinou a cabeça para o lado, baixando o queixo em reconhecimento.

"Nós também temos tradições."

Olhei para baixo, para a corda de ossos que pendia de seu cinto.

"Isso aí é uma dessas tradições?"

Ele assentiu.

"Se vocês tiverem um minuto, eu lhes conto sobre elas."

Eu voltei a me sentar na margem e puxei Mason para que ficasse ao meu lado.

"Nós temos um minuto."

CAPÍTULO 32

KAZI

A COZINHEIRA SERVIU UM COZIDO SUCULENTO EM TIGELAS E jogou uma espessa fatia de pão de centeio por cima. Jase havia trazido cozinheiras dos acampamentos de lenhadores dos Ballenger. Incluindo a mim, Wren e Synové, havia a mesma quantidade de vendanos e Ballenger aqui. Trinta deles, trinta de nós, e, conforme cada pessoa pegava seu jantar, saía para se sentar com os seus.

Os Ballenger estavam agrupados em um dos lados de um carvalho, e os vendanos, do outro, o que impedia qualquer conversa entre eles, mas talvez esse fosse o objetivo. Esta seria uma noite longa e monótona, talvez até mesmo contenciosa, caso alguém levasse qualquer palavra afiada para o lado pessoal. Uma pequena fogueira ardia em um círculo no centro, pronta para afastar a escuridão conforme o crepúsculo se desenrolava. Havia alguns bancos e cadeiras em meio aos pertences dos vendanos, mas não o bastante para todo mundo, então eles se empoleiraram nas laterais das carroças vazias ou nas pilhas de madeira enquanto comiam suas refeições.

Jase foi o último a chegar na carroça da cozinheira. Quando ele pegou sua refeição, Titus o chamou, oferecendo-lhe um lugar em um engradado ao seu lado — do lado dos Ballenger. Ele nem mesmo procurou por mim, e eu me perguntava se meu encontro com os cachorros no túnel havia criado uma distância permanente entre nós.

Notei que os vendanos ainda observavam Jase com atenção. Quando estávamos descarregando as carroças, ouvi o que eles diziam sobre seus sentimentos e percepções, que variavam, indo da descrença a uma cautela

persistente, mas eu sabia que a gratidão se misturava ali no meio. Na maior parte, eles ainda estavam perplexos com esse novo progresso. Muitos olhos brilhavam marejados enquanto eles descarregavam suas coisas no local que havia sido designado, sob uma lona amarrada e esticada. Não havia dúvida de que este era um local bem mais promissor do que o anterior. Uma mulher havia chorado abertamente, porém, agora, enquanto estávamos comendo, todos eles mantinham o silêncio e as emoções sob controle, como tinham aprendido a fazer quando estavam perto de forasteiros.

Porém, também havia uma curiosidade, de ambos os lados. Eu via as olhadelas de relance. Até mesmo a cozinheira do acampamento lhes havia lançado um olhar que flutuava entre a preocupação e a compaixão. Ela estava sendo generosa com as porções deles.

"Bem, veja isso", disse Synové, cujos olhos nos guiaram para Gunner, que estava do outro lado. "O nojento continua olhando para Jurga."

Era ela a mulher que estivera chorando hoje mais cedo.

"Como você pode estar tão certa de que ele está olhando para ela?", eu quis saber. Várias outras vendanas estavam aninhadas junto dela.

"Porque ela também está olhando para ele."

Observei com mais atenção e era verdade, mas Jurga estava cautelosa, olhando-o apenas de esguelha, por entre os cílios baixos, quando ele desviava o olhar.

Talvez a distância não fosse tão grande quanto eu achava. Se o nojento era capaz de chamar a atenção de Jurga, que tinha um coração generoso, provavelmente apenas uma ajudinha fosse necessária para diminuir esse espaço que os dividia.

"Já volto", falei.

Fui caminhando a passos lentos por toda aquela extensão vazia, sendo acompanhada por vários pares de olhos, como se eu fosse um arado revolvendo e abrindo sulcos na terra por onde passava. Gunner não gostava de mim. Ele tinha deixado claro, mas o sentimento era mútuo, de modo que eu não o condenava por isso. Assim que assinei a carta para a rainha, eu já não lhe era mais útil e estava morta para ele.

Quando parei na sua frente, ele me olhou como se eu fosse um enxame de moscas bloqueando sua visão.

"Ela não morde, sabia? Você poderia ir até lá e dizer oi para ela."

"Só estou comendo o meu jantar. Não sei do que você está falando."

“Sua tigela está vazia, Gunner. Seu jantar acabou. Seria o fim do mundo conhecer as pessoas para quem você está construindo abrigos?”

Estiquei a mão e peguei a tigela do colo dele, colocando-a de lado. Então peguei na mão dele e puxei-o para que ficasse em pé. “O nome dela é Jurga. Você a viu chorando hoje? Foi de gratidão pelo que vocês, Ballenger, fizeram.”

Ele puxou a mão para se soltar. “Eu já disse que não sei do que você está falando. Deixe-me terminar o meu jantar em paz.”

Nós dois olhamos para a tigela vazia.

“Olá.”

Jurga tinha se aproximado e surgira por trás de nós.

Talvez me ver falando com Gunner tivesse lhe dado coragem para fazer o mesmo. Eu não sabia ao certo, mas Gunner parecia ter se acalmado e mexia os pés, desajeitado, então me afastei, deixando os detalhes das apresentações por conta deles.

Voltei a minha atenção para outro Ballenger.

Fui andando até um dos meninos vendanos mais velhos que estava testando notas em uma flauta. Perguntei se ele conhecia “Lua Lupina”, uma canção fenlandense qualquer, que Synové às vezes cantarolava. Ele conhecia, e quando começou a tocar as primeiras notas, fui andando com hesitação até Jase, que ainda estava envolvido em uma conversa com Mason e Titus. Fiz uma mesura na frente dele, rapidamente conseguindo a atenção de todos os três.

“Não chegamos a dançar em momento algum ontem à noite, *Patrei*. Agora não seria uma boa hora?”

Ele olhou para mim com um ar de incerteza. “E o seu tornozelo?”

“Cavalguei durante horas, esvaziei um barril de nabos e batatas, ajudei a descarregar duas carroças hoje e agora você está preocupado com o meu tornozelo? Talvez sejam os *seus* pés delicados que estejam cansados demais. Você está tentando se safar dessa dança, *Patrei*? É só dizer e encontrarei alguém com quem…”

Jase já estava de pé, deslizando o braço ao redor do meu corpo e me puxando para o centro da fronteira entre os Ballenger e os vendanos. A verdade era que meu tornozelo ainda estava sensível, e Jase parecia senti-lo apesar do meu protesto, de modo que ele limitou nossa dança a um suave ir e vir.

“Acho que isso é o mínimo que podemos fazer para aquecer o clima frio entre esses dois acampamentos”, falei.

“Então tudo isso é um espetáculo?”

“O que você acha?”

“Eu acho que não me importo mais, contanto que você esteja nos meus braços.”

A melodia era lenta e onírica, as notas deslizavam pelo ar como pássaros voando rumo a um abrigo através do céu crepuscular. Jase me puxou mais para perto e seus lábios repousaram em minha têmpora.

“Está todo mundo olhando”, ele disse em um sussurro.

“É exatamente esse o ponto.”

“Não exatamente.” Sua boca se aproximou um pouco mais dos meus lábios.

Se isso era um espetáculo ou não, a questão foi deixada de lado, esquecida. Outros segredos podem ter existido entre nós, mas este aqui era verdadeiro e honesto — eu queria estar nos braços dele, e ele queria estar nos meus.

Talvez isso fosse o bastante.

Talvez momentos como este fossem toda a verdade que poderíamos esperar do mundo. Eu me agarrava a essa crença como se fosse real.

“Na última vez que dançamos, a grama chegava até nossos joelhos”, falei.

“E agora não há sequer uma corrente entre nós dois”, disse Jase, em um tom sussurrado.

“Talvez não precisemos mais disso.”

Estávamos na natureza selvagem mais uma vez, e a sensação era tão tranquila e natural a ponto de nos permitir escorregar por um buraco que nos era familiar.

Eu percebia que os outros se juntavam a nós, mas meus olhos estavam travados nos olhos de Jase, e os dele, nos meus. E, conforme ouvia mais pés se mexendo e dançando ao nosso redor, eu me perguntava se eles haviam caído pelo mesmo buraco conosco, e também me perguntava se, desta vez, seríamos capazes de fazer com que tudo isso durasse.

Conte-me uma charada, *Kazi.*

Jase me vira inquieta, caminhando, organizando suprimentos que já

haviam sido pedidos. Todo o resto do pessoal estava dormindo em seus sacos de dormir. Ele veio por trás de mim, circundando minha cintura com as mãos.

"Também não consigo dormir", disse ele. Seus lábios roçaram meu pescoço e ele sussurrou: "Conte-me uma charada, Kazi".

Estendemos uma coberta sobre uma cama feita de grama, as estrelas dos Cavalos Perdidos de Hetisha, do Ninho da Águia e do Ouro dos Ladrões lançando sua luz em nossa direção, longe de todos os demais.

Eu me ajeitei ao lado dele, deitando a cabeça na curva de seu ombro, o braço dele me envolvendo e me puxando para perto.

"Ouça com atenção agora, Jase Ballenger. Eu não vou repetir."

"Sou um bom ouvinte."

Eu sei que você é um bom ouvinte. Eu soube desde a nossa primeira noite juntos. É isso que o torna perigoso. Você me faz querer compartilhar tudo com você.

Pigarreei, sinalizando que estava pronta para começar.

Vermelho como sangue eu seria se fosse uma cor,
Seus dedos formigariam um tanto, ainda que sem dor.
Meu sabor é de primavera e de mel, e de encrenca tem uma leve pitada,
Mas para mim os pássaros cantam e a noite fica mais estrelada.
Posso ser rápido como um estalo, ou divino e lento,
E este último, provavelmente, é do melhor tipo de tormento.

"Hummm...", disse ele, como se estivesse confuso. "Deixe-me pensar por um minuto." Ele se virou e ficou apoiado sobre um dos cotovelos, olhando para mim, com a poeira das estrelas iluminando as maçãs de seu rosto.

"Mel?" Ele beijou a minha testa. "Primavera?" Ele beijou o meu queixo. "Você é uma boa parcela de encrenca, Kazi de Brightmist."

"Eu faço o melhor que posso."

"Talvez eu precise me demorar mais..." A mão dele viajou sem pressa pela minha cintura, passando pelas costelas, indo até o pescoço e envolvendo minha bochecha. O sangue corria em minhas veias; as estrelas ficaram borradas. "Bem mais... para decifrar tudo isso." E então os lábios dele pressionaram os meus, quentes e exigentes, e eu esperava que ele fosse levar uma eternidade para decifrar a charada.

Wren, Synové e eu nos sentamos em uma pilha de madeira, nos abanando na sombra, dando uma pausa na tarefa de nivelar o solo para uma fundação. Ainda estávamos na metade da manhã, mas já sofrendo com o calor do auge do verão.

Eu achava que Jase já teria ido embora, achei que toda a família estaria seguindo seu caminho de volta para casa nesta manhã, junto conosco, mas Jase se viu preso em discussões com Caemus em relação ao celeiro, e depois com Lothar, um dos trabalhadores contratados que ele mantinha ali para supervisionar os grupos. Então, enquanto observava alguns pedreiros que estavam construindo as fundações para um dos abrigos, ele decidiu que seria necessário ser um pouco maior, depois parou por um momento, olhando para todo o vale, para as crianças que se balançavam penduradas no carvalho, e seu olhar recaiu no futuro abrigo. Ele se virou para Mason e disse: "Estou achando que eles precisam de uma adega de raiz também. De que serve um jardim maior se não tiverem um lugar fresco para armazenar a produção? Se nos dedicarmos intensamente, devemos conseguir cavá-la em poucas horas".

Uma adega de raiz?

Eu não sabia ao certo se podia acreditar no que estava ouvindo.

Aquilo virou uma competição entre Jase, Mason e Samuel escavando de um lado, e Aram, Gunner e Titus do outro. Uma competição lenta. Eles também estavam sentindo o calor, suas camisas há muito rasgadas. O suor brilhava em suas costas. Eles paravam com frequência para enxugar a testa e beber grandes goles de água dos baldes trazidos do rio. Às vezes, eles só molhavam a cabeça.

Synové estava na maior parte do tempo em silêncio, esquecendo-se até de piscar.

"Eu juro que, em toda a minha vida, nunca vi uma obra de arte tão bela feita na pele."

"Nós deveríamos voltar ao trabalho", falei.

"Que inferno, não deveríamos, não!", disse ela, com firmeza. "Tenho certeza de que precisamos descansar um pouquinho mais."

Não precisávamos de mais incentivo para isso. Nenhuma de nós se mexeu.

Wren tomou um longo gole de água. "Parece um bando inteiro de belos pássaros musculosos alçando voo."

As tatuagens deles eram todas diferentes; alguns as tinham no peito, outros, nos ombros, nas costas ou nos braços, mas todos carregavam em si mesmos alguma forma da insígnia dos Ballenger — asas de águias batendo diante de nós. Fiquei com o olhar fixo na tatuagem de Jase, que ainda me causava tanto arrebatamento quanto da primeira vez em que a vi. Synové estava certa: era uma obra de arte. Uma obra de arte que me deixava feliz só de olhar.

Jase ergueu os olhos e me pegou observando-o. Ele sorriu e chamas dispararam dentro da minha barriga.

"Já terminamos metade dos trabalhos", disse ele.

Metade.

Era assim que eu me sentia. Eu estava pela metade, dividida entre dois mundos, tentando encontrar uma história que se encaixasse bem em ambos. Quando a adega de raiz estivesse terminada, ele passaria para o celeiro, e então para o moinho d'água e para uma barragem no rio. Um dia se passou, e depois outro. Quatro dias, quatro noites. O vale ganhava vida, com batidas, martelos e serras. Gunner retornou à torre da Vigília de Tor. Titus também. E Aram e Drake. Havia assuntos que precisavam ser resolvidos. Mas Jase ficou. Ele estava abrindo mão dos dias que não tinha de sobra, dos amanhãs que eu tinha sido incapaz de lhe prometer.

Comecei a me perguntar se eu estivera errada em relação a tudo, errada em relação à forma como eles regiam a Boca do Inferno, errada em relação à sua história e ao seu lugar em meio aos reinos, errada em relação ao direito que eles tinham de governar. O trabalho que eles estavam fazendo aqui não era um presente relutante para cumprir com um acordo. Parecia bem mais do que isso. Parecia um talo de dente-de-leão sendo pressionado em um pé cheio de bolhas, como palavras ditas sob a lua à meia-noite para me embalar e me fazer dormir.

Nós ficamos juntos ali, parados diante da carroça da cozinheira, esperando na fila pela comida. Jase estava logo atrás de mim, seu quadril roçando no meu como um lembrete de sua presença, e, de repente, eu percebi que havia coisas que despertavam mais a minha fome que o jantar.

"*Dez?*"

Um sussurro.

Meus ombros ficaram rígidos. A pergunta vinha de algum lugar atrás de mim. Eu não me atrevi a me virar e assumir o apelido, mas ele foi dito novamente, mais alto desta vez.

"Dez?"

Uma garota deu a volta e parou na minha frente.

"Desculpe-me, mas você não é a Dez? Eu venho tentando descobrir quem você é desde o primeiro dia e acabei de me lembrar. Fazia um ano que minha família estava na Cidade do Sanctum quando..."

Balancei a cabeça em negativa.

"Sinto muito. Você me confundiu com outra pessoa."

"Mas..."

"Meu nome é Kazi", falei em um tom firme. "*Bogeve ya.*" Vá embora.

Os olhos dela se moveram na direção de Jase, e então ela rapidamente olhou para baixo, como se tivesse se dado conta de seu erro.

"Claro que sim. Sinto muito por incomodá-la."

"Sem problemas."

"Dez?", disse Jase, enquanto ela se afastava. "Que tipo de nome é esse?"

Dei de ombros.

"Acho que é um nome das Terras Altas, talvez um apelido para Desirée."

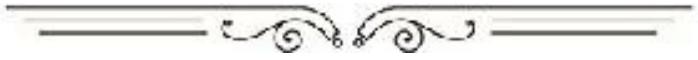
"Fico surpreso por ela ainda não saber que seu nome é Kazi."

"Há muitos nomes novos a aprender. Provavelmente ela só se confundiu."

Fiquei grata quando a atenção de Jase se voltou novamente para a comida, assim que a cozinheira cortou uma boa fatia de carne de cervo para colocar em nossos pratos, e, no fim das contas, eu concluí que estava feliz por estarmos retornando à torre da Vigília de Tor na manhã seguinte.

Logo antes do crepúsculo, Aleski chegou a cavalo trazendo notícias que tornavam mais urgente o nosso retorno. Era uma mensagem de Gunner. *Venham para casa. Chegou uma carta de Venda. A rainha está a caminho.*

CAPÍTULO 33



JASE

Mihe soltou uma bufada. As tranças que Jalaine havia feito em sua crina estavam escovadas, e acho que tanto ele quanto eu preferíamos assim. Ele era uma fera magnífica, musculoso, porém equilibrado, com uma reluzente e negra cobertura de pelos. Os vendanos sabiam alguma coisa sobre criação de cavalos. Kazi terminou de escová-lo e então deslizou a manta de sua sela sobre as costas do animal.

"Eu consigo fazer isso", disse Kazi, esticando a mão para pegar a sela. Ela estava nervosa. Talvez porque estivéssemos voltando para a torre da Vigília de Tor, todas as palavras que nunca dissemos borbulhavam, tentando vir à tona.

Segurei a sela com firmeza.

"Por favor, deixe-me ajudar, Kazi. Além do mais, eu acho que ele gosta de mim."

Ela revirou os olhos.

"Isso é porque você dá guloseimas a ele. Não pense que não vejo você fazendo isso."

Dei de ombros, ergui a sela e coloquei-a nele.

"Apenas algumas favas."

"E nabos."

O traidor do Mihe cutucou meu braço, me expondo.

"Está vendo? Você o estragou." Ela deu alguns tapinhas na lateral do corpo do animal. "E ele está ficando gordo aqui no meio."

O cavalo não estava gordo, e eu sabia que ela não se importava realmente

com isso. Ela esticou a mão e apertou a correia da sela.

"Vamos alcançá-los em breve", disse ela.

"Nossos cavalos não irão muito rápido", falei, esfregando o pescoço de Mihe. "Tome o tempo que for preciso."

Ela avistou o lugar onde eu tinha cortado o polegar hoje de manhã. "O que aconteceu?"

Aquele corte era um assunto entre os deuses e eu. Promessas de sangue não eram feitas apenas nos templos, mas às vezes nos campos também.

"Nada", respondi. "É só um arranhão."

Virei-me para a carroça que eu iria conduzir, verificando novamente as amarras e os equipamentos dos meus cavalos.

Mason, Samuel e eu estávamos, cada um de nós, conduzindo grupos de cavalos de volta para a arena. Tiago viria conosco. As compridas carroças de madeira que haviam trazido suprimentos estavam especialmente equipadas para aguentar cargas pesadas e logo seriam necessárias nos acampamentos dos lenhadores. As carroças estavam vazias agora, exceto por umas poucas pedras colocadas em suas traseiras para impedi-las de ficarem balançando e pulando. Os condutores que as haviam trazido ficariam conosco e nos ajudariam com o trabalho.

Eu planejara ficar apenas uma noite. Tinha muito trabalho para resolver em casa, mas a cada manhã mais carroças chegavam trazendo suprimentos e notícias de que tudo corria bem por lá e na arena. Gunner tinha tudo sob controle. Com o impulso que as coisas estavam tomando por aqui, parecia importante manter o progresso em andamento. Os chiqueiros dos animais estavam terminados, e nós havíamos erguido o celeiro em um dia. Porém, agora e pelos próximos dias, a maioria dos trabalhos foi deixada para os pedreiros, que estavam erguendo a adega de raiz, finalizando os fornos, e dispondo as pedras para as fundações antes que as paredes das casas fossem erguidas. Talvez também houvesse outros motivos pelos quais eu quisesse permanecer. As coisas eram diferentes entre mim e Kazi aqui. Por algum motivo, eu não queria voltar nunca mais.

Kazi terminou de prender seu alforje e se virou para me encarar. "Eu estive pensando... O que o rei vai fazer se ele ficar sabendo que você os mudou de lugar?"

"Ele nunca vai descobrir e, se isso acontecer, não vai se importar. Este mundo aqui em cima, para ele, não tem nenhum significado. Um pedaço

de terra é igual ao outro, na opinião dele."

"Você tem certeza disso, Jase? E se ele tiver escolhido o antigo local de forma deliberada, para provocar vocês? Um local que ficava bem à vista do seu memorial?"

"Ele não teria como saber disso. Para ele e para o resto do mundo, aquilo não passa de uma pilha de pedras — isso sem falar que ele nunca esteve lá. Ele deixou a cargo de seus olheiros o trabalho de encontrar um local adequado."

"E quanto ao dinheiro dos impostos que vocês pegam para si? Ele poderia ficar com raiva disso?"

"Nós só ficamos com metade. Quem você acha que paga os magistrados, as patrulhas, os professores? Quem paga os reparos nas cisternas e nos passadiços? Para manter uma cidade em ordem, precisamos de muito. Nenhuma única moeda do dinheiro coletado com os impostos fora investida para o bem desta cidade, até que começamos a segurar parte do valor. Nós, os Ballenger, cometemos um grande erro quando a vendemos por uma rodada de drinques. Isso não significa que todo mundo na Boca do Inferno tenha de pagar o preço. O um por cento que sobra não é suficiente nem para começar a cobrir as despesas. Ele sabe disso. Nós cobrimos o restante. Ele conseguiu um acordo, e não seria tão idiota a ponto de rompê-lo."

Ela assentiu, como se ainda não estivesse totalmente convencida, e então sua atenção foi atraída para longe, para as crianças que brincavam debaixo do carvalho. Nós havíamos pendurado uma corda nova ali, porque a antiga estava desgastada.

"Caemus disse que você está mandando um professor para o assentamento. Eles não têm como pagar por isso, Jase. Eles mal..."

"Você ordenou reparações com juros. Esses são os juros. O professor será por conta dos Ballenger. Talvez assim Kerry terá outras coisas pelas quais se interessar, além de destruir minhas rótulas da próxima vez que eu vier para cá."

"Próxima vez?"

"Quando voltarmos para ver o trabalho terminado. Pode ser até mesmo na semana que vem. O ritmo anda rápido por aqui."

"Então você decidiu não arrastar as obras, afinal de contas?"

"Não vou ficar de joguinhos com você, Kazi. Você sabe como eu me sinto.

Você sabe o que eu quero. Mas às vezes nós não conseguimos aquilo que queremos."

"O que vai acontecer quando voltarmos?"

"Eu acho que, assim que o assentamento estiver terminado e a rainha houver partido, caberá a você decidir."

A trilha era larga e cavalgávamos em uma linha uniforme, bem distantes para evitar comer poeira uns dos outros. Conduzir sozinho dava à minha mente um tempo para vagar pelo assentamento que tinha ficado para trás. Eu ainda ponderava sobre uma coisa que tinha visto na noite passada. Era tarde e eu estava caminhando pelo bosque dos carvalhos para me encontrar com Kazi, tentando não fazer barulho. Uma fatia de luar brilhava em meio aos galhos, e eu avistei Mason se inclinando para a frente contra uma árvore. Achei que ele estivesse passando mal. Ouvi gemidos. Mas então vi que havia alguma coisa entre ele e a árvore.

Synové.

Ela havia me visto e, em silêncio, fez um aceno para que eu saísse andando. Alguma coisa do tipo *sai, cai fora daqui!*

E foi o que eu fiz, tão rápida e silenciosamente quanto me foi possível.

Mason e Synové? Depois de todos os protestos dele?

Eu achava que ou ele havia sucumbido aos avanços dela ou estivera encantado o tempo todo e não queria admitir. Afinal de contas, ele me dissera que não dava para confiar em Kazi. Eu me perguntava se ele ainda pensava dessa maneira.

O ritmo era lento e, enquanto continuávamos nos arrastando, fiz uma lista mental de outros suprimentos de que o assentamento precisaria. *Ovelhas*, pensei. *Mandar vir algumas ovelhas também.* Uma das mulheres disse que costumava fiar lã em Venda. Eles poderiam vender o que acabassem não usando para si. Novelos de lã eram o tipo de coisa que estava sempre em demanda. Eles precisavam de mais lanternas também. Óleo. Papel. Ferramentas para escrita.

Árvores frutíferas. As frutas cresceriam bem ali no vale. Kerry tinha me dado essa ideia. Eu havia trabalhado com ele todos os dias, fosse cavando um buraco, colocando suportes na barragem ou lhe mostrando como afiar o gume de um machado. Ele fazia o melhor que podia para não sorrir

enquanto trabalhávamos, mas um dia ele avistou Kazi caminhando por perto e abriu um largo sorriso. Achei que talvez eu tivesse concorrência.

"Por que esse sorriso?", perguntei a ele.

"Gosto mais dela do que de você."

Eu não podia culpá-lo por isso.

"Por quê?", eu quis saber.

"Foi ela que colocou as laranjas em nosso saco. Nós nem mesmo sabíamos que elas estavam lá até chegarmos em casa."

Naquele momento, eu me virei e fiquei observando enquanto Kazi ajudava uma mulher vendana a erguer uma tina com água. Voltei a pensar na primeira vez que eu a tinha visto.

Eu paguei por aquelas laranjas. Você e seu bando de capangas estavam bêbados demais e muito cheios de si para ver qualquer coisa além de seus próprios narizes inebriados.

Talvez ela tenha, de fato, pagado pelas laranjas. Talvez não. Ela tinha razão, minha cabeça estava confusa demais para ter certeza do que eu vi. Mas em momento algum parei de me perguntar o que tinha acontecido com aquelas laranjas.

Laranjeiras também cresceriam bem ali no vale.

Pois quando o Dragão ataca,
É sem misericórdia,
E seus dentes afundam na pele,
Com um deleite faminto.
— Canção de Venda —

CAPÍTULO 34

KAZI

"Anda logo, Synové!"

Ela ainda estava esfregando o rosto e lavando os cabelos no rio. Synové tivera um incidente infeliz com cocô de cavalo. Ela havia caído de cara em uma grande pilha de excremento ainda quente, e todo mundo no acampamento ouviu seus gritos. Embora sentíssemos empatia pelo que lhe acontecera, Wren e eu estávamos prontas para irmos embora, e uma regra não oficial, mas bem conhecida entre os Rahtan, era ser sempre pontual. Sempre. Eben e Natiya nos faziam pagar caro quando estávamos atrasadas para os exercícios. Nós deveríamos ter partido na alvorada, junto com os outros. Eu me sentia como Griz, impaciente, apoiando-me ora em um pé, ora no outro.

"Da próxima vez preste atenção aonde você está indo e não fique olhando obras de arte", disse Wren.

Nós não sabíamos ao certo o que a havia distraído, já que ela se recusava a dizer, mas tínhamos uma boa ideia do que teria sido.

Ela saiu do rio batendo os pés, toda ensopada, cheia de indignação e totalmente nua, sem sequer se importar com quem estaria olhando suas belas curvas. Vestiu as roupas, o tecido grudando em sua pele molhada, e então se pôs a pentear e trançar firmemente seus longos cabelos, verificando-os com frequência para se certificar de que não restava qualquer traço de cocô de cavalo.

Quando por fim seguimos viagem, com uma boa meia hora de distância de Jase e dos outros, conversamos sobre o surpreendente progresso do

assentamento.

"Caemus disse que Jase estava enviando um professor para cá", disse Wren. "Jase já até lhe deu o dinheiro para isso. Um grande saco de moedas de ouro, mas havia sangue nelas. Caemus ficou se perguntando..."

Synové torceu o nariz. "Sangue?"

"Jase cortou o polegar hoje de manhã", eu falei. "Talvez ele ainda estivesse sangrando quando contou as moedas."

De todas as coisas inesperadas que os Ballenger haviam feito — a adega de raiz, as casas extras, os suprimentos —, enviar um professor era o que provavelmente nos deixava mais espantadas. Nossa instrução havia começado tardiamente, apenas quando chegamos ao Sanctum. Tínhamos onze anos de idade. Antes disso, nenhuma de nós conseguia ler uma única palavra que fosse. Como a maioria dos vendanos. Em seis anos de treinamento, nós havíamos aprendido a ler e a escrever em dois idiomas — vendano e morriguês. Era uma experiência exaustiva a de passar aquele tempo todo com uma caneta e um livro na mão, tanto quanto com uma espada em punho.

Algumas vezes reclamamos amargamente disso. Pauline e o Erudito Real eram professores exigentes, mas tinha sido a rainha que fizera da fluência nos idiomas um requisito para ser um Rahtan — e isso era algo que todas nós estávamos determinadas a ser. Eu tinha enfrentado dificuldades e me esforçado nos estudos, e minha frustração frequentemente vinha à tona como bolhas na superfície da água. Até que eu pudesse apreciar o silencioso e surpreendente mundo das palavras, não conseguia ver um propósito nele. No entanto, em momento algum esse propósito me pareceu tão claro como quando escrevi a carta à rainha, moldando cuidadosamente as palavras que Gunner já havia escrito, de maneira que transmitissem uma mensagem diferente: *Ignore esta carta*.

Sei que Vossa Majestade deve
estar ocupada com viagens.

A rainha não viajava havia meses. Ela era *incapaz* de viajar e eu não esperava que ela o fizesse.

Traga thannis dourada como um presente de boa vontade.

Nós só presenteávamos as pessoas com a amarga *thannis* púrpura. A doce *thannis* dourada era mortal. Quase havia matado o pai dela.

Nossos anfitriões merecem essa honra.

A confirmação de que não se podia confiar neles.

Estamos instaladas na torre da Vigília de Ior, recebendo toda a hospitalidade deles.

Nós conseguimos entrar na torre e já havíamos começado a nossa busca.

Sua sempre fiel serva, Kazi

A rainha me chamava apenas pelo meu nome inteiro, Kazimyrah. Assinar a carta como *Kazi* soaria tão ruidosamente quanto um sino tocando no silêncio de um cemitério.

Ela não estava vindo, como eu bem sabia. Qualquer carta que ela houvesse enviado de volta conteria uma mensagem oculta apenas para mim. Tudo o que Gunner viu foram as palavras que ela queria que ele visse.

"Olhe para lá", disse Wren. "Logo em frente. Conseguimos alcançá-los mais cedo do que pensamos."

Ao longe, uma nuvem de poeira se revirava atrás de uma carroça.

"Talvez eu consiga fazer Mason me ensinar a guiar um grupo de cavalos algum dia", ponderou Synové. "Se voltarmos."

Wren balançou a cabeça. "Em primeiro lugar, você precisa fazer com que Mason pelo menos fale com você e, em segundo lugar, eu não acho que nosso retorno será bem-vindo."

Synové deu de ombros. "Depende. Kazi fez uma busca nos arredores, e nós também não vimos nenhum sinal do capitão. Se ele não estiver aqui, afinal de contas, nós partiremos sob termos mais amigáveis."

Termos mais amigáveis? Synové estava tecendo um cenário que eu não havia considerado.

"É possível que o covarde já tenha ido embora", concordou Wren. "Ele desertou de um campo de batalha. Já havia fugido antes. Ele é bom em fugas."

Sim, ele era um covarde por muitos motivos, mas não tinha medo de matar em grande escala. Eu vi a preocupação estampada no rosto de Wren, na forma como ela mordia o canto do lábio. Isso pesava sobre todas nós. Onde quer que o capitão estivesse, ele era um perigo. Era como ter uma cobra venenosa à solta em uma sala escura. Qualquer lugar onde se pisasse poderia ser mortal. Pelo menos, a pista da rainha havia lançado um pouquinho de luz sobre o canto de onde ele vinha espreitando.

Synové soltou um suspiro dramático e piscou, batendo os cílios energicamente.

"Mas, se ele acabar aparecendo na torre da Vigília de Tor, nós teremos o nosso monstro... E eu imagino que o pobre Mason terá de simplesmente aprender a viver sem mim."

Wren deu uma gargalhada. "Mais ou menos como Eben sobrevive?"

Synové fechou a cara para ela e depois ficou me estudando. "E você, Kazi? Vai ser difícil para você ir embora?"

Eu sabia que ela sondaria algo nesse sentido em algum momento.

"De algumas maneiras", admiti, tentando pisar em ovos em relação ao óbvio, nutrindo a esperança tola de que ela fosse deixar esse assunto de lado. "Estou fascinada por cada pedacinho da Boca do Inferno. Eu nunca vi uma cidade como aquela antes. As *tembris* e os passadiços são..."

"Você sabe do que eu estou falando", disse Synové. "Aquele outro item com o qual você está fascinada."

Me mantive em silêncio por um bom tempo.

"Não", respondi, por fim. "Para mim, não será difícil partir." Ficar nunca foi uma opção.

Fiquei observando as carroças à nossa frente, a poeira se erguendo em ondas nas laterais, quando alguma outra coisa chamou a minha atenção.

"O que é aquilo? Bem ali."

Meu estômago se contraiu com o temor.

“Saqueadores”, confirmou Wren.

Muitos deles — e meus instintos me diziam que eles não eram amigáveis.

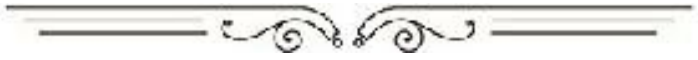
“Eles estão perseguindo as carroças”, disse Synové.

“Como se fossem lobos”, acrescentou Wren.

Não precisei dizer nenhuma palavra a Mihe. O cutucão do meu joelho e meu peso se erguendo nos estribos bastaram para que ele saísse voando, e juntos nós nos tornamos um vento escuro cruzando a paisagem a toda velocidade.

Meus pensamentos galopavam tão rapidamente quanto Mihe e, em algum lugar na minha cabeça, eu ouvia palavras desesperadas que não poderiam ser minhas. *Eu quero, sim, ter um futuro com você, Jase. Eu quero uma vida cheia de amanhãs.*

CAPÍTULO 35



JASE

"Está vendo aquilo?", berrei, conduzindo o meu grupo, de modo que se aproximasse do de Samuel. Tiago estava ao lado dele.

Samuel assentiu. "Estou de olho neles."

Eu também estivera de olho neles. Eles estavam a uma boa distância, mas vinham cavalgando paralelamente a nós já havia algum tempo, surgindo de um bosque pelo qual passamos menos de um quilômetro atrás. Estávamos em uma trilha pouco utilizada. Não esperávamos ver ninguém por aqui. Mason havia avançado bastante, estava longe do alcance de nossas palavras, e os saqueadores se posicionavam fora do campo de visão dele. Eu tinha certeza de que ele não os tinha visto, ou teria diminuído a velocidade e se juntado a nós.

"Estou contando dez deles", disse Samuel.

"Onze", Tiago rebateu.

Era difícil contá-los. Eles estavam longe demais e muito agrupados.

Contudo, por mais que não soubéssemos a quantidade exata, eram muitos para estarem cavalgando sem uma carroça. E tampouco estavam guiando gado. Eles não tinham qualquer propósito por aqui, e eu não gostava da forma como permaneciam tão reunidos quanto uma matilha. Eles estavam discutindo. Planejando. Eram saqueadores.

Inspirei fundo, coloquei dois dedos na boca e soltei um assovio agudo e estridente, tentando chamar a atenção de Mason. Ele não ouviu. O vento soprou o som de volta para nós.

"Eles vão atrás dele primeiro", gritei para Samuel. Eles iriam derrubar

quem estava separado do grupo antes de atingir o restante. Estávamos mais perto de Mason do que eles, mas cavalos de tração puxando carroças não conseguiam se mover tão rapidamente quanto cavalos avulsos. "Vamos à direita de Mason", falei. "Preparados?"

"Vamos", foi a resposta de Samuel.

"*Rá!*" Estalamos nossas rédeas. "*Rá!*" Assim que nosso grupo disparou, os saqueadores fizeram o mesmo, seguindo em direção a Mason.

"Rá!", berrei repetidas vezes.

Nosso grupo seguia socando o chão, cruzando a planície, as camas subindo e descendo dentro da carroça, as pedras que havíamos colocado na traseira para fazer peso voando atrás de nós. Samuel também gritou com toda a força de seu ser. Mas, estando na direção contrária do vento e com o barulho de sua própria carroça e dos cavalos, Mason ainda não conseguia nos ouvir. Mesmo que ele se virasse e os avistasse, seria um contra dez. Ou onze.

E então uma sombra passou voando ao meu lado. Saquei minha faca, mas ela já era um borrão preto à minha frente. Mais duas sombras vieram em seguida, e eu achei que fosse uma emboscada cercando-nos por todos os lados — até que me dei conta de que eram Kazi, Wren e Synové. Elas tinham saído em disparada na direção dos saqueadores para tirá-los da cola de Mason. Conforme elas se aproximavam, metade do bando se dividiu e veio para cima de nós.

Mantivemos nossas carroças seguindo aos solavancos, mas, dentro de poucos segundos, eles nos alcançaram. Dois saqueadores vinham em direção à minha carroça, um deles correndo ao meu lado. Ele pulou na traseira e eu não tive escolha senão soltar as rédeas e sacar a minha espada. Pulei do assento para a cama, com uma arma em cada mão, a carroça ainda em alta velocidade. Nós dois estávamos espremidos ali, nossos alvos errantes conforme a carroça pulava por sobre os sulcos do chão, mas, ainda assim, o aço de nossas armas se encontravam, os gumes afiados vibrando violentamente um contra o outro. O clangor reverberava junto com todos os outros ruídos e com a gritaria que nos cercavam. Os golpes dele eram ferozes e fortes, golpes de alguém treinado e determinado a sobrepujar o inimigo a todo custo.

Avistei Samuel e Tiago de relance, envolvidos em suas próprias lutas com os vários saqueadores que os cercavam. Um solavanco me jogou de joelhos

na carroça, que foi lançada para a frente enquanto o outro bandido pulou a bordo. Fiquei preso entre eles, virando-me, indo de encontro aos seus golpes, e então um terceiro se aproximou. Eu não era capaz de manter os três afastados. Lancei-me adiante, derrubando o primeiro deles, e então, com um movimento da minha mão, mergulhei a faca na coxa dele, que gritou e caiu da carroça em movimento. Girei mais uma vez, pronto para encontrar o outro saqueador, e agora o terceiro estava já bem próximo à carroça, tentando puxar os cavalos assustados para que se detivessem.

O segundo homem se adiantou num salto antes que eu pudesse ficar em pé. Girei, atingindo a espada dele e derrubando-a de sua mão, mas, em um ímpeto momentâneo, ele se lançou para cima de mim, jogando-me para trás, seu joelho batendo com tudo nas minhas costelas. Minha cabeça pendia na lateral da carroça, perigosamente pousada perto da roda. A poeira voava para dentro dos meus olhos, e nossos braços se tensionavam e tremiam, encostados um ao outro, enquanto ele pressionava uma faca em direção ao meu peito. A ponta arranhava levemente a minha pele repetidas vezes conforme a carroça pulava no terreno. Meus olhos lacrimejavam com o pó e a sujeira. Eu mal conseguia enxergar, mas, atrás dele, vislumbrei o terceiro homem, borrado, assomando na nossa direção, e então um quarto...

Pisquei, tentando desanuviar a minha visão. Era Kazi. Quando ela pulou para cima da carroça, o outro bandido girou na direção dela e avançou, suas espadas colidiram, mas, como ele tinha o dobro do tamanho dela, seus ataques a jogaram para trás. Forcei minha perna para cima, tentando desequilibrar o homem que vinha em meu encalço e, assim, chegar até ela. Mas, ao tropeçar, ele me arrastou junto, e nós dois caímos da traseira da carroça, rolando na terra. Quando finalmente me detive, avistei a faca dele jogada entre nós. Lançamo-nos na tentativa de pegá-la. Ele estava mais perto e alcançou-a antes de mim, porém o homem estava estirado de barriga no chão. Ele rolou, mas meu punho cerrado já havia levantado voo, nocauteando-o até que ele perdesse os sentidos, então eu o atingi de novo, e mais uma vez, até que seu rosto tivesse se tornado uma massa sangrenta e despedaçada. A faca, ainda em sua mão, não mais importava. Eu a tomei dele e fui atrás de um de seus cavalos abandonados.

A carroça já ia bem longe à frente e, mesmo a galope, eu não conseguia ver Kazi nem o saqueador que estava junto dela. Enquanto cavalgava,

vislumbrei os demais em borrões diante de mim, Wren lutando ao lado de Samuel, os lampejos de suas *ziethes*, sangue jorrando do pescoço de um dos saqueadores, Tiago e Samuel derrubando seus oponentes. Ao longe, outros saqueadores circulavam a carroça de Mason, e Synové soltava uma saraivada de flechas. Eu vi um dos inimigos cair, e depois outro, e Mason engatou em uma luta com um terceiro. Bem à frente, minha carroça finalmente havia parado, com os cavalos ainda saltitando, nervosos, mas não havia nem sinal de Kazi e do saqueador. Esfreguei os olhos, que ainda lacrimejavam com a poeira. Meus pulmões ardiam como fogo, e então minha última respiração foi arrancada deles. Eu a avistei no chão, quase enterrada embaixo do homem. Pulei do cavalo, apertando a faca em meu punho cerrado, rezando aos deuses para que não fosse tarde demais, mil preces e súplicas proferidas em uns poucos e frenéticos segundos — *Não ela, por favor, não ela* —, pronto para fatiar a garganta do saqueador, quando ouvi Kazi dizer: "Ele está morto. Tire-o de cima de mim".

Eu me pus de joelhos e o empurrei. Ela estava ensopada de sangue e meus dedos instantaneamente começaram a procurar por ferimentos.

"O sangue é dele, não meu." Eu vi a faca que ela segurava com firmeza em uma das mãos. Ela ainda estava ofegante e mal conseguia falar, com os pulmões tão vazios quanto os meus. Encostei meus lábios em sua pele, sua testa, sua bochecha, bloqueando a respiração que vinha da minha garganta.

"Você está bem?"

Ela respondeu que sim com um movimento de cabeça.

"E os outros?"

"Ainda inteiros. Pegamos todos eles."

Havia doze deles no total. Kazi e Wren haviam matado dois cada uma. Synové, três. Mason, Samuel, Tiago e eu havíamos matado os cinco que restaram. Todos nós estávamos sujos de sangue e tínhamos cortes, arranhões e hematomas, mas Samuel era o único que havia sofrido um ferimento mais sério, um corte profundo que cruzava a palma de sua mão. Ele precisaria levar uns pontos quando chegássemos em casa. Wren estava cuidando do ferimento e havia pedido a camisa dele para fazer uma bandagem. Uma faca jogada por um dos saqueadores havia atingido de

raspão o escalpo de Synové e, embora não parecesse ser um corte sério, sangrava profusamente, e a sua cabeça também precisou ser envolvida com uma bandagem. Kazi rasgou a camisa de Samuel, dividindo-a em tiras. Minha própria camisa tinha uma pequena mancha de sangue em cima do coração, onde a faca do saqueador havia me cortado. Pensei no aviso da vidente: *Proteja o seu coração,* Patrei*. Eu vejo uma faca pairando, pronta para arrancá-lo fora.*

Era o que quase tinha acontecido.

Enquanto Mason e eu colocávamos os corpos na traseira das carroças, ficamos nos olhando, ainda em choque. Nunca tínhamos visto nada assim. Os saqueadores eram muitos e contavam com o fator surpresa a seu favor. Nós tínhamos Rahtan para nos proteger.

"Eu estaria morto se não fosse por elas", disse Mason.

"Todos nós poderíamos estar mortos. Aposto que você está feliz por ter devolvido as armas a Synové. E você estava certo, ela poderia literalmente acertar a sombra de uma mosca."

Ele a olhou de relance. Ela segurava um pedaço de pano junto à cabeça.

"Mas ela precisa aprender a se esquivar."

Ele me disse que Kazi havia matado um dos homens que estava prestes a abrir o crânio dele ao meio com um machado.

"O que lhe falta em estatura, ela compensa em velocidade. Ela é rápida."

Eu sentira sua rapidez na primeira vez que a encontrei, mas sob a perspectiva de quem sofre um ataque.

Todos eles haviam corrido para o vale sem pensar duas vezes, impulsionados pela fúria tal qual demônios. Eu sabia que os Rahtan eram soldados bem treinados e disciplinados, e não me agradava muito o fato de serem tão habilidosos — até presenciar o resultado na forma de todos aqueles corpos.

Quantos você já matou?

Dois. Eu tento evitar, se for possível.

Agora, Kazi tinha matado quatro. As mortes de hoje não poderiam ter sido evitadas. Não fomos atacados por um grupo desordenado de bandidos, mas por uma equipe em uma missão. Nós já havíamos reunido os seus cavalos e revirado as suas bolsas à procura de alguma pista que nos dissesse quem eles eram. De forma muito suspeita, eles estavam limpos. Até mesmo as mantas de suas selas não nos davam pista alguma sobre sua

origem.

Kazi saiu andando, os hematomas em seu pescoço começando a escurecer. O último saqueador havia tentado enforcá-la antes que ela o esfaqueasse. Ela agarrou um cantil de água para levar a Samuel, que ainda recebia ajuda de Wren para se limpar.

"Você deveria passar uma água nos olhos de novo", disse ela. "Ainda estão vermelhos."

"Vou lavá-los. Depois." Ela fez uma pausa e olhou para os corpos que estávamos empilhando. "Por que eles atacariam carroças vazias? Não havia nada para ser roubado."

"Carroças grandes e vazias às vezes são o melhor prêmio", foi a resposta de Mason. "Eles estavam se dirigindo ao mercado para comprar alguns itens, e isso significa que carregavam gordos sacos de moedas."

Quando ela foi de encontro a Wren, que cuidava do ferimento de Samuel, Tiago colocou em palavras aquilo em que todos nós estávamos pensando. "Ou isso tudo foi mais um ataque forjado para desmerecer os Ballenger."

Possivelmente.

Nós fizemos questão de olhar no rosto de cada um deles enquanto carregávamos os corpos, para ver se reconhecíamos algum membro das ligas. Teria sido uma incursão aleatória por parte de bandidos, ou um ataque para instigar medo? Ou será que haveria algum outro motivo por trás disso? Um ataque com o objetivo específico de matar o *Patrei* e seus irmãos?

Qualquer que fosse o motivo, tínhamos de pegar os corpos e jogá-los em um barranco. Não queríamos que outros mercadores vissem o banho de sangue ao passarem por esse caminho. As notícias se espalhariam pela arena como um incêndio. Todos os mercadores estavam ali para obter lucros, mas, assim como o embaixador candorano, eles davam mais valor à vida, e por isso não queriam se ver em meio a uma guerra de poder.

Mason balançou a cabeça em negativa.

"Tem alguma coisa estranha em relação a eles", disse ele. "Alguma coisa..."

"Eles estão barbeados e limpos", falei. "Suas roupas não fedem. Esses homens não estiveram à espreita na trilha por um bom tempo, esperando que a presa aparecesse. Eles vieram até aqui com esse objetivo. E sabiam

que estaríamos aqui."

Mas como? E quem os enviara?

Conduzimos a carroça para mais adiante a fim de pegar o último corpo — aquele que eu tinha tirado de cima de Kazi. Ele estava com o rosto virado para baixo. Mason e Tiago pegaram-no e o jogaram em cima da carroça. Eu o virei e sua cabeça pendeu para o lado, os olhos ainda abertos.

Nós três o reconhecemos. Tiago sibilou por entre os dentes.

"Filho da mãe", disse Mason.

Era Fertig, o namoradinho de Jalaine.

Jogamos o corpo de Fertig no barranco primeiro. Ele desapareceu na ravina rochosa. Ninguém nunca o veria ali. Falei para Mason e Tiago não compartilharem nossa descoberta com os outros, inclusive com Samuel.

Até onde tínhamos conhecimento, Fertig não trabalhava com nenhuma das ligas. Ele cuidava dos cavalos em um dos estábulos da arena. Tiago disse que Fertig gostava de jogos de azar e tinha uma fraqueza pelos dados. Talvez alguém tivesse se aproveitado disso e lhe oferecido dinheiro para que ficasse de olho nas coisas. Será que era isso que movia o interesse dele por Jalaine durante todo esse tempo? Ela gerenciava o escritório da arena e geralmente era discreta, mas não havia melhor fonte de notícias do que ela.

Juntamos as peças do quebra-cabeças. Ela havia se gabado sobre a carta da rainha e depois mencionara a mensagem de Gunner, que nos dizia para voltar para casa.

Foi assim que Fertig e sua gangue souberam que estaríamos aqui.

Jalaine lhe contara.

De um jeito estranho, correr lado a lado com a minha fúria proporcionava uma sensação de alívio. Eu já sabia da existência de conspiradores, mas, pelo menos, agora tínhamos uma pista. E uma pista sempre descortinava outras mais. Eles tinham o hábito de deixar uma bagunça para trás. E agora nós tínhamos um rastro a seguir.

CAPÍTULO 36

KAZI

DESTA VEZ, EU PENSEI.

Desta vez eu vou morrer.

Minha faca se fora, perdida em minha queda da carroça.

O peso dele havia me esmagado, suas mãos ensandecidas eram como anéis de aço em volta do meu pescoço. Minhas unhas arranhavam o rosto dele, sua carne, seus braços. Os sons eram turvos. Já me faltava o ar, as margens irregulares do mundo desapareciam e meus dedos faziam uma última e desesperada dança.

Eu vi a Morte parada ao lado dele, sorrindo. *Você é o próximo.*

Meus dedos apertavam, buscavam. *Faça um desejo, Kazi, faça um desejo para amanhã.*

Sem respiração.

Faça um desejo para amanhã, para o dia seguinte e para o próximo.

Sem ar.

Um deles sempre haverá de se tornar realidade.

E então a minha mão bateu contra alguma coisa rígida. A faca dele. A faca que ele ainda levava embainhada na lateral do corpo.

Sentei-me ao lado de Jase na carroça, o braço dele me envolvendo, e tudo de repente parecia certo e fácil e abençoadamente calmo. Minhas roupas ainda estavam ensopadas de sangue, e os nós dos dedos dele estavam machucados e inchados. Mihe vinha logo atrás, preso à traseira da carroça. Os cavalos dos saqueadores estavam amarrados atrás de outras carroças.

Eu me apoiei em Jase, às vezes fechando os olhos. Às vezes sentindo os lábios dele roçando em minha têmpora.

Amanhã.

O dia seguinte e o próximo.

Os fantasmas, eles nunca vão embora. Eles aparecem para nos chamar em momentos inesperados.

Porque, se eu conseguisse acreditar no amanhã ou no dia seguinte, talvez assim a magia tivesse tempo para se realizar.

Houve uma época em que eu me perguntava se tudo aquilo era um sonho. Um pesadelo. No qual ela nunca tivesse existido. No qual eu tivesse surgido de um sonho febril, sendo apenas uma sombra faminta nas ruas. O rosto dela se esvanecia, assim como seu toque, da mesma forma como acontece com os sonhos, por mais que tentemos nos agarrar a todas as suas partes. No entanto, sua voz permanecia clara, como se ela nunca tivesse me deixado. A memória era agridoce, e me salvava quando ela não conseguia salvar a si mesma.

Minha chiadrah, você deve encontrar a magia.

Eu me aninhei mais perto de Jase.

Talvez eu tivesse encontrado a magia.

Talvez pudessem haver amanhãs.

Esse pensamento já não me parecia tão perigoso.

A casa principal explodia de agitação. Nós havíamos entrado pelos fundos, pelo Túnel de Greyson, de modo a não desfilarmos pela cidade com nossos ferimentos e roupas manchadas de sangue para não criar pânico. As notícias correram pelo túnel e, na hora em que chegamos aos degraus da frente, Vairlyn já estava lá fora gritando ordens. *Vá buscar a curandeira! Mande Gunner e Jalaine virem para casa! Traga mais bandagens do estoque! Coloque os suprimentos na sala de jantar! Busque baldes de gelo no depósito!* Ela foi andando de Tiago até Samuel, e então até Wren, examinando-os para ver se tinham ferimentos, segurando queixos e virando cabeças de um lado para o outro. *Vá até a sala de jantar! Já para dentro!* Embora Synové tentasse se encolher e passar despercebida, ela não conseguiu escapar das garras de Vairlyn, que examinou sua cabeça ensanguentada coberta pela bandagem. Mais ordens foram gritadas. *Prepare os banhos! Prepare os*

quartos de hóspedes! Estava claro que ela já tinha feito isso antes. Talvez até demais.

Lá embaixo nos degraus, Jase me puxou antes que ela descesse até nós.

Ele passou os dedos com gentileza pelos hematomas no meu pescoço e balançou a cabeça.

"Não quero dizer que você não deveria ter vindo, mas, se não tivesse..."

"Nenhum agradecimento é necessário, Jase Ballenger. Fiz isso por um motivo totalmente egoísta."

Ele ergueu as sobrancelhas.

"Que seria...?"

"Você ainda me deve uma charada. *Das boas.* Você não vai se safar disso tão facilmente."

Ele sorriu.

"Eu sempre cumpro com a minha palavra, Kazi de Brightmist. Você terá sua charada."

Ele se curvou para me beijar, mas a mão de alguém o empurrou.

"Você terá tempo para isso depois", disse Vairlyn. Ao olhar para o meu pescoço, disse: "Pelos deuses, eu espero que o animal que fez isso esteja morto". Ela tocou os vergões com cuidado. "Vamos colocar gelo nisso. Já para dentro." Ela olhou para o corte na maçã do rosto de Jase, depois segurou na mão dele e olhou para os nós de seus dedos. "Quebrados."

Jase puxou a mão. "Não estão quebrados..."

"Eu reconheço ossos quebrados só de olhar! Vá encontrar os outros na sala de jantar."

"Agora não", disse Jase, com firmeza, mas seu tom mudou em um instante. "Tenho de conversar com Jalaine primeiro. Mande-a ir até o escritório assim que chegar aqui."

Vairlyn diminuiu o ritmo, estudando-o com os olhos, e uma conversa sem palavras se desenrolou entre eles. Ela assentiu.

"Venha quando tiver terminado."

E então eu entendi. Aquele não era o filho dela. Era o *Patrei*.

Sons de enfermaria — bandagens sendo cortadas, água quente sendo espremida de tecidos, pessoas gemendo e se encolhendo de dor enquanto arranhões, cortes e ferimentos eram limpos — enchiam a sala de jantar.

Tiago tinha a estatura de um touro, mas foi o mais sonoro de todos quando Vairlyn tirou lascas de madeira de seu braço com a ajuda de uma pinça. Ele miava como um gato abandonado.

Na outra extremidade da longa mesa de jantar, Oleez aplicava uma infusão no cotovelo ralado e ensanguentado de Wren, e então lavou e examinou o meu pescoço. Ela me deu um saco de gelo para que eu aplicasse sobre os hematomas. Enquanto Priya passava unguento no lábio cortado de Mason, ele observava Synové se contorcendo conforme a curandeira examinava o corte em seu escalpo. O corte havia parado de sangrar, mas seus cabelos estavam cheios de sangue coagulado. A curandeira lhe deu um bálsamo e uma nova bandagem para que ela utilizasse assim que tivesse tomado banho. Só então estávamos livres para partir.

Wren olhou de relance para Samuel enquanto saíamos dali. Seu braço estava tenso, os músculos e as veias saltados, e seus olhos apertados enquanto a curandeira fazia pontos na palma de sua mão. Ele não abria a boca, mas seu peito se erguia em respirações cuidadosamente calculadas.

"Ele vai ficar com uma cicatriz", disse Wren. "Agora eu não serei a única que saberá diferenciá-lo de Aram."

Nós já estávamos chegando aos nossos quartos, ansiosas para tomarmos banho e trocarmos de roupa, quando uma criada veio correndo atrás de nós, ofegante. Ela me estendeu um prato coberto por um guardanapo delicado.

"Da nova cozinheira", disse ela. "Ela pediu que eu lhe entregasse isto."

Peguei o prato e ela saiu apressada, provavelmente atarefada com as coisas da casa. Antes mesmo que eu erguesse o guardanapo, o cheiro aromático floresceu ao nosso redor. *Sálvia.* Synové tirou o tecido de cima do prato. Três bolinhos de sálvia acomodavam-se juntos no meio do prato. Havia uma mensagem ao lado.

O Patrei *nos deixou à par de sua adoração por bolos de sálvia. Preparei outras especialidades nômades, caso você queira vir saboreá-las na cozinha. Estarei por lá a noite toda, pois a cozinheira habitual está doente. Preparei até um pouco de chá de* thannis*, e acho que você poderia gostar.*

"*Thannis*?", perguntou Synové em um gritinho estridente.

"Santos demônios", sussurrou Wren, "vocês acham que...?" Mas ela não se atreveu a expor o pensamento em voz alta.

Nós voltamos a descer as escadas, mordiscando nossos bolos, assentindo para as criadas e para os *straza*, e ninguém mais se preocupava conosco passando por ali. Nós havíamos lutado lado a lado com o *Patrei* e os irmãos dele. Estávamos cobertas de bandagens e ferimentos, e nossas roupas manchadas carregavam as evidências da batalha. Nos encontrávamos acima de quaisquer suspeitas.

Quando fizemos uma curva, fomos atingidas por cheiros gloriosos que exalavam da cozinha. Aromas de comida dos nômades. Embora tia Dolise fosse uma excelente cozinheira, esses cheiros nos eram familiares — alho, endro, alecrim, tomilho e, é claro, sálvia.

"Vocês estão aqui para falar com a cozinheira?", perguntou uma criada enquanto saía pela porta giratória com uma pilha de pratos na mão. "Ela pensou que viriam e deixou umas guloseimas preparadas para vocês. Ela e o marido estão lá dentro."

Nosso andar despreocupado desapareceu e, aos tropeços, todas nós nos espremmemos para passar pela porta de uma só vez, chegando até o centro do cômodo. Diante de uma panela fumegante, a cozinheira se virou com o rosto austero e as mãos nos quadris. Seu parceiro saiu da despensa, e ela fez um movimento apontando para a porta. Ele deu uma espiada por uma fresta. "Tudo limpo."

Eu sabia que ela não nos abraçaria. Nem ele. Mas seu rosto pétreo e rígido falhou miseravelmente ao tentar conter as emoções, e o alívio brilhou nos olhos de Natiya. Talvez nos de Eben também.

"Cozinheiros?", falei. "Vocês entraram aqui como *cozinheiros*?"

"Você está duvidando das minhas habilidades?" Natiya limpou as mãos em seu avental. "Cozinhar é algo que ainda está no meu sangue, sabia? Mas eu acho que nós só conseguimos entrar aqui porque o *Patrei* queria agradar *você.* Alguma coisa a ver com bolos de sálvia...?" Com ar condenador, ela ergueu uma sobrancelha. "Explique."

Dei-lhe uma versão resumida das coisas, um breve relato de nós dois acorrentados um ao outro e o que veio depois. Ela ouviu em silêncio, seus olhos demonstrando diversão quando lhe contei sobre a chantagem que fiz com os Ballenger.

"Muito bem", disse ela. "E o nosso coelho? Algum sinal dele?"

Balancei a cabeça em negativa.

"Procurei por toda parte, exceto nos estábulos e em alguns dos anexos.

Nada."

"Não vimos nada além do interior de uma cozinha", murmurou Eben.

"Eles são um bando desconfiado", explicou Natiya. "Observam todos os nossos movimentos."

"E não podemos desaparecer como a Executora de Sombras aqui", disse Eben, ainda de olho na porta.

Essa habilidade me tinha sido muito pouco útil até agora. As buscas pelos lugares secretos da torre da Vigília de Tor não haviam dado em nada.

"Ele tem de estar aqui em algum lugar. E a arena?", quis saber Natiya. "Você deu uma olhada por lá?"

Pelo que Jase havia me contado, a arena borbulhava de gente. Não me parecia o tipo de lugar no qual alguém se esconderia, mas valia a pena dar uma olhada.

"Jase vai até a arena amanhã. Vou pedir para ir junto com..."

"Gente a caminho!", sussurrou Eben.

Natiya apontou para o balcão e todas nós rapidamente pegamos uma das guloseimas servidas nos pratos, conversando com deleite enquanto a criada passava pela porta. Ela pegou canecas de estanho de um armário.

"Divino!", disse Synové. "Experimente este, Kazi."

"Excelente!"

"Delicioso!"

"Posso comer outro?"

Natiya ficou radiante e, assim que a criada voltou a sair, o sorriso dela desapareceu e nós voltamos às perguntas menos saborosas.

"E como foi que", ela apontou para as nossas roupas manchadas de sangue, "*tudo isso* aconteceu?" Espiando sob a bandagem de Synové, ela acrescentou: "Nenhum dano permanente?".

"Estamos bem", foi a minha resposta. "Há outros problemas aqui que não têm nada a ver conosco. Quando Jase se tornou o novo *Patrei*, ficamos presas no meio de uma guerra de poder."

"Ouvi falar disso. Também ouvi falar que eles receberam uma carta da rainha. Eles realmente acreditam que ela está vindo para cá?"

"Acreditam, sim. Isso foi parte do nosso acordo, em troca dos reparos no assentamento, que já estão sendo levados a cabo."

"Bom trabalho, *kadravés*", Eben assentiu, seus olhos pousando em mim. Ele entendia o acordo e o meio-termo alcançado, todas as coisas que

finalmente tínhamos de deixar para trás.

"E Dolise?", perguntei. "O que vocês dois fizeram com ela?"

Natiya torceu o nariz. "Apenas um pouco de coral. Ela terá de ficar perto do penico por alguns dias."

"Nós tínhamos de conseguir entrar na cozinha da casa principal para falar com você de alguma forma", disse Eben, enquanto abria uma fresta da porta novamente.

"Apenas uma boa *limpeza*, como tia Reena costumava dizer", Natiya falou e estendeu um prato de guloseimas para nós. "Agora vão. Limpem-se. Descansem. Veremos vocês esta noite no jantar."

"E se ele também não estiver na arena?", quis saber Wren.

Natiya franziu o cenho, infeliz com essa possibilidade. "Se necessário, seguiremos em frente. Procuraremos por toda parte até o encontrarmos."

Seguir em frente.

Essa não era a ordem da rainha. Nós deveríamos apenas vir até aqui e depois voltar para casa. Era impossível procurar por uma pessoa pelo continente inteiro sem ter nenhuma pista. Pessoalmente, eu já sabia disso. Talvez essa fosse uma espécie de esperança desesperada à qual Natiya estava se prendendo — de que o homem que ajudou a orquestrar as mortes de tantas pessoas fosse encontrado antes de matar novamente.

Peguei o prato dela.

"Os bolos de sálvia estão perfeitos, a propósito."

"Até melhores que os da tia dela", respondeu Eben.

Natiya abriu um grande sorriso.

"É melhor você nunca dizer isso na frente dela."

Eben sorriu.

"Não sou idiota."

O olhar dele se demorou em Natiya como se, por um instante, ele tivesse se esquecido de que todas nós estávamos ali. Pegamos mais um prato das delícias dos nômades para levarmos de volta para os nossos aposentos, e Eben e Natiya voltaram ao trabalho. Eles ainda tinham de manter a farsa de cozinheiros e preparar o jantar.

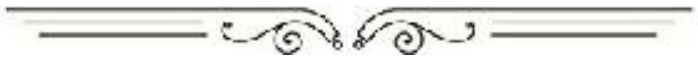
Enquanto caminhávamos até a porta para irmos embora, Synové se virou. "Só para ter certeza de que entendemos a história direito, vocês dois estão fingindo ser marido e esposa?"

Eben colocou de lado o pote de água que havia acabado de encher e

Natiya parou de cortar cebolinhas por um instante, um longo e pleno silêncio no ar.

"Não", Eben respondeu. "Não estamos fingindo." E então ele voltou a trabalhar.

CAPÍTULO 37



JASE

O ESCRITÓRIO DO MEU PAI AGORA ERA O MEU ESCRITÓRIO. EU NÃO tinha entrado lá desde sua morte. Era uma sala de contemplação e, ao mesmo tempo, de condenação — um local para conversas privadas. Quando queria falar sozinho com um de nós, ele nos convidava para vir até aqui. Duas cadeiras muito macias e estofadas ficavam de frente uma para a outra em um canto escuro da sala.

Jalaine estava sentada à minha frente, em uma delas, tremendo, gritando, ainda sem conseguir entender.

Fiquei de pé em um pulo.

"Olhe para mim, Jalaine! Estou coberto de sangue! E olha que eu não me saí tão mal dessa! Pode ser que Samuel nunca consiga usar a mão de novo!"

"Mas, Jase..."

"É isso! Minha decisão está tomada! Estou tirando você da arena!"

"Foi uma única vez! Um erro..."

"Um erro imenso! Eles quase mataram todos nós!"

"Você tem certeza de que o erro não foi *seu?*", ela berrou, tentando jogar a culpa para cima de mim. "Você sequer chegou a lhe perguntar algo antes de matá-lo?"

"Deixe-me ver, quando eu deveria ter feito isso? Logo antes de ele ter vindo para cima de mim com sua espada? Ou enquanto ele estava estrangulando Kazi?"

"Não fui só eu! Gunner estava contando para todo mundo sobre a vinda da rainha!"

“Mas Gunner não falou para todo mundo sobre a mensagem que ele me enviou pedindo que eu voltasse para casa, ou sobre a trilha em que eu estaria cavalgando! Eles sabiam exatamente quando estaríamos lá!”

Um novo pensamento me atingiu: será que eles faziam parte do mesmo grupo que havia se passado pelos Ballenger no ataque ao assentamento vendano?

“E quanto ao *shorthorn*? Você disse ao Fertig alguma coisa sobre termos ido até o assentamento em busca de pagamento?”

Os olhos dela se arregalaram, e então ela disse, entre choros e soluços: “Eu não sabia, Jase. Ele me amava. Ele jurou que me amava”.

Joguei as mãos para o ar. “Quando foi que você se tornou tão idiota, Jalaine?”

Ela se lançou para cima de mim, me batendo com os punhos cerrados, suas unhas acertando meu maxilar. Eu a segurei, prendendo seus braços nas laterais de seu corpo, e a abracei junto ao meu peito. Ela tremia, aos soluços.

Quando por fim ela se acalmou, sussurrei: “Você sabia que ele gostava de jogar dados?”.

Ela assentiu.

“Você vai me dar uma lista agora de todo mundo com quem você já o viu falando. Ele pode ter falado com o cavalo dele, não importa, eu quero saber.”

Fiquei parado em frente a ela, observando-a enquanto escrevia algo, sentada à escrivaninha. Suas lágrimas caíam no papel. Quando ela terminou de escrever, dei uma olhada no conteúdo da folha e dobrei-a ao meio.

“Você estará no jantar esta noite”, falei, “e não dirá nenhuma palavra. Ficará ali sentada e dará uma boa e longa olhada em todo mundo que estiver àquela mesa. Você olhará para todos os arranhões, machucados e bandagens, e para os rostos daqueles que poderiam ter sido feridos em seguida, como Nash e Lydia. Você refletirá a respeito de todas as coisas que poderiam ter sido perdidas simplesmente porque você não pensou direito.”

Sobraram apenas pedaços do Antes.

Memórias escassas que não chegam a formar nada inteiro. O Antes

não importa mais, mas eu conto os pedaços das histórias daquela época às crianças que choram, faço qualquer coisa para que fiquem quietas.

Era uma vez...

A mãe de Gaudrel me contou essas histórias porque minha mãe já estava morta. Às vezes eu tinha muito medo de ouvi-la. Eu gostaria que ela estivesse aqui. Agora, eu preencho os espaços vazios com minhas próprias palavras.

Havia uma grande fortaleza em uma colina...

Os abutres batem ruidosamente no portão, exigindo que os deixemos entrar. Eles dizem que vão nos matar, nos mutilar, nos torturar, mas não permitimos a entrada deles. Greyson puxa uma alavanca e nós ouvimos gritos. As lanças que ele preparou fizeram seu trabalho.

Olho por cima do portão e faço um sinal para que ele e o restante do pessoal saiam correndo. Ele puxa uma outra alavanca e seguem-se mais gritos. Os poucos que ainda estão vivos não vão mais nos incomodar. Estamos em maior número do que eles agora.

— Miandre, 16 anos —

CAPÍTULO 38

KAZI

Eu me empoleirei no cantinho da janela do quarto de Synové, pressionando um saco de gelo no pescoço como a curandeira havia mandado, com os joelhos encolhidos junto ao peito. Daqui, eu tinha uma clara visão dos jardins lá embaixo e das casas imensas que ficavam atrás deles, como se fossem reis gigantes sentados em seus tronos, com suas coroas compridas e pontudas perfurando um céu cor de tangerina.

Nuvens finas e transparentes, tingidas da mesma cor, fluíam em faixas preguiçosas acima de tudo, fazendo a grande fortaleza se parecer menos com um feroz guerreiro de pedra e mais com um confortável refúgio. Eu estava cansada. Sentia dores. Um confortável refúgio era, de fato, tudo o que eu queria.

A beleza se tornou mágica quando, de repente, uma nuvem escura e palpitante se estirou pelo céu. Morcegos. Milhares, talvez milhões deles, um denso torvelinho de morcegos no ar; uma linha ondulante seguindo, toda ela, o mesmo rumo. O crepúsculo em meio às asas se assemelhava a centelhas em uma tempestade de vento. Jase dissera que as montanhas Mouras estavam cheias de cavernas, algumas tão grandes que poderiam conter toda a torre da Vigília de Tor em seu interior. Agora eu sabia que elas continham morcegos também.

Venham ver, eu ia dizer, mas Wren estava sentada, aconchegada em uma cadeira, de olhos fechados, tamborilando os dedos no robe macio que vestia. Synové ainda se demorava no banho, maravilhando-se com a água quente à disposição com o simples girar de uma manivela.

“Como você acha que eles fazem isso?”, ela me perguntou.

Eu contei a ela o que Oleez me dissera. Havia cisternas aquecidas no telhado. As montanhas que se agigantavam atrás da fortaleza provinham bastante água e pressão. Synové se inclinou para a frente, adicionando mais água quente ao banho e soltando murmúrios diante de tal luxo, e então se recostou de novo.

Eu a analisava, admirada com seu silêncio. Seus braços estavam cruzados atrás da cabeça, e os dedos dos pés brincavam com uma gota que caía da torneira. Era curioso o fato de que ela ainda não mencionara Eben. Nem mesmo uma vez. As últimas palavras dele quando saímos da cozinha devem ter rendido horas e horas de especulação por parte dela. Apenas algumas semanas atrás, ela sonhava com ele, desejando-o. Agora, parecia mais hipnotizada pelo banho quente do que com a notícia que nos surpreendera — Eben e Natiya não fingiam ser marido e mulher. Eles estavam casados.

Enquanto eu ruminava em relação a Synové, os pensamentos de Wren me pegaram desprevenida.

“Eu entendo porque Natiya despreza tanto assim o capitão. Acho que ele pode ser até mais asqueroso do que o Komizar.”

“Como assim?”, perguntei. Eu não conseguia imaginar alguém mais desprezível do que o Komizar.

“O Komizar tinha sido pobre como nós e sabia como era não ter nada, mas o capitão... Ele tinha tudo: uma posição de prestígio em Morrighan, um lugar no gabinete, riqueza, poder, mas não era o bastante para ele. E, além de tudo o que ele tinha, também era cruel. Quando atiraram na rainha...”

“Não”, disse Synové.

Wren e eu nos alarmamos. Nós a encaramos, sem saber ao certo o que ela queria dizer. Synové ainda estava imersa na banheira, com os olhos distantes, fitando o teto. Eu nem mesmo tinha certeza de que ela estava ouvindo a nossa conversa.

“Foram os governadores e os guardas que se voltaram contra nós naquele dia, na Praça Blackstone”, ela continuou falando. “São eles os mais desprezíveis.”

Seu olhar parecia fixo, contemplando uma lembrança distante, e então ela piscou, como se estivesse surpresa por ter dito essas palavras em voz

alta. Todas tínhamos nossas próprias aversões, mas não falávamos a respeito. Nós circundávamos as margens, remendávamos as rachaduras umas das outras e nos ajudávamos a saltar as fissuras, mas sem adentrá-las.

Ela piscou novamente e sorriu, como se pudesse varrer para longe os últimos poucos segundos de suas lembranças, endireitando-se na banheira.

"Então nenhuma de vocês duas vai falar sequer uma palavra em relação a Eben e Natiya?"

Wren tropeçou nas palavras. "Nós... Eu não sabia..."

"Foi uma surpresa", falei.

Synové soprou uma baforada de ar. "Ah, eu vi que isso ia acontecer. Como vocês *não* viram? Mas acho que agora sabemos a resposta para *aquela* dúvida, certo?"

Eu achava que sim.

Wren soltou um suspiro. "Então não precisamos trazer isso à tona de novo."

Synové levantou e saiu da banheira, enrolando-se em uma toalha. Ela foi andando até o guarda-roupa e se pôs a inspecionar as roupas limpas que Vairlyn mandara lhe entregar, comentando sobre cada peça, se perguntando se todas nós comeríamos no salão de refeições, se Mason estaria lá, o que teríamos para o jantar, quão estranha a grande família Ballenger era, se alguém faria caso se ela comesse o último bolinho de queijo de cabra... Synové sendo Synové novamente.

"Vairlyn me agradeceu, sabiam? Por ajudar o filho dela. Eu a corrigi. Eu não apenas ajudei o Mason. Eu salvei o traseiro dele, mas..."

"Bálsamo", falei, apontando para o jarro que a curandeira havia enviado para aplicar na cabeça de Synové.

Wren levantou e pegou o jarro da mesa. "Eu faço isso."

Eu me reclinei no canto da parede mais uma vez, fascinada pelos jardins reluzentes, ouvindo Wren dando bronca em Synové e ordenando que ela ficasse parada, suas reprimendas me fazendo sorrir, grata por estarmos vivas. Grata porque Jase estava vivo. Tudo em que eu conseguia pensar hoje, enquanto galopava Mihe, era que cada segundo fazia a diferença. Segundos podiam mudar tudo. Segundos poderiam fazer com que um caminho se apagasse, jogando-nos em outro aos solavancos.

"O que é isso?", perguntou-me Synové, a mão pousada na própria nuca.

“Nada”, respondeu Wren, dando um tapa na mão dela para que a tirasse dali.

Nada além de uma área sem cabelos. Nenhuma de nós tinha contado a Synové que um pequeno tufo de seus adoráveis cachos cor de cobre havia sido vítima da faca que cortara seu escalpo. Um pentear meticuloso poderia disfarçar até que os cabelos voltassem a crescer, e parecia que Wren já tinha cuidado dessa parte.

Minhas pálpebras estavam pesadas enquanto eu observava a fonte borbulhante no centro do jardim, mas então alguma coisa perturbou minha calma onírica — um movimento repentino que captei de esguelha. Virei-me e vislumbrei uma figura subindo apressadamente os degraus da Darkcottage e desaparecendo lá dentro. Eu me endireitei, sem saber ao certo o que tinha acabado de ver, pois tudo se deu muito rápido.

Ele era alto e tinha os ombros largos, mas, de onde eu estava, não consegui discernir suas feições. Entretanto, havia algo na forma como ele se apressava, na forma como voltou o olhar para o jardim antes de entrar de fininho, que me deixou perturbada. Talvez ele estivesse com medo de que soltassem logo os cachorros. Ou talvez ele estivesse com medo de alguma outra coisa.

“O que foi?”, perguntou-me Wren, meus movimentos ligeiros chamando-lhe a atenção.

“Alguém acabou de entrar na Darkcottage”, eu respondi.

“Um empregado?”

“Talvez. Mas ele era alto e tinha os ombros largos.”

Essas tinham sido as palavras exatas da rainha ao descrever o capitão. Synové levantou da cadeira em um pulo e espiou para fora da janela.

“Qual era a cor dos cabelos dele?”

“Brancos, eu acho, mas é difícil ter certeza. Tudo fica refletindo essa luz alaranjada.”

“Os cabelos do capitão são pretos.”

Wren juntou-se a nós na janela, inspecionando os arredores com seus olhos afiados.

“Passaram-se seis anos. Os cabelos podem mudar.”

Parecia que havia um pássaro preso se debatendo dentro do meu peito

enquanto eu subia às pressas os degraus da Darkcottage. As nuvens acima haviam ficado mais densas e ameaçadoras. Eu não tinha muito tempo antes do cair da noite e os cachorros já estavam soltos. Fiquei ouvindo através da porta antes de abrir uma fresta. Deparei-me com o silêncio, mas, conforme entrei, senti o cheiro de alguma coisa. Um aroma.

Cheiro de vinho? Suor? Talvez fosse apenas o ar estagnado dentro da casa fechada.

Mas era um aroma que eu não tinha sentido da última vez que estive aqui.

Um fino feixe de luz despontava por entre as cortinas de uma janela. Era tudo o que eu tinha para me ajudar a navegar por essa quase escuridão. Eu me mantive nas beiradas do piso de madeira para evitar que rangesse e revelasse a minha presença ali. Passei sorrateiramente de um aposento ao outro, pela cozinha, sala de visitas, despensa, adega e pelas muitas câmaras nos pisos superiores, onde fizera minha busca da última vez que estive aqui. E mais uma vez se encontravam vazias, inalteradas. Não me deparei com ninguém.

Dei uma olhada na porta dos fundos. Quando a abri, os arredores estavam vazios, silenciosos como apenas o crepúsculo consegue ser. Através da cerca viva e das árvores, tive um vislumbre dos estábulos. Será que ele tinha ido até lá por esse caminho? Mas por que passar pela Darkcottage? Havia outros caminhos que davam diretamente lá. Fechei a porta. Eu estava atrasada, precisava voltar logo.

Mas, quando eu me virei, um calafrio me acariciou — *Vá* —, uma voz insinuou-se, subindo pela minha coluna — *Vá embora* —, um dedo empurrou meu maxilar — *Ande logo* —, e então seguiu-se um borrão apressado de vozes, mãos, rostos e pessoas correndo pelo corredor — *Shhh, por aqui, corra, não diga nenhuma palavra.* A Morte andava em meio a eles, olhava para mim de relance, mas, desta vez, ela não sorriu. Ela chorava. Seus braços estavam cheios e ela não conseguia carregar mais nada.

A porta do meu quarto estava entreaberta quando voltei para a casa principal. Com cautela, eu a abri e me deparei com Jase olhando dentro do meu guarda-roupa, abrindo e remexendo as gavetas. Ele vestia apenas uma calça, sem camisa, sem sapatos, os cabelos ainda molhados, como se tivesse

entrado às pressas para procurar alguma coisa.

Fechei a porta com firmeza atrás de mim.

Ele se virou, alarmado.

"Desculpe-me, eu bati, mas você não respondia. Eu estava me preparando para o jantar e me dei conta de que não tinha mais camisas. Nem meias. Eu só tinha algumas no quarto de hóspedes, que agora estão sujas no meu alforje."

Relaxei os ombros. Ele estava procurando por algo no guarda-roupa *dele*. Não no meu.

Eu quase tinha me esquecido de que havia me apropriado do quarto dele.

"Coloquei as suas coisas nas gavetas de baixo", falei. "Leve o tempo que precisar. Estou apreciando a vista."

E estava mesmo. Ele ergueu a mão. Seus dedos estavam cobertos por uma bandagem. Um grande sorriso iluminava o rosto dele.

"Estou machucado. Talvez você possa me ajudar?"

Revirei os olhos.

"Pobre bebê. Tão machucado quanto uma aranha tecendo uma teia e me seduzindo para cair dentro dela."

"Mas é uma teia bem agradável, não?"

"Eu é que vou julgar."

Fui me aproximando e ele me pegou nos braços, seu beijo mal chegando a um sussurro em meus lábios, como se ele temesse me machucar.

"Meu pescoço está bom", falei. "Apenas machucado, sem danos permanentes. Já os nós dos seus dedos..." Eu me afastei dele e ergui sua mão, examinando os dois dedos que estavam enfaixados. "Sua mãe tinha razão? Quebrados?"

Ele deu de ombros timidamente, como se estivesse relutante em admiti-lo.

"Talvez um pouco trincados. Segundo a curandeira, pelo menos."

"Você deveria dar ouvidos à sua mãe sempre."

"É o que ela diz."

Eu me ajoelhei para remexer na gaveta de baixo, em busca de uma camisa.

"Branca? Cinza?"

"E você, Kazi?", ele me perguntou. "Você sempre dá ouvidos à sua mãe?"

Parei por um instante, segurando as meias nas mãos, apalpando-as entre

os meus dedos.

"As coisas são diferentes para nós, Jase. Eu já disse isso a você. Ela é uma general e tem muitas responsabilidades. Não nos vemos com frequência."

"Mas ela ainda deve se preocupar com você. E hoje..." Ouvi quando ele soltou um suspiro. Ouvi sua culpa. "Essa batalha não é sua. Primeiro os caçadores de mão de obra, e agora isso. Sua mãe pelo menos sabe que você está aqui?"

Será que ela sabe? Minha garganta foi inundada pela perda, que hoje me agarrava com uma mão nova e cruel, chegando até o meu coração, arrancando-o, fazendo-me lembrar do que tinha perdido. Ao ver a preocupação nos olhos de Vairlyn quando ela olhou para o meu pescoço, quando me mandou entrar para que cuidassem dos meus ferimentos como se eu fosse um dos seus filhos, eu vi os momentos que perdi com a minha própria mãe, todas as memórias que eu nunca tive chance de construir. Era mais uma coisa que o condutor dos Previzi havia roubado de mim. Seis breves anos foi tudo o que eu tive com ela. A ausência da minha mãe me atingiu de uma forma inédita e amarga, porque, às vezes, é impossível sequer começar a entender tudo o que perdemos até que alguém nos mostre aquilo que poderíamos ter tido.

Remexi em uma outra gaveta.

"E essa camisa creme?"

"Kazi..."

Eu me levantei e o encarei.

"Pare. Você não tem de sentir culpa. Minha mãe me criou desde muito nova para que eu fosse uma soldada. E parece que eu me saí bem nisso. Vou aceitar o meu prêmio agora."

Eu trouxe a boca dele para junto da minha e o beijei, um beijo longo e intenso, esforçando-me para criar uma memória à qual eu pudesse me agarrar. Quando me afastei, comecei a abotoar sua camisa. Seu peito subiu em uma profunda e trêmula respiração.

"Acho que há algumas vantagens em estar com os dedos enfaixados."

"E eu acho que você consegue lidar com as meias sozinho. Também tenho que me arrumar." Eu o empurrei de volta para a poltrona e lhe joguei três pares de meias para que ele escolhesse. "Como foi a sua conversa com Jalaine?"

Ele ficou calado, como se estivesse pensando no assunto.

“Foi tudo bem”, disse ele, por fim. “Agora estou por dentro dos negócios na arena.”

“Tanta coisa aconteceu por lá em tão poucos dias?”

“A arena é um lugar cheio. Muita coisa pode acontecer em pouco tempo.”

Perguntei se poderia ir até lá em sua companhia amanhã, e ele pareceu satisfeito com isso, mas me avisou que seria um dia cheio e que teria de me deixar sozinha em alguns momentos. Era conveniente que ele estivesse ocupado, pois eu teria tempo de vasculhar os arredores sem restrições, talvez apenas para não descobrir nada. Era isso o que eu tinha esperanças de encontrar? Nada? Eu já não sabia ao certo. Durante meses, eu pensara que encontrar o capitão fecharia uma porta na minha vida. Muitas portas. Que não só apagaria danos atuais, mas fracassos passados também. Que serviria para consertar alguma coisa. Que traria justiça a muitos, em um lugar onde a justiça pessoal não pôde ser encontrada.

Jase notou o meu silêncio.

“O que foi?”

Segredos que eu ainda não posso lhe contar, Jase. Juramentos que não posso quebrar. Verdades que eu quero partilhar, mas não posso. Agora eu conhecia a resposta, com tanta certeza quanto conhecia o tom exato dos olhos castanhos de Jase.

“Vire-se”, falei. “Preciso me trocar.”

Ele repuxou a boca em um sorriso afetado.

“Você se esqueceu de que eu já a vi seminua?”

A intimidade de estarmos acorrentados juntos e minha camisa molhada e fina haviam deixado pouco para a imaginação quando estávamos em terras selvagens.

“Apenas seminua. Vire-se.”

Enquanto ele calçava suas meias, meti meu corpo em roupas limpas e comecei a escovar os cabelos. Perguntei, de modo casual: “Haverá convidados no jantar esta noite?”.

“Não, apenas a família.”

“E o convidado que está hospedado na Darkcottage? Quando eu estava no quarto de Synové, vi alguém entrando lá.”

Ele calçou uma das botas, e uma expressão de perplexidade preencheu seu rosto, mas ele não perdeu tempo.

“Nada de convidados. Provavelmente era apenas um dos encarregados da

área certificando-se de que as janelas estavam todas fechadas. Parece que temos uma tempestade a caminho."

Uma tempestade. Fazia sentido. Eu tinha visto as nuvens ficando densas. E todas as janelas e persianas estavam bem fechadas.

"Ele tinha cabelos brancos", falei ainda.

Jase se levantou, pensando por um momento.

"Alto?"

Assenti.

"Sim. Foi o Erdsaff. Um bom homem. Está conosco há anos. As tempestades de verão podem ser as piores."

Pensei na tempestade violenta e repentina que havia nos atingido quando Jase e eu cruzamos o Canal dos Ossos e, enquanto eu pensava nisso, a sala foi iluminada por um lampejo de luz, e o estampido de um trovão fez tremer as janelas — como se aproveitasse a deixa para confirmar as palavras de Jase, de que o homem que eu tinha visto era apenas um dos encarregados.

Jase entrelaçou os dedos nos meus. Caminhamos pelos corredores, o ritmo dos nossos passos anunciando que estávamos *juntos*, um ritmo que parecia poderoso, impossível de ser contido. Um ritmo inevitável. Paramos por um instante e nos beijamos, demorando-nos ali como se o mundo não estivesse nos esperando, como se os segredos entre nós não importassem, como se a casa inteira fosse nossa, e nossa apenas, todas as paredes, todos os cantos, todos os patamares. Nós havíamos escapado da morte e ganháramos uma segunda chance.

"Você é uma encrenca e tanto", disse ele, prendendo-me junto à parede do vestíbulo, "o tipo de encrenca que eu..." Palavras ardiam nos olhos dele, palavras que ele queria dizer, mas que conteve, uma barganha silenciosa acontecia entre nós. As coxas dele estavam rígidas junto às minhas, e a respiração subia em ondas pelo meu peito como uma brisa intermitente. Ele contornou o meu lábio inferior de leve com o polegar. "Nós poderíamos pular o jantar", disse ele, com a voz rouca. Ele nunca havia me pressionado, mas eu sabia o que se passava em sua mente. Porque era o mesmo que se passava na minha.

"Jantar, menino bonito", sussurrei junto ao maxilar dele. "Sua família está

esperando.”

Todos já estavam sentados quando nós chegamos na sala de jantar. Era notável a ausência da tia Dolise e de sua família.

“Que bom que vocês finalmente se juntaram a nós”, disse Mason.

“Pelos deuses… Vocês perderam as preces!”, acrescentou Titus.

Priya estalou a língua. “Pelo menos a sopa fria não vai esfriar.”

Suas saudações eram sarcásticas, mas havia um sorriso genuíno escondido atrás de cada uma delas. Eles estavam felizes por ver o irmão. Talvez até mesmo por me ver.

“Sinto muito por estarmos atrasados”, falei. “O tempo voou. Nós…”

“Não há necessidade de pedir desculpas”, disse Vairlyn. “O dia foi cheio.”

Tigelas cheias de sopa fria de menta já estavam dispostas na frente de todos. Vairlyn e Gunner estavam sentados em uma das pontas da longa mesa e os dois assentos na cabeceira permaneciam vazios. Jase puxou uma das cadeiras para mim e sentou-se na outra.

“Hummm”, disse Priya, baixinho, notando meu lugar na cabeceira da mesa.

Wren e Synové sentaram-se perto do meio, e eu percebi que Mason estava ao lado de Synové. Eu me perguntava como ela havia orquestrado isso. Samuel estava sentado em frente a Wren, com a mão direita totalmente enfaixada e o braço apoiado em uma tipoia. Entre o ferimento dele, a cabeça de Synové coberta por uma bandagem e os arranhões e cortes de Wren, Mason e Jase, éramos um bando lamentável, embora decididamente menos sangrento do que hoje mais cedo.

“Vocês viram isso?”

Lydia e Nash se balançavam e saltitavam em seus assentos, ecoando a animação um do outro.

“Abra! Leia!”, disse Lydia.

Disposta ao lado da minha tigela, estava a carta da rainha. O selo já tinha sido rompido. Olhei para a outra ponta da mesa, e Gunner deu de ombros.

“Você não estava aqui. Eu não sabia se era urgente.”

Desdobrei a carta e imediatamente vi que estava escrita em morriguês, e não em vendano. Conforme eu esperava, a rainha pretendia que eles lessem a carta. Eu a li em voz alta, embora tivesse certeza de que a maioria

ali presente já o havia feito.

Prezada Kazi, fiel Rahtan em um valioso serviço para a coroa...

Wren engasgou com sua água e eu lhe desferi um olhar de aviso. A rainha costumava escrever de um jeito mais casual. Ela não era dada a pompas e circunstâncias, e sua saudação formal deixou claro que nenhuma de suas palavras era o que parecia ser. Ela havia entendido o âmago de minha carta.

Li sua carta com deleite e gratidão por saber que a família Ballenger estende sua calorosa hospitalidade a você e às minhas outras estimadas guardas.

Deleite queria dizer que todo o Conselho Vendano tinha dado uma boa risada daquilo.

Suas revelações são, de fato, surpreendentes.

Não acredito em nenhuma palavra.

Esse território selvagem e indomado que você descreveu é intrigante, e confio que você esteja usando seu tempo com sabedoria para aprender tudo o que puder sobre o lugar.

Espero que a essa altura você já tenha encontrado o nosso homem.

Lorde Falgriz...

Contive uma bufada. Griz não era nenhum lorde e ele odiava o título, em tom de provocação, pelo qual a rainha às vezes o chamava.

Lorde Falgriz, prossegui, *está escoltando meu irmão até o palácio em Merencia, onde eu pretendia encontrá-lo.*

Griz está esperando no ponto de encontro, junto com suas tropas.

Mas posso postergar alguns dos meus planos a longo prazo e fazer uma parada rápida na Boca do Inferno.

Nem mesmo uma rainha poderia postergar seus planos.

Aceito o convite dos Ballenger para lhes fazer uma visita. Estou ansiosa para ver vocês no fim do mês.

Se até lá vocês ainda não tiverem encontrado o capitão, ele não está aí. Voltem para casa.

Seus serviços fiéis são uma dádiva para mim e para todos os reinos. E nunca serão esquecidos.

Ela assinou com todos os seus quatro nomes de batismo, que, eu sabia, ela nunca usava.

A carta não continha nenhuma surpresa, exceto pela última linha. Era um lembrete — *Eu acredito em você*.

Conversas agradáveis irromperam ao redor da mesa, todos educados porque Wren, Synové e eu estávamos presentes, mas pude ouvir o tom frio daquela sensação de mérito alcançado. Era algo que eles sentiam estar a caminho e que deveria ter acontecido havia muito tempo, mas notei que Jase não disse nada. Ele estava com os olhos focados em Jalaine. Ela não dissera nada desde que chegamos, as costas rígidas junto à cadeira, os olhos baixos, voltados para o colo.

Embora ainda estivesse olhando para Jalaine, Jase perguntou: "Samuel, como está a sua mão?".

A alegria da sala ficou embotada.

Samuel se esforçava para conseguir dominar sua colher com a mão esquerda, a sopa verde escorrendo para os lados da tigela com seus movimentos desajeitados.

"Vou sobreviver", foi a resposta dele.

"Jalaine, levante os olhos", disse Jase. "Olhe ao seu redor. Você não tem nada a acrescentar?"

"Jase", disse Priya em tom de aviso.

Ele lhe desferiu um olhar fixo e gélido para aquietá-la.

Jalaine tirou a atenção de seu próprio colo. Seus olhos estavam inchados e vermelhos. Ela varreu a mesa com um olhar contemplativo, como se estivesse vendo todo mundo pela primeira vez, até que seus olhos voltaram a pousar em Jase.

"Nada a acrescentar, meu irmão. Nem uma palavra."

Olhares interrogativos ricochetearam em volta da mesa. Surpreendentemente, foi o nojento quem tentou trazer um pouco de alegria de volta à sala.

"Tenho mais boas-novas", disse Gunner. "Enquanto vocês estavam fora, um outro reino assinou um contrato de aluguel pelos aposentos. Cruvas agora também terá a nós como ponto de apoio para o comércio. E sabem aquela remessa que prometemos aos candoranos? Tenho confirmação de que estará aqui dentro de duas semanas."

Agora Gunner tinha a plena atenção de Jase.

"Duas semanas. É uma notícia excelente." Ele se inclinou para a frente, ansioso para discutir mais a respeito, mas então relaxou em seu assento. "Conversaremos mais sobre isso depois."

Vairlyn perscrutou a mesa, nervosa.

"Já chega de falar de negócios", disse ela. "Vamos desfrutar nossas sopas."

As conversas irromperam enquanto todo mundo comia. Nash fez uma pergunta atrás da outra a Wren, a maior parte em relação às suas *ziethes* — as quais eu a convencera a deixar em seu quarto esta noite, ainda que ela estivesse portando uma adaga. Fiquei surpresa ao ver Mason conversando baixinho com Synové, perguntando-lhe sobre sua cabeça, sussurrando alguma outra coisa que eu não conseguia ouvir. Priya questionou Samuel em relação ao assentamento, mas percebi que Jalaine permanecia calada.

"O que há de errado com a sua irmã?", perguntei em um sussurro a Jase.

"Explicarei depois", ele me respondeu e, colocando a mão debaixo da mesa, apertou a minha coxa de leve. Sua expressão estava tensa e, neste momento, parecia que ele queria estar em qualquer outro lugar que não aqui.

Um som alto e ruidoso deteve as conversas e todo mundo olhou para Samuel. A colher havia caído dos seus dedos e sopa verde se espalhava pela mesa.

"Sinto muito", disse ele. "Pode demorar até que eu me acostume a usar a mão esquerda." Ele limpou os respingos verdes com seu guardanapo.

Wren empurrou sua cadeira para trás e deu a volta até ficar ao lado dele, pegando uma caneca do aparador no caminho. Ela a colocou diante de Samuel e despejou a sopa da tigela dentro da caneca.

"Pronto", disse ela. "Beba. Problema resolvido." Wren retornou a seu lugar.

Samuel abriu um sorriso e ergueu a caneca junto aos lábios, mas Jalaine apertou os olhos, horrorizada, enquanto o observava. Ela empurrou sua cadeira para trás e saiu voando da sala.

"Qual é o problema com Jalaine?", quis saber Lydia.

Nash olhou para Wren.

"Posso beber minha sopa na caneca também?"

"Um de nós deveria ir atrás dela?", perguntou Aram.

"Jalaine ficará bem", disse Jase em um tom firme. "Ela só está cansada. Estou dando a ela um tempo longe da arena."

Gunner se reclinou e soltou um gemido.

"Por que você faria...?"

"Gunner", disse Jase, interrompendo o irmão no meio da frase com um olhar afiado. Eu percebi quão rapidamente Jase podia ser duas pessoas

diferentes, o irmão e o *Patrei*. Foi essa a tensão que eu tinha visto estampada no rosto dele mais cedo, seu peso exercendo pressão sobre ele.

Seu foco mudou e fiquei observando enquanto ele olhava para Lydia e para Nash, escolhendo suas próximas palavras com cautela. Ele pegou duas canecas e colocou-as na frente dos dois, depois esvaziou suas tigelas de sopa dentro delas enquanto explicava. "Um dos membros do grupo que encontramos hoje era amigo de Jalaine."

O queixo de Priya caiu. Titus se endireitou na cadeira. Vairlyn pressionou os lábios com firmeza. Todo mundo, menos Nash e Lydia, sabia que o *grupo* que encontramos hoje agora jazia no fundo de uma pequena ravina.

"Quem era ele?", quis saber Aram.

Jase soltou um suspiro. "Fertig."

Um silêncio recaiu ao mesmo tempo em que Lydia gritou: "Eu conheço Fertig! É o namoradinho da Jalaine".

Ela e Nash começaram a beber, alegre e ruidosamente, a sopa de suas canecas. Jase andou em volta da mesa, voltando ao seu lugar.

"Tem mais coisa. Jalaine havia mencionado a mensagem de Gunner a Fertig — aquela que nos convocava de volta para casa. Foi assim que ele soube onde nos encontrar."

Vairlyn se inclinou para a frente, pressionando a testa com os dedos.

"Fertig?", disse Priya, como se ela ainda não pudesse acreditar.

"Por que você não disse nada quando estávamos lá fora?", quis saber Samuel.

"Queria obter informações com Jalaine primeiro."

"Qual daqueles homens era ele?", eu quis saber.

Jase olhou para o meu pescoço e minha pergunta foi respondida.

Foi Fertig quem tentou me estrangular — aquele a quem eu havia matado.

CAPÍTULO 39

JASE

HOJE ENFRENTEI TODOS OS INFERNOS QUE O MEU PAI JÁ DEScrevera em sua vida. Fui cambaleando de um incêndio ao outro. Uma incursão. Uma traição. Kazi imobilizada debaixo do corpo de um saqueador, encharcada em uma poça de sangue. A memória me espancava repetidas vezes. E eu ainda tinha mais negócios a tratar.

Haverá ocasiões em que você não dormirá, Jase.

Ocasiões em que você não comerá.

Ocasiões em que você terá uma centena de decisões a tomar e não terá tempo o bastante para ponderar sequer uma delas. Ocasiões em que uma escolha fará você sentir como se sua carne estivesse sendo arrancada dos ossos. Ocasiões em que você será odiado pelas decisões que tomou. Ocasiões em que odiará a si mesmo.

Você será dilacerado de cem maneiras diferentes. Você duvidará de suas decisões e das pessoas em quem confia, mas, acima de tudo, você sempre deve se lembrar de que tem uma família, uma história e uma cidade para proteger. E esse é tanto seu legado quanto seu dever. Se o trabalho do Patrei *fosse fácil, eu o teria dado a qualquer outra pessoa.*

Agora eu entendia a angústia do meu pai, moribundo em seu leito de morte, passando seus deveres para mim, que eram tanto um fardo quanto uma honra.

Entrei com tudo na Ponta da Caverna, e Beaufort se ergueu do divã em um pulo para me dar as boas-vindas, com um cálice cheio em uma das mãos e uma garrafa na outra.

"Que diabos você achou que estava fazendo?", falei.

"Bem, essa não era a saudação que eu esperava. Muito menos quando..."

"Nós tínhamos acordado que você ficaria longe da vista das pessoas. Uma das soldadas Rahtan que está hospedada conosco viu você entrando na Darkcottage. Tive de inventar uma história, dizendo que você era um dos encarregados."

Beaufort esboçou uma expressão de escárnio.

"Por que elas ainda estão aqui? Eu me sinto como um animal enjaulado! Achei que tivesse dito para você se livrar delas!"

Olhei para ele. Através de uma entrada em forma de arco, olhei para o restante deles, espalhados em torno da *jaula*, como ele chamava, repleta de vinhos finos, tabaco, quantidades ridículas de azeitonas importadas de Gitos e ovas de peixe de Gastineux, e agora *ele* estava dando ordens ao *Patrei*? Eu já me via jogando todos eles para fora dos portões da torre da Vigília de Tor no meio da noite, e que se danassem as armas.

Ele percebeu o erro que tinha cometido.

"*Patrei*, *Patrei*, estou me esquecendo de quem eu sou. Perdão. Entre. Posso lhe servir uma bebida?"

Ele explicou que, com tantos de nós afastados e a torre da Vigília de Tor tão quieta, tinha achado seguro ir até a Raehouse solicitar mais suprimentos à Priya, mas então nossa caravana entrou no Túnel de Greyson, criando uma onda de agitação. Ele esperou até o crepúsculo, quando as coisas se aquietaram, para retornar à Ponta da Caverna.

Mais suprimentos?

"Nós acabamos de fazer um pedido grande para você."

"Receio que tenha ocorrido muito desperdício com os experimentos, mas agora, com a fórmula e o processo aperfeiçoados, estamos prontos para iniciar a produção."

Eu não podia negar que estava feliz por finalmente ouvir essa notícia. Quem quer que estivesse por trás de Fertig e sua gangue voltaria rastejando para o buraco de onde saíra e nunca mais incomodaria a Boca do Inferno.

"E a cura para a febre?"

Ele deu de ombros.

"Nós teremos a cura em breve."

A mesma resposta. Três crianças na Boca do Inferno haviam morrido por

causa da febre no inverno passado. Três crianças é muito. Beaufort havia me mostrado as pilhas de anotações dos eruditos e os estranhos frascos e as louças com os quais haviam feito os experimentos, mas os cálculos não significavam nada para mim.

"Encontre a cura", falei. "Antes da chegada do inverno."

"É claro", foi a resposta de Beaufort. "Tenho certeza de que a teremos até lá." Ele colocou seu cálice de lado e berrou em direção à outra sala. "Sarva! Kardos! Bahr! Todos vocês! Venham até aqui e me ajudem a mostrar ao *Patrei* o que o dinheiro dele comprou!" Ele colocou o braço sobre o meu ombro, o restante do seu sórdido bando seguindo atrás de nós, inclusive os eruditos, Torback e Phineas. "Por aqui", disse ele. "Vamos dar uma olhada no produto final."

Ficamos parados sob o abrigo da cobertura, a parte da caverna que se estendia sobre a casa e por um bom trecho da propriedade, mas os ventos estavam ferozes e nós ainda éramos castigados pela chuva. Pelo menos a tempestade e as trovoadas disfarçariam o som.

"Assim?", falei, segurando o lançador junto ao ombro, da forma como Kardos havia me mostrado.

Ele, Bahr e Sarva tinham sido soldados. Sarva também fora um ferreiro e moldara o lançador com base nos projetos dos eruditos.

"Mantenha-o bem firme aí", avisou-me Bahr. "A estrutura vai absorver bastante, mas esteja preparado para um recuo. Olhe para o seu alvo como se estivesse atirando uma flecha. Agora, mantenha-o firme e estável enquanto puxa a alavanca para trás."

Um alto estalido ressoou e um lampejo iluminou a extremidade do lançador, socando-o contra o meu ombro e me fazendo recuar um passo, mas o barulho não era nada comparado à explosão que se deu quando o alvo foi atingido, a duzentos metros de distância. As montanhas que nos cercavam reverberaram com o impacto.

Seguiram-se gritos de animação por toda parte ao meu redor.

"Isso vai dar conta dos seus problemas?", quis saber Bahr.

"Sim", foi a minha resposta. "E até um pouco além disso."

Eu mal podia esperar para ver a reação do embaixador candorano. Ele já não ficaria reclamando sobre os progressos, e ninguém tocaria um dedo nas caravanas da arena novamente.

"São quatro tiros por carga", disse Sarva. "Embora eu duvide que sobre

alguma coisa depois do primeiro."

"Vocês têm todas as especificações anotadas?", perguntei. "Cuidadosamente documentadas?"

"É claro que temos", foi a resposta de Beaufort.

"E o armazenamento?", perguntei. "Há algum perigo? Nós estamos perto de casas de famílias."

"Nenhum", disse Kardos. "Mas eu não aconselharia colocar as cargas dentro do forno da cozinha."

Eles riram como se estivessem dando uma aula sobre conceitos básicos de segurança para um menino.

"Você não precisa se preocupar com esses detalhes agora", disse Sarva. "Nós vamos repassá-los quando lhe entregarmos a primeira remessa."

Eu sorri, como se *remessa* fosse a única palavra que ele precisasse dizer para que eu ficasse bem.

"Dentro de duas semanas?"

Beaufort assentiu. "Isso mesmo."

"Que bom", falei. Eu virei a arma nas minhas mãos, examinando-a novamente. "Vou ficar com esta aqui até lá." Joguei a alça do lançador por cima do meu ombro.

"Espere", ordenou-me Sarva. "Você não pode levar isso."

Ele esticou a mão para que eu lhe entregasse.

Fiquei encarando-o. Eu quase esperava por essa resposta, mas ainda assim fiquei surpreso.

"Por que não, Sarva? É minha, lembra? Eu paguei por ela. Venho pagando durante quase um ano. E vocês têm todas as especificações anotadas para produzir mais dessas."

Ele e Kardos trocaram olhares de relance, sem saber ao certo o que fazer.

Beaufort deu um passo à frente, sorrindo, um riso forçado vindo de sua garganta na tentativa de abafar a tensão.

"Sim, é claro que temos, mas..."

"Então não há nenhum problema aqui. Quero começar a treinar alguns dos meus homens nos acampamentos dos lenhadores para que trabalhem como acompanhantes de caravanas. Eles sempre precisam de trabalho no inverno." Estiquei a mão e varri as pilhas de cargas sobre a mesa para dentro de uma bolsa de lona. "E vou pegar isso também."

Sarva ficou boquiaberto enquanto eu me virava para ir embora. Ainda

havia muitas coisas mais que ele queria dizer. Enquanto eu partia, Zane veio andando da sala principal até o saguão, comendo uma coxa de galinha. Ele ficou tão surpreso ao me ver quanto eu fiquei por vê-lo ali.

"O que você está fazendo aqui?", perguntei. "Está tarde para entregas."

Ele soltou o ar sibilando, frustrado, e balançou a cabeça. "Eu sei. Voltei pelos fundos para deixar umas mercadorias." Ele revirou os olhos. "Mais vinho e azeitonas. A tempestade atacou com tudo e agora estou preso aqui."

"Nós podemos colocar você na Riverbend, se preferir."

"Está tudo bem. Já estou com as minhas coisas guardadas e armazenadas. Espero que a tempestade já tenha passado pela manhã."

Ele olhou para o lançador em meu ombro.

"Está levando a arma com você?"

"Isso mesmo."

Ele deu de ombros. "Quer que eu a entregue em algum lugar para você? Já que eu estou aqui? Eu posso..." Ele esticou a mão para pegar o lançador.

"Não", eu disse, me afastando dele, "eu fico com isso."

Minha mão repousava sobre a porta, como eu tinha feito várias noites atrás, discutindo comigo mesmo se eu deveria bater ou não. Eu estava completamente ensopado, a água pingava dos meus cabelos até o chão. *Kazi.* Eu ainda não sabia ao certo como isso tinha acontecido. Quando ficávamos sozinhos, quando o mundo não estava olhando por cima dos nossos ombros, tudo era fácil. Tudo o que eu queria era estar com ela, abraçá-la, ouvir sua voz, sua risada. *Você não conhece nem metade dos meus truques ainda*. Eu queria conhecê-los todos. Ela poderia não se comprometer com os amanhãs, mas eu sabia que os desejava tanto quanto eu. Era tarde, provavelmente tarde demais...

A porta foi aberta, como se ela tivesse sentido que eu estava ali fora.

"Olhe para você! Está encharcado!", disse ela, e segurou na minha mão, puxando-me para dentro. "Você precisa de uma camisa seca e..."

"Eu só preciso de você, Kazi. É tudo de que preciso."

CAPÍTULO 40

KAZI

A ÁGUA RELUZIA EM NOSSO CAMINHO E PEQUENOS FILETES fluíam pela trilha, enquanto a tempestade da noite passada escorria montanha abaixo. Um céu azul ofuscante piscava para mim, refletido nas poças e sulcos, e bandos de gaios-azuis guinchavam enquanto passávamos.

A parte de trás da torre da Vigília de Tor era verde, as árvores, densas, e imensos líquens coloridos e mais altos do que um homem se estiravam como um leque sobre as antigas ruínas que ladeavam nosso caminho, como se fossem espectadores vestidos alegremente. Tudo nessa parte do mundo parecia atingir grandes proporções.

Estávamos seguindo a rota pelos fundos, que Jase havia mencionado, para chegarmos à arena. Priya, Titus, Gunner e os *straza* cavalgavam conosco.

Jase parecia mais ele mesmo agora, com os olhos focados, o trabalho que teria pela frente já fervendo com lentidão em seus pensamentos. Porém, na noite passada, quando veio até o meu quarto, ele era um Jase diferente. Ele me abraçou, deixando-me ensopada. *Eu só preciso de você, Kazi*. Depois do jantar, ele dissera que tinha de resolver algumas questões sobre seus negócios.

"Negócios, na chuva?", eu lhe perguntara, com ares de dúvida.

A tempestade estivera em fúria, as janelas batendo ruidosamente com a trovoada a ponto de eu achar que poderiam quebrar. Ele disse que esses negócios se concentravam no Túnel de Greyson, e ele ficara preso na torrente. Eu queria perguntar sobre Jalaine. Eu sabia que uma dessas

questões sobre os negócios tinha a ver com ela, mas percebi o cansaço dele e não disse nada.

Havíamos trocado nossas roupas por peças secas, e nos deitamos em cima de um espesso tapete em frente ao fogo. *Conte-me uma história, Jase*, eu disse, porque senti que era ele quem precisava ser resgatado de seus próprios pensamentos, assim como ele havia feito tantas vezes comigo. Seus ombros ficaram relaxados e seu olhar suavizou, fundindo-se a uma parte de mim que só buscava por mais. Mais de Jase, mais de nós dois. Ele me contou sobre a floresta Moura e sobre a lenda da criatura que lá vivia. Ele descansou a cabeça no meu colo, o fogo crepitava enquanto eu passava os dedos pelos seus cabelos, até que as pálpebras dele foram ficando pesadas e se fecharam — sua história, inacabada, e seu rosto, pacífico. *Meu chiadrah*, sussurrei em algum lugar bem no fundo de mim mesma, onde ninguém poderia ouvir, e então me aninhei ao lado dele e adormecemos.

Um guincho soou alto e nos abaixamos. Tínhamos feito a curva em um retorno e sonoros gaios-azuis voavam em disparada perto de nossas cabeças.

"Calma, Mihe", falei, esfregando o pescoço dele para acalmá-lo.

Jase olhou para a crina de Mihe e franziu o cenho. Estava trançada de novo. Eu suspeitava que Jalaine havia dado uma escapada até os estábulos na noite passada e partilhado segredos com Mihe que ela não poderia dividir com mais ninguém.

Quando Jase seguiu cavalgando adiante para falar alguma coisa com Gunner, Priya se colocou ao meu lado.

"Como está o seu pescoço?", perguntou.

Eu estava usando uma camisa de gola alta e havia deixado os cabelos soltos em volta dos ombros para ajudar a esconder os hematomas.

"Está bem", respondi.

Ela soltou o ar, divertindo-se.

"Não há muita coisa que consiga abalar você, não é?"

Eu me perguntava se ela sabia que tinha sido eu quem havia matado Fertig. Eu me perguntava se Jalaine sabia disso.

"Você viu a sua irmã hoje de manhã? Como ela está?"

Priya balançou a cabeça em negativa.

"Ainda entocada no quarto dela. Não quer sair de lá."

Fiquei pensando em seus olhos vermelhos e inchados. Em seu silêncio.

"Ela o amava?", perguntei a Priya.

"Isso não importa agora", foi a resposta dela. "No minuto em que ele tramou contra a família, Fertig morreu para nós."

"Mas..."

"Jalaine vai superar isso. Ela entende o custo da traição. Ela mesma teria lidado com ele se soubesse disso antes. O objetivo de Fertig era matar os irmãos dela. E talvez o restante de nós também. Não seria a primeira vem que o *Patrei* e sua família seriam todos assassinados."

"O quê?"

Ela abriu um largo sorriso. "Acho que essa história, especificamente, Jase não lhe contou, mas posso garantir que Jalaine a conhece muito bem. Séculos atrás, um *Patrei* e sua família inteira foram assassinados em..."

"Mas eu pensei que a linhagem dos Ballenger nunca tivesse sido extinta."

"Todos mortos, *exceto* a filhinha bebê."

Priya me contou que um tio havia sucumbido aos flertes de uma amante. Ele a havia deixado entrar no meio da noite, por uma entrada que permanecia trancada. Uma imensa onda de saqueadores vinha atrás dela. Enquanto a família fugia, eles foram derrubados por poderes rivais, mas uma criada pegou a bebê e elas escaparam por outro caminho, conseguindo alcançar as catacumbas. A mulher acabou conseguindo sair por uma das cavernas e criou a menina junto a alguns primos nas montanhas. Quando ela completou vinte anos de idade, retornou acompanhada por esses primos e houve um outro assassinato naquela mesma casa — porém, dessa vez, foi a filha vingando a morte de sua família, e um novo reinado dos Ballenger teve início com ela.

"Alguns podem jurar que ainda conseguem ouvir os mortos caminhando pelos aposentos. É por isso que muitos hóspedes não gostam de ficar lá."

"Lá?"

"Na Darkcottage. Aquela foi a primeira casa dos Ballenger." Ela deu de ombros. "Eu nunca ouvi nada lá."

Mas eu ouvi.

"Você tem medo de espíritos?", ela me perguntou.

Se eu tinha medo de espíritos? Eles sussurravam para nós em momentos inesperados, às vezes cruzavam as fronteiras da vida e da morte, tocando-

nos com dedos frios, em outras nos alertavam, mas isso era tudo.

"Não", foi a minha resposta. "Os mortos não podem nos machucar. É dos vivos que eu tenho medo."

Priya me lançou um demorado olhar de esguelha.

"Eu duvidei de você logo que chegou aqui. Achei que você fosse uma bela de uma encrenca, mas admito que estava errada — mesmo que você tenha mentido para mim."

"Não tenho certeza se sei do que você está falando."

"Nunca se tratou de um espetáculo para os outros verem. Você sempre se importou com o meu irmão. Eu só não sei por que você tentou esconder isso. É contra as leis vendanas uma soldada se apaix..."

"Não", falei baixinho, cortando-a antes que ela pudesse terminar a palavra que eu vinha evitando. Dizer *apaixonar* em voz alta me parecia perigoso. Tornava as coisas mais tangíveis, mais fáceis de serem agarradas e quebradas. Ou talvez eu apenas estivesse com medo de que os deuses o notassem e o roubassem de mim.

"Os Ballenger nunca se esquecerão do que você fez pelo meu irmão."

Vocês se esquecerão, sim, pensei. *Se algum dia descobrirem por que eu realmente vim até aqui, se descobrirem que procurei em todos os aposentos de sua casa e remexi em seus pertences particulares, que fiz uma varredura em sua escrivaninha e toquei em suas pedrinhas bem ordenadas, que eu era uma invasora, e não uma aliada, vocês só vão se lembrar de mim por isso.*

A família inteira se lembraria de mim.

Cavalgamos em silêncio e meus pensamentos voltaram para a história de Priya. Uma família inteira assassinada era um horror inimaginável. Não era de se admirar que os Ballenger fossem tão protetores, tão diligentes em relação a ensinar sua história. Mas uma coisa que Priya dissera me cutucava: *Uma criada pegou a bebê e elas escaparam por outro caminho*.

Que caminho?

Não havia nenhum caminho que dava direto nas catacumbas a partir da Darkcottage. Ela precisaria ter corrido a céu aberto, passando pelo pátio de trabalho, o que faria dela um alvo fácil — embora o ataque de fato tivesse ocorrido à noite. Contanto que a bebê não chorasse, ela poderia ter se escondido nas sombras e seguido seu caminho até lá. *Se* a bebê não chorasse. Eu me lembrava de tudo que eu tivera de fazer para manter o tigre quieto quando o levei para fora da Cidade do Sanctum, e olha que

aquela fuga tinha sido extremamente bem planejada, não se tratava de fugir de invasores em pânico.

"Só mais um quilômetro", gritou Jase. Ele deu a volta e veio cavalgar comigo novamente logo que terminara seus assuntos com Gunner. Priya cavalgava à frente.

"Vou lhe mostrar rapidamente um pouco do terreno quando chegarmos lá, mas enquanto eu repasso os aluguéis e cuido de outros negócios, você poderá explorar o restante sozinha."

"Outros negócios? Como o Fertig?"

"Isso também. Quem quer que estivesse tramando algo junto com Fertig sofreu uma baixa substancial de doze homens, que estão mortos em uma ravina. Haverá rumores."

"Eram doze homens bem treinados, Jase. Não haverá rumor algum. Eu vi a forma como eles operavam, trocando sinais uns com os outros, sincronizando seus movimentos, tão calmos quanto um relógio. Wren, Synové e eu nunca fomos machucadas assim antes. Aqueles não eram bandidos comuns. Eles eram tão frios quanto gelo — até mesmo Fertig. Ele foi cruel ao me estrangular, e então, quando eu o esfaqueei... ele sorriu."

Jase estava calado, absorvendo sobriamente minha avaliação.

"De quem você menos suspeita?", perguntei. "Este é o seu culpado."

"Eu suspeito de todos eles", foi sua resposta.

Ele me disse que eram cinco os líderes das ligas, sendo Rybart, Truko e Paxton os mais poderosos entre eles. Mas os outros líderes já haviam atacado caravanas e agitado encrencas.

"Um bando de doze mortos colocará um ponto final em quaisquer de seus planos por um tempinho. Uma dúzia de mortes causaria danos às nossas operações. E vai mutilar as deles também. Ainda assim, eu quero saber quem está por trás disso."

Para que eles paguem um preço mais alto. As palavras não ditas ferviam em seus olhos.

Fizemos a curva no retorno e Jase apontou. "Veja ali."

Tive meu primeiro vislumbre da arena por entre uma clareira nas árvores. Parecia uma cidade inteira. A estrutura irregular e oval se erguia seis andares em direção ao céu. Oito torres em volta de sua circunferência pareciam as presas de uma fera cheia de dentes, erguendo-se a partir da terra. Sua boca estava aberta e vivaz, em grande agitação. Atrás da arena

havia mais estruturas — armazéns, celeiros, silos e pastos delimitados por cercas.

Jase me contou sobre os mercadores na arena, alguns dos quais vendiam mercadorias de fato, outros exibiam itens para serem vendidos e entregues sob contrato. No piso térreo central havia mercadores locais vendendo comida, pequenos itens e bugigangas. Os mercadores maiores ficavam no perímetro.

"Reux Lau vende mercadorias exóticas de couro que não são encontradas em nenhum outro lugar no continente, e Azentil vende todos os sabores de mel que você puder imaginar."

Eu não sabia nem mesmo que havia mais de um tipo de mel.

"E com a renda Quiassé, oriunda de Civica, eles conseguem um valor exorbitante, mas há sempre muitos compradores para pouca renda."

Parecia que o mundo todo lá fora era bem mais rico do que aquele que eu conhecia.

"E você consegue uma porcentagem disso tudo?"

"Nós somos justos. Negociamos porcentagens, mas, se não fosse pela arena, eles venderiam apenas uma fração do que vendem agora. Eles conseguem um lucro considerável também. É por isso que eles vêm."

Não era de se admirar que as ligas ansiassem tão avidamente pelo controle da arena, até mesmo a ponto de tentar matar o *Patrei* que a controlava. Eu já tinha visto pessoas matarem por menos.

As torres dentadas que eu avistara de longe eram, na realidade, longas rampas circulares que conduziam aos andares superiores e aos aposentos localizados no nível mais alto.

Os aposentos dos Ballenger eram surpreendentes: bem mais elegantes e luxuosos do que a torre da Vigília de Tor. Era ali que eles entretinham embaixadores, mercadores ricos e, às vezes, membros da realeza que efetuavam transações comerciais na arena. Era ali que os acordos se realizavam. As salas eram profundas e escuras, três de seus lados não possuíam janelas, exceto pelas paredes que davam para a arena, e havia candelabros reluzentes e ornamentados para iluminar seu interior.

"Quem mais você entretém aqui?", provoquei, espiando dentro de um dos elaborados dormitórios.

"Eu ficaria feliz em entreter você aqui", disse Jase, esgueirando-se por trás de mim e colocando meus cabelos para o lado. Ele deu mordiscadas em minha nuca enquanto abraçava a minha cintura.

"*Patrei*", Gunner chamou-o, com impaciência, do vestíbulo.

Jase rosnou.

"Tenho um encontro com um pessoal de Candora. Vejo você em uma hora."

Eu me virei para ficar cara a cara com ele.

"E como é que você vai me encontrar nesse labirinto imenso?"

"Você não é a única que tem truques na manga."

Ele me beijou e partiu, mas, logo antes de chegar ao vestíbulo, virou-se. "Você pode comprar laranjas lá no térreo também. Ouvi dizer que, se você mencionar que conhece o *Patrei*, conseguirá um bom preço por elas — talvez até consiga uma de graça."

"É mesmo?", falei, franzindo as sobrancelhas em descrença. "E eu ouvi dizer exatamente o oposto — que mencionar o *Patrei* poderia me meter em uma bela encrenca."

Ele sorriu. "Isso também. Viva perigosamente — arrisque-se."

Ele me deixou sozinha no aposento, livre para explorar toda a arena — o que não era um sinal de alguém que tivesse algo a esconder. Ainda assim, fiz uma varredura obrigatória nos cômodos, sem encontrar nada suspeito. Uma preocupação me deixou e outra ocupou seu lugar. *Siga em frente.* Desvencilhei-me desse pensamento e parti para terminar meu trabalho: fazer uma busca em todos os cantos escondidos daquele mundo.

Meus dedos coçaram no minuto em que pisei na arena. O barulho, a comoção, os mascates — era como se eu estivesse na *jehendra* novamente, tentando conseguir minha próxima refeição. Fiquei lembrando a mim mesma de que agora eu tinha uma barriga cheia e moedas no bolso, mas algumas provocações e brincadeiras com os mascates não fariam mal algum.

No círculo externo, localizado no térreo da arena, vi alguns dos mercadores e os produtos que Jase havia mencionado — os carpetes floridos de Cortenai, os linhos de Cruvas, os vários tipos de mel de Azentil. E mais. Tudo o que fosse vendável era comercializado por aqui: móveis, joias, trabalhos feitos em metal, trigo, cevada, condimentos, animais para criação, lenha, belos papéis de carta, minerais, pesos e medidas

intrincados, cristais... Os mais finos produtos de uma dúzia de reinos, todos convergindo em um irresistível cozido de sons, cheiros e sabores. Inspirei o delicioso aroma de fumaça de madeira queimada que flutuava no ar. O zunido de vozes, o bater de utensílios e o distante chilreio de uma flauta tecidos juntos em uma sedutora melodia de boas-vindas. Algumas mercadorias corriam soltas. Um grupo de cuidadores corria atrás de uma lhama sedosa que havia fugido do laço. Ela corria entre as baias, sempre um passo à frente dos cuidadores. Fiquei admirada com a técnica do animal.

Mantive distância da maioria das lojas, analisando-as atentamente, mas então parei um pouquinho para olhar as bugigangas em uma das tendas centrais de um mercador local, atenta a um anel que me fez lembrar de casa — uma delicada videira prateada em volta de um círculo de ouro. Minha mãe costumava trançar uma coroa de videiras nos meus cabelos nos dias santificados. O mercador imediatamente me viu olhando para o anel e, por hábito, eu me protegi para escutar uma litania de insultos. *Fora! Verme imundo! Xô!* Remexi na minha caixinha mental de truques — uma charada, um truque de mãos — para aliviar a ira dele, mas, em vez de insultos, ele começou uma conversa com a qual eu estava muito familiarizada... Aquela que era sempre reservada para *os outros.* Por fora, eu parecia ser um desses *outros* agora, mas, por dentro, eu seria sempre aquela menina pronta para sair correndo.

"Você tem um olho sagaz!", disse ele, mexendo as mãos com entusiasmo enquanto falava. "Esse anel é uma coisa rara! Uma joia singular, rara e esplendorosa! Ouro puro e a mais fina prata!"

Eu duvidava de que fosse prata e ouro de verdade.

"Você merece tamanho tesouro! Um impressionante deleite para uma dama encantadora!", seguiu ele, com um floreio exagerado e torcendo a língua de alegria enquanto fazia suas descrições. "Para você, hoje, eu corto o preço pela metade. Dez gralos!"

Sorri e balancei a cabeça em negativa. "Hoje, não..."

"Mas espere!", disse ele, segurando minha mão. "Você tem de experimentá-lo! Foi feito para sua bela mão." Ele era um homem baixo, robusto, de rosto alegre e redondo, com linhas em volta dos olhos.

"Sua língua é de ouro, senhor, e suas palavras, tentadoras, mas não posso me permitir gastar moedas em um item luxuoso como esse."

Ele deslizou o anel no meu dedo.

"Pronto. É seu! Tenho certeza de que você tem algo a me oferecer em troca dele, não?"

Os métodos dele certamente eram diferentes daqueles dos mercadores na *jehendra*. Ele parecia tão ansioso para se engajar em uma conversa quanto estava para vender. Sorri, pensando por um instante.

"Só posso lhe oferecer isto, como testemunho de sua maestria na persuasão: uma charada feita especialmente para você."

Os olhos dele se iluminaram e suas longas e crespas sobrancelhas se contorceram em deleite. Ele esperava com expectativa. Acrescentei um pouco de teatralidade como um bônus apenas para ele.

Eu não tenho dedos, mas em você encontro defeitos,
Não sou nenhum curandeiro, mas um coração posso consertar,
Posso divertir e silenciar, surpreender e enganar,
E não há qualquer espada já forjada que possa me cortar.
Com uma rósea sedução e um beicinho de apelo,
Eu posso torcer e moldar e verter zelo,
Sou feita de ouro, astúcia e ciladas,
E você, bondoso senhor, acrescente um toque de audácia.

Falei a última frase enquanto estendia o anel de volta para ele.

O mercador bateu palmas com júbilo, diante do desfecho. "Palavras?", ponderou ele, gargalhando. "Sim, palavras!", disse, soltando a resposta novamente. "A alegria do meu trabalho!" Ele curvou meus dedos em torno do anel na palma da minha mão. "Um pagamento justo, está comprado e pago."

Quanto mais eu recusava, mais ele insistia, e, por fim, lhe agradeci pela generosidade e segui em frente. Eu ainda não tinha ido longe quando alguém passou a caminhar ao meu lado, alguém tão bem-vindo quanto uma pulga em um couro cabeludo.

"Eu nunca tinha visto aquele velho azedo tão apaixonado por alguma coisa que não fosse seus próprios produtos."

Era Paxton.

"Ele é um logófilo."

Paxton estalou a língua e torceu o nariz.

“Isso parece nojento.”

Fiquei satisfeita porque, por cortesia do Erudito Real, eu conhecia uma palavra que o muito polido Paxton desconhecia.

“O que você quer, Paxton?”, perguntei, na esperança de me livrar dele o mais rápido possível. Ele começou a entrelaçar seu braço no meu. “Ah, cuidado. A não ser que você queira perder isso aí”, falei, olhando para o braço dele.

Ele olhou de relance para a adaga que eu levava na lateral do corpo e então abriu um largo sorriso. “Nós somos praticamente primos. Achei que seria uma boa ideia nos conhecermos melhor. Ser amigos.”

“Acho que já sei o bastante sobre você. Tive uma boa ideia na primeira vez que o vi.”

“No funeral? As emoções estavam exaltadas. Elas correm no sangue dos Ballenger.”

“Não no de Jase.”

Paxton virou levemente a cabeça, olhando para o meu pescoço machucado. “Sim, talvez especialmente no dele.”

Puxei os cabelos para a frente, a fim de bloquear sua visão. Ele se virou e ergueu o olhar para as torres acima de nós, balançando a cabeça.

“Sem dúvida ele já me viu andando com você a essa altura, então está na hora de eu ir embora. Apenas lembre-se de que eu também sou um Ballenger, e nem tão desagradável na maior parte do tempo. Eu dificilmente solto gases à mesa, não mais.” Quando eu não sorri, ele segurou na minha mão, correndo o risco de perder a dele, e a apertou com gentileza. “Se algum dia você precisar de ajuda, pode contar comigo. Veja bem onde pisa, prima. Lembre-se de que nem sempre todo mundo é o que parece ser, e trair a pessoa errada pode fazer com que você fique mais encrencada do que esperava.”

Ele estava me ameaçando?

“Sábio conselho pelo qual eu não pedi”, foi a minha resposta, “mas vou manter isso em mente…”

“Paxton?”, chamou uma voz. “Eu achei que fosse você!”

Paxton girou, sua compostura abalada por um instante, quando um homem em roupas desgrenhadas e cheias de poeira deu tapinhas de leve no ombro dele. Ele se recompôs rapidamente, e sua preocupação deu lugar a um largo sorriso.

“É um prazer inesperado!”

O homem era alto, esguio, tinha as maçãs do rosto salientes, e sua atenção voltou-se para mim. Seus cabelos escuros, soprados pelo vento, moviam-se para a frente e para trás como a crista de uma onda, como se ele tivesse acabado de descer de um cavalo, não se dando ao trabalho de rearranjar os cabelos.

“E quem seria esse deleite de criatura?”, ele perguntou. “Está se esquecendo dos seus modos, Paxton?”

O homem abriu um grande sorriso e bateu os dedos uns nos outros, como uma criança ansiosa.

“Ah, sim, claro”, murmurou Paxton, olhando para as torres novamente. “Vossa Majestade, esta é Kazi de Brightmist, uma soldada que está aqui de visita, enviada pela rainha de Venda.”

Fiquei encarando o homem, desde sua cabeleira assimétrica até as botas sujas e seu sorriso grande e tolo.

“Vossa Majestade?”

“Rei Monte da Eislândia”, esclareceu Paxton.

O rei entrelaçou as mãos diante de si, erguendo as sobrancelhas e os ombros com expectativa. “Será que eu recebo pelo menos uma leve reverência?”

Um bufão, exatamente como Jase o havia descrito. Um bufão com um grande ego.

“Sim, é claro, Vossa Majestade.” Fiz uma reverência humilde e sincera, e quando me levantei, seus olhos escuros dançavam divertidamente. E talvez algo mais. Expectativa? Será que ele estava esperando por um pouco de humilhação, apenas? “Perdoe-me pelo meu lapso”, eu disse. “Eu não pretendia desrespeitá-lo. Só não esperava vê-lo aqui. É uma grande honra conhecê-lo.”

Seu largo sorriso ficou vacilante.

“Sim, imagino que seja.”

Olhei para as mãos dele. Não tinham calos e suas unhas eram bem cuidadas, não eram as mãos de um trabalhador das fazendas. Passou-se um momento de silêncio, o olhar dele contemplando a minha pessoa durante o tempo de um batimento cardíaco, apenas longo o bastante para que eu percebesse a inquietude por trás de seu jeito provocativo e alegre.

“O que o traz à arena?”, perguntei-lhe.

“Lhamas. Suri, para ser preciso”, foi a resposta dele. “Essa é a vida de um rei fazendeiro — sempre tentando viver à margem da pobreza. Ouvi dizer que os candoranos têm uns belos animais reprodutores para oferecer. *Se* eu puder pagar por eles, quero dizer.” Ele riu e ergueu os ombros, como se tudo fosse uma piada. “E como vai a sua investigação das violações do tratado?”, ele perguntou, finalmente conectando a visita de Natiya ao motivo pelo qual eu estava aqui.

“Muito bem, Vossa Majestade.”

Eu não lhe contaria que o assentamento havia sido transferido para outro lugar. Quanto menos fosse dito, melhor.

Paxton ficou me encarando, e sua expressão dizia que ele estava faminto por mais informações, mas mantive minha resposta curta e vaga.

“Então está tudo bem agora?”, foi a resposta do rei, em forma de pergunta. “Bom saber.” Ele voltou-se para Paxton, que já estava entediado com o assunto. “Venha andando comigo até os estábulos candoranos, por favor? Estamos nos preparando para forjar mais arados e equipamentos para a fazenda, e tenho algumas questões sobre sua próxima remessa de ferro-gusa. Possuo um fornecedor que afirma ser capaz de conseguir um acordo melhor.”

Eles se despediram de mim e eu fiquei observando enquanto se afastavam, com os *straza* e o pequeno contingente do rei seguindo logo atrás. Entre a massa de corpos, avistei quando o rei se virou para Paxton, olhando de relance por cima do ombro; seu largo sorriso de palhaço desaparecera do rosto, e seus olhos estavam afiados e alertas. De repente, um *straza* bloqueou meu campo de visão, mas, ao se afastar novamente, eu vi o rei cutucando algo dentro do bolso de seu colete. Será que Paxton havia acabado de lhe dar alguma coisa? Ou será que era o rei quem estava prestes a dar algo a Paxton?

Peguei meu recém-adquirido anel e coloquei-o em meu dedo mindinho, onde ficava frouxo, e então cortei caminho pelas tendas até o outro lado da arena. Dei a volta no caminho principal e caminhei olhando para baixo, admirando o meu anel, desviando cuidadosamente de outros compradores até que, em meu diminuto campo de visão, avistei um par de botas sujas e fui com tudo para cima de seu dono, quase derrubando nós dois no chão. O rei me pegou nos braços enquanto tropeçávamos juntos, minhas mãos agarrando as laterais do seu corpo.

Ergui o olhar.

"Ah, Vossa Majestade! Sinto muitíssimo. Que tola eu sou! Não estava prestando atenção. Meu anel..."

As mãos dele se demoraram nos meus braços, puxando-me um pouco mais para perto do que o necessário, como se eu precisasse ser apoiada, e ele sorriu — não aquele sorriso largo e inane —, mas, agora, um sorriso que indicava um tipo diferente de interesse.

"Voltamos a nos encontrar em tão pouco tempo. Sem problemas", foi a réplica dele, repentinamente galante. "Aqui, estou vendo o seu anel. Permita-me..." Ele se curvou, pegou o anel e então soprou a poeira dele antes de colocá-lo de volta na minha mão.

"Obrigada", falei, abrindo um sorriso tímido.

Os olhos de Paxton brilhavam com suspeita.

"Cuidado por onde anda", ele me avisou. "Você pode se deparar com algo mais perigoso da próxima vez."

Arrancamos as páginas e queimamos mais um livro.

Miandre chora enquanto mantém suas mãos trêmulas perto do fogo. Ela quer ir para fora e pegar lenha em vez disso, mas Greyson não quer deixar que ela o faça. Nós ouvimos os uivos. Não sabemos se são lobos, monstros ou homens.

— Fujiko, 11 anos —

CAPÍTULO 41

KAZI

O SANGUE AINDA CORRIA EM MINHAS VEIAS COM EUFORIA. FOI A primeira vez que roubei um rei, especialmente com um contingente de guardas e *straza* por perto, embora o prêmio acabasse sendo menos excitante do que eu previa, um mero pedaço de papel com um nome escrito — *Devereux 72.* Talvez fosse o nome do mercador que havia lhe oferecido um acordo melhor para o ferro-gusa, não? Ou talvez Paxton lhe houvesse passado o nome de seu novo mascate que poderia atender ao pedido? Eu não sabia exatamente o que me compelira a ir atrás disso. Talvez o olhar furtivo que o rei lançara por cima do ombro, seus olhos de repente ganhando uma expressão audaz, uma indicação de que algo mais importante do que fazer uma oferta por um animal ocupava sua mente.

Ou talvez fosse apenas o fato de vê-lo andando ao lado de Paxton. Tudo em relação ao primo de Jase era suspeito — e seus avisos arrogantes, *Veja bem onde pisa*, não ajudavam a instilar confiança.

"Está aproveitando?"

Um outro cliente regular da arena veio andar ao meu lado, mas esse era bem-vindo.

"Imensamente", foi a minha resposta. "Passaram-se duas horas. Passeei por todos os pisos, comi pelo menos uma dúzia de laranjas e vi uma lhama muito esperta e bonita."

"Será que eu tenho concorrentes?", perguntou-me Jase. "Deve ser aquele pescoço longo dela."

Eu ri. "E os olhos comoventes. É bom ficar preocupado. O que o fez se

atrasar?"

"Minhas reuniões demoraram. Então você conheceu o rei?"

Me detive para encará-lo. "Como foi que você soube?"

Jase deu de ombros, desviando do assunto. "Eu disse que também tenho os meus truques." Então ele olhou de relance para as torres. "Todas elas abrigam vários dos meus homens, cada um com um pequeno telescópio. Isso ajuda a minimizar os problemas."

Então eles estavam me observando? Quanto será que eles viram? Mas não havia qualquer indicação de suspeita no tom de Jase, nem em sua expressão.

"Que tipo de problemas?", perguntei.

"Batedores de carteiras, ladrõezinhos. Ou, às vezes, acontecem pequenos alvoroços envolvendo punhos."

"Então suponho que todo mundo deva se sentir muito seguro aqui, não?"

"É esse o objetivo. Quando as pessoas relaxam, elas gastam dinheiro. O que você achou do rei?", ele me perguntou.

"Um bufão, exatamente como você disse. E não aparenta ser um fazendeiro. Parece que as mãos dele nunca lidaram com nada mais perigoso do que uma xícara de chá. Você sabia que ele estaria aqui?"

Jase assentiu.

"Gunner me disse que ele foi visto vindo para cá hoje de manhã. Algo a ver com a criação de animais de Suri, dessa vez. Sempre tem alguma coisa acontecendo. O homem não sabe lidar nem com sua própria fazenda, quem dirá com um reino inteiro."

"Talvez ele só precise de mais prática. Há quanto tempo ele é rei?"

"Três ou quatro anos. Deveria ser tempo o suficiente para saber como agir." Ele me explicou que Montegue se tornou rei aos vinte anos, quando o pai dele foi esmagado contra uma parede por um cavalo de carga. "E Paxton? O que ele queria?"

Havia um quê de letal todas as vezes que Jase proferia o nome de Paxton.

"Ele queria ser meu *amigo*", respondi. "E me avisar para não me misturar com certas pessoas. Imagino o que ele quis dizer com isso..."

Uma veia pulsava no pescoço de Jase. "Se ele chegar perto de você novamente..."

"Aí eu vou lidar com ele novamente, menino bonito. Relaxe."

"*Sou eu* quem vai lidar com ele, Kazi", disse Jase em um tom firme. "Já tive

minha cota de insinuações nocivas da parte dele. Da próxima vez, vou fazê-lo engolir um bocado de dentes."

Entrelacei meus dedos nos dele, sentindo seus calos, lembrando-me de Jase manuseando machados e cavando adegas, e me senti grata pela aspereza de suas mãos.

"Chega de falar de Paxton. Mostre-me o restante de sua arena."

Seguimos para a saída do túnel que ficava nos fundos e dava para os armazéns e estábulos que se estendiam atrás da arena — e para uma estrebaria, onde Fertig costumava trabalhar. Jase queria fazer algumas perguntas. Enquanto caminhávamos, seu humor ficou mais leve. Os mercadores cumprimentavam-no com sorrisos e irreverência, direcionados especialmente para a adorável joia que agraciava seu braço. Jase ficou satisfeito ao ver que Gunner mantivera tudo em ordem em sua ausência — o que também aliviou a minha mente. Eu não queria que ele se arrependesse do tempo que passou reconstruindo o assentamento. Enquanto caminhávamos, percebi o alívio e até mesmo o orgulho estampados no rosto dele. Havia aqui centenas de anos de história dos Ballenger, um legado para se manter em segurança, e tudo isso tinha recaído sobre os ombros de Jase muito recentemente. Ele estava ansioso para me mostrar todos os detalhes, levando-me para as profundezas de uma outra parte do seu mundo, e eu, com felicidade, mergulhei dentro dele.

Próximo à saída do túnel, um arrepio percorreu meus braços. Não era uma brisa. Pude senti-lo movendo-se em círculos. Dedos frios passaram de raspão pelos meus ombros. Meu pescoço formigava. Então, ouvi uma voz baixa, *Volte.* Um aviso vago e frio, seguido rapidamente por outros. *Pare. Volte.* Centelhas de luz se espalhavam, formando uma linha que cruzava a extremidade do túnel como mãos conectadas bloqueando a nossa passagem. *Não passe por esse caminho.*

"Qual é o problema?", Jase me perguntou.

Não me dei conta de que eu havia parado de andar. As pessoas caminhavam ao nosso redor, passando pelo túnel.

Uma brisa ergueu meus cabelos. *Por aqui, não.*

"Kazi?"

Tateei para alcançar minha adaga na lateral do corpo, embora as vozes já tivessem silenciado. Havia séculos de história neste lugar. Certamente eu

acabaria ouvindo algo. A Morte havia passado por esse caminho muitas vezes.

"Não é nada", falei, e seguimos em frente.

Saímos em uma grande praça, o sol voltando a aquecer minha pele, o cheiro dos pinheiros aliviando meu humor, tudo em ordem e tão calmo quanto uma arena efervescente poderia ser. Árvores altas lançavam faixas de sombra sobre a praça, que era ladeada por grandes armazéns e celeiros. Vi a estrebaria à frente, mas, enquanto caminhávamos em sua direção, avistei outra coisa, algo enfiado em um canto escuro e cheio de sombras. Dentro de um armazém, carroças eram carregadas e cobertas com lona encerada. Havia algo em relação a elas...

Parei.

"O que é aquilo, Jase?"

Ele mal olhou.

"Só mais um armazém", ele respondeu, segurando no meu cotovelo para me apressar a seguir em frente.

Eu me soltei dele. "Que tipo de armazém?"

Não esperei pela resposta. Eu já estava caminhando em direção ao lugar. Parei logo na entrada. Estava escuro. Frio. Meu estômago pairava junto ao coração, tudo dentro de mim parecia leve e desprovido de ar, algo tomava conta do meu corpo, meus pés estavam fora de controle. Eu estava entorpecida, e uma parte minha flutuava acima disso tudo, apenas observando. Três carroças estavam sendo carregadas. Havia corda trançada sobre as lonas — lonas de listras pretas. Foram as listras que me fizeram parar. Eram unhas afiadas arranhando minha garganta.

"Previzi", disse Jase, parando ao meu lado. "Eles fazem suas operações a partir deste armazém."

Um armazém imenso. Eu podia ver fileiras de carroças vazias na lateral, esperando para serem carregadas. A essa altura, vários dos trabalhadores haviam notado que estávamos parados na entrada. Analisei seus rostos, mas nenhum era aquele que eu procurava.

Minha pele. Meus olhos. Flutuando. Já não faziam parte de mim. A voz, que mal era a minha, soava como alguém que eu não conhecia. Jovem, frágil, quebradiça. Uma menina que tinha medo demais para correr.

"Mas os Previzi são ilegais", falei. "Faz anos que eles são ilegais. Não são permitidos nos reinos." Minha voz ainda suave. Perdida.

Jase pairava em um mundo diferente, forte, confiante. “Talvez não oficialmente, mas, acredite em mim, mercadores em todos os reinos compram deles avidamente. Eles proveem…”

Virei-me, minha voz mais forte.

“Proveem o quê? Mercadorias roubadas?”

“Às vezes, há mercadorias que… não são bem…”

“O que você quis dizer com *operações*?”, perguntei.

Jase olhou para mim, confuso, finalmente entendendo que havia algo muito errado ali. “Essa é a base de operações deles”, foi sua resposta.

Base?

“Há quanto tempo? Há quanto tempo eles têm a base deles aqui?”

“Kazi, que diferença…?”

“*Há quanto tempo?*”

Minha voz estava alta agora, aos gritos. O ar se estilhaçou em fragmentos, e todos os sons eram agudos em meus ouvidos.

“Eu realmente não sei ao certo.”

“Onze anos, Jase? Faz onze anos que eles estão aqui?”

Ele assentiu. “No mínimo.”

Tudo aquilo que parecia leve dentro de mim agora estava derretendo, apressando-se para dentro da minha cabeça, queimando a pele.

“Eles são ladrões! Você está acolhendo ladrões! Eles não vendem nada além de…”

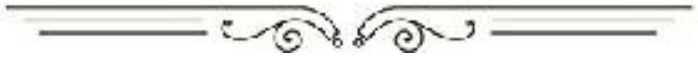
“Kazi, abaixe sua voz”, ordenou-me Jase, entredentes. Os trabalhadores haviam deixado de carregar as carroças e estavam nos ouvindo. Uma multidão se reuniu do lado de fora da porta, observando. Jase se inclinou para perto de mim. “Os condutores dos Previzi são…”

“Predadores!”, berrei. “Escória! E eu não vou abaixar a minha voz! Como você consegue fingir que não vê…”

“Pare!”, ordenou-me Jase.

Ele agarrou o meu braço e começou a me puxar para longe. Eu me contorci e me soltei dele, e meu outro braço voou no ar, acertando seu maxilar. Ele cambaleou para trás, incrédulo, com os olhos fixos nos meus, e então eu saí correndo. Eu era uma menina correndo pela *jehendra*, entre as tendas, em meio às sombras e lama e pesadelos, uma menina correndo sem ter para onde ir.

CAPÍTULO 42



JASE

Dei alguns passos, observando enquanto ela saía correndo, e então senti o sangue na minha boca. Levei a mão ao maxilar.

"Deveríamos ir atrás dela?", perguntou-me Titus.

Ele e Gunner estavam por perto quando a gritaria irrompeu.

Balancei a cabeça. "Não, deixem-na ir."

Eu já sabia que eles não a encontrariam se ela não quisesse ser encontrada. Eu ainda estava tentando entender o que havia acontecido. Olhei para as pessoas que haviam parado para assistir ao desenrolar da cena. Tudo que viram foi o *Patrei* sendo acertado na cara por uma soldada vendana que era metade do tamanho dele.

E então ouvi uma voz atrás de mim.

A voz errada.

Estalando a língua. Soltando suspiros.

"Ah, querido. Uma briga de amantes? O afeto é algo tão transitório, não é?"

Quando eu me virei, Paxton recuou e seu *straza* deu um passo à frente, talvez enxergando alguma coisa no meu rosto.

Isso não foi nada bom para eles. Desferi um golpe com o punho cerrado, fazendo Paxton voar para o chão.

"Se não estavam quebrados antes, agora estão", disse Mason.

Eu me encolhia de dor enquanto ele puxava os meus dedos e recolocava a bandagem nas articulações.

Gunner havia trazido um pouco de gelo para o meu maxilar. A parte interna da minha boca estava em carne viva, bem onde os meus dentes haviam cortado.

"Ela tem um soco bom dos diabos", admirou Titus, ignorando que o alvo dela tinha sido a minha boca.

"O que está acontecendo?", quis saber Priya, caminhando pelo vestíbulo do aposento.

"Parece que a soldada vendana predileta de Jase não aprova os Previzi", foi a resposta de Mason. "Ela lhe passou um sermão ferrenho sobre eles na frente de todo mundo."

"E ela bateu em você?"

"Ela estava fora de si", respondi.

Mas quem era aquela? Eu não achava que Kazi tinha ouvido metade das coisas que eu lhe dissera. Ela se transformara no minuto em que vira o armazém dos Previzi. Suas mercadorias eram questionáveis às vezes — mas, caramba, todos os reinos negociavam com eles. Sim, nós ignorávamos deliberadamente o que eles faziam. Assim como todo mundo. Eles tinham mercadorias que as pessoas queriam. E também compravam produtos para comercializar aqui na arena a um preço justo.

Priya ergueu as sobrancelhas. "Então os vendanos seguem as leis ao pé da letra?"

Não. Kazi desviava muito das regras para que isso fosse verdade. Alguma outra coisa a havia incomodado. Ela vinha agindo estranhamente desde o minuto em que pisara dentro do túnel. Seus olhos estavam vidrados.

"Vamos fazer o controle de danos lá na arena", disse Priya. "Diremos que vocês dois já se entenderam e estão rindo muito disso. Que foi apenas uma briga de amantes. Muita gente viu vocês dois se beijando e de mãos dadas hoje, então eles vão cair nessa." Ela fez uma pausa, suas mãos nos quadris. "E é verdade, não é, Jase? Foi apenas uma briga, não?"

Assenti. Talvez. Eu estava repassando todos os nossos passos e palavras.

"Então?", grunhiu Gunner, enquanto ele, Priya e Titus saíram andando pela porta. "Vá encontrá-la e, de fato, resolvam-se. Temos uma rainha a caminho daqui."

Mason ficou para trás. Ele prendeu a bandagem e olhou para a porta, esperando até que fosse fechada. "Eu não queria trazer isso à tona na frente dos outros, mas achei que deveria mencionar. Algo um pouco

peculiar.”

Deslizei minha língua pela carne inchada dentro da minha boca.

“Diga.”

Ele me contou que o boticário o havia abordado hoje na cidade, perguntando-lhe quando receberíamos uma nova remessa de asas de bétula. Ele estava sem estoque e tinha um pedido de um cliente regular.

“Você sabe com que frequência temos essas remessas, Mason. Uma vez por ano, duas, se tivermos sorte.”

Asas de bétula eram feitas de um fungo que crescia como asas em galhos de bétula, ao norte. Os kbaaki traziam-nas junto com outras poções que eles preparavam. Eu não estava me importando com fungos neste momento.

“Ele os terá quando...”

“Não tem nada a ver com as asas de bétula. Mas com quem pediu por elas. Wren. E ela pediu o bastante para derrubar metade da cidade.”

“Talvez ela apenas não entenda de dosagem.”

Ele balançou a cabeça em negativa.

“Eu dei a ela um pequeno frasco da despensa na noite da festa. Ela disse que estava com dor de cabeça. Avisei que era para tomar quatro doses.”

Eu me lembrei de ter visto o frasco pela metade quando mexi no guarda-roupa de Kazi, procurando por uma camisa.

“Por que ela poderia querer uma quantidade dessas?”, perguntou-me Mason.

Dei de ombros.

“Eu não sei. Talvez para levar a Venda, quando elas voltarem. É possível que eles não tenham um remédio como esse por lá.” Eu me levantei. Precisava encontrar Kazi. Provavelmente ela já teria voltado para a torre da Vigília de Tor a essa altura. “Só fique de olho na despensa. Certifique-se de que permaneça trancada.”

Eu estava saindo pela porta quando me deparei com Garvin. Dispensei-o com um aceno de mão, dizendo que conversaríamos depois.

“Eu acho que você vai querer ouvir isso agora. É sobre aquela garota de Brightmist.”

Minha pulsação ficou um pouco acelerada.

“Vá em frente, diga.”

“Finalmente me lembrei. Eu estava na torre, de olho nela lá na arena,

quando percebi. Eu a vi tropeçar no rei — deliberadamente. Eu acho que ela afanou algo dele."

"Ela *roubou* o rei?"

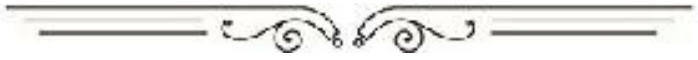
"Não posso afirmar com certeza", foi a resposta dele. "Olhando lá de cima, da torre, não dá para saber. Ela foi discreta. Mas ela pretendia ir de encontro a ele, disso eu sei. Eu observei enquanto ela corria entre as tendas, dando voltas até ficar bem no caminho dele — e então ela já estava com as mãos em cima do rei."

Passei os dedos nos cabelos, soprando o ar, frustrado. Ela não mencionou que tinha pegado alguma coisa do rei. Voltei a olhar para Garvin.

"Você disse que tinha se lembrado de alguma coisa?"

"Do nome dela. Dez. Ela era uma ladrazinha em Venda. Provavelmente, a melhor delas."

CAPÍTULO 43



KAZI

Minha respiração estava entrecortada. Eben fechou os braços ao meu redor. "Respire, Kazi. Devagar", ele sussurrou ao meu ouvido.

A água fumegava em um bule. Havia pão quente em uma prateleira. Nabos parcialmente cortados foram abandonados na tábua de cortar. As vozes deles eram apenas detalhes, como o pão e o vapor e a dor na minha garganta, tudo se estilhaçando através de mim, como se eu tivesse colocado os pés em um mundo que agora explodia, ficando em pedaços. Eben me viu passando tempestuosamente pelo corredor e me puxou para dentro da cozinha. Os olhos de Natiya entravam e saíam do meu campo de visão. Wren mordia a unha. Synové puxava sua trança. Fechei os olhos.

Enquanto eu subia a montanha às pressas, tudo em que eu conseguia pensar era *onze anos.* Por onze anos, o condutor ia e vinha com a bênção dos Ballenger. Ele estava aqui o tempo todo. Aqui era o lugar onde sua jornada havia começado, onde ele dormia, comia e tomava banho, onde sua vida seguia adiante, quando a minha tinha sido interrompida.

"Você está bem?"

Bem? Eu fiz um juramento. Eu não tinha nenhuma opção além de ficar bem.

Mas minhas entranhas sangravam.

O sangue escorria pelos meus poros.

Todas as partes do meu ser estavam ocas novamente.

Eu me lembrei de como fiquei em pedaços.

A fome.

Os anos desapareceram, e eu me escondia debaixo de uma cama novamente.

Onde está a pirralha? Onde ela está?

No armazém, eu esticara a mão para pegar a minha faca. Estava preparada para matar eles todos, exatamente como eu estivera quando fui atrás do embaixador. Foi apenas o lampejo da prisão, para onde eu havia mandado todo o meu grupo, que me impediu.

O homem que levou a minha mãe estava aqui. Em algum lugar. E se ele não estivesse hoje, ele entraria com uma carroça aqui amanhã, ou no dia seguinte, e, quando isso acontecesse, eu faria algo que colocaria em perigo todo mundo que estava comigo aqui nesta cozinha, porque ele me importava mais do que mil vales repletos de mortos. Eu ansiava por justiça — uma justiça pessoal.

Eu preciso de você, Kazimyrah. Eu acredito em você.

Eu flutuava entre dois mundos, entre juramentos e medo, promessas e justiça — entre o amor e o ódio.

"Beba isso", Natiya me ordenou.

Eben, que ainda estava me segurando, relaxou a mão e eu peguei a água que Natiya me ofereceu. Tomei o copo inteiro e pedi mais, virando-me para me apoiar no balcão, moldando meu autocontrole da forma como eu fazia quando minha próxima refeição dependia disso. Uma centena de truques, um em cima do outro, enganando-me, dizendo a mim mesma que eu era capaz de fazer isso, enterrando as unhas nas palmas das minhas mãos até que essa dor mascarasse uma outra que eu não conseguia suportar.

Virei o segundo copo de água e finalmente os encarei. Contei-lhes sobre o armazém dos Previzi.

A raiva contorceu as feições de Wren.

"Previzi? *A base deles é aqui?*"

"E o tapete de boas-vindas está estendido para eles", confirmei. "Aconteceu uma outra coisa também. Eu soquei a cara do *Patrei*."

Um silêncio profundo recaiu sobre o aposento.

"Você arrancou algum dente dele?", perguntou-me Synové por fim, com um certo desespero em sua piscadela e em seu sorriso.

"Se fiz isso, não foi o bastante."

Natiya soltou um suspiro.

"Você terá de amenizar as coisas com ele até irmos embora. Um pedido de desculpas..."

Eu não pediria desculpas. Jamais.

"Nós vamos embora amanhã", falei.

"Mas..."

"*Com* a nossa presa", eu disse ainda. "Eu sei onde o capitão está... Pelo menos, eu acho que sei."

Contei o meu palpite. Foi Jase quem tinha me dado a resposta. E Priya. E meus próprios desejos esquecidos de que minha mãe e eu tivéssemos tido uma segunda chance.

Enquanto eu escapava da arena, enquanto Mihe dava o seu máximo na cavalgada de volta à torre da Vigília de Tor, eu podia ouvir Priya falando novamente. *Elas escaparam por outro caminho*. E, depois, Jase. *Toda boa fortaleza tem mais de uma saída. Caso contrário, poderíamos ficar presos dentro dela*.

Uma outra saída.

Wren e Synové me acompanharam.

"Pode ser que você ouça vozes", eu avisei a Synové. "Elas são inofensivas. Vocês ficarão bem. Apenas fiquem próximas."

Caminhamos devagar e despreocupadamente pelos jardins, sorrindo para o caso de alguém estar olhando, apontando para borboletas que não existiam, e, quando cada uma de nós examinou os arredores e as janelas cujas vistas davam para nós, certificando-nos de que o caminho estava limpo, descemos pela trilha que levava até a entrada dos fundos da Darkcottage. Entramos furtiva e silenciosamente, e eu abri uma persiana na cozinha, apenas uma fenda para nos prover alguma luz. Estávamos nos comunicando somente por sinais. Apontei para as escadas que davam para a adega. Fui primeiro, certificando-me de que o aposento estava vazio, e depois fiz um sinal para que elas me seguissem. Exceto por um fraco círculo de luz na base da escada, o cômodo estava completamente escuro.

Disse-lhes que tateassem as paredes em busca de dobradiças, apoios, pedras soltas, qualquer coisa que pudesse ser movida. Falei para procurarem por frestas de luz e correntes de ar. Nos movíamos em silêncio e devagar, tomando cuidado para não emitir nenhum som que pudesse nos

revelar. A adega era grande, e caminhar no escuro era uma tarefa lenta. Cheguei ao fim de uma sólida parede e me deparei com outra, encontrando Synové no meio do caminho. Nada. Eu ainda estava certa de que...

E então Wren fez um barulho fraco, um ruído que poderia ser confundido com um ranger em uma casa velha. Ela encontrou, na parede em que se apoiavam as escadas, uma corrente de ar entre os painéis. Nós ficamos ouvindo e, quando estávamos certas de que não havia nada imediatamente atrás do painel, fiz pressão contra ele. Uma fenda se abriu e adentramos o fim de um túnel muito longo. Na outra ponta havia uma porta com uma fina linha de luz embaixo. Uma vez que começássemos a caminhada por ali, não teríamos cobertura. Seríamos alvos fáceis se alguém entrasse pela outra ponta. As únicas armas que tínhamos eram as adagas na lateral do corpo. Carregar um arco e uma aljava com flechas pelos jardins teria sido muito chamativo.

"Preparadas?", sussurrei.

Elas assentiram. Descemos pelo túnel, e o único som era o da minha pulsação tamborilando em meus ouvidos conforme nos aproximávamos da porta. Estiquei a mão para detê-las enquanto eu seguia em frente com cuidado para me certificar de que ali não havia qualquer alcova que pudesse esconder um cachorro. O caminho estava limpo. Eu coloquei o ouvido junto à porta e apertei a tranca. A respiração nos escapou ao fraco som de *clique.* Eu a abri, minimamente e aos poucos, e o ar fresco entrou com tudo, um cheiro verde de terra e grama. O outro lado da porta era de pedra, como as paredes que nos cercavam, totalmente invisível, a menos que a pessoa soubesse que estava ali. Dei uma espiada e me deparei com um grande terraço vazio, quase como um vestíbulo, com vários passadiços arqueados que o cruzavam. O passadiço logo em frente terminava em uma área vazia e coberta de grama, ainda iluminada pela luz evanescente do crepúsculo. Porém, algo ao longe, na extremidade mais afastada da propriedade, chamou a minha atenção. Uma porta dupla, ampla e curva, em meio a uma parede de pedra. Uma porta que me era estranhamente familiar.

Fiquem de guarda, eu sinalizei para Wren e Synové ao sair para o terraço, agarrando-me com cuidado às paredes e às sombras. Ao alcançar o fim do terraço, olhei para os arredores cobertos de grama e para a porta ao longe,

e me dei conta de que estava olhando para uma porta que eu já tinha visto antes. Mas eu a vira pelo outro lado. Jase dissera que era apenas uma outra saída. *Não há nada do outro lado.*

Exceto tudo isso.

Um punho frio agarrou minha coluna.

Tudo isso.

Ergui o olhar para o telhado de uma caverna que parecia tão alta quanto o céu. Ocupava mais da metade do lugar, como se fosse uma onda prestes a cair. Gavinhas de videiras pendiam do teto. Abaixo, junto à parede, havia uma longa casa, não muito profunda, mas com múltiplos terraços escalonados. A poucos passos dali havia um outro anexo. Onde a parede da caverna terminava, começava uma outra parte da parede da fortaleza, obstruindo a visão de tudo aquilo. Era um enclave escondido bem no interior da torre da Vigília de Tor.

Passei furtivamente ao longo da parede externa da casa, apenas mais uma sombra insinuando-se por entre seus pórticos, escondendo-se atrás de pilares, espiando para dentro das janelas. Passei de um aposento ao outro, por dormitórios e salas de estar.

E então eu ouvi um fraco barulho de vozes. Parei e o suor brotou na minha pele. Eu estava ao mesmo tempo ansiosa e com medo do que iria encontrar. Tentei escutar o que diziam, mas as palavras eram incompreensíveis. Fui me aproximando do som e mergulhei atrás de um pilar ao ver alguém cruzar uma sala cujas portas davam para o amplo terraço.

"Guarde um pouco para mim. Estamos quase sem."

Mais uma voz.

"Virá mais amanhã cedo."

"Amanhã cedo não é agora."

E ainda outra voz.

"Será uma pena quando essas festas todas acabarem."

"Essas festas não vão acabar. Graças aos Ballenger, nossas riquezas só aumentarão."

Uma explosão de gargalhadas.

"A Grande Batalha parecerá um piquenique de primavera."

"Logo todos os reinos estarão em nossas mãos. Nós lhes diremos que pulem e eles perguntarão quão alto devem pular."

"Especialmente aquela cadela de Venda."

"Ela terá uma surpresa e tanto quando chegar, e não será uma recepção majestosa."

"Ela finalmente terá o que merece."

"Uma corda no pescoço."

Seguiram-se murmúrios de aprovação.

"Ainda não me agrada que ele tenha levado a nossa única arma que funciona."

"Dentro de uma semana, teremos um arsenal. Uma arminha não vai fazer diferença. Provavelmente ele já usou todas as cargas praticando nas árvores."

Seguiu-se uma animada onda de gargalhadas.

Uma corda? Um arsenal de armas?

"Vou precisar de mais suprimentos."

"Não se preocupe. Os Ballenger são generosos. Eles vão nos dar mais. Estão tão ansiosos por isso quanto nós."

Mais risadas.

Ansiosos pelo quê? O que Jase e sua família estão planejando? Todos os reinos nas palmas de suas mãos? Convidar a rainha para vir até aqui era apenas uma armadilha?

"Aos Ballenger, nossos generosos patronos."

Ouvi o retinir de copos erguidos em um brinde, uma risada e então um longo arroto sem pedido de desculpas, seguido pelo som de alguém tropeçando, um xingamento e um choramingo quando uma canela ou um joelho bateu em um objeto imóvel. Aproveitei esse momento para espiar em volta do pilar.

Foi a primeira coisa que eu vi — a clara visão de uma cicatriz em formato de lua em uma testa larga. Minha atenção saltou para uma covinha profunda em um queixo com barba por fazer, e o homem que carregava essas duas marcas de maneira tão detestável tinha cabelos brancos. Não era nenhum Erdsaff, mas o capitão Illarion.

As manipulações de Jase se acumulavam. Ele havia me contado uma mentira atrás da outra.

Então o capitão e os dois outros homens que eu não reconheci se afastaram e a minha garganta ficou seca.

Sentado em um divã atrás deles estava o governador Sarva de Balwood.

Ele havia liderado o ataque contra os clãs na Praça Blackstone. Depois da Grande Batalha, tudo o que havia sido encontrado dele fora o peitoral chamuscado de sua armadura com a insígnia dos Balwood. Acreditava-se que ele estivesse morto. Sentado ao lado dele estava *chievdar* Kardos, que virava uma caneca de cerveja *ale*, um outro membro do Conselho do Komizar que ninguém sabia onde estava, mas que também fora tido como morto. E, sentado à mesa perto deles, beliscando carne de um trincho e lambendo os dedos, estava Bahr, um dos guardas do Sanctum no ataque ao clã...

Recuei para trás do pilar, pressionando-me junto à estrutura.

Como eu contaria a Synové?

Tudo acabava de ficar mais complicado. Esses homens eram tão vis quanto o capitão, talvez piores, criminosos odiados de Venda. Minha mente rodopiava. Jase estava acolhendo todos eles. Um gosto amargo tomava conta da minha boca. *Essa fera voltará e a matará*. Agora nós tínhamos muitas feras.

Levar todos eles conosco para Venda? Tínhamos de fazer isso. Mas seria possível?

Talvez, pensei. Talvez houvesse uma saída.

Eu iria precisar de uma carroça de feno.

Quando já estávamos de volta e em segurança na cozinha da Darkcottage, eu lhes contei.

"Sim, o capitão está lá. Era ele o homem dos cabelos brancos, exatamente como eu pensava."

Wren expirou longa e lentamente. Tínhamos conseguido. Finalmente o encontramos.

"Mas isso não é tudo", acrescentei com cautela. "Há outros cinco." Olhei para Synové e pressionei os ombros dela junto à parede, tentando conter sua possível reação. "Um deles é Bahr."

Synové balançou a cabeça em negativa.

"Mas ele está morto. Na batalha. Ele..."

"Não", eu falei.

Ela abriu a boca, e eu a tampei com a mão antes que ela pudesse gritar. Ruídos abafados escapavam por entre os meus dedos. Wren me ajudou a

contê-la, nós duas usando todo o nosso peso para segurá-la onde estava. Lágrimas escorriam por suas bochechas.

"Vamos levá-lo conosco", sussurrei, "assim como faremos com os outros."

Ela soltou uma objeção abafada e violenta.

"Ele vai pagar", prometeu Wren. "Mas ele virá conosco para encarar a justiça, como a rainha queria. A longa cavalgada será a melhor tortura que poderemos lhe infligir." O *chievdar* que matara os pais de Wren havia morrido em batalha, mas seu lábio tremeu e seus olhos também se encheram de lágrimas, reconhecendo a dor de Synové como a própria.

Permanecemos reunidas ali, em nosso tenso grupo, contendo-nos e nos mantendo firmes. A respiração pesada de Synové era o único som na sala. Seus ombros finalmente se afrouxaram sob nossas mãos. Sua respiração se acalmou e ela assentiu, resignada às suas promessas e ao seu dever.

A noite caía rapidamente, e voltamos para a casa principal com nosso plano ainda em formação e minhas mãos ainda salgadas pelas lágrimas de Synové. Havíamos acabado de passar pela porta quando ouvi os cachorros sendo soltos.

Minhas pernas doíam conforme eu dava os últimos passos até o meu quarto, como se toda a força tivesse sido arrancada delas. Eu já estava em carne viva diante da minha própria dor, e a agonia de Synové só havia aprofundado essa sensação.

Eu temia o jantar desta noite. Temia ver Jase. Como eu poderia fingir que não sabia de nada?

Como ele pôde ter escondido isso tudo de mim? Portas que ele dissera que não davam a lugar nenhum, guardadas por cachorros venenosos? Um convite para a rainha que, na verdade, era uma armadilha? Um cuidador que, na realidade, era um assassino fugitivo? Armas para dominar todos os reinos?

Aquele seu pequeno enclave era o covil escuro de um dragão.

Faça-me de boba uma vez, Jase.

Meus pensamentos davam saltos, e minhas próprias palavras me provocavam. *A questão em torno dos nomes, de uma marca, é que eles criam mentiras na cabeça das pessoas, uma história inventada e na qual elas desesperadamente desejam acreditar, uma fantasia que só precisa ser alimentada com paciência.*

Mas dessa vez tinha sido eu quem fora pega pela boca como um peixe

sendo trazido à superfície, seguindo migalha atrás de migalha, engolindo cada uma delas.

Eu era a marca, o alvo, a tola do meu próprio jogo.

E Jase brincara comigo com maestria.

CAPÍTULO 44

KAZI

"Por onde você andou, Kazi?"

Fiquei ofegante e me virei na direção da voz.

Jase estava sentado em uma cadeira no canto do meu quarto. No escuro.

"Aqui, permita-me."

Ele esticou a mão e girou a rodinha na luminária da cabeceira da cama até que eu conseguisse vê-lo, o restante do quarto ainda imerso em sombras.

O rosto e a voz dele estavam assustadoramente desprovidos de qualquer expressão.

"Você não me respondeu", disse ele. "Estou esperando por você faz tempo. Por onde você andou?"

Você terá de amenizar as coisas com ele.

Peça desculpas.

Malabarismos, Kazi. Faça malabarismos, como você sempre faz.

"Não é da sua conta", respondi. "Saia."

Eu já não tinha forças para fazer malabarismos. Não neste momento. Não com ele.

Sua expressão mal vacilou. Jase apenas ergueu levemente o queixo. Frio. Distante. Ele se levantou. "Acho que estou vendo qual é o problema aqui. Eu não me dirigi a você do jeito certo. Peço desculpas. Eu deveria tê-la chamado de *Dez*."

Ele deu um passo, aproximando-se de mim e esticando os ombros para trás. Ele sabia. Senti um aperto na minha barriga.

"Eu..."

"*Não faça isso*", disse ele em tom de aviso, com o olhar afiado como uma navalha, seu verniz de frieza desaparecendo. "Nem tente negar. É tudo tão óbvio agora, passando a mão nas chaves, no meu anel, desaparecendo bem diante do nosso nariz, a menina no assentamento chamando-a de *Dez* e você calando a boca dela." Suas narinas ficaram dilatadas. "É irônico, você não acha? Toda aquela indignação cheia de moral que você lançou para cima de mim porque *eu* sou um Ballenger que rouba. Eu deveria estar rindo agora, não deveria?" Ele se esforçava para manter sua fúria controlada, mas até mesmo com a parca iluminação eu via suas têmporas ardendo como fogo. "E hoje, então?" Ele passou os dedos no maxilar onde eu o havia acertado. "Na frente de *todo mundo* na arena, você gritou e me deu um sermão sobre os Previzi, quando você mesma não passa de uma ladrazinha qualquer! É por isso que você os odeia tanto, porque eles a fazem lembrar de *si mesma*?"

Minhas mãos tremiam. Engoli em seco, tentando manter o controle.

"Saia do meu quarto, Jase, antes que eu machuque você."

Ele deu um passo em minha direção.

"Estou esperando uma resposta, caramba!"

"Você quer dizer que exige uma resposta, não é, *Patrei*?", cuspi em resposta a ele. "Porque você consegue tudo o que quer! Você toma tudo o que quer! Você faz tudo o que quer!"

Os olhos dele cintilavam, me dissecando, me julgando, ardendo em chamas. O machucado na lateral do rosto dele adquirira um raivoso tom de roxo.

"Não vou sair daqui", ele rosnou. "Não até que eu tenha uma resposta."

Afundei as unhas nas palmas das minhas mãos.

Ele nem pestanejou. Ficaria esperando aqui até de manhã se fosse preciso, alimentando a própria indignação. Minha raiva de repente ultrapassou um ponto que eu conhecia bem, como as costuras de um saco se soltando, rasgando, estourando, liberando tudo.

"Tudo bem, Jase", berrei, "eis a sua resposta! Sim, eu era uma ladra! Mas não se atreva a me chamar de ladrazinha qualquer!" Balancei as mãos no ar, na frente dele. "Olhe para os meus dedos, Jase! Dê uma boa e longa olhada em cada um deles, porque não me falta nenhum. *Foi assim* que eu consegui esse apelido! E tenho orgulho disso! Em Venda, antes da chegada

da rainha, a punição do Komizar por roubo era cortar a ponta de um dedo — até mesmo de crianças! Mesmo que você tivesse roubado apenas um punhado de pão! Eu vivia sozinha nas ruas desde os meus seis anos de idade. Completamente sozinha. Ninguém se importava se eu estava viva ou morta. Você consegue imaginar uma coisa dessas, Jase? Eu não tive uma infância como a *sua.*"

Eu ouvia minha voz ficando mais alta, mais inflamada, mais venenosa, mais descontrolada. Eu não me pus a andar de um lado para o outro. Eu não saí do lugar. Eu era uma pedra imóvel no chão.

"Eu roubava para sobreviver! Eu não tinha família. Nenhuma mesa de jantar à qual me sentar diante de belos pratos de comida. Nenhum tapete sob os meus pés nem candelabros sobre a minha cabeça. Nenhuma criada para me trazer comida. Nada de festas no jardim. Eu tive de vasculhar o lixo em busca de cada pedaço de comida que já comi na vida. Eu não tinha casacos feitos por alfaiates. Eu usava trapos para me manter aquecida no inverno. Eu vivia em uma barraca no meio de ruínas despedaçadas. Sem aquecedor! Sem banhos quentes! Sem sabonete! Se eu sequer chegasse a tomar um banho, era na água congelante dos lavatórios públicos. Às vezes eu cortava os meus cabelos com uma faca, por estarem tão infestados de parasitas que eu não conseguia sentir o meu próprio couro cabeludo!"

Fui andando até a estante de livros e atirei vários deles no chão.

"E eu não tive tutores, nem livros, nem penas ou papel! Se algo não pudesse ser comido, não era útil para mim. Toda a minha vida girava em torno da minha próxima refeição e em o que eu faria para obtê-la. Eu vivia à beira da morte todos os dias da minha vida até que fiquei boa nisso de roubar, e não vou pedir desculpas por isso!"

A expressão no rosto dele havia mudado, a dureza havia desaparecido, e ele provavelmente estava tentando imaginar o diabrete imundo que eu fora um dia.

"E os seus pais?", ele me perguntou.

O veneno que corria em mim se transformou em gelo nas minhas veias. Balancei a cabeça.

"Nunca cheguei a conhecer o meu pai. Não sei se ele está vivo, se está morto ou se ele é o imperador da lua! Não me importa!"

Olhei para baixo. Eu sabia o que viria em seguida. Aquilo que sempre pairava entre nós. Todas as outras perguntas estavam atreladas a esta,

como mil portas abrindo uma única entrada.

"E a sua mãe? O que aconteceu com ela?"

Eu nunca tinha contado isso a ninguém. Vergonha e medo se acomodaram nas minhas entranhas, prestes a pular para fora. Meu maxilar doía, as palavras estavam presas ali. Eu me virei e fui caminhando em direção à porta.

"Tudo bem!", ele berrou. "Fuja! Tranque-se como você sempre faz! Vá viver em qualquer que seja a prisão que você criou para si mesma!"

Parei na porta, tremendo de raiva. *A prisão que eu criei?* Uma nuvem furiosa girava em meu campo de visão. Eu me virei com tudo para encará-lo, e seus olhos se fixaram nos meus.

"Conte-me, Kazi."

Minha pele ficou molhada de suor, e eu me apoiei na porta para me equilibrar. Eu sentia alguma parte de mim sendo dividida ao meio, uma parte que ainda se acovardava, e outra que assistia a tudo a milhares de quilômetros de distância, como uma observadora indecisa.

"Eu tinha seis anos de idade quando minha mãe foi levada", falei. "Foi no meio da noite, e nós estávamos deitadas juntas em um colchão de palha em nossa cabana. Eu estava adormecida quando senti seu dedo sobre os meus lábios e a ouvi sussurrar. *Shhh, Kazi, não diga nenhuma palavra.* Estas foram as últimas palavras que ela me disse. Ela me empurrou para o chão, para me esconder debaixo da cama. E então..."

Olhei para o teto, com os olhos ardendo.

"E então o quê, Kazi?"

Meus ombros se contorceram, tudo dentro de mim se encolhia, resistindo.

"Eu fiquei observando. Dali, debaixo da cama, eu vi um homem entrar em nossa casa. Não tínhamos armas, apenas um cajado apoiado no canto. Minha mãe tentou alcançá-lo, mas não conseguiu fazer isso a tempo. Eu queria ir correndo até ela, mas usávamos sinais entre nós, e ela sinalizou para que eu ficasse calada e não me mexesse. Então eu não falei nada, nem saí do lugar. Eu só fiquei ali deitada, acovardada debaixo da cama enquanto o homem drogava a minha mãe e a levava embora. Ele disse que conseguiria um bom preço por ela. Ela era uma mercadoria. Ele me queria também, mas não conseguiu me encontrar. Ele me mandou sair, mas eu não me mexi. Minha mãe mentiu e disse que eu não estava ali."

Minha visão ficou anuviada e Jase se tornou um borrão.

"Fiquei jogada sobre os meus próprios dejetos por dois dias, debaixo daquela cama, tremendo, chorando, com medo demais para me mexer. Fiquei aterrorizada com a possibilidade de que ele fosse voltar. O que não aconteceu. Ela também não voltou. Levei anos para aprender a dormir em cima de uma cama de novo. Você me perguntou por que o mundo a céu aberto me aterroriza, lembra, Jase? Porque ele não oferece nenhum lugar para eu me esconder. Essa tem sido a minha prisão por onze anos, mas, acredite em mim, eu não a criei."

Eu pisquei, limpando os olhos, e vi compreensão no rosto dele.

"Onze anos. Foi por isso que você quis saber há quanto tempo..."

"Isso mesmo, Jase. Ele era um condutor dos Previzi. Enquanto eu estava morrendo de fome e de frio, roubando nas ruas de Venda, e minha mãe tinha ido parar só os deuses sabem onde, vocês estavam lhe oferecendo um lar quente e seguro. Que maravilhoso para ele."

"Isso foi há onze anos. Como você pode ter certeza de que ele era um Previzi? Sua memória..."

"*Não faça isso!* Não *se atreva* a questionar minha memória!", rosnei. "Eu sou boa com detalhes e tive de viver com isso desde os meus seis anos! Alguns dias, eu rezava aos deuses para que conseguisse esquecer. Ele entrou em uma carroça naquela manhã. Uma carroça com quatro listras pretas em sua lona."

Jase estava bem ciente de que aquela era uma marca característica dos Previzi.

"Você tinha seis anos de idade! Estava no meio da noite! Poderia nem ter sido o mesmo homem! Ele poderia..."

"Ele era alto, Jase... como você! Mas magro, ossudo. Ele tinha a pele branca como um morto e longas mechas de cabelos pretos e ensebados. Os olhos dele eram como duas brilhantes contas de ônix. Sabe o marido da nova cozinheira? Exceto pelos olhos, ele se parece notavelmente com ele. Acho que deve ter uns trinta e cinco anos agora. E as mãos dele... Enquanto forçava as drogas a descerem pela garganta da minha mãe, eu vi os pelos pretos nos nós dos dedos dele e uma grande verruga no pulso direito. Que tal *esses* detalhes?"

Ele não me respondeu. Era como se já estivesse escavando através daqueles onze anos de memórias.

“Você podia ser uma criança onze anos atrás, mas agora você conhece todos eles”, falei. “Há entre eles um condutor que se encaixe nessa descrição?”

“Não!”, gritou, jogando as mãos para o ar. Ele se virou e ficou andando de um lado para o outro no quarto. “Não há nenhum condutor assim por aqui!”

“Como é que você pode...?”

Alguém bateu à porta.

Eu me virei, engolindo minhas próximas palavras. Nós dois encaramos a porta. Mais uma leve batida. Cruzei o quarto e a abri.

Lydia e Nash estavam lado a lado, com os olhos arregalados e cheios de preocupação.

“Nash. Lydia.”

Eu não sabia o que mais poderia dizer.

“Vocês dois estavam brigando?”, perguntou-me Nash.

Sua voz estava fraca, delicada, e me atingiu com sua inocência. Fitei aqueles olhos assustados. Parecia que ele tinha levado um soco na barriga. Eu odiava a ideia de como a inocência poderia ser roubada tão rapidamente — de como uma criança que colhia talos de dente-de-leão na margem de uma lagoa poderia passar a enfiar pão roubado debaixo do casaco.

Eu me ajoelhei para que nossos olhos ficassem na mesma altura.

“Não, é claro que não.” Forcei um sorriso. “Foi apenas uma discussão barulhenta.”

“Mas... você estava chorando.” Lydia esticou a mão e limpou a lágrima sob o meu olho.

“Ah, isso.” Rapidamente passei as mãos nas bochechas. “É apenas a poeira de uma longa cavalgada nos meus olhos”, falei. “Mas o que é isso?” Coloquei a mão atrás das orelhas de ambos e franzi a testa. “Vocês esqueceram de se lavar hoje?”

Eles abriram largos sorrisos de admiração quando puxei uma moeda de trás da orelha de cada um deles, fingindo um ar de desânimo. Coloquei as moedas nas palmas de suas mãos.

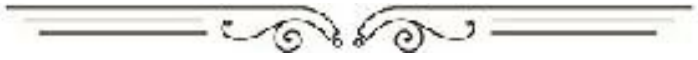
“O que vocês dois queriam?”, quis saber Jase.

“Mamãe quer que Kazi desça mais cedo para a ceia, para que ela possa falar sobre a comida.”

“Sobre a comida que a rainha gosta!”, acrescentou Lydia.

Jase lhes disse que desceríamos em breve. Fiquei observando enquanto eles saíam correndo pelo corredor, rindo, esquecendo-se da gritaria que tinham ouvido, das lágrimas que viram, e desejei que todas as memórias pudessem ser apagadas assim tão facilmente.

CAPÍTULO 45



JASE

NASH FAZIA REDEMOINHOS COM SUA SOPA CREMOSA, FORMANdo três círculos verdes. Olhei para os dedinhos que seguravam a colher, brincando com a comida da mesma forma como eu fazia quando tinha seis anos. Lydia havia disposto os pedaços de carne que minha mãe tinha cortado de maneira a formar raios de sol em volta de seu prato.

Eu vivia sozinha nas ruas desde os meus seis anos de idade.

Eu não conseguia imaginar Nash e Lydia cuidando de si mesmos. Não conseguia imaginar os dois completamente sozinhos e o terror que eles sentiriam. Não conseguia imaginar que eles pudessem nem mesmo sobreviver.

Olhe para os meus dedos, Jase! Dê uma boa e longa olhada em cada um deles.

A imagem dos longos e belos dedos de Kazi com as pontas faltando continuava a se insinuar na minha mente. Por que ela não me contou isso antes? Todas as vezes que eu tinha perguntado, quando ainda estávamos nos descampados...

Eu não tive uma infância como a sua.

Eu nunca tinha visto uma única lágrima nos olhos de Kazi. Nem quando ela corria pelas areias ardentes que lhe fizeram bolhas nos pés. Nem quando um caçador de mão de obra acertou o rosto dela. Nem quando um saqueador quase arrancou sua vida tentando estrangulá-la. Mas isso, uma lembrança de onze anos atrás, fez com que ela perdesse o controle. Eu via enquanto ela lutava para se conter, como se estivesse tentando dissecar os sentimentos dos fatos.

Mas quando Lydia e Nash foram até sua porta, ela se cobriu de aço e se tornou outra pessoa. *Como é que você faz isso?*, eu tinha perguntado a ela enquanto íamos para o jantar, *Como é que você passa da angústia à serenidade de tirar moedas de trás de orelhas?*

Essa é uma habilidade adquirida, Jase. Algo que todos os ladrões aprendem.

Captei o sarcasmo na resposta dela. E sabia o que ela achava que eu queria dizer, que até mesmo suas lágrimas tinham sido uma atitude rasa. Mas era exatamente o oposto disso. Observei enquanto ela sacrificava uma parte de si mesma pelo bem deles, como esconder uma perna sangrando e fingir não estar sentindo dor.

"Jase, você não está comendo", disse Priya, acenando com o garfo para mim. "Não está com fome?"

Olhei para o meu prato, intocado.

Nenhuma criada para me trazer comida.

Nada de festas no jardim.

Eu usava trapos para me manter aquecida no inverno.

Eu me lembrei dos descampados, quando ela estava pronta para comer os vairões antes de os cozinharmos. *Eu tive de vasculhar o lixo em busca de cada pedaço de comida que já comi na vida.* E agora eu sabia que havia coisas piores do que vairões crus, coisas que ela já tinha comido antes.

Minha mãe olhou para o meu prato cheio.

"Eu posso pedir que Natiya prepare alguma outra coisa para você, se quiser."

"Não", respondi. "Isso está bom." Enfiei o garfo em um pedaço de carne e o mastiguei.

Fiz um esforço para me concentrar nas múltiplas conversas ao redor da mesa. Pareciam mais intensas e ruidosas hoje. Talvez fosse uma tentativa de evitar quaisquer silêncios desconfortáveis. Uma tentativa de disfarçar a ausência de Jalaine, de evitar abordar o óbvio, o surto de Kazi na arena — embora a evidência no meu maxilar fosse mais difícil de ignorar. Lydia havia me perguntado o que tinha acontecido.

"Caí", foi minha resposta, o que não estava longe de ser verdade. Eu tinha falado para Garvin manter sua descoberta apenas entre nós, então, pelo menos, ninguém sabia que Kazi havia sido uma ladra.

E talvez, de vez em quando, ela ainda o seja. Ela roubou o rei. O que será que ela tomou dele? E por quê?

Ainda havia tantas perguntas que eu não tinha feito. Coisas que eu queria saber. Como uma garota de rua, órfã e ladra, entrou para a guarda de elite da rainha? Onde ela havia estado naquelas horas em que eu não conseguia encontrá-la? Porém, depois que Lydia e Nash saíram, ela entrou na câmara de banho e fechou a porta. Eu ouvi a água correndo e Kazi lavando o rosto. Quando saiu de lá, a vermelhidão em seus olhos tinha ido embora, mas parecia que ela ainda cambaleava no limite de um precipício e eu tinha medo de empurrá-la em direção a ele. Contive minhas perguntas. Pelo menos por enquanto.

"Mais cerveja, *Patrei*?" Natiya estava parada ao meu lado, com um jarro na mão, segurando-o acima da minha caneca vazia.

Assenti.

"Obrigado."

Ao que parecia, eu estava mais sedento do que com fome.

Synové, sempre tagarela, estava ainda mais falante esta noite, mal terminando uma frase e já começando outra. Até mesmo Wren, a moça calada dos olhos causticantes, que sempre me preenchia com algum nível de temor, estava falando mais do que de costume. Aram e Samuel se agarravam a cada uma de suas palavras enquanto ela explicava a história da *ziethe*, uma arma do clã Meurasi, ao qual ela pertencia.

Kazi falou entusiasticamente com a minha mãe sobre as comidas prediletas da rainha, como se nós não houvéssemos acabado de ter uma conversa aos gritos no quarto dela. Como se ela não tivesse acabado de entrar em colapso e soluçado na minha frente. Como se nada disso houvesse sequer acontecido.

"Talvez possamos falar com a cozinheira pela manhã", disse Kazi, "sobre quais pratos ela recomendaria. Sei que a rainha gosta bastante da comida dos nômades."

Alguma coisa parecia estranha em relação a isso.

A cozinheira e o marido dela tinham entrado várias vezes para reabastecer os pratos ou levá-los embora. Fiquei encarando o marido todas as vezes. Ele era reservado, retraído, o oposto de sua esposa. Desde que chegaram aqui, ela havia expressado sua gratidão a mim inúmeras vezes por lhes ter oferecido trabalho. No primeiro dia, ela havia dado tapinhas de leve na barriga e disse que sua família logo cresceria, de modo que estava especialmente grata. Ele não havia demonstrado emoção alguma. Apenas

seguia com seu trabalho na cozinha, cortando vegetais com movimentos rápidos e suaves. Ela estava certa em relação a uma coisa: ele era bom com facas.

E Kazi estava certa em relação a outra coisa — a aparência dele. Agora, todas as vezes que ele passava pela porta da cozinha, sua aparência fazia revirar o meu estômago.

O que eu tinha dito a Kazi era verdade. Não havia nenhum condutor dos Previzi que se parecesse com ele.

Mas costumava haver.

Agora ele trabalhava para nós.

Meu pai o havia contratado um ano atrás.

Ela está assolada pela culpa, Jase. Eu tentei conversar com ela. Você tem de falar com ela. Minha mãe me interceptara depois do jantar, puxando-me de lado. *Converse com ela.*

Fiquei olhando enquanto Kazi saía, indo se recolher em seu quarto — nosso quarto. Eu queria ir atrás dela, mas vi a preocupação nos olhos da minha mãe.

Bati à porta do quarto de Jalaine e a chamei.

Ela não respondeu.

Bati um pouco mais alto.

"Jalaine, abra a porta. Eu preciso falar com você."

Um Patrei *nunca pede desculpas pelas decisões que toma.* E meu pai nunca fez isso. Essa fora uma das instruções que ele me dera em seu leito de morte — logo depois de dizer que eu me depararia com infinitas tomadas de decisões. Eu não me arrependia de ter tirado Jalaine da arena. Eu não me arrependia de nossa conversa no escritório nem de ter lhe dado uma reprimenda, mas minha raiva ainda corria solta e inflamada quando estávamos na sala de jantar naquela noite. Quando eu vira Kazi cheia de sangue e presa embaixo de Fertig, algo horrível e furioso se espalhara dentro de mim. Eu queria dilacerar alguma coisa. Ou alguém. Eu envergonhara Jalaine na frente da família.

Jalaine tinha dezesseis anos. Ela cometeu um erro. Um erro grave que quase custou nossa vida, mas ela ainda era minha irmã. Ela era minha família. E os *Patrei* também cometiam erros.

“Eu não deveria ter envergonhado você na frente da família”, sussurrei pela porta. “Sinto muito.”

Não houve resposta.

Se o trabalho do Patrei *fosse fácil, eu o teria dado a qualquer outra pessoa.*

Às vezes, eu gostaria que ele tivesse feito isso. Eu não só teria de viver com as minhas decisões ruins, mas com as dele também, até mesmo aquelas decisões que pareciam corretas na época, mas que agora estavam completamente erradas, decisões que haviam apodrecido com o passar do tempo, como ovos esquecidos na despensa.

Andei a passos cuidadosos pelo corredor, a fim de não acordar ninguém. Eu tinha um novo entendimento em relação ao meu pai. Eu havia discordado veementemente de algumas decisões que ele tinha tomado. Decisões que ele postergou e sobre as quais reclamei. E decisões que ele havia tomado e que nem me fizeram pestanejar. Como contratar condutores dos Previzi.

Como você consegue fingir que não vê?

E agora eu não podia mais fingir. Kazi havia descrito Zane, nosso homem que coordenava as entregas na arena, e o único em quem confiávamos para fazer entregas discretas a Beaufort. Não queríamos que fosse de conhecimento geral o fato de que ele e seus homens estavam aqui. Zane tinha trinta e três anos de idade, uma versão mais velha do marido da cozinheira.

“Mason”, sussurrei e dei um empurrão no ombro dele para acordá-lo.

Ele se lançou de seu sono, me levando ao chão com uma faca nas mãos. Ele piscou, dando-se conta de que era eu.

“Você está louco?”, ele me perguntou, os olhos selvagens, ainda acordando. “Eu poderia ter matado você.”

Eu deveria saber que empurrar o ombro dele para acordá-lo não era uma boa ideia. Mason sempre dormia com uma faca debaixo do travesseiro. Ele era jovem demais para se lembrar de detalhes da morte de seus pais, mas ainda era assombrado por memórias vagas da noite em que tinham morrido. Eles foram mortos enquanto dormiam — um ataque empreendido por uma liga que não mais existia. Meu pai os havia aniquilado. O pai de Mason era o amigo mais chegado do meu pai. Foi

quando ele se tornou parte da família.

"Estamos no meio da noite", gemeu, ainda irritado. "O que você quer?" Ele me empurrou para longe e levantou-se, estendendo a mão para me ajudar a levantar.

"Estou com fome."

"*Com fome?*"

"Vamos até a cozinha achar algo para comer."

Ele sibilou, mas pegou uma camisa pendurada aos pés de sua cama e a vestiu.

Acendi uma lamparina a óleo e trouxe um jarro de leite da despensa junto a dois pedaços grandes de bolo de groselha.

"Faz um tempinho que não fazemos isso", disse Mason, mais em tom de pergunta do que constatando o fato.

Visitas à cozinha no meio da noite eram reservadas para momentos de desastre, ou para o planejamento deles. Umas poucas brasas ainda brilhavam na grelha do fogão. A quietude de uma cozinha à meia-noite parecia ainda mais silenciosa do que em qualquer outro lugar na casa, talvez porque, com uma família grande como a nossa, a casa geralmente ficava tomada de barulho — os sons constantes de massa sendo socada, pratos batendo uns nos outros, carne sendo partida, coisas sendo cortadas, mexidas, despejadas, as conversas, e sempre alguém entrando para experimentar alguma coisa. A cozinha era o ambiente mais reconfortante da casa, cujo único propósito era nutrir. Talvez fosse por isso que eu quisesse falar com Mason aqui.

Ele olhou para mim, esperando.

"Você deveria ter comido o jantar."

Ele sabia que isso nada tinha a ver com minha fome.

"Você conhece o Zane?", perguntei.

Ele pegou garfos na gaveta do armário.

"Que tipo de pergunta é essa? Claro que o conheço."

Eu coloquei os pratos em cima da mesa da cozinha, e nós dois puxamos cadeiras e nos sentamos.

"O que eu quis dizer é se você conhece detalhes sobre ele. As rotas que ele fazia quando era um condutor dos Previzi. E, talvez o mais importante, você se lembra... se ele tem uma verruga no pulso?"

Mason franziu as sobrancelhas.

"O que está acontecendo?"

Expliquei a ele o motivo pelo qual Kazi havia reagido daquela forma quando viu os Previzi na arena, e como ela havia descrito Zane para mim, incluindo até mesmo seus cabelos pretos e ensebados.

Mason sibilou, tentando absorver as informações.

"Vivendo por conta própria desde os seis anos de idade?"

Assenti, mas não lhe contei como ela sobrevivia sendo órfã. Ele cortou um pedaço do bolo com a lateral do garfo.

"Não sei nada em relação às rotas. Talvez Zane costumasse ir a Venda, mas eu de fato me lembro do pulso dele." Ele ergueu o olhar para mim e soltou um suspiro. "Ele tem uma grande verruga ali."

Se as lembranças de Kazi estivessem corretas, tanto eu quanto Mason sabíamos o que isso queria dizer. Zane tinha um passado que envolvia caçadores de mão de obra. E isso queria dizer que, provavelmente, ele também tinha um presente com eles. Ele não era apenas um problema de Kazi — ele poderia ser um problema nosso também.

Concordamos em questioná-lo com cuidado, de modo que ele não suspeitasse de nada. Os Previzi tinham faro de lobo e podiam sentir cheiro de encrenca antes que ela chegasse — e eles também eram muito bons em desaparecer. Se ele achasse que suspeitávamos de seu envolvimento com os caçadores de mão de obra que tinham vindo para a Boca do Inferno, nunca mais o veríamos de novo. E se ele estivesse envolvido nisso, precisávamos saber para quem ele trabalhava — talvez fosse para a mesma pessoa de quem Fertig recebera ordens. Nós podemos ter enfraquecido as operações deles ao matar doze homens de sua equipe, mas eu queria o restante também. Eu queria que eles pagassem pelo que aconteceu com a mão de Samuel, que eles pagassem por ter ateado fogo no assentamento vendano, que pagassem pelos lares em chamas na Boca do Inferno e por roubar cidadãos nas ruas, pelos ataques às caravanas, por estrangular Kazi e quase matá-la. A dívida deles era longa.

"É difícil acreditar que Zane esteja envolvido", disse Mason. "Ele trabalha duro. Parece confiável."

"Nós vamos descobrir. Eu tenho de consertar isso."

"Desculpe-me, irmão, mas algo assim não pode ser consertado."

"Mas eu posso me certificar de que isso não vai acontecer debaixo do nosso nariz novamente."

Eu lhe disse que estava convocando uma reunião familiar logo cedo — os planos de todo mundo seriam adiados até que conversássemos a respeito da expulsão dos Previzi ou sobre a possibilidade de fazer com que eles seguissem um novo conjunto de regras.

Cocei a cabeça.

"Tem mais uma coisa", falei. E talvez essa fosse a minha preocupação mais sombria, porque eu não sabia ao certo o que era exatamente. Algo não me parecia correto. "Você notou alguma coisa estranha no jantar desta noite?"

Ele olhou para mim, surpreso.

"Sim... De fato, notei. Synové falou muito, mais do que de costume, e ela voltou a tentar adivinhar a minha altura, trazendo à tona conversas antigas como se estivesse distraída, como se tivéssemos acabado de nos conhecer..."

"Como se você já não tivesse passado as mãos pelo corpo inteiro dela?"

Mason abaixou a garfada de bolo que estava prestes a enfiar na boca.

"É, eu sei de vocês dois. Por que você esconderia isso de mim?"

Ele gemeu e se reclinou na cadeira. "Eu não sei. Acho que fiquei envergonhado. Depois de ter falado para você não se envolver com a Kazi..." Ele balançou a cabeça. "Não sei como acabei me envolvendo com Synové, mas ela me faz rir. E ela é tão..." Ele não precisou terminar a frase. Era evidente a forte atração que ele sentia por ela. "E você e Kazi?", ele perguntou. "Achei que estaríamos recebendo convites para ir ao templo a essa altura. O que está detendo você?"

Olhei para baixo, amassando as migalhas no meu prato com o garfo.

"Ela disse que tem o dever de voltar a Venda. Nós evitamos falar sobre o futuro, e eu lhe prometi que não traria isso à tona novamente."

"Mas você..." Ele hesitou em usar a palavra, mas acabou dizendo-a mesmo assim. "Você a ama?"

Olhei para ele. Amor nem mesmo parecia a palavra certa para explicar como eu me sentia em relação a ela. Era uma palavra pequena demais, usada demais, simples demais, e tudo o que eu sentia por ela parecia complicado e raro, e tão amplo quanto o mundo. Assenti.

Ele deve ter visto algo na minha expressão.

"Ela também ama você, irmão. Não se preocupe. Tenho certeza disso. Ninguém finge assim tão bem."

Eu também tinha pensado assim, mas nesta noite eu tinha visto ódio nos olhos dela. Mesmo em meio às lágrimas, era um ódio tão puro e tão fervente quanto vidro derretido. Eu e ela nunca usamos a palavra *amor.* Esse era um estranho acordo entre nós e eu não sabia ao certo por quê. Talvez tivesse começado lá no descampado. Tudo em relação àquilo era tão temporário. Mas depois senti que vinha crescendo. *O que é isso, Kazi?* Porque até mesmo naquela época já parecia algo mais, algo duradouro e certeiro. Eu sei que ela também sentia isso. Mas havia segredos entre nós. Eu tinha mentido em relação ao assentamento. Ela tinha mentido para mim em relação a...

Ninguém finge assim tão bem. Voltei a olhar para Mason.

"Você não confiou nela logo que a conheceu. Mas e agora?"

Ele colocou a última garfada de bolo na boca, fazendo-a descer com o restante do leite.

"É difícil não confiar em alguém quando a pessoa coloca sua própria vida na linha de fogo por nós. Todas elas fizeram isso."

Ele se levantou, pegando sua louça e levando-a para a pia.

"Talvez esta noite tenha sido estranha porque Kazi ficou perturbada ao ver os Previzi, e Synové e Wren estavam tentando preencher todos os vazios com conversa. Quando Synové fica ansiosa, é isso o que ela faz. Elas são bem chegadas umas às outras."

Ele estava certo. Elas eram bem próximas mesmo. E esta noite, quando eu não consegui encontrar Kazi, eu também não as encontrei. Levantei-me e peguei minha louça.

"Vá para a cama. Eu lavo isso aqui. Conversaremos mais sobre o Zane pela manhã."

Mason saiu e eu virei a torneira, a água quente espirrando dentro da pia.

Torneiras com água quente eram um recurso que meu avô havia implementado à torre da Vigília de Tor. Eu nunca tinha pensado muito nisso antes. *Sem aquecedor. Sem banhos quentes*. Agora eu via tudo através dos olhos dela. Eu ficara sabendo que Venda era pobre, e Garvin havia me dito que Brightmist era o quadrante mais desprovido. Eu também ficara sabendo que a infância dela tinha sido difícil, mas nem mesmo a minha imaginação conseguia medir as profundezas solitárias nas quais ela teve de se virar. *Ninguém se importava se eu estava viva ou morta*.

Talvez o que estava esquisito fosse isto — eu mesmo. Porque todas as

palavras que ela havia dito me devoravam como vermes. Eu evoquei nossos passos nos descampados, vendo as coisas de uma maneira diferente agora, seu foco febril enquanto cruzávamos uma planície aberta, seus passos zonzos quando ela olhou para o céu cheio de estrelas.

Se Zane fosse responsável por isso, ele iria pagar.

Depois de guardar a louça, parei por um instante, olhando para a despensa que ficava ao lado da cozinha, onde os remédios eram guardados. Destranquei-a e entrei. Ampolas e frascos, sachês e ervas secas estavam bem ordenados ao longo das prateleiras. Com tanta gente na torre da Vigília de Tor, familiares e trabalhadores, nós mantínhamos muitos remédios ali à mão. Encontrei o recipiente com o rótulo *Asas de bétula*, aquele sobre o qual Wren havia perguntado. Estava cheio. Era o bastante para derrubar metade da população da Boca do Inferno. Pensei na pergunta de Mason novamente, *Por que ela poderia querer uma quantidade dessas?* Minha resposta, de que ela queria levar o remédio consigo para Venda, parecia razoável. Tínhamos mercadorias raras de todo o continente aqui. Provavelmente havia muitas maravilhas na Boca do Inferno que elas gostariam de levar consigo. Asas de bétula era apenas uma delas.

Verifiquei a tranca da porta ao sair da despensa. Para uma ladrazinha qualquer, levaria cinco minutos para abrir.

E menos do que isso para uma ladra incomum.

CAPÍTULO 46

KAZI

A MANHÃ JÁ AVANÇAVA, E O FENO FRESCO E DOCE PERFUMAVA O ar. O cavalariço assoviava enquanto trabalhava, e andorinhas passavam rapidamente pelas vigas do telhado com refeições matinais para seus filhotes barulhentos; uma manhã que, à primeira vista, exibia enganosamente as cores perfeitas de uma pintura. Porém, olhando com atenção, eu vi um cabresto esfarrapado pendurado em um prego, a estaca apodrecida na primeira baia, o rabo de um rato em meio à pilha de madeira. Eu me perguntava se sempre havia coisas que nós não víamos apenas porque escolhíamos não prestar tanta atenção. Eu tinha reprisado o dia de ontem inúmeras vezes na minha cabeça.

As mentiras chocantes.

Os segredos.

A raiva no rosto de Jase quando ele me chamou de *Dez.*

Mas alguma outra coisa me arrancou do meu sono na noite passada. *A risada.* Eu ouvi o capitão e o restante deles, e eles estavam *rindo.* O retinir de seus copos. Isso me incomodou, mas eu não sabia ao certo por quê. Talvez fosse apenas o choque de vê-los todos juntos, de ter visto bem mais do que aquilo que eu procurava.

Quando o cavalariço terminou de jogar o feno dentro da baia, fui andando até lá, medindo o tamanho da carroça. Era uma carroça pequena, usada para transportar feno, o que era uma vantagem. Ela suportaria seis homens, e ainda seria mais fácil de conduzir dos fundos da torre da Vigília de Tor até a trilha do Túnel de Greyson. Essa rota chamaria menos

atenção. Não poderíamos perambular pela cidade e, no caminho de volta, seríamos engolidos pela manta da noite. Certamente poderíamos contar com apenas algumas horas pela frente.

Juntar um grupo de cavalos, porém, seria uma tarefa ruidosa. Olhei para a cabana do cavalariço, na extremidade mais afastada dos estábulos. Sua ceia também teria de ser entregue por Eben. Ela estaria batizada com asas de bétula, assim como a refeição do cuidador dos canis. Se ele desmaiasse, cachorro nenhum seria solto. As asas de bétula também manteriam nossos seis cativos quietos pelo caminho.

Eu havia entrado sorrateiramente na despensa da cozinha no meio da noite. Destrancá-la tinha sido brincadeira de criança. O pequeno vidro de asas de bétula que Wren havia conseguido para mim ainda tinha duas doses, o que daria conta do cavalariço e do cuidador dos cachorros, mas eu precisaria de mais. O recipiente cheio de asas de bétula seria a solução, mas era importante que meu roubo não fosse notado, pelo menos não até que tenha se passado um bom tempo depois de nossa partida, então despejei o conteúdo dentro de um sachê e coloquei sal em seu lugar. Ninguém notaria a diferença de imediato, embora o sal não fosse fazer muita coisa em relação a uma dor de cabeça.

Wren e Synové chegaram cavalgando, então desmontaram e conduziram seus cavalos para dentro das baias. Elas foram juntas à cidade atrás de suprimentos — carretéis de corda, mais cantis de água e comida desidratada —, presumidamente para nossa viagem de volta para casa, caso alguém notasse. Embora Synové fosse mais do que capaz de nos prover carne de caça fresca, fazer uma fogueira não seria seguro por um tempo, pelo menos não até termos nos encontrado com Griz e as tropas.

"Você falou com Jase?", perguntou-me Wren.

Balancei a cabeça em negativa. Na noite passada eu fiquei acordada durante horas esperando que alguém batesse à porta do meu quarto, esperando ouvir um rangido do lado de fora, a sensação de que ele estivesse apoiado nela, mas nada disso aconteceu. Abri a porta duas vezes, imaginando que ele estivesse lá. Não estava. Em momento algum ele veio. Eu tinha uma dúzia de desculpas para mandá-lo embora se ele viesse, mas não precisei de nenhuma delas.

"Você vai ficar bem?" Synové franziu as sobrancelhas. Havia preocupação em sua voz, mas uma raiva tenaz também fervia silenciosa em seus olhos.

Agora que ela sabia que Bahr estava em meio aos fugitivos, essa missão havia se tornado pessoal. A promessa de Wren de que a cavalgada de volta seria torturante parecia uma meta que a deixava mais calma.

"É claro que ela está bem", foi a resposta de Wren. Ela olhou para mim, esperando que eu confirmasse.

"Sim", respondi.

E eu estava bem. Não sabia ao certo se era motivo de alívio ou não, mas quando Jase afirmou não haver condutores como aquele que eu lhe descrevera, eu sabia que, pelo menos, não viraria em uma esquina e ficaria cara a cara com ele. Ainda mais nesse momento, quando eu poderia colocar tudo em risco. Eu não queria entrar em colapso, como aconteceu com Synové na noite passada, quando eu e Wren dissemos que ela teria de se conter. Coisas demais estavam em jogo. Saber que ele não estava aqui me permitia expulsar da mente os pensamentos sobre regressar ao armazém dos Previzi, concentrando-me no que precisava ser feito.

Pensei na pergunta de Jase, *Como é que você passa da angústia à serenidade de tirar moedas de trás de orelhas?* Eu tinha dado a ele uma resposta carregada de raiva, mas a verdade era que, ao proteger Nash e Lydia, eu parecia recuperar uma pequena parte de mim mesma. E era o que eu estava fazendo agora, recuperando aquela parte de mim que acreditava que eu ainda poderia consertar algumas coisas. Era tudo o que eu tinha.

"Bom dia, moças!" Natiya entrou com uma tigela de restos de comida apoiada nos quadris. "Estou levando um presente para os porcos", disse ela em voz alta, caso o cavalariço se perguntasse o que ela estava fazendo por aqui.

Ela veio andando furtivamente, aproximando-se meio hesitante, e sorríamos enquanto conversávamos, mas nosso assunto não tinha nada a ver com cascas de batatas para os porcos. Nós já tínhamos conversado na noite passada. Eu havia lhes contado sobre nossos fugitivos extras e sobre os motivos dos Ballenger para acolhê-los — armas, dominação e uma armadilha para a rainha.

Eben estava convencido de que os dois homens que eu não conhecia eram eruditos, mais traidores que tinham sido afastados de Morrighan pelo Komizar. Ele disse que nunca se soube quantos se esconderam nas catacumbas sob a Cidade do Sanctum, revelando os mistérios dos Antigos — ou pelo menos aqueles que eles levaram consigo quando fugiram. O

capitão deve ter se juntado aos seus comparsas na esperança de conseguir uma segunda chance com as riquezas que lhes haviam escapado das mãos.

Colocamos nossos planos em ação, acertando os detalhes para acomodar mais cinco prisioneiros.

"Não se atrasem para o jantar. A pontualidade é crucial", ordenou-nos Natiya. Ela disse que mandaria Eben trazer os jantares para os estábulos uma hora antes do crepúsculo, para garantir que os cachorros não fossem soltos. O jantar da família tinha de coincidir com o horário do jantar dos empregados do estábulo. "Pode ser que tenhamos mais tempo, mas só podemos contar com um intervalo de duas horas. E quanto ao *Patrei*? Ele é cúmplice nisso. Nós o levaremos também?"

Todos olharam para mim, à espera. Eles sabiam que era imperativo que eu estivesse certa em relação a isso e, visto que eu era a líder, Natiya me deixou encarregada de dar as últimas ordens, mas alguma coisa me incomodava. Talvez fosse a ansiedade de Vairlyn para conversar sobre os cardápios que seriam oferecidos à rainha. Será que Jase havia enganado a mãe dele também? Ou todos eles eram mestres no engodo? Ou talvez eu ainda não tivesse exatamente abandonado tudo em que eu acreditava a respeito de Jase — que havia bondade no fundo de seu ser, que ele queria fazer a coisa certa. Voltei os olhos para Natiya, cujo olhar permanecia estável, esperando. Sim, Jase era cúmplice, mas nossa missão era recuperar um único fugitivo, e agora nós tínhamos seis, mais do que conseguiríamos lidar.

"Não desta vez", foi a minha resposta. "Já temos uma carga bastante grande. Acreditem em mim, Jase não vai sair da Boca do Inferno. Aqui é o lar dele, ele não vai desaparecer. A culpa do *Patrei* é uma questão que pode ser abordada posteriormente."

"E quanto a Jalaine?", quis saber Wren. "Pode ser que ela se torne um problema se não aparecer para o jantar novamente."

"Conversarei com ela depois", falei. "Vou me certificar de que ela..."

"Kazi, aí está você!"

"Ah, diabos, é o nojento!", Synové grunhiu baixinho.

Gunner veio andando na nossa direção.

"Eu estive procurando por você." Ele diminuiu a velocidade dos passos, notando a presença de Natiya.

"O que vocês todas estão fazendo aqui?"

“Bom dia, senhor!”, disse Natiya em uma espécie de gorjeio, mexendo a cabeça para cima e para baixo. “E está um belo dia, não? Eu só estava levando os restos de comida para os porcos. Os filhotinhos deles devem chegar qualquer dia desses.” Ela assentiu para o monte de restos de comida na tigela. “Um pouco de planejamento sempre traz consigo a colheita de grandes frutos — e porquinhos rechonchudos. Tenham um bom dia, moças!” Ela saiu saltitante, e a atenção de Gunner se voltou novamente para mim.

“E eu só estava cuidando do Mihe depois de uma cavalgada matinal”, falei. “O que eu posso fazer por você, Gunner?”

“Jase quer vê-la.”

“Ele não poderia ter vindo aqui pessoalmente para falar comigo?”

“Ele está ocupado com outras coisas neste momento, mas quer se encontrar com você perto da fonte dos jardins dentro de dez minutos. É importante.”

Perto da fonte? Isso era mais do que estranho, mas eu não queria cutucar o humor facilmente perturbável de Gunner a essa altura, a apenas algumas horas de deixar a torre da Vigília de Tor.

“Tudo bem”, respondi. “Você sabe do que se trata?”

Ele deu de ombros.

“Alguma coisa relacionada à vinda da rainha.”

A cara de paisagem que ele fez foi patética. Obviamente ele não compartilhava da mesma habilidade do irmão nas mentiras.

“Claro. Estaremos lá.”

“Não”, disse ele em um tom firme. “Apenas você.”

CAPÍTULO 47

JASE

TÍNHAMOS TUDO PROGRAMADO DE MODO QUE PARECESSE OBRA do acaso. Zane estava destrancando o portão dos fundos para entrar na Ponta da Caverna e fazer uma entrega, quando cheguei cavalgando pela estrada, vindo dos estábulos.

"*Patrei!*", ele me chamou. "Aonde você está indo?"

"Negócios inesperados, para os quais preciso de uma resposta rápida. Para variar, não?" Detive meu cavalo como se estivesse ponderando alguma coisa. "Na verdade, eu tinha uma pergunta para fazer a Garvin, mas talvez você possa me poupar uma viagem. É sobre Venda. Você algum dia conduziu carroças por lá?"

"Claro. Mas isso faz anos. Qual é a pergunta?"

"Na Cidade do Sanctum, eles têm algo chamado jen-der, ja..."

"A *jehendra*? Sim, é o mercado deles."

"Então você entregava mercadorias por lá?"

"Fiz isso muitas vezes. Tudo aquilo que o Komizar não queria, nós descarregávamos lá. É um mercado imenso, mas nada em comparação à arena."

Desci do meu cavalo.

"Aqui, deixe-me ajudá-lo."

Abri o portão enquanto ele conduzia seu carrinho e então expliquei que eu tinha um visitante, uma mercadora da *jehendra* com um negócio que parecia bom demais para ser verdade. Eu estava cético, mas ainda assim intrigado. Isso poderia nos ajudar a dar os primeiros passos nas

negociações comerciais com Venda, e ela me ofereceu um negócio muito bom, algo que eu deveria pelo menos analisar.

"Ela disse que tem a maior loja têxtil da *jehendra*."

Zane assentiu. "Pode ser que eu a conheça. Eu sempre tinha alguns tecidos nas minhas cargas. O Komizar gostava de manter bem-vestidas certas amizades."

"Que bom. Eu me sentiria melhor se você desse uma olhada nela para mim. Discretamente. Para confirmar se ela é realmente quem diz ser."

Eu o conduzi através do túnel que percorria o caminho até a Darkcottage, dizendo que quando parti ela estava caminhando nos jardins com Gunner e talvez ainda estivesse lá. Observei enquanto ele seguia à minha frente nas escadas da adega, os passos pesados e confiantes, diferentes dos passos de um homem que tivesse qualquer coisa a esconder, os braços em movimento enquanto caminhava. O detalhe que eu havia ignorado uma centena de vezes agora era tudo que eu conseguia ver — a verruga em seu pulso. Quando chegamos na sala de visitas frontal, abri a persiana e olhei pela janela.

"Lá estão eles", falei. "Perto da fonte."

Ela estava de costas, mas Gunner captou o meu sinal quando abri a persiana e fez com que Kazi ficasse de frente para nós. A distância e o reflexo na janela seriam o bastante para nos ocultar da vista dela, mas eu já não estava observando Kazi. Eu observava apenas Zane. Se ele era realmente o homem que Kazi tinha visto, eu duvidava de que ele pudesse reconhecê-la depois de todos esses anos — já a mãe dela era outra história. E eu apostei na possibilidade de que Kazi se parecesse o bastante com a mãe, de modo a acender nele alguma centelha de reconhecimento.

Ele fitou Kazi, a cabeça virando levemente para o lado, como se estivesse confuso. Ele a analisava, e sua expressão se transformou, como se estivesse vendo um fantasma. Boquiaberto, ele se virou para mim, com as pupilas parecendo pontinhos minúsculos. Ele sentiu que se tratava de uma armadilha.

"Não, eu não a conheço."

Mas já era tarde demais.

"Seu filho da mãe!"

Eu o agarrei, jogando-o com tudo contra a parede. Kazi o descrevera perfeitamente, até mesmo os olhos cor de ônix, que agora estavam

aterrorizados. *Ele me queria também, mas não conseguiu me encontrar.* A sala escura girava furiosamente ao meu redor. Zane recuou, tentando me atacar, mas eu o atirei de novo na parede.

"Seu mercador de carne nojento!", eu berrei e o golpeei, meu punho colidindo com o seu maxilar. Ele caiu em cima de uma mesa, mas ficou de pé em um pulo, sacando uma faca de sua bota, e então ele viu Mason, Titus, Drake e Tiago entrando na sala. Deixou cair a faca, sabendo que era inútil. Seus olhos se arregalaram. Sangue escorria de seu nariz.

"Eu juro que não a conheço!"

Eu o empurrei na direção de Drake e Tiago.

"Tenho de ir me encontrar com Kazi. Ela está esperando por mim. Quando não estivermos mais lá, levem-no até o armazém."

De lá, os gritos não poderiam ser ouvidos.

Zane responderia às nossas perguntas, mesmo que lhe fosse necessário arrancar uma unha, ou a ponta de um dedo, uma de cada vez.

CAPÍTULO 48

KAZI

Gunner estava tagarela, o que não era nem um pouco típico dele. Pediu desculpas pelo atraso de Jase e parecia distraído, como se não quisesse estar ali. Ele se mexia, inquieto, e então deu a volta até o outro lado da fonte. Eu me virei para ficar cara a cara com ele.

"Acho que está claro que Jase não vem", falei. "Converso com ele mais tarde."

"Espere mais cinco minutos", foi a resposta de Gunner, mas pouco depois ele foi embora, dizendo que ia procurá-lo.

Não era como se Jase e eu não tivéssemos muito sobre o que conversar, mas me parecia estranho que ele quisesse falar comigo aqui fora, nos jardins, onde qualquer voz mais elevada seria facilmente ouvida. *Você terá de amenizar as coisas com ele*. A apenas algumas horas de partir, eu sabia que o conselho de Natiya era prudente, mas Jase não era só um conhecido, como Gunner, a quem eu poderia dar de ombros e dispensar. Jase era...

Eu já não sabia ao certo o que ele era.

Fixei o olhar na fonte borbulhante.

Preparar armadilhas para a rainha? Um arsenal de armas para dominar os outros reinos? Isso não era a cara de Jase. Eu ainda tinha muita dificuldade em me conformar com aquilo tudo. Jase amava a Boca do Inferno. Este lugar era o mundo inteiro dele. Sua história. Era tudo de que ele precisava. Tudo o que ele queria proteger. Mas as evidências eram claras. Suas mentiras, o fato de que ele escondia fugitivos, um enclave protegido por cachorros venenosos, as armas. Era disso que se tratavam aquelas pilhas de

papéis? Planos para as armas? Fórmulas? E as oficinas cheias de suprimentos? Eu me lembrava da estranha lista de ingredientes que estava em cima da escrivaninha de Priya, a qual Jase tinha que aprovar pessoalmente. *Solicitar provisões para BI* não se tratava da Boca do Inferno, mas do capitão *Beaufort Illarion*. Que tipo de armas eles estariam desenvolvendo que poderiam colocar todos os reinos nas palmas de suas mãos?

Olhei ao meu redor novamente. Onde ele estava?

Eu temia falar com ele, mas me encontrava perscrutando os passadiços entre as casas, buscando um vislumbre daqueles cabelos de um dourado escuro, sem saber ao certo de que direção ele viria. Minha expectativa crescia e eu finalmente desisti de procurar, a frustração transbordando dentro de mim. Eu estava no meio do caminho que levava até longo roseiral quando ouvi passos. Alguém correndo. Parei e me virei.

Era Jase.

Ele estava no fim do roseiral. Seus passos foram ficando mais lentos quando ele me avistou. Eu não me movi enquanto ele se aproximava de mim, preparando-me para qualquer coisa que ele tivesse a dizer. Seus cabelos estavam desmazelados, com mechas caindo sobre a testa. Ele parou na minha frente e jogou os cabelos para trás. Seu olhar inundava o meu, lavando cada canto da minha mente.

O silêncio se prolongava, e eu podia ouvir o retinir de uma corrente que já não estava mais ali. Senti Jase me segurando dentro de um rio, mantendo minha cabeça para fora da água. Para quê? O latejar no meu peito ficou mais intenso. Se ele tivesse sido cruel lá atrás, agora suas mentiras me machucariam menos.

"Kazi..."

Sua voz era mais do que eu poderia suportar e então comecei a lhe dar as costas, mas ele me deteve, virando-me com gentileza para que eu o encarasse.

"Por favor, Kazi, me ouça. Temos tantas coisas para conversar. Sinto muito por ter perdido a cabeça ontem. Sinto muito por todas as coisas pelas quais você passou. Minha família cometeu erros, eu sei disso e vou tentar consertá-los, mas agora mesmo uma outra coisa precisa ser dita. Eu sei que você nunca quis ouvir isso, mas, depois de ontem, eu preciso dizer..." Ele fez uma pausa, engolindo em seco, como se estivesse com

medo. “Eu amo você. Eu amo você como o ar que eu respiro, com a força de todos os pensamentos que tenho dentro de mim. Eu amei você desde a primeira vez que a beijei naquela colina junto às ruínas. E mesmo antes disso.”

Balancei a cabeça, tentando me afastar dele.

“Jase, não...”

Mas ele me puxou para perto de si e não parou de falar.

“Quando eu perguntei o que era isso entre nós, eu já sabia a resposta. Eu sabia o que eu sentia, o que eu tinha certeza de que você também sentia, mas tinha medo de dizer porque era algo novo para mim. Parecia cedo demais, impossível demais. Porém, tudo em relação a nós não parecia apenas certo, parecia algo raro, algo delicado e que eu tinha receio de quebrar. Algo que só acontece uma vez na vida.”

Ele ergueu o meu queixo de modo que eu tivesse de olhar para ele.

Não faça isso comigo, Jase. É tarde demais. A dor era como uma faca deslizando por mim, e minhas entranhas já estavam em pedaços. Tudo que eu queria era acreditar em cada palavra, me esquecer de todas as suas mentiras, alimentar a minha fantasia. Mil talos de dente-de-leão lançavam súplicas ao universo para que nós estivéssemos perdidos e sozinhos em uma colina de pedras sob um céu cheio de estrelas novamente.

“Eu não quero perder você, Kazi. E não estou pedindo por promessas. Eu nem mesmo quero uma resposta agora, mas quero lhe pedir que pelo menos pense em permanecer aqui comigo. Para sempre.” Ele aninhou meu rosto em suas mãos. “Pronto. Agora está dito e não vou retirar minhas palavras. Eu amo você, Kazi de Brightmist, e nunca vou parar de dizer isso, nem mesmo ao longo de mil amanhãs.”

Ele foi abaixando a boca lentamente para junto da minha e, em vez de me virar, eu correspondi ao beijo. Senti a doçura de sua língua, e um descampado selvagem foi se formando ao nosso redor, grama alta se movendo em volta dos nossos tornozelos. Eu repeti o meu primeiro e glorioso erro novamente, e de novo, mas desta vez eu disse a mim mesma que só estava amenizando as coisas.

Jalaine não estava no quarto dela. Oleez me disse que eu poderia encontrá-la no solário, no andar superior da casa. No verão, o solário ficava

abandonado na maior parte do tempo. Mesmo com todas as janelas abertas, o ar ali podia ser sufocante. Não havia sequer uma brisa hoje, e eu já sentia a rajada de calor enquanto subia os últimos degraus com dificuldade.

As largas portas duplas estavam abertas. Aquela era uma sala bem ampla, com teto alto e abobadado, decorada com móveis de madeira. Eu achava que no inverno eles eram cobertos com almofadas e capas coloridas. O cheiro de folhagem podada pairava no ar pesado. Jalaine estava no canto, de costas para mim, cuidando de um tipo de arbusto grande em um vaso, mas ela só estava lá parada, com o olhar fixo na planta, perdida em pensamentos. Ela trazia uma tesoura de poda pendurada frouxamente na mão. Umas poucas folhas cortadas estavam espalhadas a seus pés.

"Ou entra ou vai embora", disse ela sem se virar.

Nem tão perdida em pensamentos quanto eu tinha suposto. Mas então me dei conta de que ela me vira no reflexo de uma das muitas janelas que estavam meio abertas. Entrei e ela voltou a podar as minúsculas folhas. Seu vestido branco e fino grudava em seu corpo úmido de suor. Olhei para a tesoura em sua mão. Eu ainda não tinha certeza se ela sabia que era eu quem tinha matado Fertig.

"Sentimos sua falta no jantar", falei.

Ela voltou a atenção para o arbusto. O rápido e furioso *tec* da tesoura cortou o ar. "Duvido."

Concluí que seria melhor ir direto ao ponto.

"Sinto muito por Fertig."

Ela se virou para ficar cara a cara comigo, as minúsculas folhas farfalhando sob seus pés. "Por que você lamentaria por ele? Ele quase matou você." Ela olhou para o meu pescoço; hoje, os hematomas exibiam novos tons de púrpura.

"Sinto muito porque você gostava dele."

"Fertig?" Ela torceu o lábio com desprezo. "Eu não amava Fertig. Foi isso que você pensou? Você veio me confortar por causa do pobre Fertig?" Ela riu e espremeu a boca em um sorriso miserável. "Eu me sentia bajulada com as atenções dele. E só. Eu gostava disso." Era estranho ouvir a profunda amargura na voz dela. Isso a envelhecia. "Tudo aquilo me parecia inofensivo. Ele era divertido. Eu até me perguntava se poderia vir a gostar mais dele e de uma forma mais permanente. Algum dia. Eu estava

prolongando as coisas, brincando com ele, pois ele era uma distração da rotina monótona do escritório na arena." Ela jogou a tesoura em cima da mesa e a fitou, o olhar perdido em um mundo distante mais uma vez. "Mas, como acabou acontecendo, era ele quem estava brincando comigo, me usando. Ele disse que me amava, e eu acreditei nele. Fui um instrumento bobo em suas mãos."

Engoli em seco.

"Qualquer um pode ser enganado. Ninguém culpa você por isso."

"Jase me culpa. Foi por isso que ele me tirou da arena. E ele está certo. Eu mesma me culpo. Decepcionei a família."

"Todos nós cometemos erros, Jalaine, mas temos de seguir com a nossa vida. Venha jantar esta noite. Por favor. Sua família ainda é a sua família. Eles querem você lá."

Ela olhou para mim, a devastação enchendo seus olhos. Percebi seu desejo de ser perdoada, mas perdoar a si mesma era uma outra questão. A dor dela se espalhava por mim, algo que me era familiar demais.

"Pensarei nisso", disse e se virou, ainda não convencida.

Ela pegou uma vassoura que estava apoiada na parede e começou a varrer as folhas cortadas, formando um montinho.

Saí com o som da vassoura varrendo o chão, Jalaine fazendo-o de forma negligente, vagando em um mundo onde transbordava sua própria vergonha, e eu ainda não sabia ao certo se a questão sobre sua presença no jantar estava ou não resolvida.

A escada asfixiante parecia descer em círculos infinitos, até o ponto de eu achar que nunca mais conseguiria respirar de novo. *Decepcionei a família.* Fui correndo até o último lance de escadas, limpando o suor da testa, e saí no frescor do patamar. Eles não são a minha família, foi o que eu tive de lembrar a mim mesma.

CAPÍTULO 49

JASE

"Eu juro que nunca negociei carne! Nunca!"

Depois de uma hora de interrogatório com a tesoura do jardim prensada sobre seu dedo, ele confessou ter levado a mãe de Kazi.

"Ela era uma mendiga praticamente morta de fome! Ela ia ter uma vida melhor!"

Era assim que os mercadores de carne sempre tentavam justificar suas ações.

"Foi por isso que você a drogou? Por que você queria a criança dela também?"

A expressão no rosto dele mudou. Finalmente ele se deu conta de quem havia visto no jardim. Não um fantasma, mas a filha da mulher que ele levara. Ele movia os olhos rapidamente, olhando ao redor do armazém como se estivesse procurando por uma saída que não tivesse visto antes. Não havia nenhuma. Ele estava amarrado a uma cadeira, cercado por cinco de nós. Ele voltou a olhar para mim.

"Foi só uma vez. Eu fiz isso apenas uma vez."

Eu podia ouvir o sofrimento e a ansiedade em sua voz enquanto ele tentava encontrar alguma forma de sair daquela situação. Ele tinha feito aquilo dezenas de vezes, no entanto, uma única vez já era demais. Uma única vez mudara a vida de Kazi e de sua mãe para sempre.

"E a vida melhor que ela ia ter? A quem você a vendeu?"

Ele arregalou os olhos. Eu vi a mentira se formando neles.

"Eu nunca cheguei a vendê-la. Ela morreu no caminho. Eu disse a você

que ela estava fraca e praticamente morta de fome."

Neste instante, havia alguém a quem ele temia mais do que a mim. Isso haveria de mudar.

Agora eu tinha certeza de que ele estava envolvido com os caçadores de mão de obra que tinham vindo para a Boca do Inferno, que ele ainda trabalhava com seus antigos contatos.

Eu me inclinei para a frente, com as mãos no braço da cadeira dele, e meu rosto era tudo o que ele conseguia ver.

"Diga-me, Zane, você conheceu Fertig?"

Ele assentiu.

"Ele está morto. Ele e todo o bando. Eles não vão voltar para casa. Quem quer que seja a pessoa para quem você está trabalhando, ela acabou de sofrer uma baixa muito grande. Mas quero que eles caiam fora de uma vez por todas. Diga-me quem são eles, e eu e você vamos dar um jeito de resolver isso."

Ele balançou a cabeça em negativa.

"Eu não sei de nada!"

Recuei um passo e olhei para Tiago.

"A família está esperando. Tenho de ir jantar. Se ele não tiver as pontas dos dedos das mãos quando eu voltar, tudo bem. Passaremos para os dedos dos pés. Apenas se certifiquem de que ele não tenha hemorragias. Vamos mantê-lo vivo até que tenhamos nossas respostas."

Eu me virei e saí andando na direção da porta, e Tiago pegou a tesoura de poda.

"Espere!", gritou Zane, lutando contra suas amarras, a cadeira cambaleando embaixo dele. "Eu recebi um saco de dinheiro de alguém chamado Devereux, que me mandou contratar caçadores de mão de obra! Foi em uma viela atrás do bar. Estava escuro. Não cheguei a ver o rosto dele. Isso é tudo o que eu sei! Eu juro! Ele não me disse para quem trabalhava!"

Parei à porta, sem olhar para trás. O ferreiro morreu por causa de Zane. Inúmeras outras vidas foram roubadas. Kazi e eu quase morremos.

"Isso já é um começo. Conversaremos mais quando eu voltar. Tiago, você pode ir jantar também. Por ora, não cortaremos as pontas dos dedos dele."

Dentro de poucas horas, Zane estaria cansado, com fome e ensandecido de medo.

O homem teria tempo de reavaliar o que tinha mais valor para ele: as pontas dos dedos ou as pessoas a quem ele estava protegendo. Não sobrariam mentiras dentro dele. Eu tinha certeza de que, a essa altura, ele até se lembraria de mais nomes.

Enxuguei os cabelos com uma toalha e parei na frente do espelho, olhando para a minha tatuagem como se a estivesse vendo pela primeira vez. Eu tinha acabado de tomar banho, na tentativa de me lavar da repulsa e da sujeira de Zane. Passei a mão pelo meu ombro, pelo meu peito, pelas asas, pelas palavras, pelo olho escrutinador do pássaro que me encarava. Nós podemos ficar entorpecidos em relação às coisas, tão entorpecidos a ponto de deixar de vê-las. Eu não sabia ao certo quando fora a última vez que eu realmente tinha olhado para aquilo. *Proteja.*

Meu pai havia permanecido diante de mim enquanto cada pena, cada garra e cada letra eram tatuadas na minha pele. *Proteja e defenda isso tudo*, ele me dissera. *Isso é quem você é. Sempre esteve no seu sangue, Jase. Agora está sobre o seu coração.*

Greyson Ballenger tinha vinte e dois para proteger e uma catacumba para defender. A torre da Vigília de Tor tinha crescido. A família tinha crescido. Havia centenas, milhares para proteger agora. Toda uma cidade a defender. E, por causa da arena, o mundo dos Ballenger ainda estava se expandindo. Eu tinha feito um juramento de sangue para proteger o assentamento vendano. E parecia que às vezes eu também teria de proteger pessoas que nunca tinha visto, pessoas do outro lado do continente, pessoas que eu nunca chegaria a conhecer — pessoas como Kazi e sua mãe.

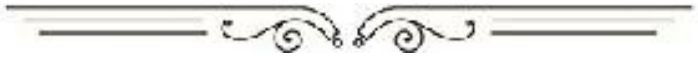
Agora eu me perguntava sobre Garvin também, as perguntas que não fizemos e que deveríamos ter feito. Tudo isso tinha chegado a um ponto crítico em nossa reunião de família esta manhã. Encontrei resistências ruidosas em relação à criação de novas regras para os Previzi ou à expulsão deles — poderíamos ser altamente afetados nos lucros e enraivecer alguns mercadores de longo prazo, que dependiam deles para vender mercadorias de origem duvidosa. Rebati dizendo que, ao cruzar certos limites, fazíamos um convite para que outros limites também fossem cruzados; e então eu lhes contei sobre as minhas suspeitas relacionadas a Zane. Não houve mais

discussões.

Assim que obtivéssemos todas as informações de que precisávamos com Zane, eu teria de contar a Kazi sobre ele, mas não sabia ao certo como fazê-lo.

Talvez fosse por isso que hoje eu fora correndo dizer a ela como eu me sentia, pedindo-lhe que ficasse. Eu estava com medo. Eu precisava que Kazi tivesse certeza em relação aos meus sentimentos por ela — antes de lhe contar que o homem que havia levado sua mãe trabalhava para nós.

CAPÍTULO 50



KAZI

Seguimos até a sala de jantar, tentando fingir que aquela se tratava de uma noite como qualquer outra. Nossas armas estavam guardadas em nossos quartos, prontas para serem levadas, o equipamento e as botas de cavalgada separados, e outros suprimentos já guardados em alforjes. Ouvi o som suave de nossos chinelos nos pisos de madeira, o *shhh*, enquanto o meu coração se agitava como uma mariposa presa em uma teia de aranha. Não era assim que as coisas deveriam ser. Isso não era típico de mim. Quando eu furtava um suéter de lã, empalmava um ovo, fazia malabarismos para enfiar um figo no meu bolso, e até mesmo quando levei o tigre, uma sensação de calma sempre recaía sobre mim nos momentos finais da execução, como se todos os detalhes me pertencessem e pudessem ser moldados à minha vontade. Durante uns poucos minutos, eu era senhora de um pequeno universo. Eu sabia por que, agora, aquela calma fugia de mim. Jase. Meu universo estava tombando por causa dele.

"Ali estão elas", disse Mason, cujo olhar pousava em Synové.

No momento seguinte, os olhos de Jase encontraram os meus. Eles me perfuraram como se buscassem alguma coisa aqui dentro. Por fim, ele sorriu e minha barriga reagiu contra a minha vontade.

Ninguém estava sentado ainda. Todos eles conversavam baixinho na extremidade mais afastada da sala. Agora todo mundo caminhava em direção aos seus lugares. Jase puxou a cadeira para mim e deu um beijo na minha bochecha.

"Você está bem?", ele sussurrou baixinho.

“Claro que sim.”

Eu sabia que tinha de fazer um esforço adicional para agir normalmente, embora já não soubesse ao certo o significado de normal. A mão dele deslizou até a minha coxa debaixo da mesa, e eu levei minha mão para baixo, envolvendo-a.

“O que é isso?”, ele me perguntou, erguendo a minha mão até uma altura em que ele pudesse vê-la. Ele olhou para o anel no meu dedo.

“Consegui na arena ontem”, expliquei.

Ele não fez a pergunta, mas ela fervia em seus olhos: *Você pagou por isso?*

“Foi presente de um mercador”, falei.

Um leve puxão no canto de sua boca. *Claro que foi.*

“É bonito”, ele me respondeu com grande esforço, deslizando nossas mãos de volta para debaixo da mesa.

Como de costume, a agitação de um jantar de família irrompeu no ambiente, com conversas atravessando umas às outras pela mesa, jarros de água e de cerveja sendo passados, cálices retinindo enquanto eram enchidos. Natiya trouxe cestos com pãezinhos-trevo e colocou os pratos principais na frente de todo mundo. Todos eles admiraram a arte dos elegantes rolinhos de abobrinha no formato de rosas, com uma pasta de feijão-preto entre as finas pétalas.

“Você está nos mimando demais assim, Natiya”, disse Vairlyn.

“Espero que a senhora goste, madame.”

Natiya estava trabalhando em dobro esta noite, dando cobertura para Eben enquanto ele se ocupava com a entrega dos jantares especiais para os guardas do portão, entre outras tarefas.

Vairlyn estava prestes a agradecer quando Jalaine apareceu na entrada e um silêncio recaiu sobre o ambiente. Ela ficou hesitante enquanto adentrava a sala.

“Sinto muito, estou atrasada.”

Jase parecia surpreso com a chegada dela e se ergueu da cadeira em um pulo. Ele foi até o lugar dela e puxou a cadeira para a irmã.

“Não está tão atrasada assim, irmã”, disse ele.

Quando ela chegou perto da cadeira, Jase puxou-a e a abraçou. Ele não era apenas um irmão abraçando sua irmã, mas um *Patrei*, abraçando-a pela família inteira, trazendo-a de volta para dentro do círculo deles. Ele sussurrou alguma coisa ao ouvido de Jalaine. Um pedido de perdão?

Desculpas? Vairlyn piscou, um fraco sorriso curvando seus lábios.

Assim que ambos se sentaram, Vairlyn abaixou a cabeça em agradecimento aos deuses por nossa refeição. Quando ela terminou, Lydia e Nash, como faziam todas as noites desde que lhes ensinei as palavras, disseram: "*Le'en chokabrez. Kez lo mati!*".

Eles olharam para mim em busca de aprovação, e eu assenti.

"Eu também."

Como eles haviam me atraído tão rapidamente para os pequenos atos rotineiros de suas vidas! Um nó crescia em minha garganta.

Wren, Synové e eu nos pusemos a comer em seguida, na esperança de que o restante seguisse nosso exemplo.

"Este é o meu prato predileto dos nômades", disse Synové. "O que você acha, Mason?"

Ele mastigou e engoliu sua primeira garfada.

"Bom", ele concordou. "Muito bom."

Jase fez uma pausa na primeira mordida, como se ele não tivesse gostado da comida, mas depois a engoliu.

"Você não gosta disso?", perguntei a ele, baixinho. Contive a respiração. Os Ballenger não eram frescos com comida, e esse era um dos pratos mais irresistíveis dos nômades. As porções de Aram e Samuel já tinham acabado.

"Não", foi a resposta dele. "É muito bom. Mas tem um gosto diferente."

Ele comeu o resto, mas parecia que só estava sendo cortês.

Quando acabou o restante dos rolinhos de rosas, Priya e Titus tiraram os pratos, colocaram-nos sobre o aparador, e logo Natiya entrou com travessas de galinha assada e cenouras. Vairlyn encheu seu prato e passou o resto adiante.

Wren e Synové tentaram comer sua refeição com algum grau de entusiasmo. Notei Samuel fazendo cara feia enquanto espetava uma cenoura com a faca. Geralmente ele era o mais animado do clã dos Ballenger, e eu me perguntava se ele estava ficando impaciente por causa da mão enfaixada. Apesar das tentativas de Wren de engajá-lo na conversa, na maior parte do tempo ele olhava para o próprio prato, devolvendo-lhe respostas simples. Jalaine permanecia calada, mas pelo menos estava ali.

Jase anunciou que ficara sabendo hoje de manhã que a construção das casas no assentamento tinha sido finalizada. Wren, Synové e eu expressamos nossa apreciação.

“Talvez possamos ir até lá na semana que vem para ver como está o progresso”, ele sugeriu. Jase olhou para mim com ares de expectativa, esperando pela minha resposta. Nossos poucos dias no assentamento tinham sido um novo começo para nós. Talvez ele esperasse que isso fosse acontecer de novo.

“Seria maravilhoso”, respondi, forçando-me a abrir um sorriso do tamanho certo, meu olhar se demorando o suficiente no olhar dele, apenas a quantidade certa de malabarismo.

“A professora partiu para o assentamento hoje”, disse Gunner. “Eu falei para ela pedir a ajuda de Jurga. Ela vai ter de dar aulas para os adultos também.” Seus olhos se iluminaram quando ele mencionou Jurga.

Wren e eu trocamos uma olhadela de relance, e eu soube que ela estava achando essa conversa tão difícil quanto eu. Fiquei grata quando Titus mencionou a nova égua que eles haviam adquirido dos criadores de Gastineux. Ainda assim, cada minuto se arrastava como se fosse uma hora.

E então veio o primeiro bocejo.

Vairlyn esfregou os olhos e balançou a cabeça. “Sinto muito, mas receio que terei de ir dormir mais cedo esta noite. Acho que o dia foi longo.”

Ela se apressou a levar Lydia e Nash consigo, apesar de seus protestos de que não estavam cansados. Priya e Jalaine concordaram, ambas piscando e bocejando, e também se retiraram. Minuto a minuto, a sala de jantar foi se aquietando conforme mais um Ballenger saía, repentinamente sobrepujado pela fadiga. Com exceção de Jase.

Por fim, eu disse que também estava cansada e que iria me deitar.

“Eu acompanho você”, Jase se ofereceu, porém, enquanto ele se levantava, percebi um leve cambalear em seus movimentos. Ele sorriu. “Eu só tomei uma cerveja. Juro.” Ele tentou se sacudir um pouco para se recobrar, mas, enquanto subíamos as escadas, ele cambaleou de novo.

“Acho que Titus encheu sua caneca duas vezes”, falei. “Talvez você tenha tomado mais cerveja do que pensa. Vamos direto para o seu quarto.”

Ele se apoiou pesadamente em mim e, quando chegamos ao quarto dele, ele caiu junto à porta. “Eu não sei o que…”

“Está tudo bem, Jase. Estamos quase lá.” Abri a porta, e ele entrou aos tropeços. Amenizei sua queda enquanto ele ia direto para o chão. Eu me ajoelhei ao seu lado e vi seus olhos que, por um breve momento, tentavam manter o foco em mim. E então eles se fecharam.

"Jase", sussurrei. Ele não se mexeu.

Passei as mãos nos cabelos dele, colocando-os para trás, e fiquei olhando. Toquei no corte que se esvanecia em sua maçã do rosto, no machucado que eu tinha causado em seu maxilar ontem. Senti sua pele aquecida sob as pontas dos meus dedos e a dor no meu peito por todos os amanhãs que ele tinha roubado, aqueles que ele me levou a acreditar que poderiam ser nossos. *Você mentiu para mim, Jase. Você mentiu para mim repetidas vezes. Você conspirou com fugitivos contra todos os reinos.* Porém, mesmo enquanto eu atiçava as brasas da minha ira, outros sentimentos traiçoeiros vinham à tona, sentimentos que eu odiava, mas dos quais não conseguia me desvencilhar. Um veneno do qual eu não conseguia me livrar. Minha garganta estava apertada.

Eu me levantei, olhando para ele uma última vez antes de partir.

"Maldito seja você, Jase Ballenger", sussurrei. "*Le pavi ena.*"

E receio que sentirei isso para sempre.

Passamos sorrateiramente pelo túnel da Darkcottage. Synové, Natiya e Eben estavam com suas flechas a postos, protegendo-nos adiante e atrás de nós. Todos usávamos bandoleiras repletas de facas de arremesso — pequenas, silenciosas e mortais — como um último recurso. Queríamos as nossas presas vivas. Espadas compridas eram arriscadas demais por causa do barulho que podiam fazer, mas Wren portava suas *ziethes* e o restante de nós levava longas adagas presas ao cinto. Eu trazia uma adaga menor na mão e um saco de asas de bétula pendurado no quadril. O restante de nossos equipamentos estava armazenado na carroça de feno. Natiya carregava um relógio e nos fazia um sinal a cada dez minutos. Desde que deixamos a sala de jantar, vinte minutos já haviam transcorrido.

Abri uma fresta da porta no fim do túnel. Quando vi que o caminho estava livre, saí de fininho para o terraço e me escondi atrás de um pilar. Fiz uma pausa, absorvendo cada sombra, som e movimento. Um por um, fiz um sinal para que os outros saíssem quando tive certeza de que era seguro, apontando para a posição que cada um deles deveria assumir.

Os terraços da longa casa estavam envoltos em escuridão, mas uma luz suave fluía de alguns dos aposentos. Por causa do calor do verão, a maioria das portas estava aberta, na tentativa de atrair a brisa. Cruzei o caminho

até a próxima parte dos terraços. Quando vi que estava tudo tranquilo, mais uma vez sinalizei para que o restante viesse atrás de mim. Virei a cabeça e ouvi um fraco rumor de vozes. Apontei para o aposento de onde elas vinham e fiz um sinal para que o restante esperasse, enquanto eu me aproximava para ver quantas pessoas estavam ali. O aposento estava totalmente iluminado com velas. Sarva e o capitão estavam curvados sobre uma mesa, jogando algum tipo de jogo. Kardos, Bahr e um dos eruditos relaxavam em poltronas estofadas em volta de uma lareira fria, bebendo e atirando nas cinzas os caroços das azeitonas que comiam, rindo e competindo para acertar algum alvo. Nenhum deles estava armado. Um dos eruditos, o mais jovem deles, não estava lá. Contei o restante nos dedos da mão. Cinco. Segui em busca do outro, procurando em cada um dos aposentos. Encontrei-o dois aposentos adiante, encurvado sobre uma escrivaninha, estudando papéis e escrevendo anotações em um livro contábil. Fiz um sinal para que Eben se juntasse a mim. Quando chegou o momento certo, ele soltou um uivo lamuriante, igualzinho ao de um lobo. A atenção do erudito se voltou para cima. Ele levantou para investigar, provavelmente para fechar a porta do terraço, mas foi pego desprevenido diante da minha inesperada presença, curvada sobre um dos joelhos no terraço, fingindo amarrar o cadarço da minha bota. Quando ele foi lá para fora, Eben agarrou-o por trás, colocando uma das mãos sobre sua boca com firmeza e, com a outra, segurando uma faca junto à garganta.

Eu me levantei.

"Faça qualquer barulho", sussurrei, "e será seu último. Entendido?"

O branco dos olhos do erudito brilhava no escuro, e ele assentiu tanto quanto lhe permitia seu atrevimento. Eben afrouxou a mão na boca dele apenas por tempo suficiente para que eu soubesse o seu nome. Phineas.

Verifiquei se ele tinha armas escondidas, mas, como esperávamos, não havia nenhuma. Esses homens estavam em um enclave protegido — a única ameaça que eles temiam era rolar escada abaixo por causa da bebedeira.

"Lá dentro", sussurrei para Eben, que entrou na casa ainda segurando o erudito, e voltei a me juntar aos outros.

Permanecemos em posição e esperamos. Foi quase fácil demais. Homens desarmados e meio bêbados que não suspeitavam de nada. Minha maior preocupação era Synové e o momento em que ela ficasse cara a cara com

Bahr, embora ela já tivesse me garantido que o choque havia passado. Ela havia se prendido à ideia da longa jornada de volta para casa e à agonia que infligiria nele. Quando vi a sombra de Eben no corredor, fiz um movimento para Wren e ela assoviou seis notas do canto de um melro noturno. Eben irrompeu sala adentro pela entrada dos fundos, empurrando o erudito para o meio do cômodo, e nós entramos pelo outro lado. Synové, Natiya e Eben tinham seus arcos preparados com flechas, seus olhos mirando friamente os alvos. As *ziethes* de Wren estavam em punho. Eu tinha uma corda em uma das mãos e uma adaga na outra.

Um momento de confusão e descrença irrompeu, todos eles ficando de pé em um salto, não sabendo ao certo o que estava acontecendo, o capitão bradando a respeito da intrusão como se fôssemos criados que haviam se esquecido de bater à porta. Porém, mesmo em meio a esse caos, por uma fração de segundo fui tragada pela plenitude do momento. Por fim havíamos capturado o dragão.

A constatação da verdade veio primeiramente para o *chievdar* Kardos. Ele reconhecia uma Rahtan quando via uma.

"*An ade fikatad.*"

"Por ordem da rainha de Venda, do rei de Morrighan e da Aliança dos Reinos, vocês todos estão presos e serão julgados por traição e assassinato", anunciei, de forma inevitável. "E agora, cavalheiros, façam exatamente o que ordenarmos pois não somos obrigados a levá-los de volta vivos."

Synové mirava a cabeça de Bahr, cujos olhos estavam focados nela. Ele sabia que bastava fazer um movimento repentino para que uma flecha voasse em sua direção.

O capitão ainda tentava nos dissuadir.

"Receio que vocês tenham cometido um terrível erro. Não somos..."

"Nada de erros, capitão Illarion." Fiz um movimento indicando o chão. "Todos vocês, deitados de barriga no chão. Agora. Temos que cuidar de algumas coisinhas antes de sairmos para um passeio."

Ninguém se mexeu. Synové fez uma flecha voar, e o som que saiu dela sugou o ar de nossos pulmões. A flecha passou de raspão pela orelha de Bahr e ele soltou um uivo, fechando a mão sobre a carne cheia de sangue.

"Talvez a cera tenha saído do seu ouvido e ele esteja limpo agora", disse ela. "Vocês foram ordenados a deitar de barriga no chão."

Todos eles obedeceram.

Wren e eu atamos as mãos deles atrás das costas, enquanto o governador Sarva tentava nos convencer de que nunca nos safaríamos dessa.

"Nós não reconhecemos o direito de regência da rainha!"

"Mas o povo de Venda reconhece, assim como todos os outros reinos no continente", disse Eben, puxando-o para que novamente ficasse de pé. "Agora, cale a boca."

Misturei as asas de bétula em um jarro com água e servi um copo da mistura a cada um deles, ordenando que bebessem tudo.

"Isso tornará a viagem mais agradável."

O erudito mais velho, Torback, choramingava, recusando-se a beber o que ele achava que era veneno. Synové mirou sua flecha no peito dele, e ele engoliu a mistura. Expliquei-lhes que em breve estariam adormecidos. Nesse ínterim, nós iríamos amordaçá-los para garantir que ficassem em silêncio, não sem antes lembrá-los de que havia formas mais permanentes de silêncio e que não hesitaríamos em lançar mão delas.

Bahr cuspiu e resmungou baixinho. "Rahtan imunda."

Olhei de relance para Synové, cuja mão pairava acima de sua faca. Um tremor remexia suas pálpebras, como se milhares de açoites farpados se agitassem por trás delas, e eu me perguntava se Bahr ficaria melhor caso o deixássemos aqui com a garganta cortada em vez de fazê-lo encarar as agonias que Synové planejava para ele.

"Quarenta minutos", disse Natiya.

Estávamos adiantados. Bastava apenas uma curta caminhada pelo passadiço coberto do terraço para chegarmos até o portão dos fundos, onde a carroça de feno e os cavalos estavam à nossa espera. Puxei a mordaça de Phineas.

"Os esquemas e projetos das armas, onde estão?"

O capitão soltou um gemido sob sua mordaça, balançando furiosamente a cabeça. Sarva e os outros apresentaram respostas similares, ainda tentando preservar seus tesouros. Phineas ficou hesitante, ouvindo os gemidos deles. Dei de ombros.

"A quem você acha que deveria dar ouvidos? A eles ou a nós?"

Cada uma de nossas armas estava mirada na direção dele.

"No segundo anexo, perto do portão", ele respondeu. "É nossa oficina. Todas as fórmulas estão lá."

Ficava no caminho para a saída. Os deuses estavam cuidando de nós.

Antes de sair para o terraço, apontei para a fileira de facas de arremesso em nossos peitos, para o caso de eles terem qualquer ideia tola que envolvesse fugir na escuridão.

"Eu não tentaria fugir. Diga a eles o que significa Rahtan, Kardos." Ele murmurou a resposta sob sua mordaça. "Isso mesmo. Nunca falhar. Entendeu, capitão?"

Ele assentiu, uma ruga de raiva marcando a cicatriz em formato de lua crescente em sua testa. Saí no terraço. O terreno adiante estava escuro sob a noite sem luar. Se houvesse um guarda perdido por ali que não estivesse embalado em um sono de asas de bétula, ele não nos veria. O ar estava parado, nada além do ondular de uma brisa, e o único som era o chilreio de um melro respondendo ao chamado de Wren.

Descemos as escadas até a área gramada que dava para o portão, os seis homens arrastando os pés entre os demais, em silêncio e temerosos, enquanto eu andava na frente, fazendo o reconhecimento da trilha. Estávamos na metade do caminho até o portão quando ouvi um farfalhar de folhas. Estava escuro demais para enviar um sinal, então eu assoviei, um chilreio fraco para fazer com que eles parassem.

Mais um farfalhar.

E então o céu se iluminou como a alvorada.

CAPÍTULO 51

KAZI

"Assumam suas posições!", eu berrei.

Em menos de um segundo, tínhamos nossos prisioneiros de joelhos no chão. Synové, Eben e Natiya estavam parados atrás deles com as flechas apontadas, e a *ziethe* de Wren estava contra o pescoço do capitão. Eu me encontrava a pouco mais de três metros à frente deles, com uma adaga firme na mão.

O cheiro de enxofre queimava o ar, e meus olhos se ajustavam às chamas repentinas de uma centena de tochas na noite.

E então eu vi Jase.

Ele estava parado na minha frente, bloqueando o meu caminho. Sua família estava parada atrás dele: Vairlyn, Priya, Gunner, Titus, Mason, Aram, Samuel... até mesmo Jalaine. Suas expressões eram condenadoras, cheias de mágoa, ferventes de ódio. A propriedade estava repleta de guardas, com suas flechas miradas em nós, além dos *straza* com as espadas em punho.

Os olhos de Jase brilhavam, sua cabeça tremia, como se ele tivesse levado um chute no estômago. Ele abriu a boca, mas ficou lutando para encontrar as palavras.

"Era isso?", ele disse, por fim, segurando um tubo de cristais brancos. "Era isso o que você pretendia pegar?"

Ele trocou as asas de bétula? A família inteira havia entrado no jogo, inclusive Jalaine. Então fora esse o último sussurro de Jase no ouvido dela.

"Você sabia", eu disse.

“Não tinha certeza. Eu não queria acreditar nisso.”

Jase lançou o tubo, que se estilhaçou em algum lugar na escuridão. Ele olhou para Eben e Natiya, a cozinheira e seu marido, agora revelados também como Rahtan.

“Vocês estavam planejando isso o tempo todo.” Os olhos dele me cortavam, acusadores. “De todo o resto, era apenas isso o que realmente importava?”

Por *resto*, ele estava querendo dizer *nós.* A fúria me invadiu. Ele havia acolhido matadores cruéis, conspirara com eles, mentira em relação a eles, me usara para atrair a rainha até aqui. Eu tinha sido traída. Ele não tinha nenhum direito de me censurar.

Minhas próximas palavras foram afiadas, tentando romper com qualquer coisa que ainda me conectasse a ele. “Isso mesmo. Isso é *tudo* o que sempre importou. Estamos prendendo esses homens por assassinato e traição, e você é culpado por tê-los acolhido. Agora afaste-se antes que você seja preso também.”

Ele bufou, desacreditando o que eu dizia e fazia.

“Você perdeu a cabeça? Veja onde você está! Vocês estão cercados. Coloquem suas armas no chão. Agora!”, ele ordenou.

Não nos mexemos. Os fios dos arcos estavam puxados, bem estirados, ameaçando-nos em ambos os lados. Os braços que seguravam as armas tremiam.

A tensão foi ficando cada vez maior a cada segundo que se passava. Até que os gritos irromperam.

“Vocês não vão levá-los a lugar nenhum!”, berrou Titus. “Vocês estão invadindo o território dos Ballenger!”

“Vocês vão pagar por isso”, disse Aram, em um tom de mofa.

“Somos um domínio soberano”, berrou Priya. “Sua rainha não tem jurisdição alguma na torre da Vigília de Tor, e você, definitivamente, menos ainda!”

“Vocês são nossos prisioneiros agora! Soltem suas armas!”, gritou Mason, empunhando a espada.

Nossos cativos gritaram, ainda com suas mordaças.

Salve tudo isso, Kazi. De alguma forma, salve tudo isso.

“Afaste-se, Jase. Agora.” *Por favor. Eu não quero machucar você.* Dei um passo adiante, e mais espadas foram retiradas de suas bainhas.

Jase olhou para a tensão crescente ao redor.

"Contenham suas armas!", ele berrou e ergueu a mão na minha direção, detendo-nos. "Não se mexa, Kazi. Você vai acabar sendo morta. Vai acabar fazendo com que seus amigos sejam mortos."

"Deixe que eles atirem, Jase!", berrou Titus. "Estamos em maior número!"

E estavam mesmo. De longe.

"Cale a boca!", berrou Jase por cima do ombro e se virou para mim. "Coloque a arma no chão, Kazi. Você não pode ir a lugar algum. Nós precisamos desses homens. Temos um acordo com eles para..."

"Não há nada que me fará devolvê-los a você, Jase. Nada. Se nós morrermos, eles morrerão conosco... E os eruditos morrerão primeiro."

Eu estava na mira da maioria das armas. E cairia primeiro, mas daria tempo para que os outros cortassem as gargantas de nossos cativos.

Os eruditos gemiam sob suas mordaças.

O olhar de Jase se fixou no meu. Não havia volta, mas eu ainda via a súplica nos olhos dele. Por esses homens? Ele se aproximou um pouco mais de mim, lentamente, como se eu não fosse notar.

"Dê-me sua faca", ele ordenou.

"Estou lhe pedindo pela última vez, *afaste-se.*"

"Eu não posso fazer isso, Kazi. Tudo o que dissemos é verdade. Nós somos a lei aqui, e não você, nem sua rainha." Ele deu mais um passo na minha direção, a mão ainda estendida. "Há trinta guardas mirando suas flechas, além de muitos *straza* nervosos. Alguém vai cometer um erro e um de vocês..."

E então ouviu-se um grito nas trevas. Vindo de Gunner. "É isso o que você realmente quer, não é?", ele gritou. "Vamos negociar."

Gunner deu um passo à frente, o braço enganchado em volta do pescoço de um homem que lutava para se soltar, e nossos olhares se encontraram. Olhos brilhantes feito ônix olharam de volta para os meus.

Meu peito ardia.

O ar desapareceu.

A adaga tremia na minha mão.

Ouvi Jase gritando: *Gunner, não!*

Mais gritos. Mas tudo aquilo me parecia bem distante.

Kazi.

Kazi.

Onde está a pirralha?

O tempo girava. O suor escorria e descia pelas minhas costas.

As tochas tremulavam e tudo o que eu conseguia ver era a luz dourada ricocheteando nas paredes. Minha mãe estendendo o braço para alcançar um cajado.

Saia, garota!

Aqui.

Ele estava aqui.

Como isso era sequer possível?

Era como se o tempo não tivesse passado. Ele ainda era o mesmo homem.

O medo se acumulava na minha garganta. Meus joelhos pegavam fogo.

Você já não é impotente.

Ele era meu. Meu, mediante uma simples troca. Por um capitão sem valor e seu bando.

Saiba o que está em jogo. Kazimyrah, eu preciso de você.

Justiça para milhares ou justiça pessoal. Meus pés estavam sobre dois caminhos diferentes, minhas entranhas se dividiam ao meio, caindo em duas direções.

O condutor dos Previzi viu a adaga na minha mão e lutou para se afastar. Ouvi Mason chamá-lo de Zane. Eles o conheciam. Ele tinha um nome. *Zane.* Mason e Gunner o seguravam agora. Ele vira a morte em meus olhos. Isso me alimentava, me fazia querê-lo ainda mais, me dava sede, fome e uma necessidade voraz de derramar o sangue dele, uma gota por vez.

"O que aconteceu com ela?", eu perguntei. "O que você fez com a minha mãe?"

As perguntas saíram, fracas, hesitantes e inesperadas. O som congelou meu estômago. Ouvi a voz da criança que eu havia sido. O homem chamado Zane olhou para mim como se soubesse que não tinha a menor chance.

Ele abriu a boca para falar, mas Gunner a tampou com a mão e o empurrou para os braços de uma outra pessoa que estava logo atrás.

"Primeiro a troca. Depois você faz suas perguntas."

Encarei Gunner, desejando que ele estivesse morto. Minha fúria fervia de tal maneira que eu poderia tê-lo dilacerado com minhas próprias mãos,

mas, ao mesmo tempo, fiquei paralisada. Eu poderia muito bem ter uma espada reduzindo minha alma a pedaços agora. O homem que me assombrara durante a minha vida inteira estava aqui e Jase *sabia disso. Ele sabia o nome dele.*

Ele soube o tempo todo.

Olhei para ele.

Eu não precisava dizer. Eu sabia que ele podia ver nos meus olhos.

E sobre isso? Você mentiu em relação a isso também?

Ele deu um passo à frente, aproximando-se de mim.

"Kazi, eu estava…"

Faça uma escolha, Kazi. Havia apenas uma única escolha. Eu tinha de abrir mão de uma coisa para ganhar outra.

Jase se lançou na minha direção, mas eu já esperava por isso. Eu também sabia algumas coisas. Coisas como o momento em que um ladrão encurrala seu alvo — e isso sempre acontece quando ele está mais fraco.

Chutei-o nos joelhos e puxei seus cabelos, inclinando a cabeça dele para trás com uma das mãos e pressionando minha faca contra sua garganta com a outra. Um truque de prestidigitação, uma dança, um movimento rápido e experiente que me mantivera viva durante anos, talvez apenas para este momento.

"Eu lhe dei uma chance", falei entredentes. Aproximei-me de sua orelha. "Eu lhe dei todas as chances." Puxei os cabelos dele com mais força, pressionando um pouco mais a faca. "Agora diga para eles se afastarem."

"Recuem", disse Jase com cautela. Até mesmo falar era um risco com a lâmina assim tão próxima à sua pele. "Ela fará isso", ele disse em um tom de aviso. "Ela cortará a minha garganta."

"Vocês o ouviram!", berrei. "O *Patrei* está vindo conosco."

Todo mundo estava gritando agora, todos berravam para que eu o soltasse, dizendo-me as coisas horríveis que eles fariam comigo. Eu já não sabia se Zane estava entre eles. *Minha faca de arremesso. Por que eu não a joguei enquanto ainda tinha chance?*

Porque havia coisas demais em jogo. Muita gente em volta dele. Uma faca perdida poderia ter feito tudo sair do controle. Minha lógica travava uma batalha com a minha sede de vingança.

Eu não lancei a faca porque minha missão ali não era Zane, mas entregar os criminosos para a rainha.

“Em pé”, ordenei, movendo a minha faca para a base do crânio de Jase. “Conheço todos os pontos vulneráveis do seu corpo. Chega de truques. Entrelace as mãos atrás da cabeça. Devagar.”

Ele fez o que mandei, e comecei a guiá-lo em direção ao portão com o meu grupo seguindo logo atrás. A família de Jase, os *straza* e os guardas com suas flechas ainda apontadas para nós seguiam pelas laterais, apenas esperando por uma oportunidade.

“Você não vai se safar dessa, Kazi”, disse Jase, enquanto caminhávamos. “Por quanto tempo você consegue manter uma faca no meu pescoço? No minuto em que você abaixar a mão, eles vão matá-la.”

“Onze anos, Jase. Eu posso mantê-la aqui por onze anos se for necessário.”

“Ainda podemos resolver tudo de alguma forma.”

“Cale a boca. Guarde suas histórias para Zane.”

Enquanto passávamos por um anexo, ordenei que Synové atirasse uma flecha de fogo pela janela. A flecha atingiu a parede dos fundos e iluminou o interior. Havia pilhas de papéis espalhadas em cima de uma mesa de trabalho.

O capitão lutava para se livrar das garras de Wren, gemendo e tentando soltar sua mordaça.

“O que você está fazendo?”, berrou Gunner.

“Kazi, não!”, suplicou Jase. “Nós investimos tanto…”

“Faça”, ordenei.

Synové atirou mais uma flecha de fogo, estilhaçando uma lamparina de querosene que estava sobre a mesa, e o aposento ficou em chamas. Eu ouvi os gemidos, os xingamentos, condenando-nos todos ao inferno, e vi o furor nos olhos do capitão. Senti a raiva se esvaindo de Jase.

“Abra os portões”, eu disse a Drake e Tiago.

Eles olharam para Jase em busca de confirmação. Ele assentiu.

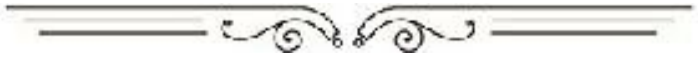
A carroça de feno e os cavalos não tinham sido levados de volta aos estábulos e ainda estavam ali. Eles não esperavam que chegássemos assim tão longe.

Natiya e Eben eram metódicos, acorrentando cada homem ao gradil que havia dentro da carroça. Mais ordens eram dadas aos gritos, mas agora por Mason. Ele estava ordenando que pegassem os cavalos nos estábulos. Pretendiam nos seguir.

Não havia lugar na traseira da carroça para mim e Jase, mas eu precisava continuar com ele. Minha faca em seu pescoço era tudo o que nos mantinha vivos. Ordenei que ele subisse e se sentasse no assento da frente.

"Conduza, *Patrei*. Nós vamos ver a rainha."

CAPÍTULO 52



JASE

O HORIZONTE ESCURO GANHOU TONS DE UM AZUL NEBULOSO. As estrelas dos Cavalos Perdidos de Hetisha se retiraram do céu. O sol estava nascendo.

"Os cavalos precisam descansar", falei.

"Eu lhe digo quando os cavalos precisarem descansar."

"Tudo bem, então, *eu* preciso descansar."

E precisava mesmo. Eu sentia dores — nos ombros, nas costas, na cabeça, nos olhos. Eu não sabia ao certo por quanto tempo mais eu conseguiria manter os olhos abertos e focados.

"Diga à sua família que volte para casa, e então todos nós poderemos descansar."

Paramos por uma hora durante a noite para dar água aos cavalos, mas nenhum de nós havia descansado. Minha família, os *straza* e os guardas nos circundavam, as tochas ardentes nas mãos, esperando que Kazi desse uma trégua, cometesse um erro, sucumbisse à fadiga ou às provocações deles.

Nada disso aconteceu.

Nem mesmo quando Sarva e os demais começaram a falar. Assim que suas mordaças foram removidas para que eles pudessem beber água, eles se tornaram implacáveis. Eu sabia o que eles estavam fazendo, tentando provocá-la, tentando fazer com que ela perdesse a concentração e se virasse na direção deles para que eu pudesse desarmá-la. Mas eles foram longe demais.

“Aposto que aquele tal de Zane se divertiu muito com a sua mãe”, disse Bahr em tom de zombaria.

Então Sarva começou a descrever as coisas que ele teria feito com ela.

“Cale a boca, Sarva!”, eu gritei. Ele disse coisas que eu não diria nem mesmo para salvar a minha vida. Senti o braço de Kazi tremer junto às minhas costas, mas a lâmina permanecia firme sobre o meu ombro, os olhos dela congelados e fixos na trilha à nossa frente.

Achei que ela fosse vacilar ou entrar em colapso a essa altura — ou, pelo menos, cochilar enquanto a carroça seguia ruidosamente pela escuridão, percorrendo quilômetros e mais quilômetros de tédio. Ela não me disse aonde estávamos indo. O grupo dela, que cavalgava ali perto, também não. Agora mesmo rumávamos ao sul, mas eu imaginava que, em breve, cortaríamos o caminho em direção ao leste.

“Estamos indo até Venda?”

“Não é da sua conta.”

Ela mal trocava uma palavra comigo, e as que dizia eram hostis. Eu sabia que ela também deveria estar exausta. Kazi despencou ao meu lado, mas sua faca ainda estava a uma distância perigosa da minha garganta. Eu pisquei, tentando dispersar a fadiga. Ouvi roncos vindos de trás de nós. Pelo menos alguém estava conseguindo dormir.

Eu puxei as rédeas. “Epa!”

Kazi se endireitou. “O que você acha que está fazendo?”

“Dizendo que eles voltem para casa.”

Wren, Synové, Eben e Natiya nos circundaram, protegendo a carroça, enquanto Mason, Gunner e os outros cavalgavam cada vez mais perto de nós.

“Vá para casa, Gunner!”, gritei. “Leve todo mundo com você. Cuide da cidade até eu voltar.”

Mason foi se aproximando de Synové, tentando intimidá-la, os olhos escuros e cheios de raiva. “Não iremos embora sem você”, gritou em resposta.

“Sim, vocês irão.”

Disse-lhes que em algum lugar adiante haveria tropas esperando por nós e que eu não poderia permitir que todos eles fossem capturados também. Assim colocaríamos a arena e tudo o mais em risco. Minha mãe, Nash e Lydia não conseguiriam administrá-la sozinhos. O restante deles precisava

estar lá para manter as coisas funcionando e em segurança até que eu voltasse.

A confirmação de meu retorno permaneceu nos olhos deles como uma pergunta. Gunner fez uma careta, mas por fim assentiu. Ele sabia que eu estava certo. “Vamos manter as coisas em ordem”, disse, fazendo um sinal para que o restante o seguisse de volta ao nosso lar.

Priya veio cavalgando cheia de audácia até a carroça. Wren se moveu para bloquear o caminho dela, mas Priya ainda conseguiu travar contato visual com Kazi.

“Eu avisei que faria você se arrepender se machucasse o meu irmão. E você vai se arrepender. Isso nunca será esquecido. Jamais. Você pagará por isso.”

Kazi não respondeu. Apenas encarou os olhos gélidos de Priya, que voltou a me observar com uma expressão cheia de preocupação.

“Fique em segurança, irmão.”

“Ficarei”, respondi, então ela se virou e saiu cavalgando.

Quando eles estavam longe o bastante, Kazi abaixou a faca e desceu da carroça. Eu fui atrás dela e me permiti cair no chão, pressionando as costas na terra irregular, meus músculos se contorcendo.

Kazi e seu grupo cuidaram dos cavalos e de seus cativos na traseira da carroça, depois alternaram-se entre a vigília e o descanso. Todo mundo estava exausto — exceto Beaufort e o restante deles, a quem eu tinha ouvido roncar durante a noite. Eu cochilei e tive lapsos de sono, perguntando-me em que inferno eu tinha me metido, já que, pela segunda vez desde que o meu pai morreu, eu era um prisioneiro sendo arrastado para algum lugar contra a minha vontade.

Recebemos rações de água e carne seca, e, quando Bahr foi desacorrentado para fazer suas necessidades, Synové o provocou, dizendo que ele deveria tentar correr e fugir enquanto podia. Acho que ele considerou a possibilidade por um momento, mas não tinha nenhuma arma consigo e não havia para onde fugir. O terreno era em grande parte plano, com apenas uns arvoredos distantes que não ofereciam lugar algum para se esconder.

Eu me apoiei na roda da carroça, mastigando minha fatia de carne seca com o olhar fixo em Kazi, perguntando-me o que estaria se passando na cabeça dela. Ela percebeu que eu a observava e desviou o olhar. Eu me

lembrei do que a vidente me dissera: *Proteja o seu coração,* Patrei*. Eu vejo uma faca pairando, pronta para arrancá-lo fora.*

E agora eu me dava conta de que não era dos saqueadores que ela estava falando. Ela estava me alertando sobre Kazi.

De repente, ela girou tão rápido quanto o estalar de um chicote, os olhos ardendo em chamas. "Pare com isso!", ordenou. "Pare de olhar para mim!"

"Ou o quê?", respondi. "O que você vai fazer, Kazi? O que ainda resta fazer comigo?"

Como não havia lugar para mim na traseira da carroça, eu continuei conduzindo, mas agora Kazi cavalgava ao nosso lado, montada em Mihe, aparentemente com repulsa demais para ficar sentada ao meu lado. Com a ausência da minha família e da ameaça que representava, ela poderia me vigiar de longe sem problemas, ainda que sua vigilância não durasse muito. Ela trocava de posição com Wren e ficava para trás com Eben e Natiya, os supostos cozinheiros que se tornaram nossos captores.

Balancei a cabeça, pensando sobre a Darkcottage e sua história, e a respeito da amante assassina que fora levada para dentro da fortaleza no meio da noite por um Ballenger. *Quando foi que você se tornou tão idiota, Jalaine?* Minhas próprias palavras cheias de raiva voaram de volta na minha cara como um punho dotado de uma bela mira.

Eu lhe dei uma chance. Eu lhe dei todas as chances.

Ela realmente tinha feito isso. Por que eu não me afastei? Por que eu simplesmente não a deixei ir?

Não foi somente porque eu queria manter nosso investimento a salvo. A tensão estava elevada, os ânimos, mais elevados ainda, tudo isso prestes a fugir do controle. Eu sentira medo. Eu tive medo de que ela fosse morta.

Quando foi que você se tornou tão idiota, Jase?

Ela invadiu a minha família, o meu lar.

A cada quilômetro percorrido, minha raiva crescia, não apenas contra Kazi e sua trupe, mas também contra a própria rainha, por ordenar que soldados entrassem no *meu* reino, na minha terra, atravessando as minhas muralhas. Era uma invasão ao meu território. Se eu tivesse feito o mesmo, teria sido considerado um ato de guerra, e eu estaria me deparando com a forca.

"Você esteve bem devagar lá atrás, não esteve, *Patrei*?"

Olhei para Wren, que me encarou com seu olhar fixo e letal. "Vá atormentar outra pessoa."

Surpreendentemente, foi o que ela fez. Wren seguiu cavalgando à frente, junto a Synové. Sem dúvidas, seria ela a próxima a ficar de olho em mim. Não era como se eu pudesse ir a qualquer outro lugar. Meus cavalos jamais conseguiriam correr mais do que os delas, e se eu tentasse fazer isso, com certeza as minhas costas seriam um alvo certeiro para as flechas de Synové.

"Nós podemos pegá-los", disse Beaufort, quando se deu conta de que não havia ninguém ali para ouvi-lo.

Olhei para ele por cima do ombro.

"Não", respondi. "Eles estão armados e são Rahtan."

Sarva ergueu o lábio em uma espécie de rosnado. "Mas eles ainda têm crânios frágeis como o resto das pessoas."

Bahr ergueu os pulsos algemados. "Da próxima vez que formos desacorrentados para urinar, nós pegamos uma pedra e golpeamos a cabeça deles..."

"Nós não vamos golpear as cabeças de ninguém", falei.

"É fácil para você dizer isso", Kardos falou em tom de escárnio. "Você não conhece a rainha deles. Ela fará com que nossas cabeças sejam enfiadas em estacas antes que possamos dizer olá. Inclusive a sua."

"Ele está certo", disse Beaufort. "Ela tem um histórico cruel e sede de vingança contra qualquer um que a tenha desafiado."

"Vocês todos lutaram contra ela?"

"Exceto os eruditos", foi a resposta de Sarva.

Como de costume, os eruditos permaneceram em silêncio. Ambos pareciam aterrorizados.

"O restante de nós lutou ao lado do Komizar", disse Bahr. "Oras, aquele homem, sim, era um verdadeiro líder."

O homem que cortava fora os dedos das crianças?

Eu tinha ouvido rumores em relação a ele. Ouvi que ele tinha mais de três metros de altura. Que sua espada era feita de dentes de dragões. Que ele era um Antigo que havia sobrevivido aos séculos. Que ele não tinha sido realmente assassinado, porque era impossível assassinar um homem que carregava em si uma parcela dos deuses. As histórias que o cercavam eram tão embelezadas quanto aquelas que explicavam as estrelas no céu.

Quando as informações chegavam à Boca do Inferno, ficava difícil separar os fatos dos mitos. Até mesmo o relato em primeira mão de Bahr parecia mais mito do que verdade. *Ninguém desobedecia a seus comandos. Ele era capaz de silenciar o diabo com um sussurro.*

A cruel punição dada às crianças era a única história que não parecia mito. Eu me lembrava dos olhos de Kazi quando ela mexeu seus dedos no ar diante de mim. *Olhe para os meus dedos, Jase! Dê uma boa e longa olhada em cada um deles.* Naquele momento, os olhos dela me disseram tudo. Eu vi a vida desesperada que ela tinha sido forçada a viver.

Synové pegara uma caça — um pequeno antílope — e sua carcaça aberta chamuscava em um espeto. Estávamos acampados em um bosque de árvores antigas que cresciam em meio às ruínas. Árvores que subiam por escadarias circulares e se empoleiravam em janelas, como se fossem fantasmas esguios. Bahr já não parecia tão valente em relação a golpear cabeças agora. Sua própria cabeça se virava a cada farfalhar, e eu duvidava de que ele fosse querer pisar sozinho no escuro para dar a menor urinada que fosse.

Eu estava acorrentado a uma árvore. Todos nós estávamos. Havia uma algema em volta do meu tornozelo novamente. Kazi estava longe, cuidando de Mihe. Ela conseguiu me evitar o dia todo, o que lhe exigiu algum esforço, pois seguíamos na mesma direção.

Natiya esticou a mão sobre o fogo e abriu as costelas do antílope para que cozinhasse mais rápido.

"Está com fome?", perguntei. "Você ainda está comendo por dois? Ou talvez sejam oito a essa altura? Suas mentiras parecem se multiplicar como larvas."

"Cuidado com o que fala, *Patrei*", disse Eben em tom de aviso, brandindo sua faca. Pelo menos essa parte do que Natiya havia dito era verdade, ele era bom com facas.

"Apenas comendo por mim mesma", ela me respondeu, dando tapinhas alegres na barriga reta.

"Sua rainha nunca pretendia vir, não é? Ela não é apenas uma invasora, mas uma mentirosa também."

"Eu disse para você tomar cuidado com o que fala!", disse Eben irritado.

"A carta dela era uma farsa", falei, rosnando.

"Minha carta para ela era uma farsa", foi a resposta de Kazi.

Todos nós viramos a cabeça.

Ela saiu das sombras e apareceu à luz da fogueira.

"E a rainha sabia disso. Eu lhe dei boas pistas — pistas que você e seus irmãos não viram. *Thannis* dourada? É veneno. Eu pedi que ela trouxesse veneno de presente para vocês." O tom dela estava carregado de sarcasmo. "Eu nunca teria pedido que ela viesse até a torre da Vigília de Tor."

Ela disse essas palavras com escárnio, como se a minha casa fosse inferior à rainha. Fixei meus olhos em Kazi. Desde o começo, era tudo uma mentira.

"Será que algum dia houve qualquer coisa de verdadeiro em relação a você?"

O olhar dela se encontrou com o meu.

"Você não vai me dar um sermão sobre verdades. Jamais."

"Eu não tinha obrigação nenhuma de lhe falar sobre os negócios da minha família."

"Negócios? É assim que você chama aquilo tudo? Armazenar um arsenal de armas?"

"Sim! Esses são os nossos negócios! E nós tínhamos todo o direito de..."

"De ter todos os reinos em suas mãos? De colocar uma corda em volta do pescoço da rainha?"

"Lá vem você novamente com suas firulas e ornamentos vendanos em forma de palavras!"

"Vocês estavam escondendo fugitivos conhecidos!"

"E vocês estavam..."

"Para trás, os dois!" Eben se colocou entre nós, afastando-nos um do outro, nossas respirações ainda ofegantes. Eu não tinha me dado conta de que havia me levantado nem de que ela tinha se aproximado tanto de mim, a ponto de estarmos gritando a poucos centímetros um do outro.

Ela me olhou com ódio, a respiração ainda arfante.

"A rainha não é uma mentirosa. Ela não poderia se submeter à sua demanda parcamente velada de vir à torre da Vigília de Tor porque ela está confinada à cama. Ela *não pode* viajar. Ou, do contrário, eu juro a você que ela estaria aqui em pessoa e levaria essa escória de volta à Venda para enfrentar a justiça!" Os olhos dela cintilavam. "E nunca mais venha falar

comigo sobre verdades."

A voz dela falhava, trêmula. Ela girou nos calcanhares e desapareceu novamente nas sombras.

CAPÍTULO 53

KAZI

Inclinei-me sobre a margem do riacho, enchendo o último cantil com água. Muros de pedra se erguiam, irregulares, na paisagem ao meu redor. Eu ficara agradecida pelas ruínas e a escuridão na caverna oferecida por elas que me permitiram dormir longe dos demais na noite passada. Provavelmente aquele era o último abrigo que teríamos por um tempo.

Fechei o cantil com uma rolha e, quando me levantei e me virei, Eben estava lá me observando.

"Vou ajudar você com isso", disse ele. Eben pegou cinco cantis nos braços, parou por um instante e olhou para mim de novo. "Você está bem?"

Não era típico de Eben fazer uma pergunta dessas. A gente tinha de estar bem sempre.

"O que você quer dizer com isso?"

Ele olhou para mim, hesitante.

"Era ele lá atrás?"

Ele. O sangue corria um pouco mais rápido em minhas veias. Agora eu entendia. De todos os seus segredos, como Jase pôde não me contar justo esse? Ele sabia o que Zane havia feito.

"Sim", respondi. "Era ele."

Eben ergueu o lábio com repulsa.

"Desgraçado. Mas você fez a coisa certa, Kazi. Eu sei que não foi fácil deixá-lo para trás. Haverá outra oportunidade. Nós voltaremos."

Balancei a cabeça.

"Não, Eben. Nós dois sabemos que ele não estará lá. Ele já terá ido

embora há tempos, escondendo-se em algum outro buraco distante. Não posso passar mais onze anos procurando por ele."

"Sinto muito."

"Não é necessário", falei, tentando forçar alegria no meu tom de voz. Em vez disso, minhas palavras saíram duras como madeira. "Olhe para os outros desgraçados que pegamos. Aquele de quem estávamos atrás, mais cinco de bônus."

"Seis", corrigiu ele. "E quanto ao *Patrei*?"

Engoli em seco.

"Sim. Seis. O *Patrei* também."

Mas havia uma coisa que eu tinha de contar a Eben. Algo que eu tinha de contar a todos eles, inclusive a Jase.

Era a risada.

Sempre fora a risada aquilo que me atravessava como uma agulha, uma pontada que vinha à tona repetidas vezes.

Uma risada é tão reveladora quanto um suspiro ou um olhar de relance. É uma linguagem não intencional. Preocupação, medo, engodo — tudo isso se esconde nas coisas não ditas.

Alguma coisa em relação à risada não me parecera certa naquela primeira noite, quando descobri o capitão e os outros no enclave, mas isso ficara obscurecido pelo choque das palavras deles.

Na noite passada, quando eu havia desaparecido nas sombras, eu ouvi a risada de novo, todos eles riam, pensando que Jase havia me derrotado. Que ele havia me afugentado.

Não eram risadas repletas de alegria. Eram cheias de um escárnio presunçoso. O tipo de risada de que eu me lembrava ouvir dos mercadores quando eles enganavam alguém para que pagasse mais do que deveria, o tipo de risada que sempre vinha mais tarde, depois que o idiota tivesse ido embora.

Era esse o tipo de risada que eu tinha ouvido naquela primeira noite, quando eles estavam falando sobre os Ballenger. Não era uma risada de contentamento, mas de zombaria. O capitão e seus comparsas estavam rindo *dos* Ballenger.

Será que eles os estavam apunhalando pelas costas?

Traindo-os?

Graças aos Ballenger, nossas riquezas só aumentarão.

Será que Illarion os estava usando?

A rainha dissera que ele era um espadachim e um comandante regular, *mas é um enganador nada regular, bem acima da média. Suas habilidades residem na paciência.*

Assim como ele desempenhara dois papéis na cidadela em Morrighan, será que ele também desempenhara dois papéis na torre da Vigília de Tor? O papel que ele queria que a família de Jase visse, e um papel oculto, que só beneficiaria a ele mesmo? Eu tinha certeza de que os Ballenger haviam sido enganados.

"Sejamos honestas, Kazi", disse Natiya, quando os reuni à margem do riacho para lhes falar sobre a minha suspeita. "Você tem certeza de que não está apenas vendo as coisas que você deseja ver porque ainda gosta de Jase?"

"Isso acabou", respondi. "Algumas traições são profundas demais." Sua mentira em relação a Zane me deixou em carne viva, e eu vi a amargura em seus olhos também, quando ele me apanhou no enclave. Nossas traições mútuas haviam estilhaçado qualquer coisa que alguma vez existiu entre nós. "Não se trata apenas de mim e Jase. Trata-se de saber a verdade. Preparar uma armadilha para a rainha? A maneira como Jase dispensou essa acusação foi rápida e genuína. Eu conheço um pouco a respeito dele."

"Você achou que outras coisas em relação a ele fossem genuínas também", disse Wren.

Eu me sentei no muro tombado à margem do riacho, tentando discernir essas coisas, o que era real e o que era falso, mas eu sabia o que tinha ouvido, e a sede de vingança contra a rainha soara pesada na voz de Illarion. Jase não teria nada a ganhar com isso.

"Colocar uma corda no pescoço da rainha era o objetivo do capitão", falei. "Para ele, isso tem a ver com vingança e riqueza. Quando uniu suas forças ao Komizar, Illarion nutrira esperanças de se tornar um homem rico e, em vez disso, a rainha fez dele um homem caçado. E ter todos os reinos na palma da mão? O mundo de Jase é a Boca do Inferno, a torre da Vigília de Tor, a arena, e só. Ele não quer mais do que isso." Olhei para Wren e para Synové, buscando confirmação. "Vocês duas sabem disso."

Elas assentiram.

“Mesmo que ele os esteja enganando, isso ainda não exonera os Ballenger”, rebateu Natiya.

Eben concordou com ela. “Eles estavam escondendo fugitivos conhecidos em troca de algo que eles julgavam ser apenas seus próprios propósitos. Armas.”

E esse era o cerne da questão, a única coisa que não poderíamos ignorar.

“Para sermos precisos, os Ballenger esconderam apenas um fugitivo”, corrigiu Wren. “Nem mesmo nós sabíamos que os outros estavam vivos, e não havia nenhum mandado de busca.”

“Acolher apenas um fugitivo é o bastante para acusá-lo de conspiração”, disse Natiya. “A Aliança dos Reinos é bem clara em relação a isso. Está nos tratados. Nós teremos de deixar a rainha decidir o destino dele.”

Eben e Natiya partiram para começar a colocar os prisioneiros de volta na carroça. Hoje nos encontraríamos com Griz e com as tropas que nos escoltariam pelo restante do caminho.

“Quando é que você vai contar isso a Jase?”, perguntou Wren.

“Antes de partirmos. Quero que ele saiba disso antes de chegarmos ao Vale do Sentinela.”

Synové franziu o cenho, mexendo os pés descalços na água rasa. “Você não pode deixá-lo conduzir a carroça depois de contar. Pode ser que ele leve todo o bando direto para um precipício. Bahr não terá esse fim.”

Tanto eu quanto Wren olhamos para ela com ares de suspeita. Eu vira a expressão sedenta de Synové para Bahr. Ela o havia provocado para que ele saísse correndo mais de uma vez.

“*Como será* o fim dele, Synové?”, perguntei.

Ela saiu da água em um pulo, espirrando em nós duas. “O fim que a rainha escolher para ele, é claro”, ela disse e se afastou, avisando que ia ajudar com os prisioneiros.

“Ela está certa em relação à carroça”, disse Wren. “Ele tentará fazer alguma coisa. Os Ballenger não lidam bem com traição.”

Disso eu sabia bem. Priya já havia me jurado vingança de múltiplas e horríveis maneiras. Provavelmente, a essa altura, eu era a criminosa número um estampada em algum cartaz na Boca do Inferno.

“Vamos acorrentar a perna dele à carroça”, falei. “Jase leva muito a sério seu papel de *Patrei* para tirar a própria vida.”

E dessa forma ele também não seria capaz de pular por cima do assento e

atacá-los. Eu tinha visto o que o punho dele era capaz de fazer.

"Ele não estaria aqui se tivesse se afastado quando você ordenou. E então ele praticamente deixou que você o derrubasse para usá-lo como escudo. Eu não sei ao certo se nós teríamos conseguido sair de lá de outra forma. Todos aqueles Ballenger tinham sangue nos olhos."

"O quê? Isso é loucura. Eu o peguei de surpresa."

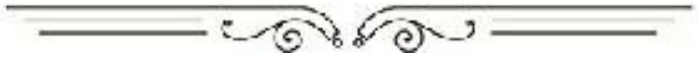
"A essa altura, ele já conhece seus truques. Não acho que ele foi surpreendido. E eu o vi no assentamento, lutando com os irmãos. Ele é rápido."

"Mesmo assim, eu sei o que aconteceu, e vocês estavam atrás de mim, onde não dava para ver muito bem."

Ela deu de ombros.

"Talvez, mas algumas coisas são vistas melhor de longe."

CAPÍTULO 54



JASE

"Este é o ponto em que eu deveria, supostamente, implorar pela minha vida?"

Enquanto Eben e Natiya colocavam os outros prisioneiros na carroça, Wren e Synové me levaram para a floresta e me prenderam a uma árvore.

"Pode ser", disse Wren. "Apenas fique quieto e ouça."

Ouvir o quê?

Elas se viraram e foram embora, e eu me perguntei se o plano seria me deixar aqui para apodrecer — ou ser comido por um candok. Minutos depois, ouvi um farfalhar atrás de mim. Passos humanos. Não de um candok. Eu não sabia ao certo se isso me preocupava menos.

Kazi surgiu e ficou de frente para mim, dizendo que gostaria que eu a ouvisse sem dizer nem uma palavra. Havia coisas que eu precisava ouvir. Ela me amordaçaria se fosse necessário.

"Você pode me poupar de mais um sermão sobre ser um ladrão..."

"Eu disse *nem uma palavra.*"

Fiquei furioso. Lutei contra a corda que me prendia.

"Você tem um público realmente cativo."

Eu não disse mais nada. Ela ficou andando de um lado para o outro diante de mim enquanto falava, tentando me convencer de que Beaufort havia jogado comigo. Sua voz estava desprovida de qualquer emoção, e seus olhos estavam tão alheios quanto.

"Permita-me informá-lo das particularidades dos crimes dele."

Ela me contou que Beaufort tinha sido um membro de confiança do gabinete morriguês — um homem que tinha riqueza e uma boa posição na

sociedade, porém queria mais, e conspirou com o Komizar para conseguir isso. Ela entrou em detalhes, dizendo que os crimes dele variavam, desde se infiltrar na cidadela morriguesa com soldados inimigos até envenenar o rei e planejar um ataque que matou o príncipe da coroa.

Minha mente ia conferindo os detalhes que ela lançava para cima de mim, absorvendo a versão dela e a de Beaufort, dois cenários, duas possíveis mentiras, duas possíveis verdades. Ela continuava a andar de um lado para o outro, com seu comportamento desprovido de emoção, exceto pelas mãos, que batiam em suas coxas no ritmo de uma dança nervosa.

"Eu mencionei os trinta e dois jovens soldados que também morreram no massacre que ele orquestrou? E naquele ponto ele estava só se aquecendo. Seus crimes continuam a partir daí. Você verá isso em breve."

Ela prosseguiu. "Percebo que você não sabia sobre os outros homens. Torback e Phineas são eruditos morrigueses capazes de decifrar os segredos dos Antigos e trazê-los à vida novamente. Também são traidores. Eles fizeram votos para servir aos deuses, mas, em vez disso, servem a si mesmos."

Ela me contou que Sarva, Kardos e Bahr eram vendanos.

"Todo mundo achava que eles tinham morrido no campo de batalha. Havia tantos corpos tostados que era difícil saber quem era quem, mas alguns de seus pertences pessoais foram encontrados. Obviamente, eles fingiram suas mortes antes de fugir."

Ela disse que Kardos fora um general no exército do Komizar e que usava crianças tão novas quanto Lydia e Nash nas linhas de frente. Esse era o seu método para intimidar os soldados inimigos antes de seguir com sua cavalaria.

"Sarva era governador de uma província vendana, e Bahr era um guarda do Sanctum."

Ela disse que eles conduziram um ataque contra cidadãos desarmados, assassinando-os brutalmente nas ruas. Famílias inteiras morreram. Crianças, pais, avós. Uma dessas famílias era a de Wren. Ela segurou o pai enquanto ele morria em seus braços.

"E Synové viu Bahr decapitar seu pai e sua mãe. Ela não teve escolha senão fugir, porque ele veio atrás dela também. Ela tinha dez anos de idade."

Ela virou de frente para mim.

"Esses são os homens a quem você deu abrigo e proteção, aqueles que prometeram construir armas para vocês. Para que você queria essas armas, Jase? Para proteger a Boca do Inferno? A arena? Posso lhe garantir que eles tinham planos muito maiores. Mais tarde você verá o quanto. Eu os ouvi se regozijando com o fato de que teriam os reinos na palma da mão em breve. Que a Grande Batalha pareceria um piquenique de primavera. O capitão tinha planos de dominação. Os Ballenger foram uma espécie de trampolim para eles, o meio que eles usaram para chegar a um fim.

"Eles riram disso. Zombaram de você. Acho que eles estavam planejando matar sua família inteira assim que você lhes desse tudo de que precisavam — aparentemente, provisões para armas. Quem melhor para adquirir as matérias-primas do que uma família rica que tem acesso a tudo por meio da arena? Eu ouvi as risadas de quando se referiram ao arsenal que logo teriam. *Eles*, e não vocês. Não seria a primeira vez que o capitão Illarion faria algo do gênero — mas você sabia que, ao esconder um fugitivo para conseguir o que queria, você também estaria correndo riscos."

Ela parou de caminhar e ficou me encarando, como se estivesse esperando alguma coisa.

"E então?"

"Ah? Eu tenho permissão para falar agora?"

Ela assentiu.

Meu olhar se fixou no dela e eu falei devagar, de modo que ela tivesse tempo para absorver cada palavra.

"Deixe-me ver se eu entendi isso direito. O que você está me dizendo é que eles se infiltraram na torre da Vigília de Tor sob falsos pretextos. Eles violaram a confiança da minha família. Colocaram-na em risco. Comeram da nossa comida. Dormiram em nossas camas. Eles nos usaram. Fizeram promessas que não tinham intenção de cumprir. Eles nos traíram." Ela engoliu em seco, e eu consegui chegar no ponto que eu queria. "Então me diga, como eles se diferem de vocês?"

Ela olhou para mim como se eu tivesse lhe dado um tapa na cara. "Eu não teria matado você, Jase. Eu não teria assassinado sua família. Você pode dizer o mesmo em relação a eles?"

"Você pretendia envenenar a minha família! Você achou que estivesse colocando asas de bétula em nossa comida!"

"Não é veneno e você sabe disso! É apenas um sedativo!"

“Nash e Lydia são crianças! Eu não me importo se é sedativo ou veneno!”

“Nós não colocamos na comida deles!”

“E, ainda assim, Beaufort e seus homens nunca fizeram nem mesmo algo parecido conosco.”

“Ainda.”

“Nós somos um reino independente, o *primeiro* reino, e vocês violaram a nossa soberania. Em quem eu deveria acreditar? Em uma soldada Rahtan que desonrou a confiança da minha família? Que zombou de mim? Ou na palavra de uma rainha que eu nunca conheci e que se apropriou de terras que eram *nossas*?”

“Vocês não têm fronteiras, Jase. O terreno ficava no Cam Lanteux. A rainha o escolheu com base no que o rei lhe disse. Como ela poderia saber?”

“Então essa desculpa funciona para ela, mas não para mim? Eu não sabia quais eram os crimes de Beaufort além de um cartaz desgastado cuja acusação ele refutava.”

“Tudo que você tinha de fazer era perguntar.”

“Nós fizemos isso! Meu pai perguntou ao magistrado do rei, que disse não ter informações sobre ele.”

“Então vocês deveriam ter perguntado à rainha!”

“A rainha que não responde às nossas cartas? A rainha que nem mesmo sabe que nós existimos?”

“Você o escondeu, Jase. Isso diz tudo.” Ela fez uma pausa, seus olhos perfurando os meus. “Você escondeu muitas coisas.”

“Por qual crime eu realmente estou aqui, Kazi? Por esconder Beaufort ou por esconder Zane?”

O lábio dela tremia. Ela se virou e começou a ir embora, dizendo por cima do ombro: “Wren e Synové voltarão para pegar você”.

Forcei as cordas que me prendiam, pensamentos loucos percorrendo a minha cabeça, pensamentos que não faziam sentido algum.

“Kazi, espere!”, gritei.

Ela parou e, por longos segundos, ficou olhando para o chão.

“Eu ia lhe contar sobre Zane”, falei. “Eu juro que ia.”

Ela girou para ficar cara a cara comigo.

“Quando, Jase? Quando eu peguei o seu anel, eu o devolvi a você no momento em que era importante. Você teve a chance de me contar sobre

Zane — no momento em que era importante para mim. Mas você não fez isso."

Ela partiu e eu desejei que houvesse raiva em sua voz ou infortúnio em seus olhos, ou *alguma coisa que fosse.* Em vez disso, não havia nada lá, vastas planícies vazias de nada, e isso me abalou com mais força do que se ela tivesse me acertado no maxilar novamente.

 *vento, tempo,*

Eles circulam, repetem-se,

Ensinando-nos a ser sempre vigilantes,

Pois as liberdades nunca são conquistadas

De uma vez por todas,

Mas devem ser conquistadas repetidas vezes.

— Canção de Jezelia —

CAPÍTULO 55

KAZI

Vejam. Olhem demoradamente e lembrem-se das vidas perdidas. Pessoas de verdade que alguém amava. Antes de cuidarem da tarefa que lhes incumbi, vejam a devastação e lembrem-se do que eles fizeram. Do que poderia acontecer de novo. Saibam o que está em jogo. Em algum momento, os dragões acordam e saem rastejando de seus covis escuros.

Estávamos paradas na boca do Vale do Sentinela, e eu soube. Eu tinha feito pelo menos uma coisa certa. Nem mesmo a justiça era capaz de apagar as cicatrizes — ela apenas fazia cumprir para os vivos a promessa de que o mal não ficaria sem punição. E talvez isso também trouxesse a esperança de que o mal pudesse ser impedido para sempre.

Aquela promessa florescia agora, no céu, no solo, no vento. Os espíritos sussurravam para mim. Minha mãe sussurrava para mim. *Shhh, escute. Ouça a linguagem que não é dita, Kazi. Todo mundo é capaz de ouvir as palavras que são faladas, mas poucos conseguem ouvir o coração que bate por trás delas.*

Eu ouvi o coração do vale, os batimentos que ainda passavam por ele.

"Não!", gritou Bahr. "Eu não vou até lá embaixo! Não!" Assim que avistou nosso destino, ele começou a puxar suas correntes.

Sarva e Kardos esboçaram uma tormenta de protestos similares. Alguns soldados acreditavam que os desertores podiam ser sugados para o submundo, quando os mortos, reconhecendo seus passos, subiam à terra a fim de puxá-los lá para baixo.

"Você vai, sim, e vai andando por todo o caminho — isso se conseguir

chegar tão longe", disse Synové, aumentando o sofrimento dele.

Isso nos deixaria mais lentos, mas prometemos a Synové que a longa cavalgada seria a melhor tortura que ela poderia lhe infligir, e ela devia a Bahr tamanha agonia.

Até mesmo o capitão, que não tinha qualquer dessas superstições vendanas, pareceu empalidecer diante da perspectiva de retornar ao local da infame batalha que ele havia ajudado a orquestrar. Phineas se dobrou ao meio e vomitou, e ele ainda não tinha visto nada.

Apenas Jase ficou olhando adiante com curiosidade. Ele nunca estivera aqui antes. Seu olhar perscrutou os penhascos que se erguiam ao céu, as ruínas que se acomodavam acima deles, e os peculiares montinhos verdes que cresciam ao longe.

Eben conduzia a carroça atrás de nós, e Natiya e Wren cavalgavam ao lado dele, prontas para atirar ou cortar ao meio qualquer um que fizesse algum movimento errante além de seguir em frente. Synové e eu andávamos ao lado dos prisioneiros.

Durante pelo menos um quilômetro e meio, ninguém se pronunciou. Para alguns de nós, o vale exigia reverência; para outros, como Bahr, certamente havia o temor de que um ruído pudesse acordar os mortos. Uma sombra passou acima de nós e Bahr caiu no chão, olhando para cima, tomado por um frenesi e todo nervoso. Circulando no alto, acima de nós, havia dois racaas, provavelmente desejando que fôssemos antílopes.

"Em frente", ela ordenou, fazendo um movimento com sua espada.

Kardos olhou para uma carroça caindo aos pedaços, com ar desesperado, preparado para avistar qualquer coisa que estivesse se soltando dela e que pudesse usar como arma. Talvez ele ouvisse as vozes também, ou possivelmente sentia os mortos enfiando as garras em seus pés.

O vento fazia farfalhar a grama, que se movia em ondas como se uma mensagem estivesse sendo transmitida. *Eles estão vindo.*

Jase parou perto dos ossos de um brezalot, suas costelas gigantescas e lívidas apontando como lanças para o céu.

"O que é isso?", ele quis saber.

Brezalots não eram encontrados nesta parte do continente.

"Similares aos cavalos", expliquei. "Gigantescas e majestosas criaturas, em grande parte selvagens e implacáveis, mas o Komizar conseguiu subverter a beleza delas, transformando-as em armas. Centenas morreram aqui

também."

No meio do caminho, vimos um memorial de pedras com uma camisa branca esfarrapada em cima, ondulando na brisa. Fiquei observando enquanto Jase absorvia aquilo tudo, os túmulos em massa, os ossos humanos espalhados, trazidos à superfície pelas feras que escavavam o solo, as armas enferrujadas e abandonadas, cobertas por uma grama espessa, um crânio aqui e outro ali, com seus sorrisos voltados para os penhascos. Os olhos dele eram como nuvens escuras, varrendo o local de um lado para o outro.

"Quantos morreram?", ele quis saber.

"Vinte mil. Em um dia. Porém, como Sarva mencionou, isso foi apenas um piquenique de primavera em comparação ao que eles haviam planejado."

Ele não disse nada, mas seu maxilar estava rígido. Ele se virou, lançando um olhar duro e demorado para Sarva. Vi em seus olhos o mesmo tipo de fome que eu vira nos de Synové quando ela olhou para Bahr.

De súbito, Kardos deu um grito, seu pé afundando na terra até a altura do joelho. Ele lutou para se soltar e olhou para trás. Era apenas uma cova que havia desmoronado, mas todos eles olharam para aquilo com horror, até mesmo o capitão, esperando que uma mão ossuda viesse à tona. Sim, essa era uma tortura que eles próprios haviam criado.

Conforme nos aproximávamos do fim do vale, avistamos cavaleiros vindo na nossa direção. Notei que o capitão ficou visivelmente animado, mas depois praguejou. Eram tropas morriguesas. Um tremor discreto passou por Torback.

"Começou com as estrelas", disse Phineas, sem pensar. Eu me virei e olhei para ele. Seus olhos estavam vidrados, sua expressão, perdida. "Foram as *tembris* que nos mostraram. As estrelas trouxeram..."

"Cale a boca!", ordenou o capitão.

"Por quê?", quis saber Phineas. "Que diferença isso faz agora? Todos nós vamos morrer, de qualquer forma."

"O que você quer dizer com *começou com as estrelas*?", perguntei.

"Calado!", berrou Torback.

"Nós não vamos morrer!", grunhiu Bahr. "Ainda dá tempo!"

"É tarde demais", disse Phineas. "É tarde demais para todos nós." Ele olhou para Jase. "Sinto muito. Nunca existiu uma cura para a febre. Ele

sabia que isso faria vocês nos ouvirem. Eu tentei…”

“Canalha idiota.” Sarva se lançou na direção dele.

Uma flechada de aviso sibilou pelo ar, mas, ao mesmo tempo, Bahr se jogou para cima de Phineas, enfiando o punho no estômago dele. Wren, Synové e eu nos movíamos com rapidez, derrubando Bahr e Sarva de barriga no chão e pressionando as espadas em suas costas. Eben e Natiya prepararam suas flechas, ordenando que Jase, Torback, Kardos e o capitão ficassem de joelhos.

Phineas permaneceu paralisado, boquiaberto, com os olhos arregalados como se estivesse aterrorizado pela repentina onda de comoção. Então vi um filete de sangue escorrendo na frente de sua camisa. Ele caiu de joelhos, ainda sem conseguir falar. Deixei Bahr com o rosto no chão, ordenando que ele não se mexesse, e fui até Phineas assim que ele caiu para a frente. Uma gigantesca costela de brezalot se projetava de suas costas. Olhei para o capitão, que havia estado bem atrás de Phineas. Ele tinha uma expressão cheia de convencimento e desprovida de remorso.

Estávamos preparados para que eles atacassem, mas não uns aos outros.

Coloquei Phineas de lado e o puxei para os meus braços. Seu rosto estava manchado de lágrimas.

“Sinto muito”, ofegou, cada palavra saindo com um grande esforço. “As azeitonas. Os barris.” Ele tossiu, o sangue vazando de sua boca. “A sala. Onde você me encontrou. Os papéis.” Ele soltou o ar, demoradamente e com dificuldade.

“O que tem os papéis?”, perguntei.

“Destrua-os. Certifique-se de que…”

Os lábios dele ficaram imóveis. Seu peito também. Mas seus olhos permaneceram paralisados e fixos em mim, ainda com medo.

O capitão não parecia arrogante agora. Vi a gota de suor em seu lábio superior conforme o rei se aproximava. Tínhamos chegado ao acampamento que ficava próximo à entrada sul do vale. O irmão da rainha, Bryn, era o recém-coroado rei de Morrighan, cujo pai falecera ano passado. Ele veio andando em nossa direção, apoiando-se pesadamente em sua bengala. Era um homem jovem, robusto e saudável, mas tinha perdido a perna direita em um atentado contra sua vida. Cada passo árduo que o

rei dava era um lembrete da traição do capitão. Tínhamos os prisioneiros alinhados em fila para inspeção, mas o rei se aproximou primeiramente de mim.

"Vossa Majestade", falei, curvando-me em reverência. Wren e Synové fizeram o mesmo. Ele nos interrompeu no meio da reverência, esticando a mão e tocando o meu ombro.

"Não", disse ele. "Eu é que deveria me ajoelhar diante de todos vocês. Eu faria isso, mas talvez não conseguisse me levantar de novo."

Ele era despretensioso, como sua irmã.

O rei sorriu. Eu sabia que ele estava tentando fingir que este momento não o afetava tanto. Ele era um homem bonito, mas parecia velho para a idade que tinha. A rainha disse que ele um dia fora seu irmão bem-humorado, o brincalhão com quem ela frequentemente se metia em encrenca quando eram crianças. Já não havia humor nos olhos dele. Sua família tinha sido dizimada.

Ele me disse que deixaria vinte soldados conosco para escolta e apoio, e caminhou comigo ao longo da fila de prisioneiros, olhando para cada um deles enquanto eu lhe dizia quem eram e o que haviam feito. Primeiro Kardos, Sarva e Bahr, e então chegamos a Torback, que, na verdade, havia sido um dos tutores do rei quando ele era criança.

"Você encontrou um ninho repleto de cobras. Nós não sabíamos dele."

Ele fitou Torback por um bom tempo, e quando Torback cedeu sob o calor de seu escrutínio, balbuciando e implorando por sua vida, o rei o silenciou.

"Havia um outro erudito", expliquei. "O capitão o matou a caminho daqui."

"Foi o que ouvi dizer", falou o rei. "O próprio Phineas mal passava de um menino quando desapareceu de Morrighan. A conspiração foi planejada por um bom tempo." Ele deu um passo diante do capitão, fervendo em seu exame minucioso. "Como você bem sabe, capitão Illarion. A única coisa que você terá, que meus irmãos e milhares de outros não tiveram, é justiça. Considerando sua aliança com o Komizar, você enfrentará o julgamento vendano. Minha irmã tem um tribunal esperando por você."

O capitão o encarou de volta, em silêncio, talvez enxergando o menino rei que ele havia traído, talvez evocando as escolhas que poderia ter feito. Eu vi a Morte parada atrás dele, esperando para levá-lo. Talvez não aqui.

Não hoje. Talvez em uma pequena e tempestuosa torre em Venda a justiça seria feita, quando o pescoço do capitão da Vigília fosse quebrado e houvesse chegado a hora de avançar para o seu julgamento final.

"E quem é este aqui?", quis saber o rei, colocando-se diante de Jase.

"O *Patrei* da Boca do Inferno", foi a resposta de Jase, olhando com ódio para o rei, "e exijo ser solto."

O rei se voltou para mim.

"E ele está aqui por quê?"

"Diga, Kazi", disse Jase. "Explique para ele por que eu estou aqui e não em casa, protegendo a minha família e o meu império."

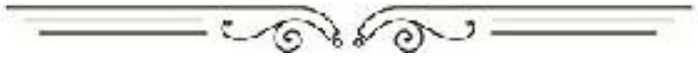
Engoli em seco, com a resposta presa na minha garganta.

Griz deu um passo à frente e respondeu antes que eu pudesse fazê-lo.

"Ele deu abrigo e proteção aos fugitivos, e os suprimentos para que construíssem um arsenal de armas."

"Então ele também enfrentará a forca."

CAPÍTULO 56



JASE

Repetidas vezes, enquanto eu caminhava pelo vale, pensei comigo mesmo: *o propósito de nossas armas não era esse. Nunca foi.* Observei Sarva, lembrando-me de quando ele havia tentado tirar o lançador de mim, lembrando-me de todas as promessas deles. *Nós teremos a cura em breve*. Eles haviam mostrado ao meu pai os registros dos Antigos, a magia das curas em fórmulas que não conseguíamos entender, mas juraram que os eruditos as estavam decifrando e nós caímos nessa. Os meses foram pontilhados por falsas descobertas e progressos sempre que nossa paciência chegava ao limite.

Tanto Sarva quando Beaufort pareciam convencidos demais, como se ainda houvesse alguma chance de fuga. Vinte tropas morriguesas nos escoltavam de volta a Venda — isso sem falar no camarada chamado Griz, que equivalia a três homens em um. Havia uma rixa de sangue entre ele e os vendanos, e Griz nunca os deixaria longe de seu campo de visão. Não haveria fuga alguma, embora isso ainda estivesse na minha cabeça. Eu tinha de ir para casa. Qualquer que fosse a liga que estivesse tentando tomar nosso lugar, não tardaria até que eles se reagrupassem e viessem atrás de nós novamente. Será que Beaufort vinha conspirando com um deles? Isso parecia improvável. Ele ficara enfurnado lá na torre da Vigília de Tor por quase um ano sem nenhum contato externo. Exceto Zane, que era o único contato de Beaufort com o mundo exterior.

Em algum lugar lá no fundo, eu sabia que não poderia confiar neles. Meu pai sabia disso. Foi por esse motivo que ele havia enviado uma carta ao

magistrado do rei. Ainda assim, apesar da resposta vaga, ele os permitiu entrar na torre da Vigília de Tor.

Sinto muito. Nunca existiu uma cura para a febre. Ele sabia que isso faria vocês nos ouvirem.

Como? Como era possível que um fugitivo à solta soubesse do que aconteceu com a minha irmã e com o meu irmão? Sylvey e Micah morreram quatro anos atrás, muito antes da chegada de Beaufort à torre da Vigília de Tor. De alguma forma, ele havia pesquisado. Ele encontrou a fenda na nossa armadura — a única coisa que lhe abriria tanto as portas da torre da Vigília de Tor como o bolso dos Ballenger, uma ferida que ainda vazava.

Eu tinha sido o primeiro entre os filhos de meu pai a concordar com isso. A culpa pelo que havia acontecido com Sylvey havia permanecido comigo, incluindo as coisas que eu fiz depois que ela morreu. Eu fui assombrado por suas súplicas, por seu medo de ser presa em uma tumba fria e escura, pela simples promessa que não lhe fiz em seus últimos momentos. Dois dias depois de seu funeral, roubei o corpo. Fiz o impensável e profanei a tumba dela no meio da noite. Todo mundo achou que eu tinha desaparecido em razão do luto, mas eu pegara o corpo dela todo embrulhado e o levara ao alto das montanhas Mouras, enterrando-o no lugar mais bonito que eu pude encontrar, o tipo de lugar que ela ia amar, aos pés das Lágrimas de Breda, logo abaixo da sétima cascata, onde floresciam samambaias e flores, onde o sol brilhava durante o dia e a lua reluzia à noite. Marquei o local onde a havia enterrado com uma única pedra, e as lágrimas que o molharam não eram as de Breda, mas as minhas.

A falsa promessa de Beaufort havia atingido seu alvo com uma precisão reverberante. Eu me sentia enojado diante da maneira como ele nos havia enrolado, de como ele explicava à perfeição um atraso atrás do outro, de como os demais o haviam apoiado. Como eles tinham sido humildes e fervorosos — até o fim. Quando eles estavam perto de conseguir o que queriam, a arrogância começou a transparecer.

Olhei para eles, sentados juntos, comendo o jantar. A fúria cresceu dentro de mim. Nós fomos forçados a comer com nossas mãos algemadas — apenas um pedaço de pão e carne —, sem pratos, sem talheres, sem nada que pudesse ser usado como arma contra os demais. Nossos cuidadores não queriam nenhum outro prisioneiro morto no meio do

caminho.

O que será que eles vinham tentando impedir Phineas de falar? As poucas palavras que ele dissera não passavam de baboseiras. Estrelas? As *tembris* lhe mostrando alguma coisa? Ele ficara abalado pela morte e destruição chocantes no vale. Eu também. Mas alguma outra coisa o corroía. *Isso foi apenas um piquenique de primavera em comparação ao que eles haviam planejado.*

O que eles haviam planejado? Kazi tinha mencionado a dominação dos reinos. Aquilo que me parecera ridículo quando ela me contou, agora parecia plausível. *Acho que eles estavam planejando matar sua família inteira assim que você lhes desse tudo de que precisavam*.

Olhei para Sarva, que enfiava o restante de seu jantar na boca. *Você não pode levar isso*. Ele havia tentado me impedir de levar o lançador porque ele não queria que eu estivesse armado. Por quê? Porque eu poderia ser capaz de impedir que ele matasse a minha família? Depois de ver um vale inteiro cheio de mortos, eu soube que uma família não seria nada para ele. Ele lambeu os dedos e ergueu o olhar para mim. Um sorriso afetado passou por seus lábios, *tolo*, e isso foi o suficiente para que eu compreendesse.

Voei pela distância que nos separava, agarrei-o com minhas mãos acorrentadas e o joguei do outro lado da clareira. Ele tropeçou, ficou de pé em um pulo, e eu fui para cima dele novamente, acertando-o na barriga e fazendo com que ele se dobrasse ao meio. Ouvi os gritos. *Deixe que eles briguem*, alguém dizia. Eu duvidava de que teriam sido capazes de nos impedir. Ele devolveu os meus golpes, e suas algemas não diminuíam o impacto de seus punhos à medida que acertavam a minha barriga. Outro golpe potente no meu ombro me levou ao chão, mas foram as palavras que ele sibilou entre os golpes, enquanto agarrávamos com firmeza um ao outro — zombando do meu pai e da minha família, falando as coisas que faria com eles —, que me cegaram de fúria. Eu não conseguia acreditar que havíamos permitido a entrada desse monstro em nossa casa.

Dei uma cotovelada na lateral de seu corpo, meu antebraço no rosto dele, e, quando ele caiu para o lado, aos tropeços, passei minhas mãos acorrentadas por cima de sua cabeça, puxando a corrente com força junto ao seu pescoço. Ele sufocava e arquejava, seus dedos lutando para soltá-la.

"Agora me permita lhe dizer o que eu vou fazer com você, Sarva..."

Senti uma espada nas minhas costas.

"Já chega, *Patrei*. Ele morrerá pela justiça vendana, não pela sua." Eben ordenou que eu o soltasse. Fiquei hesitante, e ele pressionou a espada com mais força. "Agora." Afrouxei minhas mãos, deixando que a corrente deslizasse, e Sarva caiu no chão, ofegante, tentando respirar.

Olhei para Beaufort e lhe passei uma mensagem bem clara — *Você é o próximo* — antes que um guarda me arrastasse para longe.

Os Cavalos Perdidos de Hetisha formavam uma faixa que atravessava o céu, em sua infinita busca para encontrar sua senhora. Geralmente, ao vê-los, eu pensava em lealdade e determinação, mas agora eles só me enchiam de um senso de futilidade, uma busca que nunca seria concretizada. Isso me fez pensar no meu pai e em seu desejo no leito de morte. *Faça com que ela venha.* Eu deveria apreciar a ironia — eu iria conhecer a rainha, mas não do jeito como ele havia imaginado.

Eles me acorrentaram no lado mais afastado do acampamento, longe de Sarva e dos outros, desta vez com a perna presa ao tronco de uma árvore caída para se certificarem de que eu não iria a lugar nenhum. Natiya viera até mim e colocara uma bandagem em um corte no meu braço, onde as algemas de Sarva tinham aberto um talho. Eu me sentei no tronco, puxando as bordas esfiapadas da bandagem, olhando para os céus, me perguntando se os deuses estavam olhando de volta para mim.

Começou com as estrelas. As palavras de Phineas eram as mesmas que Greyson Ballenger escrevera em nossas histórias. Tudo começou com as estrelas, até mesmo...

Tentei tirar isso da minha cabeça, mas não consegui.

Kazi e eu começamos com as estrelas.

Em uma colina rochosa no meio do nada, contamos as estrelas juntos e depois nos beijamos. Nos tornamos parte de algo tão infinito quanto um céu noturno, e eu tinha acreditado que isso poderia ser simplesmente tão duradouro quanto. Até mesmo quando descobri a traição dela, uma pequena parte de mim ainda tinha esperanças. Kazi havia me amado, eu tinha certeza disso, mesmo que ela não o dissesse. Eu queria acreditar que havia uma explicação, que aquilo que tivemos pudesse ser de alguma forma resgatado. Eu ainda não estava preparado para deixar tudo para trás.

Mas nosso fim era tão claro quanto foi nosso começo — o momento em

que ela viu Zane. Aquele foi o golpe final. Quando ela olhara de Zane para mim, a expressão em seus olhos não era de ódio, mas vi que algo morria dentro dela. Nós.

Quando eu peguei o seu anel, eu o devolvi a você no momento em que era importante.

Ela nunca mais acreditaria em nenhuma outra palavra que eu dissesse. A verdade que vinha tarde demais era tão útil quanto uma refeição para um homem morto.

"Parece que eu não posso me afastar nem por um minuto. Ouvi dizer que você estava se metendo em mais encrenca."

Fiquei alarmado com a voz dela, mas mantive meus olhos fixos no horizonte. Kazi estava parada em algum lugar próximo, atrás de mim. Não respondi, na esperança de que a curiosidade dela estivesse satisfeita e que ela fosse embora. Eu não podia confiar em mim mesmo com ela por perto.

Meu silêncio não a abalou.

"Eu estava na tenda do rei", ela me explicou. "Estava jantando com ele, então não ouvi a comoção."

"Jantando com o rei? Você está subindo na vida. E pensar que poucas noites atrás você jantava com tipos como eu." Eu ouvi a amarga implicação de que eu me importava e imediatamente me arrependi disso. "Desculpe-me. Estou com raiva de um monte de coisas, mas não por você ter jantado com o rei."

Ela passou por cima do tronco e ficou parada na minha frente, de modo que eu me visse obrigado a olhar para ela.

As emoções travavam uma batalha dentro de mim — fúria, ressentimento, culpa e, surpreendentemente, desejo. Lutei contra o impulso de puxá-la para os meus braços, de pressionar meus lábios nos dela, de sussurrar em seu ouvido, de fazer com que os últimos dias desaparecessem, de explicar coisas que deveriam ter sido explicadas há muito tempo, de lhe contar sobre Zane quando eu sabia que isso só faria com que ela me odiasse ainda mais, porque, depois de tudo o que ela havia passado, essa era uma verdade que ela merecia; porém, esses mesmos pensamentos giravam junto a outros, e a fúria socava as minhas têmporas pelo simples fato de eu estar aqui, porque ela abrira um caminho para entrar na minha vida e na torre da Vigília de Tor sob falsos pretextos. Porque ela havia me ludibriado em uma escala gigantesca.

Seu olhar era tão convidativo quanto uma geada.

"Do que você está com raiva?", ela perguntou.

Eu ri. "Sério? Não é óbvio?" Fiz barulho com a corrente presa à minha perna. "Fui enganado por praticamente todo mundo em quem eu confiava e com quem eu contava — até mesmo pela cozinheira que eu contratei." Eu me levantei, de modo que pudesse olhar para ela de cima. "A cozinheira que eu contratei para você." Essas palavras tinham o propósito de atacá-la, mas, em vez disso, feriram a mim. Ela nunca me prometeu futuro nenhum, e agora eu sabia por quê.

Por fim ela piscou, a geada em seus olhos se despedaçando. As emoções nas quais eu não podia confiar me atravessavam com tudo novamente.

"Você deveria ir embora daqui."

Ela não se mexeu.

"O que é a cura para a febre?", ela me perguntou.

"Uma outra coisa que nunca existiu. Por favor, Kazi, eu preciso que você vá embora."

"Ouvi Phineas dizer que isso faria vocês os ouvirem. O que ele quis dizer com isso?"

Soltei um suspiro e voltei a me sentar no tronco.

"Meu irmão e minha irmã dos quais eu lhe falei, Micah e Sylvey..." Pigarreei. "Eles morreram de uma febre. Beaufort ficou sabendo disso. Ele descobriu um ponto fraco na minha família e o utilizou para abrir caminho e cair em nossas boas graças. Ele disse que tinha uma cura. Isso foi tudo que ele precisou dizer para que minha mãe o convidasse a entrar. E também o meu pai." Olhei para ela com angústia nos olhos. "Sim, nós queríamos as armas também. Sim, nós lhes fornecemos os suprimentos. Sim, nós fingimos que não víamos as coisas para conseguir o que queríamos. Era isso que você queria ouvir? Sabíamos que ele era encrenca, ainda que não soubéssemos exatamente de que tipo."

Passei as mãos pelos cabelos, ainda desejando que ela fosse embora. Em vez disso, ela se sentou ao meu lado.

"Não, não era isso que eu queria ouvir", disse ela baixinho.

Eu me inclinei para a frente e balancei a cabeça.

"Por que você simplesmente não me contou sobre Beaufort logo que chegou?"

"Nós nem mesmo sabíamos se ele estava lá, e, se estivesse, era óbvio que

seria com o consentimento dos Ballenger. Se eu tivesse dito isso a você, o que você teria feito, Jase? Seja honesto. Você o teria alertado? Você o teria questionado, de modo que ele pudesse desaparecer novamente? Negado? Não foi exatamente isso que você fez quando eu o avistei do lado de fora da Darkcottage? Você disse que era um empregado. Você mentiu e escondeu de mim quem ele era. Hoje você viu a devastação e agora conhece os crimes de todos eles, até mesmo os que vão além daquele vale. Esses homens merecem ser responsabilizados pelos seus atos. Fiz uma promessa à rainha e aos deuses de que levaria o capitão de volta. Eu não poderia me arriscar a perdê-lo ao contar tudo para você."

"Nós não usaríamos as nossas armas para fazer aquilo", falei, fazendo um movimento na direção do vale. "Se você algum dia chegou a me conhecer, deve saber disso."

Ela assentiu. "Isso está nas mãos da rainha agora."

Estava tarde. O acampamento estava adormecido, exceto pelos soldados fazendo vigília e Kazi. Eu a vira andando de um lado para o outro, observando os outros prisioneiros como se ela não confiasse o cuidado deles a mais ninguém. *Fiz uma promessa à rainha e aos deuses*. Nós podemos ter crescido de maneiras diferentes, mas havia muitas coisas em relação às quais Kazi e eu éramos parecidos.

Por fim ela descansou, apoiando-se em uma árvore estreita e desprovida de folhas, mas ainda fitando a escuridão.

Você me perguntou por que o mundo a céu aberto me aterroriza, lembra, Jase? Porque ele não oferece nenhum lugar para eu me esconder.

Pensei em todas as histórias que eu havia lhe contado quando estávamos acorrentados nos descampados, as histórias que eu poderia contar agora para ajudá-la a dormir. Pensei na charada que havia lhe prometido, aquela que ainda rodeava minha cabeça. Aquela que agora eu nunca poderia lhe contar. Rolei para o lado, de modo que não tivesse de olhar para ela, e tentei me lembrar de que eu não deveria me importar.

CAPÍTULO 57

KAZI

"Ela, às vezes, ela gosta de cortar as pálpebras fora primeiro, assim você é obrigado a olhar para ela. Depende do humor dela..."

Fui me afastando enquanto Synové pensava em alguma outra punição, descrevendo-a em horríveis detalhes para torturar Bahr e os outros prisioneiros. Principalmente Bahr. Nessas últimas semanas, ela vinha conseguindo mergulhar em um poço ainda mais profundo de criatividade, certificando-se de que ele estivesse perto o bastante a ponto de poder ouvi-la enquanto ela pensava em voz alta sobre as punições que a rainha lhes aplicaria. Percebi que isso o incomodava. Ele já não a xingava, apenas a ouvia em um silêncio desgostoso.

Mihe e os outros cavalos estavam parados no meio do riacho Misoula, bebendo água e se refrescando. O sol estava quente e alto no céu, com os últimos dias de verão fazendo sua reverência final. O intervalo era uma trégua bem-vinda. Mesmo com as tropas assumindo nossos lugares, eu raramente me afastava dos prisioneiros, sempre ficando de olho neles, temendo que desaparecessem antes que eu pudesse entregá-los à rainha. O capitão tinha um histórico escorregadio, mas este amplo e infértil vale de arenito e altos penhascos era quase uma prisão propriamente dita. Daqui eles não iriam a lugar nenhum.

Parei diante de um trecho mais raso, onde pude ver pirita cintilando em meio à água límpida, e me curvei para molhar o rosto. A caravana se estendia ao longo das margens do riacho, mas minha atenção se concentrou em Jase. Durante a parada para descanso, suas mãos estavam

livres, sem as algemas, e ele enxaguava a camisa. Ele havia arrumado outra briga, dessa vez com Sarva e Bahr. Eles tinham dito alguma coisa para provocá-lo, mas Jase não disse o que foi. Quem separou a briga foi Synové, dizendo que queria se certificar de que Bahr durasse tempo o bastante para enfrentar a justiça que merecia.

Jase saíra da querela com o nariz sangrando e tinha usado sua camisa para limpar o rosto. Enquanto ele a lavava, notei que um grupo de soldados estava olhando para a tatuagem dele, provavelmente se perguntando qual seria seu significado, mas certamente sem entender a história por trás dela, sem entender os motivos pelos quais ele a fizera quando tinha apenas quinze anos de idade, sem entender nada em relação ao homem que a carregava, assim como havia acontecido comigo quando a vi pela primeira vez. Eu me peguei querendo lhes contar a longa história da torre da Vigília de Tor, sobre o assentamento que Jase havia ajudado a construir, sobre a barragem e a adega de raiz, sobre o garotinho vendano a quem ele ensinou a cavar os buracos para as estacas. Eu queria lhes contar sobre as atuais guerras de poder que ameaçavam o lar de Jase, sobre a cidade que ele mantinha em segurança, sobre os inimigos secretos que batalhavam para tomá-la, sobre a família que me dera roupas e que me recebera à sua mesa. Jase era mais do que apenas um prisioneiro para quem eles olhavam com curiosidade. Ele era um *Patrei*, e aquele símbolo tatuado que cruzava seu peito era uma promessa, séculos de promessas, de proteção. Estava em seu sangue. Seu mundo não era o nosso mundo.

Mas eu tinha desejado que fosse.

Agora que nossos dias juntos chegavam ao fim, eu me dei conta de que, apesar de tudo que eu conhecia em relação a ele, ainda havia muito mais que eu não sabia — ou que não tinha procurado saber. Como Sylvey. Percebi a voz de Jase falhando um pouco ao dizer o nome dela.

Eu ia lhe contar sobre Zane. Eu juro que ia.

Às vezes, parecia que tudo no mundo inteiro acontecia no momento errado, que nossas intenções chegavam muito cedo ou tarde demais, que a vida se amontoava para anuviar nossa visão, e somente depois, quando a poeira assentava, é que éramos capazes de ver nossos erros. Eu poderia ter lhe dado aquele anel mais cedo. Eu poderia tê-lo poupado da preocupação. Mas havia questões que eu desejara evitar, da mesma forma como ele tinha desejado evitar as minhas.

“Pare de ficar encarando o nada e aproveite o intervalo enquanto pode”, disse Wren.

Eu não a ouvira se aproximar.

“Alguém ainda está com eles?”, perguntei, erguendo o pescoço para dar uma olhada em Beaufort e nos outros por entre os soldados e cavalos. Wren sabia que, por *alguém*, eu me referia a uma de nós. Não que eu desconfiasse dos soldados morrigueses, mas confiava mais em nós mesmas. Estávamos perto demais agora para correr qualquer risco. Eu tivera de escolher entre Zane e esses homens — e eu não os perderia tão cedo também.

“Relaxe. Eben e Synové estão com eles.”

Voltei a olhar para Jase. Depois de duas brigas, nós agora o mantínhamos separado dos outros prisioneiros.

“Você precisa parar de se torturar, Kazi”, disse Wren. “Você lhe deu a chance de se afastar. E, segundo Griz, foi uma chance não merecida.”

“Eu sei como Griz enxerga isso tudo, mas os fatos nus e crus nem sempre contam toda a verdade. Eu não dei nenhuma chance a ele. Um Ballenger nunca se afasta. Eles ficam onde estão. Eles protegem o que é deles a todo custo. E eu sabia disso.”

Wren balançou a cabeça em negativa.

“É aquele orgulho teimoso deles.”

“É mais do que isso. É a história deles. É quem eles são.”

Nos sentamos juntas na margem do riacho e refrescamos nossos pés na água.

“Ainda estou preocupada em relação àquilo que Bahr disse para Phineas.”

“Aquele *ainda dá tempo?*”

Assenti. Havíamos interrogado todos os prisioneiros individualmente, mas nenhum deles disse palavra alguma, nem mesmo na esperança de um acordo para salvar a vida, como se ainda houvesse alguma outra esperança por aí.

“É como se eles estivessem esperando por um resgate, e, caso estejam, isso significa que eles não estão trabalhando sozinhos.”

“Pode ser que ele quis dizer que ainda haveria uma chance para eles fugirem. Eles já fizeram isso antes.”

Era possível. Eu os percebera atentos, à espera de alguma oportunidade, olhando para armas e florestas onde pudessem desaparecer.

“Mas havia uma outra coisa — quando o capitão viu pela primeira vez as tropas cavalgando na nossa direção, o rosto dele se iluminou, como se ele achasse que fossem outras pessoas.”

Wren pensou por um instante.

“É possível que eles estivessem trabalhando com uma liga. Paxton, talvez?”

“Sim. Ou um dos outros.”

Ou, no pior cenário possível, vários deles trabalhando juntos. Eu me lembrei de Rybart e Truko caminhando pelas ruas juntos, lá na Boca do Inferno.

“Mesmo que eles estivessem trabalhando com uma liga para derrubar os Ballenger, o importante é que, segundo suas próprias palavras, eles não tinham um arsenal ainda. Nós chegamos a tempo e destruímos os planos deles. Nós os vimos em chamas. Além do mais, temos sob custódia os homens que arquitetaram as armas. Quaisquer que fossem os planos deles, está tudo acabado. A vida seguirá como de costume na torre da Vigília de Tor.”

Pensei na reação do capitão quando destruímos os planos deles — as pilhas de documentos que eram sua chave para a riqueza. Sua fúria pela perda que eles sofreram era real. O mesmo em relação a Torback, vendo todo seu trabalho em chamas. Eu tinha certeza, pelas reações deles, que tudo aquilo estava queimado — mas quais papéis Phineas queria que eu destruísse, então? Ele havia mencionado azeitonas em seus últimos suspiros. *Azeitonas?* Talvez ele tivesse ficado confuso enquanto se esforçava para dizer suas últimas palavras. Talvez ele estivesse se referindo aos papéis que eu já havia destruído.

“O intervalo acabou!”, gritou Griz. “Vamos nos mexer e sair daqui.”

Wren mergulhou seu lenço na água e prendeu-o como uma faixa refrescante em volta da cabeça.

“É melhor eu voltar antes que Synové comece a falar de algum outro fim terrível. Aí é que nós nunca vamos conseguir fazê-la sair daqui.”

Mas nenhuma de nós se incomodava diante de qualquer medo que ela quisesse infligir. Bahr fizera por merecer. Synové e muitos outros teriam de passar o resto da vida com o medo que Bahr lhes havia infligido.

Com o chamado para deixar o lugar, os soldados começaram a calçar suas botas e a colocar as selas nos cavalos. Jase torceu sua camisa e jogou-a por

cima do ombro. Ele caminhava espirrando água para cima ao longo da margem do riacho, com as botas na mão. Seu cavalo estava amarrado perto do meu, junto ao riacho. O eixo da carroça havia quebrado fazia mais de uma semana, e nós tínhamos sido forçados a colocar os prisioneiros em cavalos. Embora avançássemos mais rapidamente, isso fazia com que a cavalgada fosse mais tensa. Até mesmo com as mãos atadas à frente de si e com dois cavalos amarrados um ao outro, tínhamos de manter nossos cativos sob vigilância constante.

Fiquei esperando na margem até que ele me alcançasse, nervosa, torcendo os dedos dos pés na areia. Dias haviam se passado desde que tivéramos uma conversa de verdade. A última vez que tentei falar com Jase, ele havia me pedido para ir embora. Ele não queria falar comigo. Eu o entendia.

Ele parou na minha frente.

"Vou ser escoltado até o meu cavalo?", ele me perguntou.

Olhei para o peito desnudo dele, a curva da asa tatuada parecia me dispensar com um aceno. Eu era uma forasteira novamente. Lembrei-me de quando costumava delinear a borda irregular das penas com a minha unha.

"Você deveria vestir sua camisa para que sua pele não fique ardendo de tão queimada."

Ele estava parado, com o tornozelo dentro da água, a camisa sobre o ombro ainda pingando, o inclinar de sua cabeça cheio de irritação.

"O que realmente se passa pela sua cabeça, Kazi?"

Ele me fazia lembrar de sua imagem naquele dia na margem do rio, depois que havíamos escapado dos caçadores de mão de obra. Naquela época, ele parecia prestes a golpear e esmagar a minha cabeça, e eu achava que a corrente era a única coisa que me salvava. Isso parecia ter acontecido há anos. Ele alternou o peso do corpo entre os pés, o que sinalizava sua impaciência.

"Estive conversando com Wren e Synové hoje de manhã", falei. "Elas têm medo de que sua família faça alguma retaliação contra o assentamento. É minha preocupação também. Eles vão fazer isso?"

"E acabar provocando ainda mais a ira da rainha de Venda? Você não precisa se preocupar com isso."

Ele começou a seguir em frente.

"Jase..."

Ele se virou. "Eu fiz uma promessa de sangue de que iria protegê-los, Kazi. E os juramentos de um *Patrei* são os juramentos de sua família. Nós não voltamos atrás em nossas palavras. Chame isso de orgulho dos Ballenger, do qual você gosta de zombar. Mais alguma coisa?"

A expressão dele estava carregada de tensão, como se ele não suportasse estar perto de mim. Achei que já não havia sobrado nada dentro de mim que ainda pudesse se desfazer em pedaços, mas eu estava errada. O desprezo dele era mais do que eu podia aguentar.

"Não. Nada."

Comecei a me afastar quando ele se lançou para cima de mim, me puxando consigo enquanto caíamos no chão aos tropeços. Eu não tive tempo de berrar nem de expressar qualquer reação. Ele pairava sobre mim, seu peito batendo violentamente junto ao meu, com uma expressão impossível de discernir.

"Um escorpião", ele me explicou. "Você quase pisou nele."

Jase olhou para mim por mais um segundo e eu me perguntei se ele estava pensando a mesma coisa que eu. *O que aconteceu conosco? Como foi que chegamos a este ponto?* Mas a resposta era óbvia. Mais uma vez, havíamos sido empurrados para um caminho inesperado, e não havia qualquer maneira de voltar para o caminho em que estivéramos antes. Uma simples corrente, que nós dois tínhamos amaldiçoado, fizera o impensável — nos forçara a ver o mundo através dos olhos um do outro. Agora nós tínhamos de esquecer aquele outro mundo que havíamos descoberto. Ou sempre seríamos assombrados pela memória dele.

Ele segurou os meus braços com força por um instante, a respiração trêmula em seu peito, e então me soltou e ficou em pé. Pegou uma de suas botas, que estava caída, e a bateu no chão.

"Está morto. Você deveria calçar suas botas."

Eu me levantei e olhei para o escorpião estraçalhado. Para a cauda preta. Seu veneno poderia matar em segundos. Observei enquanto Jase saía andando, sem saber ao certo se ele ao menos tinha consciência de quão forte era a proteção que corria em seu sangue.

Quando voltamos para o local onde nossos cavalos estavam amarrados, encontramos uma comoção. Bahr havia montado em seu cavalo antes de ter as mãos acorrentadas, e ainda por cima o animal não estava preso a

outro.

Enquanto alguns soldados tinham suas flechas em punho e ordenavam que ele descesse do cavalo, Synové gritava acima deles: “Abaixem as flechas! Tenho tudo sob controle. Eu disse para abaixarem as flechas!”.

Griz fez um movimento para os soldados, e eles baixaram suas armas. Ele conhecia as habilidades de Synové com arco e flecha, e sabia que ela poderia facilmente derrubar Bahr sozinha. Mas ela não o fez. Ela estava fazendo exatamente o oposto. Provocando-o para que ele saísse correndo, como ela fizera antes. Os olhos dele estavam ensandecidos, e seus lábios, contorcidos. Talvez as histórias de Synové finalmente o estivessem sobrepujando.

“Não se preocupe”, ela lhe disse. “Você tem a minha palavra de que não atravessarei seu crânio com uma flecha, mas você é um covarde, Bahr. Um covarde fraco e chorão, que se esconde atrás de uma espada. Aposto que você não sobreviveria um dia sozinho aqui fora. Você nos fará economizar uma corda muito boa se sair correndo. Veja! Vou até ajudá-lo.” Ela jogou seu cantil de água para ele, que o colocou por cima do ombro. “Vá”, ela ordenou. “*Vá!*”

Ele encarou Synové sem saber ao certo o que fazer, com a liberdade em suas mãos. Os nós de seus dedos estavam brancos, segurando as rédeas.

“Eu não matarei você”, disse Synové baixinho. “Juro.”

Os olhos de Griz estavam apertados. Ele olhou para Synové como se ela tivesse perdido a cabeça. O acampamento inteiro estava quieto, todas as respirações contidas.

E então Bahr saiu correndo. Ele virou seu cavalo e saiu com tudo, como se estivesse sendo perseguido por demônios.

Griz olhou com ódio para Synové. “Faça alguma coisa, ou eu farei!”

Synové abriu um sorriso. Ela foi andando até sua aljava e puxou dali uma flecha sem ponta. Seus movimentos eram lentos, suaves, calculados. Ela ergueu o queixo e virou a cabeça, analisando o vento.

Bahr se afastava cada vez mais. Uma flecha sem ponta não o faria parar. Ela perscrutou o horizonte, esperando, ajustando a luva imaculada que a rainha havia lhe dado, e então preparou a flecha. Ergueu o arco e lentamente o puxou para trás, ereta e calma, como se tivesse coreografado cada respiração em conjunto com a brisa. Segundos se passaram, e ela por fim deixou que a flecha voasse.

O que ela estava fazendo?

Isso não o mataria. A essa distância, provavelmente nem sequer o abalaria. Ele já tinha se afastado pelo menos uns duzentos metros.

Perdi a flecha de vista em meio ao céu brilhante, mas então, de repente, o cantil às costas de Bahr explodiu com um líquido escuro.

"Que diabos é aquilo?", berrou Griz.

Um calafrio desceu pelas minhas costas enquanto Synové abria um largo sorriso. Eu sabia o que era.

"Sangue", foi a resposta dela. "Sangue de antílope, puro e fresco."

Poucos segundos se passaram antes que uma nuvem negra chegasse varrendo o horizonte. A criatura passou rente ao solo ressecado do vale, como se fosse um cavaleiro alado vindo na nossa direção — na direção de Bahr, que seguia correndo adiante. Aconteceu rápido. Ele foi apanhado, e em segundos ela estava voando acima de nós, com Bahr se contorcendo em suas garras, gritando, e então, com a mesma rapidez, ambos se foram, o bater das asas do racaa abafando os últimos gritos dele.

Synové estreitou os olhos, com um sorriso ainda nos lábios.

"Acho que eu estava errada. Ele não está sozinho aqui fora, no fim das contas."

CAPÍTULO 58

JASE

Eu não podia dizer que estava descontente pela partida de Bahr, no entanto, isso me levou a pensar que eu estaria bem encrencado caso a rainha tivesse metade da fúria criativa de Synové. Mas, supostamente, a rainha estava de cama. Eu tinha de buscar qualquer possível luz no fim do túnel.

Eu me perguntava por que ela estaria confinada à cama. Será que ela havia sido ferida na Grande Guerra? Os rumores diziam que ela era forte e que havia conseguido trazer abaixo o Komizar, um semideus de mais de três metros de altura. Talvez, como o irmão dela, ela tivesse um ferimento do qual nunca se recuperara.

Depois da partida de Bahr, Griz dirigiu uma severa reprimenda a Synové, que a aceitou de forma estoica. Aparentemente, ela havia quebrado alguma regra deles, ou talvez fosse apenas o fato de que Griz não queria chegar à porta da rainha de mãos vazias, sem nenhum prisioneiro. Dois já estavam mortos. Notei que os demais passaram a ficar em silêncio, talvez tentando evitar chamar a atenção de Synové. Na noite passada, no jantar, o único som que eu ouvi foi um arroto. De certa forma, eu lamentava que Griz a tivesse censurado. Eu não teria me importado se ela tivesse usado aquela mesma artimanha mais uma vez — com Beaufort.

Na noite passada, quando montamos acampamento, eu vi Kazi analisando Synové, e me perguntava em que ela estaria pensando. Será que ela desejava poder ver Zane sofrendo da forma como Bahr havia sofrido? Aquela oportunidade se fora. Durante onze anos ela havia procurado por ele, e eu o mantive fora de seu alcance. O momento certo para lhe contar

jamais chegara.

Kazi me disse hoje de manhã que não estávamos indo para Venda, mas para um lugar chamado Marabella. Chegaríamos hoje. Achei que eu fosse ter mais tempo. Fui pego desprevenido, e talvez fosse esse o ponto — manter os prisioneiros no escuro. Eu tinha certeza de que os outros ainda não sabiam disso. Ela disse que Marabella era um antigo posto militar avançado de Dalbretch, que havia sido modificado e expandido para servir aos dois reinos como um local de regência mútua. Quando o rei de Dalbretch e a rainha de Venda se casaram, eles passaram a dividir seu tempo entre os dois reinos, incluindo o posto avançado no meio do caminho entre eles.

Kazi cavalgava à frente com Wren, Synové, Eben e Natiya, cercando os outros prisioneiros. Eles os guardavam como se fossem ouro. Eu tinha visto a tensão no rosto de Kazi hoje de manhã, enquanto ela colocava a sela em Mihe, como se estivesse correndo o risco de perdê-los todos nessas últimas horas. As ruínas haviam se tornado mais abundantes conforme viajávamos, e talvez isso contribuísse com a tensão — havia mais lugares para os bandidos se esconderem. Fui deixado no fim de nossa caravana, cavalgando com Griz de um lado e um soldado morriguês do outro. Se eu fosse capturado por bandidos, imagino que não faria muita diferença.

Enquanto cavalgávamos por uma elevação na paisagem, alguém gritou: "Ali está!".

Ainda havia um longo caminho pela frente, mas pude ter o meu primeiro vislumbre de Marabella, cujas muralhas altas e brancas brilhavam ao longe, com uma cidade se espalhando ao redor. Natiya me dissera que este fora o primeiro local designado como assentamento. Eu imaginava que levaria menos de uma hora até chegarmos lá.

"Preciso falar com Kazi", eu disse.

Griz soltou uma bufada, sem qualquer interesse em meus pedidos.

"Não."

"É importante."

Ele apertou um dos olhos.

"É sobre o quê?"

"Isso é entre mim e ela, seu canalha. Vá chamá-la."

Os olhos dele soltaram faíscas e seus dedos se contorceram, e eu sabia que estava prestes a levar um punhado de dedos na cara de um homem

que era três vezes o meu tamanho.

"Por favor", acrescentei.

Kazi cavalgou até mim, o rosto brilhando de suor e uma ruga de tensão surgindo entre as sobrancelhas.

"O que foi?", perguntou. "Preciso ficar com os outros prisioneiros. Eles estão agitados."

Ela também estava. Kazi me olhou impaciente, à espera, e eu me dei conta de que aquilo que eu tinha a dizer já não importava realmente.

"*Jase*", disse, tentando me apressar para que eu falasse logo.

Deixei escapar outra coisa, sem pensar.

"Eu terei uma chance para falar?"

"Sim", foi a resposta dela. "Quando você estiver diante da rainha para responder às acusações. Ela vai ouvi-lo."

"Em seu leito? Ela está morrendo?"

"O quê?"

"Você disse que ela não podia viajar e que estava confinada a uma cama. Eu achei que talvez..."

"Não. Não é nada disso. O médico dela ordenou que não viajasse. Ela perdeu o primeiro filho e agora está grávida de novo."

CAPÍTULO 59

KAZI

OLHEIROS SEGUIRAM CAVALGANDO ADIANTE, DE MODO QUE AS notícias haviam se espalhado bem antes de nossa chegada. No momento em que nos aproximamos dos portões de Marabella, grandes multidões haviam se reunido ali. Soldados ladeavam nosso caminho para manter as pessoas afastadas, porém a maior parte da multidão estava imóvel e surpreendentemente em silêncio. Era como se uma nuvem negra e mortal houvesse recaído sobre nós, como se fantasmas cavalgassem ao nosso lado. Esses não eram prisioneiros que eles algum dia esperavam ver. Muitos estavam boquiabertos. Com os olhos brilhando. Um homem tão grande quanto Griz chorava. Podia ser que eles não tivessem reconhecido Beaufort e Torback, mas eles conheciam o governador Sarva e o *chievdar* Kardos. Fiquei observando enquanto os rostos espantados se enchiam de terror e, depois, de ódio. Sem dúvida, muitos haviam vivenciado perdas nas mãos desses homens ou conheciam alguém que passara por isso. Sarva e Kardos olhavam diretamente para a frente, recusando-se a encontrar o olhar daqueles que os contemplavam.

Beaufort começou a olhar ao redor, inclinando a cabeça para trás, nervoso.

"Ainda esperando um resgate?", perguntei.

Ele olhou para mim, e foi então que eu vi terror de verdade. Ele jamais havia esperado enfrentar a rainha novamente — não nos termos dela, pelo menos. Ele achara que sua paciência lhe traria recompensas mais uma vez e que nunca se depararia com esse destino.

“Acabou, capitão. Ninguém virá salvá-lo. Este é o fim da linha.”

O rosto dele se contorceu como se estivesse lutando contra essa verdade e, por fim, seu lábio se ergueu em um rosnado enquanto ele me escrutinava. Ele balançou a cabeça com repulsa. “Por causa de um lixo de rua inútil. Por causa de uma porcaria como você.”

Isso mesmo. Por causa de alguém como eu.

Uma gota de suor escorria por sua cicatriz em forma de meia-lua. “Isso não está acabado, nunca estará. Não agora. Uma porta foi destrancada. Mais pessoas como eu sempre haverão de vir.”

“Talvez sim. Porém, mais pessoas como eu sempre estarão lá para impedi-las.”

Ele olhou por cima do ombro uma última vez, como se ainda tivesse esperanças, mas tudo o que viu foram as multidões vendanas se aproximando, fechando o cerco, apagando a trilha atrás dele.

Segurei o registro das prisões com força na minha mão. Como líder da missão, era meu trabalho apresentar à rainha os nomes dos prisioneiros que foram entregues à custódia do carcereiro. Ela os abordaria posteriormente.

Sentei-me em um banco de pedra do lado de fora de sua câmara pessoal, à espera, mexendo o joelho para cima e para baixo. Passei o dedo no talo de dente-de-leão em meu bolso, que fora comprado de um mercador ali perto das muralhas do posto militar.

Uma criada abriu a porta, e eu fiquei de pé em um pulo.

“A rainha a receberá agora”, disse ela.

Fui escoltada para dentro e a criada saiu. A sala estava fresca e parcamente iluminada. A doce fragrância de rosas pairava no ar. Por causa das cortinas fechadas, a princípio eu não a vi.

“Kazimyrah”, ela disse baixinho, caminhando na minha direção. Ela trajava um robe e seus cabelos soltos envolviam-lhe os ombros.

Eu me abaixei, apoiando-me sobre um dos joelhos.

“Vossa Majestade.”

“Chega disso.”

Ela tocou o meu braço de leve para que eu me levantasse, e então me puxou para os seus braços. Ela me abraçou forte, como se estivesse

preocupada, e eu me vi abraçando-a em resposta, de um jeito como eu nunca tinha feito antes, a respiração irregular, a garganta arranhando, e em algum lugar bem no fundo de mim mesma eu sentia um puxão, como uma costura sendo apertada, e imaginei que tudo assumia uma coloração prateada.

"Seja bem-vinda ao lar", disse ela em um sussurro.

Quando a rainha se afastou, eu notei sua barriga. Ela não estava mais com aquela saliência grande e redonda, e meu coração deu um pulo no peito. Ela deve ter visto o medo no meu rosto.

"Não. Está tudo bem. Venha."

Ela me guiou até um berço ao lado de sua cama.

Meu peito se encheu.

"Ela... ele? Bela criança."

A rainha abriu um sorriso.

"Ela. Não consigo parar de olhar para ela. Fico observando cada movimento, cada sorriso, toda vez que ela faz biquinho."

Ela se inclinou sobre o berço e pegou a bebê, que dormia em seus braços, beijou sua testa e depois tocou os minúsculos dedos, um deslumbramento pleno em seu rosto.

"Você já deu um nome para ela?", perguntei.

Ela assentiu e seus olhos brilharam.

"Aster", ela me respondeu. "Dei a ela o nome de Aster. Anjo salvador." Ela beijou a bebê novamente e colocou-a de volta, com gentileza, no berço. "E você fez do mundo dela um lugar mais seguro, Kazimyrah. Estou em dívida com você e sua equipe. Um agradecimento não é nem de longe o bastante."

Minha garganta ficou apertada.

"Fico honrada em servi-la, Vossa Majestade."

"Será que algum dia você vai me chamar de Lia?"

"Griz não aprovaria."

Ela balançou a cabeça em negativa.

"Venha", disse. "Conte-me sobre sua jornada."

Nos sentamos no canapé sob a janela, e ela serviu um cálice de água a cada uma de nós. Apresentei o registro da prisão, mas a rainha queria ouvir o que eu tinha a dizer sobre os prisioneiros. Ela já ficara sabendo que haviam mais prisioneiros do que o esperado. Primeiramente, contei-lhe

sobre os prisioneiros que tinham morrido no meio do caminho, falei sobre Torback e então a respeito do capitão. Ela soltou o ar vagarosamente, e eu vi o alívio estampado em seu rosto por ele finalmente ter sido capturado. Mas também havia um turbilhão em seus olhos, como se ela estivesse revisitando a dor que ele causara, não apenas em Morrighan e Venda, como também em sua família. Ela disse que desejava que seu pai tivesse vivido o bastante para ver esse dia chegar.

Quando contei sobre o governador Sarva e o *chievdar* Kardos, ela balançou a cabeça em descrença, chocada por saber que eles ainda estavam vivos. Ela os tinha conhecido quando fora mantida prisioneira no Sanctum e se lembrava de seus modos cruéis e vingativos.

"O capitão Illarion ainda acha que vai se safar dessa", avisei.

"O que não me surpreende, mas não há nenhuma chance de isso acontecer agora", disse ela. "Ele assassinou o capitão Azia, um dos melhores oficiais do meu marido. Provavelmente o próprio Rafe montará guarda junto a Illarion até que o veja pendendo de uma corda."

Ela me garantiu que todos os prisioneiros permaneceriam sob forte vigilância enquanto esperavam pelo julgamento.

"Há um outro prisioneiro sobre o qual desejo lhe falar", eu disse. Afundei as unhas nas palmas das minhas mãos, tentando forçar o nó na minha garganta a se desfazer. "Isso pode levar um tempinho."

As sobrancelhas da rainha ergueram-se com interesse, e ela se reclinou no canapé, dobrando os pés embaixo de si.

"Estou ouvindo."

Alguns disseram que começou com as estrelas.

Eles trouxeram uma magia que o mundo não seria capaz de conter.

Não, disse o meu avô, *começou com a raiva dos homens.*

Seja lá como tenha começado, nós somos o fim. Eu tinha cinco anos quando a primeira estrela caiu.

Não tenho nenhuma lembrança da minha família, apenas do meu avô, um dos homens mais poderosos do mundo, o líder de uma nação que um dia fora grandiosa, segurando-me em seus braços e correndo.

Correr é tudo de que me lembro.

Uma corrida que durou anos.

Nunca mais correrei novamente.

— Greyson Ballenger, 16 anos —

CAPÍTULO 60

JASE

QUANDO CHEGUEI AO SALÃO DE RECEPÇÃO, EU ESTAVA FERvendo de ódio. Eu tinha sido jogado em uma cela, me entregaram um balde e minhas perguntas sobre quando eu veria a rainha receberam o silêncio como resposta. Nem sequer uma palavra. Já se passara uma hora, eu esperava e caminhava de um lado para o outro. E então três horas, a luz do sol se movendo através da minúscula janela da minha cela. Eu poderia ficar aqui durante dias, semanas. Eu conhecia o jogo que ela estava jogando. Eu mesmo o havia jogado diversas vezes com prisioneiros. Deixar que esperem e temam pelo pior.

Talvez a tática dela estivesse funcionando. Kazi disse que a rainha me ouviria, mas quando? E mesmo quando isso acontecesse, será que ela realmente me daria ouvidos? Até onde os reinos tinham conhecimento, a torre da Vigília de Tor não passava de uma pequena mancha na paisagem. Tudo que eles sabiam sobre nós era o que o rei da Eislândia lhes havia contado, e ele não sabia de nada. Eu estava farto de cumprir os termos do idiota do bisavô de Paxton — uma cidade inteira por uma rodada de bebida. Se algum dia eu saísse daqui, tomaria de volta a Boca do Inferno. Não mais seríamos reféns de uma dívida de jogo nem nos submeteríamos a um rei que não tinha qualquer interesse na cidade à qual ele sequer se dava ao trabalho de apoiar. Não mais seríamos ignorados. Eu sentia como se aquela voz rugindo enfurecida na minha cabeça fosse a voz do meu pai. Depois de pelo menos quatro horas, fui arrastado para fora da minha cela por dois guardas robustos que novamente nada tinham a me dizer além de

cale a boca. Eles me arrastaram pelo posto militar avançado e me jogaram em um corredor vazio para esperar pela rainha, minhas mãos ainda amarradas atrás de mim. Mas ela não estava ali.

Vinte minutos se passaram. Depois, quarenta. O silêncio marcava a passagem do tempo. Esperar mais? A extremidade elevada da sala tinha dois corredores de cada lado. Eu esperava que alguém viesse, mas isso não aconteceu.

"Onde está a rainha?", berrei, por fim.

Nenhuma resposta. Eu soltei uma litania de gritos, exigindo que alguém viesse. Ouvi um bebê chorando ao longe e depois ouvi passos. Passos ruidosos e cheios de fúria. O choro parou, mas um homem irrompeu por um dos corredores, seus flamejantes olhos azuis pousando em mim. Ele desceu os degraus pisando duro e cruzou a sala, agarrando-me pela camisa, quase me fazendo tirar os pés do chão. Ele me segurou bem perto de si, de modo que ficamos olho a olho.

"A rainha virá quando ela tiver que vir, mas se você acordar a minha filha mais uma vez, eu vou arrancar sua cabeça. Está entendendo?"

"Quem é você?", perguntei.

"Um homem que dormiu muito pouco nas últimas quarenta e oito horas. Mas, para você, eu sou o rei Jaxon."

O rei de Dalbreck. Eu também tinha ouvido rumores sobre ele, outra lenda de mais de três metros de altura — e com temperamento explosivo. Agora mesmo ele parecia um homem exausto e ensandecido. E também protetor. Ele soltou a minha camisa com um empurrão.

E então eu ouvi um farfalhar. Nós nos viramos. Quatro soldados saíam em fila do corredor à direita, oficiais de Dalbretch, conforme anunciavam seus uniformes, e então, logo atrás deles, mais oficiais, mas estes eram vendanos. Griz era um deles. Eles formaram uma fila diante de uma plataforma baixa, de frente para mim, carregando longas espadas nas laterais de seus corpos, e eu me perguntava se essa seria uma execução de improviso.

Outro ruído de movimento, mais discreto, e, do corredor oposto, uma mulher saiu em direção à plataforma. Ela segurava uma bebê nos braços. Esquecendo-se de mim, o rei subiu os degraus para se juntar a ela. Seu rosto se transformou quando ele a viu, a raiva sendo substituída pela ternura. Ela olhou para ele da mesma forma. Juntos, olharam para baixo,

contemplando a bebê que estava nos braços da mãe, e o rei beijou a rainha, um beijo longo e sem pressa, como se eu não estivesse ali.

Esta era a rainha Jezelia de Venda, aquela que continha o meu futuro em suas mãos. Ela era mais jovem do que eu pensava, e mais afável e serena do que eu havia esperado. Talvez não fosse ser assim tão difícil, afinal de contas. Ela entregou a bebê ao rei, e ele segurou a filha na curva de seu braço, roçando a bochecha dela com os nós dos dedos.

A rainha se virou para mim e, em um instante, a ternura em sua voz desapareceu. O olhar sonhador que ela dirigira para a bebê e para o rei se tornou endurecido e cortante. Esta era uma monarca que não tolerava bobagens. Ela deu um passo até a extremidade da plataforma, confiante em seu caminhar, uma sobrancelha arqueada mostrando irritação.

"Então é você que está fazendo todo esse barulho."

"Eu sou o *Patrei* da torre da Vigília de Tor e exijo..."

"Correção", disse ela, cortando-me bruscamente. "Você é meu prisioneiro e..."

"O que você quer que eu faça? Que me curve em reverência? Porque eu não vou fazer isso. Meu reino contava séculos de existência antes que a primeira pedra fosse colocada no seu. Porque..."

Ela ergueu a mão em um rápido movimento para que eu me detivesse e balançou a cabeça. "Você vai ser um problema, não vai?"

"Disseram-me que eu teria uma oportunidade de me pronunciar!"

"Você terá, mas eu falo primeiro porque eu sou a rainha, acabei de passar por vinte horas de trabalho de parto e sou eu que estou segurando uma espada." Ela não tinha uma espada, mas entendi o que a rainha quis dizer. Ela poderia estar com uma. "Disseram-me que você é um bom ouvinte, mas talvez a minha fonte tenha se enganado."

Um bom ouvinte?

"Kazimyrah, é este o prisioneiro do qual você me falou?"

Fiquei alarmado quando Kazi surgiu caminhando pelo corredor. Seus passos eram suaves e controlados. Ela se virou e ficou de frente para mim, com uma expressão desgostosa, mas seus olhos fitaram os meus apenas por um breve momento, antes de que ela os desviasse novamente.

"Sim, Vossa Majestade. É ele."

A rainha se voltou novamente para mim. "Então eu espero que você me ouça, *Patrei*, porque meus Rahtan nunca se enganam."

Eu fervia por dentro como uma chaleira fumegante, mas permaneci em silêncio, esperando pela minha oportunidade de falar. Ela fez com que um guarda desatasse as minhas mãos e então repetiu as acusações contra mim — violação de tratados do reino ao acolher fugitivos, além de conspiração para a dominação dos reinos. Abri a boca para responder, e ela me calou com um rápido olhar carregado de ódio e uma inclinação de cabeça.

"*Contudo*, como Kazimyrah ressaltou, você não assinou um tratado com a Aliança dos Reinos, pois vocês não são sequer um reino, nem fazem parte da Eislândia, e, ainda assim, governam a Boca do Inferno, que faz parte do reino mencionado, o que torna tudo isso um arranjo muito curioso e complicado. Eu não gosto de complicações. Kazimyrah me explicou como isso veio a acontecer." Ela balançou a cabeça. "Aqui vai um conselho, *Patrei*, nunca jogue cartas com um monarca. Eles trapaceiam."

Os soldados atrás dela ribombaram em aprovação, e o rei abriu um largo sorriso.

"Além do mais, ela também me deixou ciente de que o rei da Eislândia pode não ter agido de boa-fé nem mantido os princípios da Aliança ao buscar terras adequadas para um assentamento e, de fato, pode ter intencionalmente escolhido a sua terra como uma forma de provocá-lo. Usar os meus cidadãos para resolver ressentimentos não é algo que costumo tolerar. Eles já passaram por incontáveis dificuldades e eu me recuso a aceitar que um tolo qualquer lhes cause ainda mais problemas. Não obstante, reconheço que você retificou a situação ao reconstruir o assentamento por sua conta em um local melhor e que foi muito generoso durante o processo."

Olhei de relance para Kazi. Ela estava em pé ao lado da rainha, olhando para a frente, evitando contato visual comigo.

A rainha desceu os degraus, estudando-me. Eu me perguntava se em algum momento teria uma chance de me pronunciar, mas minha intuição disse para esperar, porque nada disso estava seguindo exatamente o caminho que eu esperava. Eu estava cauteloso, sem saber ao certo se estava sendo conduzido até um penhasco de onde eu poderia ser empurrado a qualquer minuto.

"Ainda assim, você conspirou com a produção de armas", ela continuou a falar, "provendo aos fugitivos os materiais que poderiam ter causado grande destruição nos reinos, mas minha Rahtan disse que o capitão da

Vigília o enganou e que os propósitos dele não eram os mesmos que os seus. Que você só queria proteger os seus interesses contra agressores. Eu deveria acreditar nela?"

Eu comecei a responder, mas ela me calou novamente.

"A minha pergunta foi retórica. Eu sempre acredito e confio no julgamento dos meus Rahtan. É de você que eu desconfio." Ela torceu os lábios. "Mas o capitão Illarion é um mestre nas mentiras e, de fato, até mesmo meu pai e eu fomos enormemente enganados por ele."

Ela caminhava em círculos pela sala, como se estivesse pensando. Olhei para Kazi, cujos olhos agora estavam em mim, suas pupilas como miras certeiras. Os olhos do rei também perfuravam os meus. Alguma coisa em relação a isso tudo estava errada. Eu me sentia como um peixe solitário em um barril, e todas as demais pessoas na sala se encontravam munidas de lanças.

A rainha parou de dar voltas e ficou de frente para mim mais uma vez.

"Também me esclareceram sobre a longa história de sua família, talvez a mais longa de qualquer um dos reinos. Kazimyrah disse que você afirma descender do líder dos Antigos — a primeira família — e que ela mesma viu algumas evidências disso."

"Eu não apenas afirmo. É a verdade", falei, sem esperar por um convite para me pronunciar.

"Conte-me algo a respeito disso, então. Quero ouvir com as suas próprias palavras."

"A história dos Ballenger?", perguntei.

"Sim."

Fiquei hesitante, ainda sem saber ao certo onde tudo isso iria desembocar, perguntando-me o que exatamente Kazi dissera à rainha, pois parecia que ela lhe contara muita coisa.

"Tudo bem", respondi devagar. Não era sobre isso que eu achava que iria falar. Comecei pelo princípio, por Aaron Ballenger, o comandante-chefe dos Antigos. "Ele foi forçado a sair correndo, como todo o restante das pessoas durante os Últimos Dias, quando a sede de seu comando foi destruída." Expliquei-lhe sobre a sua luta para sobreviver, e o esforço final de reunir um grupo de crianças e levá-las até um abrigo distante, e depois sobre o seu assassinato por parte dos abutres. "Antes de morrer, ele passou a responsabilidade da liderança ao seu neto, Greyson. Ele era o mais velho,

mas tinha apenas catorze anos." Contei-lhe como ele e outras vinte e duas crianças lutaram para sobreviver nas catacumbas da torre da Vigília de Tor, enquanto predadores estavam à espreita lá fora. Ela me ouvia com atenção, mas também parecia estar me estudando, e eu me tornei consciente de cada movimento meu. "Eles finalmente aprenderam a se defender e acabaram se aventurando a sair para dispor as primeiras pedras da torre da Vigília de Tor. E essa foi a primeira geração. Nós temos séculos de história depois disso."

"Isso é bem impressionante", foi a resposta dela. "Tenho um ávido interesse por história. Descobri que há diversas histórias neste continente, e aprendi alguma coisa com todas elas, mas a sua é especialmente intrigante. Parece-me, talvez, que todos os reinos tenham negligenciado o reconhecimento do lugar ocupado pela torre da Vigília de Tor no continente, por menor que ele possa ser."

Ela deu tapinhas nos lábios, seu olhar me dissecando enquanto longos segundos se passavam, e então ela ergueu o queixo, como uma experiente comerciante da arena prestes a fazer uma oferta final.

"Eis o que eu gostaria de lhe propor, Jase Ballenger. Gostaria de sugerir que a Aliança considere o reconhecimento e a aceitação da torre da Vigília de Tor como mais um reino no continente. Contudo, como Kazimyrah disse, os modos de vocês não são os nossos modos, e isso representa alguns probleminhas." Ela declarou as coisas que teríamos de mudar para que isso acontecesse, inclusive o nosso evidente apoio ao mercado negro. "Por mais que seja algo que aconteça desenfreadamente pelo continente, ainda assim é roubo. E então temos a questão das fronteiras. Vocês teriam de estabelecer fronteiras claras."

Eu não respondi, ainda pensando que tudo isso se tratava de algum tipo de armadilha.

"Você não está disposto a fazer isso?", ela perguntou.

"Qual é a pegadinha?"

"Não há nenhuma pegadinha. Algumas coisas simplesmente são a coisa certa a se fazer. Kazimyrah disse que você entendia esse conceito. E isso também serviria a nossos propósitos, ter um aliado de confiança naquela região."

Então ali estava. Ouvi a implicação de que o rei Monte era incompetente. Eu não podia discordar, embora parecesse que Kazi enfeitara a história

sobre sua escolha para o local do assentamento. Eu ainda não estava convencido de que ele soubesse que a terra era nossa.

"E é simples assim? Para que nos tornemos uma nação reconhecida?"

"Não", respondeu o rei, brincando com a bebê agitada em seu ombro. "Não é nem um pouco simples. Poderia levar meses, até mesmo anos, para que todos os reinos concordassem com isso, além de inúmeras viagens investigativas por parte dos embaixadores. Mas a rainha é muito persuasiva, isso sem contar que ela tem influência sobre o rei de Dalbreck. Os reinos concordarão em algum momento, contanto que você aceite os termos."

"Oitenta quilômetros", falei. "Essas são as nossas fronteiras. Oitenta quilômetros em todas as direções a partir da torre da Vigília de Tor."

"Mas isso incluiria a Boca do Inferno", notou a rainha.

"Isso mesmo", confirmei. "A Boca do Inferno sempre foi nossa. Está na hora de resolvermos qualquer questão que ainda exista em torno disso."

Ela mordeu o canto do lábio.

"Isso pode ser meio problemático se o rei da Eislândia não ceder, por livre e espontânea vontade, as terras a vocês. Ele ainda é o monarca que ocupa o trono."

"Nós vamos persuadi-lo", falei.

"Com meios que estejam dentro da lei, presumo?"

Lei de quem?, eu queria perguntar. Eu tinha racaa e sangue de antílope em mente, mas respondi: "É claro".

"Talvez fosse melhor deixar conosco a parte da persuasão", disse o rei, como se tivesse lido a minha mente. "E, considerando o longo histórico dos Ballenger em relação ao comando das terras, não deve ser difícil argumentar para que estas retornem às suas mãos."

A rainha assentiu.

"Muito bem, então, se os outros reinos estiverem de acordo, a torre da Vigília de Tor haverá de se tornar o décimo terceiro reino."

"O primeiro", eu a corrigi.

A rainha estreitou os olhos, mas vi um brilho ali atrás. Ela estava se divertindo com isso.

"Você é um problema, exatamente como Kazimyrah me avisou." Ela soltou um suspiro. "Muito bem, então, o primeiro."

Ela disse que eles me colocariam em um alojamento esta noite, que

providenciariam documentos para que eu assinasse pela manhã, e então eu poderia ir embora. Eu teria notícias deles dentro de algumas semanas. Eles me mandariam alguns Valsprey e alguém para treiná-los, de forma a ajudar na comunicação. Por ora, eles proveriam suprimentos para a minha viagem de volta para casa e uma escolta, se eu pedisse por uma.

"Você está livre para ir embora."

Ir embora? Simplesmente sair andando pela porta e não olhar para trás? Olhei para Kazi. Ela era uma soldada inflexível, seu olhar contemplava uma parede vazia, mas suas mãos se fechavam em punho nas laterais de seu corpo. Eu tinha acabado de ganhar tudo com que meu pai já havia sonhado, tudo com que várias gerações dos Ballenger já haviam sonhado — o reconhecimento de todos os reinos, o que estabeleceria nossa autoridade de uma vez por todas. Nós seríamos uma nação reconhecida. E, ainda assim, eu estava ali parado, incapaz de partir. A vitória deveria ter feito com que eu me sentisse mais leve, mas, em vez disso, eu parecia estar arrastando um peso enorme.

Voltei a olhar para a rainha.

"Obrigado", falei.

Eu sabia que já tinha sido dispensado, mas permanecia ali parado. A rainha olhou de um jeito estranho para mim, como se tivesse notado a minha hesitação. Ela olhou de relance para Kazi e depois voltou a olhar para mim. De repente, seus olhos ficaram aguçados novamente.

"Pensando bem", disse a rainha, "seria o cúmulo da tolice fechar um acordo com um bando de foras da lei. Não sei ao certo se realmente posso confiar em você, Jase Ballenger. Vocês poderiam voltar aos seus velhos modos, ignorando qualquer lei. O que você acha, rei Jaxon?"

Ele parecia alarmado, e então respondeu: "Concordo plenamente". Ele se aproximou de sua esposa, balançando a cabeça em desaprovação. "Eu não confio nele. Olhe para esse sorriso presunçoso. Não acho que seja seguro permitir que ele vá embora."

Seria essa a armadilha que eles vinham planejando por todo esse tempo? Meu sangue ferveu nas veias.

"O quê...?"

"No entanto, posso enviar uma representante de confiança para ficar de olho em você", sugeriu a rainha. "Uma espécie de embaixadora. O que você acha, *Patrei*? Acha que eu deveria confiar em você?"

Encarei a rainha, o ar se forçando para fora de mim, mas então aquele brilho surgiu novamente — eu vi o brilho nos olhos dela e entendi. Eu entendi o que ela estava fazendo.

CAPÍTULO 61

KAZI

A RAINHA NÃO ME FEZ NENHUMA PROMESSA. ELA OUVIRA CAUTELOSAMENTE tudo que eu lhe disse, e observei a mudança em sua expressão enquanto eu falava. Às vezes eu via raiva, surpresa, confusão, às vezes tristeza, ou talvez eu estivesse apenas vendo a mim mesma refletida nos olhos dela. Limitei-me aos fatos, contando somente as coisas que diziam respeito aos reinos e o que eu tinha observado. Não lhe contei sobre Jase e eu, nem mencionei os descampados, pois essa era uma história que eu levaria uma vida inteira para contar.

Quando terminei, ela me disse que consideraria tudo o que eu lhe contara — inclusive aquilo que eu, com audácia, lhe pedira —, mas que precisava ver o prisioneiro com seus próprios olhos. Ela teria de falar com ele, olhar nos olhos dele, formular um juízo sobre quem ele realmente era, e então decidiria, mas ela acelerou o processo, chamando-o para o salão de recepção imediatamente.

Eu estava logo atrás da rainha no corredor, enquanto ela caminhava para abordar Jase, mas, pouco antes de entrar, eu parei e me espremi junto à parede. Eu não conseguiria entrar ali. Eu não conseguiria encará-lo. Eu tinha ouvido os gritos raivosos ecoando pelo corredor — seu ressentimento e sua amargura. Havia algumas coisas que eu poderia tentar consertar em relação a ele, mas outras permaneceriam quebradas para sempre.

"Kazimyrah", disse a rainha, "é este o prisioneiro do qual você me falou?"

Eu não tive escolha senão entrar na sala. Afastei-me da parede e criei

compostura onde não havia nenhuma, moldando o meu temor e o meu arrependimento em um passo, e depois mais um, conjurando velhos truques, enganando-me mais uma vez, dizendo a mim mesma que eu era capaz de fazer isso. *Faça malabarismos, Kazi. Dê meia-volta.* Mas já não havia razão para fazer malabarismos, já não havia outras direções para tomar.

"Sim, Vossa Majestade. É ele."

Fixei meus olhos na parede mais afastada, ouvindo as acusações, esperando. Senti mãos gigantescas pressionando os meus ombros, como se todos e cada um dos meus ossos estivessem prestes a se quebrar sob a pressão. Eu não sabia ao certo por quanto tempo mais eu poderia aguentar, mas, depois de apenas alguns minutos, eu soube. Ouvi em sua voz, firme e familiar, uma voz que eu tinha ouvido pela primeira vez anos atrás, quando cuspi em sua cara. *Traga-a conosco para o Sanctum.* Naquela época, eu não fui capaz de ouvir a compaixão na voz dela. Eu estava com medo demais, com raiva demais. Mas eu estava ouvindo essa compaixão agora e me perguntava se era mais uma daquelas coisas que podem ser percebidas apenas de longe.

Observei-a com atenção enquanto ela ouvia Jase contar a história dos Ballenger, medindo e interpretando todos os movimentos e piscadelas dela. Eu sabia que ela estava percebendo o orgulho na voz dele, sua determinação e a responsabilidade que ele carregava. Ela estava vendo em Jase as mesmas coisas que eu tinha visto, quem ele realmente era e tudo que ele ainda poderia ser.

Estava tudo indo bem, melhor do que eu poderia ter esperado. A torre da Vigília de Tor estava para ser reconhecida pelo que realmente era, o primeiro reino da terra. Eu me arrisquei e olhei para Jase. Ele estava de partida. Ele estava voltando para casa. Era isso o que eu queria, era o que eu esperava, porque a Boca do Inferno de fato precisava dele. Sua família precisava dele. Mas então ele olhou para mim e a minha mente virou um vendaval, memórias rodopiaram em um túnel desordenado, e eu via tudo isso sendo varrido para longe, para fora do meu alcance.

Então, de repente, o caminho mudou de direção, tudo girou e perdeu o controle, a tormenta explodindo bem no meio do salão de recepção. Minha cabeça martelava, tentando evocar o momento em que tudo havia dado errado.

Não sei ao certo se realmente posso confiar em você, Jase Ballenger.

Não acho que seja seguro permitir que ele vá embora.

O que você acha, Patrei*? Acha que eu deveria confiar em você?*

Fiquei paralisada, com medo de me mexer, meus olhos travados nos dele, minha respiração presa no peito, esperando pela resposta de Jase. *Diga que sim, Jase! Diga a ela! Diga que você manterá a sua palavra!*

Porém, em vez disso, ele ficou hesitante.

Diga!

Ele voltou a olhar para a rainha.

"Não", foi a resposta dele. "Eu não acho que você possa confiar em mim, de modo algum. Eu poderia retomar os meus velhos hábitos."

O que ele estava dizendo? Será que todos eles tinham enlouquecido?

"Foi exatamente o que pensei", respondeu-lhe a rainha. "Receio que eu precisaria de alguém que fosse igual a você, com os mesmos modos dissimulados e astutos, alguém esperto o bastante para mantê-lo na linha. Alguém que já esteja familiarizado com a torre da Vigília de Tor." A rainha olhou para mim. "E quanto a você, Kazimyrah? Você estaria disposta a assumir essa posição? Estaria disposta a voltar com o *Patrei*?"

Olhei para a rainha, tentando entender o que ela estava dizendo. Voltar? A sala irradiava um calor sufocante, o ar fora sugado em uma lufada repentina. Embaixadora? Ela não entendia.

"Receio, Vossa Majestade, que isso seria impossível. Deixei uma atmosfera e sentimentos consideravelmente negativos quando parti da torre da Vigília de Tor. Eu não seria uma escolha sábia para intermediar as relações." Olhei para Jase, meus olhos ardiam. "E eu tenho certeza de que o *Patrei* não ia querer que eu voltasse com ele. Todo mundo por lá me despreza a essa altura."

Seguiu-se um longo e frágil silêncio, e então Jase balançou a cabeça em negativa. "Nem todo mundo."

Jase cruzou a sala e ninguém tentou impedi-lo. Ele subiu os degraus e olhou para mim, os olhos procurando os meus, e então ele me puxou em seus braços, me apertando, aninhando seu rosto em meus cabelos.

"Eu já disse a você", ele sussurrou no meu ouvido, "e não vou retirar nenhuma palavra. Eu amo você, Kazi de Brightmist, e nunca deixarei de amá-la, nem mesmo depois de mil amanhãs. Volte comigo. Por favor."

Meu rosto estava enterrado no ombro dele, a respiração saltando na

minha garganta. *Faça um desejo, Kazi. Um deles sempre haverá de se tornar realidade*. Agarrei a camisa dele, prendendo-me àquilo que eu julgava estar bem longe do meu alcance, tentando entender o que estava acontecendo, e então as palavras saíram da minha boca aos tropeços, palavras que eu não queria mais conter, por mais arriscadas que pudessem ser. Eu não me importava se todos os deuses no céu estavam ouvindo.

"*Le pavi ena*." Fiquei ofegante. "Eu amo você, Jase Ballenger."

"Eu sei", disse ele. "Eu sempre soube."

Virei o rosto em direção ao dele e nossos lábios se encontraram em um beijo salgado de lágrimas.

"Meus amanhãs são seus, Jase. Eu quero viver todos eles com você."

Nós nos agarramos um ao outro em um abraço apertado, como se estivéssemos tecendo alguma coisa sólida entre nós, de modo que nada jamais pudesse nos separar novamente, e quando por fim nos separamos, não havia mais ninguém na sala além de nós, e eu achava que a rainha sabia que a minha resposta era sim.

Jase me ajudou com a sela de Mihe e a arrumar as minhas coisas. Desta vez, em nossa jornada pelos descampados, teríamos suprimentos suficientes e botas em nossos pés. Nós já havíamos nos despedido da rainha e do rei, e Jase havia assinado os documentos necessários para dar início ao processo que faria da torre da Vigília de Tor uma nação reconhecida no continente.

Ele afivelou a tira da minha bolsa.

"Então isso quer dizer que agora eu tenho de chamá-la de embaixadora Brightmist?", ele perguntou.

"Ou talvez magistrada Brightmist", respondi. "Acho que essa é a intenção da rainha."

Ele me puxou para os seus braços.

"Eu definitivamente vou me comportar mal, só para ter certeza de que você tenha algo a reportar. Eu não ia querer que você perdesse seu emprego."

Nós nos beijamos mais uma vez, como se tudo isso fosse delicado e novo e maravilhoso, um desvio que nenhum de nós previu, e eu sabia que haveria de lutar com ferocidade para permanecermos nesse caminho, não

importava o que fosse necessário nem o que isso me custasse.

"Parem com isso, por favor", disse Synové.

Jase e eu nos separamos, enquanto ela e Wren vinham andando até nós. Synové ergueu um pequeno pacote amarrado com cordão.

"Apenas uma guloseima de despedida para a viagem."

"Não acho que tenhamos lugar para mais nada", falei.

"Acredite em mim, vocês vão me agradecer por isso assim que estiverem no meio do nada."

"Vou arrumar espaço", disse Jase, pegando o pacote de mim.

Quando ele se virou de costas, Synové fez todos os tipos de sinais sugestivos com os olhos. Wren apenas revirou os dela. Eu gostaria que elas também voltassem à torre da Vigília de Tor, mas a rainha tinha uma outra missão para elas assim que estivessem descansadas. Eu também suspeitava de que ela quisesse passar um tempo com Synové para recapitular como é que Bahr fora ao encontro de seu destino final. Isso já estava virando lenda por todo o assentamento.

Wren mexeu os pés. Sibilou. Sacou sua *ziethe*, girou-a e enfiou-a de volta em sua bainha. Ela balançou a cabeça.

"Você tem certeza disso? Quem vai proteger você?"

"Ficarei bem", respondi, embora eu ainda estivesse me sentindo inquieta também.

Eu sabia que Wren ouvira as mesmas ameaças mortais que eu tinha ouvido naquelas primeiras horas depois de pegarmos Jase e os prisioneiros. A família dele tinha sido bem expressiva em sua fúria. Não restava dúvidas de que toda a cidade teria pensamentos similares a essa altura. Eu seria um grande alvo.

Jase terminou de enfiar o pacote na minha bolsa e se virou.

"Eu a protegerei e prometo a vocês que, assim que eu contar tudo à minha família, eles serão gratos a Kazi."

Jase me contou que Bahr e Sarva admitiram que planejavam matar sua família inteira, provocando-o com alguns dos detalhes mais horrendos, especialmente em relação às irmãs e à mãe dele. Fora o que havia dado início à última querela deles. Uma vez que Jase já não lhes era útil, provocá-lo era algo que lhes proporcionava um prazer doentio.

Wren ainda não parecia convencida, mas assentiu.

Synové se ergueu de forma inesperada e deu um beijo na bochecha de

Jase.

"Entregue esse beijo a Mason para mim, por favor?", ela disse em um gorjeio. "Eu sei que ele deve estar sentindo terrivelmente a minha falta. Diga a ele que cheguei bem. Ele vai ficar bastante aliviado."

Jase não conseguiu suprimir um grande sorriso e talvez tenha revirado um pouco os olhos. Nós também tínhamos ouvido as ameaças de Mason, isso sem falar que ele apenas tolerava de má vontade as atenções de Synové, para começo de conversa.

"Direi a ele."

Ficamos ali parados, sem jeito, nenhum de nós querendo dizer adeus. Dei de ombros.

"Então, eu acho que é isso."

"*Nãooo*", disse Synové, dando uma piscadela. "*Isso* vem depois."

Wren deu uma cotovelada nela, e então me abraçou. Synové juntou-se a ela.

"Pisque por último", sussurrou Synové, antes de me soltar.

"Sempre", respondi.

"Lembre-se, *Patrei*", disse Wren em um tom de aviso, enquanto as duas se afastavam. "Proteja-a, ou nós iremos atrás de você."

No fim da tarde, paramos em uma fonte para dar água aos cavalos e descansar. Nós vínhamos estimando quanto tempo demoraria para voltar para a torre da Vigília de Tor. De três a quatro semanas, no mínimo, dependendo das condições do tempo. A frieza do outono era sentida no ar.

"A primeira coisa que eu preciso fazer quando chegar em casa é me acertar com Jalaine e colocá-la de volta na arena", disse Jase. "Ela ama aquele trabalho, mesmo que reclame." Ele fez uma pausa e olhou para o anel no meu dedo enquanto eu enchia um cantil de água. O ouro reluzia ao sol. "E você precisará tirar isso antes de voltarmos."

"Isso?", perguntei, girando o anel no meu dedo. "Por quê?"

"Você acha sensato usar algo que você roubou do rei? Especialmente se o quisermos em um estado de espírito agradável em relação a nós quando for receber a proposta."

"Do que você está falando? Eu já disse que consegui o anel de forma honesta."

Contei-lhe sobre o mercador que me deu o anel em troca de uma charada.

Jase colocou a rolha em seu cantil e deitou em um pedaço de grama sob a sombra, ao lado da fonte. Ele entrelaçou as mãos atrás da cabeça.

"Erro meu. Garvin me disse que achava que você tinha roubado alguma coisa do rei e eu presumi..."

"Bem, para falar a verdade... roubei, sim", eu admiti, sentando-me ao lado dele, "mas foi apenas um pedaço de papel com um nome, talvez de um negociante de ferro-gusa. Devereux alguma coisa."

Jase virou a cabeça como se não tivesse me ouvido direito.

"O quê?"

"Devereux setenta e dois. Isso era tudo que estava escrito no papel."

Ele se sentou.

"Devereux? Você tem certeza?"

"Por quê? Você o conhece?"

E foi então que ele me contou sobre Zane. Tudo em relação a Zane. Que ele tinha sido um empregado dos Ballenger. Sobre o que ele havia armado e sobre Gunner ter me levado até a fonte para ver se Zane me reconhecia. Sobre o interrogatório que veio em seguida. Foi assim que Gunner conseguiu levá-lo tão rapidamente até mim naquela noite. Eles o estavam mantendo prisioneiro no armazém.

"Foi por isso que eu não lhe contei imediatamente, Kazi. Eu estava tentando encontrar as palavras certas e o momento certo, assim que eu tivesse certeza de que ele era o mesmo homem que você descreveu. Eu estava com medo de perdê-la, caso você soubesse que ele tinha sido nosso empregado."

Precisei de um minuto para absorver essa revelação — um empregado, mas agora prisioneiro. Ele ainda estaria na torre da Vigília de Tor quando chegássemos lá.

"Você tem certeza de que Zane disse que o homem que lhe deu dinheiro também se chamava Devereux?", perguntei, por fim.

Jase assentiu.

Ficamos discutindo sobre o que isso poderia significar. Seria o homem que deu dinheiro a Zane para pagar os caçadores de mão de obra o mesmo homem cujo nome estava escrito no pedaço de papel do rei — o papel que poderia ter sido entregue a ele por Paxton? Devereux trabalhava

exatamente para quem? Nessas últimas semanas, alguém vinha fazendo campanha para derrubar os Ballenger. Havia cinco ligas que tiveram escaramuças com a família de Jase ao longo dos anos, todas elas sedentas pelo controle da Boca do Inferno e da lucrativa arena. Devereux provavelmente trabalhava para uma delas, e agora o dedo estava apontado para Paxton.

"Talvez Devereux seja o novo mascate de Paxton durante o dia", Jase pensou em voz alta, "e, à noite, ele deve estar cuidando de algum outro tipo de negócios."

"E quanto ao rei?", perguntei. "Eu encontrei o bilhete com ele. Seria possível que Devereux fosse um de seus homens?"

Jase franziu o cenho.

"Não do rei que eu conheço. Acho que Montegue molharia as calças caso algum dia se deparasse com alguém que frequenta vielas escuras, quanto mais ter coragem de contratá-lo. E para quê? Ele não é líder de nenhuma liga. Ele é um fazendeiro. Ele não tem nada a ganhar ou perder nesse jogo."

E então nós dois nos perguntamos sobre Beaufort. Seria possível que ele estivesse trabalhando com uma das ligas? Ajudando-os a minar a fortaleza dos Ballenger na cidade em troca de uma fatia da torta? Seria Zane o intermediário deles? Ou esses esquemas não teriam qualquer relação uns com os outros? Uma facção conspiradora? Ou duas facções separadas em ação? A ameaça de Paxton veio à tona novamente: *Trair a pessoa errada pode fazer com que você fique mais encrencada do que esperava. Veja bem onde pisa.*

Jase balançou a cabeça em negativa, pensando. Eu sabia que ele se sentia destruído por não estar em casa.

"Da última vez que fiquei fora, Gunner lidou muito bem com tudo", disse ele, por fim. "Ele fará isso desta vez também. E nós ainda temos Zane sob custódia. Minha família não o deixará partir. Nós conseguiremos obter mais respostas dele quando voltarmos." Ele apertou minha mão de leve. "E nós conseguiremos suas respostas também, Kazi. Isso vem primeiro. Sinto muito pelo que Gunner fez."

Olhei para baixo, lembrando-me das provocações de Gunner.

"As emoções estavam rolando intensamente, e ele temia por você", respondi, tentando entender a situação, mas a crueldade de Gunner ainda era uma ferida aberta dentro de mim.

Ele ficou sacudindo Zane na minha frente como se fosse comida para um animal faminto e depois o levou embora. Eu estivera preocupada com a questão de ser perdoada pela família, mas agora eu me perguntava se algum dia eu seria capaz de perdoar Gunner. *Nós conseguiremos suas respostas também.* Só de pensar nisso eu sentia um calafrio. E se eu estivesse errada? E se minha mãe não estivesse morta? E se a Morte tivesse pregado uma peça em mim?

Jase olhou para mim, os olhos escuros de preocupação.

Soprei o ar longamente, como que me limpando por dentro.

"Não se preocupe. Vamos pensar em alguma coisa", falei, "mas desta vez não haverá nenhum segredo entre nós e estaremos trabalhando do mesmo lado."

Ele abriu um sorriso.

"As chances dos Ballenger acabaram de dobrar." Ele cutucou e empurrou o meu ombro até eu estar deitada com as costas na grama, e deu um beijo na minha bochecha. "Antes que eu esqueça, ainda lhe devo uma coisa."

"Que seria...?", perguntei a ele.

"A charada que eu lhe prometi. Uma *das boas.* Precisei de um tempinho para formular. Acontece que não é assim tão fácil encontrar as palavras certas." Ele ergueu minha mão, beijando as pontas dos meus dedos como se amasse cada um deles. "Mas às vezes é preciso dizer o que está no coração enquanto podemos, pois pode ser que não tenhamos uma oportunidade mais tarde. Cada palavra é a mais verdadeira que eu pude encontrar, Kazi, então posso muito bem dizê-las todas agora."

Ele puxou sua camisa de dentro da calça, deixando-a solta.

"Jase", falei. "O que é que você...?

"Shhh", ele sussurrou. "Espere." Ele pegou minha mão e deslizou-a sob o tecido, pressionando-a em seu peito, estirada. Sua pele estava quente sob a palma da minha mão, e eu senti o leve bater do seu coração sob os meus dedos. "Preparada?", ele perguntou. "Ouça com atenção, porque eu não vou repetir, embaixadora Brightmist."

Sorri.

"Não se preocupe, *Patrei*. Sou uma boa ouvinte."

Ele começou, com minha mão ainda pressionada sobre seu peito.

Eu não tenho boca, mas minha fome é saciada,

Com um vislumbre, um toque, e bondade.
Eu não tenho olhos, mas vejo uma alma,
A única que me traz completude e humanidade.
Aumento de tamanho sob a mão de um soldado,
Seu toque é minha respiração, meu sangue, minha calma.
Estou completamente perdido, mas totalmente encontrado,
Capturado, tomado... Um prisioneiro atado.

Minha garganta doía. Eu sabia a resposta, mas entrei no jogo dele.

"Uma chave? O vento? Um mapa?"

Os lábios dele roçavam os meus a cada palpite errado.

"Pode ser que eu demore um pouquinho para adivinhar essa", falei.

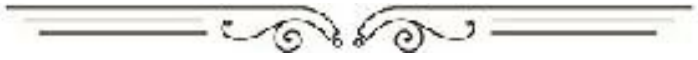
A boca dele estava quente junto à minha, sua língua, gentil, suas mãos se enroscando nos meus cabelos.

"Demore o quanto quiser."

Nós não estávamos com pressa.

Estávamos sozinhos, tínhamos um ao outro, e tínhamos todo um mundo descampado à nossa frente.

CAPÍTULO 62



O PÁSSARO ESTAVA MORTO. ELE O TINHA VISTO CAIR DO CÉU. Uma dúzia de flechas haviam seguido seu voo. Uma delas acertara em cheio o peito do pássaro. Ele o pegou com seus dedos ossudos e o aninhou; seu pescoço estava quebrado, e sua cabeça pendia elegantemente desfalecida sobre seu braço. Ele já sabia o que o bilhete preso à pata dizia. Ele estivera atrás de Jalaine enquanto ela o escrevia.

Jase, Kazi, alguém,
Venham! Por favor! Samuel está morto!
Eles estão batendo com tudo na porta.
Eu tenho de...

Ele sabia que ela não teria tempo para terminar o bilhete, ela mal teve tempo de soltar o pássaro. Olhou para baixo, para onde a flecha perfurava o peito maculado da ave. Pegou a haste da flecha e puxou. Um chumaço de penas brancas e felpudas foi flutuando até o chão. Ele não sabia se isso ajudaria, mas havia prometido a Jalaine, e ele sempre cumpria com suas promessas. Ergueu o pássaro junto à boca e sussurrou entre as penas. *Ainda não. Não hoje*, e então lançou o pássaro no ar.

As asas estalaram, estiradas, agarrando-se à corrente de ar, e o pássaro saiu voando para longe da torre da Vigília de Tor.

Mary E. Pearson é uma premiada escritora do sul da Califórnia, conhecida pela trilogia *Crônicas de Amor & Ódio*, publicada pela DarkSide® Books. Adorada pelos leitores brasileiros, Mary escreveu uma apresentação exclusiva para o prelúdio da série, *Crônicas de Morrighan*, que foi publicado no formato físico apenas no Brasil. A autora é formada em artes pela Long Beach State University, e possui mestrado pela San Diego State University. Adora fazer longas caminhadas, cozinhar e viajar para novos destinos. Atualmente, é escritora em tempo integral e mora em San Diego, junto com seu marido e seus dois cachorros. Saiba mais em marypearson.com.

darklove

DARKSIDE

Posso ser frágil como vidro, ou forte como o vento
Quando me quebram, admito, sou puro tormento
Estou na boca dos fiéis e nos sussurros dos desesperados
E abrigo a esperança de um compromisso honrado

— RECEBENDO CHARADAS NA PRIMAVERA DE 2018 —

DARKSIDEBOOKS.COM

Copyright © 2018 Mary E. Pearson
Todos os direitos reservados.

Ilustração de capa © Rich Deas e Mike Burroughs
Design de capa © Kathleen Breitenfeld

Mapa © Keith Thompson

Tradução para a língua portuguesa
© Ana Death Duarte, 2018

Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos concretos, e não emitem opinião sobre eles.

Diretor Editorial
Christiano Menezes

Diretor Comercial
Chico de Assis

Gerente de Novos Negócios
Frederico Nicolay

Gerente de Marketing Digital
Mike Ribera

Editores
Bruno Dorigatti
Raquel Moritz

Editores Assistentes
Lielson Zeni
Nilsen Silva

Projeto Gráfico
Retina 78

Designers Assistentes
Aline Martins / Sem Serifa
Arthur Moraes

Revisão
Aline T.K. Miguel
Cecília Floresta

Produção de ebook
S2 Books

ISBN: 978-85-9454-142-0



[2018]
Todos os direitos desta edição reservados à
DarkSide® *Entretenimento* LTDA.
Rua do Russel, 450/501 – 22210-010
Glória – Rio de Janeiro – RJ – Brasil
www.darksidebooks.com



The Beauty of Darkness

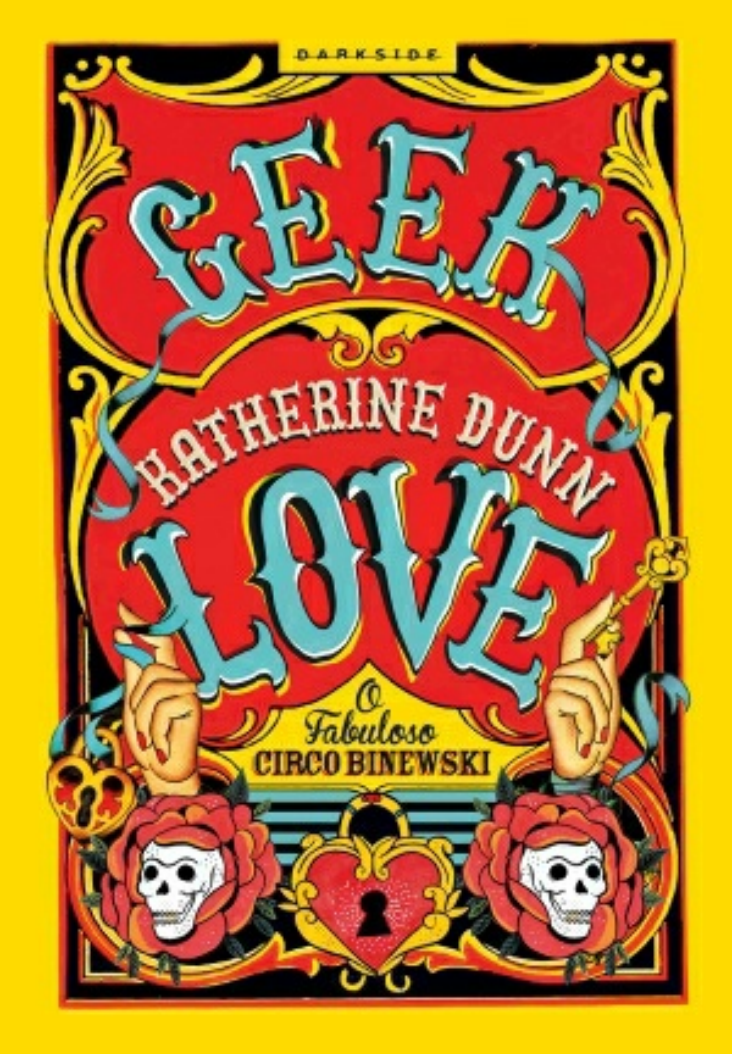
Pearson, Mary E.
9788594540553
576 páginas

Compre agora e leia

A trilogia Crônicas de Amor e Ódio chega ao fim de maneira arrasadora. A história de Lia inspirou muitos leitores a

embarcarem em uma jornada extraordinária repleta de ação, romance, mistérios e autoconhecimento, em um universo deslumbrante criado pela premiada escritora Mary E. Pearson, onde o poder feminino é a força motriz capaz de mudar e fazer toda a diferença no novo mundo em construção. Lia sobreviveu a Venda, mas não foi a única. Um grande mal pretende destruir o reino de Morrighan, e somente ela pode impedi-lo. Com a guerra no horizonte, Lia não tem escolha a não ser assumir seu papel de Primeira Filha, como uma verdadeira guerreira — e líder. Enquanto luta para chegar a Morrighan a tempo de salvar seu povo, ela precisa cuidar do seu coração e seus sentimentos conflituosos em relação a Rafe e as suspeitas contra Kaden, que a tem perseguido. Nesta conclusão de tirar o fôlego, os traidores devem ser aniquilados, sacrifícios precisam ser feitos e conflitos que pareciam insolúveis terão que ser superados enquanto o futuro de todos os reinos está por um fio e nas mãos dessa determinada e inigualável mulher.

Compre agora e leia



Geek love

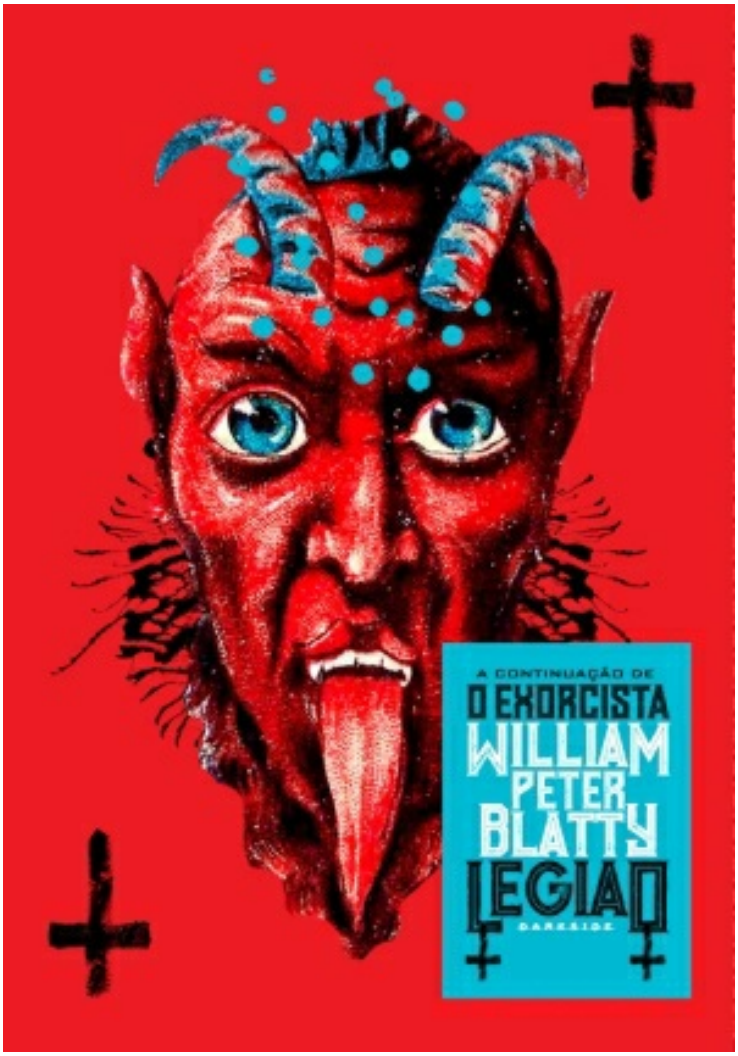
Dunn, Katherine
9788594541277
464 páginas

Compre agora e leia

Senhoras e senhores, sejam bem vindos ao circo dos Binewskis, um lugar repleto de atrações extraordinárias e

seres estranhos que vão surpreender o mais cético dos espectadores. Quando os ambiciosos donos de um circo itinerante se veem diante da decadência de seu próprio negócio, eles decidem mudar o jogo de maneira nefasta. Com o uso de substâncias radioativas e drogas, eles transformam seus filhos em aberrações - um espelho de sua própria moral - para salvar o negócio da família. Suas apresentações pelo país inspiram devoção de alguns e ódio de outros, e as tensões e valores familiares são levados a um novo nível. Geek Love lança sua luz sobre as nossas noções de bizarro e normal, belo e feio, sagrado e obsceno. Fãs da série American Horror Story e do filme Freaks, de 1932, vão se transformar com essa história, também uma das favoritas de Neil Gaiman, e tão singular quanto seus personagens.

Compre agora e leia



Legião

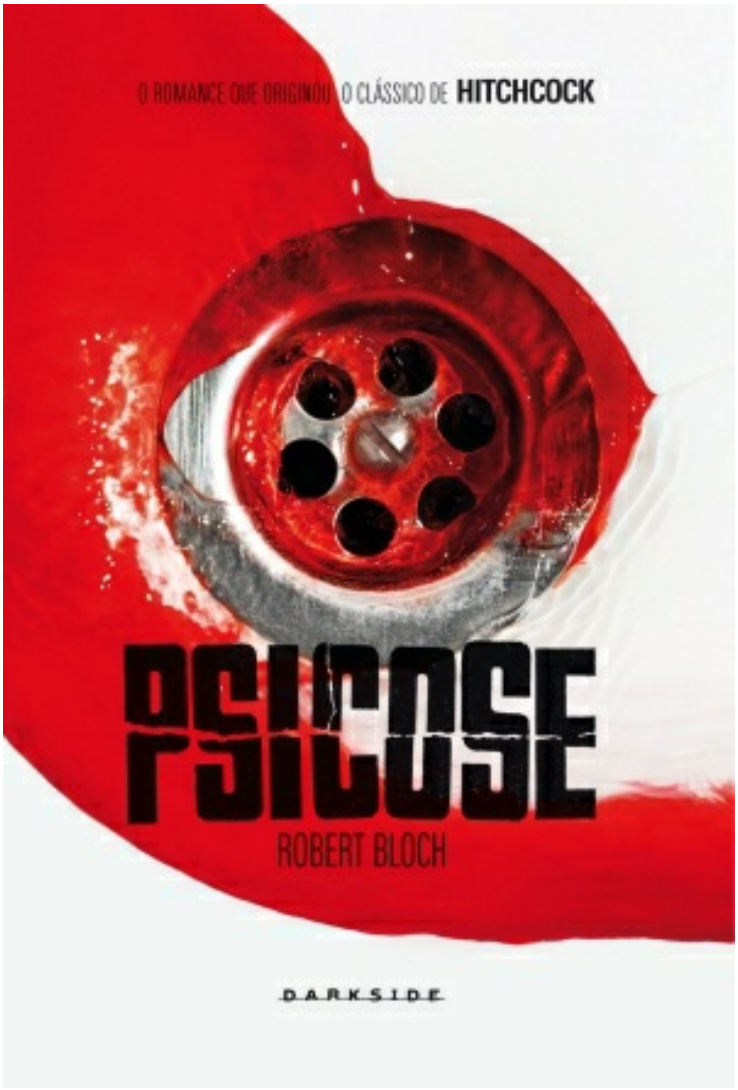
Blatty, Willian Peter
9788594541451
304 páginas

Compre agora e leia

Legião é a verdadeira continuação de O Exorcista. Personagens e acontecimentos importantes do primeiro livro

encarnam novamente nas páginas deste romance que Blatty publicou em 1983 e que finalmente sai no Brasil com seu título original. Alguns segredos da história de 1971 são revelados aqui, então é aconselhável ler O Exorcista antes de encarar Legião.

Compre agora e leia



Psicose

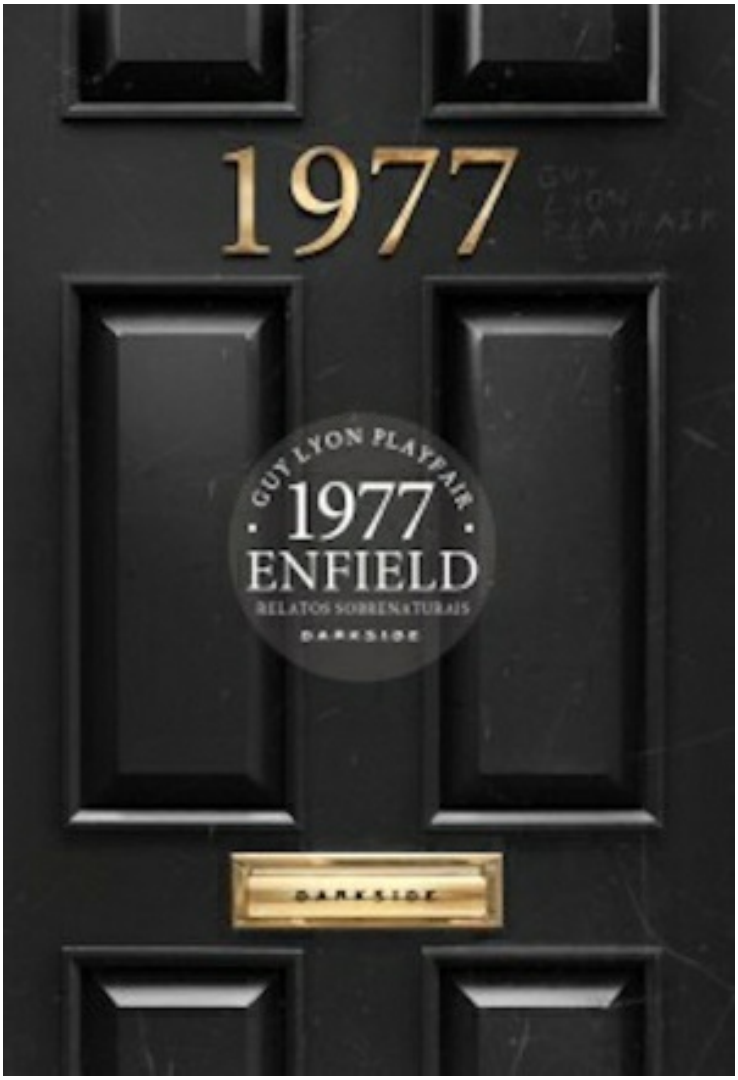
Bloch, Robert
9788566636574
256 páginas

Compre agora e leia

Psicose, o clássico de Robert Bloch, foi publicado

originalmente em 1959, livremente inspirado no caso do assassino de Wisconsin, Ed Gein. O protagonista Norman Bates, assim como Gein, era um assassino solitário que vivia em uma localidade rural isolada, teve uma mãe dominadora, construiu um santuário para ela em um quarto e se vestia com roupas femininas. O livro teve dois lançamentos no Brasil, em 1959 e 1964. São, portanto, quase 50 anos sem uma edição no país, sem que a maioria das novas gerações pudesse ler a obra original que Hitchcock adaptou para o cinema em 1960. Uma história curiosa envolvendo o livro é que Alfred Hitchcock adquiriu anonimamente os direitos de Psycho e depois comprou todas as cópias do livro disponíveis no mercado para que ninguém o lesse e, consequentemente, ele conseguisse manter a surpresa do final da obra. Em Psicose, Bloch antecipou e prenunciou a explosão do fenômeno serial killer do final dos anos 1980 e começo dos 1990. O livro, junto com o filme de Hitchcock, tornou-se um ícone do horror, inspirando um número sem fim de imitações inferiores, assim como a criação de Bloch, o esquizofrênico violento e travestido Bates, tornou-se um arquétipo do horror incorporado a cultura pop.

Compre agora e leia



1977- Enfield

Playfair, Guy Lyon
9788594541444
272 páginas

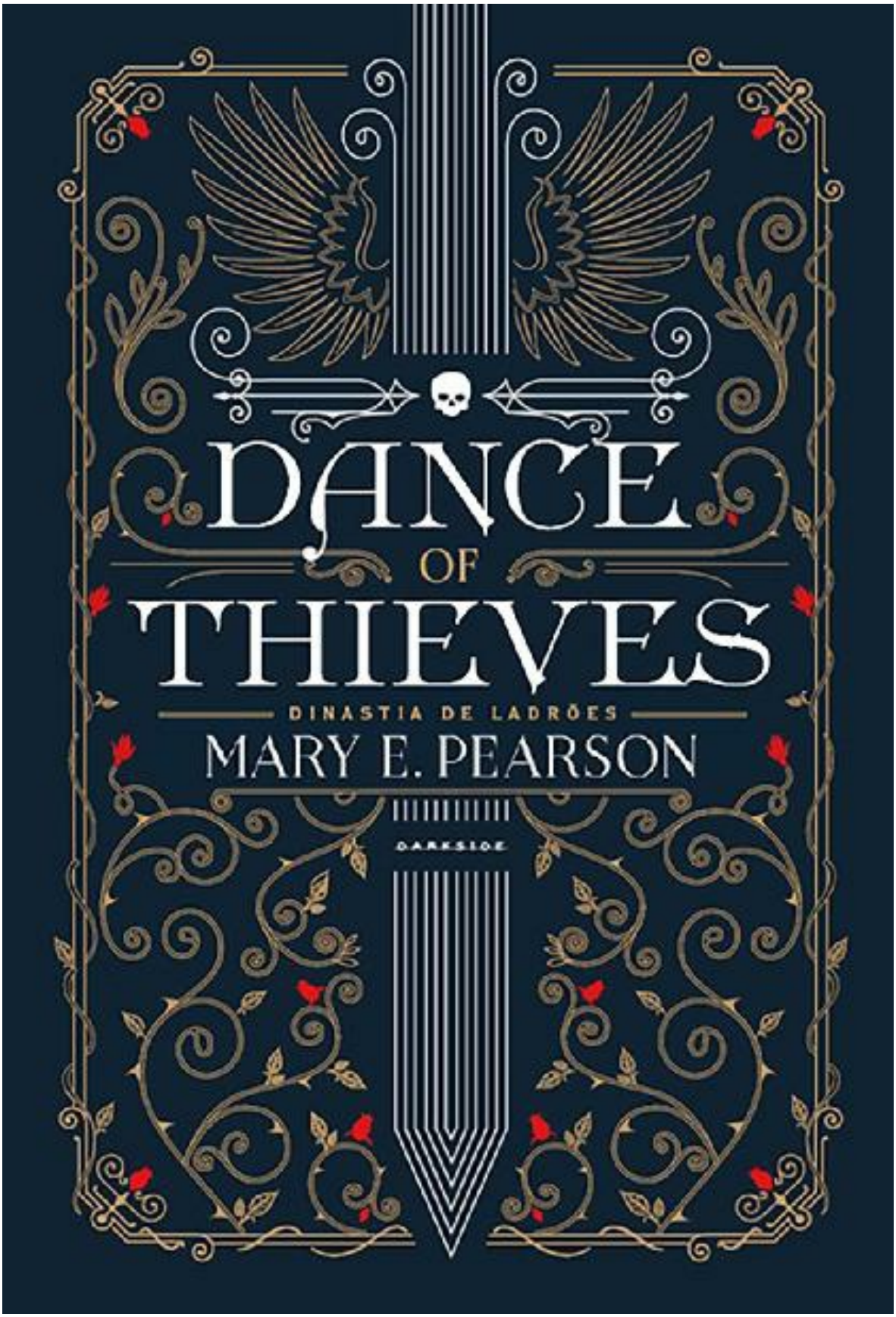
Compre agora e leia

Real e sobrenatural. Nos entalhes da madeira, é possível ver uma cruz. Duas, se percebermos que a outra está invertida.

Será um sinal? O que há por trás daquela porta? Descubra em 1977 — Enfield, o mais novo livro sobre relatos sobrenaturais da DarkSide Books. Green Street, 284. Enfield, subúrbio de Londres. Há quarenta anos, este endereço desperta medo e curiosidade nos estudiosos em assuntos paranormais. Uma residência simples, de classe média baixa. Dentro dela, uma família em pânico. Os gritos acordavam a vizinhança, a polícia não sabia como investigar. Seria aquela uma verdadeira casa mal-assombrada? Seja bem-vindo para desvendar esse mistério nas páginas de 1977 – Enfield. Mas entre por sua conta e risco. Dentro deste livro, você encontra o mais completo registro do fenômeno real que inspirou os filmes Poltergeist e Invocação do Mal 2. 1977 — Enfield é o relato escrito por Guy Lyon Playfair, um dos especialistas em mediunidade que investigaram os fenômenos mundialmente conhecidos como o "poltergeist de Enfield". Ele morou no Brasil durante anos, e é especialista na obra e na vida do médium Chico Xavier. Junto com o pesquisador do paranormal Maurice Grosse, Guy acompanhou por três anos o drama da sra. Harper e de seus filhos, documentando inúmeros acontecimentos que a ciência não consegue explicar: objetos que se moviam sozinhos, barulhos sem causa aparente, vozes atribuídas a espíritos, levitação. Seria um caso de histeria coletiva ou puro charlatanismo?, alguns podem se perguntar. Mas as fotos, os registros em áudio e vídeo e os depoimentos recolhidos por Guy Lyon e Maurice até hoje intrigam a comunidade internacional. Poucas vezes, o sobrenatural se mostrou tão real como aqui. O caso ganhou repercussão na mídia e atraiu a atenção de diversos pesquisadores, entre eles o casal Warren, como você pode conferir em Ed & Lorraine Warren: Demonologistas. 1977 —

Enfield não tenta convencer o leitor de nada, muito menos convertê-lo. Trata-se de um livro documental, escrito por um jornalista. Você tem acesso aos fatos e pode tirar suas próprias conclusões, se conseguir chegar ileso até o surpreendente final. "Um clássico do gênero." — Sam Syers, Hampstead & Highgate Express "O histórico dos acontecimentos é meticuloso e fornece ao leitor um relato excepcionalmente completo do que deve ser considerado um registro extremamente importante do aparecimento contemporâneo de atividade poltergeist." —Richard Whittington-Egan, Contemporary Review

Compre agora e leia


DANCE
OF
THIEVES
DINASTIA DE LADRÕES
MARY E. PEARSON
DARKSIDE